John Carter Brown
Library
Brown University

Galeão.

[illegible]

MARIA ROSA MYSTICA.

EXCELLENCIAS, PODERES, E MARAVILHAS DO SEU ROSARIO:

COMPENDIADAS
EM TRINTA SERMOENS ASCETICOS, E PANEGYRICOS,
ſobre os dous Evangelhos deſta Solennidade, Novo, & Antigo:

OFFERECIDOS
À SOBERANA MAGESTADE DA MESMA
SENHORA,

Pelo P. ANTONIO VIEIRA,
DA COMPANHIA DE JESU, EM CUMPRIMENTO
de hum Voto, feito, & repetido em grandes perigos da Vida, de
que por ſua immenſa Benignidade, & poderoſiſſima Inter-
ceſſaõ ſempre ſahio livre.

II. PARTE.

LISBOA.
Na Impreſſaõ Craesbeeckiana. Anno M. DC. LXXXVIII.
A cuſta de Antonio Leyte Pereyra, Mercador de Livros.
Com todas as Licenças, & Privilegio Real.

Censura do M.R.P.M. Frey Thomé da Conceyçaõ, da Sagrada Ordem do Carmo, Qualificador do Santo Officio.

EMINENTISSIMO SENHOR.

LI este Livro, que se intitula, *Maria Rosa Mystica, Excellencias, Poderes, & Maravilhas do seu Rosario*, compendiadas em trinta Sermoẽs pelo Padre Antonio Vieira, da Sagrada Religiaõ da Cõpanhia de Jesu, & Prégador de Sua Magestade. Jà o Author desta Obra sahio a luz com a Primeira Parte, que contém quinze Sermoẽs, & nesta Segunda, que se intenta dar tambem à estampa, vem outros quinze. Lios, naõ huã sò vez, mas duas: a primeira por obediencia, a segunda por gosto, ambas com admiraçaõ. Se naõ teméra fazer injuria á igualdade da sutileza, com que este Insigne Prégador discursou estes Sermoẽs, pudera dizer, que nesta Segunda Parte se excede a sy mesmo na Primeira; mas a mina, que gera este ouro, he tam igualmente fecunda nas veas, por onde o communica, que mal se póde descobrir maioria nos seus quilates: sendo as Idéas destes Sermoẽs tam novamente fabricadas, todas acho fundadas no Sentido Litteral, ou Mystico dos Evangelhos, donde este Grande Prégador as desentranhou com sua agudeza, sem em cousa alguã das que diz se desviar da obrigaçaõ de Orador Evangelico. Com estes Sermoẽs tem satisfeito o seu Voto, & terá sem duvida mais devotos o Rosario da Senhora. Isto he o que me parece. Lisboa no Convento do Carmo em 10. de Dezembro de 1686.

Fr. Thomé da Conceyçaõ.

Censura do M.R.P.M.Frey Antonio de Santo Thomás, da Sagrada Ordem de S. Francisco, Qualificador do Santo Officio.

EMINENTISSIMO SENHOR.

VI o Livro, que tem por titulo, *Maria Rosa Mystica, Excellencias, Poderes, & Maravilhas do seu Rosario*, composto pelo Padre Mestre Antonio Vieira, Religioso da Sagrada Companhia de Jesu, & Prégador de Sua Magestade. Consta este Livro (que he a Segunda Parte) de quinze Sermoẽs, que bem parecem Frutos do singular Engenho de tam Insigne Prégador, no agudo, facundo, & elegante de locuçaõ tam estremada, & selecta, agora Frutos mais bem sazonados com o tempo, no espiritual, docil, & util de tam exemplar, & milagrosa doutrina: doutrina para todos proveitosa; porque a dá o Author em methodo tam claro, ainda no que trata mais profundo, como Theologo Especulativo, Mystico, & Expositivo, que o douto se achará convẽcido, & o indouto ficará ensinado; & todos suave, & efficazmente arrebatados no seguimẽto mais fervoroso da devaçaõ dos Mysterios da Rosa Mystica: ficando por este respeito o Voto, de que faz mençaõ o Author, satisfeito com ventagem; pois a Maria Santissima, Senhora nossa, naõ sò offerece gratamẽte Flores em as Maravilhas de Sermoẽs, para mais florido adorno do seu Rosario; mas tambem em Flores lhe tributa ventajosamente Frutos nas perpetuas devaçoẽs, que docemẽte rende para mais grato obsequio de tam Divina Flora. Com o que, se os Sermoẽs saõ para quem com tam rara eloquencia os asseiou, Flores de muita honra, saõ juntamente Frutos no admiravel da doutrina; & tudo para maior gloria do Mysterioso Rosario da Mãy de Deos. Ao que se pôde alludir, o que se diz no Ecclesiastico Capitulo Vinte & quatro: *Flores mei fructus honoris, &c.* E sendo emfim Sermoẽs tam floridos, & frutuosos, tudo nelles ajustado recende à pureza de nossa Santa Fé, tudo nelles frutifica conforme a limpeza de bons costumes: & assim me parece será beneficio commum, conceder a licença, que se pede, para dar os taes Sermoẽs à Imprenta. Lisboa Convento de Saõ Francisco da Cidade em 24. de Fevereiro de 1687.

Fr. Antonio de Santo Thomás.

Censura do M.R. P. Doutor Bertholameu do Quental, Preposito da Congregaçaõ do Oratorio.

SENHOR.

VOSSA Mageſtade me mandou, que viſſe a Segunda Parte dos Sermoẽs do Roſario, que compoz o Padre Antonio Vieira, da Sagrada Companhia de Jeſu, Prégador de Sua Mageſtade, como jà me mandou ver a Primeira. E ſe Eu eſtivera em idade de aprender, perſuadirame a que a Providencia Divina, que particularmente aſſiſte aos Principes, me repetia eſtas Liçoẽs, para Eu nellas aprender a prégar. Continha a Primeira Parte quinze Sermoẽs, & eſta Segunda contém outros quinze. Eſtes ſaõ como aquelles, & todos como de ſeu Author. Trinta Sermoẽs, & taes Sermoẽs, ſobre o meſmo Aſſumpto, he o melhor Aſſumpto para os louvores deſte grande Prégador. Trinta Sermoẽs para quinze Myſterios do Roſario, ſaõ dous Sermoẽs por cada Myſterio; porque eſtes Myſterios, para ſerem bem rezados, haõ de ſer repetidos: repetidos cadadia, & ſempre que ſe rezarem, ha de repetir exteriormente a voz, o que interiormente meditar o juizo, & abraçar o affecto. (Em tudo ſaõ myſterioſos eſtes Sermoẽs!) Bem parece, q̃ eſta Luz ſe acendéo na Tocha, & na Eſtrella do primeiro Prégador do Roſario, o Glorioſo Patriarcha Saõ Domingos: de cujos exemplos, & doutrina ſe val tanto neſtes Sermoẽs. Saõ Domingos para prégar do Roſario acẽdéo a ſua Tocha naquella Luz grande, ainda a reſpeito daquella, a que ſò reconhecéo maioria: *Duo Luminaria magna: luminare maius, luminare minus:* & a ſua Eſtrella bebéo a Luz daquella Lua ſempre tam chea, que em nenhũ inſtante padecéo minguante, & tam luzida, que em nenhum padecéo ſombra. E eſte Inſigne Prégador para prégar do Roſario tambem participou a Luz deſta fermoſa Lua por aquella Eſtrella, & por aquella Tocha. A cadahum dos Santos Patriarchas poz Deos, Senhor noſſo, por Tocha para allumiar particularmẽte os da ſua Caſa, & Familia: *Ut luceat omnibus, qui in domo ſunt:* mas a Tocha de Saõ Domingos para os louvores do Roſario allumiou os da ſua Caſa, & Familia, & tãbem os das outras, como no noſſo caſo a hum Filho de Sãto Ignacio. A Tocha de Saõ Domingos allumiou hũ Filho de Sãto Ignacio para fazer trinta

Ser-

Sermoẽs em louvor do Rosario: & hum Filho de Santo Ignacio com trinta Sermoẽs acrescẽtou os louvores do Rosario, que Saõ Domingos prégou. & deixou encommendado a seus Filhos. Os Santos Patriarchas assim como no Ceo se communicaõ nas Glorias, desorte que a gloria de huns o he accidental dos outros: assim querem, que as suas Familias na terra se communiquem nas Glorias, como communicaõ nos Privilegios. A communicaçaõ dos Privilegios lhes concedem os Summos Pontifices na terra: a communicaçaõ das Glorias lhes encõmendaõ os seus Santos Patriarchas do Ceo. Parecerá, Senhor, que naõ tenho satisfeito ao q̃ Vossa Magestade me mandou: que visse estes Sermoẽs, & informasse com o meu parecer. E Eu cuido, que tudo tenho dito: que os vi. E me parece, que esta Segunda Parte he tam digna de se imprimir, como a Primeira; pois naõ contém cousa alguã cõtra o Reyno, antes muito para a sua refórma por meyo da devaçaõ do Santo Rosario, que persuade com tanta efficacia. Vossa Magestade mandará o que for servido. Lisboa, Congregaçaõ do Oratorio 5. de Mayo de 1687.

Bertholameu do Quental.

LICENC,AS DA RELIGIAM.

EU Alexandre de Gusmaõ, da Companhia de Jesu, Provincial da Provincia do Brasil, por commissaõ especial, que tenho de N. M. R. P. Carolo de Noyelle, Preposito Géral, dou licença, que se possa imprimir este Livro da Segunda Parte de Sermoẽs de Nossa Senhora do Rosario do Padre Antonio Vieira, da mesma Companhia, Prégador de Sua Magestade. O qual foi revisto, examinado, & approvado por Religiosos doutos della, por Nós deputados para isso. E em testimunho da verdade, dei esta subscripta com o meu Sinal, & sellada cõ o Sello de meu Officio. Dada na Bahia aos 13. de Julho de 1686.

Alexandre de Gusmaõ.

Do Santo Officio.

VIstas as informaçoẽs, pódese imprimir a Segunda Parte dos Sermoẽs do Rosario, compostos pelo Padre Antonio Vieira, da

Com-

Companhia de Jesu: & depois de impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra:& sem ella naõ correrá. Lisboa 25.de Fevereiro de 1687.

Ieronymo Soares. *O Bispo Fr.Manoel Pereyra.*
Pedro de Attayde de Castro. *Fr.Vicente de Santo Thomás.*

Do Ordinario.

POdese imprimir a Segunda Parte dos Sermoẽs do Rosario, composta pelo Reverendo Padre Antonio Vieira, da Companhia de Jesu:& depois tornaráõ,para se conferirem,& se dar licença para correrem:& sem ella naõ correráõ. Lisboa 3. de Março de 1687.

Serraõ.

Do Paço

QUE se possa imprimir, vistas as licenças do Sãto Officio, & Ordinario:& depois de impresso, tornará a esta Mesa para se taxar: & sem isso naõ correrá. Lisboa 6. de Mayo de 1687.

Rexas. *Lamprea.* *Marchaõ.* *Azevedo.* *Ribeyro.*

COncorda com seu original. Lisboa no Convento do Carmo 30. de Janeiro de 1688.

Fr.Thomé da Conceyçaõ.

VIsto estar conforme com seu original pôde correr. Lisboa 30. de Janeiro de 1688.

Ieronymo Soares. *Ioaõ da Costa Pimenta.*
Bento de Beja de Noronha. *Pedro de Atayde de Castro.*
Fr. Vicente de Santo Thomás.

POde correr. Lisboa 4. de Fevereiro de 1688.

Serraõ.

TAixaõ este Livro em doze tostoẽs. Lisboa 31.de Janeiro de 1688.

Roxas. *Lamprea.* *Marchaõ.* *Ribeiro.*

Outras Erratas do Primeiro Tomo do Roſario.

Paginas.	Col.	Reg.	Erratas.	Emendas.
40.	2.	3.	Das Mageſtades.	Da Mageſtade.
74.	1.	32.	Sò tres.	Sò dous.
143.	1.	30. & ſeqq.	Porque nem o Evangeliſta, nem a Igreja olhàraõ nelle para quem as diſſe.	Porque nem o Evãgeliſta, nem a Igreja olhàraõ nelle para quem pronunciou as palavras, ſenaõ para quem as diſſe.
173.	2.	4.	Sua propria miſericordia.	Sua propria miſeria.
223.	2.	10. & 11.	Se o que ſe reza he máo.	Se o que o reza he máo.
261.	2.	13. & 14.	Paraque o Corpo ſe tingiſſe.	Paraque o Cordaõ ſe tingiſſe.
269.	2.	penult. & ultim.	Tralohia alguns dias dobrado.	Tralohia alguns dias dobado.
322.	1.	9. & 10.	Acudio à deſeſperaçaõ da meſma hora.	Acudio à deſeſperaçaõ na meſma hora.
519.	2.	21. & 22.	Naõ baſta ſò padecer com Chriſto.	Naõ baſta ſò padecer, mas he neceſſario padecer com Chriſto.
167. in fin.	2.	21. & 22.	Se não ha de contẽtar cõ o noſſo entendimento.	Se não ha de contẽtar o noſſo entendimẽto.
172. in fin.	1.	17. & 18.	)	
Ibid.	2.	22.	)	
173. in fin.	2.	20. 25. & 31.	)	
174. in fin.	1.	11. 22. & 23.	)	
Ibid.	2.	15. 21. & 28.	)	
175. in fin.	1.	6. & 7.	)	
176. in fin.	1.	1. 3. 6. 7. 9. 11. &c.	) Ruminar.	Rumiar.

Erratas deſte Segundo Tomo do Roſario.

157.	2.	1.	Fò a de caſa.	Fòra de caſa.
162.	2.	5.	Como verte.	E como verte.
207.	2.	9.	Preſevativa.	Preſervativa.
271.	1.	5.	Nec horrea.	Nec hordea.
303.	1.	4.	Os ſinco Myſterios.	Os Myſterios.
304.	1.	Penult. & ult.	Centum quadraginta.	Centum quinquaginta.
361.	2.	32. & 33.	Eaõ eſpiras.	Eraõ eſpias.

Tudo està emendado

SERMAM XVI.

Beatus venter, qui te portavit. Luc. 11.

I.

1 COM razaõ cõparou o seu Evangelho a Divina Sabidoria de Christo a hum thesouro escondido no campo. Hũa cousa he a que todos vem na superficie, outra a que se occulta no interior da terra: & onde menos se imaginaõ as riquezas, alli estaõ depositadas, & escõdidas. Naõ as descobre, quem mais cava, só as achou, quem teve maior ventura: & isto he o que me acontecéo (de que dou as graças â Virgem Santissima) com o presente Evangelho hoje. A occasiaõ porque foraõ ditas as palavras, q̃ propuz, foi aquelle famoso milagre, vulgarmente chamado do Demonio mudo: & neste caso, ao parecer tam diverso, nos deixou escrita o Evangelista toda a Historia do Rosario, & seus progressos, & naõ por allegorias, ou metaforas, senaõ propria, & literalmente. Alli temos literalmẽte a primeira origem deste soberano invento: alli a guerra obstinada, q̃ logo lhe intentou fazer o Demonio: alli as vitorias, que por meyo delle alcançamos contra o inferno: & alli finalmente o panegirico, & louvores, que devemos a Christo, & sua bemdita Mãy, como Autora de tam grande obra: *Beatus venter, qui te portavit.* Ibid.

2 No principio pois deste Evangelho (que he o Ca-

pitulo onze de S. Lucas) pediraõ os Discipulos a Christo Senhor nosso, que os ensinasse a orar: *Domine, doce nos orare.* (Ibid. v. 1. & seqq.) E o modo de orar, que o Divino Mestre lhes ensinou, foi a Oraçaõ do Padre nosso: *Et ait illis: cum oratis, dicite: Pater, sanctificetur nomen tuum: Adveniat Regnum tuum, &c.* Naõ he esta a primeira oraçaõ, que dizemos, quando rezamos o Rosario? Sim. Pois esta mesma, & neste mesmo dia, em que Christo a ensinou, foi a segunda, & ultima, com que se acabou de aperfeiçoar o Rosario. O Rosario começou na Ave Maria, quando o Anjo saudou a Virgem, dizendo: *Ave gratia plena: Dominus tecum.* (Luc. 1. 28.) E quando Christo ensinou o Padre-nosso, dizendo: *Pater, sanctificetur nomen tuũ: Adveniat Regnum tuum*: entaõ acabou de se aperfeiçoar o mesmo Rosario: porque o Rosario naõ he outra cousa, senaõ hum modo de orar cõposto de Padre-nossos, & Ave-Marias. Lançados pois estes dous fundamentos do Rosario, & aperfeiçoada nestas duas Oraçoẽs a materia, a q̃ a Rainha dos Anjos, & Mãy do mesmo Christo depois deu a fòrma: que he o que succedéo no mesmo ponto? Caso verdadeiramente maravilhoso, & mysterio profũdissimo, mas naõ occulto, senaõ manifesto. No mesmo ponto, em que o Evangelista S. Lucas acabou de referir a Oraçaõ, que Christo ensinára, sem entrepor palavra algũa, continũa, dizendo: *Et erat Jesus ejiciens Dæmoniũ, & illud erat mutum*: (Luc. 11. 14.) que estava Christo lançando de hũ homẽ endemoninhado hum Demonio mudo: o qual Demonio se chama mudo, porque tinha emmudecido, & tolhido a falla ao homem. Pois quando Christo acaba de ensinar o Padre-nosso: quando Christo acaba de fũdar o Rosario; entaõ (& só neste caso, & em nenhum outro) entaõ (& no mesmo ponto sem meter tẽpo em meyo) entaõ trata o Demonio de emmudecer o Homem? Sim. Entaõ. E com consequencia naõ sò misteriosa, senaõ literal. Porq̃ entaõ se vio o Demonio perdido, reconhecẽdo os poderes da oraçaõ, & de-

devaçaõ do Rósario. Por isso quãdo Christo acaba de nos ensinar a orar; começa elle a se empenhar em nos emmudecer: Christo ensinandonos a rezar o Rosario, & o Demonio tolhendonos a falla, para que o naõ rezemos.

3 Porque cuidais, Senhores, que ha no mundo tantos homẽs com nome de Christãos, que naõ rézaõ o Rosario? Porque assim como o Demonio emmudecéo aquelle homem, assim os emmudece a elles. *Mutus est, qui in Dei laudes labia sua aperire nescit:* diz aqui Eusebio Emisseno. Todas as nossas oraçoẽs teme muito, & aborrece o Demonio; mas nenhũa persegue cõ tanto odio, como o Rosario. Lede as Historias Ecclesiasticas, & naõ só vereis quanto o Demonio perseguio sempre o Rosario, & o procurou tirar do mundo por meyo dos Hereges de todo genero, antigos, & modernos; mas entre os mesmos Catholicos achareis estupendos, & temerosos exemplos das traças, dos empenhos, das promessas, & da applicaçaõ de todo seu saber, & poder, com que o Demonio tem apartado a muitos deste celestial exercicio. A quãtos desesperados pela pobreza offerecéo, & descobrio thesouros, mas com condiçaõ, de que naõ haviaõ de rezar o Rosario? A quãtos cegos do appetite sensual promettéo o fim de seus deshonestos amores, mas com cõdiçaõ, de que as Contas do Rosario, que levavaõ occultamente comsigo, as haviaõ de lançar fóra? A quantos assegurou a vingança de seus inimigos, & que nos perigos da guerra, & das batalhas sahiriaõ com vida, & sem ferida, mas com condiçaõ, que primeiro se haviaõ de deixar desarmar daquella mesma insignia, que he o balteo da milicia do Ceo? Ha Autor grave, o qual affirma, q̃ para o Demonio servir, a quem delle se quer valer, o pacto tacito, ou expresso, de q̃ usa, saõ aquellas palavras de Sára: *Ejice ancillam, & filium ejus:* entendendo por ancilla, a Virgem na Ave Maria, & por seu Filho, a Christo no Padre-nosso. Atè aos mesmos devotos da Senhora, quando os

Euseb. Emiss.

Auctor Sincopledia.

Galat. 4.30.

os naõ póde apartar da ſua devaçaõ, ao menos procúra, que deixem o Roſario, & o troquem por outras oraçoẽs, ou mais novas, ou menos vulgares, como muitos fazẽ. Finalmente (& eſte he o maior ardil, & tẽtaçaõ de todas) faz, que os que rézaõ o Roſario, o rezem divertidos, & ſem attençaõ : que he outro modo de emmudecer mais injurioſo a Deos, como diz Sãto Aguſtinho; porque em vez de fallarem com Deos, fallaõ com ſeus vaõs penſamentos.

August. de orando Deo.

4. E como os empenhos do Demonio em emmudecer os homẽs, mais neſte genero de oraçaõ, que em nenhũa outra, ſe armaõ de todas ſuas artes, de todas ſuas aſtucias, & de todos ſeus poderes; eſſa he a razaõ, & o myſterio, porq Chriſto no meſmo tempo, em que acabava de lançar os primeiros fũdamẽtos ao Roſario, naõ ſe diz que lançou fóra o Demonio mudo, ſenaõ que o eſtava lãçando: *Erat ejiciens Dæmoniũ, & illud erat mutum.* Notai a oppoſiçaõ de hum *erat* contra outro *erat: Erat ejiciens, & erat mutum*. Tanta era a rebeldia, tanta a reſiſtencia, tanta a obſtinaçaõ do Demonio, em ſe naõ querer render à omnipotencia de Chriſto, & teimar em naõ deſempedir a lingua do homem, que tinha emmudecido. E ſe o meſmo Chriſto multiplicando huns impulſos ſobre outros ſe deteve tanto em obrar eſte milagre; naõ he muito, que nós tambem multipliquemos Sermoẽs, & Diſcurſos, pois impugnamos o meſmo Demonio, & tratamos de ſarar os meſmos mudos. O mudo do Evangelho finalmente fallou com grande admiraçaõ dos circunſtantes: *Loquutus eſt mutus, & admiratæ ſunt turbæ*: & eu eſpero, que neſte Sermaõ ſe ouvirá tambem fallar o mudo, naõ ſò com igual admiraçaõ, mas com aſſombro, & paſmo. Aquelle mudo fallou, mas naõ refere o Evangeliſta o q diſſe: eſte ha de fallar, & dizer o q nunca ouviſtes. Elle he o que ha de prégar, & naõ Eu. E porque naõ he capaz de Graça, naõ a peçamos para elle, ſenaõ para nós.

Ubi ſupra.

Luc. 11. 14.

Ave Maria, & c.

SUS-

II.

5 SUspẽsos vos considero na expectaçaõ do novo Prégador, que haveis de ouvir hoje: & agora acrescento, que he o mais sabio, o mais exprimentado, & o mais eloquente, que nunca ouvistes. Os pontos, que ha de tratar, saõ tres, sobre outras tantas questoẽs, mas naõ levantadas por elle, senaõ por outro Prégador, tambem grande, & pelo qual Deos nesta occasiaõ obrou outro milagre tambẽ do Demonio mudo, mas maior que o do mesmo Christo.

6 Huã das mais notaveis promessas, que Christo fez aos que o seguiaõ, & lhe haviaõ de succeder neste mũdo, foi, que naõ sô haviaõ de fazer obras tam grandes, & tam maravilhosas como as suas, senão ainda maiores: *Opera, quæ ego facio, faciet, & maiora faciet.* Tam generosa, & tam confiada como isto he a verdadeira, & soberana grandeza. Quem em tudo quer parecer maior, naõ he grande. Assim o promettèo o Senhor, & assim se cũprio: porque deixando outros exemplos, S. Pedro dava saude aos enfermos sò cõ a sombra; o que Christo nunca fez: & convertendo Christo em tres annos sô quinhẽtas Almas, S. Pedro em hũ sò Sermaõ convertéo sinco mil. Mas o que faz mais admiravel esta disposiçaõ da Providencia de Christo, he a razaõ della, que o mesmo Senhor declarou: *Maiora faciet: quia ego ad Patrem vado.* Faraõ (diz) maiores obras que as minhas, porq eu vou para o Padre. Christo, Redemptor nosso, tam poderoso era emquanto viveo na terra, como depois de subir ao Ceo, & estar assentado à dextra do Padre: pois se havia de conceder este tam grande privilegio aos homẽs, depois de se ausentar delles, & estar no Ceo; porque lho naõ cõcedéo, quando vivia neste mundo? A razaõ em summa he; porque esta prerogativa tam singular, & relevante, de haverem de fazer os homẽs maiores obras que as do mesmo Christo, havianos de ser concedida em virtude dos Mysterios, & Oraçoẽs do Ro-

Ioan. 14 12. *Ibidem.*

Rosario. E estas duas condiçoẽs, nem da parte de Christo, nem da nossa, se podiaõ cumprir, nem ter effeito, antes de o mesmo Senhor por meyo da morte, & resurreiçaõ ir deste mũdo ao Padre: *Et maiora faciet: quia ad Patrem vado.*

7 Ouçamos ao Cardeal Caietano, que mais resumida, & mais nervosamẽte que todos declarou a energia deste Porque: *Mirabilis apparet promissio, sed cessabit admiratio libratis subsequentibus cõditionibus adjunctis.* Se vos parece admiravel huã tam grãde, & extraordinaria promessa; ponderai as condiçoẽs seguintes, que o mesmo Senhor ajuntou, & logo cessará a admiraçaõ. E quaes saõ estas condiçoẽs? A primeira he a morte, & glorificaçaõ de Christo, significadas nas palavras, *Quia ad Patrem vado. Clauditur efficacia mortis ejus, dicendo, Vado: per mortẽ enim ibat ad Patrem: & clauditur etiam glorificatio ejus, dicendo, Ad Patrem: transire enim Iesum ex hoc mundo ad Patrem, est de statu mortali, & humili ad statum immortalitatis, gloriæ, & Regni ire. Hinc & meritum mortis ejus, & tempus glorificationis ejus significatur in causa, quòd credentes in ipsum facerent hæc, & maiora.* Desorte que para os homẽs fazerem maiores obras que as de Christo, a primeira cõdiçaõ, que necessariamente havia de preceder, era o merecimento de sua morte, & o tempo da sua glorificaçaõ: & estas mesmas eraõ a segunda, & terceira parte dos Mysterios do Rosario, que ainda faltavaõ para complemẽto delle. Emquãto Christo vivia neste mũdo, naõ estava ainda cumprida, & inteirada mais que a primeira parte dos Mysterios do Rosario, que eraõ os Gozosos; faltavaõ os Dolorosos, q̃ se cũpriraõ na morte; & faltavaõ os Gloriosos, q̃ se cũpriraõ na Ascençaõ. E como Christo havia de cõceder este tam extraordinario privilegio aos homẽs por meyo dos Mysterios do Rosario; por isso o naõ podia conceder nesta vida, & neste mundo, senaõ depois que morresse, & subisse ao Padre: *Maiora faciet, quia ad Patrẽ vado.*

Caietanus in hunc locum.

Esta

8 Esta he a primeira cõdiçaõ da parte de Christo, q̃ saõ os Mysterios: a segunda qual he? He a outra da nossa parte, que saõ as Oraçoẽs do mesmo Rosario. Assim continúa, & estende a sua razaõ o mesmo Christo sobre o mesmo Porque: *Quia ad Patrem vado. Et quodcumque petieritis Patrẽ in nomine meo, hoc faciam*: porque eu subo ao Padre. E porque elle vos ha de cõceder tudo o que em meu nome pedirdes. Excellẽtemente o já allegado Caietano: *Explicatur amplissima facultas impetrandi, non aliquid, sed omne, quod petierint. Ubi diligentius cerne, & nota conjunctionem, Et, jungentem hanc causæ partem præcedenti. Ita quòd continentur hæc verba sub illa conjũctione causali, Quia. Et significatur clarè per hoc, quòd ut credens in Iesum faciat hæc, & maiora, concurrunt ut causa, non solùm quòd ego vado ad Patrem, sed quòd vos petatis*. Quer dizer, q̃ debaixo do mesmo *Quia*, & do mesmo Porque, ajuntou Christo a segunda parte da razaõ, porq̃ os homẽs haviaõ de fazer maiores cousas do que elle tinha obrado: & deste modo vẽ a concluir o Senhor, que a dita razaõ, ou causa se cõpoem de duas condiçoẽs, huã da parte do mesmo Christo, que saõ os Mysterios do Rosario, para cujo complemẽto foi necessario, que elle morresse, & subisse ao Padre: *Quia vado ad Patrem*: & outra da parte nossa, que saõ as Oraçoẽs do mesmo Rosario, por meyo das quaes impetramos, & alcançamos do Padre, debaixo do nome de seu Filho, tudo o que pedimos: *Et quodcunque petieritis Patrẽ in nomine meo, hoc faciam*. Demaneira, que os Mysterios, & as Oraçoẽs do Rosario, saõ as duas partes, de que se compoem o motivo, & razaõ total porque Christo concedéo aos homẽs o privilegio nũca imaginado de poderẽ fazer o que elle fez, & mais do que fez: conservando porèm nisso mesmo a soberania propria, & a differẽça de Senhor a servos; porque Christo, como Senhor, obrava mandãdo, & os homẽs, como servos, haviaõ de obrar pedindo: *Et cum hoc declaratur e-*

Ioan. 14. 13.

tiam modus faciendi, nam ipse fecit imperando, credentibus autẽ in eum promittitur, quòd facient hæc, & maiora, supplicando.

9 Supposto pois que aos Mysterios, & Oraçoẽs do Rosario foi particularmente concedida esta tam admiravel prerogativa; em que Pessoa, ou em que materia a podemos ver mais propriamente praticada, que na Pessoa do Grande Patriarcha S. Domingos, & no caso de outro Demonio tãbem mudo. Na Pessoa de S. Domingos, digo, que depois da Virgem Maria foi o primeiro Fundador, & o maior Propagador do Rosario: & no caso de outro Demonio mudo, o qual, naõ sò procurou deemmudecer hum homem, mas com effeito tinha posto perpetuo silencio a muitos, para q̃ naõ só naõ rezassem o Rosario, mas o desestimassem, & blasfemassem. O milagre, que obrou Christo no Demonio mudo, foi muito grande; mas o que obrou S. Domingos, em cumprimento da sua mesma promessa, foi muito maior. Là fallou o mudo: *Loquutus est mutus*: mas naõ fallou o Demonio: cà fallou o mesmo Demonio, & naõ sò hum Demonio, mas muitos Demonios. Là não refere o Evangelista o que disse o mudo; sem duvida porque fallãdo não disse cousa de importancia: cà disserão os Demonios cousas tam importãtes, & de tanto pezo, que nenhũ homem as podia saber, nem dizer semelhantes. Là disse o mudo o que quiz: cà disseraõ os Demonios obrigados o q̃ não queriaõ. Là saindo o Demonio de hum, entrou em muitos, que forão os Escribas, & Fariséos, que blasfemáraõ o milagre: cà antes de sahirem de hum corpo, muitos homẽs os lançáraõ de suas Almas. Là finalmẽte admirados os circunstantes, sò huã molher exclamou: *Extollens vocem quædam mulier:* cà não sò admirados, mas attonitos, & pasmados todos, forão muitos mil os que cõ vozes, que chegavão ao Ceo, louvavão, & engrandeciaõ a virtude, & poderes da Mãy de Deos, & de todo o coração se convertião a elle. Mas

vamos já ao caso,& ouçamos o novo Prégador, com a attenção que elle saberà merecer.

III.

10 PRégando em Carcasona, Cidade de França, o Glorioso S. Domingos, & prégando, como sempre costumava, a devação do Rosario, trouxeraõ-lhe hum endemoninhado furiosissimo, o qual se despedaçava a sy mesmo; & posto q̃ vinha atado com cadeas de ferro, não havia quem o podesse domar, nem ter mão. Mas o Santo tinha outra cadea mais forte,& mais poderosa,que era o Rosario. Lançou o seu Rosario ao pescoço do miseravel homem,& o Demonio com grandes repugnancias, & vizagẽs, em que mostrava a nova força, de que se sentia opprimir, ficou domado. Agora entenderáõ os Doutos huã boa interpretação daquelle Anjo do Apocalypse, sobre que os Expositores antigos,& modernos se dividem em tantas opinioẽs. Diz S. João, que vio descer do Ceo hum Anjo, o qual trazia na mão huã grande cadea,& que com ella prendéo, & atou aquella antiga Serpente, que enganou o genero humano, o qual por hum nome se chama Demonio,& por outro, Satanás: *Vidi Angelum descendentem de cælo, habentem ::: catenam magnam in manu sua, & apprehēdit Draconem, Serpentē antiquum, qui est Diabolus, & Satanas, & ligavit eum.* (Apocal. 20.1.2.) As outras palavras, que acrescēta o Texto, póde ser que nos sirvão,& as expliquemos depois; o que sò digo de presente, he, que este Anjo descido do Ceo, he o Apostolo da Virgem Maria S. Domingos, Varão por todas suas virtudes Angelico, & que a grande cadea, que do mesmo Ceo trouxe na mão, & com que prendéo a Serpente,& atou o Demonio, he o Rosario. Das mesmas Chronicas de S. Domingos, que em semelhantes casos saõ os melhores Expositores, o provo.

11 Em hũ Povo da Ilha de Evisa exorcizava hum filho do mesmo Sãto huã molher endemoninhada,& era o Demonio tam protervo, tam

rebelde, & tam obstinado, q̃ a nenhuns esconjuros, nem oraçoẽs se rendia: rendeose porèm finalmente â invocação do Santissimo nome de Maria, & aos poderes insuperaveis do seu Rosario; mas com huã circunstancia multo notavel, a qual eu sò pondéro em prova do que digo. Quando lançáraõ o Rosario ao pescoço da afflita molher, começou a gritar o Demonio: Tiremme essa cadea, que me abraza: Tiremme essa cadea, que me abraza. Jà temos, que o Rosario he cadea, que ata o Demonio. Mas que seja cadea, q́ o abraza, como póde ser? Assim como os Anjos, quando estão na terra, trazẽ comsigo a sua gloria, assim os Demonios trazem tambem comsigo o seu inferno. Os Anjos trazem comsigo a sua gloria, porque em qualquer parte estão vendo a Deos; & os Demonios trazem comsigo o seu inferno, porque em qualquer parte estão ardendo naquelles incendios eternos. Pois se este Demonio estava ardendo em fogo, & em tal fogo, qual he o do inferno, como diz, que o abrazava a cadea do Rosario? Póde haver fogo mais penetrante, mais forte, & mais abrazador, q́ o do inferno? Sim. E estas novas chamas, & labaredas, saõ para os Demonios as Oraçoẽs dos Christãos. Assim o cõfessáraõ já antigamẽte os mesmos Demonios, & o refere Minucio Felix naquella sua famosa Apologia contra os Gentios: *Hæc omnia sciunt plerique vestrûm, ipsos Dæmones de semetipsis confiteri, quoties à nobis, & meritis verborum, & orationum incendijs è corporibus exiguntur.* Desorte, que mais queimaõ, & mais abrazão aos Demonios as Oraçoẽs do Rosario, que o mesmo fogo do inferno. E a razão natural he, porque do fogo do inferno vingãose, & aliviaõse com blasfemar de Deos: porèm nas Oraçoẽs do Rosario cresce lhe outro fogo maior, porque ouvem nellas os louvores de Deos. No inferno ouvẽ dizer: Maldito seja Christo, & sua Mãy: no Rosario ouvem pelo contrario: *Benedicta tu in mulieribus, & benedictus fructus ventris tui:* & este he o fogo sobre fogo,

Minutius Felix in Apolog. contra Gẽtiles.

&

& o incendio sobre incẽdio, que intoleravelmente os abraza. Assim como S. Miguel lançou no inferno aos Demonios, dizendo: *Quis sicut Deus?* assim S. Gabriel acrescentou, & acrescẽta cadadia o inferno aos mesmos Demonios, dizendo: *Ave gratia plena.* Estes saõ pois os fuzis de maior, & mais penetrante fogo, de q̃ se fórma a cadea do Rosario: & esta he a cadea, que S. Domingos trouxe do Ceo: & esta a com q̃ domou o Demonio, que lhe presentáraõ, que rompia, & desfazia todas as outras.

Ubi supra.

IIII.

12 SOssegado pois o Demonio, & reduzido a estado de responder com este primeiro imperio do Rosario, que foi como exordio do Sermão; começou S. Domingos a levãtar as questoẽs, & o Demonio ponto por põto a responder a ellas. Era tal o ruido, que dentro no endemoninhado se ouvia de varias linguas, & confusas, & espantosas vozes, que bem mostravão, não ser hum só Demonio, o que alli residia. Perguntoulhe pois o Santo, quantos erão, & qual tinha sido a causa porque entráraõ naquelle homem? Estou certo, que ninguem espera, nem imagina qual podia ser a reposta. Respondéraõ, que elles erão quinze mil Demonios, & que todos por mandado de Deos atormentavão aquelle máo homem, por ser inimigo capital do Rosario de Maria, & desprezar, & desacreditar os Sermoẽs, em q́ o prégava Frey Domingos, & com seu exemplo, & falsas exhortaçoẽs persuadir o mesmo desprezo a muitos, & impedir com isso sua conversaõ. Instou o Santo, & perguntou, porque erão quinze mil precisamente, nem mais, nẽ menos? Respondéraõ, que em reverencia dos quinze Mysterios do Rosario, & em vingança, & castigo da grande injuria, & afronta de Deos, com que aquelle homem os blasfemava: acrescẽtando os mesmos Demonios, que tinhaõ entrado nelle muito contra sua vontade, & conveniencia; por ser hum dos maiores Ministros do infer-

no, & q̃ mais favorecia ſuas partes, & os ajudava, ſendo já muitas as Almas, que por ſeu meyo ſe tinhaõ condenado. Eſte foi o primeiro ponto do Sermaõ, attonitos, aſſombrados, & temeroſamente compungidos dentro em ſy meſmos, todos os que taes couſas ouviaõ.

13 Naõ he maravilha, que tanta multidaõ de Demonios coubeſſe em tam eſtreita morada, como a de hũ corpo humano, porque ſaõ eſpiritos, & naõ occupaõ lugar; mas para atormentar hũ ſò homem quinze mil Demonios? Se os homens foraõ quinze mil, hum Demonio ſobejava, não ſò para os maltratar, mas para os matar a todos. Naõ tinha maiores forças naturaes, o que no exercito de Senacherib matou (4.Reg. 19.35.) em huã noite cento, & oitenta & ſinco mil homẽs. A que fim logo tanto eſtrondo, tanto apparato, tantas levas de Eſpiritos infernaes? Job, que bẽ lhe tinha tomado o pulſo aos braços, diz, que naõ ha poder no mundo, que ſe lhe poſſa comparar: (Iob.41. 24.) *Non eſt ſuper terram poteſtas, quæ comparetur ei.* Hum ſò Demonio era, o que teve licença, naõ abſoluta, mas limitada, para provar com elle as forças, & depois dos eſtragos, que lhe fez nos gados, nos criados, nos filhos, na caſa, olhai para o meſmo Job, & ouvi o que dizia. O corpo deſde o pé atè a cabeça era huã chaga viva, aſqueroſa, hedionda, & por fòra, & por dẽtro, ſem entrar nelle o Demonio, eraõ tam agudas, tam inſoportaveis, & tam cõtinuas de dia, & de noite as dores, que obrigavaõ ao meſmo exemplar da paciencia a chamar pela morte, & amaldiçoar a hora, em q̃ naſcéra. Tempo virá (que ainda não eſtà cumprido) em que ſe deſatem aquelles quatro Demonios, que S. Joaõ vio no Apocalypſe: *Quibus datũ eſt nocére terræ, & mari.* E ſe (Apocal. 7.2.) para revolver todo o globo do mar, & da terra, & meter em confuſaõ, & ruina tudo quãto nelle vive, baſtaõ quatro Demonios, que fariaõ em tam eſtreito anfiteatro quinze mil Leoẽs deſatados, que aſſim lhe chama S. Pedro, mais fero cadahum que todas as feras? Se era para vingar

gar a injuria comettida contra os quinze Mysterios do Rosario nos quinze Padrenossos, não bastavão quinze Demonios? Se para desafrõtar as cento & sincoẽta Saudaçoẽs Angelicas, impugnadas, & desprezadas nas cẽto & sincoenta Ave Marias, naõ bastava, que elles tambẽ fossem cento & sincoẽta?

14 A nós parecernosha q̃ sim, mas não o julgou, nẽ o sentenciou assim Deos. Quiz, q̃ nos desaggravos do Rosario fosse tam excessivo o numero dos ministros de sua justiça; para que na mesma multidaõ dos executores se manifestasse tanto a grãdeza da offensa, como a dignidade do offẽdido. Chegou Deos (vede o q̃ digo) chegou Deos a fazer em defensa da honra do Rosario, o que nunca fez, nem faria para defender a sua. E atrevome a dizer, o que não faria; porque o que Christo faria no maior perigo da sua honra, & vida, para a defender, elle mesmo o declarou, & não he tanto. Quando S. Pedro quiz defender a Christo no Horto, mandoulhe o Senhor que embainhasse a espada: & a razão, cõ q̃ o sossegou, foi esta: *An putas, quia non possum rogare Patrem meum, & exhibebit mihi modò plusquam duodecim Legiones Angelorũ?* Matth. 26.53. Não sabes, que se eu me quizesse defender, posso pedir soccorro a meu Padre, & elle me mandaria logo mais de doze Legioẽs de Anjos? Reparai neste numero, que he muito digno de reparo. Assim como o Senhor disse doze Legioẽs de Anjos, assim podéra dizer, doze mil Legioẽs, porq̃ os Anjos saõ innumeraveis: pois porque disse doze Legioẽs determinadamẽte? Porque com este numero de Espiritos Angelicos ficava largamente encarecido o grande empenho, que o Padre faria para defender a hõra, & vida de seu Filho, & o mesmo Filho a sua: A Cohorte de Soldados Romanos, que vieraõ prender a Christo, cõstava de mil Soldados: & que partido podiaõ ter, diz S. Chrysostomo, contra doze Legioẽs de Anjos mil homẽs? *Quid facerent duodecim Legiones Angelorum in mille viros?* Chrysost. ibi. Bastavaõ sobre

todo

todo o encarecimento doze Anjos, quanto mais doze Legioẽs. Computaime agora o numero das doze Legioẽs dos Anjos naquelle caſo, com o dos quinze mil Demonios no noſſo. Cada Legiaõ Romana conſtava de ſeis mil, ſeis centos, & ſeſſenta, & ſeis Soldados: com que doze Legioẽs de Anjos vem a montar oitenta mil Anjos: os quaes repartidos, & contrapoſtos aos mil Soldados, q́ vieraõ prẽder a Chriſto, vem a caber oitenta Anjos para cada homem. E quando na mais encarecida ſuppoſiçaõ tudo o que o Eterno Padre faria para defender a honra, & vida de ſeu Filho, & Chriſto para defender a ſua, era oppor a cada homem oitenta Anjos; o que fez o meſmo Padre, & o meſmo Filho para defender a honra, & eſtabelecer a cõſervaçaõ do Roſario, foi meter dentro em hum ſò homem quinze mil Demonios.

15 As forças, & poder natural dos Demonios, he igual ao dos Anjos: mas porque foraõ neſte caſo, naõ Anjos, ſenaõ Demonios, os que armou, & mandou Deos em defenſa do Roſario? Porque aſſim como quiz acreditar o Roſario no deſaggravo de ſuas injurias, aſſim quiz atemorizar os homẽs no caſtigo de ſuas offenſas. Quando Dathan, & Abiron fizeraõ ſciſma no Povo, & ſe rebellàraõ contra Moyſes pela inſtituiçaõ, & publicaçaõ do Summo Sacerdocio; fallou o meſmo Moyſes ao Povo deſta maneira: Se o caſtigo, com q́ Deos caſtigar eſtes rebeldes, for algum dos caſtigos, com que ordinariamente coſtuma caſtigar os homẽs, naõ me deis credito: *Sin autem novam rem fecerit Dominus, ut aperiens terra os ſuum, deglutiat eos ::: deſcenderintque viventes in infernum; ſcietis, quòd blaſphemaverint Dominum*: porèm ſe Deos executar nelles hum caſtigo extraordinario, & tam prodigioſo, que a terra os trague, & deſçaõ vivos ao inferno, entaõ entendereis ſem duvida, que blasfemàraõ a Deos no que diſſeraõ. O meſmo ſuccedéo no noſſo caſo. Rebellouſe contra a prégaçaõ de S. Domingos aquelle Herege, diſſe mui-

Numer. 16.30.

muitas blasfemias contra a devaçaõ do Rosario, fez scisma no Povo, levou a poz sy grande parte delle: & esta foi a culpa porque Deos o castigou com hum tam extraordinario, & temeroso castigo, naõ o entregando a hum sô Demonio, mas com prodigio nũca visto, a quinze mil. Tendo comettido hũ Christaõ da Primittiva Igreja hum peccado enorme, consultou S. Paulo a Congregaçaõ dos Corinthios, donde elle era, sobre o modo, com que devia ser castigado exemplarmente para terror dos demais: & qual vos parece, que seria o castigo? Naõ o condenou â morte, como S. Pedro a Ananias, & Safira; mas com a authoridade suprema, que tinha de Christo, julgou que fosse entregue a hũ Demonio, para que vivo o atormentasse: *Congregatis vobis, & meo spiritu, cũ virtute Domini nostri Iesu, judicavi tradere hujusmodi Satanæ.* E se para atemorizar toda a Igreja cõ o castigo mais exẽplar, & tremendo, naõ se achou outro algoz mais cruel, nem se inventou outro tormento

1.Cor.5.3.4.5.

mais temeroso, que entregar hum homem a hum Demonio: q̃ temor, & horror causaría agora este, entregue por sentença do mesmo Christo a quinze mil Demonios? A circunstancia mais prodigiosa no castigo de Dathan, & Abiron, foi, que a ordem do inferno se trocasse nelles, & q̃ descesẽ ao inferno vivos, onde os outros homẽs naõ vaõ senaõ depois de mortos. E a mesma circunstancia de rigor, por outro modo naõ menos temeroso, executou a Justiça Divina neste inimigo, & perseguidor do Rosario; porque o naõ mandou a elle ao inferno, senaõ que todo o inferno entrasse nelle. Que cousa era hum homem com quinze mil Demonios dentro em sy, senaõ hum inferno vivo, naõ occulto, & invisivel no centro, senaõ publico, & manifesto sobre a face da terra? He provavel, que no inferno a cada condenado atormenta sómẽte o seu Demonio tentador, a quem obedeceo, & servio na vida. Hum homem porèm condenado a que o atormentassem quinze mil Demonios, vede, que in-

ferno

fernoseria o seu? Se os Demonios, que naõ estavaõ ociosos, repartíraõ entre sy aquelle corpo, quaes seriaõ os tormentos, que padeceria em cada minima parte? E se todos o atormentavão todo, quem poderá conceber, nem imaginar a immensidade de hum tormento diabolico, & infernal, quinze mil vezes reduplicado? Mas assim castiga Deos â vista de todo o mundo hum inimigo do Rosario, para que conheçaõ o seu estado, & temaõ, & tremaõ do seu perigo, os que o naõ rézaõ, que saõ os mudos.

16 Estou vendo porèm, que o mesmo Demonio mudo os aníma, & consola, & ainda desculpa: & que estaõ dizendo dentro em sy: Eu, posto que naõ seja devoto do Rosario, naõ o persigo, nem sou seu inimigo. Enganaisvos. A devaçaõ do Rosario naõ admitte neutralidades: se o rezais, sois amigo; se o naõ rezais, inimigo. He doutrina, & sentença, naõ menos q̃ do mesmo Christo neste mesmo Evangelho: *Qui non est mecum, contra me est*: todo o que naõ está comigo, he contra mim. Como pôde ser amigo de Christo, quem naõ quer meditar seus Mysterios? E como pôde ser devoto de sua Mây, quem a naõ quer saudar muitas vezes? Mas passemos ao segundo ponto.

Luc. 11. 23.

V.

17 A Segunda questaõ, que levãtou S. Domingos, & a outra pergunta, que fez aos Demonios, foi esta. Quaes eraõ entre todos os Christãos, os que mais se cõdenavaõ? E se dos seus companheiros, & dos de seu Irmaõ Francisco havia tambẽ alguns no inferno? Quanto â primeira parte respondéraõ a multidaõ dos Demonios na voz de hum, que fallava por todos, desta maneira: Dos nobres, dos poderosos, dos ricos, & regalados, assim homẽs, como molheres, temos grande numero: porque a soberba, a ambiçaõ, a enveja, a vaidade, o luxo, os deleites da carne, & os outros vicios, que cõ estes se acompanhaõ, em que continúaõ sem arrependimento, nem emenda até a morte, & os danos, que

fa-

fazem com ſeu poder aos pequenos, que raramente, ou nunca reſtituẽ,os levaõ quaſi todos ao inferno. Porèm da gente popular,& humilde, & dos ruſticos do campo em reſpeito deſte grande numero, ſaõ muito poucos os que ſe condenaõ; porque ainda q̃ naõ ſejaõ Sãtos, a ſua pobreza, & o trabalho de ſuas mãos, com que ſuſtentaõ a vida, & lhe leva todo o cuidado, os livraõ de muitos peccados,& dos mais graves, em que he facil a penitencia. E quãto aos teus Cõpanheiros,& de teu Irmão Franciſco, confeſſamos,que atègora nenhum temos comnoſco, mas eſperamos, por meyo de noſſas induſtrias, que pouco a pouco ſe iraõ eſquecendo de ſuas obrigaçoẽs alguns delles, & virãõ, como os demais,a noſſas mãos. Com eſta clarèza fallàraõ os Demonios para grande confuſaõ minha, & de outros, que ſobem a eſte lugar,a quem tambem tenta, & engana o Demonio mudo, pois calamos (naõ ſei porque) o que ſó deveramos dizer, & bradar: *Væ* Iſai.6.5 *mihi, quia tacui, quia vir pollutus labijs ego ſum.*

18 Em ſumma, Senhores Chriſtãos, que os grandes, os nobres, os ricos, os poderoſos,não entre os Gentios, ſenão entre nós, ſaõ os que mais ſe condenaõ. Jà nos não podemos queixar, como o Rico Avarento, de q̃ não vieſſe a eſte mũdo hum Prégador do inferno,que referiſſe o que lá paſſa, pois Deos mãdou neſta occaſiaõ quinze mil Prégadores do inferno, em confirmação do que prêgava hum Prégador da terra. Oh cegueira! Oh miſeria! Oh frieza, & eſquecimẽto da Fé! De ſorte,q̃ as grandezas, as nobrezas, as riquezas, que tanto procurão, os que ſaõ, ou dezejaõ ſer poderoſos, & o fim porque dezejaõ os meſmos poderes,eſtes ſaõ os meyos certos, por onde negoceão, & ſolicitaõ ſua condenação, os que neſte mundo ſe tem por maiores, & melhores que os demais. Os outros requerem diante delles, & elles ſaõ perpetuos requerentes do ſeu proprio inferno, & quanto mais bem deſpachados,tanto mais mofinos. Tam cegos porèm cõ

o fumo desta vaidade, & tam saboreados deste enganoso veneno, que não só vivem alegres, & contẽtes na sua miseria, & dão graças â sua fortuna; mas desprezão, & tem por vil a dos que elles com a falsa voz do mundo chamão gente de baixa condição: sendo estes, aquelles verdadeiramente Bemaventurados, a quem Christo prometiéo o Reyno do Ceo. Isto mesmo, que aqui prégáraõ os Demonios, he o que prégou, & ensinou Jesu Christo Não chamou Bemavẽturados os grãdes, senão os pequenos: não os ricos, senão os pobres: não os que rim, senão os que chorão: não os abundantes, & fartos, senão os famintos: não os que passaõ a vida em prazeres, & delicias, senão os que padecem: não os estimados, & adorados, senão os desprezados, & perseguidos. Que muito logo, que dos que em tudo seguem, amão, estimão, professaõ, & idolátrão o contrario, esteja cheio o inferno, & sejaõ muito poucos os que se salvão? Jà que não somos Christãos pela Fé de Christo, porque o não seremos ao menos pelos desenganos do Demonio?

19 Ouçamos a S. Paulo, & se queremos entender bem este ponto, entendamos, que falla comnosco: *Videte vocationem vestram, fratres, quia non multi sapientes secundùm carnem, non multi potẽtes, non multi nobiles.* I. Cor. I. 26. Escrevia S. Paulo aos Corinthios, cuja Republica na sciencia politica, na grandeza, na nobreza, na riqueza, & no luxo, & fausto dos Poderosos, competia cõ Roma, & se chamava a Roma da Grecia: & para que esta pompa exterior da fortuna os não enganasse, & desvanecesse, como costuma; mandalhe o Apostolo, que abrão os olhos, & que os ponhão: em que? Não na inconstãcia, & pouca duração de tudo o que resplandece, & parece grande no mundo, senão na sua vocação: *Videte vocationem vestram.* Ibidem. A vocação dos Corinthios era a da Fé, & do Christianismo, a q̃ Deos os tinha chamado, & elles tinhão recebido. E nesta vocação, que he o que havião de advertir, & notar? Cousa admiravel! Que não

cha-

chamára Deos a ella, nem a muitos sabios segundo a carne, que saõ os politicos, nem a muitos poderosos, nem a muitos nobres: *Quia non multi sapientes secũdùm carnẽ, non multi potẽtes, nõ multi nobiles*. Gloriẽse agora lá os poderosos, & os nobres, & desprezem os q̃ o não saõ. De todos os homẽs saõ muitos os chamados, & poucos os escolhidos: dos nobres, & poderosos não só saõ poucos os escolhidos, senão poucos os chamados: *Videte vocationem vestram, non multi potentes, non multi nobiles*. Quereis saber quam poucos saõ? Christo, Senhor nosso, como já dissemos, convertéo neste mundo quinhentos Discipulos, poucos mais: assim o diz, & os conta nesta mesma Epistola o mesmo S. Paulo: *Visus est plusquàm quingentis fratribus*: & destes quinhentos convertidos, que seguiaõ a Escola de Christo, quantos erão os nobres, & poderosos? Cousa mais admiravel ainda. Apenas achareis hum para cada cento. Hum Capitaõ, q̃ era Joseph: hum Senador, que era Nicodemus: hum Fidalgo, q́ era Lazaro: hum Regulo, que era o Cafarnaita: & para chegar a encher o numero, he necessario que entre tambem Zachéo com o seu dinheiro, que ainda naquelle tempo naõ era fidalguia. Demaneira, que da nobreza tam desvanecida, de cada cento, hum; & da plebe humilde, & desprezada, de cada cento, noventa & nove.

Ibidem.

1. Cor. 15.6.

20 E qual he a razaõ desta differença? A primeira, & mais visivel, he a q́ derão os Demonios. Porque os grandes, & poderosos tem muita materia, & muita liberdade para os vicios; os pequenos, & q̃ pouco podem, ou pouca, ou nenhũa. Donde se segue, que os grandes vão ao inferno, porque podem; & os pequenos vaõ ao Ceo, a mais naõ poder; porque se elles podéraõ, tambem haviaõ de fazer como os demais. Poder fazer mal, & não o fazer, he milagre da Graça, q́ ella faz poucas vezes: *Qui potuit transgredi, & non est transgressus: & facere mala, & non fecit. Quis est hic, & laudabimus eum? Fecit enim mirabilia in vita sua.* Assim, que os gran-

Eccles. 31.9.10

grandes vaõ ao inferno, pelas acçoẽs do que podem, & os pequenos ao Ceo, pelas omissoẽs do que naõ podem. Esta he a razaõ mais publica. A mais occulta, & mais alta, he porque esta mesma impotencia dos pequenos, & populares, he effeito da sua predestinaçaõ.

21 Seguia todo o Povo a Christo: & para impedir estes concursos, & applausos, mal sofridos de seus emulos, os Principes dos Sacerdotes, mandáraõ elles bom numero de Ministros, que fossem prender ao Senhor: foraõ, mas com successo tam encõtrado, que em vez de prenderem, ficáraõ prezos. Tornando pois sem a dezejada preza; perguntáraõlhe os Põtifices, & Fariseos: *Quare non adduxistis illum?* Porque o não prendestes? *Responderũt ministri: Nunquam sic loquutus est homo:* naõ o prẽdemos, porque o ouvimos: & nunca ouve homem, que fallasse como este. Bemdito seja Deos, que jà ouve Ministros, q́ perdoassem a hum Prégador por fallar bem! Mas eraõ Ministros inferiores. Ouçamos agora o que instáraõ, & replicáraõ os Supremos: *Nunquid & vos seducti estis? Nunquid ex Principibus aliquis credidit in eum, aut ex Pharisæis? Sed turba hæc, quæ non novit Legem.* Basta, que tãbem vós vos deixais enganar? Por vẽtura a esse homem segueo algum dos Principes, & dos Grandes? Naõ. Os que o seguem, & crem nelle, he a gẽte do Povo, baixa, & rude. Logo esse homem naõ he o Messias. Assim argumentavaõ, & inferiaõ contra Christo, como emulos, & inimigos, devendo inferir contra sy, & desenganarse como prudentes. Em semelhante caso de huns, que repudiáraõ a Christo, & outros, que abraçáraõ a sua Fé, diz S. Lucas: *Et crediderunt, quotquot erant præordinati ad vitam æternã:* & créraõ nelle, todos os que eraõ predestinados para a vida eterna. Esta he a verdadeira consequencia, que deviaõ inferir os Principes, & Grãdes da Synagoga. Nós os Principes, & Grandes, naõ aceitamos a doutrina de Christo, nem o seguimos, & o Povo sim. Logo o Povo he o pre-

Ioan. 7. 46.
Ibidem. 47. 48.
Act. 13. 48.

predestinado,& nós naõ.

22 Esta Theologia naõ será muito agradavel aos ouvidos costumados ás lizonjas alheias,& tambem â propria; mas he o mero espirito do Evangelho,& a summa de toda a doutrina de Christo. Naõ porque sempre, & necessariamente haja de ser assim; mas porque as mais vezes,& pelo cõmum da Providencia Divina, he effeito, & final da predestinação, fazer Deos pequenos,& de humilde condição,& não Grãdes,& Poderosos, aos q̃ quer salvar. E se quereis ver com os olhos a razão fundamental,& divina desta Providencia, olhai para a vida de Christo. Christo he a causa exemplar de todos os predes-
Rom.8. 29. tinados: *Quos præscivit, & prædestinavit conformes fieri imaginis Filij sui*. E qual foi o estado, q̃ Christo escolhéo neste mundo? O de pobre, o de humilde, o da condição infima, & plebea, querendo o Filho de Deos ser reputado por Filho de hũ official:
Matth. 13.55. *Fabri filius*: & ajudando a ganhar o pão com o trabalho de suas mãos,& o suor do seu rosto. Logo o que veste a samarra no monte, o que rompe a terra com o arado no campo, o que maneja a serra, ou outro instrumento mecanico no povoado, esta gente humilde, & popular, saõ os que Deos comũmente predestinou para no Ceo lhe trocar a fortuna. Vedeo nas acçoẽs,ou affectos deste mesmo Evangelho. Ouve quem admirou, ouve quẽ louvou, ouve quem blasfemou o milagre: mas quaes forão hũs, & outros? Os que blasfemáraõ, foraõ só os Grandes, & Poderosos, os Escribas, & Fariséos: os que admiráraõ, & louváraõ, todos forão do Povo. Os que admiráraõ, do Povo: *Admiratæ sunt turbæ*: os que louváraõ, ou a que louvou, do Povo: *Extollens vocem quædam mulier de turba*.

23 Oh quanto se enganou no que esperou, ou presumio de nós S. Joaõ Bautista. Não estranheis a palavra. Os Profetas erão Profetas, & Prégadores juntamente: como Profetas dizião o que havia de ser; como Prégadores diziaõ o que era bem que

fosse: & no successo disto se podião enganar. Assim se enganou comnosco o Bautista. Cuidou, que tãto que os homẽs vissem a Deos feito pequeno, não havia de haver quem quizesse ser grande, & que haviaõ de contender a quem havia de ser menor q̃ todos, assim como hoje contendem a qual ha de ser maior: *Omnis vallis implebitur: & omnis mons, & collis humiliabitur.* Tanto que Deos apparecer no mũdo tam pequeno como hum Cordeiro, como eu o hey de mostrar com o dedo, os montes, & os oiteiros se haõ de abater, & derrubar por sy mesmos, & encher os valles, & não ha de haver altos, & baixos na terra, tudo ha de ser igual. E q̃ montes, & oiteiros saõ estes? Os montes saõ os da primeira nobreza, & do primeiro poder; os oiteiros saõ os da segunda. E posto q̃ na Christandade temos exemplos de alguns, que voluntariamente se abatéraõ, os demais estão tam fóra disso, & os mesmos valles tambem: que os valles aspirão a ser oiteiros, & os oiteiros a ser montes, & os montes a ser Olimpos, & exceder as nuvẽs. Mas nem por isso estaõ mais perto do Ceo, senão muito mais longe. O Bautista disse: *Omnis mons, & collis*: fallando de todos: & por isso se enganou nas suas esperanças.

Luc. 3. 5

VI.

24 A Terceira, & ultima questaõ, q̃ excitou S. Domingos, foi pergũtar, & mãdar aos Demonios, que dissessem publicamente, se tudo o que elle prégava da devação do Rosario era verdade: & qual era no Ceo o Santo, a quem elles mais temessem, & a quem os homẽs mais se devião encõmendar, glorificar, amar, & honrar. Ouvindo esta pergunta todos os quinze mil Demonios, levantáraõ taes clamores, & fizeraõ taes allaridos, q̃ muitos dos circunstantes assombrados cahiraõ em terra de pavor, & espanto. Mas naõ foi esta só a demostração da sua grande repugnancia, & sentimento. Lançaõse aos pés do Santo, & rogaõlhe, q̃ se contente, de que lhe descubrão

cubrão aquellas cousas à parte, & só a elle em segredo, mas de nenhum modo em publico, & em presença de tanta multidão de gente. Vẽcéo porèm esta grande resistencia a Oração de S. Domingos, & por imperio da mesma Mãy de Deos forão constrãgidos os Demonios a responder, & confessar a verdade publicamẽte, & em altas vozes, que fossem ouvidas de todos.

25 Primeiramente ralvando, & mordendo muitas vezes a lingua do endemoninhado, disserão, que a maior, & mais poderosa inimiga, q́ tinhão no Ceo, era Maria a Mãy de Deos, que de lá os lãçára. Ella he (dizem) a que como luz desfaz as trevas de nossos enganos: ella a que destrue, & converte em nada todas as nossas machinas, & intentos: & se não fora pela protecção, vigilancia, & dominio, com q́ reprime nossa potẽcia, & desbarata nossas traças; jà tiveramos destruido a Christandade, & enganado, & prevertido a maior parte dos Estados da Igreja. Val mais hum suspiro, hum aceno, & qualquer significação da sua vontade diãte do trono de Deos, que as orações, & petições de todas as Gerarchias dos Anjos, & todos os Santos juntos. E pois somos forçados muito a nosso pesar a vos descubrir este segredo, sabei, Christãos, que nenhum dos que persevérão fielmente na devação, & serviço desta Senhora, se condena: porque, ou antes da morte lhe alcança verdadeira contrição, & arrependimento de seus peccados, ou ainda depois de mortos, & quando jà os temos em nossas mãos, podendo mais a sua valia que o nosso direito, os livra por varios modos de irẽ ao inferno. Assim que tudo o que vos préga, & ensina Frey Domingos, he verdade: & pela experiencia, que jà temos, vos seja notorio a todos, que nenhum devoto do Rosario, que continuar, & perseverar firmemente nesta devação da Mãy de Deos, se condenará.

26 Isto he o que disse a hũa voz toda aquella multidaõ de Demonios, os quaes, posto que sejaõ pays da mentira, & naõ mereçaõ credito;

quando porèm fallaõ mandados, & obrigados por Deos (como neste caso) naõ dizem o que voluntaria, & maliciosamente fingiriaõ, senaõ o q́ certa, & verdadeiramente he, como instrumentos, posto q́ forçados, da Verdade Divina. Quanto mais, que tudo o q́ aqui affirmáraõ, ou prégáraõ os Demonios, he conforme a Sagrada Escritura, & doutrina dos Santos. Disseraõ, que a maior inimiga, que tinhaõ, he a Virgem Maria: & esta verdade he parte da mesma sentença, que ouvíraõ da boca de Deos, quando por boca da Serpente enganáraõ os primeiros homẽs: *Inimicitias ponam inter te, & mulierem:* Genes. 3. 15. Porei inimizades entre ti, & a molher. Para a sentença ser mais rigorosa, & a execuçaõ della mais temída, parece q̃ naõ havia de dizer, entre ti, & a molher; senaõ, entre ti, & o homem. Porque naõ diz logo Deos, que porá as inimizades entre a Serpente, & o homem, senaõ entre a Serpẽte, & a molher: *Inter te, & mulierem?* Porq́ esta molher era, & havia de ser, Maria; & Maria, a Mãy de Deos, he a maior, & mais poderosa inimiga, que tem, & temem os Demonios, como elles mesmos confessaõ. Se a molher, de que fallava, fora outra, entaõ diria Deos: porei as inimizades entre ti, & o homẽ; porque os homẽs saõ, os que mataõ as serpentes, & as molheres fogem dellas. Mas esta molher, mais que homem, era tam differente das outras, & havia de ser tam temída das serpentes, & dos Demonios, como na segunda parte da sentença lhe notificou o mesmo Deos: *Tu insidiaberis calcaneo ejus. Ipsa conteret caput tuum.* Ibidem. Será tam grande o medo, q́ terás desta molher, que jà mais te atreverás contra ella de rosto a rosto. Isso quer dizer: *Insidiaberis calcaneo ejus.* Aa traiçaõ, & por silada, abrirâs, quando muito, contra ella a boca, como fazes pelas dos Hereges, mas nunca a poderâs morder: tuas seraõ as traiçoẽs, mas suas as vitorias: tu machinarás na cabeça astuta como serpente; mas ella te meterá a cabeça debaixo dos pés: *Ipsa conteret caput tuum.* Vede, se falláraõ verdade, & verdade canonica

nonica, os Demonios?

27 Disseraõ mais, que basta qualquer significaçaõ da vontade de Maria, para q̃ Deos faça prontamente quãto ella quer. Naõ fora Deos seu Filho, se assim o naõ fizera. Por isso a poz como Rainha do Ceo, da terra, & do inferno, â sua maõ direita:

Psalm. 44.10. *Astitit Regina á dextris tuis.* Entrou em Palacio Bersabé, mãy del Rey Salamaõ, & diz o Texto Sagrado, que descẽdose o Rey do seu trono, a sahio a receber com grande reverencia, & lhe mãdou pór outro trono á maõ direita,

3. Reg 2. 19. em que se assentasse: *Surrexit Rex in occursum ejus, adoravitque eam: positusque est thronus matri Regis, quæ sedit ad dexteram ejus.* Toda esta, nem mais, nem menos, he a historia da Mãy de Deos no magestoso recebimento, com q̃ entrou no Ceo, & no trono, & supremo lugar, que lá tem â maõ direita de seu Filho. E como Bersabé dissesse a Salamaõ, que tinha hũa petiçaõ que lhe fazer: que respõderia o Sapiẽtissimo Rey?

Ibid. 20. *Pete, mater mea: neque enim fas est, ut avertam faciem tuã.* Pedi, mãy minha; porq̃ não he licito, que eu vos negue cousa algũa, q̃ me pedirdes. Naõ he licito, disse o Rey mais Sabio, & maior Jurisconsulto do mundo: porque negar hum filho a sua mãy o que lhe pedisse, seria contra a Ley natural, da qual naõ estaõ izentas as maiores Magestades. E depois que Deos teve Mãy, tem tambem lugar esta regra em Deos? Tambẽ, diz S. Gregorio Nicomediẽse, fallando com a mesma Senhora: *Tuam enim gloriam Creator existimans esse propriam, & tanquam Filius ea exultans, quasi solvens debitũ implet petitiones.* Naõ se izẽta a suprema soberanía do Criador de pagar este tributo de obsequio a sua Mãy, antes se preza, & gloría tanto de fazer quanto lhe pede como Filho, que naõ despacha as suas petiçoẽs como graça, senaõ como divida: *Quasi solvens debitum implet petitiones.* Alta, & verdadeiramente ditto! Quando Deos despacha as petiçoẽs dos outros Santos, he graça, porque faz o que pôde, porq̃ quer: quando despacha as de sua Mãy, he

Greg. Nicomed. orat. de oblat. Virg. Deiparæ.

he justiça, porque faz o que não pôde deixar de querer, porque paga o que deve. E daqui infere o mesmo Santo, que os rogos de Maria para com Deos, saõ imperios, as petiçoẽs saõ decretos, as execuçoẽs obediencias: *Nihil tuæ resistit potentiæ, nihil repugnat tuis viribus, omnia cedunt tuo jussui, omnia tuo obediunt imperio, omnia tuæ potestati serviunt.* Isto he o q̃ dizem os Santos, & isto o q́ confessáraõ os Demonios.

28 Só huã cousa das q́ disseraõ, parece difficultosa: & he, affirmarem com tanta asseveraçaõ, que nenhum devoto da Virgẽ Maria, se persevera na sua devaçaõ, se cõdena. Se nos quereriaõ os Demonios enganar com esta grande confiança? He certo, & certissimo, segundo o insaciavel dezejo q̃ tem de nossa perdiçaõ, que assim o fariaõ, se podessem; mas como fallavaõ obrigados, & constrangidos por Deos, disseraõ muito a seu pesar, o que naõ podéraõ negar. Ouçamos purificado pela boca dos Santos, o mesmo que as venenozas dos Demonios vomitáraõ forçadas. Sãto Anselmo, tam devoto da Senhora, como allumiado do Ceo, diz esta sentença notavel, mas recebida, & approvada de todos os Theologos: *Sicut, ò Beatissima Virgo, omnis â te aversus, & despectus, necesse est, ut intereat: ita omnis ad te conversus, & á te respectus, impossibile est, ut pereat.* Quer dizer. Assim como todo aquelle, que se aparta de vós, ô Beatissima Virgem, & por isso se faz indigno de vossa protecçaõ, & emparo, necessariamente se condena: assim todo aquelle, que se converte a vós, & se faz digno de q̃ ponhais nelle os olhos de vossa misericordia, & piedade, impossivel he que se perca. O mesmo dizem fallando pelos mesmos termos de salvaçaõ, & condenaçaõ, entre os Padres Gregos, S. Germano, S. Efrem, S. Epifanio, & entre os Latinos, S. Pedro Damiaõ, S. Boaventura, S. Bernardo: o qual declara o modo destes dous impossiveis, com huã, naõ sò comparaçaõ, mas figura da mesma Senhora, tam elegante, como evidẽte: *Arca Noe significavit* ex-

Anselm.

D. German.

D. Efrem.

D. Epiphan.

D. Petr. Damian.

D. Bonavent.

D. Bernard. in Psalm.

Qui habitat, citat. à Salmerone tom. 6. tract. 28. *excellentiam Mariæ. Illam Noe, ut diluvium evaderet, fabricavit: istam Christus, ut humanum genus redimeret, præparavit. Per illam certo tantùm animæ salvantur: per istam omnes ad æternam vitã vocantur.* Na Arca de Noé foi significada a excellencia de Maria (diz S. Bernardo.) Aquella fabricada por Noé, esta por Christo: aquella para se salvarem então os poucos, que conserváraõ a vida temporal: esta para se salvarem depois todos os que alcanção a vida eterna. Notai agora a propriedade da semelhança, que não póde ser maior, nem mais adequada. No diluvio de Noé todos os que estiveraõ dentro na Arca, se salváraõ, & todos os que ficáraõ fóra, se perdéirão: & cõ tal necessidade de se salvar, ou perder no meyo de dous impossiveis; que nem os de fóra podião deixar de se perder, nem os de dentro podião deixar de se salvar; porque para que huns não podessem entrar, nem outros sair, tinha Deos por sy mesmo fechado a Arca. Do mesmo modo nesta tempestade universal da vida, & do mundo, em que todos fluctuamos, & tantos naufragão. Os que estão dentro na Arca, isto he, debaixo da protecçaõ de Maria, todos se salvão: os que estão fóra della, todos se perdẽ: & huã, ou outra cousa tam infallivelmente, debaixo desta supposição (a qual depende de nós) que os que se perdem, necessariamente se perdem: *Necesse est, ut intereat:* & os q̃ se salvão, impossivel he que se não salvem: *Impossibile est, ut pereat.*

29 Mas quaes, & quantos forão, os que se salvárão na Arca? Bemdita seja, & infinitamente bemdita a misericordia de Deos, & de sua Mãy! *Homines, & jumenta salvabis, Domine. Quemadmodum multiplicasti misericordiam tuam.* Psalm. 35. 7. 8. Os que se salvárão na Arca, ou erão homẽs racionaes, como Noé, & sua familia, em q̃ saõ significados os Justos, que vivem conforme a razão, & obedecem, & servem a Deos: ou erão os animaes brutos de todas as especies, hũs feros, outros venenosos, outros de rapina, em que são significados

os peccadores em todo o genero de vicios, q vivem sem freo de razão, levados só do impeto dos appetites. E todos estes se salvárão na Arca, porq debaixo da protecção de Maria (se forão tam venturosos, ou tam diligentes, que a souberão procurar) não só os Justos, senão tambem os peccadores, por mais, & maiores peccadores que sejão, todos se salvão. Isto he o que confessárão, & prégárão os Demonios. E se acrescẽtárão confirmando a doutrina de S. Domingos, q entre todos os devotos da Senhora, os que rézão o seu Rosario, são os que gozão esta soberana prerogativa cõ especial assistencia do Ceo, & respeito á mesma devação: Na mesma Arca, & no mesmo diluvio temos conta por conta as do Rosario. O diluvio diz o Texto Sagrado, que durou cẽto & sincoẽta dias: Genes. 7 24. *Obtinuerunt aquæ terram cẽtum quinquaginta diebus*: & a Arca diz o mesmo Texto, q nadou por sima dos mais altos montes quinze covados: Ibidem. 20. 18. *Quindecim cubitis altior fuit aqua super mõtes, quos operuerat: porrò Arca ferebatur super aquas.* Desorte, que a providencia da salvação, & os numeros do Rosario se ajustárão de tal fórma, que o diluvio durou cento & sincoẽta dias; & as aguas crescérão sobre os montes quinze covados, para que a Arca não tocasse em algum delles, & se perdesse, & todos os que hião nella se salvassem. E deste modo perecérão todos, & só os que estavão na Arca se salvárão: *Cuncta, in quibus spiraculum vitæ est in terra, mortua sunt. Remansit autem solus Noe, & qui cum eo erant in Arca.* Genes. 7 22. 23.

VII.

30 DEpois que os Demonios fallárão, & satisfizerão a todas as pergũtas, & prégárão aquelles tres grandes desenganos a todo o concurso dos ouvintes, que no principio erão mais de dous mil, & sempre foi crescendo; chegase S. Domingos ao Herege endemoninhado, mandalhe imperialmente q o siga em virtude do Santo Rosario. Pareceme, que estou

tou vendo, não fabulosa, mas verdadeiramente, a historia de Hercules, quando tirou por força do inferno, & trouxe atado apoz sy o Cam Cerbero de tres cabeças. O Hercules dos Catholicos, era Domingos: o Cam Cerbero, o Herege; propriamente trifauce, que por tres bocas, & com tres linguas todas blasfemas ladrava contra o Santo, contra a Santissima Virgem, & contra a devaçaõ do seu Rosario: & assim como se diz de Hercules: *Cerberũ traxit triplici catena*: assim levava o Santo prezo apoz sy aquelle Cam infernal, & a cadea era o Rosario, que saõ tres cadeas em huã, ou huã cadea de tres ramaes: *Triplici catena.* Posto o endemoninhado no meyo do auditorio, diz o Santo, & pede a todos, que para que Deos livre aquelle miseravel homẽ da multidaõ de Demonios, q̃ o atormentava, se ponhaõ todos de juelhos, & em alta voz rezẽ o Rosario. Oh prodigio! Oh caso inaudito! Oh maravilha propria, não só da Omnipotencia, mas da Sabidoria Divina, com que tudo dispoem, & executa efficaz, & ordenadamente! Tanto q̃ se rezou a primeira Ave Maria, em figura de carvoẽs acezos sahíraõ da boca do endemoninhado Cem Demonios. Rezouse a segunda, & sahiraõ outros Cento, outros Cento â terceira, outros Cẽto â quarta: & saindo desta maneira Cento a Cento a cada Ave-Maria, no ponto em que se acabáraõ de rezar as Cento & sincoẽta Ave-Marias das quinze Decadas, ficou totalmente livre o homẽ dos quinze mil Demonios, & naõ só livre no corpo, senaõ na Alma, jà desenganado, jà convertido, já allumiado, & reconhecido de seus erros, jà devoto, & devotissimo (como todos os que se acháraõ presentes ao milagre) da purissima, & poderosissima Mãy de Deos, & do seu Rosario. Oh bẽditissimo Filho de Maria, quanto honrastes, & honrais a vossa Santissima Mãy, & com quantos excessos de gloria quizestes se cũprisse nesta acçaõ a verdade daquella vossa grande promessa: *Maiora faciet?* Vós derivestesvos, &

gas-

gaſtaſtes tempo em lançar hũ ſó Demonio: *Erat Ieſus ejiciens Dæmonium*: & o nome de voſſa Mãy no meſmo momento, em que ſe pronunciava, lançava Cem Demonios; dez vezes pronunciado, mil; Cento & ſincoēta vezes pronunciado, quinze mil. E ſe o Roſario ſe pronunciára no inferno, ainda que ſejaõ tantos milhares os Demonios, que o habitaõ, cedo ficaria deſpovoado.

VIII.

31 TEnho ditto o que baſta para a admiraçaõ. E que poſſo dizer de novo pára a doutrina? A primeira couſa que digo, he, o que tantas vezes dizia, & prégava S. Paulo. Como os Demonios ſaõ eſpiritos inviſiveis, & naõ os vemos, parece q̃ nos naõ acabamos de perſuadir que ha Demonios, & q̃ perpetuamente andamos cercados delles: ſendo aſſim que porque ſaõ inviſiveis, por iſſo meſmo os devemos temer muito mais. Se hum Soldado tiveſſe arte de ſe fazer inviſivel, & entrar, & ſair, & obrar o que quizeſſe, ſem ſer viſto; eſte ſó ſe devia temer mais que os grandes exercitos: & os Demonios pelo cõtrario naõ ſaõ hum ſó contra muitos homẽs, ſenaõ muitos contra cadahum, & todos inviſiveis. Iſto he o que ſobre tudo ponderava S. Paulo: *Quoniam non eſt nobis colluctatio adverſùs carnem, & ſanguinẽ; ſed adverſùs Principes, & Poteſtates, adverſùs mundi Rectores tenebrarum harum, contra ſpiritualia nequitiæ, in cæleſtibus*. Ephеſ.6 12. Tres couſas nota o Apoſtolo neſtas palavras, todas muito para temer. A primeira, q̃ lutamos, com quem naõ tem corpo, & por iſſo com partido muito deſigual; porque elles tem por onde nos pegar, & nós naõ: *Non eſt nobis colluctatio adverſùs carnem, & ſanguinem*. A ſegunda, que nós pelejamos ás eſcuras, & elles cõ luz, porque elles vemnos a nós, & vemnos por fóra, & por dentro, & nós naõ os vemos a elles: *Adverſùs mundi Rectores tenebrarum harum*. A terceira, que nós temos os pés na terra, & elles naõ tem pés, ſenaõ azas velociſſimas, com que voaõ pelo ar, o qual

occupaõ desde a terra atè o Ceo: *Contra spiritualia nequitiæ, in cælestibus.* E se perguntarmos a razaõ, porque aquella parte dos Demonios, que naõ estaõ prezos, & aferrolhados no inferno, & permittio Deos, que ficassem cá em sima para nos tentarem, o sitio, que occupaõ, he todo o elemento do ar, quanto se estende desde a terra atè o Ceo? A razaõ he, diz S. Bernardo, porq̃ deste modo nos quizeraõ cercar, & sitiar totalmente, assim da parte, donde só nos podẽ vir, & entrar os soccorros, que he o Ceo; como da parte donde nós os podemos procurar com nossas oraçoẽs, que he a terra: *In aere esse delectantur, ut dona Dei ad nos descendere, vel nostras orationes ad Deum ferri impediant.* *D. Bernard.*

32 Que faremos nós logo, estando assim sitiados de tantos, & tam poderosos inimigos? Defendernos só, he pouco. O q̃ devemos fazer, he fortificarnos, & armarnos de tal sorte, q̃ naõ só os Demonios desesperem a vitoria, mas que nos temaõ, & fujaõ de nós: & isto só o podemos conseguir, pondonos á sombra da torre de David, de que pendem milhares de escudos, que he a Virgẽ Maria, & só dentro do recinto do seu Rosario. *Quasi Platanus exaltata sum juxta aquam in plateis:* diz a mesma Senhora fallando de sy. *Eccles. 24.19.* Cõparase ao Platano alto, fresco, copádo, & sombrio, naõ plantado só para amenidade, & delicia dentro dos jardins, senaõ fóra, & no meyo das estradas, ou ruas largas: *In plateis.* Esta distinçaõ das ruas largas âs estreitas, he da Alma Santa, quando buscava o Esposo: *Per vicos, & plateas quæram illum:* & a significaçaõ de huãs, & outras, he do mesmo Esposo Christo: *Arcta via est, quæ ducit ad vitam: lata, quæ ducit ad perditionem.* *Cant. 3. 2.* *Matth. 7.13.14.* As ruas largas, saõ aquellas por onde os máos caminhaõ ao inferno; & as estreitas, por onde os bons vaõ ao Ceo. E porque as ruas, & estradas largas saõ os lugares, onde os Demonios principalmente nos tentaõ, onde nos fazem a maior guerra, & por onde nos levaõ à perdiçaõ; esse he o motivo, & o mysterio porq̃

a Vir-

a Virgem Maria assiste, & se levanta como Platano nas mesmas estradas, para alli nos defẽder dos Demonios, & os pór em fugida. Pois como Platano para nos defender, & como Platano para pór em fugida os Demonios? Sim. Que essas saõ as virtudes, & propriedades do Pla-
Hugo Cardin. tano: *Platanus quot habet folia, tot habet scuta.* O Platano, diz Hugo, tãtos escudos tem, quantas folhas; porque esta he a fórma, que a natureza deu âs folhas do Platano: podẽdose dizer daquella arvore, ou castello verde, o q̃ se diz da torre de David: *Mil-*
Cant. 4. 4. *le clypei pendent ex ea:* & por isso figura da Virgem Sãtissima, emquanto nos defende dos Demonios. E emquanto os faz fugir, tambem Platano; porque como diz Pie-
Pierius. rio: *Platani folia arcent vespertiliones:* as mesmas folhas do Platano tem virtude de afugentar os morcegos filhos das trevas, & inimigos da luz, & por isso feios, & funestos, simbolos dos mesmos Demonios. Dos quaes affirma
D. Bernard. por experiencia S. Bernardino, que com tal extremo temem a Rainha dos Anjos, & fogem de sua presença, que a nenhum lugar, onde esta Senhora assista, se atrevem elles a chegar, nem de muito longe: *Dæmones ne de magno spatio audẽt illi appropinquare.*

33 A prova da Escritura nos dará o Princepe dos mesmos Demonios, & só elle a podéra inventar, quanto he encarecida. Christo, Senhor nosso, até a idade de trinta annos assistio sempre com sua Sãtissima Mãy, obedecendoa, & servindoa, & depois da morte de S. Joseph sustentandoa, como bom Filho, com o trabalho de suas mãos, & suor de seu rosto. Ouve em fim de sair o Divino Sol a allumiar o mundo, & para começar pelo primeiro, & mais necessario documento, ensinandonos com seu exemplo a vencer o Demonio, & suas tentaçoẽs, diz o Texto Sagrado, que se retirou a hum deserto para alli ser tentado: *Ductus est Iesus in desertum, ut tentaretur á Diabolo.* Matth. 4 1. Parece, que nem da parte de Christo para o exẽplo, nem da parte do Demonio para a tentaçaõ, se havia ella

ella de guardar para tam tarde. A idade mais sogeita, & ainda inclinada às tentaçoẽs, & a menos forte, & mais bizonha para as resistencias, he muito antes dos trinta annos. Pois porque naõ tentou o Demonio a Christo, nem Christo o buscou, ou desafiou para ser tentado nos primeiros, ou ultimos verdores da adolescencia, idade q̃ nos outros homẽs he a mais ardente, a menos desenganada, & a mais apparelhada, & prompta para ser vencida? Respondem douta, & devotamente graves Autores, que naquella idade, & em todos os annos seguintes atè os trinta assistia sẽpre o Senhor, & morava cõ sua Santissima Mãy, & debaixo da sua sogeiçaõ, & obediencia, como cõsta dos Evangelistas: & por isso o Demonio em todo este tempo naõ teve ouzadía para o tentar, nem esperança de o vencer; porque onde assiste, ou he assistida Maria, naõ sò naõ se atrevem a chegar os Demonios, mas fogem dahi muito longe: *De longo spatio non audent appropinquare*. De muito longe, digo com S. Bernardino, & o provo do mesmo Texto. Se o Demonio se naõ atrevéo a acometter a Christo, emquãto estava em casa de sua Mãy; porque o naõ acomettéo fòra della na Cidade de Nazareth, ou em outra visinha, nem Christo o buscou para ser tentado, senaõ no deserto de alèm do Jordaõ em tantas leguas de distancia? Porque conhecia o Senhor o grãde medo, que os Demonios tem ao Sagrado fortissimo de Maria; & quanto fogem, naõ sò à presença, senaõ a qualquer visinhança daquella Soberana Magestade para elles tremenda. Prevendo pois que assim como o Demonio em tantos annos se naõ attrevéo ao tentar em sua casa; tambẽ agora naõ teria ouzadía para o acometter ainda em lugar apartado, & distante, se naõ fosse muito longe della, por isso se retirou âquelle deserto, onde desacõpanhado de sua Mãy, & muito longe de sua presença, désse animo, & confiança ao Demonio de o acometter, & là podesse ser tentado, como queria: *Ductus est in desertum, ut tentaretur á Diabolo.*

34 Ainda naõ eſtá ponderado o maior encarecimento do caſo. Tenta finalmente o Demonio a Chriſto, & as palavras, por onde começou a primeira, & ſegunda tentaçaõ, foraõ: *Si Filius Dei es*: Se es Filho de Deos. Naõ ſò do jejum de quarenta dias (porque tambem Moyſés, & Elias tinhaõ jejuado outros quarẽta) mas de todas as outras circunſtãcias ſobrehumanas, q̃ Chriſto tinha obrado no deſerto, julgou o Demonio, que aquelle Homem era mais que homem, & naõ podia ſer menos que Filho de Deos promettido nas Eſcrituras. A eſte principio attribuem muitos a noticia, que o Demonio teve da Divindade de Chriſto; mas o certo, & infallivel fundamento, foi a voz do Eterno Padre, quando diſſe ſobre o Jordaõ: *Hic eſt Filius meus dilectus*: que o Demonio muito bem ouvio. Pois ſe o Demonio tenta a Chriſto, hũa, duas, & tres vezes, quãdo o reconhece Filho de Deos; como ſe naõ atreve ao tentar nem hũa ſó vez debaixo da ſogeiçaõ de ſua Mãy, & em ſua caſa, quando ſò o conſiderava Homem? Eſta meſma pergunta, ou admiraçaõ, he o maior encarecimẽto, que ſe póde dizer, nẽ imaginar, de quanto o Demonio reſpeita, foge, & teme, naõ ſò a Peſſoa, & preſença daquella molher, a que foi ſentenciado, que lhe pizaria a cabeça, mas a aſſiſtencia ſòmente, & protecçaõ dos que vivem â ſombra da meſma Senhora, & ella tem debaixo de ſua ſogeiçaõ, & emparo. Deſorte, que o meſmo Chriſto cõſiderado ſò como Homem, naõ ſe atreve o Demonio ao tentar, porque o vé acompanhado, & aſſiſtido de Maria; & depois que o reconhece por Filho de Deos, porque o vé ſò, & deſacompanhado della, naõ teme de o acometter, nem recea de o tentar, huã, & muitas vezes: como ſe fora mais formidavel ao Demonio a companhia, & aſſiſtencia ſò daquella prodigioſa molher, que a uniaõ, & preſença da meſma Divindade. Baſta, Demonio, que ao Filho de Deos, conhecido por tal, eſperas tu, & preſumes vencer; & ao Filho de Maria,

Matth. 4. 3.

Matth. 3. 17.

Maria,ſuppondo ſò que he Homem, emquanto eſtá cõ ella, naõ te atreves tentar? Mas permittio Deos, que tu o entendeſſes aſſim, para que nós entendamos, que debaixo da ſua protecçaõ, & emparo, nunca tu, nem todo o inferno nos poderá offender. Infinitas ſaõ as couſas, que ſe poderaõ dizer, & altiſſimos os penſamentos, que ſobre eſte grande paralello ſe poderaõ levãtar; mas para mim ſem nenhuã outra cõſideraçaõ baſta ſò a ſimples verdade, & certeza do ſuccedido. E qual he? He certo, que emquanto Chriſto eſteve cõ ſua Mãy, naõ o tentou o Demonio, & he certo, que depois que ſe apartou della, logo o tentou.

IX.

35 O Que pois devemos fazer para nos defender do Demonio, & ſuas tentaçoẽs, ou para que elle, & ellas fujaõ de nós, & nos temaõ; he, como dizia, recolhermonos â ſombra da Torre de David, a Virgẽ Senhora noſſa, & dentro do recinto do ſeu Roſario: porque aſſim fortificados, nenhum Demonio haverá nas tres Gerarchías do inferno, nem todos jũtos, que ſe chegarem a nos tentar, nos poſſaõ vencer. Diſſe nas tres Gerarchías; porque eſta he a fórma, em q̃ ſe repartem, como em tres Terços, todos os Demonios, & dividem entre ſy o dia natural, para q̃ em nenhuã hora delle ceſſe a bateria, com que nos combatẽ. Os primeiros chamaõſe Demonios matutinos; & a eſtes pertencem as horas da madrugada, & da manhaã: os ſegũdos chamaõſe Demonios meridianos; & a eſtes pertencem as horas do meyo dia, & de todo elle: os terceiros chamaõſe Demonios veſpertinos; & a eſtes pertencem as horas da tarde, & do reſto da noite. Vede agora a ſingular energía, & propriedade, com que a eſtes tres Terços do inferno contrapoz a Senhora os tres Terços do ſeu Roſario, dividindo na meſma fórma o dia, & reſpondendo horas a horas. Aos Demonios veſpertinos reſpondem os Myſterios da Encarnaçaõ, que foi obrada

na ultima hora da tarde. Aos Demonios meridianos respondem os Mysterios da Paixaõ, que foi obrada nas horas do meyo dia: & aos Demonios matutinos respõdem os Mysterios da Resurreiçaõ, que foi obrada na primeira hora da manhaã. E para q̃ nos naõ falte a prova da Escritura cõ as mesmas tres differenças de Demonios no mesmo dia, ouçamos o Parafraste Chaldéo sobre aquellas palavras dos Cãticos: *Donec aspiret dies, & inclinentur umbræ.*

Cant. 4. 6.

36 *Omni tempore, quo Populus domus Israel tenebat manibus suis artem Patrum suorum, fugiebant nocẽtes Spiritus tenebricosiores, & vespertini, & matutini Dæmones de medio eorum.* Quer dizer: Em todo o tempo, em que o Povo fiel da casa de Israel trazia nas maõs a arte de seus Pays, fugiaõ delles todos os máos Espiritos. E que máos Espiritos eraõ estes? *Tenebricosiores, & vespertini, & matutini Dæmones.* Eraõ os Demonios vespertinos, & os Demonios matutinos, & os Demonios meridianos. E para que ninguem duvide qual era o poder, de que temiaõ, & a virtude, que os fazia fugir, continúa assim o mesmo Parafraste: *Eò quòd maiestas Domini residebat in domo Sanctuarij, quæ ædificata est in monte Moriah, & omnes Dæmones, & nocẽtes Spiritus fugiebant ab odore incensi aromatum.* E a razaõ, diz, era; porque a Arca do Testamento residia na casa do Santuario, edificada no monte Moria, & todos os máos Espiritos, & Demonios fugiaõ do cheiro do incenso aromatico, que se offerecia, & queimava diante della. Todos sabem, que a Arca do Testamento significa a Virgem, Senhora nossa, & tambem sabẽ, que o incẽso significa a Oraçaõ, & os aromas, de que era composto, os Mysterios, que a acompanhaõ: logo toda aquella representaçaõ no Tẽplo antigo, que tambem significava a Igreja, era hũa figura profetica, ou huã profecia em figuras, de que a mesma Senhora por meyo da devaçaõ, & Oraçoẽs do seu Rosario, havia de atemorizar, dissipar, & pór em fugida os De-

Demonios, paraque se naõ atrevaõ a tentar a seus devotos, ou quando os tentem, os naõ possaõ vencer. Aos quaes devotos só digo, & acõselho, que repartindo o dia na mesma fórma, em que os Demonios o tem repartido, & applicãdo os Mysterios âs mesmas horas, em q foraõ obrados, os da Encarnaçaõ os meditem â noite, os da Paixaõ ao meyo dia, & os da Resurreiçaõ pela manhaã. Assim o fazia com o mesmo espirito, & nas mesmas horas David: *Vespere, & manè, & meridie narrabo, & annuntiabo, & axaudiet vocẽ meam*: Eu orarei, & Deos me ouvirá, â tarde, pela manhaã, & ao meyo dia: *Vesperè*, contra os Demonios vespertinos: *Manè*, contra os matutinos: *Et meridie*, contra os Demonios meridianos.

Psalm. 54.18.

37 Repartindo nesta fórma o Rosario, naõ só triumfaremos dos mesmos Demonios, mas confundiremos os baldoẽs, & blasfemias, com q̃ elles calumniaõ a Deos, lançandolhe em rosto o fazerse Homem, pela má paga que lhe daõ os homẽs. Este he o sentido daquelle verso tam encarecido, & repetido do Profeta: *Quòd exprobraverunt inimici tui, Domine, quòd exprobraverunt commutationem Christi tui.* Psalm. 88.52. Como se dissera õ os Demonios (discorre S. Cypriano.) Cyprian. Porque nós, ô Deos, naõ approvamos o decreto de vos fazeres Homẽ, nos lançastes no inferno; mas agora mostra bem a experiẽcia, quanto mais acertado foi o nosso parecer. E senaõ, olhai para as cõmutaçoẽs do vosso Christo, & vede o que elle deu, & o que recebe; o que fez, & como lhe pagaõ. E para que esta differença seja mais manifesta, comparai os poucos, que o servem a elle, & os muitos, que nos servem a nós, dizem os Demonios. Elle padecéo pobrezas, injurias, afrõtas, bofetadas, açoutes, & a mesma morte pelos homẽs; nós nenhuã cousa padecemos por elles: elle fezlhe infinitos beneficios; nós fazemoslhe todo o mal, que podemos: elle promettelhe logo, & de cõtado o Ceo para a Alma, & para depois da resurreiçaõ tambẽ lhe assegúra a gloria do corpo; nós assim

para a Alma, como para o corpo, o que lhe promettemos, & asseguramos, he o fogo, & tormentos eternos: & comtudo a sua doutrina he desprezada, & a nossa abraçada, & seguida: elle crido, mas não amado; nós naõ amados, mas obedecidos: elle servido de poucos, & como forçados; nós livre, & voluntariamente de quasi todos: elle em fim tam mal pago, & tam desigualmente correspondido, que o seu amor se paga com desamor, as suas finezas com offensas, os seus beneficios com ingratidoẽs; & nós triumfãdo, & zombãdo de quanto fez pelos homẽs, os quaes antes querem o inferno comnosco, que o Ceo com elle. Isto he o que dizem os Demonios. E conclue S. Cypriano o seu discurso, perguntandonos a nós os Christãos, que he o que respondemos a isto? *Quid ad hæc respondebimus, fratres charissimi?*

38 Naõ ha duvida, que muitos saõ obrigados a confessar, que posto que os Demonios no que arguem contra Deos, mentem impia, & blasfemamente; no que dizem de nossas ingratidoẽs, & da má paga, que damos ao amor, aos beneficios, ao sangue, & morte de Christo, fallaõ muita verdade com grãde confusaõ da Fè, & afronta do nome Christaõ. Desta porèm nos desafrontaõ gloriosamente, & os desmentem com infinitos euges todos os devotos do Rosario em todo o mundo; porque tudo o q̃ meditaõ em seus Mysterios, & tudo o que repetem em suas Oraçoẽs, saõ reconhecimentos, admiraçoẽs, louvores, & graças, pelo q̃ o Filho de Deos feito Homẽ nos amou em sua Encarnação; pelo q̃ padecéo por nós em sua Paixaõ; & pelo que nos promette, & assegúra em sua Resurreição: pagandolhe desta maneira nossos entendimentos, nossos coraçoẽs, & nossas linguas, não o que devem, mas com tudo o que podem. Confundaõse pois, & emmudeçaõ as calumnias, & blasfemias do Demonio. E assim como a Oradora do Evangelho pelo Demonio mudo que fallou, levantou a voz; assim nós pelos Demonios,

monios, que tam insolentemente fallaõ, emmudecidos; ajuntemos as nossas vozes com a sua: & digamos ao Filho de Deos em perpetuo louvor seu, & da bemditissima Māy, de quem nascéo Homem: *Beatus venter, qui te portavit.*

FINIS.

SERMAM XVII.

Extollens vocem quædam mulier de turba, dixit illi: Beatus venter, qui te portavit. Luc. 11.

I.

39 COMO naõ ha communidade tam boa, em q̃ se naõ ache algum máo, de que foi o maior escandalo Judas: assim naõ ha communidade tam má, em q̃ se não ache algũ bom, de que he o melhor exemplo esta boa molher, q̃ do meyo da turba levantou a voz em
Luc. 11. 27. louvor de Christo: *Extollens vocem quædam mulier de turba:* A molher louvou o Filho pela Mãy, & a Mãy pelo Filho: porèm a turba nem louvou o Filho, nẽ louvou a Mãy. Assim se dividíraõ em partes cõtrarias, a molher, & a turba: & assim havia de ser, para que o louvor ficasse inteiro. Antes digo, que tanto louvou a turba em naõ louvar, como a molher louvando; porque se a turba tãbem louvára, ficava o louvor desautorizado, & suspeitoso. Os louvores da turba não só saõ turbados, mas turbulentos, que tal he o seu juizo. Quereis saber, diz Seneca, o que he, não só peior, mas pessimo neste mundo? Vede o q̃ segue, & ouvi o q̃ diz a turba, & dahi fazei argumento: *Argumẽtum pessimi turba est.* Seneca. Esta he a razão, porque levantando a voz a molher discreta, não ouve huã só lingua, que a seguisse. Ou foi, por-

porque reprováraõ o que dizia, ou porque teméraõ de o approvar. Se porque o reprováraõ, foi erro; se porque teméraõ, covardía: & tudo isso he ser turba, multidão sem juizo, & sem valor.

40 Mas que tem isto cõ o meu Rosario? Muito. Porque o Rosario, ou se pôde rezar com a turba; isto he, juntamente com muitos: ou se pôde rezar como a molher; isto he, cada hum comsigo, & por sy só. No caso do Evangelho ninguem ouve naquelle confuso ajuntamento, que seguisse o exemplo, & voz da devota Oradora, que publicamente a levantou sobre todos em louvor de Christo, & sua Mãy: porèm hoje em todas as quatro partes do mundo vemos tam refutado aquelle erro, tam condenada aquella covardía, & tam emmendada aquella impiedade, que em toda a Monarchia de Portugal, & suas Conquistas, apenas ha Parochia, Cõvẽto, ou qualquer outro menor Lugar dedicado ao Culto Divino, em que todos os dias, em publicas, & altas vozes, se não cantem os louvores do mesmo Filho, & da mesma Mãy, na devação do seu Rosario. Assim succedéraõ àquella turba indevota, & impia, tantas outras turbas, ou ajuntamentos Christãos, devotos, & pios: & àquelle silencio, & murmuração infernal, tantos outros Coros celestiaes, & divinos: em que juntamente com a propagação universal da Fé se repete no mesmo Rosario a cõfissaõ dos principaes Mysterios della, não encontrados jà, & discordes entre sy, a molher, & a turba, senão concordes, & unidos na mesma devação as turbas com a molher, & a molher com as turbas.

41 Comtudo porque a devação bem entendida, & bem intencionada, não só deve pór os olhos exteriores na gloria de Deos, senão os interiores na sua maior gloria; Eu sobre as palabras, *Mulier quædam de turba*, determino hoje distinguir, & apartar, não a turba, & a molher, senão o *Quædam*, & o *Turba*. Porei de huã parte o *Quadã*, que he huã pessoa rezando só, & da outra o *Turba*, q saõ

muitos

muitos rezando juntos: & nesta differença (que parecẽdo só do modo, pertẽce muito â sustancia da Oraçaõ) disputarei em problema por hũa, & outra parte, se he mais util a nossas Almas, & mais agradavel à Senhora do Rosario, rezalo cadahum retiradamente comsigo, ou publicamente com muitos? A resoluçaõ será, a que Deos, & a mesma Senhora nos inspirarem com sua Graça.

Ave Maria: &c.

II.

Mulier quædam de turba.

42 A Mesma questaõ, q̃ eu propuz para disputar hoje, altercou jà antigamẽte em presẽça do Emperador Constantino o Grãde Doutor da Igreja Santo Athanasio: *Quid rectius putas particulatim, & dissociatim populum sináxes facere, an potius ut in locum unum conveniat, & unam, eamdemque sine dissonantia vocem reddat?* E que resolvéo Athanasio? Resolvéo, que a Oraçaõ de muitos juntamente he a que mais convem aos homẽs, & a que mais agrada a Deos: & assim o affirma, naõ como conclusaõ mais provavel, senaõ totalmente certa: *Certè id rectius est.* Antes delle tinha seguido esta mesma sentença Tertulliano; & antes de Tertulliano Santo Ignacio Martyr, & pelo mesmo tempo de Athanasio S. Joaõ Chrysostomo, & Santo Ambrosio, & depois destes muitos outros Santos, & Doutores, & entre todos o Grande Lume da Igreja Santo Thomás, o qual não duvidou dizer, q̃ a Oraçaõ de muitos he impossivel, que naõ alcance de Deos tudo o que se pôde impetrar: *Multorum preces impossibile est, quòd non impetrent illud, quod est impetrabile.*

Athanas. in Apologet. ad Cõstant.

D. Thomas 2. 2. q. 83.

43 Passando dos Doutores âs Escrituras Sagradas, & fazendo a comparaçaõ expressamente de hum a muitos; S. Paulo na Epistola aos Filippenses se emmcomenda nas suas Oraçoẽs, & diz, que sabe de certo, que por ellas lhe concederá Deos tudo o que mais conveniente for â sua saude, assim temporal, como espiritual: *Scio quia hoc mihi*

Philip. 1. 19.

mihi proveniet ad salutem, per vestram orationem. E na Epistola segunda aos Corinthios lhes dá as graças, & pede, que elles as dẽ a Deos pelos grãdes perigos, de que o tem livrado por suas Oraçoẽs: acrescentando, que por ellas o livrarâ tambem de outros muitos, q̃ ainda o aguardaõ:
2 Cor. 1. 10. 11. *Qui de tantis periculis nos eripuit, & eruit: in quem speramus, quoniam & adhuc eripiet, adjuvantibus & vobis in oratione pro nobis.* E na Epistola aos Romanos os roga instãtissimamente, & protesta, que por amor de Jesu Christo, & pela charidade do Espirito Santo, o ajudem diante de Deos cõ suas Oraçoẽs: *Obse-*
Rom. 15. 30. *cro vos, fratres, per Dominum nostrum Iesum Christum, & per charitatem Sancti Spiritus, ut adjuvetis me in orationibus vestris pro me ad Deũ.* Estes tres Textos tam notaveis, quando não ouvera outros na Escritura Sagrada, bastavaõ, naõ só para fé, & credito, mas para hum singularissimo encarecimento, de quanto valem diante do acatamento divino, & quanto importaõ, não só a quaesquer homẽs, senaõ ainda aos maiores Santos, & âs mais altas, & firmes Colunas da Igreja, as Oraçoẽs de muitos; pois o mesmo Vaso da eleiçaõ, o mesmo Apostolo do terceiro Ceo, & o mesmo Paulo, por amor do qual desceo o Filho de Deos segunda vez do Ceo á terra, não se fiando só das suas Oraçoẽs, as pede tam repetidamente a tantos, & a elles confessa dever quãto tem alcançado, & espera alcançar de Deos. Isto só bastava, como digo, para encarecimento de quanto pòdem cõ Deos as Oraçoẽs de muitos: mas ainda no mesmo Apostolo temos outro encarecimento maior.

44 Pedio S. Paulo a Deos, que o livrasse de certas molestias do Demonio, que ainda não está averiguado quaes fossem, & não só pedio, mas rogou, que he mais, nem só rogou huã vez, senão muitas: *Propter quod ter Dominum rogavi*: & comtudo, nem as 2. Cor. 12. 8.
suas petiçoẽs, nẽ os seus rogos, nem as suas instancias alcançáraõ de Deos o que pertendia. Pois se Paulo não alcança de Deos por suas Ora-

çoẽs

çoẽs o que pede, porque espera de o alcançar pelas Orações dos Romanos, dos Corinthios, & dos Filippenses, que eraõ hũs homẽs seus discipulos, que elle pouco antes tinha convertido à Fé? E se S. Paulo se fundava na experiencia das mercés, que tinha alcançado por meyo das suas Oraçoẽs, como elle mesmo cõfessa, & lhe agradece, aqui se reforça muito mais a duvida. He possivel, que ouve Deos aos discipulos, & naõ ouve ao Mestre? Defere âs Oraçoẽs dos q̃ hontem eraõ Gentios, & não defere âs Oraçoẽs do Doutor das Gentes? Sim. E porque? Porque esses mesmos discipulos quãdo oravaõ em Roma, em Philippos, & em Corintho, oravaõ muitos jũtos; & Paulo, quando fazia aquella sua Oraçaõ, orava só. E he tanto mais poderosa diante de Deos a Oraçaõ de muitos, q̃ a Oraçaõ de hum só; que ainda que a Oração do que ora só, seja de hum S. Paulo, & a oração dos q̃ oraõ juntos seja dos que hontem eraõ Gẽtios, & hoje começão a ser Christaõs; a Oraçaõ destes alcançará o que pede, porque saõ muitos, & a Oração de Paulo naõ, porque he só hum. O mesmo S. Paulo o declarou assim aos Corinthios, acrescentando ao Texto, que jà referi, que elle era huã só pessoa, mas elles muitas: *Ut ex multorum personis, ejus quæ in nobis est donationis, per multos gratiæ agantur pro nobis.* 2.Cor.1. 11.

45 E porque esta razaõ de differença não pareça difficultosa, vejamola em outro amor, & merecimento, que só pôde competir com o de S. Paulo. Na manhaã da Resurreiçaõ quando a Madalena, debaixo dos disfarces, em que lhe tinha apparecido, reconhecéo o seu Divino Mestre, quizse lançar aos pès, onde tambem ella tinha resuscitado, & o Senhor lhe impedio este affecto, posto q̃ tam devido, dizendo: *Noli me tãgere, nondum enim ascendi ad Patrem meũ:* naõ me toques, porque ainda naõ subi a meu Padre. Ioan.20 17. As exposiçoẽs, que deraõ a estas palvras os Santos Padres, & Interpretes, saõ quasi tãtas como os mesmos Autores: mas todas ellas padecem huã manifesta instancia:

cia: porque dallí a poucas horas, vindo a mesma Madalena juntamente com as outras Marias, o mesmo Senhor lhes consentio, que se lãçassem a seus sagrados pés, & os abraçassem apertadamente: *Illæ autem accesserunt, & tenuerunt pedes ejus.* Pois se agora permitte Christo, & concede â Madalena, & às outras Marias, que se lancem a seus pés, & lhos abracem; porque prohibio tam severamente à mesma Madalena q̃ lhos tocasse: *Noli me tangere*? A razão, que o Senhor lhe tinha dado desta prohibiçaõ, *Nondum enim ascendi ad Patrem meum*, ainda era, & subsistia a mesma; porque Christo nem tinha subido, nem havia de subir ao Padre, senaõ dalli a quarenta dias. Pois se â Madalena se negou este favor, & por esta causa; porque razão agora subsistindo a mesma causa, se concede o mesmo favor a ella, & âs demais tam facil, & tam liberalmente? Porque agora as devotas molheres erão muitas, & dantes a Madalena, ainda que devotissima, era huã sò. A Madalena quando sò, nem era menos amante, nem menos amada de Christo (como tambem S. Paulo;) mas para o mesmo Christo conceder o que delle se espera, não importa tanto o amar, ou merecer muito, quanto o serem muitos os que o procuraõ. Por isso a mesma razaõ, que bastou para se negar o favor a huã, depois que junta com as demais foraõ muitas, nem bastou, nem foi razaõ, nem o Senhor se valéo della. E isto, que â Madalena succedéo cõ os seus affectos, he o mesmo que S. Paulo exprimentou, & confessou das suas Oraçoẽs.

Matth. 28.9.

46 Mas o caso, que agora ponderarei, he sobre todos admiravel, & não em outrẽ, senão no mesmo Christo. Quando este Senhor se retirou ao Horto para orar a seu Eterno Padre, encommẽdou muito aos tres mais amados Discipulos, q̃ daquella pouca distancia, em que se apartava delles, o acompanhassem: *Sustinete hîc, & vigilate mecum.* Matth. 26.38. E porque quiz, & ordenou Christo, que indo orar ao Padre, o assistissem, & acompanhassẽ estes Discipulos? Sem du-

duvida porq́ quiz o Senhor confirmar com o exemplo, o que tinha enſinado com a doutrina, quãdo nos promettéo, que ſe dous, ou tres ſe uniſſem a pedir a Deos algũa couſa, ſeu Padre lha concederia infallivelmente. Demaneira, que atè o meſmo Filho de Deos para impetrar de ſeu Pay o que pedia, não quiz q̃ foſſe a ſua Oração ſò ſua, ſenaõ acompanhada de outras. Com eſta prevenção começou o Senhor a orar: *Pater mi, ſi poſſibile eſt, tranſeat â me calix iſte*: Se he poſſivel, Pay meu, paſſe de mim eſte calix. E porque diſſe, ſe he poſſivel? Agora nos devemos lembrar do que referimos de Santo Thomás, que he impoſſivel naõ impetrar de Deos a Oraçaõ de muitos tudo o que he poſſivel. E como a Oração de Chriſto naquelle caſo era ſua, & mais dos Diſcipulos, a quem encommendou o acõpanhaſſem nella; por iſſo allegou a condição do poſſivel: *Si poſſibile eſt*: porque ſendo a ſua Oraçaõ de muitos, naõ lhe podia o Padre negar tudo o que foſſe poſſivel: *Multorum preces impoſſibile eſt, quòd non impetrent illud, quod eſt impetrabile.*

Ibidem. 39.

47 Atèqui bem fundadas eſperãças tinha o Senhor de impetrar o que pedia. Porèm como exprimẽtaſſe, que orando huã, duas, & tres vezes, o Pay naõ deferia â ſua petiçaõ; quantas vezes orou, & naõ foi ouvido, outras tãtas ſe levantou da Oração, & veio ver ſe o acõpanhavaõ, & aſſiſtiaõ nella os Diſcipulos, como lhe tinha encarregado. E porque? Porque inferio o meſmo Senhor ſegũdo a verdade da ſua promeſſa, que ſuppoſto naõ deferir o Pay â ſua Oração, era ſinal que o não acõpanhavaõ nella, os que tinha eſcolhido por companheiros. E aſſim foi; porque ſempre os achou, não orando, ſenaõ dormindo: *Invénit eos dormientes.* *Ibidem. 43.* Reparai agora em duas grandes cõſideraçoẽs, hũa da parte de Chriſto, & outra da parte do Padre. Da parte de Chriſto, que achando os Diſcipulos dormindo, os exhortou a que vigiaſſem, & oraſſem com elle: *Sic non potuiſtis unâ horâ vigilare mecum?* 40.

Vi-

41. *Vigilate, & orate.* Da parte do Padre, que não obstantes estas recommendaçoẽs, & serem os Discipulos os q̃ mais obrigados eraõ, & mais amavaõ a seu Mestre, permitisse comtudo que todos dormissem, & não orassem. Porque razaõ pois faz Christo tantas diligencias, para que vigiem, & orem, os que tinha escolhido por companheiros de sua Oração: & porque razaõ o Padre pelo contrario lhes in-
43. funde hum tal letargo: *Erant enim oculi eorum gravati:* para que não vigiem, nem orẽ? Assim Christo, como o Padre, ambos obravão direitamente ao fim cadahum de seus intentos. Christo obrou como quem dezejava, & pedia; & o Padre como quem tinha decretado de não conceder. Christo como quem dezejava, & pedia, procurava, que os Discipulos orassem juntamente com elle, tendo por certo, q̃ se a sua Oraçaõ fosse de muitos, naõ podia o Padre negar o que se pedisse: & pelo contrario, o Padre como quem tinha decretado de não conceder, impedia, q̃ elles orassem; porque sendo a Oração, não de muitos, senão de hũ sò, ainda que fosse seu proprio Filho, lhe ficava livre o negar, como com effeito negou.

48 Pareciame a mim, que este era o maior encarecimento de quãto pôde com Deos a Oração de muitos; mas ainda em certo modo nos resta por ver outro maior. Tendo Deos concedido tantas licenças ao Demonio contra Job, disse ao mesmo Job, que jà naõ havia de cõceder ao Demonio cousa algũa que lhe pedisse, por mais bem compostas, & efficazes q̃ fossem as palavras, com que lho propuzesse: *Non parcam* Iob. 41. *ei, & verbis potentibus, & ad* 3. *deprecandum compositis.* Passemos agora ao Evangelho, & acharemos, que pedindo os Demonios a Christo duas cousas, ambas lhe concedéo. Lançandoos do corpo de hũ endemoninhado, rogáraõlhe, que os não mandasse para o inferno: *Rogabant illum, ne* Luc. 8. *imperaret illis, ut in abyssum* 31. *irent:* & o Senhor lhes concedéo, que ficassem embora neste mundo. Rogáraõlhe mais, que lhes permitisse en-

trar em grande multidaõ de animaes immundos, que passavão por aquelles campos:
Ibidem. 32. *Et rogabant eum, ut permitteret eis in illos ingredi:* & tãbem lho concedéo: *Et per-*
Ibidem. 32. *misit illis.* Pois se Deos tinha promettido a Job, que naõ havia de conceder ao Demonio cousa algũa, que lhe pedisse, como agora fazẽdolhe duas petiçoẽs, lhe concede ambas? Leamos bem todo o Texto, & acharemos a razaõ da differẽça. Pergũtou Christo ao Demonio, que atormentava este endemoninhado, como se chamava? E elle
Marc. 5. 9. respondéo: *Legio mihi nomen est, quia multi sumus*: chamome Legiaõ, porque não sou hum sò Demonio, mas somos muitos. E como estes Demonios eraõ muitos, & o de Job era hum sò, por isso ao de Job promettéo o mesmo Senhor, que lhe não havia de conceder cousa algũa, que lhe pedisse, & a estes concedéo o que pediaõ. Tanto pôdem com Deos os rogos de
D. Antiochus citat. à Cap. in Ionam. muitos, que ainda aos mesmos Demonios não nega Christo o que lhe pedem. *Dæmones ipsi, cùm Dominum obsecrant, suâ petitione fraudati non sunt:* disse excellentemẽte Santo Antiocho. E se lermos attentamente a consequencia de ambos os Textos, assim de S Marcos, como de S. Lucas, acharemos, que a confiança, que os Demonios tiveraõ para esperar, que o Senhor lhes havia de conceder o que pediaõ, foi fundada em serem muitos. S. Marcos: *Legio mihi nomen est, quia* Ibid. 9.
multi sumus. Et deprecabatur eum. S. Lucas: *Intraverãt* Luc. 8. 30.
Dæmonia multa in eum. Et rogabant illum. E se atè aos Demonios, quando saõ muitos os que o rogaõ, lhe concede Deos suas petiçoẽs: como as não concederá aos devotos do Rosario, que juntos, & cõ tanto exemplo, & piedade, o rézaõ nas nossas Igrejas?

III.

49 MAS antes que deixemos esta primeira parte do nosso problema, & a demos por bastantemente provada, vamos às razoẽs della. Qual he a razaõ, ou razoẽs, porque tem tanto valor, & poder com Deos a Ora-

Oração de muitos? Muitas, & varias saõ, as que deraõ os Santos Padres, & todas, por suas, & por sy mesmas, dignas de se não passarem em silencio. S. Joaõ Chrysostomo funda esta differença na mesma calidade natural da voz, & das vozes. Ainda que as vozes sejaõ igualmente intensas, se a voz he huã só, ouvese pouco; se saõ muitas, ouvemse muito: & por isso, ainda naturalmente, ouve Deos mais as vozes, & Oraçoẽs de muitos, que a voz de hũ só: *Longè magis eam orationem, quæ ex ore multorum valere consentaneum est: plus enim nervorum in ea est, & audientia maior.* Desta razão, que parece vulgar, passa o mesmo Santo a outra muito mais alta, & encarecida, & diz assim: *Reveretur Deus multitudinem unanimem, & consentientem in precando: ut veluti pudore victus, non audeat illis negare.* Sabeis porque pôde tanto com Deos a Oração de muitos? He porque à multidão dos que oraõ se deve tam grande respeito, que atè a mesma Magestade Divina a reverencêa: *Reveretur Deus multitudinem unanimem, & consentientem in precando.* E he tal a força desta reverencia em Deos, que por isso naõ ouza, nem se atreve a negar cousa algũa, quando saõ muitos os que lha pedem: tanto assim (notai, ou não noteis a palavra) tanto assim, que quando Deos o não fizera por vontade, o faria por vergonha: *Ut veluti pudore victus, non audeat illis negare.*

Chrysost. homil. 3. de incomprehensib. Dei natura.

50. Santo Athanasio, nas palavras, que jà citámos, *Particulatim, & Dissociatim*, diz, que a razão he, porque a Oração, que cadahum faz em particular, vai desacompanhada, & a que faz juntamẽte com muitos, leva comsigo o acompanhamẽto de todos. Cà nas Cortes da terra, se o Requerente he sò, & vai sò, acha grandes difficuldades em ser admittido; mas se vai com grande acompanhamẽto, todas as entradas tẽ muito francas. E quasi este mesmo he o estilo do Ceo. Se a Oraçaõ vai acompanhada de muitos, sempre tem as portas abertas; mas se vai sò, & desacompanhada, naõ acha a entrada

Athanas. supra.

trada tam facil. A isto aludia certezaãmente David, quando dizia a Deos huã vez: *Intret in conspectu tuo oratio mea*: & outra vez: *Intret postulatio mea in conspectu tuo.* Como se dissera: A Oraçaõ, Senhor, que vos faço, he sò minha: *Oratio mea*: & a petiçaõ tambem sò minha: *Postulatio mea*: & como seja de hũ sò, & não de muitos, o favor particular, que espero de vossa piedade, & grandeza, he, q̃ sem embargo de ir sò, & desacompanhada, se lhe não negue a entrada a vosso conspecto: *Intret oratio mea. Intret postulatio mea in conspectu tuo.* E isto he o que chama Santo Athanasio, *Particulatim, & Dissociatim.*

Psalm. 87.3. Psalm. 118. 170.

51 Tertulliano à Africana vai por outro rumo. Responde aos Gentios, que estranhavaõ aos Christaõs orarem juntos nas suas Cõgregaçoẽs: & diz assim pomposamente: *Coimus in cœtum, & congregationem, ut Deum quasi manu facta precationibus ambiamus orantes. Hæc vis Deo grata est.* Concorremos os Christaõs, & cõgregamonos a orar todos juntos, como de maõ armada, & deste modo sitiamos, & pomos de cerco a Deos com nossas Oraçoẽs: para que apertado de todas as partes, não tenha, nem lhe fique lugar de resistir a ellas, & como obrigado por força, nos conceda quanto lhe pedimos. E sabei, que esta mesma, que parece força, & violencia, he muito aceita, & agradavel ao nosso Deos: *Hæc vis Deo grata est.*

Tertull. de Oration. Dominica, & in Apolog.

52 Santo Thomás, como tam singular no engenho, & na doutrina, dá outra razão tambẽ singular: *Multi enim minimi, dum congregantur, fiunt magni.* Póde tanto com Deos a Oraçaõ de muitos, porque ainda que cadahum dos que oraõ por sy mesmo, & por sy sò, seja pequeno, quando se ajunta cõ os demais, fazse grande. Se naõ dera esta razaõ hum tam grande Theologo, & Filosofo, como Santo Thomás, naõ me admirára tanto, quanto parece difficultosa de se entender. A uniaõ de muitos juntamente congregados faz numero, & multidaõ, mas naõ faz grandeza. Como diz logo o Doutor Angelico, q̃ jun-

D. Thomas citat.

juntos em Oração os pequenos, ainda que sejaõ minimos, se fazem grandes? Para se fazerem grandes os pequenos, he necessario que cresçaõ: & como podem crescer, sò porque elles se ajũtaõ aos demais, ou os demais a elles? Entendo, que entendéo Santo Thomás, que crescem *per juxta positionem*. Os homẽs, os brutos, as arvores crescẽ, porque tem vida vegetativa: as pedras não tem vida vegetativa, & tambem crescem: mas como? Dizem os Filosofos, que *per juxta positionem*, convertendo cadahuã em sy, & acrescentando a sy o que tem junto de sy. E isto mesmo he o que faz a uniaõ reciproca dos que oraõ, quãdo oraõ muitos juntos: *Multi enim minimi, dum congregantur, fiunt magni.*

53 Em hũ facho composto de muitas canas, quando arde, se vé o mesmo, porque cadahuã arde com o seu fogo, & com o das outras. E esta he a razão, que dá S. Vicente Ferrer, para ser mais forte, & mais poderosa a Oração de muitos, & levantar ao Ceo, & a Deos mais fervorosa, & maior labareda: *Ideo congregamur, ut inflammemur, & oratio ascendat ad Deum.* Finalmente, a grande misericordia de Deos he huã multidaõ de misericordias: *Secundùm magnam misericordiam tuam: & secundùm multitudinem miserationum tuarum*: & para a multidaõ das misericordias se rẽder às nossas Oraçoẽs, necessario he, q̃ tambem as Oraçoẽs sejaõ da multidaõ. Quanto mais, que do mesmo Deos diz Isaias: *Quoniam multus est ad ignoscendum.* E se Deos para perdoar, & fazer mercés, he muitos, ou muito: *Quoniam multus est*: bem se deixa ver, que sò os muitos podem ter proporçaõ com o muito, & quanto valerâõ para com elle as Oraçoẽs, & Deprecaçoẽs dos muitos.

S. Vinc. Ferrer Sermon. in 5. Domin. post Trinitat.

Psalm. 50. 3.

Isai. 55. 7.

54 De tudo isto colhe por conclusaõ S. Chrysostomo; que concorrerẽ os Fieis à Igreja, para alli orarem jũtos, como se faz no Rosario, não sò he o melhor, & mais conveniente modo de orar, senão q̃ o contrario he grande erro: *O frigidam excusationem, quam à pluribus reddi* *Chrysost. citat.*

 audio!

audio: Orare domi possumus. Te, Homo, decipis, & magno in errore versaris. Escuzaõse muitos (diz o Santo) de vir orar à Igreja, dizendo, que tambem podem orar em sua casa, & esta escusa he muito fria, & muito errada, com q̃ o Homẽ se engana a sy mesmo. E porque? *Nam etsi domi quoque detur orandi facultas, tamen fieri non potest, ut domi tam bene ores, quàm in Ecclesia, ubi clamor felici societate excitatus ad Deum defertur:* porque ainda que cadahum possa orar em sua casa, he certo, que nem orará taõ bem, nem com tanto merecimento, & fruto; porque lhe falta a felice companhia de muitos juntos, com que as vozes da Oração de todos se excitaõ mais altamẽte, & sobem mais promptamente a Deos. E isto baste quanto à primeira parte da nossa questaõ.

IIII.

55 ENtrando na segunda, seja o primeiro fundamento della o conselho do Doutor de todos os Doutores, & do Mestre de todos os Mestres, Christo, Senhor, & Deos nosso: *Tu autẽ cùm oraveris, intra in cubiculum tuum, & clauso ostio, ora Patrem tuum in abscondito:* Matth. 6.6. Tu quando quizeres orar, entra no apozento mais retirado de tua casa, & cõ a porta cerrada ora em secreto a teu Padre. *Tu cum oraveris.* Tu, diz, & naõ vós: porque o que ora, ha de ser hum sò, & não muitos: *Intra in cubiculum tuum:* entra no apozẽto mais retirado; porque ainda que seja na propria casa, não ha de ser em lugar publico: *Et clauso ostio:* & com a porta cerrada, para não ver, nem ser visto de quem o divirta. Finalmente, *Ora Patrẽ tuum in abscondito:* ora a Deos em segredo; porque elle ouve mais os coraçoẽs, que as vozes.

56 Isto he o que Christo nos ensinou de palavra, & parece que o não podia ensinar por obra, porque desdo dia, em que entrou neste mũdo, não teve casa, & muito menos apartamento retirado nella, onde se recolher a orar. Comtudo saõ, não sò muitos,

tos, mas continuos os exemplos, que o mesmo Senhor nos deixou deste retiro, & desta soledade, orando sempre retirado, & sempre sò. Os retiros de quem não tem casa, saõ os desertos. Naõ professava Christo vida eremitica; mas comtudo se nas Cidades vivia, nos desertos orava: nas Cidades tratava com os homẽs, nos desertos com Deos. Depois de obrar em Cafarnaû infinitos milagres, para que não bastou o dia,
Marc.1. 35. senaõ parte da noite: *Egressus*, diz S. Marcos, *abijt in desertum locum, ibique orabat.* Depois de dar de comer cõ sinco paẽs aos sinco mil, que
Matth. 14.23. o seguiaõ: *Dimissâ turbâ*, diz S. Mattheos, *ascendit in montem solus orare.* Antes de perguntar aos Discipulos qual fosse a opiniaõ, que delle ti-
Luc. 9. 18. nhaõ os homẽs: *Et factũ est*, diz S. Lucas, *cum solus esset orans.* E antes da Transfiguração; diz o mesmo Evange-
Ibidem. 28. lista: *Ascendit in montem, ut oraret.* Em summa, q̃ quando não era algũa Oraçaõ breve, em caso publico, & forçoso, sempre Christo orava sò, & sempre em lugar secreto, & retirado.

57 Mas isto mesmo, mais interiormente considerado, naõ carece de difficuldade. Porque assim o retiro do lugar, como a soledade da Pessoa, ainda emquanto Homem, parece que encontra muito as soberanas perfeiçoẽs de Christo. Quando Moysés orava no monte, Josué pelejava na campanha: quando Maria contemplava aos pés de Christo, Martha ministrava o que era necessario para a mesa: & porque? Porque segundo a limitaçaõ da natureza humana, as acçoẽs da vida activa encontraõ muito as attençoẽs da contemplativa, & porque no mesmo sujeito, & no mesmo tempo muy difficultosamente se compadecem, & cõcordaõ estas duas obras, ou estes dous cuidados juntos; por isso a Oraçaõ, & as armas se dividem entre Josué, & Moysés, & a contemplaçaõ, & a acçaõ entre Martha, & Maria. Porèm em Christo naõ era assim. Tanto podia contemplar no meyo dos maiores concursos de Jerusalem, como no retiro dos montes,

& na ſoledade dos deſertos. E naõ ſò podia, mas com effeito aſſim obrava. Dos noſſos Anjos da guarda diz o meſmo Chriſto, que *Semper* Matth. 18 10. *vident faciem Patris.* Pois ſe os Anjos ſempre eſtaõ vendo, & contemplando a Deos, & no meſmo tempo aſſiſtindo a todas as acçoẽs dos homẽs: quanto mais a Alma de Chriſto, a qual poſto que era da meſma eſpecie que as noſſas, nos dotes, & perfeiçoẽs excedia com ſuperioridade quaſi infinita as de todos os Eſpiritos Angelicos. Quando prégava, quando obrava os milagres, & quando padecia os trabalhos, & os tormentos, ſempre, & no meſmo tempo contẽplava o Senhor, & orava juntamente, ſem que as acçoẽs exteriores impediſſem a Oraçaõ, nem a Oraçaõ as acçoẽs exteriores. Mas ſe iſto era aſſim; porque ſe retirava aos montes, & aos deſertos, & naõ ſò deixava, mas fugia da companhia dos homẽs para orar ſò: *Fugit* :::: Ioan. 6. 15. *in montem ipſe ſolus*? Porque ainda que o ſeu retiro naõ era neceſſario â ſua Oraçaõ, a ſua Oraçaõ, & o ſeu retiro era neceſſario ao noſſo exemplo. Obrava aſſim, para nos enſinar a obrar aſſim. Orava, para que oraſſemos, & retiravaſe, para que nos retiremos: & orava retirado, & ſò, para q̃ entendamos, que o orar ſò, & não juntamente cõ muitos, he o mais agradavel a Deos, & o mais conveniente aos homẽs.

58 Nem cuide alguem, que por ſer hum ſò, o que ora, por iſſo ſeraõ menos poderoſas com Deos as ſuas Oraçoẽs. Se as Oraçoẽs de muitos, por ſerem muitos, cercaõ, & apertaõ a Deos, & quaſi o obrigaõ por força, a que conceda quanto lhe pedem, como dizia Tertulliano: *Ut Deum quaſi manu facta precationibus ambiamus orantes*: vede quanto mais apertaõ, & mais fortemente prendem ao meſmo Deos as Oraçoẽs de hum ſò. Voltando Jacob para a patria com tam numeroſa familia, que ſe dividia em duas grandes tropas: *Cum duabus turmis*: Gen. 32. 10. diz o Texto Sagrado q̃ mandou paſſar diante todos os q̃ levava comſigo, & elle ſe deixou ficar ſò no deſerto: *Traductis*

Ibidem. 23. *ductis omnibus, quæ ad se pertinebant, mansit solus.* Dá a razaõ Oleastro, & diz com a sentença commum de todos os Padres, que foi para tratar sò por sò com Deos, & orar
Oleaster, ibi. sem impedimento: *Quia oratio requirit locum secretum, & qui orat, debet requirere secretiora loca, ubi nemo eum possit impedire.* Este foi o fim, porque Jacob se deixou ficar sò, que he tudo o que atègora temos dito. Mas qual foi o effeito? Qual nunca jà mais se vio, nem se podia imagi-
Genes. 32.24. nar: *Et ecce vir luctabatur cũ eo.* No mesmo ponto, diz o Texto, appareceo Deos alli em fórma humana, & começou a lutar com Jacob. Pois porque Jacob se retira de toda a sua familia, & se deixa ficar em hum deserto para orar sem impedimento, & tratar sò por sò com Deos: Deos como se fora provocado a desafio, em vez de lhe lançar os braços por agradecimento da fineza, se poem a lutar com elle? Sim: & por isso mesmo. Porque a Oraçaõ he huã batalha de abraços, em que o homem por huã parte se abraça cõ Deos, & por outra luta com elle para o render, a que lhe conceda quanto dezeja, & pede. E neste caso foi Deos o Autor, ou Aggressor da luta, sendo elle o que lhe deu o principio: para mostrar quanto pôde com a Magestade Divina a Oração de hum homem, quando se retira de todos, & de tudo, para orar sem estorvo, & tratar sò por sò com Deos.

59 Mas que foi o que fez Jacob, & o que pode nesta luta? Agora se segue o que nem imaginar se podia. Pode tanto; que arcando Deos cõ elle, elle tambem arcou cõ Deos: *Luctabatur cum eo*: pode tanto; q̃ o naõ pode Deos derrubar, nem cançar, nem enfraquecer em huã noite inteira: *Usque manè*: pode tanto; que obrigou ao mesmo Ibid. Deos a que desenganado de o naõ poder rẽder, lhe pedisse partido: *Dimitte me*: pode Ibidem. 26. tanto; que elle Jacob como superior na batalha foi o que poz a Deos as condiçoẽs da tregua: *Non dimittam te, nisi benedixeris mihi*: pode tan- Genes. 32.26. to; que effectivamente conseguio de Deos, & logo, &

no meſmo lugar, quanto delle pertendéo: *Et benedixit ei in eodem loco.* Finalmente pode tanto; que com vitoria, & triumfo nunca imaginado, o meſmo Deos ſe confeſſou por vencido, & a Jacob por invencivel: *Si contra Deũ fortis fuiſti, quanto magis contra homines prævalebis?* Que dirâõ agora os que tanto encarecem a Oraçaõ de muitos juntos? Tudo iſto, que naõ poderiaõ conſeguir todos os homẽs do mundo, pode hum homem ſò, & ſò; porque ſoube orar ſò, & retirado dos homẽs: *Traductis omnibus, quæ ad ſe pertinebant, manſit ſolus.*

Ibidem. 29.

Ibid. 28

60 E quanto a ſerem melhor ouvidas as vozes de muitos, a que S. Chryſoſtomo chamou *audientia maior*; a meſma palavra audiencia nos abre as portas â evidente razaõ, & differença, porque a Oração de hum ſò he melhor ouvida de Deos. Os Principes daõ dous generos de audiencia, huã géral, & publica, outra particular, & ſecreta. A géral, & publica pertẽce à Mageſtade, & à Juſtiça; a particular, & ſecreta he propria da familiaridade, & do favor: a géral, & publica he para todos; a particular, & ſecreta, he ſò para os privados, & valídos, que gozaõ os privilegios da graça, & ſaõ participantes dos arcanos do Principe. E tal he a grata, & interior audiencia, em que Deos ouve, & ſe communica aos que na Oraçaõ ſecreta, & retirada, trataõ ſò por ſò com elle. Que valído ha, que naõ poſſa mais com o Rey em huã hora do gabinete, que todos os vaſſallos da Monarchia, ainda juntos em Cortes? Joſeph ſò, podia mais cõ Faraó, que todos os Conſelheiros, & Miniſtros do Egypto: Daniel ſò, podia mais com Darío, que todos os Satrapas dos Perſas, & Médos: Aman ſò, & depois Mardochéo ſò, podiaõ mais com Aſſuero, que todas as Cento & dezaſete Provincias, de q̃ era Monarcha. E naõ he menor o poder, & valía, que tem com a Mageſtade Divina todo aquelle, que a portas cerradas trata ſò por ſò cõ Deos, naõ no gabinete do meſmo Deos, ſenaõ no proprio: *Intra in cubiculum tuum, & ora.*

Vede,

61 Vede, vede, se communicou Deos jà mais a algũa communidade, & congresso de muitos os secretos de sua Providencia, & as revelaçoẽs de seus decretos, como os fiou sempre de hũ sò, & de hum sò, excluidos os muitos. Com muitos estava Daniel, & nota elle, que depois que os muitos foraõ excluidos, & elle deixado sò, entaõ lhe cõmunicou Deos a famosa revelaçaõ das Hebdomadas, & de quanto no preciso termo dellas havia de succeder: *Ego autem relictus solus vidi visionem grandem hanc.* Tambem S. Paulo caminhava para Damasco acõpanhado de muitos, quando Christo lhe apparecéo a elle sò, & a elle sò lhe disse, o q̃ delle pertendia, em modo q̃ nenhum dos companheiros ouvio a voz, nem vio quem fosse o que fallava: *Et qui mecum erant, lumen quidem viderunt, vocem autem non audierunt ejus, qui loquebatur mecum.* Assim Abraham estando sò, vio no valle de Mambré os tres Anjos, que represẽtavaõ a Trindade. Assim Jacob estando sò, vio no caminho de Mesopotamia a escada, que chegava da terra ao Ceo. Assim Moysés estando sò, vio no deserto de Madian a Carça, que ardia, & naõ se queimava. Assim S. Pedro estando sò, vio no terrado de Joppe o mappa de todas as feras, que havia de matar, & comer. E assim finalmente S. Joaõ estando sò, vio no seu desterro, & Ilha de Pathmos os Mysterios do Apocalypse, & nelles toda a Historia do futuro atè o fim do mundo.

Daniel. 10.8.

Actor. 22.9.

V.

62 E Se perguntarmos tambem nesta segunda parte do nosso problema a razaõ porq̃ Deos sempre evita a frequencia, & ajũtamento de muitos, & sò se communica, & manifesta aos que estaõ sòs? A razaõ, em q̃ naõ ha opinioẽs, nem pôde haver duvida, he, porq̃ Deos naõ se communica familiarmente senaõ aos que perfeitamente oraõ, & a alma da perfeita Oraçaõ he a attençaõ, a qual se naõ pôde conservar entre muitos. A multidaõ

daõ por isso se chama Turba, porque perturba, inquieta, diverte: & a attençaõ divertida, inquieta, & perturbada, como póde ser capaz de Deos, nem de ouvir, & receber seus secretos? S. Bernardino fallãdo da Oraçaõ Vocal, divide a attenção em tres partes, ou em tres attençoẽs; a primeira âs palavras, a segunda ao sentido, a terceira ao objecto: *Triplex est in Oratione attentio procuranda: prima ad verbum, secũda ad sensum, tertia ad objectum.* Todas estas attençoẽs requere a Oraçaõ, & mũito particularmẽte a nossa do Rosario. Attençaõ âs palavras, que na Ave-Maria saõ Angelicas, & no Padre-nosso Divinas: attençaõ ao sentido dellas, para que o coração responda com os affectos ao que soa, & pronuncia a lingua: attençaõ ao objecto, porque o objecto, q̃ se representa em cada Decada, saõ os Mysterios da Vida, Morte, & Resurreiçaõ do Filho de Deos, em que a attençaõ deve ser mais firme, mais applicada, & mais attẽta. Por isso acrescenta o mesmo S. Bernardino: *Bona quidem est attentio prima: melior est secunda: tertia optima reputatur:* que a primeira attẽçaõ he boa, a segunda melhor, & a terceira em gráo superlativo, optima. Se todas estas attençoẽs concorrem, & se ajuntaõ na nossa Oraçaõ, entaõ será ella perfeita, & digna de que Deos muito interior, & muito familiarmente se communique à Alma: mas se faltar qualquer dellas, & muito mais se faltarem todas; nem será attençaõ, nem Oração: senaõ que? Huã grave injuria, que fazemos a Deos, com quem fallamos.

Bernardin. de oration. & attẽt.

63 Ouvi a S. Bernardo: *Magnam injuriam Deo facio, cùm illum precor, ut meam vocem audiat, quam ego, qui fundo, non audio: deprecor illum, ut mihi intendat, ego verò nec mihi, nec illi intendo* Quando oro sem a devida attençaõ, faço huã grande injuria a Deos: & porque? Porque lhe peço, que me ouça a mim, quando eu mesmo me não ouço: & porque lhe rogo, q̃ attenda ao que digo, quando eu nem ao que digo, nem a mim, nem a elle attendo. Isto

Bernard. meditat. cap. 8.

to he orar, ou zombar de Deos? Naõ sò he zombar, mas desprezallo, diz Santo Efrem: *Cùm ad orandum te composueris, noli vagâ, aut distractâ mente esse, ne quando contemnens inveniaris*. Quãdo orais, orai com a devida attençaõ, & não divertido, & distraido em outros pensamentos; porque não sejais comprehẽdido no maior crime de lesa Mageſtade Divina, como desprezador do mesmo Deos: *Ne quando cõtemnens inveniaris*. Deos diz, que està com os que oraõ: *Ibi sum in medio eorum.* Mas vede como argue Eusebio Emisseno aos que orando por divertidos, & desattẽtos, nem estaõ com Deos, nẽ comsigo: *Quomodo erit Deus in medio tui, si tecum ipse non fueris? Si deest ille, qui poscit, quomodo aderit ille, qui poscitur?* Como ha de estar Deos comvosco, se vós naõ estais em vós? E se o que roga está ausente, como ha de estar presente o que he rogado? Tam cõtraria he do que pertende, & tanto desfaz o que faz, a desattenção de quem ora. E como a Alma, que na

S. Ephrẽ in illud, Attende tibi, cap.10.

Matth. 18.20.

Emissenus in eum locum.

Oração devia estar toda recolhida, & dentro em sy, abertas as portas dos sentidos, sae fòra, & se derrama, & distrahe com outros cuidados: & a companhia dos homẽs, & ajuntamẽto de muitos saõ outras tantas occasioẽs de divertimento, & distracçaõ, & o maior impedimento, que tẽ a attençaõ dos que oraõ: por isso Christo os manda encerrar no retiro mais secreto de sua casa, & elle, que a não tinha, não sò hia orar aos montes, & aos desertos, mas escolhia para a Oração o silencio mais secreto das noites: *Erat pernoctans in oratione Dei*: para que com a soledade do tẽpo, com a soledade do lugar, & com a soledade da Pessoa nos ensinasse a orar sòs.

Luc.6. 12.

264 Que diraõ agora a isto os Santos, & Doutores, q̃ tanto nos encareciaõ a Oraçaõ de muitos juntos? S. Joaõ Chrysostomo, que foi o primeiro, & o ultimo, & o que mais empenhada mostrou sua eloquẽcia pelo acompanhamento da Oraçaõ; naõ retratando aquellas suas razoẽs, mas obrigado das evidencias desta, nos aconselha, que no tempo,

Chrysost. homil. 51. in Mat.14.

tempo, & no lugar buſquemos as commodidades da Oração mais quieta: acreſcẽtando, que o ermo, & a ſoledade, he ſò o porto quieto, & ſeguro de toda a perturbação: *Tam à loco, quàm à tempore tranquillitatem orandi quæramus. Trãquillitatis quippe mater erémus eſt, quietis portus, & omnis perturbationis expultrix.* E S. Jeronimo fallando de ſy meſmo na Epiſtola a Euſtochio: *Sic ubi aſpera montium, concava vallium, rupium prærupta cernebam, ibi meæ orationis locus.* Se em algũa parte via o aſpero dos montes, o concavo dos valles, o talhado dos rochedos, alli me metia, & alli era o lugar da minha Oração. Deſorte, que não ſò buſcava Jeronimo os ermos, os deſertos, as ſoledades, ſenão no ermo o mais occulto, no deſerto o mais eſcondido, & na ſoledade o mais ſò. Iſto meſmo dizem S. Dioniſio Areopagita, S. Baſilio, Santo Aguſtinho, Santo Ambroſio, Béda, & todos os Padres, entre os quaes S. Gregorio Nazianzeno com particular reparo entre as acçoẽs, & Oraçoẽs de Chriſto pondéra, que para as acçoẽs buſcava os homẽs, & para as Oraçoẽs ſe retirava delles: *Ieſus ipſe ut actiones multitudini, hominũ que frequẽtiæ, ita preces quieti, lociſque ab hominũ commercio ſemotis ferè tribuebat.*

Hieron. in Epiſt. ad Euſtoch.

Nazianzenus Orat. ad Maxim.

65 Mas porque a authoridade da Sagrada Eſcritura, como Divina, excede ſẽ comparação a de todos os Santos, & Doutores, vejamos o q̃ nos diz, & enſina o meſmo Texto Sagrado acerca deſta ſoledade, aſſim de Deos para com os homẽs, como dos homẽs para com Deos, no trato, & commercio da Oração, ſempre ſò por ſò. No Capitulo terceiro dos Canticos declarando a ſoledade do lugar, nota o retiro do deſerto: *Quæ eſt iſta, quæ aſcendit per deſertum, ſicut virgula fumi :::: & thuris?* No Capitulo dezoito da Sapiencia declarando a ſoledade do tempo, nota o ſilencio da meya noite: *Cùm quietum ſilentium continéret omnia, & nox in ſuo curſu medium iter haberet, Omnipotens Sermo tuus :::: á regalibus ſedibus :::: proſilivit.* No Capitulo ter-

Cant. 3. 6.

Sap. 18. 14. 15.

terceiro dos Threnos declarando a soledade da pessoa, nota a quietaçaõ elevada, & elevaçaõ quieta do solitario:
Thren.3 28. *Sedebit solitarius, & tacebit: quia levavit se super se.* Sò no lugar, sò no tempo, sò na pessoa, & sempre sò por sò o homem cõ Deos. Finalmente, o mesmo Deos querendo-se communicar muito interior, & familiarmente com huã Alma, diz q̃ a retirará, & apartará cõsigo, & a levará a huã soledade, para lá lhe fallar ao coraçaõ:
Osee.2. 14. *Ecce ego lactabo eam, & ducã eam in solitudinẽ: & loquar ad cor ejus.* E sendo Moysés Vice-Deos na terra, quãdo Faraó lhe pedio q̃ fizesse Oraçaõ, para q̃ cessasse a praga dos trovoẽs, & tempestade, q̃ destruia todo o Egypto; respondéo, que depois que sahisse da Cidade, entaõ oraria a Deos, & cessaria aquelle castigo:
Exod.9. 29. *Cùm egressus fuero de urbe, extendam palmas meas ad Dominũ, & cessabunt tonitrua, & grando non erit.* E porque naõ orou Moysés logo, & na Cidade, senaõ depois que sahio della? Porque sendo Vice-Deos, como dizia, naõ teve confiança para esperar, que o mesmo Deos, que lhe dera as suas vezes, ouviria a sua Oraçaõ, senaõ quando orasse sò. Tanto importa ainda aos mais validos de Deos a soledade do lugar, & da pessoa, quando lhe haõ de fazer Oraçaõ.

66 De tudo o ditto se colhe por ultima conclusaõ com S. Lourenço Justiniano, que a Oraçaõ de hum sò he mais efficaz, & mais segura, que a Oraçaõ de muitos juntos; porque se a frequencia, & companhia de muitos lhe acrescenta o valor, a mesma companhia, & frequencia lhe diminue a attençaõ: *Minus vanis cogitationibus stimulatur, qui orat, ubi non est hominum frequentia, quandiu namque animus permixtus est turbis, non vacat soli Deo.* Lauret. Iustinian. de Orat. c. 5. & 6.

VI.

67 TEmos disputado o nosso problema por huã, & outra parte. E como cada huã dellas se defende, & tem por sy grandes Textos, muitos Doutores, & efficazes razoẽs, ambas saõ provaveis.

O

O que agora resta, como no principio propuz, he fazer juizo de huã, & outra, & resolver qual se deve seguir na reza do Rosario, como mais proveitosa a nossas Almas, & mais aceita a Deos, & a sua Sãtissima Mãy. Naõ fallo nos casos de necessidade; porq̃ entaõ devemos orar em qualquer tempo, em qualquer lugar, & em qualquer estado, que nos acharmos. Moysés orou na campanha, Job orou no muladar, Ezechias orou na cama, S. Paulo orou no carcere, Daniel orou no lago dos Leoẽs, Jonas orou no ventre da Baléa, o Bom Ladraõ orou na Cruz: & todos estes oráraõ, ou sós, ou entre muitos, conforme o caso o permittia. Havendo pois de orar, naõ por necessidade, senaõ por eleiçaõ, & havendo de ser a Oraçaõ, não outra, senaõ a do Rosario, de que particularmẽte tratamos: sẽdo muito provavel o modo de orar sò, & tambem muito provavel o modo de orar jũtamente com muitos: o que se pergunta agora por ultima conclusaõ, he: Qual destas partes deve seguir o devoto do Rosario? Será melhor rezar em publico, & juntamẽte com muitos na Igreja, ou rezar sò, & retirado em sua casa? Respondo com distinção. Aos homẽs digo, que rezem, ou na Igreja, ou em sua casa, onde exprimentarem maior devaçaõ, & onde tiverem maior commodidade. Aas molheres porèm absolutamente digo, que cadahuã deve rezar em sua casa, & de nenhũ modo fòra della: os homẽs sejaõ embora muitos, a molher sempre huã sò. E isto he o que diz o nosso Texto: *Mulier. Quædam.* *Ubi supra.* A molher huã. E onde ouver turba, não com ella, mas separada della: *Mulier quædam de turba.*

68 O fundamẽto desta distinçaõ não he de grãde louvor para as molheres, mas de grãde conveniẽcia, & decencia, sim. Porque? Porq̃ muitas vezes quando a molher sae a rezar o Rosario, ou como se diz vulgarmẽte, o Terço; mais sae a sair, que a rezar. Quando Deos criou o homem, & a molher, foi com grande differença, ainda nos termos com que o refere a

Es-

Escritura. Do homem diz q̃ o formou Deos; da molher q̃ a edificou: *Ædificavit :::: costam :::: in mulierem*. Naõ quiz o Autor da natureza, q̃ a molher se contasse entre os bens moveis. O edificio naõ se move do lugar, onde o puzeraõ; & assim deve ser a molher: tam amiga de estar em casa, como se a casa, & a molher foraõ a mesma cousa. Mas a sua inclinaçaõ correspondéo tam pouco ao mysterio, ou documento, com q̃ fora criada, que como se vio edificio sem alicesses, o maior appetite da molher he andar, & sair. Na mesma criaçaõ de Eva, & no mesmo momento, em que foi criada, temos o exemplo. Formou Deos a Eva da costa de Adam, & depois de formada, naõ diz o Texto Sagrado q̃ o Senhor lha mostrou, ou que lha entregou, senaõ que? Cousa verdadeiramente digna de grande admiraçaõ, & reparo. Diz, q̃ a trouxe Deos a Adam: *Ædificavit :::::: costam, quam tulerat de Adam, in mulierem: & adduxit eam ad Adam.* Se a trouxe, sinal he que estava noutro lugar, & não alli. Pois se alli tirou Deos a costa a Adam, & alli formou a Eva, porque naõ estava Eva alli, senaõ em outra parte, onde Deos a foi buscar, & a trouxe? Porque a primeira cousa, que fez Eva, no mesmo instante em que teve ser; foi, não parar no mesmo lugar hum sò momẽto, senão sair, & andar. Para não sair dalli tinha Eva as duas mais fortes razoẽs, que se podem imaginar: porque alli estava Deos, que acabava de a criar, & alli estava o esposo, de cujo lado fora criada. Mas he tal a inclinaçaõ, & tam impaciente na molher o appetite de sair, & andar, q̃ por sair, & andar deixou Eva o esposo, & por sair, & andar deixou a Deos. Oh quantas vezes por este mesmo appetite vemos deixado a Deos, & os Esposos peior que deixados!

Genes. 2. 22.

Genes. 2. 22.

69 Mas ainda Eva depois de trazida não aquietou. Perdeose Eva a sy, & a seu marido, & a seus filhos, & a todo mundo, porque fallou com a Serpente, & a ouvio: mas como podia Eva fallar com a Serpente? Esta duvida ex-

Rupert. lib. 3. in Gen. s. cap. 29. excitou Ruperto Abbade, taõ bem fundada, como subtilmente arguida. Dentro da cerca do Paraiso Terreal, q̃ depois defẽdéo o Cherubim com a espada de fogo, naõ podiaõ entrar as Serpentes; porq̃ se as Serpentes entrassem, tambem entrariaõ os lobos, & os tigres, & todos os outros animaes, o que era contra a dignidade, limpeza, & asseio do mesmo Paraiso plãtado pelas mãos de Deos, como hũ Ceo na terra. Quãto mais, q̃ ao mesmo Adam tinha Deos mandado, que o guardasse: & naquelle tempo não havia de quem o guardar, senaõ dos mesmos animaes: os quaes tãbem se naõ pôde dizer, q̃ furtivamẽte entrassem no Paraiso, porque eraõ obedientes ao homem. Pois se a Serpente não entrou, nem podia entrar no Paraiso, como lhe fallou Eva, & onde? Excellentemente o mesmo Ruperto: *Libera nobis relinquitur facultas asserendi, quòd non Serpens in Paradiso fuerit, sed mulier corpore, & oculis vaga, dum incontinenter deambulat, forte prospectans qualis extra Paradisum mundus haberetur, locus datus est, & occasio, unde Serpens tentaret.* Sabeis (diz Ruperto) porque teve occasiaõ Eva de fallar com a Serpente, & onde lhe fallou? Naõ foi dentro no Paraiso, senão fòra. Dentro naõ; porque a Serpente não podia entrar là: mas fòra da cerca do Paraiso sim: porque a molher tam vagabunda nos olhos, como nos passos, teve appetite de ver qual era o mundo cà por fòra, & este foi o lugar, em que se encontrou com a Serpente, & a Serpente a tentou, & fez cair: *Dum incontinenter deambulat, prospectans qualis extra Paradisum mundus haberetur.* Se Eva se cõtivera dentro do Paraiso, que Deos lhe tinha dado por morada, & não quizera ver mais mundo, ella se livrára dos encõtros, em que vio, & ouvio o que lhe não convinha: mas porque quiz sair, & andar por fòra, por amor do mundo, que fora melhor não ver, naõ sò perdéo o mesmo mundo, senaõ tambem o Paraiso, & a sy, & a nós. E isto he o que succede cada dia às filhas de Eva.

Naõ

VII.

70 NAõ quero dizer cõ isto,q̃ quando saem as que saem, seja sempre cõ má tençaõ; mas he certo, que muitas vezes começa com boa tençaõ, o que acaba em tentaçaõ. Peregrinando Jacob com toda sua familia, fez assento em hum lugar (q̃ entaõ se chamou Socoth, & depois Scythopolis) & alli, diz a Historia, que Dina filha do mesmo Jacob sahio hum dia de casa para ver as molheres daquella terra: *Egressa est autem Dina, ut videret mulieres regionis illius.* Gene∫. 34.1. Esta foi a tençaõ, com que sahio da casa de seu pay aquella donzella: & qual foi o successo? O successo foi, que Sichem, Princepe da mesma terra, vẽdo a Dina, & agradandose della, a tomou, ou roubou por força: & Simeaõ, & Leví, irmãos de Dina, vendose afrontados, tiveraõ traça cõ que matar por traiçaõ ao mesmo Princepe Sichem, & a todos os Sichimítas: & se Deos com especial providẽcia naõ guardára a Jacob, tambem elle pereceria, & acabaria alli com todos seus doze filhos, de que nascéraõ os doze Tribus de Israel. Pois se a tençaõ, com que Dina sahio da casa de seu pay, naõ foi mais que de ver as molheres daquella terra: *Egressa est, ut videret mulieres regionis illius*: Ibidem. como veio a parar esta honesta tenção em tamanhas desgraças, a que sò por milagre do Ceo se naõ seguiraõ outras maiores? Porque huã molher, que sae a ver molheres, tambem sae a ser vista de homẽs. E se no ver não ha perigo, nem indecencia, no ser vista, periga a honra, periga a pessoa, periga a familia, & periga tal vez toda a Republica, & naõ sò huã, senão muitas, como neste caso. A tençaõ de Dina em querer sòmente ver molheres, podia ser innocente, mas no risco, & occasiaõ de ser vista de homẽs, tambem foi culpada; porque como gravemente disse Tertulliano: *Ejusdem libidinis est vidére, & vidéri.* Tertull. Por isso S. Jeronimo com o exemplo da mesma Dina, exhortava à Virgẽ Eustochio a nunca sair de casa:

Hieron. ſupra. caſa: *Cave, ne domum exeas, & velis vidére mulieres regionis alienæ: Dina egreſſa corrumpitur.* Atè o Poeta Gẽtio notãdo diſcretamente ſemelhantes ſaidas, diſſe que ſahiaõ Penelopes, & tornavaõ Helenas: *Penelope venit, abit Helene.* *Martialis.* E iſto he o que ſuccedéo à filha de Jacob, q̃ ſahio Dina, & tornou Indina.

71 Nem ſe evitaõ eſtes incõvenientes com irem ſobredourados com o nome de devaçaõ: porque muitas vezes as que ſe chamaõ devaçoẽs, ſaõ verdadeiramẽte devaſſidoẽs. As Contas do Roſario tãbem podem ter ſeus deſcontos, & as Roſas, ſuas eſpinhas: & aſſim ſuccede, quando o rezar he ſòmente pretexto de ſair, & de ver, & de fallar, & do que ſe naõ pôde fallar, nem ver. Naõ fallo por boca do vulgo malicioſo, & maldizente; porque o que digo, não he murmuraçaõ, nem malicia ſua, ſenaõ proverbio de Salamão expreſſo. Deſcreve elle huã molher inquieta, & vaã, da qual diz primeiro que tudo, que he tam amiga de ſair, ou tam impaciente de não ſair, que naõ pôde ter os pés dentro em caſa: *Quietis impatiens,* *Prov. 7.* *nec valens in domo conſiſtere* *11.* *pedibus ſuis.* Em fim ſahio de caſa eſta molher, & que fez, ou que diſſe? O que verdadeiramente era, poſto q̃ parecia outra couſa. Parecia devaçaõ, & era (como dizia) devaſſidaõ. Encontrouſe com quem a trazia inquieta, & tam fòra de ſy, como de caſa, & o que lhe diſſe, foraõ eſtas formaes palavras: *Victi-* *Ibidem.* *mas pro ſalute devovi, hodie* *14. 15.* *reddidi vota mea. Idcirco egreſſa ſum in occurſum tuum, deſiderans te vidére.* Fui hoje à Igreja a offerecer ſacrificio, & dar cumprimento a hum voto, que tinha feito a Deos: & por iſſo ſahi a me encontrar comvoſco, tendo grandes ſaudades, & dezejos de vos ver. Notai muito aquelle, Por iſſo, *Idcirco.* Demaneira, que o pretexto de ſair à Igreja era dar cumprimento ao voto: & o verdadeiro fim, & intento, era ver a quem buſcava. O voto era o pretexto de ir à Igreja: *Victimas pro ſalute devovi, hodie reddidi vota mea:* & o devoto,

to, & o dezejo de o ver, era a verdadeira causa de sair de casa: *Idcirco egressa sum in occursum tuum, desiderans te vidére.*

72 Oh quantas vezes succede isto mesmo na nossa terra, sendo o Rosario o pretexto destas hipocresias, & o Terço o terceiro destes sacrilegios! E porque naõ pareça que fallo de longe, em que as conjecturas saõ incertas; quero fechar este Discurso com o parecer, & sentença de hũ grande Autor, não de outra Naçaõ, senão Portuguez; nẽ de outra profissaõ, senão dos Prégadores do Rosario; nem de outro Cõvento, senaõ do de Lisboa; nem de outra Igreja, senaõ da antiquissima, & famosa de S. Domingos: onde o Terço do Rosario se reza todos os dias com tam particulares concursos, & donde esta tam louvavel devaçaõ se propagou por todo o Reyno, & Reynos de Portugal. O Autor he, Frey Jeronimo da Azambuja, mais conhecido no mundo pelo nome de Oleastro, tam pio, como douto, & doutissimo Commentador do Pentateucho. E para que se veja o fũdamento da sua sentença: no Capitulo trinta & quatro do Exodo mandava Deos, que tres vezes no anno fossẽ todos ao Templo (que naquelle tempo era hum sò) & apparecessem em sua presença. Mas nota a mesma Ley, que este preceito fallava sò com as pessoas do genero masculino: *Tribus temporibus anni apparebit omne masculinũ tuũ in cõspectu Omnipotẽtis Domini Dei Israel.* Exod. 34. 23. Repára pois nesta limitaçaõ Oleastro, & dãdo a razaõ porq̃ a Ley obrigava os do genero masculino, & não do feminino, os homẽs, & naõ as molheres, diz assim: *Fœmininũ genus docet nõ hinc inde discurrere etiã pietatis, & religionis prætextu. Amat hoc genus exire, amat hinc inde discurrere: sed quia à viris suis sæpius arcentur, causam religionis, & pietatis mentiuntur. Ut ergo licentiosum genus tenéret in officio, occasiones vagandi præcludit.* Quer dizer o douto Religioso, & exprimentado Commentador: que na limitaçaõ desta Ley quiz Deos ensinar a todos aquelles, a

quem pertence, que as molheres não devem ſair de caſa, ainda cõ pretexto de piedade, & religiaõ. Porque a gente deſte genero (diz elle como teſtimunha ocular) he muito amiga de ſair, & de andar por fòra. E porque tal vez lho prohibem, os que tẽ o mando da caſa, fingem devaçoẽs falſas, & mentiroſas: *Cauſam religionis, & pietatis mentiuntur.* Aſſim que deſobrigou Deos as molheres, deſta Ley do Templo, para lhe tirar a occaſiaõ, não de orar, mas de ſair, eſtimando mais o ſeu recolhimento, que as ſuas Romarías.

VIII.

73 E Para que ſaibamos ſem duvida, que eſte recolhimento he o q̃ mais approva, & o que mais lhe agrada à meſma Senhora do Roſario, ponhamonos entre os Myſterios Doloroſos, & Glorioſos, & vejamos o que então fez, ou não fez, a mais calificada piedade. Na manhaã da Reſurreiçaõ foraõ as Marias com grande devação, & diligencia ao Sepulchro para ungir o Sagrado Corpo. Agora pergunto: E foi tambem com as outras Marias a Virgem Maria, Senhora noſſa? Naõ. Pois porque não foi tãbem a Senhora? Era menos devota? Amava menos a Chriſto? Conſiderava com menor dor os tormentos de ſua Paixaõ, & as auſencias da ſua morte? Claro eſtá, que o amor de Salomé, de Jacóbi, & da Madalena, em comparação dos ardentiſſimos affectos da Virgem, eraõ tibiezas. Pois porque não foi tãbem a Senhora com as outras Marias? Porq̃ teve por melhor, & mais decente o ſeu recolhimento: & porque ſabía, que era mais agradavel ao proprio Filho o contemplar ſeus Myſterios entre quatro paredes, que ilo buſcar ao Sepulchro. As Marias no Sepulchro tiverão grandes viſoẽs de Anjos: & ſe he melhor devação a de naõ ir onde ſò ſe vem Anjos; quanto mais onde naõ ſaõ Anjos os que ſe vem?

74 Em concluſaõ: A molher? Sò. *Mulier? Quædã.* Sò, & apartada da multidaõ, & dos concurſos: *De Turba.* Aſſim

Assim o faz o mesmo Christo, quando quer converter molheres. Primeiro aparta a multidaõ,& as turbas,& quãdo ficaõ separadas, & sós, entaõ as converte. Leváraõ a Christo aquella molher criminosa, para que a condenasse: & o Senhor, que a não quiz condenar, senaõ absolver,& reduzilla, de peccadora a Sãta: que fez? Pozse a escrever na terra os peccados dos accusadores: & depois q̃
Ioan. 8. 9. todos se foraõ: *Remansit solus Iesus, & mulier in medio stans*: (diz o Evangelista) ficou Christo sò, & a molher sò com Christo: & agora que estava sò, lhe fallou o Senhor, & naõ sò lhe perdoou os peccados passados, mas com suas divinas palavras lhe deu alẽtos para naõ cometer outros:
Ibidem. 11. *Vade, & jam amplius noli peccare.* Chegando Christo ao Poço de Sichar, fatigado do caminho, a horas do meyo dia, despedio de sy a todos os Apostolos,& mandouos, que fossem buscar de comer à Cidade. Para ir buscar de comer, bastava hum: E porque mãdou o Senhor todos? Porque havia de vir alli a Samaritána, a quem o Divino Mestre havia de converter,& revellar grandes Mysterios. E posto que a multidaõ dos Apostolos era de homẽs Santos; bastava ser multidaõ, para estorvar, o que sòmente estando sò por sò, podia huã molher ter confiãça para perguntar, liberdade para ouvir, & capacidade,& sossego para entender. Por isso a Madalena em sua mesma casa se retirou, atè de huã irmaã tam Santa como Martha, & se recolhéo tambem sò aos pès de Christo. E por isso antes de Christo vir ao mundo, lemos da famosa Judith, que no alto do seu palacio fez hum apozento secreto, em que dentro da propria casa, & longe das inquietaçoẽs della se retirava com Deos, & comsigo: *In superioribus domus suæ fecit sibi secretum cubiculum.* Iudith. 8. 5.

75 Isto he o que nos préga o Evangelho nas palavras, *Mulier quædam.* E se esta unidade,& solidaõ, de huã, & sò, foi necessaria às que naõ eraõ Santas, para que o fossẽ: & depois de serem Santas, para se conservarem na perfeiçaõ, & pureza da vida; ne-

nhuã molher haverá em qualquer eſtado da ſua, que o naõ tenha por errado, ſe ſeguir o modo, ou appetite de querer orar entre muitos. Finalmente, para que todas entendaõ, & ſe perſuadaõ, que a devaçaõ, & Oraçaõ do Roſario, de ſy meſmo, & por ſy meſmo as obriga a eſte retiro; ſaibaõ, que aſſim naſcéo, & começou o Roſario, & q̃ aſſim ſe deve continuar. O principio, & naſcimento do Roſario, foi no Myſterio da Encarnaçaõ: & como naſcéo, & começou por eſte Myſterio, ſenaõ no retiro, & ſoledade da meſma Senhora delle? *Sola in penetralibus, ſola ſine comite, ſola ſine teſte*: diz Santo Ambroſio. Aſſim começou o Roſario na bemdita entre todas as molheres, & aſſim deve continuar em todas, & em cadahuã: *Mulier quædam.* D. Ambr. ibi.

FINIS.

SER-

SERMAM XVIII.

Mariæ, de qua natus est Iesus, qui vocatur Christus. Matth. 1.

I.

76 ESTA he a ultima clausula do Evangelho, & esta havia de ser, para concordar o fim com o principio. No principio tinha ditto o Evangelista, que escrevia o Livro da Geraçaõ de Jesu Christo: *Liber generationis Iesu Christi:* & depois de contar quarenta & hum Ascendentes, todos successivamente continuados de pay a filho, chegando finalmente à Virgem Maria, Senhora nossa, conclue, que de Maria nascéo Jesu, q̃ se chama Christo: *Mariæ, de qua natus est Iesus, qui vocatur Christus.* Matth. 1. 16.

77 Entre o nome de Jesu, & o de Christo ha esta differença. Jesu, que quer dizer Salvador, he o nome da Pessoa; Christo, que quer dizer o Ungido, he o titulo da dignidade. E porque desta dignidade do Filho havemos de tirar a da Mãy, em cuja Solennidade estamos; será bẽ, que saibaõ os que o ignoraõ, porque se declara a dignidade do Filho de Deos, & da Virgem com o nome de Ungido. A razaõ brevemẽte he; porque na Pessoa de Christo, Senhor nosso, emquãto Homem, estiveraõ jũtas as duas supremas dignidades de Rey,

& Summo Pontifice: & era ceremonia sagrada daquelles tempos, em parte observada tambem nos nossos, que os Reys, & os Pontifices fossem ungidos. Saul, que foi o primeiro Rey, foi ungido por Samuel; & Aram, que foi o primeiro Pontifice, foi ungido por Moysés: porèm Christo, Senhor nosso, Rey sobre todos os Reys, & Pontifice sobre todos os Pōtifices, naõ foi ungido por maõ, ou ministerio de homẽs, senaõ immediatamente por Deos, como diz o Profeta: *Unxit te Deus, Deus tuus oleo lætitiæ præ consortibus tuis.* *Psalm. 44.8*

78 Esta he a propriedade, & correspondencia maravilhosa, com que a architectura desta primeira pagina de todos os Evangelhos, assim como as fachadas dos grandes edificios se ornaõ, & enobrecem de famosas Estatuas, assim ella se compoem dos Varoẽs mais illustres da Prosapia de Christo; & as Personagens entre elles de maior vulto, ou saõ Reys, de que o primeiro foi David, ou Pontifices, de que o primeiro foi Zorôbabel. E porque o ordenou assim Deos, de quem mais que dos pays depende a successaõ dos filhos, & sendo Filho seu, o que nesta geraçaõ se deduzia? Para que se visse claramente, diz Santo Agustinho, na mesma descẽdencia natural de seus Primogenitores, que assim a unçaõ da Coroa, como a da Tiâra, assim a dignidade de Rey, como a de Pontifice, & toda a propriedade, & significaçaõ de ungido, porque se chama Christo, naõ sò lhe competia direitamente por Filho de seu Pay, senaõ tambem pelo nascimento de sua Mãy: *De qua natus est Iesus, qui vocatur Christus.* *August.* *Ibid.*

79 Isto posto, em que naõ ha duvida, entraõ agora duas questoẽs, huã antiga, & jà tratada, outra nova, & tam nova, que hoje he a primeira vez, em que será ouvida. Pergunta a primeira questaõ: Se por Christo Filho da Virgẽ Maria ser Rey, & Rey universal do mundo, pertence tambem à Senhora o mesmo titulo, & dignidade Real? E posto que alguns demaziadamente espirituaes duvidáraõ antigamente de ajuntar na Vir-

Virgem Santissima o Real cõ o Santo, a sentença affirmativa he hoje cõmum de Theologos,& Padres:dos quaes sò quero allegar dous. Ruperto fallando da mesma Senhora:*Hæc in cælis Regina Sanctorum,& in terris Regina Regnorum est: quandoquidem est Mater Regis coronati, quem constituit Dominus super omnia opera manuum suarum: ac proinde Regina constituta totũ possidet Filij Regnum.* E S.Bernardino com a mesma clareza, & sobre o mesmo fundamento: *Virgo Beatissima omnem hujus mundi meruit Principatum,& Regnum; quia Filius ejus in primo instanti suæ conceptionis Monarchiam totius promeruit, & obtinuit universi: sicut Propheta testatur,dicens: Domini est terra, & plenitudo ejus, orbis terrarum,& universi qui habitant in eo.* Demaneira, que a Virgem Maria,assim no Ceo,como na terra, he Senhora, & Rainha universal de todos os Anjos, de todos os homẽs, & de todas as criaturas,quantas contém, & abraça o mundo universo. E a razaõ porque lhe compete este direito, & tem o dominio,posse,& exercicio delle, he por ser Mãy de hum Filho, Rey, & Monarcha universal do mesmo mundo, que he Christo: *De qua natus est Iesus, qui vocatur Christus.* E isto baste quãto à primeira questaõ.

Rupert.

Bernardin.

80 Agora se segue a segunda, que he muito naõ entrasse ao menos em pensamẽto depois da resolução da primeira. Christo segundo as duas unçoẽs,que vimos, naõ sò he Christo, & Rey supremo, senaõ Christo, & Pontifice Sũmo. Logo se emquanto Rey supremo, por ser Filho de Maria, communicou a sua Mãy a dignidade Real; poderemos dizer tambem,q̃ emquanto Põtifice Summo, por ser Filho da mesma Senhora, communicou à mesma Mãy a dignidade Pontifical. Esta he a nova questaõ, que trago hoje, não para disputar, senão para decidir. E para que me ajudeis a pedir efficazmente a muita Graça, q̃ me he necessaria para huã decisaõ tam difficultosa; digo resolutamente, que antes de a Virgem Maria ser Senhora do Rosario,não se podia

dia provar com effeito, que Christo seu Filho lhe tivesse communicado a dignidade Pontifical; mas depois de ser Senhora do Rosario, sim. Isto he o que haveis de ouvir.

Ave Maria, &c.

II.

81 O Apostolo S. Paulo definindo as obrigaçoẽs da dignidade Pontifical em ordem a declarar a soberana perfeição do Pontificado de Christo, diz assim: *Omnis Pontifex ex hominibus assumptus, pro hominibus constituitur in ijs, quæ sunt ad Deum, ut offerat dona, & sacrificia pro peccatis.* Sobre as quaes palavras o doutissimo Cornelio à Lapide (o qual na exposiçaõ de S. Paulo, por não dizer que excedéo a todos os Commentadores, digo que se vẽcéo a sy mesmo) dividindo esta definiçaõ do Apostolo em suas partes essenciaes, diz, que nella se cõtém tres propriedades, ou excellencias, que constituem o perfeito Pontifice. A primeira pertence á eleição da Pessoa, as outras duas à execução do officio: & todas tres, digo eu, se achaõ com eminencia na Virgem Santissima, Senhora nossa.

Hebr. 5. 1. Cornel. ibi.

82 *Prima est, ut Pontifex ex hominibus assumatur, quasi selectus, cæterisque dignior.* A primeira propriedade he, que a Pessoa, que ouver de ser assumpta à dignidade Pontifical, seja escolhida entre todas, & a mais digna: isso quer dizer, *Ex hominibus assumptus.* E que Pessoa ha, ou póde haver, ainda que a eleiçaõ se fizesse, não só entre os homẽs, senão entre os Anjos, tam merecedora de ser unicamente a escolhida, & tam infinitamente digna sobre todas as criaturas, como a que mereceo ser Mãy do mesmo Criador? Por isso o Espirito Santo lhe chama, *Una, & electa*; huã, & escolhida; porque na sua eleição foi unica sem controversia, unica sem oposiçaõ, sem parelha, sem semelhança. *Una, & electa*, diz Ruperto, *quia nec inter Angelos, nec inter homines, similẽ, vel primam habet, vel sequentem habitura est.* Naõ sei, se reparais bem na energía desta eleiçaõ, & na excellencia della.

Cant. 6. 8.

Rupert. ibi.

della. A excellencia da eleiçaõ da Senhora naõ está em ser escolhida, senaõ em ser escolhida como huã: *Una, & electa.* A eleiçaõ, ou escolha commummẽte diz unidade, & suppoem multidaõ; porque de muitos se escolhe hũ: porèm quando o escolhido he tam singular, & unico, que não tem opposiçaõ, a gloria da eleiçaõ he a unidade: he ser escolhido, naõ como hũ de muitos, senaõ como hum, & sò. Se no Ceo entre os Astros se ouvera de fazer eleição, como havia de ser escolhido o Sol? Naõ havia de ser escolhido como comparado, senaõ como unico. Pois assim foi escolhida Maria: *Electa ut Sol: Una, & electa.* E como a Senhora no Ceo, & na terra, não sò he a mais digna, que isso seria ter comparaçaõ, mas unica, & incomparavelmente digniſſima sobre todas as criaturas; vede, se pelo merecimento da Pessoa lhe compete a dignidade Põtifical? Assim o entendéraõ, & disseraõ todos, os que ouviraõ este unico, & incomparavel elogio; porque tanto q̃ o Espirito Santo lhe deu o nome de *Unica, & electa,* logo immediatamẽte foi acclamada de todos por Beatissima, que he o titulo Pontifical: *Viderunt eam filiæ, & Beatissimam prædicaverunt eam.* A Senhora tinha ditto de sy: *Ex hoc Beatam me dicent omnes generationes*; mas os que do merecimento da Pessoa passáraõ à consideração da dignidade, que lhe era devída, não sò lhe chamáraõ *Beatam*, senaõ, *Beatissimam.*

Cant. 6. 9.

Cant. 6. 8.

Luc. 1. 48.

83 *Secunda est, ut hominum causam agat apud Deum, tanquam eorum mediator, pro eisque oret, & interpellet:* A segunda propriedade, & primeira obrigaçaõ do officio Pontifical, he ser o Pontifice mediator, ou medianeiro publico entre Deos, & os homẽs, & diante da Divina Magestade orar, & avogar por suas causas. Isso quer dizer, *Pro hominibus constituitur in ijs, quæ sunt ad Deum.* E que mediaçaõ se pôde dezejar, nẽ imaginar entre Deos, & os homẽs, nem mais intima, nẽ mais efficaz, nem mais podeosa, que a daquella mesma Senhora, que dentro em suas entranhas unio a Natureza

Di-

Divina com a Humana, & do Homem, & de Deos fez huã sò Pessoa? Ouvi a S. Bernardo: *Advocatam præmisit peregrinatio nostra, quæ tanquam Iudicis Mater, & Mater misericordiæ suppliciter, & efficaciter salutis nostræ negotia pertractabit.* Somos peregrinos na terra (diz Bernardo) mas nem por isso as nossas causas estaõ desemparadas no Ceo; porque no Ceo temos por avogada dellas, quem as ha de tratar com tãta efficacia, & poder, como a que he Mãy do Juiz; & com tanto amor, & piedade, como a que he Mãy da misericordia. Grande razaõ, & singular prerogativa, que sò no Pontificado de Christo se acha semelhante. Christo foi Pontifice sobre todos os Pontifices: porque? Porque os outros Pontifices saõ sòmente homẽs, & Christo he Homẽ, & Filho de Deos juntamente. Como Homem intercede pelos homẽs; como Filho de Deos pôde tudo com Deos. Assim o pondéra S. Paulo, sinalando a differença que ha de Põtifice a Pontifice entre Christo, & os outros. Aos outros fallos Deos Pontifices como Deos: a Christo fello Deos Pontifice como Pay. Aos outros como Deos: *Nec quisquam sumit sibi honorem, sed qui vocatur á Deo, tanquam Aaron.* A Christo como Pay: *Christus non semetipsum clarificavit, ut Pontifex fieret: sed qui loquutus est ad eum: Filius meus es tu.* E desta differẽça, q̃ se segue? Seguese (acrescẽta logo o mesmo S. Paulo) que as suas Oraçoẽs, & intercessoẽs não saõ sò ouvidas pelo beneficio da causa, ou pela authoridade do officio, senaõ pela reverencia da Pessoa: *Qui in diebus carnis suæ preces, supplicationesque ad eum :::: offerens, exauditus est pro sua reverentia.* Esta he a prerogativa singular de Christo emquanto Pontifice. E que a mesma concorra na Virgem Mãy sua, quem o pôde duvidar? Porque se Christo como Homem intercede pelos homẽs, & como Filho de Deos pôde tudo com Deos; tambem a Senhora, pelo que tem de humana, intercede pelos homẽs, & porque he verdadeira Mãy de Deos, poderá,

Bernard. Serm. I. de Assumpt.

Hebr. 5. 4. 5.

Ibidẽ. 7.

rá, & pôde tudo com elle. E se as Oraçoẽs, & intercessoẽs de Christo saõ ouvidas de Deos pela reverencia de Filho, não menos seraõ ouvidas as da Senhora, antes em certo modo mais, pela reverencia de Mãy. Assim o conclue noutra parte o mesmo S. Bernardo: *Advocatam vis habere erga ipsum? Ad Mariã recurre: nec dubius dixerim: exaudietur & ipsa pro reverentia sua.* Se quereis ter avogada diante do Supremo Juiz, recorrei (diz) a Maria confiadamente, porque assim como o Pay ouve a Christo por reverencia de Filho, assim Christo ouve a Senhora por reverencia de Mãy. Cõ tanta eminencia resplandece em Maria Santissima a segũda condiçaõ, que se requere para a dignidade Pontifical.

Bernard. Serm. I. de Nativit.

84 *Tertia est, ut Deum peccatis, & peccatoribus iratũ placet, & reconciliet per dona, & sacrificia.* A terceira propriedade, & ultimo officio do Pontifice, he aplacar a Deos offẽdido dos peccados, & reconcilialo com os peccadores por meyo das oblaçoẽs, & dos sacrificios: isso quer dizer: *Ut offerat dona, & sacrificia pro peccatis.* E que Ministro Sagrado ouve jà mais, nem haverá no mundo, tam apto, & tam apropriado para este soberano ministerio de aplacar a Deos offẽdido pelos peccados, como aquella purissima criatura, em que nunca ouve peccado? Os outros Pontifices, & Summos Sacerdotes, diz o Apostolo, primeiro offerecẽ os sacrificios pelos seus peccados, & depois pelos do povo; porèm Christo, em quẽ nunca ouve peccado, naõ tem essa necessidade: *Qui non habet necessitatẽ :::::quemadmodum Sacerdotes, prius pro suis delictis hostias offerre, deinde pro populi.* E assim como Christo sò offerecia sacrificios a Deos pelos peccados do povo, & naõ pelos seus, porque os não tinha, & por isso eraõ mais gratos, & mais aceitos a Deos os sacrificios de seu Filho: o mesmo devemos nós naõ sò entender, & dizer dos de sua Mãy; mas deste altissimo principio inferir quam decentemente assentaria na Pessoa da Virgẽ pu-

Hebr. 7. 27.

purissima a dignidade Pontifical. Assim o inferio o mesmo S. Paulo: *Talis enim decebat, ut nobis esset Pontifex, Sanctus, innocens, impollutus, segregatus à peccatoribus, & excelsior cælis factus.* As quaes palavras, ou excellencias todas, assim como se dizem do Filho, se pôdem, & devem affirmar igualmente da Mãy: Sancta, innocente, pura, immaculada, separada, & exceptuada do numero dos peccadores, & levantada sobre todos os Ceos: Logo, *Talis decebat ut nobis esset Põtifex.* E para as offertas, & sacrificios: *Ut offerat dona, & sacrificia:* quem jà mais presentou tal offerta a Deos, como a que a Senhora lhe offerecéo no Templo, quando lhe presentou seu proprio Filho nascido de quarẽta dias? E quem jà mais lhe fez tal sacrificio, como o do mesmo Filho no Monte Calvario, mais crucificado na Alma, & no coraçaõ da Mãy, que na mesma Cruz? Naõ chegou Abraham a ver morrer Isaac, & comtudo diz S. Pedro Chrysologo, que de tal sorte se sacrificou nelle a sy mesmo, que elle era o sacrificio, & o Sacerdote, elle a victima, & o Pontifice: *Abraham se immolabat in filio, ut esset idem victima, & Pontifex, sacrificium, & Sacerdos.* E se isto bastou em Abraham, porque era pay, para ser Sacerdote, & Pontifice; aquella Mãy, cuja obediencia, & charidade foi infinitamente maior que a de Abraham, & cujo Filho, & sacrificio era infinitamente maior que Isaac, quem se atreverá a lhe negar, ou á duvidar a dignidade Pontifical?

Ibid. m. 26.

III.

85 VEjo porèm, que da mesma Cruz, & das palavras do mesmo Filho crucificado, se tira o argumento, com que sobre tantas prerogativas de merecimento se nega à Santissima Mãy esta dignidade. As palavras do Filho foraõ: *Mulier, ecce filius tuus:* & este nome de molher he o que se oppoẽ totalmente á dignidade Pontifical. Mas naõ he de tanto pezo esta instancia, que naõ tenha facil soluçaõ na Escritura, nos Santos, & na razaõ. Ioan. 19. 26.

No

86 No Capitulo onze do Profeta Zacharias diz Deos, que matou tres Pastores do seu Povo em hum mez: *Succídi tres Pastores in mense uno.* E posto que o Profeta naõ declare alli quem foraõ estes tres Pastores; S. Jeronimo, S. Remigio, Alberto Magno, Hugo Cardeal, & todos os que entendéraõ este lugar mais propria, & literalmēte, dizem, que foraõ, Moysés, Aram, & Maria Profetiza, irmaã de ambos. Chamaõse tres Pastores, porque por meyo de todos tres livrou Deos o seu Povo do cativeiro do Egypto, & o governou, & guiou pelo deserto atè a Terra de Promissaõ, como depois lhe fez cargo pelo Profeta Michéas, nomeando todos tres na mesma fórma: *Quia eduxi te de Terra Ægypti :::: & misi ante faciēm tuam Moysen, & Aaron, & Mariam?* E dizer Deos que os matou a todos em hū mez: *In mense uno*: he maior, & mais clara confirmaçaõ de serem estes; porque como consta do Livro dos Numeros, Maria morréo em Março do anno quarenta da peregrinaçaõ do deserto; & neste mesmo mez succedéo a incredulidade, & desobediencia de Moysés, & Aram, em pena da qual os sentenceou Deos no mesmo acto à morte, & que naõ entrassem na Terra de Promissaõ, de que jà estavaõ tam perto. E essa he a propriedade da palavra, *Succídi*; porque lhes cortou a vida, & mais os passos.

Zachar. 11.8. Hieron. Remig. Alber. Hugo. Mich. 6. 4. Numer. 20. 1. Ibid. 12.

87 Mas se neste numero entrava Maria, como lhe chama Deos tres Pastores? Aram era Pastor no Espiritual, & Ecclesiastico, porque era Summo Pontifice: Moysés era Pastor no Tēporal, & Civil, porque era Governador supremo com authoridade Real: porèm Maria, que por ser molher, nem tinha, nem parece que era capaz, tanto de huã, como de outra dignidade; como lhe attribue Deos igualmente o mesmo nome, ou titulo: E sendo os officios pastoraes sò dous, como eraõ os Pastores tres: *Succídi tres Pastores?* Eraõ os Pastores tres, sendo os officios dous (respondem os mesmos Autores) porque assim

ſim Aram, como Moyſés, ambos governavaõ juntamente com Maria, & cadahum a tinha por companheira, & fazia participante da ſua dignidade. Maria ſobre ſer Profetiza muito alumiada de Deos, era tambem de maior idade que Moyſés, & Aram, como conſta huã, & outra couſa da Hiſtoria Sagrada, & por eſtas duas razoẽs, poſto que Moyſés, & Aram foſſem ſòmente irmaõs de Maria, o reſpeito, & veneraçaõ, com que a tratavaõ, era de Mãy, & como tal, nem Aram no Eccleſiaſtico, nem Moyſés no Civil, obravaõ couſa alguã, em que Maria naõ tiveſſe parte. E porque eſta dobrada authoridade commum com ambos lha tinha dado Deos; por iſſo ſendo dous os officios paſtoraes, diz o meſmo Deos, que eraõ tres os Paſtores: *Succídi tres Paſtores:* & por iſſo fez cargo aos Hebréos de lhe ter dado para a liberdade do cativeiro do Egypto, naõ ſò a Moyſés, & Aram, ſenaõ igualmente a Maria: *Miſi ante faciem tuam Moyſen, & Aaron, & Mariam?* Ibid.

88 Ao noſſo ponto agora: Maria irmaã de Moyſés, & Aram, como lemos em S. Jeronimo, & Santo Ambroſio, foi figura da Virgem Maria: & naõ ſò pela ſemelhança do nome unico em todo o Teſtamento Velho, nem ſò pela graça de Profetiza, nem ſò pelo triũfo de Corredemptora do Povo, mas ſingularmente pela prerogativa da virgindade: em teſtimunho da qual ſe naõ lé na Eſcritura, nem matrimonio, nem ſucceſſaõ da meſma Maria: & Santo Ambroſio expreſſamente lhe dá o titulo de Virgem: *In Veteri Teſtamento clauſum Hebraeorum Populum Virgo per maria pedes duxit, in Evangelio Authorem mundi, & Redemptorem Virgo generavit.* Sendo logo aquella Maria Virgem; vede ſe era expreſſa figura da Virgem Maria? Do meſmo modo Moyſés, & Aram em duas peſſoas foraõ huã ſò figura de Chriſto, no qual ſe uníraõ as duas dignidades, a Real, como em Moyſés, & a Põtifical, como em Aram. E ſe eſtes dous irmaõs cadahum communicou a ſua dignidade Hieron. Ambroſ.

nidade a Maria, por ser irmaã, & maior; porque naõ communicaria tambem ambas as dignidades Christo a Maria, de quem aquella sò foi figura, sendo elle Filho, & ella Mãy? E se lá o ordenou assim, approvou, & affirmou Deos, cà porque se ha de negar, ou duvidar?

89 Da dignidade Real ninguem duvída, que Christo como Rey a communicasse a sua Mãy; & daqui infiro Eu com a mesma, & muito maior razaõ, que tambem o mesmo Christo como Põtifice lhe cõmunicou a Pontifical. E provo: porque a dignidade Real naõ a teve Christo por sua Mãy, & a Pontifical sim. Naõ he menos bem fũdada esta illaçaõ, que na Theologia de S. Paulo no segundo Capitulo da Epistola ad Hebræos: *Quia ergo pueri communicaverunt carni, & sanguini, & ipse similiter participavit ijsdem: ut per mortem destrueret eum, qui habebat mortis imperium: & liberaret eos, qui timore mortis per totam vitam obnoxij erant servituti. Nusquam enim Angelos apprehendit, sed semen Abrahæ apprehendit. Unde debuit per omnia fratribus similari, ut misericors fieret, & fidelis Põtifex ad Deũ.* Dá a razaõ S. Paulo, porque o Filho de Deos se fez Homem, & naõ Anjo, & diz que foi, para que sendo Homem, podesse ser verdadeiro, & perfeito Pontifice; o que naõ podia ser sendo Anjo. E porque naõ podia ser Pontifice, sendo Anjo? Porque os Anjos naõ tem carne, nem sangue, saõ immortaes, & naõ tem peccado. E para Christo fazer o officio de perfeito Pontifice, havia de sacrificar sua vida, & morrer pelos homẽs, & para isso era necessario ter carne, & sangue, & ser mortal. E havia de interceder efficazmente com Deos pelos peccadores, & para isso era necessario ser semelhante a elles, naõ no peccado, senão na natureza, & nas miserias, que delle se seguiraõ: & essa carne, esse sangue, essa mortalidade, essa natureza sujeita, & capaz das penalidades humanas, que era todo o cabedal, & apparato necessario para ser perfeito Pontifice: *Ut misericors fieret, & fidelis Pon-*

Hebr. 2. 14. 15. 16. 17.

Pontifex ad Deum: de quem a recebéo o Filho de Deos, senão de sua Mãy? Desorte, que a dignidade Real naõ a teve Christo sò de sua Mãy, porque jà sendo Deos era Rey: *Tu es ipse Rex meus, & Deus meus*: porèm a dignidade Pontifical sim; porque se naõ fora seu Filho, naõ seria Pontifice. Excellentemente S. Dionysio Alexandrino: *Inhabitavit in sancto suo tabernaculo, quod est Deipara Maria; illic enim in ipsa Rex noster, Rex gloriæ factus est Pontifex.* Habitou Deos no tabernaculo virginal do ventre santissimo de Maria, & sendo jà Rey da gloria, & Rey nosso, alli, onde o Verbo se fez carne, alli foi feito Pontifice: *Illic in ipsa factus est Pontifex.* Logo se Christo porque foi Rey (o que não recebéo de sua Mãy) lhe communicou a dignidade Real; com muito maior razaõ, porque foi Pontifice (o que recebéo da mesma Mãy) lhe devia cõmunicar a dignidade Pontifical.

Psalm. 43.5.

Dionysius Alex. contra Paulum Samosat.

90 Nem val finalmente em contrario a objecçaõ de ser molher a Bemdita entre todas as molheres, & excepçaõ de todas; naõ sò porque foi Mãy, & Virgem, & por isso com dobrada authoridade de Mãy, & de Pay juntamente em respeito de seu Filho (por onde em sentença de grandes Theologos he chamada Matripater;) mas porque se esta differença do sexo em Maria irmãa de Moysés não foi impedimento para participar com Aram a dignidade Pontifical; muito menos o deve ser em Maria Mãy de Jesu, que porisso se chamou Christo: *De qua natus est Iesus, qui vocatur Christus*. E para que naõ fique sò a força desta illaçaõ no argumento da paridade, assim o disse expressa, & milagrosamente ao intento S. Joaõ Damasceno: *Tu es quippe Summa Christianorum Antistes, hinc te magna laudum contentione veneramur*. Veneramosvos, Senhora, & louvamosvos cõ toda a intençaõ de nossos affectos (diz Damasceno) porque vós sois a Summa Pontifice dos Christaõs: *Summa Christianorum Antistes. Antistes*, pela dignidade Pontifical: *Summa*, & naõ Summo,

D. Damasc. in Mæneis Græc. die 1 Ianuar.

pela

pela differença do sexo. E Santo Arnesto, Arcebispo Praguense, unindo, & distinguindo na mesma Senhora ambas as dignidades, Real, & Pontifical, nos exhorta a que recorramos a hum, & outro Tribunal de Maria, seguros de que a sentença que der em nosso favor, naõ poderá ser revogada; porque, ou como Real, ou como Papal, levará, por ser sua, a clausula, *Non obstante*, em respeito de qualquer outro juizo. *Mariam invoca, Mariam appella* (diz o Santo) *& in omni sententia, quam pro te dabit, apponet illam clausulam gloriosam, Imperialem, atque Papalem, Non obstante.*

D. Arnest. in Mariali cap. 26.

IIII.

91 REmovido pois o impedimento apparente do sexo, com a authoridade dos Santos, com o exemplo da Escritura, & cõ a efficacia da razaõ: & demostrado o merecimento sobreeminente da Pessoa por todas as calidades, que requere a definiçaõ de S. Paulo para o perfeito Pontifice, como fizemos no primeiro Discurso; seguese, que do Direito passemos ao facto, & que vejamos praticado na Senhora do Rosario, ou no Rosario da Senhora, o titulo, poder, & exercicio da dignidade Pontifical. Isto he o que agora farei: & para que a prova, & demostraçaõ proceda cõ toda a clareza, a divido em tres partes. Em cadahuã dellas veremos a Santissima, & Beatissima Mãy, pelas prerogativas do seu Rosario, naõ sò propria, mas singularmẽte Pontifice. Põtifice na ethimologia do nome: Pontifice nas insignias da dignidade: Pontifice na potestade das Chaves.

92 Marco Varro, mais antigo que Marco Tullio, & o maior, & mais erudito Mestre da Lingua Latina, declarando no Livro quarto a ethimologia donde foi tomado, & teve sua origem este nome *Pontifex*, diz, que Pontifice he o mesmo que *Pontem faciens*: o que faz Ponte: & que a occasiaõ de chamarem assim aos Summos Pontifices, instituidos em Roma por Numa Pompilio, foi a

Marc. Varro.

Pōte Sublicia, edificada pelo Summo Pōtifice Anco Marcio, obra tam celebrada naquelle Seculo ainda rude, que a elle lhe deu o nome, & depois se perpetuou em seus successores. Donde tambem o tomou, com a Lingua, depois da vinda de Christo, a Igreja Romana. Theodôro Studíta chamou à Virgem Senhora nossa: *Pons securus Christianorum*: Ponte segura dos Christaōs. Venācio Fortunato: *Pons ad penetrandos polos*: Ponte que chega, & alcança de polo a polo. S. Proclo: *Pons, per quem Deus ad homines descendit*: Ponte pela qual Deos descéo aos homēs. E bastaō estas authoridades, tam graves, & tam justamente applicadas à Senhora com o nome expresso de Ponte, & tantas vezes repetido, para prova do meu intento? Naō bastaō; porque nenhum destes Autores chega a dizer o que Eu digo. Para ser Pontifice, naō basta ser Ponte, he necessario fazer Ponte: *Pontem faciens*: & esta he a que a Senhora fez, quando instituio o seu Rosario, & naō sò disse, que a fizera, senaō que a mostrou feita.

Theod. Stud. in Canon. Ode 8. Venant. Fortun. lib. 1. de partu V. Proclus Orat. de Nativit. Domini.

93 O primeiro, a quem a mesma Senhora communicou a idéa desta sua obra, foi o grāde Patriarcha S. Domingos, encarregandolhe, q̄ a publicasse, & prégasse, como logo começou a prégar em França com espirito, & eloquencia mais que humana: de que se seguiraō dous effeitos, ambos notaveis, mas muito encontrados. Convertiaōse os homēs a milhares, assim os Hereges à Fé Catholica, como os máos Catholicos à Virtude, & Vida Christaā, & naō poucos a deixar o mundo, & seguir a Perfeiçaō Evangelica: & este era geralmente o primeiro effeito da prégaçaō, & devaçaō do Rosario. O segundo, & contrario foi, que vendo o Inimigo do genero humano as muitas Almas, que por meyo da mesma devaçaō se livravaō da sua tyrannia, tratou de desacreditar, & desauthorizar o Rosario por tal arte, que todos os que o rezavaō, o desestimassem primeiro, & depois o deixassem. Para isto tomou o Demonio por instrumento, quem vos pa-

parece? Por ventura algum daquelles Hereges mais obstinados? Por ventura algum leigo dos de consciẽcia mais livre, & mais estragada? Por ventura algum Sacerdote, ou Religioso ordinario, emulo de S. Domingos? Ainda subio mais alto, ainda fortificou mais a industria, ainda enfeitou mais a tentaçaõ. Havia naquella Provincia hum Bispo muito presumido de seu saber, mas de muito pouco zelo, & espirito. Este em lugar de agradecer ao Santo o pasto tam divino, que dava a suas ovelhas, & o ajudar na prégaçaõ, & propagaçaõ daquellas novas do Ceo, a que podemos chamar o Evangelho da Virgem Maria; começou em publico, & em particular a desfazer, & desacreditar os Sermoẽs do grande Apostolo: dizendo, que em vez de prégar pontos muy subidos do Evangelho, prégava aquellas vulgaridades, & em vez de levar ao pulpito estudos, & pensamentos novos, que ninguem tivesse ouvido, hia ensinar o Padre-nosso, & Ave-Maria, que os mininos sabiaõ. Vede, quanto a paixaõ he cega, & a presunçaõ ignorante? Como se ouvera pontos mais subidos que os Mysterios da Encarnaçaõ do Verbo Eterno, & da Redempçaõ do genero humano? Como se ouvera meditaçoẽs mais Divinas que as da Vida, & Morte do Filho de Deos? Como se ouvera Oraçoẽs mais excellentes que o Padre-nosso, ditado por Christo, & a Ave-Maria por hum Archanjo? Como finalmente se ouvera doutrina mais Evangelica que a memoria das graças, & beneficios altissimos, que Deos em Pessoa nos veio trazer, & fazer ao mundo: a qual memoria elle no fim de sua vida nos encommendou, & encarregou sobre tudo? Nada disto via, nem cõsiderava o cego, & ignorante Prelado: & como a natureza dos homẽs he mais inclinada ao mal, que ao bem, & mais à vaidade, que à verdade; se S. Domingos por huã parte fazia grande fruto, o Bispo por outra parte o desfazia, sendo muitos, principalmente dos mais prezados de entendidos (que praza a Deos naõ tenhaõ

nhaõ imitadores) os quaes o deixavaõ totalmente, ou para o dizer com nome mais proprio, apostatavaõ da devaçaõ do Rosario.

94 Triunfante sobre esta infernal vitoria estava huã noite dormindo, o que tam pouco vigilante Pastor era do seu rebanho, quando arrebatado em visaõ se achou subitamente no meyo de hum Rio largo, profundo, escuro, & furioso, cuja corrente a espassos por penhascos, & rochas talhadas se despenhava estrondosa, & medonhamente. Aqui andavaõ nadando, ou mais verdadeiramente naufragando, grande multidaõ de homẽs, & molheres de todos os estados: huns que sossobrados das ondas, se affogavaõ, & hiaõ logo apique: outros que mortos já de muitos dias sahiaõ asima aboyados em horrẽdas figuras: outros que arrebatados da corrente eraõ arremessados cõ furia nos penhascos, onde se espedaçavaõ: outros que lutavaõ com toda a força, & grandes ancias com o pezo do impeto das aguas: & outros que ao som dellas, onde mais mansamente corriaõ, se deixavaõ levar brandamente: & este era o estado mais perigoso, porque quasi sem sentir se achavaõ perdidos, sendo finalmente muito raros os que com grandissimo trabalho chegavaõ à outra banda da Ribeira, & todos despidos. No meyo desta afflicçaõ jà desmaiado, levãtou o Bispo os olhos ao Ceo, & vio, que à maõ direita havia huã fermosa Ponte, que atravessava o Rio de parte a parte, pela qual caminhavaõ seguros outro grande concurso de gente, homẽs, molheres, mininos, todos alegres, & cantando. E como advertisse, que diante os hia guiando huã Pessoa Veneravel, & pelo Habito branco, & Manto preto reconhecesse que era o mesmo Prégador, que elle perseguia: Valeime, Santo, que jà vos confesso por tal, disse a grãdes brados: Valeime, que me affogo. Pois affogate, & chama agora pelos teus pensamẽtos subidos, que te subaõ à Ponte. Assim lhe podéra dizer, & com muita razaõ, o Prégador das vulgaridades. Mas como os Santos

tos se vingaõ fazendo bem a quem lhes faz mal, elle foi o que o subio milagrosamente, & o introduzio na Ponte, com os demais.

95 Era a fermosa Ponte, larga, & bem defendida por ambos os lados, donde se viaõ com lastima, mas sem temor, os perigos, & naufragios dos que se fiavaõ do Rio. Estava fundada sobre tres grandes Arcos de marmore, cadahum dos quaes se rematava em sinco Torres muito altas, & entre ellas repartidas de dez em dez outras sincoenta menores; que por todas faziaõ numero, as mais altas de quinze, as menores de cento & sincoenta. No fim se levantava hum Palacio de admiravel architectura, por cuja Portada igual na largura à da Ponte, eraõ admittidos todos, os que tinhaõ passado por ella, & dalli levados a huã grande Sala interior, onde em Trono de pedras preciosas cercado de resplandores assistia assentada huã Rainha de Celestial Magestade, & fermosura, a qual todos adoravaõ. Aqui recebia cadahum da soberana maõ huã Coroa de Rosas, & este era o Sinal, ou Passaporte Real, com que sò se podia entrar no Jardim do mesmo Palacio, chamado o Paraiso das delicias, mais ameno, & deleitoso, que o que Deos tinha plantado no principio do mundo. Chegouse finalmente o Bispo, quando se seguia por ordem o seu lugar, para tambem receber a Coroa; mas trocada a Magestade da Rainha em severidade, lhe disse com aspecto irado: Que atrevimento he este? Se tu es o maior inimigo, & perseguidor do meu Rosario, como tens ouzadía para pertender a Coroa, que sò aos devotos delle se concede? Apartate logo de minha presença, & de todo este lugar, & agradece à minha piedade, naõ te mandar dar o castigo, que tuas culpas merecem. Estas palavras, & muito mais o semblante, com que foraõ dittas, causáraõ tal perturbaçaõ, & horror ao pobre Bispo, que tremendo, & assombrado espertou no mesmo ponto, & tornou em sy: Em sy tornou, mas tam outro do que dantes era, & tam re-

conhecido do ſeu erro, & ignorancia, que daquelle dia em diante foi o mais zeloſo Prégador do Roſario, & o maior apregoador de ſuas grandezas.

96 Eſta he pois a Ponte, que traçou, & fabricou a Virgem Santiſſima. Os tres grãdes Arcos de marmore, ſaõ as tres differenças de Myſterios, em que ſe funda o Roſario, Gozoſos, Doloroſos, Glorioſos: os quaes ſe ſe naõ conſideraõ, nem meditaõ, ainda que ſe rezem as Oraçoẽs, he Roſario ſem fundamento ſolido. As quinze Torres mais altas, ſaõ os quinze Padre-noſſos; & as cento & ſincoẽta menores divididas de dez em dez entre huã, & outra, ſaõ as cento & ſincoenta Ave-Marias: & todas ellas ſaõ Torres, porque todas eſpiritual, & temporalmente nos defendem de noſſos inimigos. O Rio arrebatado he o curſo da vida preſente, que nunca pâra, cheio de tantos perigos, & precipicios: & as duas Ribeiras, a que a Ponte ſe eſtende, & ſendo tam diſtãtes, abraça, & une, ſaõ eſte, & o outro mundo, ſaõ os dous Orizontes do naſcer, & morrer, ſaõ o Tempo, & a Eternidade. Vede, ſe merece o nome de Pontifice, quem fez eſta Ponte? A Igreja Grega em dous Hymnos, fallando com a Senhora lhe diz: *Pons traducens omnes de morte ad vitam:* Ponte, que paſſa a todos da morte à vida: *Pons homines à terra traducens in cælum:* Ponte, que paſſa os homẽs da terra ao Ceo. E eſta he a Ponte do ſeu Roſario.

97 Deſta paſſagem da terra ao Ceo foi figura a paſſagem do deſerto à Terra de Promiſſaõ, & o Rio Jordaõ que ſe paſſou, figura tambem do Rio que nós paſſamos. E quem fez eſta milagroſa paſſagem, ſenaõ a Virgem Senhora noſſa, figurada na Arca do Teſtamento, a qual de tal ſorte ſecou o Rio, o qual ſe naõ podia vadear, que homẽs, molheres, & mininos, ſendo tantos mil, o paſſáraõ a pé enxuto. E naõ faltou neſta paſſagem o myſterio, & propriedade do Roſario: porque diz o Texto Sagrado, que quando os filhos de Iſrael paſſáraõ o Jordaõ, levavaõ os olhos em Jericó, que lhe fi-

Iosue 3. 17. ficava da outra banda: *Populus autem incedebat contra Ierichó: & Sacerdotes, qui portabant Arcam, ::: stabant super siccam humum in medio Iordanis.* No meyo do Rio estava a Virgem Maria, como verdadeira Arca do Testamento, que teve dentro em sy a Deos, fazendo das areias do fundo huã nova Ponte, & immovel, por onde sem impedimẽto das aguas o passassem a pé, & seguramente. E da outra banda da Ponte, como no nosso caso, estava em Jericó a mesma Virgem como Senhora propriamente do Rosario, que por isso a compára o Espirito Santo à planta da Rosa; naõ em outra parte, ou terra, senaõ na de Jericó: *Quasi plantatio Rosæ in Ierichó.* *Ecclesi. 24.18.* E porque mais no terreno de Jericó, que em outro fertil de Rosas? Porque as Rosas de Jericó entre todas as do mundo saõ compostas de cento & sincoenta folhas, quantas saõ as Saudaçoẽs Angelicas, com que veneramos, & invocamos a Virgem no seu Rosario. Assim commẽta o mesmo Texto Ricardo de Sancto Laurẽtio: *Dicitur Maria Rosa, non qualibet, sed Iericuntina: quia in Ierichó crescunt Rosæ speciosissimæ, habentes centum quinquaginta folia.*

V.

98 PRovada na Virgem Santissima a significaçaõ de Pontifice pela ethimologia do nome, vejamos a sustancia da mesma significaçaõ, ou o significado do mesmo nome pelas insignias da dignidade. A insignia, que entre todos os que se chamaõ Põtifices, distingue delles, & sobre elles o Summo Pontificado, he a Tiâra. Coroa a Tiâra huã sò cabeça, mas compoemse de tres Coroas. E porque de tres? Para significar que he Coroa sobre Coroas, & que todas as do mundo lhe estaõ sujeitas. Assim o confessaõ, & protestaõ com humilde adoraçaõ todos os Reys Catholicos, bejando o pé ao Summo Põtifice. E esta he huã differença muito notavel, & muito digna de se saber entre o Põtificado de Christo, & o de Aram. Ouçamos a Moysés,

& a S. Pedro. Moysés fallando do Reyno, & Sacerdocio da Ley Velha, chamalhe, *Regnum Sacerdotale*, Reyno Sacerdotal: *Vos eritis mihi in Regnum Sacerdotale.* S. Pedro pelo contrario, fallando do Reyno, & Sacerdocio da Ley da Graça, troca as mesmas palavras de Moysés, & chamalhe, *Sacerdotium Regale*, Sacerdocio Real: *Vos autem genus electum, Regale Sacerdotium.* Pois se na Ley Velha havia Pontifices, & Reys; & na Ley da Graça ha Reys, & Pontifices; porque aquella se chama Reyno Sacerdotal, & esta, naõ Reyno Sacerdotal, senaõ Sacerdocio Real? Porque na Ley Velha a dignidade Real era superior aos Pontifices, & na Ley da Graça a dignidade Pontifical he superior aos Reys. *Quia scilicet in Synagoga Iudæorũ Regnum eminebat Sacerdotio; in Ecclesia verò Christi Sacerdotium eminet Regno*: diz com Ascanio Martinengo Cornelio á Lapide.

Exod. 19.6.

1. Petr. 2.9.

Cornelius ibi. Ascanius Martineng. ab eo relat. Exod. 19.6.

99 Dentro na mesma Christandade temos mais expressa esta semelhança, & significaçaõ da Tiâra, & a razaõ das suas tres Coroas. Os Emperadores coroaõse tres vezes com tres Coroas differẽtes: & assim como a dignidade Imperial, por ser temporalmente a suprema do mundo, se recebe por tres Coroas; assim a Pontifical, que espiritualmente he a suprema, & a summa, se compoem, & representa com outras tres. E tal he a Tiâra Pontificia, que à Virgem, Senhora nossa, lhe cõpete por Senhora do Rosario. As tres Coroas dos Emperadores, huã he de ferro, outra de prata, outra de ouro: & as da Senhora do Rosario tambem poderáõ ser formadas dos mesmos metaes. A primeira de prata nos Mysterios Gozosos, a segunda de ferro nos Dolorosos, & a terceira de ouro nos Gloriosos. Por esta mesma ordem as conta, & distingue S. Bernardino na cabeça humana do Divino Autor dos mesmos Mysterios, sendo tãto do soberano Filho que os obrou, como da soberana Mây, que o acompanhou em todos: *Prima corona est carnea, qua coronatus fuit ab utero; & hæc corona contexta fuit de pu-*

D. Bernardin. ad illud Apoc 6. Data est ei corona.

purissimis sanguinibus Virginis. A primeira Coroa (diz o Santo) he a da Encarnaçaõ; & esta foi formada das purissimas entranhas da Virgem Maria, com que a mesma Mãy Santissima coroou ao Filho de Deos, & seu. *Secunda est spinea, qua coronatus fuit à noverca Synagoga; & contexta fuit peccatorum nostrorum aculeis:* A segunda Coroa he da Paixaõ; & esta foi tecida de espinhos, com que cruelmẽte o coroou sua madrasta a Synagoga. *Tertia fuit gemmea, qua coronatus fuit in Resurrectionis triumpho; & hæc contexta fuit ex dotibus pretiosissimis sui Corporis gloriosi:* A terceira Coroa he da Resurreiçaõ; & esta foi lavrada de pedras preciosas pelos dotes celestiaes do Corpo glorioso, com que o coroou seu Eterno Padre. E quem naõ vé, que estas tres Coroas, huã de gosto, outra de dor, outra de gloria, naõ saõ outras, senaõ as mesmas tres, de que se compoem a Tiâra Pontifical da Senhora do Rosario.

100 Cadahuã destas Coroas primeiro foi do Filho, porq̃ o Filho obrou os Mysterios; mas depois, ou logo, foi tãbẽ da Mãy; porq̃ a Mãy os obrou juntamẽte com elle: naõ havendo algum em todo o Rosario, em que a Senhora naõ tivesse parte, & lhe fizesse companhia, & por isso participante da mesma Coroa. Conta Cesario no Livro septimo huã visaõ admiravel. Estava em hum Altar huã Imagem da Virgem Maria com seu Bemdito Filho nos braços: & tanto que o Sacerdote começava a cantar o Evangelho, o Minino tirava a Coroa da cabeça da Senhora, & punhaa na sua. Vede, qual seria a admiraçaõ dos que isto viaõ, & ainda o sentimento dos devotos da Virgem? Mas tanto que o Credo chegava áquellas palavras: *Et incarnatus est de Maria Virgine: & Homo factus est:* logo o Minino tornava a tirar a Coroa da sua cabeça, & punhaa na de sua Mãy. De sorte, que a Coroa, que era de Christo, era tambem da Senhora, primeiro do Filho, & depois da Mãy, mas de ambos, naõ diversa, senaõ a mesma. E isto he o

Cæsarius lib. 7. cap. 47.

Notta

que

que ſe verifica em cadahuã das tres Coroas dos Myſterios do Roſario. A Coroa da Encarnaçaõ primeiro foi de Chriſto concebido,& depois da Virgem, que o concebéo em ſuas puriſſimas entranhas, & criou a ſeus peitos: & eſtes ſaõ os Myſterios Gozoſos. A Coroa da Paixaõ primeiro foi de Chriſto crucificado,& morto; & depois da affligida, & piedoſa Mãy, que o aſſiſtio ao pé da Cruz: & eſtes ſaõ os Myſterios Doloroſos. A Coroa da Reſurreição primeiro foi de Chriſto, que reſuſcitado ſubio ao Ceo; & depois da Senhora tambem reſuſcitada, que triunfante o ſeguio na meſma ſubida: & eſtes ſaõ os Myſterios Glorioſos. E deſtas tres Coroas finalmente ſe compoz a Tiâra Pontifical do Roſario, transformadas, ou transfiguradas todas tres em Coroas de Roſas.

101 Naõ me detenho em referir, ou eſtẽder Exemplos deſta transformaçaõ (como fiz na materia do Diſcurſo paſſado, & pôde ſer faça no ſeguinte) por ſer couſa vulgar em toda a Hiſtoria Eccleſiaſtica as muitas vezes que da boca dos devotos do Roſario a cada Ave-Maria, que rezavaõ,foraõ viſtas ſair Roſas; as quaes a Mãy de Deos com ſoberano agrado recolhia,& enfiadas em ouro tecia dellas Coroas. Deſtas Coroas pois, que nem ſaõ mais, nem menos de tres,cõforme as tres partes do Roſario, ſe compoem, & aperfeiçoa a Tiâra Pontifical da Senhora delle. A primeira Coroa he de Roſas encarnadas pertencente aos Myſterios da Encarnaçaõ, pela cor do Verbo feito carne: a ſegunda he de Roſas vermelhas pertencente aos Myſterios da Paixaõ, pela cor do ſangue derramado na Cruz: a terceira he de Roſas brancas pertencente aos Myſterios da Reſurreição, pela cor propria da immortalidade, de q̃ apparecéraõ veſtidos os Anjos naquelle dia. Mas ouçamos a Salamaõ, que vio as Coroas, a materia, o numero,& a meſma Tiâra: *Veni de Libano, Sponſa mea, veni de Libano, veni: coronaberis:* *Cant. 4. 8.* Vinde do Libano, Eſpoſa minha, vinde do Libano, vinde:

& sereis coroada. Duas cousas saõ as sabidas nestas palavras, & duas não. A Esposa todos sabem que he a Virgẽ Maria, & quem lhe chama Esposa sua, *Sponsa mea*, tambem se não ignora, que he Deos. Mas se Deos chama a Senhora para a Coroa, *Coronaberis*, porque a chama, não huã, nem duas, senão tres vezes: *Veni, veni, veni?* E se o Monte Libano não he rico de minas de ouro, ou pedras preciosas, mas fertil sòmente de flores, & cultivado dos jardins famosos de Salamão, porque se diz que do Libano haõ de sair as Coroas: *De Libano coronaberis*? Assim construem o Texto, os que melhor o concordão. E tudo he o que queremos dizer.

102 Chama Deos a Senhora tres vezes, quando a chama para ser coroada; porque a mesma Senhora foi còroada tres vezes, & com tres Coroas. E porque estas Coroas naõ foraõ de ouro, ou pedraria, senaõ de Rosas, por isso naõ sahiraõ das minas de outros montes, senaõ dos jardins do Libano. Mais diz o Texto. Naõ sò diz, que sahiraõ estas tres Coroas do Libano, senaõ de tres Outeiros, ou Cabeços do mesmo Monte: *De capite Amana, de vertice Sanir, & Hermon.* *Ibid.* E com que mysterio? Com todos os tres do Rosario, & sua distinçaõ. Todo o Monte Libano, insigne por sua altura, & pela singular candidez que lhe deu o nome, significa toda a Vida de Christo, sublime, celestial, purissima: os tres Outeiros distintos, & mais eminentes do mesmo Monte, denotaõ os Passos, & Mysterios da mesma Vida de Christo, mais notaveis, de que a Virgem compoz, & dividio em tres partes o seu Rosario, & dos quaes transformados em Rosas se tecéraõ as tres Coroas. Huã Coroa, como Laureola de Virgem pelos Mysterios da Encarnaçaõ: outra, como Laureola de Martyr pelos Mysterios da Paixaõ: & a terceira, como Laureola de Doutora pelos Mysterios da Resurreiçaõ. E o fundamento desta terceira Laureola, como affirmaõ commummente os Santos Padres, & Doutores

tores Sagrados, he; porque desde a Ascençaõ de Christo até a Assumpçaõ da Senhora (que foi o tempo dos terceiros Mysterios) ficou a Soberana Mãy neste mundo sustituindo a au'encia de seu Filho, como Mestra dos Apostolos, & de toda a Igreja, allumiada sobre todos do Espirito Santo, magisterio q̃ tambem pertence ao caracter, & officio proprio de Pontifice. Em summa, que dos tres Mysterios do Rosario se formáraõ as tres Coroas, naõ unidas, senaõ distintas, nem jũtas, senão successivas, huã sobre a outra: *Veni, veni, veni: coronaberis*: & destas tres Coroas pela mesma ordem se compoz, ornou, & aperfeiçoou a Tiâra Pontifical da Senhora do Rosario. Assim o tinha Eu imaginado sem Autor, quando achei, que muito antes o tinha escrito o Doutissimo Del Rio, commentando literalmente este mesmo Texto dos Cantares. As suas palavras saõ estas: *Tres Coronæ de tribus lectæ Collibus unius Montis promittuntur, ut tribus virtutibus correspondeant. Unde fortassis & Caput visibile Ecclesiæ Romanum Pontificem triplicis Coronæ Tiarâ exornari receptum.* Promettemse à Esposa tres Coroas, colhidas dos tres Outeiros do mesmo Monte, que respondem às tres virtudes dos Mysterios referidos. E daqui, parece, diz este Eruditissimo Autor, se tomou na Igreja Romana o uso da Tiâra do Summo Põtifice, composta de tres Coroas. Desorte, que quando os Pontifices de Roma pozeraõ sobre a cabeça a Tiâra de tres Coroas, jà havia mil annos, que a mesma Tiâra Põtifical, & com a mesma fôrma estava profetizada, traçada, & destinada para a Virgem Santissima do Rosario.

Del-Rius ibi.

VI.

103 SEguese agora o que sò falta para complemento do nosso Discurso, que he a potestade das Chaves. O que contém esta potestade dos Summos Pontifices, he o que declarou Christo Senhor nosso ao primeiro de todos, S. Pedro, quando lhe promettéo: *Tibi dabo claves* Matth. 16.19.

ves Regni cælorum. Et quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum & in cælis: & quodcumque solveris super terram, erit solutum & in cælis. Dartehei as chaves do Reyno do Ceo na terra, com potestade tam plena, & absoluta, que tudo o que as tuas chaves abrirem, ou fecharem na terra, infallivel, & irrefragavelmente será aberto, ou fechado no Ceo. Toda esta delegação (se bem com poder ordinario) he fundada na primeira, & suprema potestade de Christo, aqual o mesmo Senhor intimou ao mesmo S. Pedro, & aos outros Apostolos, quando os mandou prégar a sua Nova Ley a todo mundo: *Data est mihi omnis potestas in cælo, & in terra.* E como estas palavras declaratorias da potestade de Christo saõ tam parecidas com as das chaves, que deu a S. Pedro, perguntaõ aqui os Theologos, se deu Christo, & deixou aos Summos Pontifices todos seus poderes? E resolvem concordemente, que não. Allegaõse em prova desta limitaçaõ muitos exemplos, & casos, em que os Pontifices naõ podem o que póde Christo: mas a melhor, & mais relevante exceição de todas, he a que o mesmo Christo publicou em voz no Apocalypse, & mandou a S. Joaõ, como seu Secretario, que a escrevesse autenticamente: *Ego sum primus, & novissimus, & vivus, & fui mortuus; & ecce sum vivens in sæcula sæculorum, & habeo claves mortis, & inferni. Scribe ergo.* Contrapoem o Senhor em proprios termos chaves a chaves, & declara, que elle naõ tem sò as chaves do Ceo, como Pedro, & seus Successores, senaõ tambem as chaves da morte, & do inferno, em que elles naõ tem poder, ou jurdiçaõ alguã.

Matth. 28 18.

Apocal. 1.18.19.

104 Isto posto, pergunto Eu agora: A potestade das chaves da Senhora do Rosario qual destas he? He como a das chaves de S. Pedro, ou como a das chaves de Christo? Se he sòmente como a das chaves de S. Pedro; pouco deu o Filho de Deos a sua Māy. Esses poderes saõ para o Annel do Pescador, mas naõ para o Annel da Esposa,

em cujo nome se lhe deraõ as tres Coroas da Tiâra: *Veni, Sponsa mea, veni, veni: coronaberis.* Quando Christo deu a Tiâra a S. Pedro exprimindo tambem as tres Coroas nas tres vezes que lhe encõmendou as suas ovelhas; successivamente lhe perguntou primeiro outras tres vezes, se o amava mais que os outros Apostolos, que estavaõ presentes: *Diligis me plus his?* E
Ioan. 21. 15.
se a potestade das chaves, & a differença dos poderes se ha de medir com o excesso do amor, injuria seria do amor de Mãy, se se ouvesse de remunerar como o amor de Pedro. Entrem no exame do amor de Maria, naõ sò os Apostolos, senão os Santos de todas as tres Leys, & os Anjos de todas as tres Gerarchias. Entre na Ley da Natureza Adam com nove centos annos de rigorosa penitencia, entre Abel com todos os innocentes, entre Enôs, entre Seth, entre, & appareça o extatico, & arrebatado Enoch: entre Noé o mais justo de todo o mundo no seu tempo, & porisso reparador do mesmo mundo: entrem Abraham, Isaac, & Jacob, dos quaes Deos se chamou singularmente Deos. E naõ fiquem de fòra Melchisedech, nem Job, que he tudo o que produzio grande a Ley da Natureza. Na Ley Escrita entre Moysés com as Taboas da mesma Ley depois de ver como Deos ama, & como se deve amar nas labaredas da Carça: entre Josué, entre Gedeaõ, entre Samuel, entre o homem cortado pelo coração de Deos, o devotissimo David; entrem Josias, & Ezechias, exceiçaõ de Reys; entre Elias com todo o fogo do seu carro; entrem Isaias, & Jeremias com todos os Profetas; entrem Judas, & Eleazaro com todos os Machabéos: entre tudo o que teve heroico, & notou com letras grandes a Ley Escrita. Na Ley da Graça em fim entre Joaõ o Precursor, & Joaõ o Amado, entre o mesmo S. Pedro com os demais Apostolos: entre, ou desça do terceiro Ceo o grãde Paulo, entre com toda a aljava do amor a Madalena, entrem os Basilios, os Agustinhos, os Bernardos; saiaõ

dos desertos os Arsenios, os Antonios, & das Cartuxas os Brunos: venhaõ com todos seus Esquadroẽs os Bentos, os Domingos, os Franciscos, & com o nome de Jesu ambos os Ignacios: venha Ines, venha Cicilia, venhaõ as duas Catharinas, venha Theresa, nome, & coraçaõ singular, & venhaõ finalmente todos, os que com a vida nos rigores, ou com a morte nos tormentos, provàraõ a Christo a Fé, & a verdade de seu amor: *Diligis me plus his?*

105 Naõ digo tal, Virgem Santissima, que naõ sou tam descomedido. Com o immenso de vosso amor, nenhum humano se póde comparar, ainda que entrassem nesta conta, Anna, Joachim, & o mesmo Esposo Joseph, toda a soberana Trindade do vosso sangue. Mas subamos ao Ceo, onde todos saõ Espiritos. Amaõ muito na primeira Gerarchia os Anjos, os Archanjos, as Virtudes: amaõ mais na segunda Gerarchia as Potestades, os Principados, as Dominaçoẽs: amão sobre todos na terceira, & suprema, os Thronos, os Cherubins, os Serafins, chamados por antonomasia, os Fogozos, os Abrazados, os Ardentes. Mas que comparaçaõ, ou semelhança tem todo esse amor cõ o amor de Maria? O Ceo, onde elles vem a Divina Essencia, chamase Empyreo, q́ quer dizer Ceo de fogo; porque tudo là saõ incendios, tudo he arder em fogo de amor de Deos: mas comparado o amor dos servos com o amor da Māy, todo esse arder he frieza, todo esse fogo he neve. Mais ama Maria em hũ sò acto a Deos, doque todos os Espiritos Angelicos juntos o amaõ, & amaráõ por toda a Eternidade. E se a potestade das chaves se mede pelo excesso do amor, claro està, que a potestade Pontifical de Maria ha de ser maior que a das chaves de Pedro. Quando Christo deu as chaves a S. Pedro, chamoulhe Barjona, filho de Joaõ: & se ao filho de Joaõ se deu tam grande potestade, qual he a que se deve dar à Māy do Filho de Deos?

106 Respondendo pois à nossa questaõ, digo, que a potestade Pontifical da Se-

nhora do Rosario naõ he como a de S. Pedro, senaõ como a de Christo. Porque naõ só lhe deu o mesmo Christo as chaves do Ceo, como a S. Pedro, senaõ tambem as chaves da morte, & do inferno, que elle reservou para sy, & saõ sòmente suas: *Habeo claves mortis, & inferni*. E para que se veja, que lhe foraõ dadas à Senhora como Senhora particularmente do Rosario, & em razaõ, & respeito dos seus Mysterios; notai o que diz immediatamente antes o mesmo Christo como
Ibid. Autor delles. *Et vivus, & fui mortuus, & ecce sum vivens in sæcula sæculorum.* Eu, que tenho as chaves da morte, & do inferno, fui vivo, & depois fui morto, & agora sou outra vez vivo para toda a Eternidade. Naõ sei se cahis jà na consequencia, que naõ pôde ser mais propria? Que cousa saõ os Mysterios do Rosario, senaõ huã morte de Christo entre duas vidas? A primeira vida mortal, em que nascéo, & vivéo, que saõ os Mysterios Gozosos: a segũda vida immortal, em que resuscitou, & subio ao Ceo, & vive eternamente, que saõ os Mysterios Gloriosos: & no meyo destas duas vidas a morte de Cruz, em que padecéo por nós, que saõ os Mysterios Dolorosos. Os primeiros: *Et vivus*: os segundos: *Et fui mortuus*: os terceiros: *Et ecce sum vivens in sæcula sæculorum*. E depois de referir o Senhor estes tres Mysterios no mesmo numero, & pela mesma ordem, & todos obrados em sy mesmo, entaõ diz, que tem as chaves da morte, & do inferno. E se estas chaves, & esta potestade lhe foi dada a Christo emquanto Homem, porque obrou estes Mysterios; a sua Santissima Mãy, que tanta parte teve nelles, como Senhora do Rosario, porque se lhe naõ daria a mesma potestade, & as mesmas chaves: *Claves mortis, & inferni*? E para que ninguem o duvide, vamos ao facto.

VII.

107 OUve no Reyno de Aragaõ huã molher moça, & nobre, por nome Alexandra, aqual pe-

las

las prégaçoẽs de S. Domingos tomou por devaçaõ rezar todos os dias o Rosario. Estes foraõ os bons propositos, mas naõ foi este inteiramente o effeito: porque se muitas vezes rezava, muitas vezes tambem deixava de o fazer, sendo a principal virtude da Oraçaõ a perseverãça. Naõ deixava de rezar Alexandra, porque a pobreza a obrigasse a trabalhar todo o dia, & parte da noite; porque era rica: nem porque lhe levasse todo o tempo o governo da casa, & o cuidado dos filhos, & da familia, porque naõ era cazada. Pois porque naõ rezava? Ainda o porque era peior que o naõ rezar. Era muito prezada da gentileza, & o espelho, & a janella eraõ as duas pessas da casa, que lhe occupavaõ todas as horas do dia. O espelho para se ver, & enfeitar, a janella para apparecer, & ser vista. Se ella entendéra bem a devaçaõ do Rosario, soubera, que em cadahum de seus Mysterios nos deixou Christo hum espelho. *Fecisti, Domine, de corpore tuo speculum animæ meæ*: dizia aquelle grãde Bispo de Ostia, o devotissimo Drogo. De seu Sacratissimo Corpo fez Christo este espelho, naõ para o corpo, senaõ para a Alma, no qual ella se vé tam disfigurada, quantas saõ as figuras diversas, em que o mesmo Senhor se nos representa em cada Mysterio do Rosario. Nos Mysterios Gozosos se olha a Alma para Christo em hum Presepio; naquella pobreza está vendo a sua cubiça, naquella humildade a sua soberba, naquelle desabrigo, & desemparo a sua commodidade, & o seu regalo. Nos Mysterios Dolorosos se olha a Alma para Christo atado a huã Colunna, naquella Colunna está vẽdo a sua inconstancia, naquellas cordas as suas liberdades, naquella desnudez as suas galas, naquelles sinco mil, & tantos açoutes, os milhares de seus peccados. Nos Mysterios Gloriosos se olha a Alma para Christo subindo ao Ceo, naquella fermosura está vendo a fealdade de seus vicios, naquelles resplandores as trevas da sua cegueira, naquella agilidade o pezo de suas pai-

Drog. Ostiens. de Passion.

xoẽs, & naquelle entrar no Ceo o perigo de o perder para ſempre. Se as vezes, que Alexandra tomava o Roſario nas maõs, ſe vira neſtes eſpelhos, Eu vos prometto, que ella tratára mais de parecer bem a Deos, que aos homẽs.

108 Como eſta louca molher apparecia tanto, naõ faltáraõ homẽs tam loucos como ella, que a paſſeavaõ, & pertendiaõ. Forão os principaes pertendentes, dous mancebos nobres dos melhores da Cidade, entre os quaes creſcéo a competencia, & ſe atearaõ os ciumes com tal furia, que determináraõ reſolver a contenda pelas armas: & aſſim ſe foraõ hum dia deſafiados ao campo. Tiraõ pelas eſpadas ſòs por ſòs, & depois de ſe baterem, & ferirem, não como homẽs, mas como duas feras aſſanhadas: cançados jà, & envoltos em ſangue, retiraõſe ambos atràz, para ſe enveſtirem com maior impeto; parte hum para o outro, metem as eſpadas pelos meſmos fios, alcançaõſe no meſmo tẽpo pelo peito eſquerdo, & caem ambos mortos. Sabido o caſo, & a cauſa, ajuntaõſe os parentes para verem o que ſe devia fazer, & aconſelhandoſe mais com a dor, que com a Ley de Deos, & com a razaõ, vaõſe de tropel a caſa de Alexandra, reſolutos a vingarem na ſua vida as mortes dos que por amor della a tinhaõ perdido. Lançaſe a triſte molher a ſeus pés, pedindolhe, que ao menos a deixem confeſſar: mas hum delles, em quẽ a colera foi mais cruel, & menos chriſtaã, pegalhe pelos cabellos, & bradando Alexandra, Virgem do Roſario, valeime; com o meſmo golpe lhe cortou a cabeça, & as palavras, que hia pronunciando. Havia no pateo da caſa hum poço, & lançada nelle a cabeça, ſe ſahiraõ os matadores, tomando cada hum o caminho, que melhor lhe parecéo, para eſcapar à Juſtiça. Nós, que faremos?

109 Paremos hum pouco à viſta deſte laſtimoſo eſpectaculo; & conſideremos quam cego, quam precipitado, & quam horrendo vicio he o da ſenſualidade, & quam grandes danos ſaõ, os que cauſa em huã Republica huã mo-

molher pouco honesta. Se se pegisse fogo áquella Cidade, raro podia ser o incẽdio, que levasse tantas casas, como este levou. Levou a casa da mesma Alexandra: levou as casas dos dous competidores, que morrérão no desafio: levou as casas de todos os parentes, que por vingar sua morte se desterrárão para sempre das suas. A tantos levou este raio, não do Ceo, mas do inferno. E se bem advertirmos, acharemos, que a que menos mal livrou, foi a mesma Alexandra. Os seus matadores, ainda que escapárão as vidas, perdérão a patria, perdérão o descanço de suas casas, & sobre tudo perdérão a Graça de Deos, que he o maior de todos os bens, commettendo aquelle grande peccado. Os dous competidores perdérão a vida, porque se matárão; perdérão a Alma, porque morrérão subitamente em peccado actual, & ainda os miseraveis corpos encorrendo as penas do Duello, perdérão a Sepultura Ecclesiastica, & como excommũgados forão sepultados no cãpo entre os brutos. Alexãdra ainda que perdéo a vida, porque a degolárão, sò ella naquelle fracázo não commetteo peccado algum, que he o que mais importa, antes pedio Confissão para elles, posto que a não alcançou, que he assaz grande mal.

110 Estava ausente S. Domingos nesta occasião; mas de lá vio toda aquella tragedia, porque Deos lha revelou com todas suas circũnstancias. Dahi a alguns tempos veio à mesma Cidade, perguntou pela casa de Alexandra, & a novidade da pergunta, & a memoria do caso passado, fez, que fosse apoz o Santo muito mais gente, da que por toda a parte o acompanhava, & seguia. Entra no pateo da casa, chega ao poço, & inclinandose para baixo, começa a brádar: Alexandra? Alexandra? Acudirão todos os que podérão, a ver o echo q̃ fazião na profundidade do poço aquellas vozes, & a reposta, que de là lhe davão; quando vem subir pelo ar huã cabeça com os cabellos estendidos, os olhos abertos, a cor do rosto

muito viva; & chegãdo mais perto reconhecéraõ todos ſer a cabeça de Alexandra. Neſta prodigioſa fôrma poſta ſobre o bocal do poço, começou a fallar, & a primeira couſa q̃ diſſe, foi: Padre Frei Domingos, ouçame Voſſa Reverencia de Cõfiſſaõ, que a iſſo venho. Naõ ſe poz de joelhos, nem batéo nos peitos a penitente, porque naõ tinha maõs, nem pés; mas como tinha olhos, chorava muitas lagrimas; & como tinha lingua, confeſſou muito miuda, & muito declaradamente todos os peccados de ſua vida. Acabada a Confiſſaõ géral, & recebida a Abſolviçaõ, mandou recado S. Domingos á Parochia, que trouxeſſem o Santiſſimo Sacramento: & veio ao poço de Alexandra aquelle Senhor, que no Poço de Sichar tinha convertido a Samaritana, para matar em ambas a ſede, que tem de noſſas Almas. Naõ morreo logo Alexandra (ſe aſſim ſe pôde chamar, a que da garganta para baixo eſtava convertida em cinzas) porque quiz Deos, que para admiraçaõ de ſua Omnipotencia, & exemplo daquelle Povo eſtiveſſe aſſim dous dias, vendoa, & ouvindoa todos.

111 Perguntada o que lhe ſuccedéra quando a degoláraõ, reſpondéo, que a Virgem Santiſſima em premio dos Roſarios, que rezava, poſto que tam imperfeitamente, & naõ continuados, lhe fizera dous, eſtranhos, & milagroſos favores: O primeiro, que para naõ ir ao inferno, como por ſeus peccados merecia, lhe alcançára hum Acto de Contriçaõ: O ſegundo, que apartandoſe a Alma do corpo, não morreſſe de todo, & ſe conſervaſſe na cabeça, & na lingua, para ſe poder confeſſar. Finalmente, que pela vaidade, & incõtinencia de ſua má vida, & pelos eſcãdalos, & males, que com ella tinha cauſado, eſtava condenada a duzentos annos de Purgatorio: porèm q̃ pela Graça dos Sacramentos, que tinha recebido, & pelos Suffragios, que pedia, principalmente aos Confrades do Roſario, eſperava, que aquella ſentença da Divina Juſtiça ſe moderaſſe, & as penas lhe

foſſem

fossem diminuidas. Ditas estas cousas, & outras de grāde edificaçaõ, & espanto, cerrou os olhos, emmudecéo a lingua, perdéo as cores, & acabou de morrer a vēturosa Alexandra. Dalli foi levada a prodigiosa cabeça com extraordinaria pompa, & mais como em triunfo, que como enterro, a ajuntarse com o corpo no mesmo lugar, onde tragica, & lastimosamente fora sepultado. Fizeraõse muitos Suffragios em toda a Cidade, & ao cabo de quinze dias (numero sagrado nos Mysterios do Rosario) appareceo a Alma de Alexandra vestida de Gloria a S. Domingos, dandolhe as graças de lhe haver ensinado aquelle soberano meyo, que na vida, na morte, & depois da morte, tinha sido a causa de todas as suas felicidades, & agora o era da Eterna, para onde tomandoa pela maõ a levou comsigo a mesma Virgem Santissima.

112 Assim exercitou a Senhora do Rosario neste caso (como em outros) a potestade das suas chaves sobre a morte, & sobre o inferno: *Claves mortis, & inferni.* Sobre a morte, fazendo que Alexandra degolada, & com o corpo jà sepultado, se conservasse viva: sobre o inferno, impedindo com a mesma vida, & com a Graça da Cōtrição, & dos Sacramentos, que não fosse condenada ao inferno, como seus peccados mereçiaõ. Esta potestade Pōtifical, & estas chaves sim, q̃ naõ saõ como as de Pedro, senaõ como as de Christo. As chaves de Pedro sò tem jurdição sobre a terra: *Quidquid solveris super terrā: quidquid ligaveris super terram:* *Ubi supra.* porèm as da Senhora do Rosario, naõ sò sobre a terra, senaõ debaixo da terra. Debaixo da terra nas partes visinhas a nós, onde se abrem, & cerraõ as sepulturas, que saõ os carceres da morte: *Claves mortis:* & debaixo da terra nas partes mais inferiores, & remotas do centro della, onde penaõ eternamēte os condenados, que saõ os carceres do inferno: *Claves inferni.*

113 A potestade, que Deos deu ao Sol: *Solem in potestatem diei*: tem duas jurdiçoēs; a da luz, & a do ca- *Psalm. 135. 8.*

lor; mas a do calor muito maior que a da luz. Porque a da luz pâra na superficie da terra, onde allumia os homẽs; a do calor penetra as entranhas, & centro da mesma terra, onde gera, purifica, & enriquece os metaes. Essa he a energía, com que disse elegantemente David, fallando do mesmo Sol: *Nec est qui se abscondat à calore ejus*: Naõ ha quem se esconda do seu calor. Parece, que não havia de ser do seu calor, senaõ da sua luz; porque a luz he a que descobre tudo. Mas diz nomeadamẽte do seu calor, distinguindo-o da luz; porque tudo o que està debaixo da terra escondese à luz do Sol; porèm ao seu calor nenhuã cousa se pôde esconder, por mais que a escõda, & cubra a terra. Là se estende sua efficacia, lá penetra, lá obra maravilhosos effeitos. Taes, diz S. Bernardo, saõ os poderes da Virgem Santissima: *Cujus radius Universum Orbem illuminat, cujus splendor, & perfulget in supernis, & inferos penetrat, nec est, qui se abscondat à calore ejus*. Naõ ha, nem sobre a terra, nem debaixo da terra, quem se possa esconder a este soberano Sol; porque se com os raios de sua luz allumía todas as partes superiores da terra, com a efficacia de seu calor penetra atè os infernos: *Perfulget in supernis, & inferos penetrat*. He verdade que o Profeta quãdo disse: *Nec est, qui se abscondat à calore ejus*; fallou literalmẽte de Christo: mas por isso mesmo pertencẽ os mesmos effeitos, & os mesmos poderes à Mãy, de quem he Filho. Porque se Christo, por ser ungido em supremo Rey lhe communicou a dignidade Real, tambem, por ser ungido em Pontifice Summo, lhe havia de communicar a Pontifical. Pontifical no nome, Pontifical nas insignias, Pontifical nos poderes, como deixamos provado: & naõ por outra razaõ, nem por outro titulo, senaõ por nascer da mesma Senhora o mesmo Jesu, que se chama Christo: *De qua natus est Iesus, qui vocatur Christus*.

Psalm. 18.7.

D. Bernard.

DE

VIII.

114 DE tudo o que fica ditto neste largo Discurso, sò tiro dous documentos, contrarios aos que se costumaõ tirar de todos os Sermoẽs. Nos outros Sermoẽs exhortaõ os Prégadores a imitaçaõ dos exemplos, que tem prégado: Eu o que vos peço, he, que de nenhum modo os imiteis. Pôde ser q̃ esteja neste auditorio, & me ouvisse alguã Alma de tam pouco juizo, ou algum juizo de tam pouca Alma, que cõ o exemplo de Alexãdra diante dos olhos fizesse esta resoluçaõ. Ora Eu de hoje por diante quero rezar o Rosario, ao menos alguãs vezes, & sobre esta Carta de seguro viver muito a meu gosto, & a meus gostos, como ella vivia; porque quando o mal seja muito, ahi està a Virgem do Rosario, que na hora da morte me naõ faltarà com hum Acto de Cõtriçaõ. Deos nos livre de tal discurso, & de tal exemplo, porque assim como o do Bom Ladraõ tem levado muitos ao inferno, assim o farà o de Alexandra. O fruto, que devemos tirar da sua vida, & da sua felicidade, saõ dous conhecimentos, hum de temor, outro de estimaçaõ: conhecer, & temer o vicio da sensualidade, conhecer, & estimar a devaçaõ do Rosario. He tam grãde mal o vicio da sensualidade, que todos os bens tirou a Alexandra: & he tam grande bem a devaçaõ do Rosario, que todos os bens lhe tornou a restituir, & todos os males lhe remediou. Tiroulhe todos os bens a sensualidade, porque lhe tirou a honra, infamandoa em toda a Cidade: tiroulhe a vida, sendo causa de que lhe cortassem a cabeça: tiroulhe a consciencia, porque a trouxe enredada, & perdida em tantos vicios: & quasi lhe tirou, & condenou a Alma, porque a teve pendente de hum fio tam delgado, como he hum Acto de Contriçaõ no instante da morte, & esse por milagre. Isto fez a sensualidade. E a devaçaõ do Rosario que fez? De todos estes males a livrou, & todos estes bens lhe restituio. Restituiolhe

lhe a honra; porque de infame a fez famosa em todo o mundo: restituiolhe a vida; porque com a cabeça cortada lhe conservou a Alma naquella tam pequena parte do corpo: restituiolhe a consciencia; porque naquelle ultimo instante, em que he tam difficultoso, lhe deu a Graça, pela Contriçaõ; & depois de morta, pelos Sacramentos: & finalmente restituiolhe a Alma; porque caminhando direita ao inferno por seus peccados, por meyos tam extraordinarios, & milagrosos a levou à Bemavẽturança, que está gozando, & gozará por toda a Eternidade. Mas porque huã felicidade destas mais he para admirar, que para esperar: rezar o Rosario assim, & melhor do que Alexandra o rezava, mas guardar de viver como ella.

115 O segũdo exemplo he o do Bispo presumido, que perseguia a S. Domingos, & desprezava os Sermoẽs do Rosario. Se o mesmo fizerdes a estes meus, Eu vos perdoo, & se algum delles vos persuadir a ser devotos do Rosario, que he o fim para que os escrevo, a Deos, & a vós darei muitas graças, & haverei o trabalho por bem empregado. O documento, que sò tiro deste exemplo, he, que vos guardeis, de que o vosso entendimẽto, ou a vossa presunçaõ vos lance no Rio, & que vos pergunteis a vós mesmos, se he melhor ir pelo Rio, ou pela Pôte. Aquelle Rio largo, escuro, profundo, & furioso, he o mundo: os que se vaõ logo apique, saõ os que morrem de morte subita: os que andaõ aboyados em figuras disformes, saõ os que morréraõ em tempos passados, de que temos tam lastimosos exemplos: os que vaõ arrebatados da corrente dar nos penhascos, saõ os que morrem de mortes violentas, & desestradas: os que se deixão levar das aguas, saõ os que vivem neste mundo sem consideração do outro, & no fim da vida se achaõ perdidos: os que finalmente chegaõ à Ribeira vivos, saõ poucos, & todos despidos: poucos; porque saõ raros destes os que se salvão: & despidos; porque de quanto cà se acquirio cõ

tanto trabalho, com tanto desvello, & com tantos perigos da Alma, tudo cà fica, & nenhuã cousa se leva, senão os encargos. Vede agora, se he melhor nadar forcejando sempre, quando não seja naufragar, neste Rio; ou caminhar descançado por sima da Ponte com toda a segurança, que nos promette o ser obra daquella poderosissima, & riquissima Senhora, que para Deos remir, & salvar o mundo, lhe deu todo o preço, & cabedal, tirãdoo das mesmas piedosissimas entranhas, com que summamente dezeja nos salvemos todos. Sò por ser obra da Virgem Maria, & lhe dar gosto, deveramos ser muito devotos do seu Rosario: quanto mais, que naõ sò devemos esta continua memoria aos Mysterios, q̃ nelle se representaõ, sobpena de sermos ingratissimos a Deos, & a sua Mãy; mas pondo sòmente os olhos na nossa necessidade, & no nosso perigo, nenhum outro meyo podemos tomar mais seguro em huã passagem forçosa, & tam incerta, como desta para a outra vida. Entremos pois sem temor, & com grande confiança por esta firmissima Ponte do Rosario: sem temor; porq̃ as Torres, de que está fortificada, nos defenderáõ de todos nossos inimigos: & com grande confiança; porque no fim della está com as portas abertas o fermosissimo Palacio da Rainha da Gloria, de cuja soberana maõ, se perseverarmos, receberemos a Coroa de Rosas, que he o Caracter, o Penhor, & o Salvo Conduto, com que sem duvida seremos admittidos ao Paraiso interior das delicias, onde Deos se deixa ver, & gozar, & nós o veremos, & gozaremos por toda a Eternidade.

FINIS.

SER-

SERMAM XIX.

COM O SANTISSIMO SACRAMENTO EXPOSTO.

Beatus venter, qui te portavit. Luc. 11.

I.

116 ENCERRADO, & desencerrado temos hoje a Christo, Senhor, & Redemptor nosso, no Altar, & no Evangelho. Desencerrado no Altar; porque naquelle Trono de Magestade o temos exposto a nossos olhos: & encerrado no Evangelho; porque alli se nos representa encerrado dẽtro do Sacrario Virginal do Ventre Beatissimo: *Beatus venter, qui te portavit.* E bastaõ estes dous Sacramentos para declarar os Mysterios, & desfazer os encontros de toda a presente Solennidade? Naõ bastaõ. Antes os mesmos dous Sacramentos se ordenaõ hoje a outro terceiro Sacramento, que he o Rosario Santissimo da Virgem Senhora nossa, primeiro, & principal argumento de toda a presente acçaõ, & tam grande, como difficultoso assumpto della. Demaneira, que tres saõ os Sacramentos, que concorrem neste dia, & em to-

Luc. 11. 27.

todos tres a mesma Divindade, & Humanidade de Christo diversamente sacramentada. O Sacramento do Altar, o Sacramento do Evãgelho, o Sacramento do Rosario. E porque naõ faça duvida nestes dous ultimos, o nome que lhe dou de Sacramento, naõ sendo algum dos sete: Vede, com quanta propriedade lhe quadra a definiçaõ de Sacramento?

117 *Sacramentum est visibile signum invisibilis gratiæ:* O Sacramento em commum (com mais declarada definiçaõ do que o tinha definido Sãto Agustinho, & o definio depois delle Santo Thomás) he hum sinal visivel da Graça invisivel: ou hum sinal, que se vé, da Graça, que se naõ vé. Daqui se segue, que assim o Sacramento do Evangelho, como o do Rosario, naõ sò tem grande semelhança com qualquer outro Sacramento, senaõ maior ainda cõ o maior de todos, que he o Santissimo Sacramento do Altar. Sendo todos os Sacramentos Santos, qual he a razaõ porque o Sacramento do Altar se chama Santissimo? A razão he; porque os outros Sacramentos, debaixo da materia visivel, sò significaõ a Graça santificante, que causaõ invisivelmente; porèm o Sacramento do Altar não sò significa a Graça santificante, que causa, senão tambem o mesmo Santificador, & Autor da graça, que he Christo, o qual este Sacramento encerra dentro em sy occulto, & invisivel debaixo dos accidentes, que vemos. E tudo isto he o que causaõ, & contém (cadahum por seu modo) assim o Sacramento do Evangelho, como o Sacramento do Rosario.

118 Qual he o Sacramento do Evangelho? *Beatus venter, qui te portavit.* He o Ventre purissimo da Virgem Maria, emquanto trouxe em sy o Verbo Eterno encarnado. Que este sinal fosse visivel; bem o demostráraõ as duvidas, ou admiraçoẽs de S. Joseph. E que alèm da Graça santificante da Senhora, significasse invisivelmente o mesmo Filho de Deos, Christo concebido por virtude do Espirito Santo, & trazido em suas entranhas; bem o ensinou

noù o Anjo ao meſmo S. Joſeph, quando depois lhe revellou, & declarou o myſterio: *Quod enim in ea natum eſt, de Spiritu Sancto eſt.* Eiſaqui como o Sacramento do Evangelho em tudo he parecido ao Sacramento do Altar.

Matth. 1.20.

119 E o Sacramento do Roſario? Tambem, & pelo meſmo modo. O Roſario, que trazeis nas maõs (vede quam puras devem ſer) he o ſinal viſivel deſte Sacramento. O effeito inviſivel he a Graça ſantificante, que por meyo do meſmo Roſario alcançaõ, os que digna, & devotamente o rézaõ. E encerra mais alguã couſa dentro em ſy o meſmo Roſario? Encerra tudo o que encerra o Sacramento do Altar, & encerra tudo o que encerrou o Ventre da Virgem, & ainda encerra mais; porque não ſò encerra, como o Ventre Virginal, a Chriſto emquanto encarnado, nem ſò como o Sacramẽto do Altar a Chriſto, emquanto morto, ſenaõ ao meſmo Chriſto emquanto encarnado, emquanto morto, emquanto reſuſcitado, & em todos os outros Myſterios Gozoſos, Doloroſos, & Glorioſos do meſmo Chriſto.

120 Aſſentados pois aſſim eſtes tres Sacramentos; o que farei em dous Diſcurſos, ſerá combinar, & comparar entre ſy os meſmos Sacramẽtos. No primeiro compararei o Sacramento do Altar cõ o Sacramẽto do Ventre Virginal, em maior louvor do Sacramento do Altar. No ſegundo compararei o Sacramẽto do Roſario com o Sacramento do Altar, em maior louvor do Sacramento do Roſario. Como em todos tres he intereſſada a Senhora; naõ em parte, mas em tudo, naõ nos pôde faltar com ſua Graça. *Ave Maria, &c.*

II.

Beatus venter, qui te portavit.

121 COM razaõ reparou neſtas palavras o Cardeal Hugo, na Purpura, & na penna igualmente eminentiſſimo, & pergunta aſſim: *Quare non dixit mulier illa:* Hug.

Cardinal. hic. *illa: Beata Mater, quæ te portavit, potius, quam Beatus venter?* Esta molher do Evangelho, por cuja boca fallou o Espirito Santo, porque naõ disse: Bemaventurada a Mãy; senaõ: Bemaventurado o Vẽtre? Isaias quando profetizou este Mysterio inaudito, attribuio a novidade, & maravilha delle à conceiçaõ, & ao
Isai. 7. 14. parto da Virgem: *Ecce, Virgo concipiet, & pariet filium.* O Anjo quando trouxe a embaixada à Senhora, fallou pe-
Luc. 1. 31. los mesmos termos: *Ecce concipies, & paries.* Pois se esta Oradora humilde, que tam alto levantou a voz, queria louvar o Filho pela Mãy, & o ser Mãy consiste em gerar, conceber, & parir o Filho; porque cala a conceiçaõ, & o parto, & o mesmo nome da maternidade, & sò louva, apregoa, & canoniza por Bemaventurado o Ventre, q̃ o trouxe em sy: *Beatus venter, qui te portavit?* Naõ fora esta molher figura da Igreja Catholica, como bem notou
Beda. o Veneravel Béda: *Ecclesiæ Catholicæ typum gessit:* se naõ fallára assim. O que muito, & muitas vezes pondéra a Igreja no Altissimo Mysterio da Encarnaçaõ do Verbo, he a capacidade immensa do Vẽtre Sacratissimo de Maria. Tam capaz, que coube nelle o que naõ cabe no Ceo: *Quem cæli capere non poterãt, tuo gremio contulisti:* tam capaz: que coube nelle o que naõ cabe em todo o mundo: *Quem totus non capit Orbis, in tua se clausit viscera:* tam capaz, que coube nelle o mesmo Filho de Deos, tam immenso, & infinito, como seu proprio Padre: *Beata viscera Mariæ, quæ portaverunt æterni Patris Filium.* Fazerse Deos Homem, foi o maior invento do seu amor: nascer de huã Virgem, foi o maior decóro de sua soberanía: caber no Vẽtre de huã molher, foi o maior protento de sua immensidade: *Beatus venter, qui te portavit.*

122 Aquella palavra, *Beatus*, he a que sò penetrou o profundo, & encarecéo o sublime, & pôde dar o justo pezo às outras. Tres molheres chamáraõ Bemaventurada à Senhora neste mesmo Mysterio, & por elle. A molher do nosso Evangelho:

Bea-

Beatus venter, qui te portavit: Sãta Isabel allumiada cõ
Luc. 1. 45. espirito de profecia: *Beata quæ credidisti*: & a mesma Virgem Santissima no seu
Ibidem. 48. Cantico: *Beatam me dicent omnes generationes*. E sendo huã destas tres molheres a mesma Bemditta entre todas as molheres; a que mais encarecéo o mysterio, he a Autora do nosso Texto. Vede, se tenho razaõ? O que noto nestas tres Bemaventuranças, cõ que a Senhora foi chamada, & se chamou Bemaventurada, he, que nenhuã dellas se parece com a Bemavẽturança do Ceo. Santa Isabel chamou Bemaventurada à Virgem Maria, pela Fé com que creo o que lhe disse o Anjo: *Beata quæ credidisti*: & no Ceo naõ ha Fé. A mesma Virgem chamase Bemavẽturada, porq́ Deos poz nella os olhos:
Ibidem. 48. *Quia respexit humilitatem ancillæ suæ: ecce enim ex hoc Beatam me dicent*: & a Bemaventurãça do Ceo naõ consiste em Deos ver o Bemavẽturado, senaõ em o Bemavẽturado ver a Deos. Finalmẽte a molher do Evangelho chamou Bemaventurado o Ventre da Senhora, porque foi capaz de ter, & trazer a Deos dentro em sy: *Beatus venter, qui te portavit*: & esta Bemaventurança tambem se naõ acha no Ceo, ainda que no numero dos Bemaventurados entre a mesma Mãy de Deos. E porque? Porque Deos por sua infinita Essencia he incomprehensivel a todo o entendimẽto, & conhecimento criado. E posto que o entendimento da Senhora, illustrado com lume da gloria excessivamẽte maior que o de todos os Bemaventurados, veja mais em Deos, que todos os Anjos, & Santos, não sò divididos, mas juntos; comtudo não comprehende, nem pôde comprehender a Deos. E daqui se segue, que o Ventre da Virgem, no seu genero, he mais Bemaventurado que o entendimento da mesma Virgem: *Beatus venter, qui te portavit*: porque o seu entendimento não comprehende a Deos, & o seu Ventre sim.

123 Entre agora a authoridade, & a maior authoridade, sem a qual todo este Discurso ficaria duvidoso, &

va-

vacillante. Santo Epifanio cõ apostrofe ao Ventre Virginal, exclama assim: *O Uterum cælo ampliorem, qui Deum incomprehensibilem in te verè comprehensum portasti!* Oh Ventre purissimo de Maria, maior, & mais capaz que o Ceo, pois a Deos, que he incomprehensivel, verdadeiramente o comprehendeste, & trouxeste dentro em ti! Notese muito aquella grãde palavra, *Verè comprehensum.* E Santo Athanasio, insigne Coluna da Fé, & Doutor da Igreja, fallando com a Senhora: *Ave gratiâ plena, splẽdidum Cælum, quæ Deum incomprehensum angusto potissimum loco in te ipsa contines.* Deos vos salve cheia de graça, novo Ceo, & mais resplãdescente, que contendes, & abreviais a Deos incomprehensivel dentro em vós mesma; & o que he mais, em hũ lugar tam estreito como o de vosso Sacratissimo Ventre. E S. Methodio, ainda mais antigo que ambos, encarecendo a capacidade immensa do mesmo Vẽtre: *Tu incircunspti circunscriptio, tu cũctà continentis, & comprehendentis comprehensio.* Vós sois, ò Vẽtre purissimo, o que sò podestes limitar o que não tem limite: vós sois a comprehẽsaõ do que tudo comprehende. Finalmente, para que a tam grandes authoridades ajũtemos, & ponhamos o sello com outra maior; o mesmo diz, & com a mesma, & maior admiração o Concilio Ephesino: *Quis vidit, quis audivit unquam tale?* Quem vio, ou quem ouvio jà mais tal cousa? *Incircunscriptus Deus Uterum inhabitat, & quem Cæli non capiunt, Venter amplexus est Virginis.* Deos, que não cabe nos Ceos, cabe no Ventre de huã Virgem; & o que he immenso, & incomprehensivel, o mesmo Ventre o abraça, & comprehende. E como o Ventre Virginal de Maria comprehendéo a Deos, cuja infinita grandeza não pôde comprehender entendimento algum criado, nem ainda o da mesma Virgem; cõ razaõ a Oradora do Evangelho, como Oraculo do Espirito Santo, & Voz de toda a Igreja Catholica, o que louva, o que apregoa, o que canoniza como singularmente

D. Epiphanius de laudib. Virg.

D. Athanas.

D. Method. orat. ad Hipapant. Domini.

Concil. Ephes. cap. 7.

mente bemaventurado, naõ he o entendimento, com que a Senhora vé a Deos, senaõ o Ventre, em que o comprehendéo, & trouxe dentro em sy: *Beatus Venter, qui te portavit.*

124 Hum sò entendimento ha, que comprehenda o que comprehendéo o Ventre de Maria. E qual he? Por ventura o de Christo emquãto Homem? Nem esse. Oh grãdeza tambem incomprehensivel do Sacrario Virginal deste segundo Sacramento! Porisso os Padres, & Concilios (se bem advertistes) todos se declaraõ por exclamaçoẽs de admiraçaõ, de assombro, de pasmo. O entendimento, que sò comprehende o que comprehendéo o Vẽtre de Maria, he o entendimento do Eterno Padre. A maior grandeza da Virgem, em seu genero infinita, he, que o Eterno Padre, & Maria, sejaõ Pay, & Mãy do mesmo Filho. E assim como a mente do Pay gerãdo o Eterno Verbo, & communicandolhe o Ser Divino, comprehende a todo Deos: assim o Ventre da Mãy gerando temporalmente a Christo, & dandolhe o ser humano, comprehendéo dentro em sy a mesma Divindade toda. Mas se o Pay deu ao Filho o Ser Divino, & a Mãy o ser Humano; digase, que a mente do Pay comprehendéo a Divindade, & o Ventre da Mãy a Humanidade, & a Divindade naõ? Antes porisso mesmo. Que se assim naõ fora, não fora a Senhora Mãy de Deos. A Virgem Maria naõ gerou a Humanidade de Christo cõ subsistencia humana, como as outras mãys geraõ os outros homẽs; mas com subsistencia divina, unida hypostaticamẽte à mesma Humanidade: por meyo da qual uniaõ, o Filho no instante, em que foi concebido, ficou verdadeiro Deos, & verdadeiro Homem; & a Mãy, que deu o ser a tal Homem, verdadeira Mãy de Deos. Pois assim como a mẽte do Pay gerando o Verbo, comprehẽdéo toda a Divindade sua, & do Filho; assim o Ventre da Mãy gerando o mesmo Filho, comprehendéo toda a Divindade, naõ sua, mas do Verbo.

125 Declarenos esta altissima

tissima Theología S. Paulo por termos que a possaõ entender bem, ainda os que naõ saõ Theologos. Fallando S. Paulo da Divindade do Filho de Deos feito Homem, diz, que toda a enchente da Divindade habíta o Corpo de Christo: *In ipso inhabitat omnis plenitudo Divinitatis corporaliter.* Habitar, quer dizer estar com permanencia, & deste modo esteve desde o instante da Encarnaçaõ, & está, & ha de estar para sempre a Divindade em Christo por virtude da uniaõ hypostatica, que he de sua natureza uniaõ indissoluvel. E usou tambem o Apostolo da palavra, habitar; porque como o que habita a casa, está todo dentro na casa, & a casa o cêrca, & contém todo dentro em sy; assim a Divindade está toda dentro do Corpo de Christo, & o Corpo de Christo a cêrca, & comprehende, naõ sò toda, mas totalmente: que he outro, & maior mysterio, que encerraõ as mesmas palavras. Para significar, que toda a Divindade está no Corpo de Christo, bastava dizer: *In ipso inhabitat plenitudo Di-*

Colloss. 2. 9.

vinitatis: porque *Plenitudo* quer dizer, toda. Pois porque naõ diz o Apostolo sò, *Plenitudo*, senaõ, *Omnis plenitudo*, que vem a ser, como se dissera: Toda a Divindade toda, ou todo o todo da Divindade? Porque para comprehender a Deos, como definem os Theologos, naõ sò basta conhecer, ou contér a todo Deos, senão todo, & totalmente. E isto he o que quiz significar o Apostolo, naõ sò dizendo, toda a Divindade, senaõ todo o todo della: *Omnis plenitudo*: para mostrar, q̃ o Corpo de Christo contém, & abraça dentro em sy a Divindade, naõ de qualquer modo, senaõ comprehensivamente, & por inteira comprehensaõ: toda huã vez emquanto *Plenitudo*, & toda outra vez emquanto *Omnis*; & porisso toda, & totalmente. Donde se seguem em ultima conclusaõ do nosso Discurso as duas consequencias, & semelhanças delle. A primeira, que o Ventre da Virgem cõprehendéo toda a Divindade. Porque se o Corpo de Christo comprehende immediatamẽte toda a Divindade, por-

que toda a Divindade está no Corpo de Christo; tambem o Ventre de Maria comprehende mediatamente toda a Divindade, porque todo o Corpo de Christo está no Ventre de Maria. E assim como (que he a segunda consequencia, & paridade) assim como a mẽte do Padre comprehende toda a Divindade, porque na mente do Padre está todo Deos em espirito; assim o Vẽtre de Maria comprehende toda a Divindade, porque no Ventre de Maria está todo Deos em Corpo. *Deus Verbum totum erat in Corpore, totum in Deo Patre:* disse, como Eu o podéra ditar, S. Basilio de Seleucia. E este he o grande mysterio, cõ que a voz do nosso Texto não chama Bemaventurada a Mãy, senaõ Bemaventurado o Ventre: *Beatus Venter, qui te portavit.*

Basilius Seleucus de Annuntiat.

III.

126 E Se tudo (paraque do Sacramẽto do Evangelho passemos ao Sacramento do Altar) se tudo o que comprehende a mente do Padre, comprehendéo o Ventre de Maria, porque teve dentro em sy todo o Corpo de Christo: *Totum in Corpore, totum in Patre*: que menos podemos nós dizer do mesmo Corpo de Christo no Santissimo Sacramento instituido pelo amor, & obrado pela Omnipotencia, naõ sò para o adorarmos no Altar, mas para o recebermos dentro em nós mesmos? Que disse Christo, quando instituio aquelle Diviníssimo Mysterio? *Accipite, & comedite: Hoc est Corpus meum:* Recebei, & comei: Este he meu Corpo. Todo na mente do Padre, todo no Ventre da Virgem, & todo no peito dos que o recebem; & tam inteiramente todo em todos, como todo em cadahum: *Sic totum omnibus, quod totum singulis.* Grande maravilha he, que o Verbo Eterno, ao qual sò comprehende a mente do Padre, o cõprehendesse o Ventre de huã Virgem; mas naõ he menor, antes igual maravilha, que esse mesmo Verbo, que está todo na mente do Padre, & todo no Ventre da Virgem, se receba, & caiba

Matth. 26.26.

ba tambem todo no peito do homem. Na mente do Padre todo o Verbo gerado, no Ventre da Virgem todo o Verbo encarnado, no peito do homem todo o Verbo Sacramentado. Mas isso mesmo he ser Verbo, disse excellentemente, declarando, & estendendo o seu pensamẽto, o mesmo S. Basilio: *Quemadmodum verbum in charta descriptum, totum est in charta, & totum in mente gignente, & totum in ijs, qui illud legunt, vel audiunt: ita Deus Verbum, & multò quidem perfectius, totum erat in corpore, totum in Deo Patre, totum in cælo, totum in terra, totum in universa creatura.* Que he o Verbo Eterno? He a Palavra Divina. Pois assim como a mesma palavra está toda na mente de quem a concebe, & géra, & toda no papel, onde se escreve, & toda naquelles, que a lem, ou ouvem: assim o mesmo Verbo Divino está todo na mente do Padre, que o gerou, todo no Ventre da Mãy, que o concebéo, todo naquelles accidẽtes brancos, onde se imprimio, & todo no peito do homem, que o ouve pela Fé, & o recebe pelo Sacramento.

127 A proporçaõ, & a paridade, naõ pôde ser mais propria, nem mais igual. Mas porque Eu prometti de tal maneira comparar o Sacramento do Altar cõ o Sacramento do Evangelho, que seja em maior louvor do Sacramento do Altar; ouçamos agora as differenças, ou ventagens deste segundo Sacramento sobre o primeiro. E naõ peço licença à Virgem Santissima para esta ventajosa comparaçaõ, pois tudo o que se disser do Sãtissimo Sacramento do Corpo, & Sangue de Christo, he em dobrado louvor da mesma Senhora, da qual Christo recebéo o mesmo Corpo, & Sangue. Começando pois este segundo Discurso, por onde acabámos o primeiro; a primeira differença, ou ventagem do Sacramento do Altar sobre o Sacramento do Evangelho, he, que no Ventre Sacratissimo da Virgem de tal modo esteve todo o Corpo de Christo, que só estava todo em todo; mas naõ todo, senaõ parte em cada parte; porèm no

Sacramento do Altar naõ ſò eſtá todo em todo, & todo em qualquer parte, como muitas vezes ouviſtes; mas em qualquer parte eſtá todo, & todo totalmente. O que por ventura naõ tendes ouvido.

128 Nenhum corpo ha no mũdo, ainda que ſeja tam grande como a terra, & o Ceo, ou tam pequeno, & tam minimo como hum atomo, que eſteja todo em todo, & todo em qualquer parte do meſmo todo. E a razaõ naõ he outra, ſenaõ porque he corpo. Eſtar todo em todo, & todo em qualquer parte, he propriedade ſò dos Eſpiritos: & aſſim eſtá em nós a noſſa Alma. Toda em todo o corpo, toda em hum braço, toda em huã maõ, toda em hum dedo, & toda na menor parte delle. Com eſta ſemelhança ſe coſtuma explicar o modo, com que o Corpo de Chriſto eſtá na Hoſtia. E poſto que ſeja hũ dos grandes milagres deſte Myſterio, que ſẽdo Corpo eſteja alli cõ propriedades de Eſpirito; ainda a ſemelhança da Alma diz muito menos do que na realidade he. A Alma ainda que eſtá toda no braço, toda na maõ, & toda no dedo; ſe ao corpo lhe cortarem hum dedo, naõ fica no dedo; ſe lhe cortarem a maõ, ou o braço, naõ fica na maõ, nem no braço. Pelo contrario o Corpo de Chriſto de tal modo eſtá todo na Hoſtia, que ſe a Hoſtia ſe partir pelo meyo, ou em quatro partes, ou em cẽto, ou em mil, em qualquer parte, ou maior, ou menor, ou minima, eſtá todo o Corpo de Chriſto. E qual he a razaõ de tamanha differença, & maravilha? A razaõ he (como filoſófa exquiſitamente Theophilo) porque o Corpo de Chriſto em qualquer parte da Hoſtia eſtá todo, & totalmente: & a Alma em qualquer parte do corpo, ainda que eſtá toda, naõ eſtá totalmente. Mais claro. A Alma eſtá toda em qualquer parte do corpo, mas naõ por modo total, ſenaõ parcial; porque ſe eſtivera em qualquer parte por modo total, eſtivera reduplicada, & naõ huã ſò vez, ſenaõ muitas vezes no meſmo corpo: porèm o Corpo de Chriſto em qualquer

Theophilus Reinaudus in Candelabro Euchar. cap. 8. §. 16.

quer parte da Hostia está todo, naõ por modo parcial, senaõ por modo total: & porisso está o mesmo Corpo tãtas vezes reduplicado na mesma Hostia, quantas saõ as partes quasi infinitas, em que ella se pôde dividir: & naõ sò nas partes sensiveis, em que sò se pôde consagrar, mas tambem depois de consagrada, atè nas partes insensiveis. A Alma de tal maneira està toda em qualquer parte do corpo, que ou ha de estar toda, ou naõ ha de estar: o Corpo de Christo de tal maneira està todo em qualquer parte da Hostia, que naõ pôde deixar de estar, nem de estar todo. Todo em toda, todo em qualquer parte, & dividida essa parte em mil partes, em todas todo.

129 Oh milagre, oh prodigio, naõ sei, se maior da Omnipotẽcia, ou do Amor! A maior inclinaçaõ do amor he dar, ou darse todo; & a maior mortificaçaõ do mesmo amor he dar sòmente parte. Ponhamos tres mesas à vista, para que se veja a soberanía daquella. Assentado à mesa Elcana com toda a sua familia, quando veio a repartir a porçaõ, que lhe coube do Sacrificio, que tinha offerecido no Templo, diz o Texto Sagrado, que deu huã parte a Anna, mas desconsolado, & triste, porque amãdoa muito lhe dava huã sò parte: *Annæ autem dedit partem unam tristis, quia Annam diligebat.* 1.Reg.1. 5. Assim se entristece, & mortifica o amor, quando dá parte a quem quizera dar tudo. Mas desta mortificaçaõ nenhum amor se pôde livrar, ainda quando o maior amor se ajunta com o maior poder. Joseph era todo poderoso no Egypto, & quando deu o banquete a seus irmaõs depois de reconhecidos, postoque amava mais q̃ a todos a Benjamin, que fez com todo esse amor, & com todo esse poder? Nota o mesmo Texto Sagrado, que na repartiçaõ dos pratos, que elle fazia por sua propria maõ, a maior parte era a de Benjamin, & tanto maior, que excedia a dos outros em sinco partes: *Maior pars venit Benjamin, ita ut quinque partibus excederet.* Genes. 43. 34. Desorte, que podendo tudo Joseph, &

fazendo ſeu amor tudo, o que podia neſta repartiçaõ, o que pode dar a quem mais amava, foi huã parte maior, mas a maioría, & exceſſo deſſa maior parte, tambem foraõ partes: *Maior pars: Quinque partibus.* Naõ aſſim o Divino Amor, & verdadeira Omnipotencia de Chriſto naquella Sagrada Meſa. Eſtando a ella o Senhor com ſeus Diſcipulos, diſſelhe, que tomaſſem o Calix, em que lhe deixava ſeu Sangue, & o repartiſſem entre ſy: *Accipite, & dividite inter vos.* E entre o *Accipite*, & o *Dividite*, entre o tomar, & repartir o Calix, & o meſmo he do Paõ depois de Conſagrado, ouve alguã differença? Muito grãde, & nunca viſta ainda na Theologia mais eſtreita. Quãdo tomáraõ o Paõ da maõ de Chriſto, eſtava o Corpo de Chriſto todo em todo; tanto que o repartíraõ entre ſy, eſtava todo em qualquer parte. O Paõ partiaſe em partes, & o que eſtava debaixo do Paõ, partiaſe em todos, ou em hum ſò todo; porque todo o Corpo de Chriſto, & o meſmo eſtava na parte, que coube a cada hum. Nem a parte de Joaõ (que era o Benjamin) foi maior parte, nem a dos outros menor; porque o todo eſtava tam inteiramẽte nas partes, como no todo.

Luc.22. 17.

130 Eſta foi a razaõ, & proporçaõ admiravel, porque na ſuſtancia, & accidentes do Sacramẽto unio Chriſto inſeparavelmente o maior Myſterio ſobrenatural com o maior myſterio da natureza. Qual he o maior myſterio da natureza? He a compoſiçaõ do continuo, ou da quantidade, em que toda a Filoſofia atè hoje mais ſoube paſmar, que definir. Porque ſendo proprio da quantidade o ſer diviſivel, ou poderſe dividir, de tal modo ſe compoem de partes qualquer quãtidade, que por mais que ſe divida em infinito, em nenhuã parte ſe pôde dividir tam pequena, que eſſa meſma parte naõ ſeja diviſivel, & ſe poſſa dividir em partes. E porque a propriedade da quantidade he poderſe ſempre dividir, & a propriedade do amor he quererſe ſempre dar todo; poriſſo medio, & proporcionou o Senhor o todo do ſeu

Cor-

Corpo com as partes da quãtidade da Hostia, para que assim como as partes se podem sempre dividir, assim o seu Corpo se podesse sẽpre multiplicar. A Hostia em qualquer parte sempre divisivel em partes, & o Corpo debaixo de qualquer parte sempre multiplicavel em todo. Tanta he a differença nesta sò cõsideraçaõ, com que o Sacramento do Altar, que foi a ultima obra do Amor, & Omnipotencia Divina, se exalta sobre a primeira, que foi o Sacramento do Evangelho. O mesmo Corpo de Christo, que está naquella Hostia Cõsagrada, he o que esteve no Sagrado Ventre da Virgem Maria. Mas no Ventre da Virgem esteve todo o Corpo em todo, & parte em parte; porèm na Hostia, naõ sò està todo em todo, & todo em qualquer parte, mas em qualquer parte todo, & totalmente. Todo, & totalmente; porque assim como qualquer parte da Hostia se pôde dividir em infinito, assim o mesmo Corpo do Senhor, quantas forem mais, & mais as partes divididas, tanto estarà mais, & mais todo em todas. E todo, & totalmente por modo ainda mais sublime, & admiravel; porque ainda que as partes se naõ dividaõ, basta sòmente serem divisiveis em sy, para que em todas, por mais que sejaõ infinitas, esteja todo.

IIII.

131 INfinito seria tambem o nosso Discurso, se ouvessemos de ponderar huã por huã as outras differenças gloriosas de hum a outro Sacramento. Mas porque nem a brevidade do tẽpo permitte a ponderaçaõ, nem a necessidade da materia se satisfaz com o silencio; contentarmehei sòmente cõ as apontar. No Ventre da Virgem entrou Christo huã sò vez: no Sacramento entra em nós todos os dias: *Hæc quotiescumque feceritis.* Ecclef. in Canon. No Ventre da Virgem esteve sò nove mezes: no Sacramento ha mil & seis centos annos que està comnosco, & ha de estar atè o fim do mundo: *Ecce ego vobiscum sum ::::: usque ad consummationem* Matth. 28.20.

sæ-

ſæculi. No Vẽtre da Virgem eſteve em Nazareth nas mõtanhas, & poucas horas em Belem: no Sacramento eſtá em todas as partes do mundo ſem exceiçaõ de lugar:
Luc.17. 37. *Ubicumque fuerit corpus.* No Ventre da Virgem creſcia o Corpo de Chriſto, mas atè aquelle limite sòmente, em que tam pequeno, ou tam pequenino naſcéo: no Sacramento naõ creſce, nem pôde creſcer, porque eſtá alli na idade, na grandeza, & na eſ-
Epheſ.4 13. tatura de Varaõ perfeito: *In menſuram ætatis plenitudinis Chriſti.* No Ventre da Virgem eſtava o Filho na Mãy, mas a Mãy naõ eſtava no Filho: no Sacramento o meſmo Chriſto eſtá em nós, &
Ioan.6. 57. nós nelle: *In me manet, & ego in illo.* No Ventre da Virgem alimentavaſe o Filho dos comeres naturaes, de que ſe ſuſtentava a Senhora: no Sacramẽto o meſmo Senhor he o noſſo alimento, & o noſ-
Ibidem. ſo ſuſtento: *Qui manducat meam carnem, & bibit meum ſanguinem.* No Ventre da Virgem eſteve Chriſto em carne mortal: no Sacramento, & em nós, eſtá em Corpo immortal, & glorioſo: *Hic eſt panis, qui de cælo deſcendit.* Ibidem. 59. No Ventre da Virgem recebéo Chriſto de ſua Mãy a vida temporal: no Sacramento recebemos nós delle a vida eterna: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.* Ibid.59.

132 Em cadahuã deſtas differenças havia muito que dizer, muito que encarecer, muito que admirar; mas como ainda naõ chegámos à maior, & mais eſtupenda de todas, nella sò me deterei mais hum pouco. E que differença he eſta, digna de tam particular admiraçaõ, & reparo? He, que no Ventre da Virgem eſteve o Filho de Deos, onde nunca entrou peccado: & no Santiſſimo Sacramento, quando entra no peito dos homẽs, naõ sò eſtá em peccadores, mas muitas vezes entre os meſmos peccados. Sò quem comprehender as delicias ſobrehumanas, que o ſegundo Adam gozava no Paraiſo ſempre innocente do gremio Virginal, poderá de algum modo conjecturar, ou deſta differẽça as diſtancias, ou de tal fineza os extremos. Ponhamo-

nos

nos no Paraiſo terreal,& reparemos, no que naõ vi reparar atègora. Depois de dizer a Eſcritura, que Deos tinha plantado por ſua maõ hum Paraiſo de delicias, no
Geneſ.2. 8. qual poz o Homem : *Plantaverat autem Dominus Deus Paradiſum voluptatis ::: in quo poſuit hominem* : diz,que do lugar das delicias ſahia hum Rio para regar o Paraiſo:
Ibidem. 10. *Et fluvius egrediebatur de loco voluptatis ad irrigandum Paradiſum.* Logo ſe do lugar das delicias ſahia hum Rio para regar o Paraiſo ; ſegueſe, que o Paraiſo chamado das delicias, naõ tinha as delicias (ao menos as maiores) em toda a parte, ſenaõ em hum ſò lugar,o qual propria, & particularmente ſe chamava o lugar das delicias:*De loco voluptatis*. Suppoſta pois eſta diſtinçaõ, & differença tam expreſſa no Texto, ſaibamos agora, que lugar das delicias era eſte, o qual dava o nome a todo o Paraiſo, & do qual ſahia o Rio, que o regava. S. Pedro Damiaõ allegorizando o paſſo, diz, que o lugar das delicias do Paraiſo da terra he o Ventre puriſſimo da Virgem Maria, na qual Deos naõ ſò depoſitou, mas accumulou todas as ſuas delicias: & o prova com outro Texto da boca do meſmo Deos: *Locum voluptatis* P.Damian. Serm.de Annuntiat.
Uterũ Mariæ intelligo, in quo cumulavit omnes delicias deliciarum Dominus,de cujus delicijs Spiritus Sanctus admiratorio ſermone in Cantico ſic eructat: Quæ eſt iſta, quæ aſcendit de deſerto delicijs affluens? O Paraiſo das delicias do homem era o Paraiſo de Adam, que peccou: mas as delicias das delicias de Deos, & o lugar dellas : *De loco voluptatis:* era o Ventre de Maria, em que nunca ouve peccado.

133 Jà temos qual he o lugar das delicias: & o Rio, que delle ſahia :*Fluvius egrediebatur de loco voluptatis:* qual he? Eſta ſegunda duvida nos obriga a ſair da terra ao Ceo, & de hum Paraiſo a outro Paraiſo,& de hũ Ventre Sacratiſſimo a outro mais alto,& mais Divino. Ouvi ao
meſmo Santo:*Fluvius iſte eſt* Idem.
Dominus meus Ieſus, qui è duobus locis voluptatis egreditur,ex Utero Patris,ex Utero Vir-

Virginis. O Rio, que sahia do lugar das delicias, he o Filho de Deos, & de Maria, Christo Jesu, Senhor, & Redemptor nosso, o qual naõ huã sò vez, senaõ duas, sahio do lugar das suas delicias: no Paraiso do Ceo quando sahio do selo do Pay: *Ex Utero Patris*: no Paraiso da terra, quando sahio do Ventre da Virgem: *Ex Utero Virginis.* Desorte, q̃ o Verbo Eterno quando sahio do seio do Pay, sahio do lugar das suas delicias no Ceo, & quando entrou no Ventre da Virgem, entrou no lugar das suas delicias na terra: & a fineza que fez por nós, naõ esteve no entrar, esteve no sair: *Fluvius egrediebatur de loco voluptatis.* Como na Virgẽ María naõ havia, nem ouve nunca peccado, antes a summa perfeiçaõ de todas as virtudes, emquãto Christo esteve no Ventre de sua Mãy, alli tinha, & gozava todas as suas delicias: tanto assim, que se naõ fora por agradar, & obedecer a seu Pay, nunca dalli sahira, como elle mesmo disse pelo
Psalm. 21.10. Profeta: *Tu es, qui extraxisti me de Ventre Matris meæ:* Vós, Pay meu, sois o que sò me pudestes tirar do Ventre de minha Mãy, & me tirastes delle quasi por força, que isso quer dizer, *Extraxisti*: ou como treslada Tertulliano, *Avulsisti.* Assim que o maior sacrificio, que Christo fez a seu Eterno Padre nascendo, foi o mesmo nascer; porque foi sair do centro do seu amor, do seu dezejo, do seu descanço, das suas delicias.

134 Destas delicias, que Christo gozava no Ventre Santissimo de sua Mãy, se vé bem a differença da fineza, com que no Santissimo Sacramento do Altar se sogeita a entrar no peito dos homẽs. Là estava a fineza no sair, cà está no entrar. O fim porque Christo se deixou no Sacramento, foi, para regar, & fecundar nossas Almas cõ os influxos de seu Corpo, & Sangue, como Rio nascido da fonte de toda a Graça, que he a Divindade: *Et fluvius egrediebatur ad irrigandum Paradisum.* Genes. 2.10. As Almas puras, & santas, que naõ sò vivem em Fé, mas em perfeita Charidade, tam raras na corrupçaõ, & abusos da vida, que se

col-

costuma, essas saõ as plantas do Paraiso, que elle rega, & santifica com tanto fruto, como gosto. Mas naõ pára ahi. *Inde dividitur in quatuor capita* (acrescenta o mesmo Texto:) & dalli se divide como em cruz para as quatro partes do mundo, onde succede áquelle Sagrado Paõ, o que ao do Semeador do Evangelho, que hum cae nas pedras, onde se séca, outro nas espinhas, onde se afoga, outro nas estradas, onde o pizaõ, & pouco em terra boa, onde frutifique. Porisso com grãde mysterio sahe, & se divide em cruz, porq́ sahe, como diz S. Paulo, para ser outra vez crucificado, & afrõtado: *Rursum crucifigentes sibimetipsis Filium Dei, & ostentui habentes.*

Ibid.

Hebr. 6. 6.

135 Isto he o que padece Christo Sacramẽtado (posto que glorioso, & impassivel) nas consciencias de todos, os que o recebem, ou totalmente impenitentes em peccados manifestos, ou com falsa contriçaõ, & fingido, ou côrado arrependimento: que saõ os que mais ordinariamente se enganaõ, ou querem engãnar a sy mesmos; mas naõ enganaõ a Deos. E nestas Almas sem Alma (como a de Judas) naõ duvidáraõ a dizer Santo Anselmo, S. Paschasio, S. Cypriano, & Santo Agustinho, que padece mais Christo no Sacramento, do que padecéo na Cruz. *Magis peccant*, diz Santo Agustinho, *qui tradunt Christum peccatoribus membris, quam qui tradiderunt eum crucifixoribus Iudæis.* E a razaõ he; porq́ os Judéos crucificáraõ a Christo em hum madeiro innocente, & os que o recebem em peccado, crucificaõno em sy mesmos, como notou o Apostolo: *Crucifigentes sibimetipsis Filium Dei.* Aquella Cruz, porque era Cruz sem peccado, era muito mais leve para Christo; mas esta junta com os peccados dos que o crucificaõ em sy mesmos, he muito mais pezada, muito mais cruel, muito mais insoportavel. Assim o ponderou o mesmo Christo na mesma hora, em que deu os primeiros passos para a Cruz: *Ecce appropinquavit hora, & Filius hominis tradetur in manus*

August.

Matth. 26. 45.

peccatorum: He chegada a hora, em que ferei entregue nas maõs dos peccadores. Dos peccadores disse, & naõ dos algozes, nem dos tyrannos; porque maior horror lhe fazia nas maõs dos que o crucificáraõ a circunstancia dos peccados, que a tolerancia dos tormentos. Deixo as injurias, & blasfemias, com que a Fé do Diviniſſimo Sacramento he negada dos Hereges: nẽ fallo nas violencias, & desacatos atrozes das maõs impias, & sacrilegas, com que aquelle *Sancta Sanctorum* da Divindade tem sido tantas vezes profanado; porque para prova da ventagem, que buscamos, basta a differença de dizer, com peccados, ou sem peccado. Assim como huã Alma em peccado he o inferno do inferno, assim o Ventre Virginal, onde nunca ouve peccado, era o Paraiso do Paraiso. Logo naõ sò foi maior fineza sogeitarse Christo no Sacramento a entrar no peito dos peccadores, mas essa sò foi a fineza; porque encerrarse no Ventre da Mãy sempre Santissima, naõ foi fineza, senaõ delicia. No Sacramento do Altar, adorado, mas offendido: no Sacramento do Ventre da Mãy, elle, & o mesmo Ventre sempre beatificado: *Beatus Venter, qui te portavit.*

V.

136 Comparado com tanta ventagem o Sacramento do Altar com o Sacramento do Evangelho; resta comparar o Sacramento do Rosario com o Sacramento do Altar: comparaçaõ em que a ventagem parece difficultosa. Mas como he obra, em que o Filho de Deos poz a materia, & a Mãy de Deos deu a fórma, naõ será impossivel. Comecemos pela semelhança, que he o fundamento da comparaçaõ, & acabaremos pelas differenças, donde se poderá collegir a ventagem. He mui parecido o Sacramento do Rosario com o Sacramento do Altar, ambos Santissimos. Em que? Naõ em outra proporçaõ (porque naõ havemos de mudar a idéa) senaõ na mesma que ponderámos entre o Sacramento do Altar, & o Sa-

Sacramento do Evangelho. Se naquelle Sagrado Mysterio está todo Christo em toda a Hostia, & todo em qualquer parte; no Rosario passa o mesmo, & naõ invisivel, senaõ visivelmente. O Rosario, como todos sabem, consta de duas partes, huã Mental, outra Vocal: na Mental, q̃ saõ os Mysterios, em qualquer parte está todo Christo; na Vocal, que saõ as Oraçoẽs, em qualquer parte está todo o Rosario.

137 Estar todo Christo em qualquer parte do Rosario Mental, he cousa tam manifesta, que a vem os olhos. O que medíta o Rosario na parte Mental, saõ os Mysterios da Vida, Morte, & Resurreiçaõ de Christo: & nenhum Mysterio ha de todos quinze, em q̃ Christo naõ esteja todo: todo na sustancia, posto q̃ dividido, & diverso nos accidẽtes. Dividí em partes os tẽpos, os lugares, & os mesmos periodos da vida de Christo, & naõ me dareis parte alguã, em que naõ esteja todo. Todo no Mysterio da Encarnaçaõ (& sò elle todo; porque desde o primeiro instante foi inteiro, & perfeito Homem, o que naõ acontece aos demais.) Todo na Visitaçaõ, santificãdo o Bautista: todo no Presepio, acclamado de Anjos, & adorado de Reys, posto que nascido entre animaes: todo huã vez no Templo presentado a Deos nos braços de Simeaõ: & todo outra vez depois de perdido, achado entre os Doutores. E porque nesta vida, ainda que seja do mesmo Deos, naõ ha gostos sem pesares; se destes Mysterios, que foraõ os Gozosos, passarmos aos Dolorosos; todo no Horto suando sangue, todo no Pretorio atado à Coluna, todo coroado de espinhos, todo com a Cruz às costas, & todo pregado, & morto nella. Estes saõ os dous accidentes, de que se compoem toda a vida humana, que por isso S. Paulo os dividio sòmente em Gozosos, & Dolorosos: *Gaudére cum gaudẽtibus, flere cum flentibus.* Mas porque o mesmo Christo cõ sua morte nos merecéo outra segũda vida, que he a immortal, tambem esta tem outros accidentes, que saõ os Rom. 12. 15.

Glo-

Gloriosos, de q se compoem a terceira parte do Rosario, & em todos, & qualquer parte delles temos igualmente a Christo todo. Todo resuscitado, todo subindo ao Ceo, todo mandando de là o Espirito Santo, todo recebendo em triũfo a sua Gloriosissima Mãy, & todo com toda a Santissima Trindade coroandoa em Trono de suprema Magestade por Rainha do Ceo, & da terra, & Senhora universal de Homẽs, & Anjos.

138 Ouçamos agora a Salamaõ, que no curso, & circulo, que faz o Sol, reconhecéo todos estes Mysterios, & sua variedade, como nós tambem fazemos na volta q himos dando ao circulo do Rosario: *Oritur Sol, & occidit, & ad locum suum revertitur: ibique renascens, gyrat per Meridiem*: Nasce o Sol no Oriente, & morre no Occidente; mas depois de morto, & estar debaixo da terra, torna outra vez a renascer, & continuar seu curso. E que Sol he este, senaõ aquelle primeiro Planeta, fõte de toda a luz: *Quæ illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum*: o qual debaixo dos accidentes do Sol, que vemos, consagrou como em hum Sacramento natural o curso, os movimẽtos, & os Mysterios de sua primeira, & segunda vida, jà nascido, jà morto, jà resuscitado, que saõ as tres Partes, ou Terços, de que se compoem o Rosario: *Oritur Sol*; a primeira: *Et occidit*; a segũda: *Et ad locum suum revertitur, ibique renascens*; a terceira. Naõ he pensamento meu, senaõ commento, & applicaçaõ de Olimpiodôro: *Christus velut Sol ortus est in nativitate, occidit in morte, rursus ortus, & velut renatus est in resurrectione.* Nos Mysterios da Encarnaçaõ, & Nascimento esteve Christo como Sol cuberto de nuvẽs; porque a nuvem da Humanidade, encobria os raios da Divindade: nos Mysterios da Paixaõ, & da Cruz esteve como Sol ecclypsado com as sombras funestas da morte, & total escuridade da sepultura: nos Mysterios da Resurreiçaõ, & da Subida ao Ceo, esteve como Sol claro, &

Ecclef. 1.5.6.

Ioan. 1.9

Olimpiodorus in Comment.

& resplandecente no Meyodia, desfeitas totalmente as nuvens, & sumidas, & aniquiladas as sombras: mas o Rosario, & seus devotos (como a milagrosa flor do Eleutropio) que fazem? Vaõ seguindo sempre, & acompanhando ao Divino Sol em todos estes passos: & revestidos sempre (que he mais) dos mesmos accidentes. Nos Gozosos gozandose, nos Dolorosos doendose, nos Gloriosos gloriandose, & semelhãtes em tudo a quem em todos se lhe deu todo.

139 Duvidaõ aqui, & disputaõ os Padres, & Expositores, se falla Salamaõ neste Texto do circulo, que faz o Sol cadadia saindo, & tornando ao Oriẽte: ou do curso que faz cada anno dentro dos Tropicos, visitando, & detendose em todos os Signos do Zodiaco. Os dous Gregorios, Taumaturgo, & Nisseno, entendem o lugar do circulo de cada dia: S Jeronimo, & Theophilacto, do curso de cada anno: & huã, & outra sentẽça tem por sy grãdes Mathematicos. Outros Authores porèm conciliaõ, & abraçaõ ambos estes sentidos do Texto, entendendoo de hum, & outro curso do Sol. E o mesmo fazem melhor, & com mais certeza q̃ todos, os devotos do Rosario. Os devotos do Rosario? Pois como? Que tem que ver o Rosario com o Sol, ou no circulo de cada dia, ou no curso de cada anno? Muito, & por modo muito admiravel. Naõ dissemos, que debaixo dos accidentes deste Sol natural, & visivel, representou, & sacramentou Christo todo o curso, movimentos, & Mysterios de sua vida mortal, & gloriosa? Sim. Pois assim como o Zodiaco do Sol natural se compoem de doze Signos, assim o Sol Divino tẽ outro Zodiaco mais alto, & mais dilatado, que se cõpoem, & reparte em quinze Signos, que saõ os quinze Mysterios do Rosario. E assim como o Sol corre, & visita o seu Zodiaco nos doze mezes do anno, assim Christo correo, & aperfeiçoou o seu, dando luz, & calor ao mundo, naõ menos que em espasso de sincoenta & oito annos, que tantos se contáraõ

desde o dia de sua Encarnaçaõ, que foi o primeiro Mysterio, atè o dia da Coroaçaõ de sua Gloriosa Mãy, que foi o ultimo. E os devotos do Rosario, com maravilha, que se naõ vé no Ceo, conciliaõ, como dizia, todo este curso do Divino Sol, & todos os passos, & espassos deste tam dilatado Zodiaco dentro do circulo natural de hum sò dia; porque o circulo do Rosario, que cada dia rézaõ, os inclue, abraça, & comprehẽde a todos. E basta isto? Naõ basta. Porque ainda lhe falta a maior propriedade, que he estar Christo neste seu Zodiaco, naõ sò todo em todos os Signos, que saõ todos os quinze Mysterios, senaõ todo em qualquer parte de cada hum.

140 Os Signos do Zodiaco no nosso entendimento saõ huãs apprehensoẽs de figuras varias, que sò consideramos mentalmente: & no Ceo saõ certo ajuntamento de Estrellas, de que se compoem os mesmos Signos, & porisso se chamaõ Constellaçoẽs. E as Estrellas que saõ? Saõ huns Espelhos do Sol, em que o Sol, naõ em parte, senaõ todo, nem outro senaõ o mesmo, de tal sorte se divide, & multiplica, que em toda a Constellaçaõ está todo, & em qualquer parte, ou Estrella della todo, & todo em cadahuã allumia, & todo em cadahuã influe, obrando differentes effeitos no mundo, segundo a diversa natureza de suas proprias calidades. Taes saõ no Zodiaco do Rosario os Mysterios, de que se compoem. Consideraos mẽtalmente o nosso entendimẽto apprehẽdendo, & represẽtãdo ao mesmo Christo em diversos tempos, lugares, idades, & acçoẽs, como em differentes figuras, tam varias, como saõ as de sua Infancia, Paixaõ, & Gloria: & naõ sò está Christo todo em todos os Mysterios, senaõ todo em cadahum, & todo em cada parte delle, & todo allumiãdo, & todo influindo; porque segundo os diversos motivos, de gosto, de dor, & de gloria, primeiro com os raios de sua luz allumia os entendimentos, & depois com a efficacia de suas influencias move, & affeiçoa as vontades.

des. Assim o Sol todo em todo, & todo em qualquer parte no seu Zodiaco: assim Christo todo em todo, & todo em qualquer parte no Sacramento do Altar: & assim todo em todo, & todo em qualquer parte no Sacramento do Rosario.

VI.

141 E Se na parte Mental do Rosario, q̃ saõ os Mysterios, em qualquer parte está todo Christo; vejamos agora como na parte Vocal, que saõ as Oraçoẽs, tambem em qualquer parte está todo o Rosario. Primeiramente assim como no Sacramento do Altar, da Hostia, em que está o Corpo, & do Calix, em que está o Sangue de Christo, se compoem hum sò Sacramento; assim no Rosario Vocal, da Oraçaõ do Padre-nosso, em que oramos a Deos, & da Oraçaõ da Ave-Maria, em que invocamos a sua Santissima Mãy, se compoem hum sò Rosario: & pela mesma razaõ. Qual he a razaõ, porque a Hostia, & o Calix naõ cõpoem dous Sacramentos, senaõ hum sò? Porque ainda que nos accidentes, & no que mostraõ, saõ diversos, na sustancia, & no que significaõ, saõ o mesmo. Quando ElRey Faraó no Egypto teve em sonhos aquellas duas visoẽs tam sabidas, huã, das vaccas primeiro grossas, & depois macilentas, outra, das espigas primeiro gradas, & depois falidas; chamado Joseph para interpretar estas visoẽs, ou sonhos, q́ verdadeiramente foraõ profeticos; respondéo, que o sonho do Rey era hum sò: *Somnium Regis unum est.* Mas se os sonhos tinhaõ sido dous, & as cousas, ou figuras, que o Rey vira em cada hum delles, eraõ tam diversas; como diz Joseph, que era hum sò sonho? Porque ainda que eraõ dous nos accidentes, era hum sò na sustancia; ainda que eraõ dous no que se vira, eraõ hum sò no que significavaõ. Do mesmo modo no Sacramento, & tambem no Rosario. No Sacramento o que se vé na Hostia, & no Calix, saõ accidentes, & sinaes diversos; mas o que esses accidentes cobrem, & esses sinaes

Genes. 41. 25.

naes significaõ, saõ o mesmo Corpo,& Sangue de Christo na Hostia, & o mesmo Sangue, & Corpo de Christo no Calix: & porisso naõ dous, senaõ hum sò,& o mesmo Sacramento. No Rosario o que ouvimos em huã Oraçaõ, he o Padre-nosso; o que ouvimos na outra, he a Ave-Maria, & tomadas pelo q̃ soaõ, saõ duas Oraçoẽs differentes, mas entendidas pelo que significaõ, saõ huã sò, & a mesma. E assim como na Hostia *ex vi verborum* està o Corpo,& naõ està o Sangue,& no Calix *ex vi verborum* està o Sangue, & naõ està o Corpo; mas o Sangue leva comsigo o Corpo,& o Corpo o Sangue: assim na primeira Oraçaõ do Rosario *ex vi verborum* està o Padre-nosso, & na segunda *ex vi verborum* està a Ave-Maria; mas o Padre-nosso tambem leva comsigo a Ave-Maria, & a Ave-Maria o Padre-nosso.

142 Se assim he, bem ditto està. Mas parece, que naõ he assim, & com evidencia. No Padre-nosso naõ ha huã palavra, que se pareça com a Ave-Maria, na Ave-Maria naõ ha huã palavra, que se pareça com o Padre-nosso: logo como pôde ser, que o Padre-nosso, & a Ave-Maria sejaõ a mesma Oraçaõ, & o Rosario nestas duas Oraçoẽs tambem hum sò, & o mesmo? Respondo que sim. Naõ *ex vi verborum*, ou por força das palavras, como jà disse; mas por força, & por razaõ do que nellas se pede. O orar propriamente he pedir. E quando o que se pede he o mesmo, ainda que as palavras sejaõ diversas, a Oraçaõ he a mesma. No Padre-nosso fazemos sete petiçoẽs a Deos: na Ave-Maria, se bem advertis, naõ pedimos à Senhora cousa alguã em particular, senaõ sòmẽte em commum, que rogue por nós: *Ora pro nobis peccatoribus*: & como a Senhora naõ pôde pedir, ou querer para nós outra cousa, nem melhor, nem mais necessaria, nem mais conveniente, nem mais util, senaõ o mesmo que Christo nos ensinou que pedissemos a Deos; o que sò vimos a pedir na Ave-Maria, he, que a Mãy do mesmo Deos interceda com seu Filho, para que nos

nos conceda o mesmo, que nós lhe pedimos. Logo o mesmo, q̃ se pede no Padre-nosso, he tambem o que se pede na Ave-Maria, cõ que huã, & outra Oraçaõ, vem a ser a mesma. E nem a intercessaõ, que se acrescenta na Ave-Maria, nem as diversas palavras, de que ella consta, bastaõ, para que a Oraçaõ seja differente; porque quando quem pede, & quem intercede, procuraõ, & solicitaõ a mesma cousa, posto que o façaõ por differentes termos, sempre a petiçaõ he a mesma.

143 Naõ pôde haver melhor prova, nem exemplo mais proprio desta verdade, que o successo do Centuriaõ. Como o Centuriaõ fosse Gẽtio, & Romano, & naõ Hebréo, como Christo; para alcançar delle a saude do moço, que alguns querem fosse seu filho, tomou por intercessores os Sacerdotes da Cidade, em que vivia, & outros seus amigos tambẽ Hebréos, confiando que pelo parentesco nacional, que tinhaõ cõ o Senhor, o obrigariaõ mais facilmente a lhe conceder o que tanto dezejava. E esta he a mesma razaõ, porque nós na Ave-Maria, para que a Senhora interceda efficaz, & poderosamente por nós diante de Deos, o fundamos tambem no parẽtesco tam estreito, que tem com elle, dizendo: Santa Maria, Mãy de Deos, roga por nós. Mas ouçamos as palavras, com que o Centuriaõ orou a Christo, & com que os intercessores fizeraõ a mesma petiçaõ. O Centuriaõ disse: *Domine, non sum dignus, ut intres sub tectum meum: sed tantùm dic verbo, & sanabitur puer meus:* Matth. 8.8. Senhor, eu naõ sou digno, de que entreis em minha casa; mas basta, que deste mesmo lugar com huã sò palavra vossa deis saude ao meu enfermo. E os intercessores q̃ disseraõ? *At illi cum venissent ad Iesum, rogabant eum sollicitè, dicentes ei: Quia dignus est, ut hoc illi præstes: diligit enim gentem nostram: & Synagogam ipse ædificavit nobis.* Luc. 7. 4.5. Rogáraõ ao Senhor cõ grande instancia concedesse ao Centuriaõ o que lhe pedia, allegando, que era muito digno daquelle favor, por quanto sendo Romano amava mui-

to a Gente Hebréa, & ſendo Gentio lhe tinha edificado huã Synagoga, que era o meſmo que huã Igreja. Póde haver palavras mais diverſas em tudo, que eſtas dos interceſſores, & aquellas do Centuriaõ? Naõ póde. E comtudo a petiçaõ do Centuriaõ, & a dos q̃ por elle intercediaõ, era a meſma petiçaõ; porque elle para ſy, & os outros para elle, todos pediaõ a meſma couſa. A petiçaõ dos filhos do Zebedéo, & a da Mãy, naõ era a meſma? A meſma era, porque aſſim lho diſſe Chriſto a elles: *Neſcitis quid petatis.* Pois iſſo he o que nós fazemos ſem differença, tanto no Padre-noſſo, como na Ave-Maria. No Padre-noſſo pedimos como filhos, dizendo: *Pater noſter:* na Ave-Maria intercede a Senhora como Mãy, & poriſſo lhe dizemos: *Mater Dei, ora pro nobis:* mas aſſim nós, como a Soberana Interceſſora, todos fazemos huã ſò Oraçaõ, & a meſma; porque nós pedimos à Senhora, que peça; & a Senhora pede a Deos o que nós pedimos. E finalmente deſta Oraçaõ dividida em duas partes ſe compoem hum ſò, & o meſmo Roſario, como da Hoſtia, & do Calix no Altar, ſe compoem hum ſò, & o meſmo Sacramento.

Matth. 20. 22.

VII.

144 SO reſta para ultima propriedade da ſemelhança, que aſſim a Oraçaõ do Padre-noſſo, como a Ave-Maria, eſteja tambem cadahuã toda em toda, & toda em qualquer parte: o que naõ parece difficultoſo de perſuadir, ſendo huã, & outra Oraçaõ palavras divinas. Porque ſe as palavras da Cõſagraçaõ, por ſerem de Chriſto, tem virtude para fazer, que ſeu Corpo eſteja todo em todo, & todo em qualquer parte; as outras palavras divinas, porque naõ teraõ igual efficacia para obrar em ſy meſmas a meſma maravilha? David fallando da Oraçaõ de cada dia, qual he a do Roſario: *In quacumque die invocavero te: ecce cognovi quoniã Deus meus es:* diz aſſim: *In Deo laudabo verbum, in Domino laudabo ſermonem.* Quer dizer: que em Deos tanto louva

Pſalm. 55. 10. 11.

louva a palavra, como as palavras, tanto as poucas, como as muitas, tanto as simples, como as compostas; porque essa he a differença de *Verbum* a *Sermo*. He verdade, que na Lingua Grega, em que S. Joaõ escrevéo o seu Evangelho, a mesma palavra, com que disse: *In principio erat Verbum*: igualmente significa *Verbum*, & *Sermo*: & assim o interpretou o maior Theologo da Igreja Grega, S. Gregorio Nazianzeno, dizendo: *Ioann. 1. 1.*

Editus ex illo Sermo, qui temporis expers
Effigiem in sese Patris exprimit undique, & illi
Par est naturâ.

Nazianz. Carm. 2. in Arcanis.

Porèm os Theologos Latinos, postoque naõ neguem, nem possaõ negar esta propriedade, attribuem com maior distinçaõ o *Verbum* ao Filho de Deos antes da Encarnaçaõ, & o *Sermo* ao mesmo Filho depois de Encarnado; porque *Sermo* rigorosamente diz composiçaõ, a qual não ouve senão depois da Encarnação no composto ineffavel de Christo. Supposta pois esta distinção de *Verbũ* a *Sermo*; porque diz David fallando da Oração de cada dia, que tanto louva a Deos pela palavra, como pelas palavras; tanto pelas poucas, como pelas muitas; tanto pelas simples, como pelas compostas: *In Deo laudabo verbum, in Domino laudabo sermonem*? Porque nas Oraçoẽs compostas por Deos, tanto se contém nas muitas palavras, como nas poucas; tanto em todas, como em alguãs; tanto em toda a Oração, como em qualquer parte della.

145 Vedeo na Oração do Padre-nosso composta de sete petiçoẽs, nas quaes todas sete se contém em cadahuã, & cadahuã contém todas sete. Seja exemplo a primeira. Na primeira petição, *Sanctificetur nomen tuum*, pedimos a Deos, como entendem Santo Agustinho, S. Jeronimo, S. Chrysostomo, S. Cypriano, & todos os Padres, que seja Deos santificado em nós. E se Deos he santificado em mim, jà o Reyno de Deos veio a mim: *Adveniat Regnum tuum*; porque *Regnum Dei intra vos est*: Se Deos he santificado em mim, jà Eu faço a vontade de Deos *Matth. 6. 9.* *Ibid. 10* *Luc. 17. 21.*

Matth. 7.21. na terra, como no Ceo: *Qui facit voluntatem Patris mei, qui in cælis est:* Se Deos he sãtificado em mim, jà lhe posso pedir o paõ nosso, como meu: porque he paõ dos
Eccles. in Miss. Sacram. filhos: *Panis filiorum, non mittendus canibus:* Se Deos he santificado em mim, Eu per-
Luc.6. 37. doo, & Deos me perdoa: *Dimittite, & dimittemini:* Se Deos he sãtificado em mim, a tentação não me vence a
1.Cor. 10.13. mim, senão Eu a ella: *Sed faciet etiam cum tentatione proventum:* Finalmente se Deos he santificado em mim, nenhum mal me póde acontecer, porque de todo estou li-
Psalm. 90.10. vre: *Non accedet ad te malum.* E se dermos agora outra volta do fim do Padre-nosso para o principio; o mesmo corre por outro modo. Se estou livre de todo o mal, naõ posso cair em tentação: Se não posso cair em tentação, não posso deixar de perdoar, & ser perdoado: Se perdoo, & sou perdoado, não se me pôde negar o Paõ do Ceo: Se converto em sustancia o Paõ do Ceo, assim como a vontade de Deos se faz no Ceo; assim a faço Eu na terra: Se faço a vontade de Deos na terra, jà o Reyno de Deos me pertence a mim: E se a mim me pertence o Reyno de Deos, tambem Deos está santificado em mim: *Sanctificetur nomen tuum.* Desorte, que Ubi supr. de qualquer parte que tomemos o Padre-nosso, & entrarmos nelle como em hum artificioso labyrinto da idéa, & mão Divina; acharemos, que todas as sete petiçoẽs se contém em cadahuã, & cadahuã em todas sete: todo em todo, & todo em qualquer parte.

146 Dos sete Preceitos da segunda Taboa notou, & ensinou S. Paulo, q̃ todos se contém em hũ sò, & hũ sò em todos: *Nam: Non adulterabis:* Roman. 13. 9.
Non occides: Non furaberis: Non falsum testimonium dices: Non concupisces: & si quod est aliud mandatũ, in hoc verbo instauratur: Diliges proximum tuum sicut te ipsum. E a razão he, porque a mesma Ley, que manda em sete preceitos não matar, não adulterar, não roubar, & c. manda tambem em hum sò preceito, que cadahum ame a seu proximo, como a sy mesmo.

E quem guardar este sò preceito, não pôde deixar de guardar todos sete; porque elle se inclue em todos, & todos nelle: & porisso naõ he oitavo preceito, senão os mesmos sete encerrados em hum sò. Do mesmo modo as sete petiçoẽs do Padre-nosso. Todas pede, quem pede huã, se a pede com verdadeiro affecto: & quem assim pede, & alcança huã, pede, & alcança todas; porque de tal sorte se inclue cadahuã em todas, & todas em cadahuã, que não pôde estar a Oraçaõ toda em toda, sem que igualmente esteja em qualquer parte.

147 A mesma maravilha encerra tambem em sy a Ave-Maria. E porque a Virgem Senhora nossa tomou por sua conta provar este põto, saõ as provas tam milagrosas como suas. Quam milagrosa seja a virtude de toda a Ave-Maria, ou da Ave-Maria toda, não tem necessidade de repetiçaõ, pois todos sabem as muitas, & grandiosas mercês, que a Soberana Rainha dos Anjos tem feito, ainda àquelles devotos seus tam escassos, que huã sò Ave-Maria lhe rezavaõ todos os dias. Mas que essa virtude da Ave-Maria toda, esteja toda em qualquer parte da mesma Ave-Maria; porque parece cousa mais difficultosa, por isso he a que està mais provada. Havia em Hungria (diz S. Pedro Celestino) huã Donzella muito devota da Virgem Senhora nossa; mas tam rude, & de tam fraca memoria, que nunca pode aprender mais que as primeiras tres clausulas da Ave-Maria: Ave Maria, cheia de Graça, o Senhor he comtigo. Isto sò repetia muitas vezes; porèm com tal espirito de devaçáo, & com tamanha luz do Ceo, que as palavras se lhe convertiaõ em resplandores, de que todos lhe viaõ cercado, & alumiado o rosto em qualquer lugar, onde rezava. Admirado de tam manifesto milagre o Bispo, & dezejoso de que a Santa Donzella se adiantasse em maior perfeiçaõ, fez grãdes diligencias, para que ao menos aprẽdesse toda a Ave-Maria: & assim se conseguio com grande trabalho. Mas qual foi o successo? Caso pro-

prodigioso! Tanto que rezou toda a Ave-Maria, nunca mais lhe resplandecéo o rosto. Pois se aquella sò parte da Ave-Maria era causa de tam milagrosos resplandores, a Ave-Maria toda porque naõ causava, ou maiores, ou ao menos os mesmos effeitos? Porventura na mesma Ave-Maria tem maior virtude a parte que o todo? Naõ. Antes quiz mostrar Deos, que se he grande virtude a que tem no todo, naõ he menor a que tem em qualquer parte. O Bispo imaginou, que se aquella devota rezasse toda a Ave-Maria, receberia maiores favores do Ceo, do que rezando huã parte sòmente: & este pensamento quiz emẽdar Deos, & sua Santissima Mãy, fazendo cessar o milagre: para que entendesse elle, & todos, que na Ave-Maria, como no Divino Sacramento, naõ sò està o todo em todo, senaõ todo em qualquer parte: *Tantum esse sub fragmento, quantum toto tegitur.* Assim o mostrou o effeito. Porque tornando a mandar o Bispo que rezasse a devota, como dantes rezava, tornou a resplandescer, como dantes resplandescia.

148 Naõ parou aqui a Senhora na prova, & confirmaçaõ desta maravilhosa verdade: & quiz, que soubessemos com a mesma evidencia, que naõ ha parte alguã na Ave-Maria, ou grande, ou pequena, ou menor, ou minima, em que a Ave-Maria naõ esteja toda. Mas como faremos nós esta demostração? Vamos partindo a mesma Ave-Maria sempre em partes menores, & comecemos pelo meyo, ou a metade della. O Veneravel Thomás de Kempis accommettido fortemẽte pelo Demonio, que o queria afogar, valéose da Ave-Maria, dizẽdo: Ave Maria, cheia de Graça: o Senhor he comtigo: Benta es tu entre as molheres, & bento he o fruto do teu ventre. Mas o Demonio era tam rebelde, que naõ sò resistio à primeira, & segunda clausula, senaõ tambem às duas seguintes. Sò faltava da ultima o nome de Jesu: & quando Thomás chegou ao pronunciar, aqui perdéo de todo as forças o inimigo, & fugindo desapparecéo. Isto

obrou

obrou meya Ave-Maria. Vamos à outra parte menor. Sãta Benevenúta rogava sempre à Virgem Maria, de quem era devotissima, lhe quizesse mostrar seu Bemditto Filho, não depois deste desterro, como todos pedimos, mas emquanto gemia, & suspirava nelle. Hum dia depois, em q̃ mais crescérãõ estes affectos, veio pedir hum Minino à Santa, que lhe ensinasse a rezar a Ave-Maria. Era elle de estranha belleza; & como fossem rezando ambos: Ave Maria, cheia de Graça: o Senhor he comtigo: Benta es tu entre as molheres: quando chegárãõ áquellas palavras: Bento he o fruto do teu ventre: Eu sou esse, disse o Minino: & abraçando a Santa, a deixou cheia de tanta consolação, & saudades, quaes merecia tal visita. Mas ainda esta parte da Ave-Maria foi grande. Partamos mais. Santa Getrudes estando muito enferma não podia rezar o Rosario, & sò pronũciava as primeiras palavras da Ave-Maria: Ave Maria, cheia de Graça: o Senhor he comtigo. O demais supria com lagrimas. As quaes porèm enxugou, & pagou mui bem aos mesmos olhos o soberano objecto dellas. Apparecéolhe a Rainha dos Anjos com toda a Magestade, que tem no Ceo, vestida de gloria, & a bordadura das roupas toda era recamada daquellas mesmas palavras, que sò podia rezar, para que Getrudes as lesse mais ricamente gravadas, que nas Estrellas: & para que entendesse, que na estimação da Mãy de Deos não tinha menos valor aquella pequena parte da Ave-Maria, que toda. E esta parte tam pequena poderseha ainda partir? Ainda. Entrou na Ordem de Cister hum velho, o qual tinha estudado tam pouco em sua vida, que não sabía o Padre-nosso, nem a Ave-Maria. Ensinárãõno na Religiaõ; mas em todo o anno de noviciado sòmente chegou a saber dizer, Ave Maria, cheia de graça; sem poder jà mais passar adiante. Estes erãõ os seus Psalmos, quando os Monges estavão no Coro; & quando não estavão, tambem: porque tendo tam pouca memoria para aprender,

prender, era tanta a memoria, que tinha da Virgem Santissima, que em todo o tempo, & lugar, se não esquecia de a saudar, & louvar, com o que sabía, & podia, que não era pouco, pois era tudo. Morréo em fim o bõ velho, & para eterna memoria de quam aceita tinha sido à Senhora aquella pequena parte da Ave-Maria, nascéo da sua sepultura huã arvore, em cujas folhas estava escrito com letras de ouro, Ave Maria, cheia de graça. Jà aqui parece que poderamos parar, mas como aquellas folhas se podiaõ partir, partamolas nós tambem, & cheguemos atè a ultima, & minima parte da Ave-Maria, q̃ he Ave Maria sòmente. Havia huã devota molher, devota, mas illusa, como muitas vezes acontece. Transfiguravase o Demonio em Anjo de luz, apparecialhe em differentes visoẽs, & revelavalhe Mysterios altissimos, com que ella tanto se tinha por mais Santa, quanto elle a levava mais perdida. Pediolhe huã vez, tendoo por verdadeiro Anjo, q̃ lhe quizesse mostrar huã Imagem da Virgem Senhora nossa, que a representasse ao vivo, porque nenhuã das que via, satisfaziaõ ao conceito, que tinha de sua estremada fermosura. Fello assim o Demonio como tam grande pintor. E que succedéo? Vendo a simples molher a Imagem, que era fermosissima, postrase de juelhos diante della, começa a saudar a Senhora com a Ave-Maria; & tanto que pronunciou estas duas palavras sòmente, no mesmo ponto a Imagem se desfez em fumo, o Anjo se convertéo em hũ Demonio feissimo, as visoẽs, & revelaçoẽs mostráraõ que eraõ engano, & a molher sobre tudo se conhecéo a sy mesma, & deu as graças à Mãy de misericordia. Tanto pode sò aquella parte minima de huã Ave-Maria.

149 Assim que naõ ha parte, ou maior, ou menor da Ave-Maria, em que para favor dos que a rézaõ, naõ esteja toda. Donde Eu venho a inferir, que assim como Christo partindose deste mundo, nos deixou seu Corpo no Sacramento; assim a Senhora subindo ao Ceo se deixou

como Sacramẽtada comnosco na Ave-Maria: & porisso toda a sua assistencia em toda, & toda em qualquer parte. Sentença he muy cõmum dos Theologos, que no Santissimo Sacramento do Altar se adoraõ reliquias da Virgẽ Maria. E que estas saõ aquellas mesmas partes de Carne, & Sangue, q̃ o Filho de Deos encarnado recebéo de suas purissimas entranhas, & as conservou sempre em honra, & reverencia sua. E assim como aquellas reliquias estaõ todas em todo, & todas em qualquer parte do Sacramento; assim estas (que o saõ do seu amor) estaõ todas em toda a Ave-Maria, & todas em qualquer parte della, com o mesmo privilegio indivisivel, que he proprio das reliquias, cujas Almas estaõ no Ceo. Pensamẽto notavel foi o do Rico Avarento, em pedir que Lazaro o soccorresse sò com hum dedo, ou com a
Luc.16. 24. parte extrema delle: *Ut intingat extremum digiti sui in aquam.* Muitos dizem, que atè nisto se mostrou avarento: mas naõ foi avareza, senaõ veneraçaõ, & respeito, & hum reconhecimento certo do privilegio que Lazaro jà gozava como Santo. Os Santos depois da morte tãta virtude tem em seus corpos todos, & inteiros, como em qualquer parte delles: & como o Avarento vio a Lazaro no seio de Abraham entre os Santos, entendéo, que tanto o podia soccorrer todo Lazaro, como qualquer parte delle, & porisso pedio sò a parte minima de hum dedo. He o que disse em semelhante caso Theodoreto, dando a razaõ porque muitas Cidades repartíraõ entre sy o Corpo de hum Martyr, & o tomáraõ por Padroeiro: entendendo (como na verdade era) que tanta virtude tinha o Santo em qualquer parte, ou reliquia do seu Corpo, por minima que fosse, como em todo: *Quia tenues, ac tantillæ reliquiæ toti, nullasque in partes dissecto parem habent virtutẽ.* Theodoret. lib. 8. de Martyribus. E se esta prerogativa tam maravilhosa se exprimenta nas reliquias dos Santos, quanto mais nas da Santa dos Santos?

150 Nem obsta, que as reliquias, que a Senhora tem no Sacramento, sejaõ da mesma

ma Carne,& Sãgue de Chriſto, & as que nos deixou na Ave-Maria,ſejaõ ſòmẽte palavras; porque tambem as do Padre-noſſo ſaõ palavras, & o meſmo Chriſto fallando dellas as equipâra não menos que a ſua Carne,& Sangue no Sacramento. Aſſim como Chriſto diz da ſua Carne, &
Ioan. 6.57. Sangue: *In me manet, & Ego in illo*:aſſim diz das ſuas pala-
Ioan. 15.7. vras: *Si manſeritis in me, & verba mea in vobis manſerint.* E que palavras ſaõ eſtas? Saõ as palavras do Padre-noſſo, diz Sãto Aguſtinho,& o prova das que logo ſe ſeguem,cõ que o meſmo Senhor cõcluio
Auguſt. in Ioan. ibi. a ſua ſentença: *Si manſeritis in me, & verba mea in vobis manſerint, quodcumque volueritis, petetis, & fiet vobis.* Se vós eſtiverdes em mim, & as minhas palavras, que vos enſinei na Oração do Padre-noſſo,eſtiverem em vós,tudo quãto quizerdes, & pedirdes por ellas, vos ſerá concedido. *Ad verba ejus pertinet oratio, quam nos docuit* (diz o Sãto) *ab hujus verbis, & ſenſibus non recedamus in petitionibus noſtris, & quidquid petimus, fiet nobis.* E ſe as palavras do Padre-noſſo, & Ave-Maria (que ſaõ as partes de que ſe compoem o Roſario Vocal) ſaõ tam parecidas à Carne, & Sangue de Chriſto no Sacramento,& às reliquias da meſma Carne, & Sangue, que a Senhora tem no meſmo Sacramento, que muito he,que na prerogativa de eſtarem todas em todas, & todas em qualquer parte, ſe pareça tambem o Sacramento do Roſario com o Sacramento do Altar?

VIII.

151 ATèqui as ſemelhãças. Para declarar as ventagẽs, ſeria neceſſario outro mais largo Diſcurſo. Mas pois naõ temos lugar de diſcorrer nellas, como convinha; corramos por ellas. Suppondo pois (como todos devem entender) que as ventagẽs ſò podem ſer em reſpeito de nós, & das noſſas cõveniencias: primeiramẽte Chriſto no Sacramento, *Mors eſt malis, vita bonis*, he morte para os máos,& vida para os bons: porèm no Roſario,para os bons,para os máos,para to-

todos he vida. Os bons pela devação do Rosario se fazẽ Santos, & os máos, por grandes peccadores que sejaõ, rezando, & meditando o Rosario, se convertem, & se emendaõ, & ficaõ justos. Digaõno os ladroẽs, os homicidas, os adulteros, os blasfemos, os sacrilegos, & atè os Hereges sem numero reduzidos à Fé, & reconcilliados á Graça por meyo do Rosario. Notavel differença he a com que Christo nesta vida aceitava a mesa dos homẽs, & agora no Sacramento nos admitte à sua. Perguntáraõ huã vez os Escribas, & Fariséos aos Discipulos de Christo, porque razão seu Mestre, professando tanta santidade, comia com publicanos, & peccadores? E respondéo o Senhor aquella divina, & discretissima sentença: *Non est opus valentibus Medicus, sed malè habentibus*: dizellhe, que os enfermos saõ os que haõ mister o Medico, & naõ os saõs. O Sacramento tambem se chama *Pharmacum immortalitatis*, medicamẽto da immortalidade; mas he medicamento, que se immortaliza os saõs, mata os enfermos. Pois se Christo antes de Sacramentado os sarava, como agora no Sacramento, & com o mesmo Sacramento os mata? A razão desta differença, & da que tem o Sacramento com o Rosario, deu S. Paulo naquellas palavras: *Judicium sibi manducat, & bibit.* No Sacramento está Christo como ha de vir, no Rosario está como veio: no Sacramento está como Juiz, no Rosario está como Medico. Porisso no Sacramento como Juiz dá vida aos bons, & morte aos máos, & no Rosario como Medico livra da morte aos máos, & conserva a vida aos bons. Este foi o altissimo conselho, cõ que todos os Mysterios, de que a Virgẽ Senhora nossa compoz o seu Rosario, forão da primeira vinda de seu Filho, & nenhum da segũda. Os Mysterios do Rosario sò comprehendem, o que Christo obrou, desde que sahio do Ceo, & do seio do Padre, atè que se assentou à sua dextra. E que faz o mesmo Senhor à dextra do Padre, donde ha de vir a julgar, emquanto não vem? *Purgationem peccatorum*

Matth. 9.12.

1.Cor. 11.29.

Hebr. 1. 3.

rum faciens, ſedet ad dexteram maieſtatis in excelſis: diz S. Paulo. Tudo o q̃ faz Chriſto à dextra do Padre applicando a efficacia de ſeus merecimentos, & Myſterios (que ſaõ os que ſe contém neſte extracto de Roſas) he purgar como Protomedico Divino a todos os peccadores, & purificalos de ſeus vicios, por mais enormes que ſejaõ. Ah Judas, que ſe depois de haver vendido a teu Meſtre te lançáras aos pés da ſua Cruz, dizendo: *Dimitte nobis:* como he certo, que o benigniſſimo Redemptor, o qual pelos meſmos, que o pregáraõ nella, diſſe: *Pater, dimitte illis*: te perdoaria tambem a ti? E ſe naõ tendo roſto para apparecer em ſua preſença, recorréras à de ſua Mãy, dizendo: *Ora pro nobis peccatoribus*: igualmente não ha duvida, q́ alcançarias perdaõ, & te reſtituirias à ſua Graça. E ſe iſto obrariaõ huã ſò clauſula do Padre-noſſo, & outra da Ave Maria, no maior peccador, q́ fará em todos os outros o Roſario Inteiro?

Luc. 23. 34.

152 A eſta ventagem de conveniencias (que jà lhe não chamo ſò noſſas) ſe acreſcenta a ſegunda, não menos certa. E qual he? Que muito mais damos a Chriſto no Roſario, do que elle nos pedio no Sacramento. Quando Chriſto ſe deſpedio de nós, & nos deixou no Sacramento a ſy meſmo, o que ſòmente nos pedio, foi a memoria: *Hæc quotieſcumque feceritis, in mei memoriam facietis.* Grande couſa deve de ſer a memoria do homem, pois empenhãdoſe todo Deos na dadiva, ſò nos pedio a memoria por deſempenho. Dimas pedio a Chriſto a memoria, & deulhe o Paraiſo: Chriſto pedionos a nós a memoria, & damoslhe o Roſario: mas he muito maior memoria a que lhe damos, que a que nos pedio. E ſenão, ſaibamos que memoria foi a que Chriſto nos pedio, & dezejou de nós no Sacramẽto? S. Paulo o diſſe expreſſamente: *Hoc facite in meam commemorationem. Quotieſcumque enim manducabitis panem hunc, & calicem bibetis: mortem Domini annuntiabitis.* Deſorte, que a memoria, que Chriſto dezejou de nós no Sacramẽto,

Eccleſ. in Canon. Miſſ.

1. Cor. 11. 25. 26.

to, foi sò a memoria de sua morte. E a memoria, q̃ lhe damos no Rosario, qual he? He a memoria da morte, & mais da vida, & naõ sò memoria da morte, & da vida, senaõ da Vida, da Morte, & da Resurreiçaõ, & Gloria do mesmo Christo. Logo muito maior memoria he a que damos a Christo no Rosario, do que elle nos pedio no Sacramento. No Sacramento pedionos a memoria de hum sò Mysterio, no Rosario damoslhe a de todos. Tanto vay de memoria a memoria: mas ainda naõ está põderada. Posto que a Morte de Christo fosse mysterio de hum sò dia, era merecedora de que nos lembrassemos delle, naõ sò todos os dias, senaõ todas as horas. E he cousa digna de grande admiração, que nos naõ pedisse o Senhor esta memoria de sua morte para todos os dias, senão para aquelles sòmente em que commũgassemos. *Hæc quotiescumque feceritis, in mei memoriam facietis:* disse o mesmo Christo. E S. Paulo: *Quotiescumque manducabitis panem hunc, & calicem bibetis: mortem Domini annuntiabitis.* Pois se Christo tanto dezejava a nossa memoria, porque a limitou sòmente aos dias, em que commũgassemos? Seria porque suppoz que haviamos de commungar todos os dias, como faziaõ os Christãos da Primitiva Igreja? Assim parece. Mas depois que a ingratidaõ, & esquecimento dos homẽs foi tal, q̃ chegou a mesma Igreja a lhe pòr preceito de commungar huã vez no anno; como ficaria o Sacramento, se o não soccorresse o Rosario? Bem parece soccorro de sua Mãy. No Rosario tem Christo a satisfaçaõ da memoria, com que dezejou ser lembrado, & no Rosario o reparo do esquecimento, com que fiandose de nós, se expoz a ser esquecido. E desta maneira naõ sò igualou a memoria do Rosario, mas excedéo o memorial do mesmo Christo: pois sendo o Sacramento memorial seu de hum sò dia, & hum sò Mysterio; o Rosario he memoria de todos os seus Mysterios, & de todos os seus dias. Deixo, porque imos correndo, a ventagem de o Sacramento

Ubi supr.

mento nos pedir sò a memoria, & o Rosario lhe dar a memoria, & mais o entendimento: a memoria na apprehensaõ dos Mysterios,& o entendimento na meditaçaõ delles.

153 Daqui porèm se segue outra grande ventagem, ou maravilha, & he, que estando Christo no Sacramento encuberto,& invisivel, tivesse poder,& arte o Rosario para romper aquellas paredes dos accidẽtes, & o descobrir, & fazer visivel. Assim o via a Esposa,postoque detràs das mesmas paredes,quando disse: *En ipse stat post parietem nostrum respiciens per fenestras*. Christo no Sacramento venos a nós, ainda que nós o naõ vejamos a elle: mas de q̃ modo nos vé? Segũdo a mais filosofica Theologia,naõ nos vé com os olhos do Corpo, porq̃ o Corpo Sacratissimo está alli por modo espiritual, & indivisivel, em que as acçoẽs, que requerem extensaõ, naõ podem ter exercicio. Mas a Divindade,& a Alma do mesmo Senhor, tem naquellas mesmas paredes,abertas tres janellas, pelas quaes nos vem muito melhor que com os olhos. Huã he a sciencia divina, com que tudo he presente, & manifesto a Deos: outra he a sciencia beatifica, com que Christo emquanto Homem, vendo a Deos, vé nelle tudo: a terceira he a sciencia infusa,que pelas proprias especies sem dependencia de outras vé tãbem quanto quer ver. E estas saõ as janellas, pelas quaes diz a Esposa, que estando detràs da parede a via o Divino, & Humano Esposo: *En ipse stat post parietem nostrũ respiciens per fenestras.* Desta maneira nos vé Christo no Sacramento, sem ser visto de nós, ou nós o vermos com os olhos do corpo: os quaes, ainda que fossẽ de lince, naõ podiaõ penetrar aquellas paredes. Mas o poder,& arte do Rosario he tal, que nas mesmas paredes abrio, naõ tres, senaõ tres vezes finco janellas, pelas quaes, por mais que Christo no Sacramento esteja invisivel, o vemos: & estas saõ, diz S. Bernardo, a Oraçaõ Mental, & Vocal, com q̃ meditando oramos, & orando o louvamos: *Quod si pro* con-

Cant. 2. 9.

D. Bernard. ibi.

consideratione divinæ dignationis, libet animum laxare in vocem laudis, & gratiarum actionem: puto me amplissimam stanti post parietem Sponso januam aperire. Por este modo pois as meditaçoẽs, & oraçoẽs do Rosario, segundo o numero dos seus Mysterios, abrem nas paredes do Sacramento outras tantas janellas, pelas quaes vemos a Christo, & o louvamos, naõ sò emquanto morto, senaõ emquãto vivo, morto, & immortal, & em todas as idades, & estados da mesma vida, morte, & immortalidade, em que os olhos da Virgẽ Maria o naõ viraõ, nẽ os do mesmo Christo o pudéraõ, ou se pudéraõ ver juntamente, & no mesmo tempo. Pelos Mysterios Gozosos vemos a Christo encarnado, peregrino, nascido, presentado, perdido, & achado no Templo. Pelos Mysterios Dolorosos vemolo suando sangue, cuberto de açoutes, coroado de espinhos, com a Cruz aos hombros, & pregado nella. Pelos Mysterios Gloriosos, vemolo resuscitado, subindo ao Ceo, mandãdo o Espirito Santo, acompanhando o triumfo de sua Mãy, & pondolhe a Coroa. E tudo isto, que a mesma Senhora, & o mesmo Christo obrárаõ em tantos annos, & naõ pudéraõ ver em menos tempo; vemos nós no breve espasso, em que se reza o Rosario, com os olhos das suas meditaçoẽs, & com as vozes das suas oraçoẽs o agradecemos, & louvamos. E se Christo como amante tam ancioso, naõ sò nos dezeja ver, senaõ tambem ser visto de nós (como naõ podia deixar de ser visto de quem dizia: *En ipse stat post parietem nostrũ:*) esta satisfaçaõ do seu dezejo, que impediaõ as paredes do Sacramento, lhe deu tambem nelle o Rosario, rompendo, & penetrando as mesmas paredes.

154 Finalmẽte o Sacramento he o Mysterio da Fé, & o Rosario he a fé, a confissaõ, & o louvor de todos os Mysterios, que ella professa, & ensina. No Sacramento, posto que se parta a Hostia, sempre está Christo como paõ inteiro: no Rosario está como paõ partido: & porisso ainda que no Sacramento se

coma, no Rosario se gosta, & se digére. O Sacramento chamase Euchariſtia, q̃ quer dizer acçaõ de graças; mas essas graças no mesmo Sacramento estaõ mudas, & em silencio; no Rosario não sò as ouvem, Deos, & os Anjos, senão tambem os homẽs, porq̃ se cantaõ, & publicaõ a vozes. O Sacramento, como diz Jeremias, he escudo do coraçaõ, *Scutum cordis*; mas escudo que não podemos trazer comnosco: o Rosario trazemolo nas maõs, no peito, no cinto, & basta que o tragamos comnosco materialmente, para que nos defenda dos Demonios, das feras, das balas, dos rayos, como muitas vezes se tem visto. O Sacramento naõ se pôde commungar senaõ nos lugares sagrados, onde se cõsagra: o Rosario pôdese tomar na boca, & meditar no coraçaõ, na Igreja, & fòra della, na casa, & no campo, no mar, & na terra, & em todo o lugar, por menos santo, & profano que seja O Sacramento tem horas determinadas, & certas, em que sò o podem receber os Fieis: o Rosario pôdese rezar, & meditar pela manhaã, & à tarde, antes, & depois de comer, de dia, & de noite: & não ha interdito, ou cessatio á divinis, que prohiba seu exercicio, & nos prive delle. O Sacramento sò se pôde commungar huã vez em hũ dia: o Rosario pôdese multiplicar, repetir, & rezar tantas vezes cada dia, como se verá neste exemplo, cõ que quero acabar.

Thren. 3. 65.

155 Visitando os Hospitaes de Anvers hum Religioso de nossa Companhia, por nome Hermano Spruit, achou entre os incuraveis hũ Soldado velho, & ethico, ao qual depois de o ouvir de Confissaõ, ou lhe deu em penitencia, ou lhe aconselhou, que rezasse o Rosario. Ouvido o nome de Rosario, naõ o entendéo o Soldado, porq̃ era daquelles, que tirados do arado para as armas, sempre saõ rusticos Instruido porèm do que continha esta devaçaõ da Virgem Maria, se lhe afeiçoou com tal estremo, que disse ao Confessor, que se desde minino tivera aquella noticia, nenhum dia de sua larga vida havia de ter passa-

do,

do, em que naõ rezasse o Rosario. E que fez ? Como aquelles, a quem se lhe poem o Sol, antes de acabar a jornada, apressaõ, & múltiplicaõ os passos; assim elle se resolvéo a rezar quãtos mais Rosarios lhe fosse possivel, emquanto lhe durasse a vida. Mas naõ parou aqui: antes a esta boa resoluçaõ acrescentou outra maior, acõpanhada de huã nova esperãça, que como desconfiado dos remedios humanos, ninguem podia ter delle. Esperou, que se a Virgem Senhora nossa naquella sua debilidade lhe cõservasse os alẽtos necessarios, em espasso de dous annos, podia rezar tantos Rosarios, q̃ igualassem todos os dias de sua vida, em que os dezejava ter rezado, & naõ soubera. Com este notavel pensamento perguntou a hum Arithmetico, quantos dias faziaõ sessenta annos, que eraõ os q̃ tinha de idade ? E sendolhe respõdido, que Vinte & hum mil & nove centos dias: perguntou mais, quantos Rosarios havia de rezar cada dia para igualar este numero em espasso de dous annos ? Respondéo o Arithmetico com a mesma certeza, que pontualmẽte se repartiaõ em trinta Rosarios cada dia. Que mãcebo ha tam forte, & tam robusto, que não desmaiasse ouvindo taes numeros ? Mas o velho, & sobre velho incuravelmente enfermo, arrimado da poderosa maõ, a quem servia, sem largar das suas o Rosario, rezando de dia, & de noite, nenhum dia ouve, em que faltasse, nem às contas de cada Rosario, nem à conta de todos trinta. Chegou em fim (caso verdadeiramẽte admiravel, & de grande consolaçaõ para todos os devotos) chegou emfim o fim dos dous annos, & chegáraõ tambem os Rosarios ao numero de Vinte & hũ mil & nove centos: & tanto que se ajustou a conta dos Rosarios cõ a conta dos dias, que acontecéo? Sem rezar mais huã Ave Maria, nem viver mais hũ momento; no mesmo dia acabou os seus dias o venturoso Soldado, & no mesmo dia foi receber o premio dos seus milhares de Rosarios nas Eternidades da Gloria, onde mil annos saõ hum dia.

156 Assim alcançou da Mãy de Deos os dous prazos, que esperou de sua benignidade: assim lhe davaõ forças para rezar os mesmos Rosarios, q rezava:& assim soube recuperar o que tinha perdido, & viver, o que naõ tinha vivido em toda a vida. E quem haverá à vista deste exemplo, que por occupaçaõ, ou por descuido, ou por total esquecimento de Deos, & de sy, naõ reze o Rosario huã vez cada dia, ou quando menos huã parte delle? Naõ permitta Deos tal frieza de Fé, & de piedade, em Alma alguã Christaã, que naõ poderá ser senaõ precîta. Ninguem haja pois, que naõ frequente este terceiro Sacramẽto do Rosario em todos os dias de sua vida, para que se naõ arrependa de o naõ ter rezado na hora da morte. E nós acabando este largo Discurso, por onde o começámos, louvemos, & chamemos Bemaventurada à Virgẽ Maria por todos os tres Sacramentos, em que o dividimos. Bemaventurada no Sacramẽto do Evangelho, pois trouxe encerrado em suas entranhas o Verbo Eterno: Bemaventurada no Sacramento do Altar, pois lhe deu a Carne, & Sangue, materia de que he composto: & Bemaventurada no Sacramento do Rosario, pois o instituio com tal fórma, que elle he a reformaçaõ do Mundo. Levãtando pois a voz, com a que excitou o Espirito Santo entre as Turbas; digamos huã, duas, & tres vezes: *Beatus Venter, Beatus Venter, Beatus Venter, qui te portavit.*

FINIS.

SER-

SERMAM XX.

Iacob autem genuit Iudam, & fratres ejus. Matth. 1.

I.

157 QUEM negará, que ſaõ os homẽs filhos de Adam? Quem negará, q̃ ſaõ filhos daquelle primeiro ſoberbo, o qual naõ reconhecẽdo o que era, & querendo ſer o que naõ podia, por huã preſunçaõ vaã ſe perdéo a ſy, & a elles? Fellos Deos a todos de huã meſma maſſa, para que viveſſem unidos, & elles ſe deſunem: fellos iguaes, & elles ſe deſigualaõ: fellos irmaõs, & elles ſe deſprezaõ do parenteſco: & para maior exageraçaõ deſte eſquecimento da propria natureza, baſte o exemplo, que temos preſente. O Domingo paſſado, fallando na linguagem da terra, celebráraõ os Brancos a ſua Feſta do Roſario, & hoje, em dia, & acto apartado, feſtejaõ a ſua os Pretos, & ſò os Pretos. Atè nas couſas ſagradas, & que pertencem ao culto do meſmo Deos, que fez a todos iguaes, primeiro buſcaõ os homẽs a diſtinçaõ, que a piedade.

158 *Iacob autem genuit Iudam, & fratres ejus*: Jacob, Matth. 1.2. diz o noſſo Thema, gerou a Judas, & a ſeus irmaõs: & que irmaõs eraõ eſtes? Huns eraõ filhos de Lia, & de Rachel, outros eraõ filhos de Bala, eſcrava de Rachel, & de Reſfa,

escrava de Lia. Pois se entre as mãys havia huã differença tam grande, & tam notavel na estimação dos homẽs, quanto vai de Senhoras a Escravas; como naõ distingue o Evangelista os filhos, & a todos sem distinçaõ, nem differença, chama igualmente irmaõs: *Et fratres ejus?* Olhai para o Livro, donde se tirou
Ibidẽ.1. este Texto: *Liber generationis Jesu Christi:* Livro da geração de Jesu Christo. O fim porque Jesu Christo veyo ao mundo, foi para reformar os erros de Adam, & seus filhos, & para os restituir à igualdade, em que os tinha criado, desfazendo totalmente, & reduzindo à primeva, & natural uniaõ, as distinçoẽs, & differenças, que a sua soberba entre elles tinha introduzido. Tanto he de Fé esta razaõ, como o mesmo Texto.
Collos. Ouvi a S. Paulo: *Expoliantes*
3.9.10. *vos veterem hominem cum ac-*
11. *tibus suis, & induentes novũ, qui renovatur secundùm imaginem ejus, qui creavit illum. Ubi non est Barbarus, & Scytha, servus, & liber.* Despivos (diz o Apostolo) do homem velho, que he Adam, com todos seus abusos, & vestivos do novo, que he Christo, o qual veyo renovar, & reformar em todos os homẽs a imagem, a que Deos os tinha criado, na qual não ha Barbaro, ou Scytha, escravo, ou livre, mas todos saõ iguaes. Faz mençaõ entre os Barbaros nomeadamente dos Scythas, porque a Scythia era a Angóla dos Gregos, com quem fallava. E porque na Ley de Christo, onde ha hum sò Deos, huã sò Fé, & hum sò Bautismo, como diz o mesmo S. Paulo, tambem não ha, nem deve haver distinção de Escravo a Senhor, nem de cativo a livre: porisso o Evangelista aos filhos de Lia, & Rachel, que erão as Senhoras, & aos de Bala, & Resfa, que erão as Escravas, a todos sem differença de condiçaõ, ou nascimento, igual, & indistintamẽte chama irmaõs: *Judam, & fratres ejus.*

159 Isto he o que diz, & ensina o Evangelho; mas o que vemos na nossa Republica, não em alguns, senão em todos, he tudo o contrario. Consta esta grande Republica de tres sortes, ou tres

cores de Gentes: Brancos, Pretos, Pardos. E posto que todos se prezaõ, & professaõ servir a Virgem Maria, Senhora nossa, & se poderaõ reduzir a huã sò Irmandade, como na casa de Jacob, da qual he descendente a mesma Senhora; seguindo porèm todos mais a differença das cores, que a unidade da profissaõ, não sò os naõ vemos unidos em huã Irmandade, ou divididos em duas, mas totalmente separados em tres. Os em que acho menos razaõ, saõ os Pardos, porque naõ sò separáraõ a Irmandade, mas mudáraõ o appellido. Os Brancos, & os Pretos, sendo cores extremas, conserváraõ o nome do Rosario, & os Pardos, sendo cor meya entre as duas, por mais se estremarem de ambas, deixado o do Rosario, tomáraõ o de Guadalúpe. Por certo, que foraõ mal aconselhados; porque a Senhora do Rosario igualmente abraça todas estas tres cores: *Quæ est ista, quæ progreditur quasi Aurora consurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol?* Comparase a Senhora à Aurora, à Lua, & ao Sol: porquè? Porq̃ igualmente como Mãy, & como a filhos, & irmaõs, abraça com seu amor os Brancos, os Pretos, & os Pardos, & allumia com sua luz todas estas differenças de cores: como Sol aos Brancos, que saõ o dia; como Lua aos Pretos, que saõ a noite; & como Aurora aos Pardos, que saõ os crepusculos.

Cant. 6. 9.

160 Bẽ poderaõ os Pardos aggregarse aos Pretos, pela parte materna, segundo o Texto geral: *Partus sequitur ventrẽ:* mas Eu naõ quero senaõ, que se aggregassem aos Brancos; porque entre duas partes iguaes, o nome, & a preferencia deve ser da mais nobre. Nas mesmas duas cores temos a prova. Fez Deos o dia, & a noite cõ tal igualdade, que segundo diversos tempos do anno, nẽ em hum minuto de tempo excede o dia à noite, ou a noite ao dia. E a este espasso de vinte & quatro horas, que se compoem de dia, & de noite, como lhe chamou Deos desde seu nascimẽto? Chamoulhe dia: *Factum est vespere, & manè dies unus.* Pois se no mesmo

Genes. 1. 5.

mesmo espasso de tempo composto de duas ametades iguaes, tanta parte tem a noite, como o dia; porque se chama dia, & naõ se chama noite? Excellentemente S Basilio Magno: *Facta est vespera, factum est mané, quibus diem, noctemque significat: non tamen diem, & noctem hæc nuncupavit, sed præstabiliori totam tribuit appellationem.* Ainda que no circulo, que faz o Sol, do Oriente ao Occaso, & do Occaso ao Oriente, tanta parte tenha a noite, como o dia, & o dia seja claro, & a noite escura; comtudo áquelle espasso, que se compoem destas duas partes iguaes, chamalhe Deos dia, & naõ lhe chama noite; porque o nome, & a preferencia sempre deve seguir a parte mais nobre: *Præstabiliori totam tribuit appellationem.* Por esta regra, q não he menos que divina, ainda que a cor parda se cõponha igualmẽte da preta, & da brãca, se devia aggregar, como digo, à branca, & não à preta. Mas pois os Pardos se quizeraõ antes distinguir de ambas, & com tanta differença, que atè o appellido da Senhora trocáraõ, & deixáraõ o do Rosario: com tanto que o rezẽ, como os outros devotos delle, a Soberana Virgem, que invocada debaixo de qualquer nome he a mesma, se dará por satisfeita da sua devação.

D Basil. in Examer.

161 Excluidos assim, porque se quizeraõ excluir, os Pardos; ficaõ sò os Brancos, & Pretos, cujas cores, ainda q extremas, se poderáõ muito bem unir na mesma Irmãdade. Naquelle contrato que Jacob fez com Labaõ sobre as rezes pretas, & brancas, & as de cor misturada, & varia, sempre estas ficáraõ separadas a hũa parte, & as brancas, & pretas a outra: *Separavit varios, atque maculosos: cunctum autem gregem unicolorẽ, idest, albi, & nigri velleris, tradidit in manu filiorum suorum.* E por mais que este cõtrato se trocou dez vezes, he cousa muito notavel, que as rezes brancas, & pretas, ou passassem de Jacob a Labaõ, ou de Labaõ a Jacob, sempre andáraõ unidas. Logo bem poderáõ tambem andar unidos, & debaixo da mesma Irmandade

Genes. 30. 35.

mandade os Brancos, & os Pretos. E se quizermos tornar à metafora do dia, & da noite, assim puzeraõ huns, & outros juntos no mesmo coro os Cantores de Babilonia: *Benedicite noctes, & dies Domino.* Respondiaõse alternadamente os dias às noites, & as noites aos dias; & com uniformes vozes, posto que huãs mais claras, & outras menos; todos juntamẽte louvavão, & bemdiziaõ a Deos. Mas ainda que esta uniaõ fora muito propria da Ley Evangelica, em que a differença das cores não dirime a irmandade, nem faz distinção entre Senhores, & Servos; cõtudo David, como Profeta, vio isto mesmo, que nós temos diante dos olhos. Porisso fez dous coros differentes, & separados, de Brãcos, & Pretos, hum em que poz os dias, que não respondiaõ às noites, senão aos dias: *Dies diei eructat verbum:* & outro em q̃ poz as noites, em que tambem não respõdiaõ aos dias, senão às noites: *Et nox nocti indicat scientiam.*

Daniel. 3.71. *Psalm. 18.3.* *Ibidem.*

162 Supposta pois esta distinção, & separação de Irmandades, huã dos Brancos, outra dos Pretos, huã dos Senhores, outra dos Escravos; o meu assumpto, ou questão, muito digna de se disputar, será hoje esta: Qual destas duas Irmãdades he mais grata, & mais favorecida da Mãy de Deos: Se a dos Pretos, ou a dos Brancos, a dos Escravos, ou a dos Senhores? Hũs, & outros estaõ presentes, & a todos toca igualmente ajudarem-me a pedir a Graça.

Ave Maria, &c.

II.

Iacob autem genuit Iudam, & fratres ejus.

163 TRES causas tem nesta nossa Republica, os que se chamão Senhores, para a grande distinção que fazem entre sy, & os seus Escravos. O nome, a cor, & a fortuna. O nome de Escravos, a cor preta, & a fortuna de Cativos, mais negra que a mesma cor. Agora veremos, se saõ bastantes estas tres causas, para que na estimação da Soberana Rainha dos Anjos tenhaõ melhor lugar

gar os Senhores, que os Eſcravos, os Brancos, que os Pretos,& a humilde fortuna deſta ſegũda Irmandade, que a Nobreza da primeira.

164 Começãdo pois pela comparação dos Eſcravos cõ ſeus Senhores, no primeiro Patriarcha deſta meſma genealogia do Evangelho, q́ foi Abraham, tem os Eſcravos hum exemplo, que por todas ſuas circunſtancias favorece pouco o ſeu partido. Havia naquella familia dous Eſcravos, huã mãy chamada Agar,& hum filho chamado Iſmael, os quaes repreſentavão com grande propriedade as duas differẽças dos que temos preſentes. Agar, que quer dizer Peregrina,era trazida da Africa, porq́, como diz o Texto Sagrado, era Egypcia: *Ancillam Ægyptiam nomine Agar*: & Iſmael era naſcido em caſa do meſmo Abraham, como conſta do meſmo Texto: *Peperitque Agar Abræ filium.* Taes ſaõ hũs, & outros Eſcravos, os de que ſe compoem eſta Irmandade: huns chamados Angolas, que ſaõ trazidos da Africa, outros que ſe chamão Crioulos, & ſaõ naſcidos, & criados no Braſil em caſa de ſeus Senhores. He o que tinha prometido Iſaias à nova Igreja convertida da Gentilidade, que huns filhos lhe viriaõ de longe,& outros ſe levãtariaõ do ſeu lado: *Filij tui de longè venient, & filiæ tuæ de latere ſurgent.* Iſto poſto,vamos ao caſo. Primeiramente diz a Eſcritura, que Sara molher de Abraham tratava com tanto rigor a Agar, que a obrigou a fugir, & tornando outra vez para caſa não menos apadrinhada que por hũ Anjo; finalmente diſſe a Abraham, que lãçaſſe de caſa a eſcrava, & a ſeu filho: *Ejice ancillam hanc, & filium ejus:* & aſſim ſe fez. Saibamos agora: E eſta Sara, quem era? Dizẽ as Allegorias, que era figura da Virgem Maria Senhora noſſa, & ſe confirma com o ſeu proprio nome; porque Sara quer dizer *Domina*, a Senhora. Logo pouco favor parece, que podem eſperar da Senhora, não ſò alguns Eſcravos, ſenão todos, ou ſejaõ os de longe, como Agar, ou os de perto, como Iſmael.

Geneſ. 16. 1.

Ibidem. 15.

Iſai. 60. 4.

Geneſ. 21. 10.

165 Nunca viſtes huã figura

gura mal pintada? Pois assim he Sara, figura da Virgem Maria. As figuras bem pintadas mostraõ a semelhança: as mal pintadas encarecem a differença. Quereis ver bem pintadas as nossas Senhoras no rigor, & pouca piedade, com que trataõ os Escravos; olhai para Sara. E se quereis ver o encarecimento de piedade,& amor,com que a Senhora das Senhoras os trata, ponde os olhos na Virgem Maria. Para prova de quanto a Virgem Maria ama,& estima os Escravos, & naõ despreza este nome, não tenho menos q̃ tres testimunhos, todos tres Divinos: o de Deos, o do Filho de Deos, & o da Mãy de Deos. Comecemos por este ultimo. E para que appareça melhor o encarecimento da differença, naõ tiremos os olhos da figura de Sara.

166 Quãdo o Anjo trouxe a embaixada à Senhora, depois de lhe chamar cheia de graça, & bemdita entre todas as molheres, lhe disse, que seria Mãy de hum Filho tam grande, que se chamaria Filho de Deos, & herdaria o cetro de David seu Pay. E a Virgem, que sobre todos os titulos estimava o de Virgẽ, depois de replicar o que podia fazer duvida á sua pureza, as palavras, com que acceitou a Embaixada, foraõ: *Ecce Ancilla Domini*: Eisaqui a Escrava do Senhor. Luc. 1. 38. Pois agora, quando pela herança do Filho, como Filho de David, lhe pertencia o Senhorio de Israel; & agora quando pela herança do mesmo Filho, como Filho de Deos, lhe pertencia o Senhorio do mundo, se chama a Virgem Maria Escrava? Sim, agora. Quãdo se vio Senhora do Reyno, & Senhora do mundo, entaõ se chamou Escrava: para que julguem os Senhores,& os Escravos, se estimará mais os Escravos, ou os Senhores. Sara tambem mudou o nome, mas nunca deixou o de Senhora; porque dantes chamavase Saray, que quer dizer Senhora minha,& depois chamouse Sara, que quer dizer Senhora. E quem tam pegada estava ao nome, & dominio de Senhora, naõ he muito, que fosse de tam dura condiçaõ, & tam rigorosa

rosa com os Escravos: porèm Maria, que levantada sobre os dous maiores Dominios, & Senhorios da terra, & do Ceo, troca o nome de Senhora pelo de Escrava: Vede, se amará, & estimará muito aquelles, de quem tanto lhe agrada o nome?

167 Esta he a consequēcia, que naturalmente se infere de a Senhora tomar o nome de Escrava; mas ainda naõ está declarada a causa porque o tomou. Para a Senhora aceitar o que o Anjo lhe propunha, & para encarnar o Verbo Divino em suas
Luc. 1. 38. entranhas, bastava dizer: *Fiat mihi secūdùm verbum tuum:* & assim foi; porque no mesmo ponto, em que pronunciou estas ultimas palavras, se obrou o mysterio da Encarnação. Pois se bastava dizer, *Fiat mihi secundùm verbum tuum*; porque não sò acrescentou, mas anticipou ao *Fiat* o *Ecce Ancilla*; & antes de ser Māy se chamou Escrava? He reparo de Santo Thomás Arcebispo de Valença: ao qual cō novo, & exquisito pensamento satisfaz desta
D. Thomas à Villanova ibi in Serm. B. V. sorte: *Grandi ergo mysterio, altissimoque Deitatis instinctu conceptura Deum sui meminit ancillatus, ut orientem à se Filium mundi obsequio manciparet*. Sabeis porque a Virgē Maria se reconhecéo, & confessou por Escrava antes de conceber ao Filho de Deos? A razão, & mysterio altissimo foi, porque o parto, segundo as Leys, não segue a condiçaõ do pay, senaõ a da māy: *Partus sequitur ventrē:* & quiz a Senhora por esta declaraçaõ anticipada, que o Filho, que havia de ser seu, como Filho de Escrava, nascesse tambem Escravo nosso. Emquanto Filho de seu Pay, he Senhor dos homēs; mas emquanto Filho de sua Māy, quiz a mesma Māy, que fosse tambem Escravo dos mesmos homēs. Este foi o intento da Senhora no que disse, & no tempo, & modo, em q̄ o disse: & isto he o que significa a palavra forense *Mancipavit*, da qual se diriva *Mancipium*: *Ut orientem à se Filium mundi obsequio manciparet.*

168 Quando a Senhora disse, *Ecce Ancilla Domini*, acabava de ouvir ao Anjo, que

o Filho, que della havia de nascer, reynaria na casa de Jacob: *Et regnabit in domo Jacob.* E daqui se vé na materia de Escravos outra grande differença entre huã Senhora, & outra Senhora, entre Maria, & Sara. Sara, porque Ismael he Escravo, naõ quer que trate com seu filho, sendo seu irmaõ: & Maria, porque seu Filho ha de ser irmão dos homẽs, para que os trate, & sirva melhor, quer que seja seu Escravo. Sara para estabelecer a casa de Abraham em Isaac, lança a Māy Escrava, & mais o filho Escravo fòra de casa: & Maria para estabelecer a casa de Jacob em Christo, mete a Māy Escrava, & mais o Filho Escravo dẽtro na mesma casa. Digo na mesma casa, porq̃ a casa de Jacob era a mesma de Abraham. E daqui podemos entender com novo pensamento, que os antigos rigores de Sara contra os Escravos, eraõ profecia dos favores, com que neste tempo os havia de admittir, & tratar a Virgem Maria. Notai as palavras: *Ejice ancillam hanc, & filium ejus.* Naõ diz, que deite fòra de casa a Escrava, senaõ aquella Escrava: *Ancillam hanc*: porque havia de vir tempo, em que houvesse outra Ancilla, & outra Escrava, a qual tivesse outro filho tãbem Escravo, os quaes se naõ haviaõ de lançar da casa de Abraham, senão conservarse, & venerarse nella; para q̃ por seu meyo se conseguissem as bençoẽs, & felicidades, que Deos ao mesmo Abraham tinha promettido. E isto baste quanto ao primeiro testimunho.

Luc. 1.32.

III.

169 AO testimunho da Māy de Deos, seguese o do Filho de Deos. Sẽdo o Filho de Deos igual a seu Eterno Padre em tudo, para mostrar que esta igualdade era propria, & naõ alheia, natural, & naõ acquirida, ou roubada; quiz por amor de nós, naõ fazer, senaõ fazerse o que naõ era. E para se fazer o q̃ naõ era, que fórma tomaria fòra de sy mesmo? De quanto Deos tinha criado na terra, tomou o melhor, que era a natureza humana;

mana; & de quanto os homẽs tinhaõ inventado na mesma terra, tomou o peior, que era a condiçaõ de Escravo: *Qui cùm in forma Dei esset, non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo, sed semetipsum exinanivit formam servi accipiens, in similtudinem hominum factus*. Saõ palavras do Apostolo S. Paulo, nas quaes com razaõ encarece tanto este fazerse Deos Escravo, que lhe naõ chama fazerse, senaõ desfazerse: *Exinanivit semetipsum.* Naõ porque Deos deixasse de ser o q̃ era; mas porque unio o que infinitamente era, ao que naõ sò infinitamente, mas mais ainda que infinitamente, distava do seu proprio ser. O ser do homem dista infinitamente do ser de Deos, & o ser, ou naõ ser do Escravo, de outra segunda distancia pouco menos que infinita. E quando o Filho de Deos se naõ desprezou de ser Escravo; quẽ haverá que se atreva a desprezar os Escravos?

Philip. 2.6.7.

170 Tudo o que no Escravo pôde causar desprezo, coube em Deos; porq̃ quando tomou a fórma de Escravo, *Formam servi accipiens*, naõ a tomou, como dizem, *pro fórma*, senaõ cõ todas as formalidades. No Cenaculo servindo como Escravo a homẽs de baixa condiçaõ no exercicio mais baixo: *Misit aquam in pelvim, & cæpit lavare pedes:* na prizaõ do Horto sẽdo reputado por Escravo fugitivo, & ladraõ: *Tanquam ad latronem existis comprehendere me? quotidie apud vos eram:* na traiçaõ de Judas vendido como Escravo, & por vilissimo preço: *Constituerunt ei triginta argenteos:* na remissaõ a Caifáz maniatado como Escravo, ou, como cà dizeis, amarrado: *Misit eum ligatum ad Caipham:* no Pretorio açoutado como Escravo, & cruelissimamente açoutado: *Flagellis cæsum:* nas ruas publicas de Jerusalem como Escravo cõ a carga mais pezada, & mais afrõtosa às costas: *Bajulans sibi Crucem*: no Calvario como Escravo despido: *Acceperunt vestimenta ejus*: E finalmente como Escravo, & máo Escravo, pregado, & morto em huã Cruz, que era o supplicio proprio de Escravos. E se estes

Ioan. 13. 5.
Marc. 14. 48.
Matth. 26. 15.
Ioan. 18. 24.
Marc. 15. 15.
Ioan. 19. 17.
Ibidem. 23.

saõ os maiores abatimentos, a que pôde chegar o estado da servidaõ: Quem haverá, se tem Fé, que se atreva a desprezar no seu Escravo o que vé no seu Deos?

171 Para remir o genero humano bastava, que o Filho de Deos se fizesse Homẽ: & como os homẽs pervertendo a igualdade da natureza a distinguiraõ com dous nomes tam oppostos, como saõ os de Senhor, & Escravo; bem podéra o Filho de Deos contentarse com se fazer Homem do predicamento dos Senhores. E porque não quiz? Pela razaõ que deu S. Paulo: *Non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo, sed semetipsum exinanivit, formam servi accipiens.* O Apostolo diz, que se o Verbo se naõ fizesse Homem na fórma de Escravo, seria furto q̃ faria â Divindade de seu Pay: & Eu acrescento, que tambẽ faria furto à võtade, & exemplo de sua Mãy. Ora vede. Quem visse, que o Filho de Deos recebia a natureza humana, & se recebia com ella na fórma, & condiçaõ de Escrava, poderia bem cuidar, q̃ se cazára a furto: mas nem foi a furto do Pay, nem a furto da Mãy. Naõ a furto do Pay; porque do mesmo entẽdimento (que era do Pay, & mais do Filho) sahio o arbitrio, com que o Filho tomou a fórma de Escravo: *Non rapinam arbitratus est, formam servi accipiens.* Nem a furto da Mãy; porque assim o confirmou a Mãy, assinando o contrato com a firma de Escrava: *Ecce Ancilla Domini.* E se o Filho de Deos por arbitrio de seu Pay, por eleiçaõ de sua Mãy, & por inclinaçaõ, & vontade propria, havendo de se fazer Homẽ, se naõ fez do predicamento dos Senhores, senaõ da condiçaõ dos Escravos: Vejaõ lá os que ainda no serviço da Mãy de Deos, se separaõ dos Escravos, se favorecerá mais a mesma Senhora aquelles, cõ quem se quiz parecer seu Filho, ou aos que se desprezaõ de se parecer com elles? Grande caso he, que cabendo a fórma de Deos, & a fórma de Escravo em huã sò Pessoa, & essa Divina (*Cùm in forma Dei esset; formam servi accipiens*) hum homem com

nome de Senhor, & outro cõ nome de Escravo, não caibaõ em huã grande Congregaçaõ, & porisso se houvessẽ de separar em duas Confrarias?

IIII.

172 DEpois do testimunho da Mãy de Deos, & do Filho de Deos, sò resta o do mesmo Deos, isto he, de Deos Padre. Quiz Deos Padre, que assim como seu Filho tinha Pay, tivesse tambem Mãy, & para achar em todo o mundo, & em todos os seculos pessoa digna de tam alta, & soberana assumpçaõ, jà sabemos, que a não buscou nas Cortes dos Assyrios, Persas, Gregos, ou Romanos, entre as Princesas de sangue imperial; nem a achou na mesma Jerusalem Cabeça da verdadeira Fé naquelle tempo, senaõ em Nazareth, povo de poucas casas, & na mais humilde delle. Alli estava escondida aos olhos do mundo aquella Donzella mais Divina que humana, que sò mereceo ser digna Mãy de Deos Homem. Mas porque motivos? Nella tinha o mesmo Deos depositado, & juntas todas as perfeiçoẽs, & graças, que divididas fazem bemaventuradas no Ceo, & illustres na terra ambas as naturezas, Humana, & Angelica. Qual destas perfeiçoẽs pois, & qual destas graças foi a que mais encheo o entendimento, & cativou a vontade Divina, para que Maria unicamente fosse a bemdita entre todas as molheres, & entre todas a escolhesse Deos para Mãy de seu Filho? A mesma Senhora o disse: *Quia respexit humilitatem Ancillæ suæ:* porq̃ poz Luc. 1. 48. Deos os olhos na humildade, & baixeza de sua Escrava. Vede, que differẽtes saõ os olhos de Deos dos nossos. Mas agora pergunto Eu: E poderia a Mãy de Deos desprezar o que Deos estimou, & reprovar o que Deos elegéo, & onde Deos poz os olhos, deixar ella de pór tambem os seus? Claro está que naõ. Logo se Deos naõ poz os olhos na Magestade, & Grandeza das Senhoras, senaõ na humildade, & baixeza da Escrava; seguro tem os Escravos, ainda em

em comparaçaõ de ſeus Senhores, o maior favor, & o maior agrado dos olhos da Mãy de Deos.

173 E ſe vos naõ cõtentais com a razaõ deſta conſequencia, que todos vem; Eu vos hey de dar ainda outra, que ninguem imagina. A razaõ, que todos vem, he, que não pôdem os olhos da Senhora deixar de imitar, & ſeguir os olhos de Deos. E a q̃ Eu digo que ninguem imagina, qual ſerá? He, que quando a Mãy de Deos poem os olhos, olha pelos olhos de ſeu Filho. He caſo verdadeiramente admiravel, & de grande conſolação para todos os devotos da Virgem Maria, o que agora direi. Em Delphes, Cidade de Hollanda, no dia do Naſcimento da Senhora cantavaõ a Salve Regina no Coro certas Religioſas, de q̃ era huã, Santa Getrudes; & quando chegáraõ áquellas palavras, *Illos tuos miſericordes oculos ad nos converte*, em que pedimos à Mãy de Deos incline a nós ſeus miſericordioſos olhos; vio a Santa, que tendo a Imagem da Senhora ſeu Bemdito Filho no braço eſquerdo, movia o direito, & applicando os dedos aos olhos, que o Minino Jeſu tinha levantados, os inclinava brandamente, para que os puzeſſe nas Monjas, que a invocavaõ. E porque não ficaſſe em duvida, o que ſignificava a viſaõ, diſſe a Soberana Virgem a Getrudes: *Iſti ſunt miſericordioſiſſimi oculi, quos ad omnes me invocantes ſalubriter poſſum inclinare, ut & uberrimum fructum conſequantur ſalutis æternæ*: Eſtes ſaõ os miſericordioſiſſimos olhos, q̃ Eu poſſo inclinar, & inclino ſobre todos os que me invocaõ, para que por meyo de ſua ſaudavel viſta alcancem a vida eterna. Deſorte, q̃ quando a Mãy de Deos poem os olhos em nós, não ſò imita, & ſegue os movimentos, & inclinaçoẽs da ſua viſta, mas olha pelos olhos do meſmo Filho Deos. E ſe os olhos de Deos, como diz a meſma Senhora, não olháraõ para a nobreza, & ſoberania das Senhoras, ſenaõ para a humildade, & baixeza da Eſcrava: *Reſpexit humilitatem Ancillæ ſuæ*: ditoſa a humildade, & baixeza dos que ſois Eſcra-

vos, pois não podem deixar de se inclinar piadosamente a ella os olhos de Deos, & de sua Mãy.

174 Sò pôde ter esta verdade huã replica, não para vós, senaõ para os que sabem mais que vós. Diraõ, que o *Respexit humilitatem Ancillæ suæ*, se entende da virtude, & excellencia da humildade, & não da humildade, & baixeza da condiçaõ. E posto que a humildade, & baixeza da cõdiçaõ se acha em todos os Escravos, a virtude, & excellencia da humildade, que na Mãy de Deos foi summamẽte perfeita, ainda nos q̃ professaõ perfeiçaõ, he muito rara. Logo ainda que sejais Escravos, como a Senhora se chamou Escrava, naõ basta a humildade, & baixeza da condiçaõ, que traz comsigo este nome, para que os olhos de Deos, & da Mãy de Deos se ponhaõ mais benignamente em vós. Ora não vos desconsoleis, que se esta replica tem por sy muitos, & graves Autores, o sentido, em que Eu vos expliquei as palavras da Senhora, he fundado no mesmo Texto, cuja authoridade prevalece a todas. Onde a Vulgata lé, *Humilitatẽ Ancillæ suæ*, o Texto original tẽ, *Exiguitatem*, *Parvitatem*: & como verte Vatablo, *Nihileitatem*. De maneira, que a palavra *Humilitatem* naõ significa humildade, emquanto he virtude da pessoa, senaõ humildade, emquanto he baixeza da condiçaõ pessoal, & vileza della. Assim o entendem, fundados na propriedade do Texto, o mesmo Vatablo, Isidôro Clario, Jansenio, Caietano, & todos os Expositores modernos mais literaes, como jà o tinha entendido Euthimio conforme a significaçaõ natural da palavra, & Lingua Grega, em q̃ escrevéo o Evangelista S. Lucas, & a quem dictou o seu Cantico a mesma Virgem Maria. E ser esta a verdadeira intelligencia se confirma com a razaõ; porque o intento da Senhora, como summamente humilde, naõ foi engrandecer a sua virtude, senaõ abater a sua indignidade: Assim que a baixeza, & vileza propria da condiçaõ dos Escravos, essa he a que levou apoz sy os olhos de

Deos,

Deos, quando a Senhora se chamou Escrava: *Quia respexit humilitatẽ Ancillæ suæ.*

175 E para que se veja finalmente o lugar, que tem na estimaçaõ da mesma Senhora os Escravos, naõ obstante a baixeza de sua condiçaõ, ainda comparados com o nascimento, & nome dos que se chamaõ seus Senhores; nos irmaõs do nosso thema o temos, *Iudam, & fratres ejus*. Vendo Rachel, que a fecũdidade de Lia lhe tinha dado quatro filhos, & que ella era esteril, para suprir este desar, que naquelle tempo era afrontoso, pedio a Jacob, que admittisse ao talamo a sua Escrava Bala, para q̃ della ao menos tivesse filhos. Assim como Rachel o traçou, assim succedéo. E como desta substituição nascessem dous filhos a Bala, hum chamado Dan, outro Nephtali, a mesma Rachel, q̃ a proposito do successo lhe tinha posto os nomes, disse estas notaveis palavras: *Comparavit me Dominus cum sorore mea, & invalui:* ora graças sejaõ dadas a Deos, que me igualou com minha irmaã, & eu prevalecei. Quem não soubesse, q̃ Lia tinha jà quatro filhos, & naõ adoptivos, senão naturaes, & proprios, faria bem differente conceito desta, que Rachel chamou primeiro igualdade, & depois vitoria. Mas se os filhos de Lia eraõ quatro, & os de Bala sò dous, como diz Rachel, que igualou a sua irmaã, & que a vẽcéo? Para igualar, era necessario que fossem tantos os filhos de Bala, como os de Lia, & para vencer, era necessario que fossem mais: pois se não erão mais, nem tantos, senão ametade menos, como diz Rachel, não sò que igualou, senão, que vencéo: *Comparavit me Dominus cum sorore mea, & invalui?* O pensamento cõ que isto disse Rachel, ella o saberia: Eu sò sei, que a mesma Rachel era figura da Virgem Maria, & que os filhos de Lia eraõ filhos de Senhora, & os de Bala filhos de Escrava: & era tal a conta, & a differença, que Rachel fazia entre os filhos da Escrava, & os filhos da Senhora; que sendo os da Senhora quatro, & os da Escrava dous, estes dous para com ella no numero

Genes. 30. 8.

Ubi supr.

mero eraõ outros tantos, & na estimaçaõ muitos mais: no numero outros tantos; & porisso disse, q̃ Deos a igualára: & na estimação muitos mais; & porisso disse, que ella prevalecéra. Applicai vós, que Eu não quero fazer mais largo este primeiro Ponto.

V.

176 O Segundo, & segũda causa da grande distinçaõ, que fazem entre sy, & os Escravos, os q̃ se chamaõ Senhores, he, como diziamos, a cor preta. Mas se a cor preta puzera pleito â branca, he certo, que naõ havia de ser tam facil de averiguar a preferẽcia entre as cores, como a que se vé entre os homẽs. Entre os homẽs dominarem os Brancos aos Pretos, he força, & naõ razaõ, ou natureza. Bem se vé, onde não tem lugar esta força, nem a cor he vencida della. Quando os Portuguezes apparecéraõ a primeira vez na Ethiopia, admirando os Ethiopes nelles a policía Européa, diziaõ: Tudo o melhor deu Deos aos Européos, & a nós sò a cor preta. Tanto estimão mais que a branca a sua cor. Porisso, assim como nós pintamos aos Anjos, brancos, & aos Demonios, negros; assim elles por veneração aos Anjos pintaõ negros, & aos Demonios por injuria, & aborrecimento, brancos. Deixando porèm os que podem parecer apaixonados; ninguem haverá, que não reconheça, & venere na cor preta duas prerogativas muito notaveis. A primeira, que ella encobre melhor os defeitos, os quaes a brãca manifesta, & faz mais feios: a segunda, que sò ella não se deixa tingir de outra cor, admittindo a branca a variedade de todas: & bastavaõ sò estas duas virtudes para a cor preta vencer, & ainda envergonhar a branca. Mas das cores sò os olhos podem ser juizes. Vejamos o que elles julgaõ, ou exprimentão. Os Filosofos buscando as propriedades radicaes, com que se distinguem estas duas cores extremas; dizem, que da cor preta he proprio unir a vista, & da branca disgregalla, & desunilla. Porisso a brancura da neve offende, & cega

cega os olhos. E naõ he isto mesmo o que com grande louvor dos Pretos, & não menor affronta dos Brancos, se acha em huns, & outros? Dos Pretos he tam propria, & natural a uniaõ, que a todos os que tem a mesma cor, chamaõ Parentes: a todos os que servem na mesma casa, chamão Praceiros: & a todos os que se embarcáraõ no mesmo navio, chamaõ Malungos. E os Brancos? Naõ basta andarem nove mezes juntos no mesmo ventre, como Jacob, & Esaú, para se naõ aborrecerem: nem basta serem filhos do mesmo pay, & da mesma mãy, como Cain, & Abel, para se naõ matarem. Que muito logo, que sendo tam disgregativa a cor branca, naõ caibaõ na mesma Congregaçaõ os Brãcos com os Pretos?

177 E para que vejamos quam differente he a distinçaõ, que a Virgem Senhora nossa faz entre huns, & outros; ouçamos tambem neste Ponto a Deos, ao Filho de Deos, & à mesma Mãy de Deos. Havendo Deos criado o primeiro Homem, pozlhe por nome Adam, que quer dizer, *Ruber*, Vermelho, por ser esta a cor do Barro do cãpo Damasceno, de que o formou. Tam importante he à altiveza humana a lembrança de seus humildes principios. Mas se o intento de Deos era formarlhe o nome da mesma materia, de que o tinha formado, & a materia era o Barro Vermelho, porq̃ lhe não deu o nome do Barro, senaõ o da cor, *Ruber*? Porque no Barro não havia perigo de se desigualarem os homẽs; na cor sim. No Barro naõ; porque todos os filhos de Adam se haviaõ de resolver na mesma terra: na cor sim; porque huns haviaõ de ser de huã cor, & outros de outra. E naõ quiz Deos, que aquella cor fosse alguã das extremas, quaes saõ a branca, & a preta; senaõ outra cor meya, & mixta, que se compuzesse de ambas, qual he a vermelha; para que na mesma mistura, & uniaõ da cor se unissem tambem os homẽs de diversas cores, ainda que fossem tam diversas como a branca, & a preta. Porisso no mesmo nome de

Adam lhe distinguio tambē Deos as terras, em que segundo a calidade de cadahuã se lhe haviaõ de variar as cores. He advertencia engenhosa de Sãto Agustinho, o qual notou, que as quatro letras, de que se compoem o nome de Adam, saõ as mesmas, que no Texto Grego daõ principio às quatro partes do mundo, Oriente, Occidente, Setentriaõ, Meyodia. E como os homēs divididos pelas mesmas quatro partes do mundo, os da Europa, os da Africa, os da Asia, & os da America, conforme os differentes climas haviaõ de nascer de differentes cores: traçou a Sabedoria do Supremo Artifice, que assim como em todo o nome de Adam, *Ruber*, estava rubricada a memoria do Pay, & sangue commum, de que descendiaõ; assim a cada letra do mesmo nome respondessem os diversos climas do mundo, que lhe haviaõ de variar as cores: para que na variedade da cor se naõ perdesse a irmandade do sangue.

August. tract. 9. in Ioann.

178 Por espasso de dous mil annos foraõ da mesma cor todos os homēs, atè que habitando as duas Ethiopias os descendentes do segundo filho de Noé, começáraõ muitos delles a ser pretos. Mas acudindo Deos à differença, que podia causar nos animos esta differença das cores, logo na Ley Escrita, & no mesmo Legislador della honrou com tal igualdade a ambas, que nem os Pretos tivessem que envejar na branca, nem os Brancos que desprezar na preta. Na Ley mãdava Deos, que o Cordeiro, ou Cordeiros, q̃ se lhe offerecessem, fossem inviolavelmente immaculados. Assim se prescreve em todos os Ritos do Exodo, do Levitico, dos Numeros. E em que consistia o ser immaculado o Cordeiro? Cuidaõ muitos, que consistia em ser tam estremadamente branco, que nem sinal, nem mancha algũa tivesse de preto. Mas naõ eraõ estas as manchas, ou maculas, q̃ Deos prohibia. Naõ estava a mancha na cor, senaõ no corpo da victima. Se a inteireza natural do corpo do Cordeiro naõ tinha defeito, ou deformidade algũa, ainda

ainda que fosse em huã sò unha, era immaculado. E quanto à cor, ou fosse todo branco, ou todo preto, ou branco com parte de preto, ou preto com parte de branco, igualmente era aceito a Deos, & digno de seus Altares. *Immaculatus esse debebat, idest, integer, & sine vitio corporis: poterat tamen esse albus, niger, & habere maculas albas, vel nigras*: commenta o Douto A Lapide. Desorte, q̃ por ser brãco, ou preto, ou em todo, ou em parte, naõ deixava o Cordeiro de ser immaculado, sendo figura do mesmo Deos feito Homem: para q̃ os homẽs se naõ deshonrassem, ou tivessem por mancha em sy, o que Deos naõ tinha por mancha no seu retrato. Isto quanto à Ley.

Cornel. in Cap. 28. Num. v. 8.

179 Quanto ao Legislador, ainda foi maior o exẽplo, naõ sò da providencia, mas da severidade divina, no rigor cõ que castigou o desprezo desta indifferença das cores. Naõ reparando nella Moysés, como homem de tam sublime juizo, cazouse com a filha de hum Rey da Ethiopia, que elle tinha vencido em batalha, porisso chamada Ethiopiza. Naõ levãdo porèm bẽ este cazamẽto Maria irmaã do mesmo Moysés, & murmurando delle cõ Aram, que era o irmão maior; Deos, que costuma acodir pelos q̃ naõ acodem por sy, como vos parece que emendaria, ou desfaria esta murmuraçaõ? He caso verdadeiramente notavel! Naõ tinha bem acabado de murmurar Maria, quando appareceo de repente cuberta de lepra, & como leprosa, conforme a Ley, foi lançada fòra dos arraiaes. As palavras do Texto saõ estas: *Et ecce Maria apparuit candens leprâ, quasi nix*: & subitamente Maria apparecéo cuberta de lepra branca como a neve. Reparai muito nesta brancura, & nesta neve. Bem podéra Deos castigar a murmuração de Maria na lingua, emmudecendoa, ou com outro castigo, & enfermidade maior, & mais perigosa que a lepra: mas porque quiz, que fosse lepra particularmente, & tal lepra, que a fizesse branca como a neve: *Candens quasi nix*? Para que respondesse a pena di-

Num. 12. 10.

direitamente à culpa, & para que aprendesse Maria na sua brancura a não desprezar a pretidaõ da Ethiopiza. Como se dissera Deos: jà que nella desprezais a sua cor, olhai agora para a vossa: nella a sua pretidaõ he natureza, em vós a vossa brancura he lepra. Oh quantas brancuras se prezaõ de mùito brancas, q̃ saõ como a da irmaã de Moysés! Quanto melhor lhe fora ser negras sem lepra, que brãcas, & leprosas! Assim castigou Deos naquella Maria os desprezos da Ethiopiza: & assim nos ensinou pelo contrario, quanto préza, & quanto estima a todos os Ethiopes a outra Soberana Maria, que como bemditta entre todas as molheres, nascéo para emendar os erros de todas.

VI.

180 DOS exemplos de Deos, passemos aos de seu Filho, & vejamos, quanto estimou, & estima Christo os Pretos. He observação, em que por ventura não tendes reparado, a que agora direi. Digo, que estima tanto o Filho de Deos os Pretos, que mil annos antes de tomar o nosso sangue, deu aos Pretos o seu. Vejamos primeiro a verdade do caso, & depois iremos ao computo dos tempos. O Fi ho de Deos tomou o nosso sangue, quando encarnou, & se fez Homẽ: & deu o seu aos Pretos, quando lhe deu o sangue, que elle havia de tomar, que era o de David. E foi desta maneira. Reynando Salamão filho de David, levada da fama de sua sabidoria, veyo a vello, & ouvillo a Rainha Sabá, que o era da Ethiopia. E como Salamaõ tivesse por molheres setecentas Rainhas, recebéo tambem no numero dellas, posto que de cor preta, a mesma Rainha Sabá, de quem houve hum filho, o qual nascéo depois na Ethiopia, & a mãy lhe poz o nome de seu avó, & se chamou David. Sẽdo jà de vinte & dous annos este Princepe, dezejoso de ver, & tomar a benção a seu Pay, veyo a Jerusalem, onde Salamaõ não sò o reconhecéo por filho, mas com todas as ceremonias, & insignias reaes o fez ungir no Templo por

Damian. Goez. Franc. Alvar. Abrah. Hortel. Barrius. Genebrard. & alij.

por Rey da Ethiopia, sendo os ministros desta solennidade, Sadoc, & Joaz, em quẽ estava o Summo Sacerdocio naquelle tempo. Esta he a origem dos Emperadores da Ethiopia, mil annos, como dizia, antes da Encarnação do Filho de Deos; porque o Mysterio altissimo da Encarnaçaõ foi obrado no anno Quarẽta & hum do Imperio de Augusto Cesar, quando se contavão Quatro mil & sincoenta & hũ annos da Criação do mundo: & a vinda da Rainha Sabá a Jerusalem tinha sido no anno Vinte & quatro do reynado de Salamão, quando o mesmo mundo desde sua Criação contava sòmẽte Tres mil & sincoẽta & tres annos. Desorte, que quando o Filho de Deos fazendose Homem, tomou o sangue da geração de David, jà havia mil annos, que tinha dado o mesmo sangue aos Pretos da Ethiopia no seu primeiro Rey, ou Emperador (porque atè então, eraõ governados pelas Rainhas:) em memoria desta descendencia por tradição antiquissima, & sempre continuada se intitula hoje o mesmo Emperador: *Filius David, filius Salomonis, filius columnæ Sion, filius de semine Iacob, filius magnus Mariæ.*

Spondan. in Annalib. à Creat. Mũdi.

Hortel. in Theat. tabul. 68.

181 Esta ultima clausula de grande filho de Maria acrescentáraõ os Emperadores da Ethiopia depois do nascimento de Christo, o qual tantos seculos antes tinha honrado os Ethiopes cõ os mesmos nomes, ou titulos, com que hoje se intitula no Livro de sua geração. Que diz S. Mattheus, ou que nome dá ao Livro da geração de Christo? *Liber generationis Iesu Christi filij David, filij Abraham*: Livro da geração de Jesu Christo filho de David, & filho de Abraham. E deste mesmo David, & deste mesmo Abraham, de quem Christo hoje se chama filho, por descender delles por quarenta & duas geraçoẽs; destes mesmos, & não de outros se chamavão tambem os Ethiopes, filhos de David, & filhos de Abraham, não por quarẽta & duas geraçoẽs, senão por quinze sòmente, que tantas cõta o mesmo S. Mattheus atè Salamão. Filhos de David;

por-

porque todos os Ethiopes conservárão sempre o nome de David, como hereditario em seus Principes: & filhos de Abraham; porque todos tomárão delle a circuncisaõ.

182 E se buscarmos a razão, motivo, ou merecimẽto destes tam anticipados favores do Filho de Deos aos Ethiopes; o mesmo David o tinha jà cantado, quando disse: *Æthiopia præveniet manus ejus Deo.* Onde a palavra *Præveniet*, he o mesmo que *Prima veniet;* porque a Ethiopia, & os Ethiopes seriaõ os primeiros entre todos os Gentios, que receberiaõ a Fé do verdadeiro Deos. E declara o Profeta com excellente propriedade, & energía este reconhecimento, & aceitação da Fé, dizendo, como se lé no Hebréo, que estenderiaõ a Deos as suas maõs, porque este he o estilo, ou acção natural, como vemos, com que os mesmos Ethiopes novamente trazidos das suas terras reconhecem o dominio dos que tem por Senhores, estendẽdo para elles as maõs, & batendoas. Grande prerogativa, & singular por certo desta nação, que quando todas as outras adoravão muitos Deoses (chegando esta multidaõ em todo o mundo a numero de trinta mil, como refere Hesiodo) ella sò reconhecesse a unidade em Deos, sem a qual não pôde haver Divindade. E que direi da mesma Divindade unida à Humanidade em Christo, em cuja noticia, & prégação se anticipáraõ os Ethiopes aos mesmos Apostolos? Quando os Apostolos repartíraõ entre sy o mundo, coube a S. Mattheus a Ethiopia; mas quando lá chegou S. Mattheus, que foi no anno Quarenta & quatro do Nascimẽto de Christo, jà havia nove annos q̃ o Eunucho da Rainha Candaces, Guarda mór do seu Erario, convertido, & bautizado por S. Felippe, lhe tinha levado, & mostrado os thesouros do Evangelho: sendo elle o primeiro Apostolo da sua Patria, da mesma naçaõ, da mesma lingua, & da mesma cor, que os outros Ethiopes.

Psalm. 67. 32.

Cornel. Act. 8. 27.

Hesiodus relat. à Ravisio in Theatr. Phil. lib. 1. cap. 9.

Baron. eo anno.

183 Mas naõ foi esta ainda a primeira, & mais anticipada

cipada diligencia, com que os Pretos se adiantárão a prégar a Fé, & veneração de Christo, & sua Santissima Mãy. Os tres Reys Orientaes, que vierão adorar o Filho de Deos rezem nascido em Belem, he tradição da Igreja, que hum era Preto. Mas de que terra, ou nação fosse, andou em opiniões muitos seculos, atè que no anno de Mil quatrocentos & noventa & nove descobrirão os nossos Argonautas da India, que tinha sido o Rey de Cranganor. Este Rey pois tam preto como o pintão, mudando o nome que dantes tinha, se chamou Cheriperimale, que quer dizer, Terceiro, por ser elle o terceiro que seguindo a Estrella se ajũtou aos dous naquella prodigiosa viagem. Chegárão, achárão o Rey, que buscavão, & como a Rey, como a Deos, & como a Homem, lhe offerecérão postrados a seus pés os mysteriosos tributos. Voltãdo para suas terras, & Reynos, o q̃ fez o de Cranganor, foi, edificar logo hũ Templo, & no meyo delle huã Capella, a que se subia por muitos degráos, na qual collocou huã Imagem da Virgem Maria com o Minino Deos nos braços, como refere S. Mattheus, que o achárão: *Invenerunt puerum cum Maria matre ejus.* A este monumento de Religião acrescentou por Ley, ou Rito perpetuamente estabelecido, que todas as vezes que se nomeasse o Santissimo nome de Maria, todos se postrassem por terra: & assim o fizerão os Sacerdotes do mesmo Tẽplo em preseça do nosso Gama, & de todos os que com elle desembarcárão na mesma Cidade. Agora vede, se tenho Eu razão, para dizer, q̃ no culto, & veneração publica de Christo, & sua Santissima Mãy, se adiantárão os Pretos aos mesmos Apostolos. O primeiro Templo, que os Apostolos levantárão à Virgem Maria em sua vida, foi o do Pilar de Saragoça pelo Apostolo Santiago. Mas quando? No anno Vinte do Imperio de Tiberio, que era o anno Trinta & seis do Nascimento de Christo. De maneira, que quando o primeiro Apostolo à instancia da

Osorius lib. 5. de gest. Emman. Navar. lib. 21. de Orat. & Hor. Canon. Maffæus lib 2. Hist. Indic.

Matth. 2. 11.

Ita Bouther. in Chron. Hispan. cap. 23.

mesma Mãy de Deos lhe edificou a primeira Capella em Hespanha, jà o Rey Preto, cõ seus Vassallos da mesma cor, lhe tinhaõ edificado Templo na India. Para que se veja, se esta anticipada devaçaõ dos Pretos merecéo tam anticipados favores de Christo: & se à vista delles merecem ser desprezados dos que se chamaõ seus Senhores. E senaõ, digaõme os mesmos Portuguezes, qual era a sua Religiaõ naquelle tempo, & muitos annos depois? O que se acha em pedras, & inscripçoẽs antigas, he, que dedicáraõ Templo a Octaviano Augusto, Templo a Trajano, & a todos os Deoses, Templo a Isis, Templo, & Estatuas a Tiberio, & sua Mãy Livia, Templo, & Estatuas a Nero, & sua Mãy Agripina. E quãdo os Portuguezes sem se lhe fazerem as faces vermelhas na sua brancura, reconheciaõ Divindade nestes Monstros da ambiçaõ, & de todos os vicios, os Pretos nos seus Altares adoravaõ o verdadeiro Filho de Deos, & a verdadeira Mãy do mesmo Filho.

Sousa, & Faria ab August. usque ad Trajanum.

VII.

184 Mas ouçamos por fim a estimaçaõ, que faz da cor preta, naõ sò nelles, mas em sy, a mesma Mãy de Deos: *Nigra sum, sed formosa, Filiæ Ierusalem, sicut tabernacula Cedar, sicut pelles Salomonis.* Nestas palavras se defende a Pastora dos Cãtares, respondendo ás Filhas de Jerusalem, as quaes como criadas na Corte, & ella no campo, & como prezadas de muito brancas, a notavaõ de preta. Diz pois, q̃ ainda q́ preta, nem porisso deixa de ser fermosa: & o prova principalmente cõ as famosas Tendas de Salamaõ, quando sahindo da Corte morava no campo: *Sicut pelles Salomonis.* Assim como as pelles, que cobrem as Tendas de Salamaõ, saõ pretas, & muito fermosas, assim pôde haver fermosura, & grande fermosura em couros pretos. E se este dote da natureza, Filhas de Jerusalem, naõ está vinculado à cor branca, de que tanto vos prezais, notaime embora de preta, mas não de fea, porque ainda que sou preta,

Cant. 1. 5.

Ibid.

preta, sou fermosa: *Nigra sum, sed formosa.* Atè aqui a que em trajo pastoril repre-sentava a Virgem Senhora nossa, a qual com as mesmas palavras confessa ser a cor preta natural da sua Patria, & sua; porque a Palestina, como visinha ao Egypto, & à Africa, por razaõ do Clima mais exposto aos ardores do Sol, participa da cor, com que elle costuma tostar, & escurecer a brancura, como logo acres-
Ibid. 6. centou a mesma Pastora: *Nolite me considerare, quod fusca sim, quia decoloravit me Sol.* Assim lemos em Nicephoro, que aquelle soberano rosto, em que Dionysio Areopagita reconhecéo raios de Divindade, entre as duas cores extremas, propendia mais para a preta. O mesmo diz Santo Epiphanio. E mais claramente o demostra o Retrato natural da mesma Virgem Maria, pintura da maõ de S. Lucas, que hoje se vé, & venera em Roma na Basilica de Santa Maria Maior, como hum dos mais preciosos thesouros daquelle famosissimo Santuario.

185 Cousa he porèm muito digna de reparo, que neste Epitalamio, escrito pela Sabidoria de Salamaõ, nunca a Senhora se chamasse fermosa, senaõ depois de se chamar preta. Catorze vezes por diversos modos, & com diversos encarecimentos celébra o Esposo a sua fermosura, & lhe chama fermosa: mas a Senhora naõ se attribuio este louvor, de que tãto se gloriaõ, ainda as que o não merecem, senão huã sò vez, & quando juntamente disse, q̃ era preta: *Nigra sum, sed formosa.* Seria por ventura para escurecer com estas sombras a mesma fermosura? Naõ, diz Santo Ambrosio; senão para a engrãdecer, & realçar mais: *Præmisit nigram, ut augeret decoram.* E se buscarmos a razaõ desta consequencia, que naõ parece facil; na semelhança das mesmas Tendas de Salamaõ a temos excellẽtemente declarada. Porque sendo por fòra lavradas com todos os primores da arte na cor preta, & por isso muito fermosas à vista; por dentro eraõ recamadas de ouro, perolas, & diamantes, cujos reflexos na opposiçaõ daquella

Ambros. in Psal. 118. Serm. 18.

cor brilhavaõ mais, & faziaõ hum admiravel composto de maior graça, & fermosura. E desta maneira sendo o preto esmalte do branco, & o escuro realce do claro, se pareciaõ muito vistosas, no que mostravaõ por fòra, muito mais fermosas, & preciosas eraõ, no q̃ cobriaõ por dentro: *Præmisit nigram, ut augeret decoram.*

186 Notem isto as Pretas, & os Pretos, para que os não desconsole, ou desanime a sua cor: & notem tambem o mesmo as Brancas, & os Brancos, para sua confusaõ, se tendo a brancura sò por fòra, forem negros por dentro. Mandava Deos no Levitico, que o Cisne, como ave immunda, se lhe naõ sacrificasse, nem ainda se comesse. E em que defeito se fundava esta Ley, se o Cisne, cantor de suas proprias exequias, he tam branco como a mesma neve? Porque por fòra tem as pennas brancas, & por dentro a carne negra: *Cujus plumæ licet albæ sint, & molles, caro tamen est dura, nervosa, & nigra.* Olhe para sy a brancura, & veja, se responde ao interior, ou se he hypocresia. O carvaõ cuberto de neve, nem porisso deixa de ser carvaõ: antes junto della he mais negro. Porisso Christo Senhor nosso cõparava os Escribas, & Fariséos às sepulturas brãqueadas: *Væ vobis Scribæ, & Pharisæi hypocritæ: quia similes estis sepulchris dealbatis.* E em que consistia a hypocresia daquellas sepulturas vivas? Em que a brancura de fóra lhe dava apparencias de fermosura, & por dentro estavão cheias de corrupçaõ, & horrores: *Quæ à foris parent hominibus speciosa, intus verò plena sunt ossibus mortuorum, & omni spurcitiâ.* Vede agora, se a Mãy de Deos para estimar mais os Brancos que os Pretos, se deixarà enganar das apparencias, ou hypocresias da cor?

Levit. 11. 18.

Cornelius ibi.

Matth. 23. 27.

Ibidem.

187 Là disse Deos a Samuel, que elle não era como os homẽs; porque os homẽs olhaõ para o rosto, & Deos para os coraçoẽs: *Homo videt ea, quæ parent, Dominus autem intuetur cor.* Pois assim como nos olhos de Deos, assim tãbem nos de sua Mãy, cadahũ he da cor do seu coraçaõ. E para

1. Reg. 16. 7.

para que vejamos, quam pouco importa, para maior estimaçaõ da Senhora, a cor, ou apparencia do rosto, na Historia do nosso Thema o temos. Vendo Lia, que Rachel tinha filhos da sua Escrava Bala, quiz ella tambem ter filhos da sua Escrava Raspha: & parece, q̃ sem razão. Que Rachel vendose esteril, busque esta consolaçaõ, ou alivio à sua infecũdidade, perdaõ merece a sua dor: mas q́ Lia achandose com quatro filhos legitimos de Jacob, os queira tambem ter da sua Escrava Raspha, appettite parece alheo de todo o bom juizo. Quanto mais, que as cores, & feiçoẽs do rosto de Raspha eraõ tam pouco para estimar, como significa o seu proprio nome, que quer dizer, *Contemptum oris*, desprezo do rosto. Pois de huã Escrava, que na cara, & na cor trazia o proprio desprezo, quer Lia ter filhos? Sim. Porque entendéo, & esperou, que os filhos da Escrava, posto q́ de tam desprezada cor, podiaõ fazer mais ditosa a sua casa, que os da mesma Senhora. E assim foi. Nascéo o primeiro filho a Raspha, & pozlhe Lia por nome Felicidade, chamandolhe Dan: *Dixit feliciter: & appellavit nomen ejus Dan.* Nascéo o segundo filho à mesma Raspha, & pozlhe a mesma Lia por nome Bemaventurança, chamandolhe Aser: *Dixit: Hoc pro beatitudine mea: Beatam quippe me dicent mulieres. Propterea appellavit eum Aser.* Comparaime agora os quatro filhos de Lia Senhora, com os dous de Raspha Escrava, & Escrava de cor, & rosto tam desprezado. Os quatro filhos de Lia Senhora, eraõ Ruben, Simeaõ, Levi, & Judas: & destes quatro os primeiros tres foraõ amaldiçoados de seu Pay, & privados do morgado: & os dous de Raspha Escrava nascéraõ com tam differente estrella, q́ o primeiro a fez felice, & o segundo bemaventurada entre as molheres: *Hoc pro beatitudine mea: Beatam quippe me dicent mulieres.* E parou aqui o encarecimento desta grande differença? Naõ. O que depois delle se seguio dahi a muitos seculos, he a mais forte, & apertada conclusaõ, com

Arias Mõtan. in Apparat. Bibl. Reg.

Genes. 30. 11. 6.

Ibidem. 13.

Ibid.

com que se pôde rematar este ponto. Porque quãdo a Virgem Senhora nossa no seu Cãtico disse, que pelo Filho, de q̃ Deos a tinha feito Mãy, lhe chamariaõ todas as geraçoẽs Bemavẽturada, foi tomando da boca de Lia as mesmas palavras, com que ella se chamou bemaventurada pelos filhos da sua Escrava Raspha. *Huc allusit Beata Virgo Deipara, cùm cecinit: Beatam me dicent omnes generationes:* diz o doutissimo Cornelio. E se a mesma Mãy de Deos medío os seus louvores pelos da Escrava Raspha, desprezada pelo rosto, & pela cor, bem claramente se deixa ver, se pela differença das cores estimará mais os Brancos, & menos os Pretos.

Cornel. ibi.

VIII.

188 SO resta a ultima razaõ, ou semrazaõ, porque os Senhores desprezaõ os Escravos, que he a villeza, & miseria da sua fortuna. Oh Fortuna! E que mal considera a ceguCira humana as voltas da tua roda? Virá tempo, & naõ tardará muito, em que esta roda dé volta, & entaõ se verá, qual he melhor fortuna, se a vil, & desprezada dos Escravos, ou a nobre, & hõrada dos Senhores. Muitas vezes tendes ouvido a Historia daquelle Rico sem nome, & do Pobre chamado Lazaro. O Rico vivia em Palacios dourados, & Lazaro ao Sol, & à chuva jazia na rua: o Rico vestia Purpuras, & Hollãdas, & Lazaro, se estava cuberto, era de chagas: o Rico banqueteavase esplẽdidamente todos os dias, & Lazaro para matar a fome, naõ alcançava as migalhas, q̃ cahiaõ da sua mesa. Pôde haver maior differença de fortunas? Todos os que passavão, & viaõ as delicias do Rico, envejavaõ a sua felicidade; & todos os q̃ naõ tinhaõ asco de pór os olhos em Lazaro, tinhaõ compaixaõ da sua miseria. Senão quando chegou alli de repẽte a morte, deu hum pontapé na roda da Fortuna, & foi tal a volta em hum momento, que Lazaro se achou descançado no Seio de Abraham, & o Rico ardendo no Inferno. Clamava

va o triste por remedio, quã-
do jà não era tempo de reme-
dio, & pedia huã gota de a-
gua, a quem não tinha dado
huã migalha de paõ. Mas que
reposta tiveraõ os seus cla-
mores ? Respondéolhe A-
braham com este ultimo de-
sengano, & tam justa, como
Luc.16 tremenda sentença: *Fili, re-*
25. *cordare, quia recepisti bona in*
vita tua, & Lazarus similiter
mala: nunc autem hic consola-
tur, tu verò cruciaris : Lem-
brate, filho, do outro tempo,
& do outro mundo, & naõ
estranharás, que na tua fortu-
na, & na de Lazaro, vejas huã
tam grande mudança : tu na
tua vida gozaste os bens, &
Lazaro padecéo os males; a-
gora tu padeces os males, &
elle logra os bens: *Fili, recor-*
dare. Oh se os Ricos, & os
Lazaros, naõ esperáraõ pela
outra vida, para se lembrarẽ
do que agora saõ, & do que
podem ser depois!

189 Digaõme os Ri-
cos, quem foi este Rico, & os
Pobres, quẽ foi este Lazaro?
O Rico, foi o q saõ hoje os q
se chamaõ Senhores: & Laza-
ro, foi o que saõ hoje os Po-
bres Escravos. Não saõ os
Senhores, os que vivem des-
cançados, & em delicias, & os
Escravos em perpetua afflic-
çaõ, & trabalhos? Os Senho-
res vestindo Hollãdas, & ras-
gando sedas, & os Escravos
nús, & despidos? Os Senhores
em banquetes, & regalos; &
os Escravos morrendo à fo-
me? Que muito logo, que a-
cabada a Comedia desta vi-
da, a Fortuna troque as maõs,
& que os que neste mũdo lo-
gráraõ os bens, no outro pa-
deçaõ os males; & os que a-
gora padecem os males, de-
pois tambẽ elles vão lograr
os bens? E se alguem me dis-
ser, que os Escravos, que nes-
ta vida padecem os males,
tambem tem peccados, & os
Senhores, que logràõ os bẽs,
tambem tẽ boas obras? Res-
pondo, que taes podem ser as
boas obras de hũs, & os mui-
tos peccados dos outros, que
huns, & outros sejaõ a ex-
ceiçaõ desta regra. Mas geral-
mente fallando, a sentença de
Abraham he fundada no que
ordinariamente succede. Dá
a razaõ muito adequada S.
Gregorio Papa: *Mala Lazari* D.Greg.
purgavit ignis inopiæ: bona Homil. 40.
Divitis remuneravit felicitas,

transeuntis vita. Lazaro tambem teria alguns peccados, como tem os Escravos; mas esses purgáraõse pela sua pobreza, pela sua miseria, pelos seus trabalhos: & o Rico tambem teria algũas boas obras, como hoje tem os Senhores; mas essas pagoulhas Deos com os bens, que logra õ nesta vida. Desorte, que os Ricos, & os Senhores tem nesta vida o seu Paraiso, & os Lazaros, & os Escravos, o seu Purgatorio. Ensoberbeçaõse agora os Senhores com a sua fortuna, & desprezem a dos seus Escravos.

190 Qual destas fortunas haja de ter mais de sua parte o favor, & amparo da Virgẽ Senhora nossa, a mesma Senhora o declarou canora, & canonicamente, quãdo disse: *Dispersit superbos mente cordis sui. Deposuit potentes de sede, & exaltavit humiles. Esurientes implevit bonis: & divites dimisit inanes.* A razaõ manifesta desta differença, & que não tem replica, he: porque a Virgem Maria he Mãy de Misericordia: o objecto da Misericordia he a miseria: logo para a

Luc. 1. 51. 52. 53.

parte da miseria, & dos que a padecẽ, ha de propender a Mãy da Misericordia. Cadahum dos outros dous pontos provámolos com Deos, com o Filho de Deos, & com a mesma Mãy de Deos: & tambẽ o faremos neste; mas brevissimamente, pois não permitte mais o tempo.

191 Peccou o Anjo no Ceo, & o Homem no Paraiso: & que resolvéo Deos nestes dous casos tam semelhantes? Aos Homẽs remio, & aos Anjos não: Aos Homẽs, como diz Zacharias, abrio as entranhas de sua misericordia, & com os Anjos executou toda a severidade de sua justiça. Pois se os Anjos saõ as mais nobres de todas as criaturas, & os Homẽs formados de barro: os Anjos de tam sublime entendimento, & os Homẽs ignorantes: os Anjos por natureza immortaes, & os Homẽs sogeitos a todas as miserias da mortalidade: Porque se compadecéo Deos da cahida dos Homẽs, & não reparou a ruina dos Anjos? Porisso mesmo. Porq̃ a villeza, a ignorãcia, & a miseria estava sò da parte dos Ho-

Homẽs, como cà da parte dos Escravos, & para onde carregou o pezo da miseria, para alli inclinou a balança
Psalm. 11.6. da misericordia: *Propter miseriam inopum, & gemitũ pauperum, nunc exurgam, dicit Dominus.* Isto he o que fez Deos Padre sem perdoar ao Sangue de seu proprio Filho.

192 E o Filho do mesmo Deos, que fez? Elle (bem dito seja) o escrevéo com a
Isai. 61. 1. penna do Profeta Isaias: *Spiritus Domini super me, eò quòd unxerit Dominus me.* O Filho de Deos feito Homẽ he Christo, que quer dizer Ungido: & diz que o ungio o Espirito do mesmo Deos: & para que?
Ibid. 1. & 3. *Ut mederer contritis corde, & prædicarem captivis indulgentiam, ut consolarer omnes lugentes*: para remediar, para livrar, para consolar a todos os affligidos, a todos os cativos, & a todos os que choraõ suas miserias. Bem está. Mas os que não tem miserias, nem trabalhos, nem cativeiros, nẽ afflicçoẽs que chorar, não veyo o Filho de Deos ao mũdo tambem para elles? Sim veyo: mas como o seu Espirito he de piedade, de cõpaixaõ, & de misericordia, os tristes, os affligidos, os cativos, & os miseraveis, saõ os q̃ mais lhe movem, & levão o coração, como se sò para elles viera. E se esta he a inclinação, & propensaõ do Filho de Deos, qual podemos considerar, que será a da Mãy do mesmo Filho?

193 Gerson, aquelle famoso Cancellario de Paríz, mais Santo ainda que Politico, diz, que a Mãy de Deos se chama Mãy de misericordia; porque he propriedade particular, que a Senhora tomou para sy, favorecer os miseraveis: *Maria Mater ideo dicitur misericordiæ, quia quodammodo sibi proprium est misereri miseris.* Gerson tract. 6. in Magn. E acrescenta, que a figura, que a elle lhe parece mais propria desta misericordia da Virgem Maria, he, a que pintou o Poeta Estacio na descripção do Templo, q̃ os Athenienses dedicárão à mesma Misericordia: *Tu ipsa es verum Templum Misericordiæ in Templo Misericordiæ figuratũ, de quo loquitur Statius Poeta.* Idem. E que diz Estacio? Diz, que naquelle Templo poz seu assento a Cle-

mencia, & que os miseraveis saõ, os que lho consagráraõ:

Statius Thebaid. 12.

——— ———*Posuit Clementia sedem,*
Et miseri fecère sacram.

Diz mais, que de dia, & de noite tem as portas abertas, & que as queixas, & petiçoẽs de todos os que a elle concorrem, saõ ouvidas:

Auditi quicumque rogant, noctesque, diesque
Ire datum, & solis Numen placare querelis.

Diz mais, que naõ se vem alli fumos de incenso, nem sangue de victimas, porque os sacrificios, que se offerecem, saõ sòmente lagrimas, & gemidos:

——— ———*Non thurea flamma, nec altus*
Accipitur sanguis, lachrymis altaria sudant.

Finalmente conclue, que o Templo da Misericordia está sempre cheio de pobres, & miseraveis, todos tremendo: & que sò os felices, & bem afortunados naõ conhecem aquelles Altares:

Semper habet trepidos, semper locus horret egenis
Cœtibus, ignotæ tantùm felicibus aræ.

Oh se os que se tem por felices, & bem afortunados, reparassem bẽ nesta ultima clausula! Os miseraveis saõ, os q̃ consagráraõ o Templo à Misericordia: os miseraveis, os que tem nelle sempre as portas abertas: os miseraveis, os que alli offerecem seus gemidos, & sacrificaõ suas lagrimas: os miseraveis, saõ aquelles, cujas queixas, & deprecaçoẽs sempre saõ ouvidas; & sò os felices, & bem afortunados, os que naõ saõ admittidos áquelles Altares, nem os conhecem: *Ignotæ tantùm felicibus aræ.*

194 Tal he, Senhores, os que assim vos chamais, a vossa fortuna, & tal a q̃ desprezais nos vossos Escravos: elles por miseraveis tem sempre abertas as portas da Misericordia da Mãy de Deos, & abertos, & promptos a suas queixas seus piedosos ouvidos: & vós cõ as vossas fortunas, pôde ser, que nem ouvidos, nem conhecidos sejais em seus Altares. E se me disserdes, que isto saõ encarecimentos poeticos; praza a Deos, que o exprimenteis assim, quãdo a morte der a vol-

ta à roda da Fortuna. Mas Eu tenho outra figura mais verdadeira que a de Estacio, & outra applicaçaõ mais certa que a de Gerson, a qual tam admiravel, como temerosamente, concorda com ella. A passagem do Egypto para a Terra de Promissaõ significa a deste Mũdo para o Ceo: os filhos de Israel todos eraõ Escravos dos Egypcios: Faraó, & os Egypcios eraõ os Senhores destes Escravos: & na passagem do Mar Vermelho, qual foi o successo? Os Senhores, todos ficáraõ afogados; os Escravos, todos passáraõ a salvamento: & quem celebrou este triunfo, foi Maria irmaã de Moysés, figura da Virgem Maria. Eu confesso, q̃ não reconheço nos Escravos geralmente taes virtudes, às quaes se possa prometter huã segunda fortuna tam notavel como esta; mas tambem sei, que he tam poderosa a misericordia da Mãy de Deos, que compadecida das miserias, que elles padecem em toda a vida, lhe pôde cõverter as mesmas miserias em virtudes. E para que tambem neste ultimo ponto nos naõ falte a Historia do nosso Thema, ouçamos o q̃ ella nos diz.

195 O primeiro nos cõfirmáraõ os dous filhos de Bala Escrava de Rachel: o segũdo os dous filhos de Raspha Escrava de Lia: & este ultimo nos confirmaráõ todos quatro. Chegado à hora da morte Jacob, lançou a benção a todos os seus filhos, a qual benção juntamente foi profecia do que elles haviaõ de ser. E se bem notarmos a bẽção, & profecia de cadahum, acharemos, que nestes quatro filhos das Escravas repartio Deos aquellas quatro virtudes, a que os Filosofos chamaõ Moraes, porque compoẽ os costumes; & os Theologos, Cardeaes; porque saõ os quatro pólos, de que depende toda a vida racional, & felicidade humana. *In his quatuor virtutibus tota boni operis instructura consurgit*: diz S. Gregorio Papa. A primeira he a Prudencia, & esta coube a Nephtali: *Nephtali cervus emissus, & dans eloquia pulchritudinis.* A segunda he a Justiça, & esta coube a Dan: *Dan judicabit.* A terceira he a Fortaleza, & esta coube a

D.Greg. Moral. 9.

Genes. 49.21.

Ibidem. 16.

Ibid.19 Gad: *Gad accinctus prælibitur.* A quarta, & ultima he a Temperança,& esta coube a
Ibid.20 Aser: *Aser pinguis panis ejus.* Comparaime agora aquelles filhos das Senhoras com estes das Escravas: & naquelles achareis imprudencias, & ignorancias, nestes a Prudencia: naquelles injustiças, & tyrannias,nestes a Justiça:naquelles fraquezas, & inconstancias, nestes a Fortaleza: naquelles intemperanças, & graves excessos,nestes aTemperança. Naõ ha duvida,que o Senhorio, & liberdade he mais aparelhada para os vicios,& a obediencia,& sogeiçaõ mais disposta para as virtudes. E se aquella he a condição,& fortuna dos Senhores, & esta a dos Escravos; por certo, que se alguns Irmaõs se deviaõ desprezar da Irmandade dos outros, antes haviaõ de ser os filhos de Bala, & Respha, que os de Rachel,& Lia. Porisso o Evangelista, não sò não distinguio os irmaõs por esta differença, mas igualmente contou os da fortuna mais baixa, que eraõ os Escravos, com os da mais nobre,& mais alta,qual era a Real de Judas: *Iudam, & fratres ejus.*

IX.

196 TEmos visto como os motivos, ou semrazoẽs,porque os Senhores desestimaõ,& desprezaõ o nome, a cor, & a fortuna de seus Escravos, saõ as mesmas razoẽs,porque a Virgem Senhora nossa mais os estima, favorece, & ama. E pois o mesmo desprezo entre os desprezadores, & desprezados, foi causa da separação de hũs, & outros, dividindose Brancos, & Pretos em duas Irmãdades do Rosario; muito temo,que a mesma Senhora em castigo deste aggravo da natureza, & seu, tenha approvado a mesma separaçaõ, & que nella fiquem de peior partido os Brancos. No Capitulo Quarto dos Canticos diz o Autor delles Salamaõ, que a Virgem Maria foi ao seu jardim,& mandou ao vẽto Aquilo, que se apartasse delle,& ao vento Austro,que viesse,para que o mesmo jardim exhalasse com maior abundancia a fragancia, & sua-

suavidade de seus aromas:
Cant.4. 16. *Surge Aquilo, & veni Auster, persla hortum meum, & fluant aromata.* O jardim da Virgẽ Maria jà se sabe, que he o seu Rosario: & tambem naõ he difficultoso entender quaes sejaõ neste Texto os dous vẽtos, Aquilo, & Austro. Na Sagrada Escritura pelos quatro Vẽtos principaes se entendẽ as quatro partes do mundo, & pelas mesmas partes, ou regioẽs do mundo, os habitadores dellas. Quem saõ pois os habitadores do Aquilo, & quem os do Austro? Naõ ha duvida, que os do Aquilo, q̃ he o Norte, saõ os Européos mais Brancos de todos: & os do Austro, que em respeito da Palestina era a Ethiopia, saõ os Ethiopes, & os Pretos, que porisso a Rainha Sabá no
Matth. 12.42. Evangelho se chama *Regina Austri.* Diremos logo, que a mesma Senhora do Rosario manda separar delle os Brãcos, & admitte, & chama os Pretos? E mais a fim de lhe communicar com maior abundancia os seus aromas, isto he, a suavidade de seus favores, & graças? Verdadeiramente o sentido mais commum, & literal do Texto, assim o significa. E não seria maravilha, que a Mãy de misericordia, que tanto favorece os miseraveis, fizesse esta justiça. Como se dissera: Jà que vós (ó Brancos) tanto desprezais o nome de Escravos, tendome Eu chamado Escrava, & tanto abateis a cor preta, tendome Eu honrado da mesma cor, & tam pouco vos compadeceis da fortuna dos miseraveis, sendo Eu sua Protectora; venhaõ os miseraveis, venhaõ os Escravos, venhaõ os Pretos, para o jardim do meu Rosario, & separemse delle os Brancos.

197 Isto he o que significa naturalmente, & com grãde propriedade o Texto no primeiro, & mais commum sentir dos Interpretes. Mas porque Béda, Cassiodóro, Beda.
Justo Urgelitano, Aponio, Cassiod. Iustus Urgel.
Ruperto, & outros, dizem, q̃ Aponius.
nas palavras, *Surge Aquilo, & veni Auster*, igualmente se Rupert. & alij
chama o Austro, & se esperta ibi.
o Aquilo, a que cadahum segundo suas calidades com o calor, & movimento das Rosas excitem nellas maior fragancia:

gancia: ſeguindo eſte ſegundo ſẽtido mais cõforme à benignidade univerſal da Mãy de miſericordia, que a nenhũ exclue, & a todos abraça; digo por ultima concluſaõ, que aſſim aos Brancos, ſignificados no Aquilo, como aos Pretos, no Auſtro, a huns, & outros convida, & excita a Senhora, a que venhaõ ao ſeu jardim do Roſario, poſto que de partes oppoſtas: & que eſſa meſma oppoſiçaõ ſirva ſò de contenderem entre ſy, a quem com maior affecto, devaçaõ, & fervor, ſe ha de eſmerar em ſeu ſerviço. Là
Rom. 10. 19. diſſe S. Paulo, que dividio Deos o genero humano em dous Povos, Gentilico, & Judaico, para que o Gentio por emulaçaõ do Hebréo, & o Hebréo por emulaçaõ do Gentio, ſe animaſſem, & provocaſſem reciprocamẽte, não ſò a receber, & conſervar a Fé do verdadeiro Deos, mas a ſe vencer à porfia no exercicio mais perfeito da Religiaõ, & Culto Divino. Seja eſte pois o fim deſta ſeparaçaõ de Irmandades entre Brãcos, & Pretos. Os Brancos, & Senhores, naõ ſe deixem vencer dos Pretos, que ſeria grãde afronta da ſua devaçaõ: os Pretos, & Eſcravos procurem de tal maneira imitar os Brãcos, & os Senhores, q̃ de nenhum modo conſintaõ ſer vencidos delles. E deſta ſorte, procedendo todos como filhos igualmente da Mãy de Deos, poſto que differentes na cor, naõ ſò conſervaráõ a Irmandade natural, em que Deos os criou, mas alcançaráõ a ſobrenatural, & adoptiva de ſeu Filho, Herdeiro emquanto Homem do Cetro de Juda: *Iudam, & fratres ejus.*

FINIS.

SER-

SERMAM XXI.

Beatus venter, qui te portavit. Luc. 11.

I.

198 O TITULO de que mais se gloria, & de que mais se deve gloriar a Virgẽ Maria Senhora nossa, he o que lhe dá a Igreja, de Mãy admiravel, *Mater admirabilis.* Assim o revellou jà a mesma Senhora. E se examinarmos profundamente os fundamẽtos deste gloriosissimo titulo, que maior admiraçaõ huã vez, que ser huã molher Mãy, & Virgem? Que maior admiraçaõ outra vez, que ser Filho desta molher o mesmo Filho de Deos? E que maior admiraçaõ, outra, & mil vezes, que o mesmo Filho, que eternamente he concebido, & gerado na Mente do Pay, seja tambem concebido temporalmente, & gerado no Ventre da Mãy? Isto he o q̃ quer dizer: *Beatus venter, qui te portavit.* Luc. 11. 27. E quer dizer mais alguã cousa? Sim quer, mas naõ pôde. Descrevendo S. Joaõ Evangelista a geraçaõ eterna do Filho de Deos, he reparo digno de summa observaçaõ, que ao Filho tres vezes lhe chamou Verbo, & nunca lhe chamou Filho: & ao Padre tres vezes lhe chamou Deos, & nunca lhe chamou Padre. Cõtai bem huãs, & outras: *In principio erat Verbum: & Verbum erat apud* Ioan. 1. 1.

Deum:

Deum: & Deus erat Verbum. Hoc erat in principio apud Deũ. Pois se o Verbo he Filho de Deos Padre, & o Padre he Pay do Verbo: o Verbo porq̃ se naõ chama Filho, & o Padre porq̃ se naõ chama Pay? Aqui fica suspensa a admiraçaõ no principio do Evangelho, mas no fim delle ainda se suspende mais: *Verbum caro factum est*: fezse o Verbo Homem: *Et vidimus gloriam ejus quasi Unigeniti à Patre*: & vimos a sua gloria como de Filho Unigenito do Padre. Pois agora depois que o Verbo se fez Homem, jà Deos se chama Pay, & jà o Verbo se chama Filho, *Unigeniti à Patre*? Assim o escrevéo, & dispoz o Evangelista, que voou mais alto que todos. Desorte, que antes de o Verbo ser Filho de Maria, nem o Verbo no Evangelho se chama Filho de Deos, nẽ Deos se chama Pay do Verbo; mas tanto que Maria foi sua Māy, logo o Filho se chamou Filho, & o Pay se chamou Pay: como se a geraçaõ eterna, & passiva do Filho, esperára pela geraçaõ da Māy, para se denominar Filho; ou a geraçaõ eterna, & activa do Pay esperára pela correlaçaõ da Māy, para se denominar Pay. Isto porèm nem he, nem pôde ser. E ninguẽ houve atè hoje que alcãçasse o mysterio, nem achasse o fundo ao modo tam exquisito desta narraçaõ. O desvello dos Interpretes, o estudo dos Theologos, & a curiosa especulaçaõ dos mais agudos, & tenazes Engenhos, toda se cança, toda se séca, toda se suspende, & naõ tira de quanto cuida, ou discorre neste reparo, mais que a summa admiraçaõ. Mas esta mesma admiraçaõ para comigo, senaõ he todo o mysterio, ao menos he grande parte delle, para que assim se conheça cõ assombro, quam altamente quadra à Maternidade da Virgem Maria o gloriosissimo titulo de Māy admiravel. Admiravel em sy, admiravel no Filho, & sobre todos os limites da admiraçaõ, atè no mesmo Pay, admiravel; pois antes de a Māy de seu Filho ser Māy, naõ quiz elle que o Evangelista lhe chamasse Pay. E jà pôde ser, que essa foi a razaõ porq̃ a Oradora do Evangelho no seu breve

Ibidem 14.

breve Panegirico naõ disse, Bemaventurado o Pay de tal Filho, senaõ que todo o louvor do Filho referio, & applicou à Mãy: *Beatus Venter, qui te portavit.*

199 Isto he o que diz o Evangelho. Mas com dizer tanto, parece, que naõ diz cõ o que Eu tenho obrigaçaõ de dizer. A minha obrigaçaõ hoje he prégar do Rosario, q̃ foi o segundo parto da Virgem Senhora nossa. E comparando hum parto com outro parto, que posso Eu dizer? Se posso; digo, que se a Mãy de Deos foi Mãy admiravel, porque concebéo o Verbo, naõ foi menos admiravel, porque concebéo o Rosario. Isto digo, se posso dizer tanto. E se posso dizer mais; digo, que mais admiravel foi a Senhora em conceber o Rosario, que em conceber o Verbo. Para examinar estas duas possibilidades, ou estes dous impossiveis; peçamos à mesma Senhora do Rosario nos alcance a Graça. *Ave Maria, &c.*

II

200 DUAS cousas podem parecer estranhas, & quãdo menos, duvidosas no Assumpto, que propuz: huã como muito nova, & outra como totalmente impossivel. A primeira, & muito nova, chamar ao Rosario segundo parto da Virgem Senhora nossa. A segunda, & totalmente impossivel, admittir, ou pôr em questaõ, que pôde haver outro parto mais admiravel q̃ o do Verbo. Mas ambas estas supposiçoẽs naõ sò as temos fundadas, senaõ provadas no nosso Evangelho.

201 Quando a molher, que levãtou a voz, disse, *Beatus Venter, qui te portavit*, canonizando por Bemaventurada a Mãy, que trouxe em suas entranhas a Christo, cõ quem fallava; respondéo o mesmo Senhor: *Quinimo Beati, qui audiunt verbũ Dei, & custodiunt illud*: antes te digo, que mais bemaventurados saõ, os que ouvem a palavra de Deos, & a guardaõ. Mais bemaventurados, diz Christo, Luc. 11. 28.

Christo, & mais bemaventurados, quando se falla da Mãy, que o cõcebéo, & trouxe dentro em suas entranhas: *Beatus Venter, qui te portavit?* Sim. Logo tomada a Maternidade da Virgem Santissima precisamente, emquanto como Mãy natural concebéo em suas purissimas entranhas o Verbo Eterno; bem pôde haver outra prerogativa na mesma Senhora, q̃ seja mais excellente, & maior, & por isso mais admiravel. Assim o dizem communmente os Santos Padres, & o concedem, & ensinaõ todos os Theologos sem discrepancia. Desorte, que aquella supposiçaõ, que parecia impossivel, naõ sò se colhe das palavras de Christo com evidẽcia Theologica, mas he dogma infallivel com certeza de Fé.

202 Quãto à outra supposiçaõ de chamar ao Rosario segundo parto da mesma Virgem, que pela novidade, ou estranheza do nome parecia difficultosa; examinando os mesmos Theologos a razaõ, & fundamento das palavras de Christo, *Quinimo beati, qui audiunt verbum Dei*, resolvẽ duas cousas: a primeira, que nellas naõ excluio o Senhor a sua Mãy. A segunda, que antes lhe acrescentou outro segundo, & maior louvor, outra segunda, & maior excellencia, outra segunda, & maior bemaventurança. E qual he? He, que naõ sò concebéo a Senhora o Verbo Eterno no Ventre, como disse a molher do Evangelho, senaõ tambem na Mente: & conceber a Deos na Mente, foi muito maior felicidade, & muito maior bemaventurança, q̃ concebello no Ventre. *Beatior fuit Maria conciplendo Mente, quam Ventre:* diz Sãto Agustinho, & cõ elle toda a Theologia. Demaneira, que a Virgem Maria cõcebéo, & pario o Verbo por dous modos de conceiçaõ, & de parto, naõ sò diversos, mas hum mais excellente que outro; hum corporal no Ventre, & outro intellectual na Mente: & este segundo foi o modo, com que a mesma Senhora primeiro concebéo, & depois sahio a luz com o parto do Rosario. Toda a materia do Rosario naõ he outra que o mesmo Verbo Encarnado, naõ

Augustinus ibi.

naõ em huã sò acçaõ,ou Mysterio, senaõ em todos os de sua Vida, Morte,& Resurreiçaõ. A idéa,com que a Virgẽ os concebéo, & comprehendéo todos, & os ordenou, & dispoz na Mente, foi a conceiçaõ: & a luz por tantos seculos escondida, com que finalmente os manifestou ao mundo para tanto bem do mesmo mundo, foi o felicissimo parto do Rosario.

203 Tirados pois estes dous escrupulos, & sossegado o reparo, ou admiraçaõ delles com as duas supposiçoẽs certas,& literaes do nosso mesmo Evangelho; passemos à comparaçaõ de hum, & outro parto, & vejamos em qual delles foi a Senhora mais admiravel Mãy, se no parto, com que concebéo o Verbo, ou no parto,com que concebéo o Rosario.

III.

204 E Começando pela differença de Santo Agostinho, ou pela justa preferencia,com que elle antepoem o parto da Mente ao do Vẽtre; naõ ha duvida,que nesta cõsideraçaõ excede conhecidamẽte o parto do Rosario ao do Verbo, quanto vay da Alma ao corpo. E naõ sò,porque a cõceiçaõ do Rosario foi intellectual na Mẽte da Virgẽ, & a do Verbo, corporal no Vẽtre Sacratissimo: mas porque mais? Porque na cõceiçaõ,& parto do Verbo foi a Senhora semelhante às outras mãys: & na conceiçaõ, & parto do Rosario, foi semelhante ao Eterno Padre? Quando o Anjo disse à Virgem,que conceberia em suas entranhas,& pariria hum Filho, ao qual chamaria Jesu: *Ecce concipies in utero, & paries Filium: & vocabis nomen ejus Iesum:* foi em prova, & confirmaçaõ do que o mesmo Anjo acabava de dizer, que a Senhora seria Bemditta entre as molheres: *Benedicta tu in mulieribus.* Mas se esta bençaõ era tam singular, & inaudita, & tam infinitamente superior à de todas as molheres, que o Filho havia de ser Deos, & a Mãy Virgem; porque a naõ encarece o Anjo com os excessos da alteza, & maravilha, que a materia merecia, & sòmente diz, que seria

Luc. 1. 31.

Ibidem 28.

ſeria Bemditta entre as molheres: *In mulieribus*? Porque ainda que aquella cõceiçaõ, & aquelle parto foi milagroſo, & o maior de todos os milagres: comtudo como foi parto do Ventre, poſto que virginal, *Ecce concipies in utero*; ſempre a Senhora ficou dentro da esfera das outras molheres, & das outras mães: & aſſim era neceſſario, para que foſſe Mãy natural, & verdadeira Mãy do Filho de Deos. E eſte foi o modo, com que a Virgẽ foi Mãy no Myſterio da Encarnaçaõ do Verbo. Porèm no Roſario, & ſeus Myſterios naõ foi Mãy como as outras molheres ſaõ mães, ſenaõ Mãy como o Eterno Padre he Pay; porque concebéo o meſmo Verbo Encarnado, naõ no Ventre, ſenaõ na Mente. O modo, cõ que o Eterno Padre gera o Verbo, & a razaõ porque o Verbo he Filho, & o Eſpirito Sãto naõ, he, porque o Padre o concebe na Mente, como imagem de ſua propria ſuſtancia. E aſſim como o Verbo antes, & depois de encarnar, ſempre he parto do entendimento do Pay, aſſim depois de encarnado, concebido no Roſario, he parto do entendimento da Mãy. Na Encarnaçaõ como parto das outras mães, no Roſario como parto do meſmo Padre.

205 Daqui ſe entenderá a razaõ, & o conſelho altiſſimo, porque o meſmo Padre antes da Encarnaçaõ do Verbo a mandou anunciar à Virgem cõ huã tam ſolenne embaixada. Aſſim como Deos formou a Eva do lado de Adam ſem conſentimento ſeu, nem ainda ſentimento, porque eſtava dormindo, pelo meſmo modo pudéra tirar das puriſſimas entranhas da Virgem Maria a nova tela da Humanidade, de que queria veſtir a ſeu Filho: & ſem fazer aggravo como Supremo Senhor à meſma Mãy, a qual quando a deu, ſe confeſſou por Eſcrava. Pois porque o naõ ordenou aſſim Deos, mas quiz q̃ primeiro foſſe a Virgem informada, naõ ſò da ſuſtancia da Encarnaçaõ do Verbo, ſenaõ de todas as circunſtancias della, & que a meſma Senhora antes de dar ſeu conſentimento as examinaſſe, & inquiriſſe: *Quomodo fiet* Luc. 1. 34.

fiet istud? A' razaõ altissima foi, porque quiz Deos, que a Mãy de seu Filho fosse semelhante a seu proprio Pay. E assim como a geraçaõ, & parto do Verbo se concebe na Mente do Padre, assim a Mãy antes de o conceber no Ventre, o concebesse tambẽ na Mẽte. He advertencia singular de S. Bernardino sobre as palavras *Fiat mihi secundùm verbum tuum* da mesma Virgem: *Quod in aure mea factum est per Angelicam salutationem, & in Mente mea per Fidei conceptionem: fiat mihi, id est, in Utero meo, per Divini Verbi incarnationem.* Desorte, que antes de se obrar a Encarnaçaõ do Verbo no Sacrario Virginal do Ventre Santissimo, jà a mesma Mãy por modo semelhãte ao Pay o tinha concebido todo no interior da Mente: *In Mente mea per Fidei conceptionem.* Pois assim como a Virgem antes da Encarnaçaõ do Verbo cõcebéo na Mente o mesmo Verbo, & havia de encarnar, & nascer de suas entranhas, para se parecer com o Padre: assim depois da Encarnaçaõ o concebéo tambẽ na Mente jà encarnado, nascido, morto, & resuscitado, para formar o Rosario.

Bernardinus in eum locum tom. 3. Serm. 6. art. 3. cap. 3.

206 Oh Entendimento altissimo, ò Mente soberana de Maria, que bem disse de vossas idéas com dourada eloquẽcia Chrysologo: *Quãtus sit Deus, satis ignorat ille, qui hujus Virginis Mẽtem non stupet, animum non miratur.* Quer dizer, que quem naõ admira, & pasma do Entẽdimento, & Mente de Maria, naõ conhece bastantemente a Deos. Conhecelloha como Criador do mundo, como sò era conhecido antigamente, mas naõ o conhece como Pay do Verbo, Filho igual a sy mesmo em tudo: o qual na Mente concebe, & na Mente gera. Porèm quem chegou a conhecer, & admirar a Mente de Maria, esse conhecéo perfeitamente a Deos, naõ sò como Criador do mũdo, senaõ como Pay do Verbo; porque assim o Pay, como a Mãy, ambos concebem na Mente o mesmo Filho.

Chrysol. Serm. 140.

207 E pois fallamos em Deos como Criador, & como Pay; dous partos reconhece a Fé em Deos, hum *ad*

intra emquanto Pay, que he o Verbo, & outro *ad extra* emquanto Criador, que he o mundo. E a mesma differença de partos com verdadeira propriedade podemos, & devemos considerar na Virgem Santissima. O parto *ad intra* foi o do Verbo Encarnado, q̃ concebéo dentro em suas entranhas, & o parto *ad extra* foi o Rosario, com que depois de concebido na Mente, sahio em seu tempo à luz do mundo. E se este segũdo parto, por ser concebido na Mẽte, foi mais admiravel que o primeiro, tambem considero Eu, & naõ duvido dizer, que foi mais admiravel que o segundo parto de Deos na criaçaõ do Universo. E porque? Porque na criaçaõ do Universo, Deos foi o Artifice, a materia o nada, & a fórma as criaturas: porèm na instituiçaõ do Rosario, o Artifice foi a Virgem, a fórma foi o Rosario, & a materia Deos. A materia Deos, torno a dizer; porque Deos humanado em todas suas acções, & Mysterios, saõ a materia, de que se fórma o Rosario. Naõ se pôde dizer aqui, *Materiam superabat opus*: mas pôdese affirmar do Rosario, o que S. Jeronimo disse da soberana Authora delle: *Si formam Dei te appellem, digna existis:* Hieronym. porque Deos he a materia, & o Rosario a fórma.

IIII.

208 A Segunda razaõ, ou excellẽcia, porque foi mais admiravel o parto do Rosario que o do Verbo, he, porque na Encarnaçaõ concebéo a Virgem o Verbo na terra, no Rosario concebéo o no Ceo. O parto do Verbo na Encarnaçaõ foi parto de Maria chea de graça, o parto do mesmo Verbo no Rosario foi parto de Maria chea de gloria. Muito diz esta grande proposiçaõ, mas ainda suppoem mais do que diz. Suppoem, que a Virgem Senhora nossa ainda no Ceo gera a seu Filho: mas isto (diraõ os Doutos, & Doutissimos) como pôde ser? Primeiro diremos, que pôde, & depois declararemos como. Santo Illefonso fallando da Encarnaçaõ, disse huã sentẽça, que todos os Doutores ad-

admiraõ, & corfessaõ, que naõ entendem. As palavras saõ estas: *In præterito munda Deo, in præsenti plena Homine, & Deo, in futuro generans Hominem, & Deum.* No passado antes da Encarnaçaõ estava Maria pura para Deos: *In præterito munda Deo*: no presente da Encarnaçaõ esteve chea do Homem Deos: *In præsenti plena Homine, & Deo:* & no futuro depois da Encarnaçaõ está gerando ao mesmo Homem, & Deos: *In futuro generans Hominem, & Deum.* O mesmo tinha já ditto Santo Athanasio, cujas palavras logo citarei. Mas como póde isto ser? Póde ser, & he na Mãy, como sempre foi, & he, & será no Pay. O Eterno Padre naõ só gerou ao Eterno Verbo seu Filho, mas sempre o está gerando. Assim o diz elle mesmo: *Filius meus es tu: ego hodie genui te*: Vós sois meu Filho, ao qual Eu hoje, & abæterno gerei, & sempre, & por toda a Eternidade estarei gerando. E isto que faz, & fez sem principio, & fará sem fim a Mente do Padre, isto he o que tãbem fez depois da Encarnaçaõ, & faz hoje, & fará por toda a Eternidade a Mente da Mãy: *In futuro generans Deũ, & Hominem.* Agora entraõ em seu lugar as palavras, tambem difficultosas, & naõ entendidas, do grande Athanasio, o qual sobre as do Anjo, *Virtus Altissimi obumbrabit tibi*, acrescenta assim: *Quam virtutem per omnia tempora conceptus eam habuisse confido, & post conceptum etiam retinuisse: nec enim id temporarium in Virgine accidisse opinor, sed per omnia tẽpora hoc illi datũ fuisse, quemadmodum nunc in præsentia, & in æternum usque, habet hæc Virgo.* Naõ se pudéra dizer, nẽ mais clara, nem mais illustremente. E como a Mẽte da Virgem Mãy com gloriosa emulaçaõ, & imitaçaõ do Pay depois de concebido, & encarnado o Verbo na terra, sempre o está concebendo, & gerando no Ceo; desta continuada geraçaõ foi segundo, & novo, & mais admiravel parto o do Rosario, com que depois de estar no Ceo tantos seculos, finalmente sahio à luz.

Ildefonsus de Virginit. cap. 10.

Psalm. 2.7.

Luc. 1. 35.

Athanas. L Sermon. de Deipara.

Adde Lacerdam Episcop. Almeriẽsem, qui sequutus eosdem PP. & Ambros. Postquam, *inquit*, Verbũ genuit in carne Maria, nõ cessavit gignere mente, & quasi repetit eum fætum educere, a-

209 Vamos agora à Es-

cervũque effecit geminatis vicibus productionis, quòd granũ in utero generavit. *Apocal. 12.1.*

critura, & ella nos dirá como foi mais admiravel este segundo parto: *Signum magnum apparuit in cælo: Mulier amicta Sole.* Diz S. Joaõ nas Revelaçoẽs do seu Apocalypse, que vio hum grande sinal, & hum grande milagre no Ceo, o qual era huã Molher vestida do Sol com todo o outro apparato, & ornato de luzes, que tantas vezes ouvistes. Vay por diante, & diz, que esta mesma Molher no Ceo com grandes dores, & clamores parira hũ Filho dominador do mundo: *Et in utero habens, clamabat parturiens, & cruciabatur ut pariat. Et peperit filium masculũ, qui recturus erat omnes Gentes.* Esta Molher vestida de Sol he a Virgem Maria, o Filho dominador do mundo he Christo, de que ninguem duvída. Mas se a Senhora cõcebéo, & pario este Filho na terra, como vio S. Joaõ tanto depois, que o havia de parir, & pario no Ceo? Porque estes saõ os dous partos da Virgẽ Santissima, de que himos fallando. Hum parto na terra, q̃ foi concebido em Nazareth, & nascéo em Belem, que he o parto do Verbo Encarnado: & outro parto no Ceo, q̃ là foi concebido, & de là nascido, que he o parto do mesmo Verbo, do qual, & dos seus Mysterios se compoem o Rosario.

Ibidem. 2. & 5.

210 Mas como diz o mesmo Evangelista, que neste segundo parto houve dores, & clamores, effeitos ambos, ou accidentes tam alheos da Mãy Virgem, como do Ceo onde estava? Houve dores: *Cruciabatur ut pariat:* houve clamores: *Clamabat parturiens.* E notay, que as dores foraõ antecedentes ao parto: *Ut pariat*: & os clamores foraõ juntamente com elle: *Parturiens.* Que dores foraõ logo estas, & que clamores no segundo parto da Virgem Senhora nossa no Ceo? Tudo assim como está notado, ou difficultado, he admiravel prova, & confirmaçaõ de ser o parto do seu Rosario. Vamos à Historia Ecclesiastica, & saibamos qual foi a occasiaõ porque, & qual o modo, com que sahio a mesma Senhora com o seu Rosario ao mundo. A occasiaõ foi a Heresia dos Albigẽses, os quaes im-

impia,& blasfemamente negavaõ a Pureza Virginal da Mãy de Deos. E daqui nascéraõ as dores,que,sem embargo de estar no Ceo, atormentavaõ a Virgem: *Cruciabatur ut pariat:* assim como se diz do mesmo Deos na occasiaõ
Genes.6. 6. do Diluvio: *Tactus dolore cordis intrinsecùs.* E porque ninguem o duvide, naõ temos menos testimunha, que vinda do mesmo Ceo. Quando Sãto Illefonso defendéo a Pureza Virginal da mesma Senhora, & convencéo os Herejes, que em seu tempo a negavaõ, descéo do Ceo Santa Leocádia,& saindo da sepultura, lhe disse publicamente na Sé de Toledo: *Ildefonse, per te vivit Domina mea, quæ cæli culmina tenet*: Illefonso, por vós vive a minha Senhora, que tem o mais alto trono do Ceo. Demaneira, que teve tanta occasiaõ de dor, & lhe doeu tanto à Soberana Virgem aquella blasfemia, como se os que lhe negavaõ a Pureza Virginal,lhe tiráraõ a vida. E estas foraõ as dores, que deraõ occasiaõ, & apressáraõ o parto, como diz o Texto: *Cruciabatur ut pariat.*

E os clamores quaes foraõ: *Clamabat parturiens*? Foraõ as vozes dos Prégadores, diz Alcaçar, que prégáraõ pelo mundo o mesmo parto: *Idonee referuntur clamores ad clamores prædicationis.* E assim foi,naõ no seu,senaõ no nosso sentido. Porq ensinãdo, & ditãdo a Senhora o seu Rosario a S. Domingos, elle,& os Prégadores Apostolicos de toda a sua Religiaõ, o publicáraõ, & apregoáraõ pelo mundo, confutando principalmente aquella heresia, & fazendo emmudecer as linguas blasfemas dos que a seguiaõ. Em summa, que as dores como disposição,& motivo, precedéraõ ao parto: *Cruciabatur ut pariat*: & as vozes, & clamores sahiraõ, & se ouviraõ juntamente com elle: *Clamabat parturiens*: porque entaõ nascéo, & se manifestou no mundo o Rosario. Alcaçar ibi.

211 Finalmente, que este segundo parto da Virgem Maria no Ceo, seja mais admiravel que o primeiro do Verbo Encarnado na terra; o mesmo Texto o diz na primeira palavra: *Signum magnum apparuit in cælo.* E senaõ,

combinemos este Texto cõ o mais expresso da Encarnação do Verbo. O mais expresso Texto da Encarnação do Verbo he o do Profeta
Isai.7. 14. Isaias: *Ecce, Virgo concipiet, & pariet filium, & vocabitur nomen ejus Emmanuel:* que huã Virgem conceberia, & pariria hum filho, o qual seria Deos. E com que prefaçaõ entra o mais eloquente de todos os Profetas a anunciar ao mundo esta nunca vista, nem imaginada novidade?
Ibidem. *Propter hoc dabit Dominus ipse vobis signũ: Ecce, Virgo concipiet: &c.* Notay agora a differença, com que hum, & outro Profeta falla em hum, & outro parto. Ao primeiro parto da Virgẽ na terra chamalhe Isaias sòmẽte *Signum*: *Dabit Dominus ipse vobis signum*: ao segundo parto da mesma Virgem no Ceo chamalhe S. Joaõ, *Signum magnum*: *Signum magnum apparuit in cælo. Signum* quer dizer sinal, prodigio, milagre: *Signum magnum*: Sinal grande, prodigio grande, milagre grande. Pois porque razaõ o parto, com que a Virgem cõcebéo o Verbo na Encarnaçaõ, se chama sòmente milagre; & o parto, com que cõcebéo o mesmo Verbo no Rosario, se chama milagre grande: *Signũ magnum*? Porque mais admiravel foi este segundo parto da Virgem, q̃ o primeiro. O parto da Encarnaçaõ foi obrado na terra, o do Rosario no Ceo: o parto da Encarnaçaõ formado em nove mezes, o do Rosario em doze seculos: o da Encarnaçaõ com quatorze annos de Graça, o do Rosario com mil & duzentos annos de Gloria: o da Encarnaçaõ sẽ merecimẽto de Christo; porque a naõ merecéo, nem podia merecer, o do Rosario com todos os merecimentos de sua vida, & morte: emfim, na Encarnaçaõ concebido o mesmo Christo Minino; no Rosario concebido Varaõ, & em todas as idades.

V.

212 E Porque nesta ultima differença se encerraõ todos os Mysterios do Rosario, justo será, q̃ nos detenhamos hum pouco na ponderaçaõ della, & seja esta a ter-

a terceira excellencia, que faz este segundo parto mais admiravel. Outra vez temos encontrado a Isaias, naõ jà cõ S. Joaõ, Profeta da Ley da Graça, mas com Jeremias, Profeta tambem da Ley Escrita. Isaias acabando de fallar do parto do Verbo Encarnado, logo lhe chama Minino: *Antequam sciat puer reprobare malum, & eligere bonum.* E depois de encarnado fallando do mesmo Verbo jà nascido, outra vez lhe torna a chamar Minino: *Parvulus natus est nobis, & filius datus est nobis.* Pelo contrario, o Profeta Jeremias dalli a muitos annos profetizando da mesma Mãy, & do mesmo Filho, diz: *Creavit Dominus novum super terram: Fæmina circundabit virum:* que viria tẽpo, em que Deos criaria huã cousa nova sobre a terra, & huã Molher cercaria hũ Varaõ. Que falle este Profeta da mesma Virgem Maria, & do mesmo Filho Christo, como dizia, he sentença commum dos Santos, & Doutores, com discrepancia de poucos. Mas se o parto foi o mesmo, que tinha profetizado Isaias, que novidade he esta, que Jeremias tanto encarece: *Novum creavit Dominus super terram?* Isaias profetizou trezentos annos antes de Jeremias, & se a maravilha do parto era a mesma, jà naõ era novidade, pois havia tãtos seculos, que estava escrita, & celebrada. Quãto mais, que essa mesma maravilha profetizada por Isaias consistia em ser a Mãy Virgem: *Ecce, Virgo concipiet:* & Jeremias não usa do nome de Virgem, senaõ de Molher: *Fæmina.* Com que mostra, q̃ não consiste neste milagre a novidade, que elle profetiza. Em que consiste logo?

Isai. 7. 16. *Isai. 9. 6.* *Ierem. 31. 22.*

213 Consiste, em que o parto profetizado por Isaias foi de Christo emquãto Minino, & o profetizado por Jeremias foi do mesmo Christo emquanto Varaõ: *Fæmina circundabit virum.* A pessoa foi a mesma, mas as idades diversas. E porisso tambem diversos os partos, diversos os tempos, & diversas as novidades. A novidade, & maravilha de Isaias consistia em ser a Mãy Virgem, & naõ em ser o parto Minino, que

isso não he novidade. Porèm a novidade, & maravilha de Jeremias consistio em ser o parto Varaõ, que era cousa nova, & inaudita: *Novum creavit Dominus super terram: Fœmina circundabit virum.* Christo na Encarnaçaõ precisamente não teve idade, nem dia, nem tempo, porque foi concebido em instante. Mas todos os dias, & annos, que depois teve de vida, assim mortal, como immortal, & gloriosa, & todas as idades dessa vida, ou vidas, a Infancia, a Puericia, a Adolescencia, a Juventud, & a de perfeito Varaõ, desde Nazareth atè Jerusalem, desde o Presepio atè a Cruz, & desde a Sepultura atè a Dextra do Padre, todas, & com todas suas acçoẽs, & Mysterios, as comprehendéo, & reproduzio a Senhora com mais admiravel parto no circulo do seu Rosario. Porisso Jeremias naõ disse como Isaias, *Concipiet*, senaõ, *Circundabit*: & com tãto maior sentido, como energia: *Fœmina circundabit virũ.* Toda a vida de Christo, como bem notou David, foi hũ perfeitissimo circulo: *A summo cælo egressio ejus, & occursus ejus usque ad summum ejus*: (Psalm. 18. 7.) sahio do mais alto do Ceo, vivéo na baixeza deste mundo, & tornou ao mesmo lugar do Ceo, donde tinha sahido. O mesmo Profeta declara este circulo com a cõparaçaõ do Sol: *In Sole posuit tabernaculum suum.* (Ibidem. 6.) Assim como o Sol sahe no Oriente do Ceo, dá volta ao mũdo allumiando, & torna a apparecer no mesmo lugar do Oriente: assim Christo sahio do Ceo pela Encarnaçaõ, vivéo na terra obrando, ensinando, padecendo, allumiando, remindo, & depois pela Ascençaõ tornou para o mesmo trono do Ceo, donde sahira, onde tambem coroou a sua Mãy. E a mesma Mãy, que fez? Assim como o Filho começando Minino, & chegando á idade de Varaõ, fez hum circulo de toda sua vida: assim a Senhora fez outro circulo, que foi o do seu Rosario, em que comprehendéo toda essa vida, & cercou esse mesmo circulo: *Gyrum cæli circuivi sola*: (Ecclesi. 24. 8.) diz a mesma Senhora: Circulo de Ceo a Ceo. E desta maneira metendo

do hum circulo dentro de outro circulo, & o circulo da Vida do Filho dentro do circulo do Rosario, assim verificou gloriosamente o novo, & prodigioso parto da Molher, que havia de cercar o Varaõ: *Fœmina circundabit virum.*

214 E posto que esta exposição do Texto de Jeremias he tam medida com todas as circunstancias delle; combinemos, para maior evidencia, o mesmo Texto com as palavras antecedentes, que segũdo a doutrina de Sãto Agustinho, & de todos os Theologos, he a prova mais segura, & mais certa do sentido das Escrituras. Quãdo o Profeta disse: *Quia creavit Dominus novum super terram: Fœmina circundabit virum*: as palavras immediatamẽte antecedentes, q̃ se ataõ com aquelle *Quia*, saõ estas. *Usquequò delicijs dissolveris, filia vaga?* Atè quando, ò Natureza humana (chamalhe Deos filha, porq̃ a criou, & porq̃ a ama, & porque a quer trazer a sy) atè quando, ò Natureza humana, ha de durar a tua dissoluçaõ nas delicias? Atè quãdo has de seguir os errados caminhos da Heresia? Isto quer dizer *Filia vaga*: como a filha viciosa, que deixa a casa, & doutrina do pay, & anda vagabunda por outras. Assim o declarou a mesma filha, temerosa do q̃ lhe podia acontecer, quando disse: *Indica mihi, ubi pascas in meridie, ne vagari incipiam post greges sodalium tuorum.* Pede ao Supremo, & Verdadeiro Pastor, lhe mostre onde assiste com a luz clara da Fé, porque vagando desencaminhada naõ siga os rebanhos dos Pastores falsos, que ensinaõ doutrina heretica, & cõ nome de companheiros, & Christaõs, saõ inimigos de Christo. Isto he o que significa, *Ne vagari incipiam post greges sodalium tuorum*: como declaraõ S. Bernardo, Sãto Anselmo, Cassiodôro, & todos: & como jà muito antes delles o tinha ensinado S. Paulo: *Ut non circumferamur omni vento doctrinæ*: Desorte, que naquelle novo invento, com que Deos havia de sair ao mundo, *Novum creavit Dominus super terram*: naõ teve a Providencia Divi-

Ierem. 31. 22.

Cant. 1. 7.

Ephes. 4. 14.

na

na hum ſò fim, ſenaõ dous juntamente. O primeiro reformar a diſſoluçaõ das delicias: *Uſquequò delicijs diſſolveris?* O ſegundo reduzir à verdade,& firmeza da Fé os erros da heresia ſempre errada,& ſempre errante: *Filia vaga.* E eſtes dous fins(Couſa verdadeiramente maravilhoſa!) eſtes dous fins, pontualmente os meſmos,foraõ os q̃ Deos teve na inſtituiçaõ do Roſario de ſua Mãy. Aſſim o refere na Bulla da Canonizaçaõ de S. Domingos o Papa Gregorio Nono pelas meſmas palavras: *Dominico ſagittante delicias carnis* (Eiſaqui as delicias) *& fulgurante mentes lapideas impiorum, omnis Hæreticorum ſecta contremuit.* (Eiſaqui as Heresias.) Logo naõ ſò de todas as circunſtãcias do Texto de Jeremias,que nenhuã diſcrepa, mas das meſmas palavras antecedentes,& dos fins porque foi concebido nas idéas de Deos, & de ſua Mãy eſte novo parto,& finalmente dos effeitos maravilhoſos, que produzio no mundo, conſta ſer elle claramente o do Roſario.

215 Acreſcẽto para maior confirmaçaõ (como em materia tam grave, & tam nova) a Verſaõ dos Setenta Interpretes, a qual parecendo totalmente diverſa,declara com novas propriedades quanto temos ditto ſobre o meſmo Texto. O ſeu he eſte: *Creavit te Dominus ſalutem* LXX. *in phantationem novam,in ſalute tua circuibunt homines.* Quer dizer, que para a ſaude da Alma criará Deos huã planta nova,& que os homẽs para conſeguirem eſſa ſaude, haõ de fazer circulos. E que planta nova he eſta,que Deos havia de criar, & que circulos ſaõ eſtes, que os homẽs haviaõ de fazer? Nem o nome, nem a fórma do Roſario ſe podéra pintar, ou deſcrever melhor. A planta nova he a das Roſas, que deraõ o nome ao Roſario: *In phantationem novam*: & os circulos, q̃ haviaõ de fazer os homẽs, ſaõ os circulos,que fazem os que rézaõ o Roſario,quando vaõ repaſſando as Contas, tornando a acabar onde começáraõ: *In ſalute circuibunt homines.* O primeiro circulo fello a Senhora, quando formou,

mou, & ensinou o Rosario: *Fæmina circundabit virum:* Os outros circulos fazemnos os homẽs, porque para a saude de suas Almas foi o mesmo Rosario instituido: *In salute circuibunt homines.* E como nestes circulos se abraça, & comprehẽde, naõ sò o Mysterio da Encarnaçaõ do Verbo, senaõ todos os Mysterios da Vida, & idades de Christo; bem se vé, quanto mais admiravel foi a Mãy do mesmo Senhor neste segundo, & tam numeroso parto. No primeiro concebéo sòmente o Verbo humanado, no segundo concebéo-o humanado na Encarnaçaõ, peregrino na Visitaçaõ, nascido no Presepio, presentado no Templo, & no mesmo Templo perdido, & achado. No segundo outra vez concebéo-o no Horto suando sangue, no Pretorio cuberto de açoutes, & coroado de espinhos, nas ruas de Jerusalem com a Cruz aos hõbros, & no Calvario crucificado, & morto. No segundo terceira vez concebéo-o no Sepulchro resuscitado, no Monte Olivéte subindo ao Ceo, no Ceo mandando de là o Espirito Santo, no Valle de Jozafat levando em triunfo a sua Mãy, & no trono da Gloria coroandoa por Rainha dos Anjos. Em fim, na Encarnaçaõ concebido huã vez, & no Rosario quinze vezes.

VI.

216 ATègora temos visto o parto do Rosario mais maravilhoso em sy por tres respeitos: agora o veremos mais maravilhoso fòra de sy por outros tres. Mais maravilhoso atègora em sy, por ser mental, & naõ corporeo, por ser no Ceo, & naõ na terra, por ser, naõ de hum sò Mysterio, ou idade de Christo, senaõ de todos seus Mysterios, & idades. Agora o veremos mais maravilhoso tambem fòra de sy: & como? Para com Deos, para comnosco, & para cõ nossos inimigos: para com Deos, pelo maior agrado: para cõnosco, pela maior efficacia: para com nossos inimigos, pelo maior poder.

217 Quanto ao maior agrado de Deos, parece, que

por

por comprehender o Rosario todos os Mysterios de Christo, nem por isso lhe pódem agradar mais todos juntos, que o da Encarnaçaõ do Verbo por sy sò. Porque onde o valor, & preço he infinito, tanto encerra em sy hum sò Mysterio, como todos: & posto que em todos cresça o numero, naõ cresce a razaõ de agradar mais. Comtudo digo, que esta mesma razaõ de estarem juntos no Rosario todos os Mysterios de Christo, he huã tal circunstancia, que ainda onde naõ cabe mais, acrescenta muito. E esta he a quarta maravilha do segũdo parto da Virgem, que o faz mais admiravel que o primeiro. Vede, se se prova bem?

218 Criou Deos esta grande, & fermosa machina do Universo em seis dias: & a cada obra, que hia saindo de suas poderosas maõs, ou da voz de sua Divina Sabedoria, diz a Escritura Sagrada, que olhava o Senhor para ella, & que via que era boa:

Genes. 1. 25. *Vidit Deus quòd esset bonum.* Com estas repetidas acçoẽs, & approvaçoẽs do Supremo Artifece foi crescendo a fabrica cadadia mais vistosa, mais ornada, & mais povoada de variedade de criaturas, atè que acabada jà, & posta em sua perfeiçaõ no ultimo dia, diz o mesmo Texto, que olhando Deos para todas as cousas, que fizera, todas lhe parecéraõ muito boas: *Vidit Deus cuncta, quæ fecerat: & erant valde bona.* Ibidem 31. Neste *Valde* reparou muito Santo Agustinho, & depois delle todos. E com muita razaõ. As cousas, que Deos vio no dia ultimo, eraõ as mesmas, que tinha feito, & visto em cadahũ dos outros dias: pois se entaõ lhe parecéraõ sòmente boas: *Vidit Deus quòd esset bonum:* como agora, naõ sò lhe parecem boas, senaõ muito boas: *Valde bona*? Este *Valde*, & este muito, dõde lhe veyo? Por ventura acrescentoulhe Deos no ultimo dia alguã perfeiçaõ, ou esmalte, que dãtes naõ tivessem? Naõ. A Luz do primeiro dia era a mesma sem augmento de outra calidade: o Firmamento do segundo dia tinha a mesma sutileza, & o Mar a mesma grãdeza, & vastidaõ: as Plantas do

do terceiro, nem estavaõ mais verdes, nem mais floridas, nẽ mais carregadas de frutos: o Sol, a Lua, & as Estrellas do quarto naõ resplandeciaõ agora mais: os Peixes, & as Aves do quinto, nem estavaõ armados de mais prateadas escamas, nẽ vestidas de mais pintadas pennas: finalmente os Animaes terrestes nem tinhaõ recebido novas fórmas, nem maiores forças, nẽ mais engenhosas habilidades. Pois se todas estas criaturas eraõ as mesmas, & com a mesma bondade que dantes, porque razaõ nos olhos de Deos, q̃ se naõ cegaõ, nem enganaõ, dantes sò pareciaõ boas, & agora muito boas: *Valde bona*? Se naõ tinhaõ nada demais, donde lhe acrescéo este muito?

219 He, que dantes foraõ vistas cadahuã por sy, agora estavaõ todas juntas. O mesmo Santo Agustinho: *Cũ de singulis ageret, dicebat tantùm, Vidit Deus quia bonum est: cùm autem de omnibus diceretur, parum fuit dicere bona, nisi adderetur, Et valde.* Quando Deos olhava para cadahuã das suas obras por sy, sòmente a louvava por boa: mas quando as vio todas juntas, não lhe chamou sò boas, senaõ muito boas; porque lhes daria menor approvaçaõ do que mereciaõ, se ao louvor de boas naõ acrescẽtasse o de muito. E se perguntarmos ao grande Doutor, donde lhe veyo este muito, se naõ tinhaõ recebido nada demais? Respõde, q̃ da uniaõ: *Tanta est vis, & potentia integritatis, & unitatis, ut quæ bona sunt, tunc multùm etiam placeant cum in universum aliquod conveniunt, atque concurrunt.* Porque he tal a força, & virtude da uniaõ, que as mesmas cousas, que divididas saõ boas, se se ajuntaõ, & unẽ entre sy para compor algum todo, esse todo, sem acrescer maior bondade às partes, fica muito melhor que cadahuã dellas. Porisso quando divididas, sò boas: *Vidit quod esset bonum*: mas quando juntas, muito boas: *Et erant valde bona.* Tal he o todo do Rosario composto dos Mysterios de Christo comparado com cadahum delles. Cadahum dos Mysterios, que saõ as partes, de que se compoem este todo,

Augu st. in Quæstionibus sup. Genes.

todo, he tam divina, & infinitamente perfeita, que naõ admitte maior perfeiçaõ: mas foi tal o artificio da Virgem Senhora nossa nesta maravilhosa fabrica, que onde naõ cabia o mais, soube introduzir o muito. Divididos os mesmos Mysterios, naõ cabia o mais na perfeiçaõ de cadahum, mas juntos, & unidos entre sy, como estão no Rosario, coube o muito na uniaõ de todos. Cadahum por sy: *Vidit Deus quòd esset bonũ*: todos juntos, ainda nos olhos de Deos: *Erant valde bona.*

220 Santo Thomás declarando theologicamẽte este ver, & approvar de Deos: *Vidit Deus quòd esset bonum*: diz, que significa a complacencia divina em cadahuã de suas obras, segundo a perfeiçaõ dellas. E assim como esta complacencia, & agrado de Deos he proporcionado à perfeiçaõ de cadahuã de suas criaturas, ao mesmo modo, mas em gráo infinitamente superior, se agrada de cadahum dos Mysterios, & soberanas acçoẽs de seu Filho. Isto quiz significar no Mysterio da Transfiguração a voz do Padre, dizendo: *Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi benè complacui.* Mas se na vista de hum sò Mysterio de Christo, diz a complacẽcia divina: *Benè complacui*: seguese, que na vista, & representaçaõ de todos juntos, naõ sò ha de dizer, *Benè*; mas, *Valde bene.* E esta he a cõplacencia, & agrado (ou se chame maior, ou muito) com que Deos aceita da nossa memoria, & affecto a meditaçaõ dos mesmos Mysterios, quando juntos no Rosario lhos offerecemos. E para que hum privilegio tam sublime deste mesmo offerecimento naõ ficasse duvidoso na conjectura do nosso discurso sòmente; o mesmo Deos se dignou de o declarar assim, & nos exhorta a que lhe façamos este obsequio no Rosario, naõ sò com a declaraçaõ de bom, como em cadahuã das obras da criaçaõ, mas de bom, & muito bõ, como na uniaõ de todas. He Texto milagroso. Matth. 17. 5.

221 No Capitulo trinta & nove do Ecclesiastico diz assim o Espirito Santo: *Obaudite me divini fructus:* Ecclesi. 39 17. usque 21.

&

& quasi Rosa plantata super rivos aquarum fructificate. Quasi Libanus odorem suavitatis habete. Florete flores, quasi lilium, & date odorem, & frondete in gratiam, & collaudate canticum; & benedicite Dominum in operibus suis. Date nomini ejus magnificentiam, & confitemini illi in voce labiorum vestrorũ, & in cãticis labiorũ, & citharis: & sic dicetis in confessione: Opera Domini universa bona valde. O Texto he dilatado, mas naõ se podia dizer tudo em poucas palavras. Em summa, exhorta Deos aos homẽs à devaçaõ do Rosario com o mesmo nome de Rosa: *Quasi Rosa plãtata super rivos aquarum fructificate.* E naõ sò exhorta, mas manda por obediencia: *Obaudite me.* Logo passando aos Mysterios, que o Rosario comprehende, & medita, sendo a Rosa huã sò flor, diz, que elles haõ de ser muitos, igualando na variedade, & no cheiro os de todo o monte Libano, famoso pelos Jardins de Salamaõ: *Quasi Libanus odorem suavitatis habete.* E para que se naõ duvidasse, que estes Mysterios saõ de Christo, o qual entre as flores tomou o nome de Lirio: *Ego flos campi, & liliũ convallium*: declara, que a graça, & a fragãcia deste Lirio, he a que haõ de exhalar as Rosas: *Florete flores quasi lilium, & date odorem, & frondete in gratiam.* Finalmente porque o Rosario naõ sò cõsta de Mysterios meditados, mas de oraçoẽs pronunciadas com a boca, duas vezes faz mençaõ dellas. Huã vez: *Collaudate canticum, & benedicite Dominum:* & outra vez: *Confitemini illi in voce labiorum vestrorum.* E de tudo isto que conclusaõ tira, ou nos manda tirar o Texto? Cõ razaõ lhe chamei milagroso; porque he admiravel ao intento: *Sic dicetis in confessione: Opera Domini universa bona valde.* Haveis de confessar, & dizer a Deos (como se diz delle quando vio juntamente tudo o que tinha criado) que todas as suas obras, naõ sò saõ boas, senaõ muito boas: *Universa bona valde.* Cant. 2. 1.

212 Todos os Expositores, & a mesma Sagrada Biblia à margem, nota, que estas saõ as mesmas palavras, q̃ se

ſe dizem de Deos depois da criaçaõ do mundo, quando olhou, & vio juntas todas as couſas, que tinha criado. Pois ſe agora falla tam claramente do Roſario (como tambem tem advertido alguns Autores) porque diz, que no Roſario havemos de fazer o meſmo conceito do juizo, & complacencia de Deos, qual foi o que elle teve nas obras da criaçaõ? Porque aſſim como Deos nas obras da criaçaõ teve maior complacencia, & ſe agradou mais de todas juntas, que de cadahuã por ſy, ſem haver nellas de novo mais que a uniaõ; aſſim na criaçaõ do Roſario, obra de ſua Santiſſima Mãy, ainda que cadahum dos Myſterios ſeja perfeitiſſimo em ſy, antes infinitamente perfeito: unidos porèm, & juntos diante dos olhos divinos, a meſma uniaõ, q̃ não pôde dar mais a cadahum, acreſcẽtou muito a todos. Cadahum pela ſua propria bondade infinitamẽte bom; mas todos juntos, porque juntos, naõ ſò bons, mas muito bons: *Univerſa bona valde.* Julgue agora, ou a rigoroſa cenſura, ou quando menos à devação, & a piedade, ſe foi mais admiravel Mãy a Virgem neſte ſegundo parto, em que unio todos os Myſterios do Verbo Encarnado, ou na Encarnaçaõ do primeiro. Là diſſe em boa filoſofia Seneca, que aquella ſò merece o nome de perfeita fermoſura, que ſendo cadahuã das partes, de que ſe cõpoem, admiravel, o todo lhe tira a admiraçaõ: *Cujus univerſa facies admirationẽ ſingulis partibus ademit.* Admiravel foi aquelle primeiro Myſterio, & admiravel cadahum dos que a elle ſe ſeguiraõ em toda a vida de Chriſto; mas a uniaõ de todos eſſes Myſterios juntos, ſem acreſcentar nada a cadahum, foi tam multiplicadamente admiravel no meſmo todo, q̃ delles ſe compoz, que ſe não tirou a admiração a cadahuã das partes, ao menos por multiplicada as vencéo. E iſto baſta (quando naõ ſobeje) para que tambem neſta circunſtancia a Authora deſte ſoberano invento, & a Mãy deſte novo parto foſſe nelle mais admiravel.

Apud Cornelium ibi.

Seneca.

DES-

VII.

223 DEsta uniaõ dos Mysterios de Christo no Rosario se segue a quinta differença, ou prerogativa, que he a de sua maior efficacia, com que obra em nós os excellentes effeitos, para que foi instituido. Vulgar he jà na experiencia aquelle antigo axioma da Filosofia, que a virtude das mesmas causas, posto que iguaes, unida obra mais fortemente. Tam fogo he huã faisca, como hum incendio: mas huã faisca naõ póde queimar huã pedra, hũ incendio abraza Cidades inteiras, & no fim ha de abrazar todo o mũdo. O mesmo succede por nossa dureza aos Mysterios de Christo, ou separados cadahum por sy, ou juntos como no Rosario.

224 He prova singular desta efficacia hum Texto celebre dos Cantares, muitas vezes ponderado, mas posso dizer confiadamente, q̃ nunca atègora bastantemente entendido. *Fasciculus myrrhæ Dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur.* O meu Amado (diz a Alma Santa) he hum ramalhete, ou hum feixezinho de myrrha, o qual Eu sempre hey de trazer entre os meus peitos. Este Amado he aquelle, que sò o deve ser, Christo Senhor, & unico bem nosso. Cõparase à myrrha, preservativa da corrupçaõ da morte, porque a immortalidade, que perdemos pelo primeiro Adam, pelo segundo a recuperamos. Mas porque naõ compara a Esposa o seu Amado simplesmente á myrrha, senão a hum ramalhete, ou feixezinho della? O ramalhete compoemse de muitas flores, & o feixe de muitos lenhos atados: & neste atado consiste a energía da comparaçaõ, como exprimẽ os dous Originaes, Hebraico, & Grego, dizendo: *Alligamentũ myrrhæ*. Pois se Christo he hum sò, que atou a Esposa nelle, ou de que compoz este seu atado? Não ha duvida, que dos Mysterios do mesmo Christo, o qual nelles, sendo hum, se considera como muitos: Christo encarnado, Christo nascido, Christo morto, Christo resuscitado, & assim dos outros

Cant. 1. 13.

Tom. 6. O Myſ-

Myſterios. E a razaõ porque os atou, & ajuntou a Eſpoſa, he, porque a myrrha (diz Origenes) ainda que dividida tẽ o meſmo cheiro, & virtude: unida obra mais fortemente, & com maior efficacia : *Non diffuſam, neque ut libet diſperſam, ſed colligatam, & conſtrictam, quò ſcilicet odor ſuus denſior reddatur, & vehementior.* Aſſim tambem cada Myſterio de Chriſto, ou Chriſto em cada Myſterio, tem a meſma, & igual virtude, mas unida eſſa virtude, & unidos eſſes Myſterios, como eſtaõ no Roſario, não ſendo maior a virtude de cadahum divididos, he muito maior a força de todos juntos para render, & penetrar coraçoẽs.

Origenes in comment. hujus loci.

225 O meſmo Chriſto diz por Iſaias, que elle he a Setta eſcolhida, que Deos meteó na ſua aljáva : *Poſuit me ſicut ſagittam electam: in pharetra ſua abſcondit me.* Demaneira, que não he Chriſto o que nos atira as ſettas, mas elle he a Setta, com que Deos nos atira. Pois na aljáva de Deos não ha mais q̃ huã ſetta eſcolhida? Huã ſò, mas tantas vezes multiplicada, & de tantos modos armada, quantos ſaõ os Myſterios da Vida, da Morte, & da Reſurreiçaõ do meſmo Chriſto. Nos Myſterios Gozoſos armada de brandura, nos Doloroſos armada de temor, nos Glorioſos armada de eſperança. Quando pois conſideramos cadahum deſtes Myſterios divididos, atiranos Deos ſetta a ſetta, & poriſſo lhe reſiſtimos; mas ſe bem, & verdadeiramente os conſiderarmos juntos, como eſtaõ no Roſario; entaõ naõ ha coraçaõ, que reſiſta; porque deſcarrega Deos nelle toda a aljáva : *Sagittas meas complebo in eis.*

Iſai. 49. 2.

Deut. 32. 23.

226 E ſe buſcarmos a razaõ deſta efficacia; os tres Padres de Theodoreto a deraõ, excitando, & reſpondendo à meſma queſtaõ da myrrha, naõ deſunida, mas junta: *Quid eſt quòd Dilectum ſuum Spōſa, non myrrham, ſed faſciculũ myrrhæ nominat: niſi quòd dum Sancta mens, Chriſti vitam ex omni parte conſiderat, contra omnia vitia ex ejus imitatione repugnãtes virtutes congregat.* A razaõ porque a Eſpoſa comparou a

Tres PP. ibidem.

Chriſto

Christo à myrrha, naõ des-unida, & solta, senaõ atada; foi, porq considerando a Alma, a Vida, & Mysterios de Christo, naõ divididos, & por partes, senaõ todos juntos, nenhuã virtude ha, que naõ possa achar nelles para imitar, senaõ todas, & em grâo perfeitissimo, para impugnar, & vencer todos os vicios cõtra nós. Assim o definio o Triunvirato dos Padres Gregos com tam alto, como solido fundamento. E qual he? A Theologia o ensina. Porque ainda que Christo desde o instante de sua conceiçaõ teve todas as virtudes infusas em grâo perfeitissimo, & heroico, não teve comtudo o exercicio, & actos de todas em todos os Passos, & Mysterios de sua Vida; senaõ aquellas, que eraõ convenientes, & proporcionadas aos mesmos Mysterios. Logo para q a nossa imitaçaõ tivesse em Christo hum exemplar commum, & adequado, ou hum exemplo universal de todas as virtudes, & seus actos, naõ bastava hum sò Mysterio, ou cadahum delles sòmente, senaõ todos juntos. Isto he: *Dũ Christi vitam ex omni parte considerat, contra omnia vitia ex ejus imitatione repugnantes virtutes congregat.* Notemse muito as palavras, *Christi vitam ex omni parte.* Naõ bastava considerar a Vida de Christo em huã sò parte, ou em hum sò Mysterio, senaõ em todas as partes, & em todos os Mysterios, *Ex omni parte:* & porisso a Esposa os ajuntou todos no seu Rosario.

227 E digo no seu Rosario; porque isso quer dizer: *Fasciculus myrrhæ Dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur.* Bem sey, que o naõ differaõ os mais diligentes Expositores deste Texto, devendo reparar muito em huã grande difficuldade delle. A myrrha, como diz Plinio, & os outros Autores da Historia Natural, saõ huãs gottas odoriferas, as quaes na Arabia, ou espontaneamente sua, ou picada, lança de sy a arvore do mesmo nome. Porisso os Setẽta Interpretes em lugar de *Fasciculus myrrhæ*, vertéraõ, *Alligamentũ guttæ.* Mas se a myrrha eraõ gottas; como se podia fazer

degottas efte fexezinho, ou efte atado: *Alligamentum*? As gottas por ventura podemfe atar? Parece que naõ. E fe acafo podem: de que modo? Eu o direy. As gottas depois de congeladas, & folidas, quaes aquellas eraõ, podemfe atar enfiandofe, como fe enfiaõ as Contas do Rofario. Efte he pois o modo, com q́ a Efpofa dizia, que havia de atar as gottas da myrrha: *Alligamentum myrrhæ*: & affim como as molheres Catholicas lançāo o Rofario ao pefcoffo, & o trazem entre os peitos; affim dizia ella, que havia de fazer: *Inter ubera mea commorabitur.*

228 Nefta fórma explicava Eu a difficuldade defte Texto vulgar, naõ fem recéo da novidade, quando fui achar, que o penfamento naõ era novo, nem meu, fenaõ do grande S. Gregorio Niffeno na Homilia terceira fobre os Canticos: *Fraternus meus eſt Alligamentum guttæ, quod è collo fuſpendo fupra pectus.* O meu Amado he hũ atado, ou ajuntamẽto de gottas de myrrha, o qual pendente do pefcoffo trago fobre o peito. Póde haver explicaçaõ mais natural, mais propria, & mais expreffa? Naõ póde. E o exemplo, & exemplos a confirmaõ muito mais. Tambem o balfamo, & o alambre, faõ gottas fuadas das arvores, & affim como de hum, & outro fe fazem Rofarios, affim fez o feu a Efpofa, das gottas da myrrha. Mas fe efte era o feu Rofario, como diz a mefma Efpofa, que efte mefmo Rofario he o feu Amado: *Fafciculus myrrhæ, alligamẽtum guttæ, Dilectus meus mihi*? Sò ifto faltava à fua elegancia para fechar com chave de ouro o conceito. O feu Amado he Chrifto, & diz, que o feu Rofario he o feu mefmo Amado, porque o Rofario, & toda a materia do Rofario, não he outra, fenão o mefmo Chrifto. Chrifto multiplicado nos feus Myfterios, & os Myfterios de Chrifto ordenados no Rofario.

Gregor. Niffen. Homil. 3.

VIII.

229 DAqui fe fegue a ultima excellencia, ou maravilha, com que a

Virgem Senhora nossa foi mais admiravel no parto do Rosario, que no da Encarnaçaõ do Verbo. E porque? Porque o Mysterio da Encarnaçaõ, sendo hum sò, não podia ter divisaõ, nem ordem: porèm os Mysterios do mesmo Christo multiplicados no Rosario, como nelle estaõ repartidos, & ordenados, esta mesma disposiçaõ, & ordem, os arma de maiores forças, & de maior, & mais invencivel poder contra nossos inimigos. Ainda estamos nos Canticos de Salamão, onde a principal Esposa he a Virgem Maria, a qual fallando do mesmo Amado (que para todas he Christo) diz assim:

Cant. 6. 1. *Dilectus meus descendit in hortum suum ad areolam aromatum, ut pascatur in hortis, & lilia colligat.* O meu Amado descéo ao seu jardim dos aromas, para nos jardins se recrear, ou apascẽtar do cheiro, & colher Rosas. Rosas quer dizer a palavra, *Lilia*, como noutra parte provámos largamente. Mas se o Amado descéo a hũ sò jardim: *Descendit in hortum suum*: como diz a Senhora, que foi a colher Rosas nos jardins: *Ut pascatur in hortis, & lilia colligat?* Era hum jardim, & muitos jardins? Sim: diz S. Gregorio, de quem he o reparo. D. Greg. ibi. E daõ a razaõ literal, Simmacho, & Pagnino, tresladando, *Areolas, & lineas sulcorum*: porque o mesmo jardim por suas linhas estava repartido em diversas quadras, & cadahuã dellas em outras menores com proporcionada correspondencia, & ordem. Assim havia de ser, pois era o jardim das Rosas, segundo o dezenho, & arte, com que a Senhora traçou o seu Rosario, com tantas repartiçoẽs, & divisoẽs, todas tam medidas, & ajustadas. E porisso o Amado em hum sò jardim, qual he o Rosario, áchou sem implicaçaõ muitos jardins, em que passear, & se recrear, & de todos colher Rosas: *Descendit in hortum suum, ut pascatur in hortis, & lilia colligat.*

230 Vio pois Christo estes jardins de Rosas reduzidos a hum sò jardim do Rosario, podendose entaõ dizer do mesmo Senhor com muita propriedade: *Cũctaque mi-* Ovidius in Narcis.

ratur, quibus eſt mirabilis ipſe: porque no jardim, emquanto hum, ſe via inteiramente a ſy meſmo, & nos jardins, emquanto muitos, ſe via tambē dividido em todos ſeus Myſterios. Louvou a idéa, & a obra, & da meſma idéa, & da meſma obra formou os louvores da Soberana Autora della, & os declarou cō dous nomes, & comparaçoēs notaveis: a primeira, de fermoſa, como a Cidade de Jeruſalem: *Decôra ſicut Ieruſalem:* a ſegunda, de terrivel, como hum exercito bem ordenado: *Terribilis ut caſtrorum acies ordinata.* A comparação de hum Jardim com huã Cidade, & tal como Jeruſalem, poſto que Salamaõ, cuja he, a entendeſſe melhor, não tem difficultoſa applicaçaõ. Os corredores, ou paſſeos do jardim, ſaõ as ruas: as quadras muradas de murtas, os palacios: os acipreſtes, as torres, ou piramides: os vazios com as fontes no meyo, os pateos: a repartiçaõ das areolas, os apozentos: & os moradores, as flores. Tudo iſto para a viſta da paz, que iſſo quer dizer Jeruſalem, *Viſio pacis.* Mas para a campanha, & para a guerra, que ſemelhança tem hum jardim com hum exercito? O jardim do Roſario, de que ſe fallava, muita. Naõ ſò porque he jardim de Roſas, que ſaõ flores armadas, como diſſe Boecio, *Armat ſpina Roſam;* mas pela diviſaõ, proporçaõ, diſpoſiçaõ, & ordem, de que he compoſto. A força de hum exercito, como enſina Vegecio, & conſta da experiencia, naõ conſiſte tanto na multidaõ dos Soldados, quanto na boa repartiçaõ das armas, & dos combatentes, & na diſpoſiçaõ, & ordem de todo aquelle corpo militar, & guerreiro, o qual deſordenado, deſunido, & roto, he facilmente vencido; porèm compoſto, ordenado, & unido, he forte, impenetravel, & invencivel. Tal he a fórma regular, & perfeita de hum Roſario, repartido primeiro em tres Terços, cada Terço em ſinco Eſquadroēs, cada Eſquadraõ em ſuas Fileiras, cada Fileira em huã Decuria cō ſeu Cabo; & tudo junto com tal diſpoſiçaõ, & tal ordem, & proporçaõ de numeros, que a naõ

Cant. 6. 3.

Boetius.

Vegetius.

naõ pôde haver, nem imaginarse maior. E porque esta distinçaõ, & ordem a naõ pôde haver em hum sò Mysterio, qual he o da Encarnaçaõ; porisso foi mais admiravel a Virgem no parto do seu Rosario, que no da Encarnaçaõ do Verbo. Naõ sou Eu o que o digo, senaõ os que viraõ, & notáraõ a differença, & como mais admiravel a admiráraõ.

231 Viraõ os Anjos caminhar a Virgem Senhora nossa, ou marchar com este seu exercito do Rosario, & admirados diziaõ entre sy: *Quæ est ista, quæ progreditur quasi Aurora consurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol, terribilis ut castrorum Acies ordinata?* Estas ultimas palavras saõ as mesmas do Esposo, repetidas pelos Anjos. E que fallem da Virgẽ Maria, emquanto Senhora do Rosario, elles mesmos o dizem, distinguindo a divisaõ, & repartiçaõ dos Terços, & a differença dos Mysterios por sua propria ordem. Porisso comparaõ a Senhora primeiro à Aurora, depois à Lua, & ultimamente ao Sol. Nos primeiros Mysterios, & Gozosos, foi a Virgẽ como Aurora, da qual nascéo o verdadeiro Sol Christo: nos segundos, & Dolorosos, foi como Lua, chea das dores, & eclypses da sua Paixaõ: nos terceiros, & Gloriosos, foi como o Sol; porque nos resplãdores da mesma Gloria vencéo a de todos os Bemaventurados. Mas em toda a consideraçaõ destes Mysterios, q̃ he o que admiraõ os Anjos, quando perguntaõ admirados: *Quæ est ista?* Notay agora, & notay muito, porque o reparo he digno de toda a põderaçaõ. Naõ admiraõ o principio dos mesmos Mysterios, senaõ o progresso delles: porisso dizem: *Quæ est ista, quæ progreditur?* E qual foi o principio, & quaes os progressos de todos estes Mysterios? O principio foi o primeiro Mysterio, em que a Senhora como Aurora concebéo, & sahio à luz com o Verbo: os progressos foraõ todos os outros Mysterios da Vida, Morte, & Resurreiçaõ do mesmo Christo, dos quaes, & naõ sò do primeiro, se compoz, distinguio, & or-

Cant. 6. 9.

denou o Rosario. E estes progressos assim distintos, & ordenados, saõ os que os Anjos admiraõ na Virgem Maria, quando dizem admirados: *Quæ est ista, quæ progreditur?* Porque entẽdéraõ, que mais admiravel foi a Senhora no parto, em que sahio à luz com o Rosario, que no do mesmo Verbo.

232 E parou aqui a admiraçaõ dos Espiritos Angelicos? Naõ: porque ainda restavaõ os effeitos, & poderes do mesmo Rosario, como exercito bem ordenado, formidavel, & terrivel contra os inimigos. Os Inimigos da nossa Alma, que tambem se pudéraõ chamar do corpo, saõ tres: o Mundo, a Carne, o Demonio. E vede, como os tres Terços do Rosario neste Exercito bem ordenado se ordenaõ forte, & poderosamente contra elles. Foraõ estes tres Inimigos figurados nos tres Capitaẽs, cadahum de sincoenta Soldados, que o perfido Rey Ochosias mandou armados contra o Profeta Elias, sobre dous dos quaes elle fez descer fogo do Ceo, que os abrazou, & a todos os seus, dizendo: *Si Homo Dei sum, descendat ignis de cælo, & devoret te, & quinquaginta tuos*: Se sou Homem de Deos, como tu me chamas, desça fogo do Ceo, que te abraze ati, & aos teus sincoenta. Contra estes tres Inimigos pois, igualando numero a numero, ordenou a Senhora os tres Terços do seu Rosario, composto tambem de sincoenta, como outros tantos rayos, não sò para abrazar dous delles, como o Homem de Deos, senão todos tres, como Mãy de Deos. Os Mysterios Gozosos saõ ordenados contra o Mundo; porque a Humildade de Nazareth, a Aspereza das montanhas, o Desemparo de Belem, a Pobreza das Offertas no Templo, & o Cuidado ancioso pelo Minino Deos perdido: que outra cousa contrariaõ, & confundem, senaõ as Soberbas, as Vaidades, o Luxo, & Pompas do Mũdo, cõ perpetuo descuido de perder a Deos, nem dor de o ter perdido? Os Mysterios Dolorosos saõ ordenados contra a Carne; porque os Suores de sangue no Horto, os Açoutes

4. Reg. 1. 10.

con-

contados a milhares no Pretorio, a Purpura vil, & Coroa de espinhos, o Pezo da Cruz, os Cravos, o Fel, & a Morte nella: que outra cousa contraríaõ, & abominaõ, senaõ os Gostos, os Regalos, as Delicias, & Intẽperãças da Carne, inimiga da mortificaçaõ dos sentidos, & totalmẽte esquecida da penitencia? Finalmẽte os Mysterios Gloriosos saõ ordenados contra o Demonio; porque a Resurreiçaõ, & Ascenção do Filho de Deos, o Trono que tem à dextra do Padre, & Assumpçaõ, & Coroaçaõ de sua Mãy sobre todas as Gerarchías: que outra cousa contraríaõ, & estaõ fulminando desde o Ceo, senão o Demonio, que cahio por hum sò peccado, & as Tentaçoẽs de peccar, cõ que nos incita, & engana, a que por hum momento de appetite percamos tambem, como elle, a Eternidade da Gloria? Assim he terrivel, & formidavel ao Mundo, Carne, & Demonio o Exercito do Rosario: & assim distinguio, & ordenou a Soberana Autora delle todos os Mysterios da Divindade, & Humanidade de seu Filho, repartidos, & oppostos de frente a frente, contra o poder sempre forte, & armado dos tres Inimigos communs. E porque esta repartiçaõ, & ordem, como tenho ditto, não cabia em hum sò Mysterio, qual foi o da Encarnaçaõ; porisso, a juizo dos mesmos Anjos, foi mais admiravel o parto do Rosario cõcebido na Mẽte da Virgem, que o do mesmo Verbo Eterno concebido em seu sacratissimo Ventre: *Beatus Venter, qui te portavit.*

IX.

233 TEnho concluido, se me naõ engano, & feito provavel o que parecia impossivel; & claro, & manifesto, o que se representava difficultoso no meu argumento. Delle quizera por fim, que naõ tirassemos sò admiraçoẽs, senaõ doutrina, & exemplo. Se a ordem, & disposiçaõ do Rosario para os Anjos he admiravel, para nós seja terrivel: *Terribilis ut castrorum acies ordinata.* Com tal ordem dispoz a Mãy de

Deos os tres Terços deste seu Exercito do Rosario, que na Vanguarda poz os Gozosos, na Batalha os Dolorosos, & na Retaguarda os Gloriosos. Para que entendamos, que todos os gostos vem a parar em penas, & que sò depois das penas se seguem as glorias. Oh que terrivel ordem, & que temerosa consideraçaõ! Se os gostos purissimos, & santissimos do Filho de Deos, & de sua Mãy, vem a parar nesta vida em penas, & dores: & se a gloria, que era propria do Filho, & tam merecida da Mãy, a naõ alcançaõ na outra vida, senaõ depois de tantas dores, & tormentos: Que será, ou que esperança podem ter, os que tanto fogem das penas, & cõ tanta ancia buscaõ sò os gostos falsos, & glorias vaãs deste mundo?

234 Virgem Sãtissima, Mãy sempre admiravel, huã vez Mãy admiravel no parto do Verbo, quinze vezes Mãy admiravel no parto do Rosario, & Mãy admiravel sem conto, nas maravilhas que obrais, & mercés que fazeis, aos que nelle, & com elle vos veneraõ, & servem. Alumiay, Mãy admiravel, a admiravel cegueira, desfazey o admiravel engano, espertay o admiravel descuido, & esquecimento da salvaçaõ, & resuscitay a Fé morta, em q̃ vivemos. Sendo tantos os titulos, pelos quaes o nome de Mãy admiravel vos he devido, ainda vos hey de allegar outro mais admiravel. Se sois Mãy admiravel por Mãy de Deos, muito mais admiravel Mãy sois, porque sendo Mãy de Deos, vos naõ dedignais de ser Mãy de Peccadores. Naõ sejaõ pois parte nossos peccados, ó Mãy mais que admiravel, para que aparteis delles vossos misericordiosos olhos. Alcançaynos para os passados perdaõ, para os presentes arrependimento, & para os futuros preservaçaõ, & cautella: de tal modo, que perseverando na Graça de vosso Filho, vos mereçamos ver com elle eternamente no Ceo, onde o louvemos, & vos louvemos sem fim na perpetua admiraçaõ da sua, & vossa Gloria. Amen.

SER-

SERMAM XXII.

Extollens vocem quædam mulier de turba, dixit illi: Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quæ suxisti. Luc. 11.

I.

235 ASSIM exclamou em louvor de Christo, & sua Mãy, levantando a voz em lingua vulgar huã molher do vulgo: *Quædam mulier de turba.* E he para mim singular maravilha, que naõ tenha bastado esta dobrada vulgaridade, para que desprezeas mesmas palavras a altiveza de certos Espiritos, que atè nas materias da Religiaõ, & Culto Divino, se naõ querem parecer com o vulgo. Altiveza chamey a este abuso, & mais propriamente lhe devera chamar fraqueza, porque he proprio do sexo mais fraco. Naõ cabe aqui o *De turba*, porque he vicio das melhores calidades; nẽ o *Quædam*, porque he de muitas; mas o *Mulier* sim, & muito em seu proprio lugar, porque he mais proprio das filhas de Eva, que dos filhos de Adam. Vejamos huã, & outra cousa em dous exemplos encontrados no mesmo caso, & na mesma casa: mas o forte em hum homem, & o fraco em huã molher, posto que ambos igualmente illustrissimos.

Luc. 11. 27.

236 Quando foi tresladada a Arca do Testamento, &

& levada com solennissima procissaõ desde a casa de Obededon para a Cidade de David; ao som de varios instrumentos hia o Povo muito festival, & alegre, dançando diante da Arca. E que fez entaõ o mesmo David? Naõ esquecido de ser Rey, mas lẽbrado, & reconhecido de que o Deos, que adorava na Arca, lhe tinha dado a Coroa, despido da Purpura, & das Insignias Reaes, se meteo entre os do Povo, & naõ sò dançava como os demais, senaõ que o fazia, como nota a Escritura, com todas as suas
2. Reg. 6.14. forças: *Et David saltabat totis viribus ante Dominum.* Chegada pois a procissaõ à Cidade, estava em huã janella de Palacio Michol, filha d'ElRey Saul, & molher do mesmo David: & vendo, que elle hia dançando diante da Arca de mistura com o vulgo, como vos parece que ficaria edificada? Parecéolhe grãde desauthoridade aquella, & indigna da Magestade de hum Rey; & logo entaõ, diz o Texto, o desprezou, &
Ibidem. 16. se desprezou delle: *Despexit eum in corde suo*: & depois lhe estranhou muito a acçaõ cõ palavras do mesmo sentimẽto, & desprezo; & do baixo conceito, em que por ella o tivera: *Quam gloriosus fuit hodie Rex Israel, discooperiens se, quasi unus de scurris.* Ibid. 20.

237 O resto, & conclusaõ de toda a historia, fique entre tanto para seu lugar; agora sò noto a differença de David a Michol. David como homem religioso, & sezudo, naõ duvidou de festejar, & celebrar a Arca de Deos com as mesmas demostraçoẽs do Povo, metendose entre elles, & como qualquer delles; porque entendia, que diante de Deos o maior, & o menor, todos saõ iguaes, & q̃ nas materias do Obsequio, & Culto Divino, o exercicio mais authorizado, he o mais vulgar, & humilde. Isto he o que fez, & julgou David, como homem, & tam grande homem: porèm Michol, como molher vaã, & altiva, tinha metido no pensamẽto, que era desauthoridade da Pessoa seguir a devaçaõ popular, & que a soberanía da dignidade, ou sangue illustre, se deslustrava, & abatia, se ainda

inda diante de Deos, & nas cousas de seu culto naõ deixasse o vulgar ao vulgo, & se distinguisse tanto delle nos actos de Religiaõ, como no demais. Assim o entendéo, assim o disse, & assim o ostentou a presũçaõ daquella molher, que por seu pay, & por seu marido tãtas obrigaçoẽs devia a Deos. E provéra ao mesmo Deos, que naõ tivera tantas imitadoras no mundo. Perdoemme as Senhoras da nossa terra, naõ todas (q̃ as mais saõ dignas de grande veneraçaõ) mas algũas: nas quaes naõ sò se tem introduzido o abuso dos trajos tam alheos da antiga modestia, & compostura; mas he tal a reformaçaõ do novo Ceremonial da Fidalguia, que o serem Christaãs, como suas avós, jà toca em desauthoridade.

238 *O tempora! O mores!* Antigamente o maior lustre das Igrejas, & a parte mais authorizada dos concursos, eraõ as Senhoras Portuguezas, onde vinhaõ adorar a Deos com todo o rosto descuberto. Na Igreja se confessavaõ, na Igreja commungavaõ, na Igreja ouviaõ Missa, & Sermaõ. Mas o que entaõ sò se permittia à extrema enfermidade, se concede hoje à extrema vaidade. Ha de ir o Confessor a suas casas (perdoe Deos aos que vaõ) là se cõfessaõ, là ouvem Missa, là cõmungaõ. Vede, se he maior desauthoridade quererem que và Deos a suas casas, ou viremno buscar à sua. Se a Igreja pudéra là ir, tambem haviaõ de esperar que fosse; mas porque naõ pôde ir a Igreja, querem que vaõ os Sacramentos. O demais, ou o de menos, he para as molheres do vulgo. Com grande providencia ordenou o Autor dos mesmos Sacramẽtos, Christo, que a materia delles fosse certa, & determinada; porque doutra sorte nem os filhos se haviaõ de bautizar em agua, nem as mãys commungar debaixo de especies de paõ. Mas estas, & outras Fidalguias, fiquem para os Prégadores de mais perto, & para aquelles (se ha algum) a quem os ares da Corte naõ tiverem pegado o contagio.

239 Eu recolhendome ao meu Rosario, sò me queixo

xo por parte delle, que tambem tẽ perdido, ſe naõ muito grandes devotas, muitas devotas grandes. Entre as Senhoras mais illuſtres, mais ſabias, & de maior idade (em que he mais perigoſo o exẽplo) ſe tem introduzido em lugar do Roſario a Reza do Officio Divino, como nas Cathedraes: ſendo jà a Eſtante, & o Breviario, huã das alfayas do eſtrado, como ſe foraõ do Coro. E ſou Eu por ventura tam apaixonado do Roſario, que por elle haja de reprovar hum uſo, poſto que novo, tam pio, tam calificado, tam univerſal de toda a Igreja, & tam proprio da Cabeça della? Naõ he eſte o meu intento, nem o meu caſo. Eu naõ fallo com o Breviario, ſenaõ com as devotas delle, & que pela ſua devaçaõ deixaõ a do Roſario. Se neſta troca, & eleiçaõ fazem acertadamente, ou ſe enganaõ, ſerá a nova, & ainda naõ diſputada controverſia, que hoje determino tratar. E porque nem por huã hora, que pôde durar o Diſcurſo, quero que eſteja duvidoſa a reſoluçaõ: a que havemos de ouvir, ſerá eſta. Que aſſim como a molher do Evangelho, ſendo ella do vulgo, & vulgar a lingua, em que fallava, levantou a voz ſobre todos: *Extollens vocem quædam mulier de turba*: aſſim todas as molheres, que rezarem o Roſario, poſto que elle ſeja tam vulgar, & vulgar tambem a lingua, em q̃ o rezarem: os ſeus Padre-noſſos, & Ave-Marias, ſeraõ mais bem ouvidos de Deos na Lingua Portugueza, que todo o Officio Eccleſiaſtico na Latina. Bem vejo, que o Aſſumpto me arriſca a perder a Illuſtriſſima Graça das intereſſadas, mas Eu a darey por bem perdida, ſe me ajudardes a alcançar a da Senhora das Senhoras.

Ave Maria, &c.

II.

240 QUædam mulier de turba. Comecemos pelo fim da hiſtoria de David, & Michol, cujo remate deixey reſervado para eſte lugar. A Arca do Teſtamento, que metido entre o vulgo feſtejava David, foi figura da Virgẽ Senhora noſſa, &

& no mesmo estado, em que a considerou a Oradora do nosso Evangelho, porque assim como a Arca levava dẽtro em sy a Deos, assim a Virgem em suas entranhas: *Beatus venter, qui te portavit.* David saltando diante da Arca foi figura do Bautista, que visitado da mesma Senhora, & do Filho Deos, que levava dentro em sy, tambem celebrou, & festejou sua vinda a

Luc.1. 44. saltos: *Exultavit in gaudio infans in utero meo.* Finalmente Michol desprezando a devaçaõ, & obsequios de David, por serem semelhantes aos do vulgo, he figura das que estimaõ menos o exercicio do Rosario por vulgar, & lhe antepoem, ou preferem outros, como menos authorizados. Naõ deixarey porèm de caminho de referir a pena, com que Deos castigou a altiveza deste baixo conceito, a qual foi de perpetua esterilidade, & que Michol jà mais

2.Reg.6. 23. tivesse filhos: *Igitur Michol non est natus filius usque in diem mortis suæ.* Vemos em Portugal tantas casas illustres sem herdeiros: & se se correr a folha às que pudéraõ ser mãys, naõ sey se se achàraõ culpadas contra o Rosario. O certo he, que naõ tendo herdeiro a Rainha de Frãça Dona Branca, S. Domingos lhe aconselhou, q̃ rezasse o Rosario, & logo teve hum tal filho, como S. Luis.

241 Vindo pois ao nosso intento, para proceder cõ maior clareza, he necessario distinguir nelle dous casos. As pessoas do genero, em que fallamos, ou antepoem, & preferem o Officio Ecclesiastico ao Rosario, por estimaçaõ, & authoridade propria, ou por pura, & sincéra devaçaõ: por estimaçaõ, & authoridade propria, tendo aquelle exercicio por mais nobre, & levantado, como de nenhũ modo vulgar: ou por pura, & sincéra devaçaõ, entendendo que aquellas Preces, & Oraçoẽs, como saõ mais varias, & dilatadas, seraõ tambem mais gratas, & aceitas a Deos. E em qualquer destes casos, ou supposiçoẽs, o que digo resolutamente, he, que sempre deve preferir o Rosario.

242 Quanto ao primeiro caso (de que me expedirey muito brevemẽte) he cer-

to, & bem, que se advirta, & saiba; q̃ se na eleiçaõ, & preferencia do Officio Ecclesiastico entra a presunçaõ, & authoridade propria, posto que tacita, & occulta, naõ pôde ser sem peccado, q́ destrua a mesma oraçaõ. No Psalmo Cẽto & oito fallando o Profeta de Judas, como declara o Apostolo S. Pedro, diz, que a sua oraçaõ se converteria em peccado: *Oratio ejus fiat in peccatum.* E que oraçaõ de Judas foi esta tam enganosa, & tam enganada como elle? Em todo o Texto Sagrado naõ lemos outras palavras de Judas, que possaõ ter nome de oraçaõ, senaõ aquellas, com q́ saudou a Christo no Horto, dizẽdo: *Ave Rabbi.* Assim como nós saudando a Virgẽ Senhora nossa no Rosario, dizemos: *Ave Maria*: assim Judas saudãdo a Christo, disse: *Ave Rabbi.* E posto que estas palavras eraõ santas, & usadas dos outros Apostolos, quando saudavaõ reverentemente a seu Divino Mestre, viciadas porèm com a occulta tençaõ de Judas, vinhaõ a ser peccado, & gravissimo peccado: *Oratio ejus fiat in peccatum.* Naõ quero dizer com isto, que o peccado da presunçaõ, ou jactancia, que se mistura com as oraçoẽs, ou eleiçaõ dellas, seja tam grave como a falsa saudaçaõ de Judas; mas quanto Deos se offenda, & desagrade de semelhãte presunçaõ nas oraçoẽs; do que o mesmo Christo ensinou, o entenderemos.

Psalm. 108. 7.

Matth. 26. 49.

243 Foraõ dous homẽs orar ao Templo, diz Christo, hum delles Religioso de profissaõ, & outro Publicano. Este com grande humildade sem se atrever a levantar os olhos ao Ceo, pedia perdaõ de seus peccados. E o outro, que fazia, ou dizia? *Deus, gratias ago tibi, quia non sum sicut cæteri hominum:* Senhor, douvos muitas graças, porq́ naõ sou como os outros homẽs. Naõ orava, diz Santo Agustinho, para rogar a Deos, senaõ para se engrandecer a sy, & se antepor aos outros: *Ascendens orare, noluit Deum rogare, sed se laudare.* E isto mesmo he o que fazem as presumidas do seu modo de orar. O outro dizia dentro em sy (*Apud se*:) Senhor, douvos muitas graças, porq́ naõ sou como

Luc. 18. 11.

D. August. ibi.

como os outros homẽs: & ellas, tambem dentro em sy, estaõ dizendo com a sua presunçaõ: Senhor, douvos muitas graças, porque naõ sou como as outras molheres. Ellas rézaõ pelas Contas, Eu rezo pelo Breviario: ellas rézaõ Padre nossos, & Ave-Marias, Eu rezo Hymnos, & Psalmos: ellas com o vulgo rézaõ em linguagem, & Eu rezo em Latim: & em tam bõ Latim, & tam bem pronunciado, que melhor pudéraõ dizer, que rézaõ em Grego. Mas como sahíraõ das suas oraçoẽs os dous Oradores? O q̃ rogou por seus peccados, sahio com perdaõ delles: & o que se quiz estremar dos outros, & levantarse sobre todos, sahio com hum peccado de mais, que foi o da sua presunçaõ, & altiveza. Miseria verdadeiramente grande, que sendo a oraçaõ o meyo de aplacar, & conciliar a Deos, se cõverta em motivo de o desagradar, & offender; & em vez de diminuir os peccados, os acrescente: *Oratio ejus fiat in peccatum.*

244 A este peccado, que queira Deos seja hum só, ajuntà a presunçaõ no nosso caso outros dous erros, hum contra a virtude, outro contra a verdade Os que estimaõ menos o Rosario, fundaõ este seu conceito em ser huã devaçaõ vulgar em sy, vulgar na Lingua, & vulgar no exercicio, & uso commum. E este erro he tam contrario à virtude da Oraçaõ, como a soberba à humildade. Senhora era, & grande Senhora, Judith, & o motivo, que allegou a Deos para que a ouvisse, & ajudasse em huã empresa tam difficultosa, como a que intentava, foi a humildade da sua oraçaõ: *Nec superbi ab initio placuerunt tibi: sed humilium, & mansuetorũ semper tibi placuit deprecatio.* Iudith. 9.16. Quer dizer: que Deos nunca se agradou de oraçoẽs misturadas com soberba, & que a oraçaõ, que sò estima, & ouve, he a dos humildes, & q̃ se accommodaõ aos demais, & naõ se querem preferir aos outros, que isso he o que significa, *Humilium, & mansuetorum.* Tambem era grande Senhora Lia, molher do Patriarcha Jacob, & mãy de seis Patriarchas: & vede o q̃ disse,

& os nomes, que poz ao primeiro, & segundo filho, quãdo Deos lhos deu. Ao primeiro poz por nome Ruben, dizendo, que Deos vira a sua humildade: *Vocavit nomen ejus Ruben, dicens: Vidit Dominus humilitatem meam*: & ao segundo poz por nome Simeon, dizendo, que ouvira Deos a sua oraçaõ: *Quoniam audivit me Dominus, vocavitque nomen ejus Simeon.* E porq̃ diz Lia, que primeiro vio Deos, & depois ouvio: & primeiro vio a sua humildade, & depois ouvio a sua oraçaõ? Porque para nossas oraçoẽs chegarem aos ouvidos de Deos, primeiro haõ de ser registadas no Tribunal de seus olhos. Se os olhos de Deos vem, que levaõ alguã mistura de altiveza, ou soberba, alli paraõ, & naõ saõ admittidas, nem passaõ ao Tribunal dos seus ouvidos: porèm se vé, & consta, que saõ humildes, entaõ he que as ouve, & as despacha, & concede quanto lhe pedimos. Primeiro, *Vidit humilitatem meam*, & depois, *Audivit me Dominus.* Para q̃ vejaõ as que oraõ, ou rézaõ com alguã mistura de jactancia, ou menos humildade, se póde Deos ouvir suas oraçoẽs, nem olhar para ellas.

Genes. 29.32.

Ibidem. 33.

245 Tudo isto se entende, ou devia entender, quando as oraçoẽs do Rosario pela vulgaridade da Lingua, & do uso merecessem nome de vulgares: mas este he o segũdo erro, que dizia, contra a verdade; porque verdadeiramente naõ ha oraçoẽs mais altas, mais levantadas, mais sublimes, assim nas palavras, como no sentido, que as do Rosario. Da Sagrada Escritura disse discretissimamente S. Gregorio Papa, que he hũ Rio muito plaino, & muito alto: tam plaino, que o póde vadear hum Cordeiro; tam alto, que naõ toma nelle pé hum Elefante: *Est fluvius planus, & altus, in quo & Agnus ambulet, & Elephas natet.* Tal he a altura chaã, & a profundidade altissima das oraçoẽs do Rosario: para os Cordeiros pequenos, & simples, faceis de entender; mas para os Elefantes grandes, & sabios, naõ sò difficultosas, mas impossiveis de vadear. O primeiro, que se engolfou neste pégo commentando a primeira

D. Gregor. præf. in Lib. Moral. cap. 4.

meira Oraçaõ do Rosario, o Padre-nosso, foi Tertulliano: o segundo, S. Cypriano, ambos em Livros particulares, & depois delles Santo Agustinho em quatro Tratados diversos. Tertulliano, Cypriano, & Agustinho, todos tres eraõ Elefantes Africanos; mas posto que passáraõ felizmente o Rio, todos nadáraõ, nenhum chegou a lhe achar fundo. He a Oraçaõ do Padre-nosso como seu Autor, que atè os mininos o conhecem, mas nem os Serafins o comprehendem. E contentáraõse por ventura os que vieraõ depois, com ler, & admirar o que estas tam insignes pennas tinhaõ escrito? De nenhum modo. Todos os Padres, todos os Theologos, todos os Expositores, trabalháraõ depois, & trabalhaõ ainda hoje por descobrir, & descobrindo o que elles naõ alcançáraõ. Dos Santos Padres, assim Gregos, como Latinos, S. Gregorio Nisseno, S. Cyrillo, S. Joaõ Chrysostomo, S. Pedro Chrysologo, Cassiano, Theofilacto, Euthimio: Dos Theologos depois de Santo Thomás, os Caietanos, os Albertos Magnos, os Canisios, os Soares, os Belarminos: Dos Expositores, os Carthusianos, os Hugos, os Abulenses, os Maldonados, os Toledos, os dous Cornelios: & finalmente todos. E verdadeiramente sendo esta primeira Oraçaõ do Rosario o Assumpto dos mayores homẽs, que tem tido a Igreja de Deos em Mil & seis centos annos; presunçaõ he mais que monstruosa haver molheres na nossa idade, quẽ como vulgar a deixem para o vulgo, & para se estremarẽ, & distinguirem delle, troquem o Rosario pelo Breviario.

Tertul. Cyprian. August. Greg. Nissen. Cyrill. Chrysost. Chrysol. Cassian. Theophilact. Euthim. D. Th. Caietan. Albert. Mag. Canis. Soares. Bellarm. Carthusian. Hugo. Abulẽs. Maldonat. Tolet. Cornel.

246 Mas para que conheçaõ o seu Breviario qual deve ser, de todos os Autores, que citey, ouçaõ o primeiro. Fallando Tertulliano do Padre-nosso, diz assim: *Quantum substringitur verbis, tantum diffunditur sensibus. Neque enim propria tantùm orationis officia complexa est, venerationem Dei, aut hominis petitionem: sed omnem penè sermonem Domini, omnẽ comemorationem disciplinæ, ut re vera in oratione Breviariũ*

totius Evangelij comprehendatur. Para quem réza pelo Breviario, parece, que naõ era necessario romãcear estas palavras; mas porque me naõ fio tanto da sua Grammatica, o que querem dizer em Portuguez, he isto: Que a Oraçaõ do Padre-nosso, aindaque breve, & estreita em palavras, he muito larga, & dilatada em sentidos: porque naõ sò abraça as duas partes da Oraçaõ, que consistem em venerar a Deos, & lhe representar nossas petiçoẽs; mas comprehende juntamẽte toda a doutrina, que a Sabedória de Deos veyo do Ceo ensinar ao mundo, & he hum Breviario de todo o Evangelho: *Totius Evangelij Breviarium.* Querem saber as Senhoras, & naõ Senhoras, qual he, & deve ser o Breviario das molheres? O Padre-nosso muito bem rezado: advertindo, q̃ o outro Breviario o rézaõ quãdo muito huã vez no anno, & este Breviario no Rosario quinze vezes cadadia. E se querem parecer doutas, ou Doutoras, o mesmo documento tem na Ave-Maria. Sendo minino Sãto Thomás, tinha nas maõs hum papel, em que estava escrita a Ave-Maria: & como lho quizessem tirar das maõs, o minino cõ instincto do Ceo o meteo na boca, & o mastigou, & o engulio. Mastiguẽ bem no Rosario a Ave-Maria, & seraõ tam Doutoras como Santo Thomás.

III.

247 TUdo o que atèqui tenho ditto, se entende sò de algum desvanecimento feminino, se por ventura o houvesse em quem por presunçaõ, authoridade, ou jactancia antepuzesse o Breviario ao Rosario. Mas porq̃ esta supposiçaõ offende muito a Piedade, & Christandade Portugueza, & mais naquellas illustres calidades, em que a devaçaõ he tam pura, sincéra, & exemplar; passando ao segundo, & verdadeiro caso, ponhamos na mais recta, & fiel balança de huã parte o Breviario, & da outra o Rosario, & vejamos, qual deve ser preferido.

248 Huã muito importante doutrina de Christo, Mestre

Mestre Divino, & Senhor nosso, he aquella breve sentença, *Qui legit, intelligat*: Quem lé, entenda. Muitos naõ entendem o que lem, & ler sem entender, he como se naõ léraõ. O titulo da Cruz de Christo foi escrito nas tres Linguas principaes do mundo, Hebraica, Grega, & Latina: *Erat scriptum Hebraicè, Græcè, & Latinè.* E porque razaõ em tãtas Linguas? Para q́ todos entendessem o que liaõ no titulo da Cruz. Se estivesse sò escrito em Hebraico, entendelohiaõ os Hebréos, mas naõ o entẽderiaõ os Gregos, nem os Latinos: se sò em Grego, entendelohiaõ os Gregos, mas naõ os Latinos, nẽ os Hebréos: se sò em Latim, entendelohiaõ os Latinos, mas naõ os Hebréos, nem os Gregos. Pois para que todos entendaõ o que lerem, esteja escrito na Lingua propria, & natural de cadahum. Isto supposto: pergũto agora às nossas Matronas Portuguezas, se quando lem o Breviario entendem o que lem, ou naõ? Póde ser que haja muitas, q̃ digaõ que sim o entendem. E naõ será maravilha, que onde os entendimentos se enganaõ com o espelho, se enganem tambem com o Breviario.

Matth. 24. 15.

Ioan. 19. 20.

249 Mas contra esta reposta está muito à flor da terra a instancia, que os da terra, & patria de Christo oppuzeraõ às suas letras. Quando Christo começou a prégar, & allegar, & interpretar Escrituras, diziaõ os de Nazareth, que o tinhaõ conhecido desde Minino: *Quomodo hic literas scit, cùm non didicerit?* Se este nosso patricio nunca estudou, nem aprendéo, como sabe letras? Cõ a mesma admiraçaõ podemos nós dizer das nossas devotas do Breviario: Se ellas naõ estudáraõ, nem aprendéraõ, & o mais q̃ chegáraõ a saber, he ler por letra redonda, dõde lhe veyo esta Latinidade, & estas letras? Christo, alèm de outros principios mais altos, sabía o que fallava, por sciencia infusa: mas estas infusoẽs de letras naõ as costuma Deos cõmunicar a molheres, a homẽs sim. Sára ao principio chamavase Saray, & Abraham chamavase Abram: & que fez Deos em ambos? A Sára

Ioan. 7. 15.

tiroulhe huã letra do nome, & a Abraham acrescentou-lhe outra: porque aos homẽs acrescenta Deos as letras, às molheres naõ lhas acrescenta, antes lhas tira. A razaõ desta differença he a mesma, porque o Espirito Santo infundio a sciencia das Linguas aos Discipulos de Christo, & naõ às Discipulas: & porque? Porque àquelles homẽs fez los Mestres do mundo, & às molheres prohibiolhe que o fossem: *Docére autem mulieri non permitto.* Mas dado, & concedido sem controversia, que ou por infusaõ do Ceo, ou por diligencia, & estudo proprio haja molheres, que tenhaõ tal pratica da Lingua Latina, que entendaõ o Breviario, estas ficaõ fòra da nossa questaõ: & louvando, & venerando a sua sciencia, sò fallamos com as que a naõ tem.

1. Timoth. 2. 12.

250 Supposto pois que as que lem (bem, ou mal) o Breviario, naõ entendem os Psalmos, nem os Hymnos, nẽ as Liçoẽs do Velho, & Novo Testamento, nem as Lendas, & Vidas dos Santos, nem as Exposiçoẽs dos Padres, nem as Antifonas, Versos, Oraçoẽs, & todas as outras partes, de que o Officio Ecclesiastico he composto: quem pòde negar, nem duvidar, q̃ seja melhor conselho, & exercicio mais grato a Deos, rezar no Rosario os Padre-nossos & Ave-Marias na Lingua vulgar, & Portugueza, que todos entendem, & naõ o Breviario na Latina, em q̃ naõ sabem o que dizem? Se alguem neste mũdo era mais interessado, & pudéra ser mais apaixonado pelo Officio Ecclesiastico, era David, por duas grandes razoẽs: a primeira, porque a principal materia do Officio Ecclesiastico saõ os Psalmos do mesmo David: a segunda, porque a fórma do mesmo Officio dividido nas Sete Horas Canonicas, tambem foi tomada delle, & à sua imitaçaõ (como confessa Baronio:) *Septies in die laudem dixi tibi.* Psalm. 118. 164.
Porisso tambem o Psalterio de David se divide, & reparte todo pelos sete dias da Somana. E comtudo o mesmo David no Psalmo Quarenta & seis (como observaõ Ruffino, Hugo Cardeal, Ludolpho, & outros) nos exhorta a que sal- Ruffin. Hugo. Ludolph.

salmeemos, naõ sete, senaõ sinco vezes: *Psallite Deo nostro, psallite: psallite Regi nostro, psallite. Quoniam Rex omnis terræ Deus: psallite sapienter.* Pois se David salmeava sete vezes no dia, & no Officio Ecclesiastico se repetem os mesmos Psalmos sete vezes, & em sete Horas distintas. Que razaõ teve o mesmo Profeta, para neste Psalmo variar o numero, & o trocar de sete em sinco.

Psalm. 46.7.8.

251 Jà dissemos muitas vezes, que o Psalterio antigamente era hum, & depois foraõ dous. O antigo, he o Psalterio de David; o moderno, he o Psalterio da Virgem Senhora nossa: que este foi o primeiro nome, que teve o seu Rosario. Saibamos agora, qual he a materia deste Psalmo Quarenta & seis, em que o Profeta fez huã tam grande mudança. A primeira, & principal materia do ditto Psalmo, he a Subida de Christo ao Ceo, que foi o cõplemento dos Mysterios do Rosario: *Ascendit Deus in jubilo, & Dominus in voce tubæ. Psallite Deo nostro, psallite: psallite Regi nostro, psallite:* a segunda, foi a Fé, & Christandade universal, & o Reyno do mesmo Christo em todo o mundo: *Quoniã Rex omnis terræ Deus: psallite sapienter.* Na Ley Antiga, ainda q̃ Deos era Deos, & Rey de toda a terra, por dominio; por Fé sò era Deos, & Rey da terra de Judéa, & de Jacob: *Tu es ipse Rex meus, & Deus meus: qui mandas salutes Iacob:* porèm na Ley da Graça, em que a Fé se prégou a todo o mundo, & a todas as Naçoẽs: *Euntes in mũdum universum, prædicate omni creaturæ:* & depois que Christo se assentou à dextra do Padre, como diz o mesmo Psalmo: *Deus sedet super sedem sanctam suam:* entaõ ficou Deos, & Rey de toda a terra: *Quoniam Rex omnis terræ Deus.* Neste differente tempo pois, & neste differente estado, exhorta particularmente David a que se salmee, & reze sinco vezes; que he o numero, em que se dividem as oraçoẽs do Rosario, segundo a repartiçaõ dos seus Mysterios: & porque razaõ? Elle mesmo o diz nas ultimas palavras: *Psallite sapienter:* salmeay sabendo, &

Ibid. 6. *Ubi supra.* *Psalm. 43.5.* *Marc. 16.15.* *Psalm. 46.9.*

entendendo o que dizeis: assim está mais claro no mesmo Original Hebréo, em q̃ fallou o Profeta: *Psallite in intelligentia*: salmeay, & rezay com intelligencia. Porque no Psalterio da Virgem, como se réza em vulgar, & na Lingua propria, he muito facil a intelligencia do que se diz, & no Psalterio de David, naõ; como elle mesmo advertio, & quiz que advertissemos.

251 O Psalmo Sincoenta & quatro tem por titulo, *In carminibus intellectus David:* Nos versos de David entendimento. O mesmo titulo se refere em muitos outros Psalmos, advertindonos David em todos, que a sua intelligencia naõ he facil, mas muito difficultosa. E se isto se verifica, & exprimenta nos que sabem a Lingua Hebréa, em que foraõ escritos, & a Grega, & Latina, em que estaõ traduzidos: Que conceito faráõ os que sò os pronunciaõ, & verdadeiramente naõ chegaõ a dizellos, por ignorancia da Lingua? Logo muita razaõ teve David, depois que conheceo como Profeta os Mysterios de Christo, & q̃ sobre elles se havia de fundar outro Psalterio differente do seu: muita razaõ teve, digo, naõ para estimar menos o Officio Ecclesiastico, em que o seu Psalterio se repete, & reparte nas Sete Horas Canonicas; mas para que este se trocasse pelo Psalterio da Virgem, cujos Psalmos, que saõ as oraçoẽs, de que consta, se repetem, & repartem de sinco em sinco, conforme a divisaõ dos Mysterios: sendo todo, ou o principal motivo de o preferir, a intelligẽcia delle: *Psallite in intelligentia*.

253 Eu naõ quero, nem posso negar, que as Sete Horas Canonicas, em que se reparte o Psalterio de David, sejaõ muito mais dilatadas, & que porisso dem mais tempo a Deos, que as sinco Decadas de oraçoẽs, em que se reparte o Psalterio, ou Rosario da Senhora: mas reduzindo este mesmo numero, naõ a Decadas, ou oraçoẽs inteiras, senaõ a palavras sòmente; digo, que bastaõ sò sinco palavras das oraçoẽs do Rosario rezadas com intelligencia do que

que significaõ, para serem preferidas a todo o Officio Ecclesiastico sem ella. Ouçamos neste mesmo caso, naõ a outro Autor, ou Autores, senaõ ao Apostolo S. Paulo, cujas definiçoẽs saõ de Fé. No tempo da Primitiva Igreja, em que era muy frequente o dom das Linguas, nem todos os que as fallavaõ, as entendiaõ. Assim o notáraõ, & ensinaõ, Santo Agustinho, Santo Thomás, Santo Ambrosio, S. Chrysostomo, & outros Padres, & o declara Caietano com o exemplo da Jumenta de Balam. E como algũs destes, que fallavaõ em Linguas estranhas sem as entender, se prezassem de orar nas mesmas Linguas; reprovando S. Paulo este abuso, & allegando comsigo mesmo, diz assim: *In Ecclesia volo quinque verba sensu meo loqui: quam decem millia verborum in lingua: id est, peregrina*: Antes quero dizer sò sinco palavras no sentido que Eu entendo, & me entendem, que dez mil no que naõ entendo. Notay a differença incomparavel, & a desproporçaõ sem medida, com que o Apostolo antepoem sinco palavras, na Lingua que se entende, a dez mil na que se naõ entende: *Quinque verba in sensu meo, quam decem millia in lingua: id est, peregrina*. No Breviario he verdade que rezais, ou pronunciais dez mil palavras; mas tambem he verdade, que as naõ entendeis: logo melhor he no Rosario naõ sò rezar sinco Decadas, ou sinco oraçoẽs inteiras, mas sinco palavras sòmente do Padre-nosso, & Ave-Maria; porque he na vossa Lingua, em que entendeis o q̃ dizeis a Deos.

August. D. Thomas. Ambros. Chrysost. Caietan.

1. Cor. 14. 19.

IIII.

254 PARA que se conheça pois quanto importa esta intelligencia da Lingua propria em quem reza, & quanto se perde, & impede por falta della, vejamos as razoẽs de utilidade, que na mesma intelligencia se encerraõ, as quaes Eu para maior brevidade, & comprehensaõ reduzo a tres: & saõ estas. Primeira, porque assim se reza com maior gosto: segunda, com maior fruto: terceira, com maior merecimẽ-

to, & agrado de Deos.

255 Quanto ao gosto, ainda sensivelmente, he sem duvida, porque o sabôr de quem falla, ou reza, he saber o que diz. Por isso o nome de sabedoria se derivou do sabôr, & huã, & outra cousa he *Sápere*. Tanto assim, que S. Basilio, S. Bernardo, Dionysio Carthusiano, & outros graves Autores, declarando as palavras de David: *Psallite sapienter:* dizem, que aquelle *Sapienter* val o mesmo que *Sápide*, saborosamente. E fundase esta interpretaçaõ no mesmo Original Hebréo, *Psallite in intelligentia*; porq sò quem ora com intelligencia do que diz, ora com sabôr. As palavras de S. Basilio saõ estas: *Si quis ad vim verbi cujusque animo etiam ita afficiatur, quemadmodum gustatu ad qualitatem cujusq. cibi, prorsus hic mandato illi satisfacit, Psallite sapienter.* Aquelle que rezando entende as palavras que pronuncía, & percebe o sabôr de cadahuã dellas, assim como o sentido do gosto o sabôr do que come; este tal he sòmẽte o que satisfaz ao preceito de David, *Psallite sapienter*; porque ora saborosamente. Atèqui o grande Basilio

Bernard. Dionysius.

Basilius in Regulis brevior. Respons. 276.

256 E que diz S. Bernardo como Doutor sempre melifluo? *Cibus in ore, Psalmus in corde sapit: mel in cera, devotio in litera est.* O comer sabe na boca, o Psalmo, & a oraçaõ naõ tem o sabôr na boca, em que se pronunciaõ as palavras, senaõ no entendimento, com que se diz a Deos o que ellas dizem. Por isso a David lhe eraõ mais doces que hum favo de mel: *Et dulciora super mel, & favum.* Considéra pois S. Bernardo, que no favo ha mel, & cera, & com a differença desta comparaçaõ distingue a oraçaõ sabórosa da que naõ tem sabôr. *Mel in cera, devotio in litera est*: assim como o mel está na cera, assim a devaçaõ está na letra: se entendeis a letra do que rezais, gostais o mel; se a naõ entendeis, mastigais a cera. Isto he o que succede às que rézaõ o Breviario, na Lingua que naõ entendem: mastigaõ a cera sem nenhum sabôr, quádo pudéraõ gostar o mel, rezando na sua Lingua.

Psalm. 18.11. Psalm. 118. 103.

Ou-

257 Ouçaõ ao mesmo Christo, o qual tambem fallava com molher, quando
Cant.4. II. disse: *Favus distillans labia tua, Sponsa: mel, & lac sub lingua tua.* A vossa boca, Esposa minha, he hũ favo, naõ seco, que entaõ seria sòmente cera, mas cheo, & redundante de suavissimo licor, q̃ debaixo da vossa lingua he mel, & leite. O leite no nosso caso he a parte de suavidade, que acrescenta às oraçoẽs do Rosario a meditaçaõ dos Mysterios de Christo, & da Beatissima Mãy, que o trouxe em suas entranhas, & alimentou a seus peitos: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera quæ suxisti.* Mas porque razaõ esta doçura naõ diz o Esposo, que estava na lingua, senaõ debaixo da lingua: *Sub lingua tua*? Porque o sabôr da oraçaõ naõ está no q̃ se pronuncía com a lingua, senaõ no sentido, & significaçaõ do que se pronuncía: naõ está no que soaõ as palavras, senaõ no que se entende debaixo dellas: *Sub lingua tua.* E se fizermos particular reflexaõ no *Tua*, acharemos huã nova energía, ou discreto equivoco, com que o Esposo quiz significar à Esposa, que a doçura, & suavidade do que se diz, naõ a pôde sentir, nem gostar huã molher orando na Lingua estranha, senaõ na sua: *Sub lingua tua.*

258 O mesmo se entende dos homẽs, que rézaõ o Breviario, se para elles for estranha a Lingua Latina. Ao Profeta Ezechiel, que era homem, & grande homem, appareceo a maõ de hum Anjo com hum livro, mandandolhe que o comesse: *Comede volumen istud:* comeu o elle, Ezech. 3.1.
& diz que o achou na boca tam doce como o mel: *Comedi: & factum est in ore meo sicut mel dulce.* Ibidem. 3.
Se o Texto paràra aqui, & naõ declaràra mais, bastava dizer que o Profeta achàra doce o livro, para se collegir, que estava escrito em Lingua, que elle entendia; porque se a naõ entendéra, naõ lhe havia de achar sabôr. Mas assim o declarou logo o Anjo, dizendo: *Non enim ad populum ignotæ linguæ tu mitteris.* Ibid. 5.
E como o livro naõ era de Lingua estranha, senaõ sabída, & a propria, & vulgar da sua Naçaõ,

por-

poriſſo o achou doce como o mel. Soubelhe ao que ſabía, porque entendia o que ſignificava. Tal he o Breviario para os que o entendem. E para as que o naõ entendẽ, como ſerá? Pareceme a mim, que ſerá como o Maná antes de goſtado. Quando a primeira vez chovéo o Maná, começáraõ a dizer os que naõ ſabiaõ o q̃ aquillo era, *Manhú? Quid eſt hoc?* Que he iſto?
Exod. 16. 15. Goſtado, era Maná, naõ goſtado, era Manhú. Para os que o entendem, & o goſtaõ, he o Breviario hũ Maná do Ceo, que tem todos os ſabôres: para os que o naõ entendem, nẽ podem goſtar, he hum perpetuo Manhú; porque a quãto lem, eſtaõ dizendo: *Quid eſt hoc?* Que he iſto? Porque naõ ſabem o que quer dizer. Rezem logo pelo Roſario, cujas Oraçoẽs entendem, & ſaõ muito ſabôroſas, que o demais he huã devaçaõ muito ſem ſabôr.

V.

259 E SE rezar ſem entender he orar ſẽ goſto, ainda he peior defeito o ſegundo, que he orar ſem fruto. Naõ ſou Eu o que o digo, ſenaõ o Apoſtolo S. Paulo, impugnando, & condenando (como a ſima diſſe) aos que em ſeu tempo oravaõ em Lingua, q̃ naõ entẽdiaõ: *Si orem lingua, ſpiritus meus* 1. Cor. 14. 14.
orat, mens autem mea ſine fructu eſt. Se Eu orar em Lingua, que naõ entendo, o meu Eſpirito he o que ora, & a minha Alma fica ſem fruto. Eſtas palavras naõ ſò tem dado occaſiaõ a varias interpretaçoẽs, mas parece, que entendidas aſſim como ſoaõ, contém huã implicaçaõ manifeſta. O Eſpirito, & a Alma he a meſma couſa: & ſe tem algũa differença, he que a palavra Eſpirito ſignifica a parte ſuperior da meſma Alma. Pois ſe quando S. Paulo oraſſe em Lingua eſtranha, cõfeſſa que ora o ſeu Eſpirito: *Si orem lingua, ſpiritus meus orat:* como diz, que orando deſte modo, a ſua Alma fica ſem fruto: *Mens autem mea ſine fructu eſt?* Bem apertada eſtava a inſtancia, & bem ſe ſeguia a implicaçaõ, ſe a palavra Eſpirito ſignificaſſe neſte lugar a parte ſuperior da

Alma,

Alma, como quando a Virgẽ Senhora nossa disse: *Magnificat anima mea Dominum, & exultavit spiritus meus in Deo salutari meo.* Porèm *Spiritus* neste Texto significa o ar da respiraçaõ, com que a lingua faz a voz, & fórma a palavra, & he o mesmo que *Halitus. Spiritus hic sermo intelligendus est:* diz Primasio: & Cornelio ainda mais propriamente: *Spiritus meus, id est, vox mea spiritu vitali, & vocali prolata.* Desorte, q̃ fallou aqui S. Paulo como altissimo Filosofo, & eloquẽtissimo Orador: como Filosofo, porque segundo a definiçaõ de Aristoteles, a voz naõ he mais que o ar da respiraçaõ movido com a lingua: *Vox est ictus aeris respiratione attracti:* & como eloquentissimo Orador; porque para atenuar o pouco que saõ, & valẽ as palavras, quando quem as pronuncia, naõ entende o sentido dellas; nem lhe quis chamar vozes, nem palavras, senaõ hum pouco de ar. E assim vem a ser a sentença do Apostolo esta: Se Eu oro (ou orasse) em Lingua, q̃ naõ entendo: *Si orem lingua;* quem ora no tal caso, naõ he a minha Alma, senaõ hum pouco de vento, porque he o ar da minha respiraçaõ: *Spiritus meus orat:* & como a minha Alma naõ he a q̃ ora, porisso fica sem fruto: *Mens autem mea sine fructu est.* O exemplo, com que confirma esta sua doutrina o Apostolo, he muito como seu: *Nunc autem, fratres, si venero ad vos linguis loquens: Quid vobis prodero?* Pergunto, meus Irmaõs (diz Paulo) se Eu usando do dõ de Linguas, q̃ tenho, vos prégar em Lingua, que naõ entendeis, aproveytarvosheis, ou farey algum fruto em vós? Claro está que naõ. Pois assim como Eu prégando em Lingua, que naõ entendeis, vos naõ posso aproveitar a vós; assim tambẽ se orar em Lingua, q̃ Eu naõ entendo, naõ me posso aproveitar a mim: *Mens autem mea sine fructu est.*

Luc. 1. 46.

Primasius. Cornelius.

Aristoteles.

1. Cor. 14. 6.

260 E qual he a razaõ, porque as palavras, com que oramos, se naõ entendemos o que significaõ, ainda que fossemos tam Santos como S. Paulo, naõ produzem fruto? A razaõ he; porque o fruto

da

da Oraçaõ consiste nos affectos da nossa Alma para com Deos,& para comnosco,& as palavras, cujo sentido naõ entendemos, naõ podem excitar, nem produzir estes affectos. O mesmo S. Paulo o declarou em outro lugar,como se fallasse sinaladamente com os que rézaõ o Breviario: *Loquentes vobis metipsis in Psalmis,& Hymnis,& Canticis spiritualibus, cantantes, & psallentes in cordibus vestris Domino.* Quando rezais Hymnos,& Psalmos,& Canticos (que he o que se faz no Breviario) ha de ser demaneira, que com as palavras vos falleis a vós mesmos, & com o coraçaõ louveis a Deos: cõ as palavras a vós mesmos: *Loquentes vobis metipsis:* & com o coraçaõ a Deos: *In cordibus vestris Domino.* Mas quando Eu naõ entendo o q̃ diz o Hymno, nem o Psalmo, nem o Cantico, como pôde esse Hymno, esse Psalmo, & esse Cantico excitar em mim os affectos, que significaõ as suas palavras, se para mim, que sòmente as pronuncio com a lingua,saõ hum mero som formado no ar sem significaçaõ alguã? Ore Eu em Lingua, q̃ entendo (& melhor, se for na propria) & logo o sentido das palavras se fará sentir nos affectos;& a mesma lingua,como se fosse de fogo, o pegará ao coraçaõ. Naõ affirmo, q̃ isto quizesse dizer David, mas querendo, ou naõ querendo, as suas palavras o dizẽ: *Concaluit cor meum intra me: & in meditatione mea exardescet ignis. Locutus sum in lingua mea.* O meu coraçaõ concebéo tal calor dẽtro em mim, que na minha oraçaõ se abrazou em fogo. E donde lhe vieraõ ao coraçaõ tam ardẽtes affectos? *Locutus sum in lingua mea:* porque falley na minha Lingua. Se isto quiz dizer David, basta que elle o diga; & se naõ foi esse o seu pensamento, seja a prova a vossa experiencia. Vós, que naõ entẽdeis o Breviario por ser em outra Lingua,rezay o Rosario na vossa, & vede, se ha palavra nas suas oraçoẽs, que da lingua ao coraçaõ naõ excite ardentissimos affectos?

Ephes. 5.19.

Psalm. 38.4.5.

261 Se digo, Padre nosso, esta palavra me excita a amar hum Deos, q̃ me criou, &

& de nada me deu o ser, que tenho, & a naõ degenerar de filho de tam soberano Pay. Se digo, Que estás no Ceo, esta palavra me lembra, q̃ o Ceo, & naõ a terra, he a minha patria, & que viva na passagem deste mundo, como quem ha de viver là eternamente. Se digo, Sãtificado seja o teu nome, esta palavra me ensina a veneraçaõ, com que devo tomar na boca o nome de Deos, & a verdade, com que, sendo necessario, hey de jurar por elle. Se digo, Venha a nós o teu Reyno, esta palavra verdadeiramente saudosa me amoesta do fim, para que fui criado, & que se agora sirvo neste cativeiro entre os homẽs, he para depois reynar entre os Anjos. Se digo, Seja feita a tua vontade, assim na terra, como no Ceo, esta palavra confórma a minha vontade com a divina, para q̃ querendo o que elle quer, tudo o que se faz, ou succede, seja tambem o que Eu quero. Se digo, O paõ nosso de cada dia nos dá hoje, nesta palavra me livro de todos os cuydados da vida, & com os seguros thesouros de naõ dezejar o superfluo, sou mais rico que todos os ambiciosos do mundo. Se digo, Perdoanos as nossas dividas, assim como nós perdoamos, com este pequeno cabedal de perdoar o pouco que me devem, pago as infinitas dividas de quanto devo a Deos, pelo que delle recebi, & o tenho offendido. Se digo, Naõ nos deixes cair em tentaçaõ, nesta palavra reconheço, para a cautella, a propria fraqueza, & me ponho naquellas poderosas maõs, de quem sò me pôde ter maõ, para que naõ caya. Se digo finalmente, Mas livranos de mal, nesta ultima palavra confesso, que muitos dos que tenho por bens, verdadeiramente saõ males, & que sò me pôde livrar delles, quem sò os antevé, & conhece.

262 As palavras da Ave-Maria naõ saõ menos excellentes os affectos a que nos excitaõ. Se digo, Ave Maria, nesta palavra saudo aquella Senhora, que o he de toda a saude, & sem cujo patrocinio ninguem alcançou a eterna. Se digo, Chea de Graça, nesta palavra me persuado, que a

Graça foi a sua maior felicidade, & que todas as felicidades sẽ Graça saõ a summa miseria. Se digo, O Senhor he comtigo, esta palavra me anima a estar sempre com Deos por amor, & obediencia, & jàmais por nenhum caso me apartar delle. Se digo, Benta es tu entre as molheres, esta palavra me traz à memoria a maldiçaõ de Eva, & a de quantos por causa de suas filhas tem sido malditos. Se digo, Bento he o fruto do teu Ventre, JESU, esta palavra me avisa, que assim como aquelle fruto bemditto foi o Salvador, assim o de todas as minhas obras deve ser a salvaçaõ. Se digo, Santa Maria Mãy de Deos, esta palavra fiado em sua benignidade me postra a seus soberanos pés para perpetuo escravo de tal Senhora, & filho de tal Mãy. Se digo, Roga por nós peccadores, esta palavra me préga, que o que sobre tudo devo procurar com maior ancia, & com maior contriçaõ, he o perdaõ dos peccados. E se finalmente digo, Agora, & na hora da nossa morte, esta palavra acaba de me desenganar, que despreze, & naõ faça caso de quanto acaba com a vida, & que a minha vida seja tal, como quizera ter vivido na morte, & que esta pôde ser nesta mesma hora. Estes saõ parte dos affectos, a que nos excitaõ as oraçoẽs, & palavras do Rosario, por serem rezadas, & entẽdidas na nossa Lingua vulgar: para q̃ vejaõ as devotas do Breviario, se saõ tantos, & tam proveitosos, os que delle tiraõ em Latim, como estes em Portuguez.

263 Oh queira Deos, q̃ isto que parece devaçaõ, naõ seja castigo! Quiz Deos castigar severamente os filhos de Israel, & o castigo, que fulminou contra elles, foi, que lendo as Escrituras, naõ as entẽdessem. Denunciou ao Povo esta sentença de Deos o Profeta Isaias, & para lha dar bẽ a entender, foi com este exemplo. Se mostrarem hum livro fechado a hum homẽ, que sabe ler, & lhe perguntarem o que diz aquelle livro, responderá, que naõ sabe, porq̃ está fechado. E se mostrarem o mesmo livro aberto a outro homem, que naõ

saiba ler, perguntado do mesmo modo, que diz o livro, respõderá, que naõ sabe, porque naõ aprêdéo letras. Pois desta mesma sorte (diz o Profeta) te castigará Deos, ò Povo cego, porque ou lendo, ou naõ lendo as Escrituras, naõ entenderás o que dizem:
Isai. 19. 11. 12. *Et erit vobis visio omnium sicut verba libri signati: quem cum dederint scienti literas, dicent: Lege istum: & respondebit: Non possum, signatus est enim. Et dabitur liber nescienti literas, diceturque ei: Lege: & respondebit: Nescio literas.* Em summa, que o castigo, que Deos mãdou àquelle Povo, foi, que ou abrissem, ou naõ abrissem o livro das Escrituras, ou o lessem, ou o naõ lessem, naõ o entenderiaõ. E tal he o Breviario para quem o naõ entende. Se naõ entendeis o que diz, ou o leais, ou naõ leais, ou rezeis, ou naõ rezeis, tanto importa o vosso Breviario fechado, como aberto. Deixay agora o Rosario por esse livro.

VI.

264 E PARA que vejais o pouco que Deos se agrada de semelhantes leituras, lidas, mas naõ entendidas (que era o terceiro defeito;) considerey, que assim como Deos se agrada muito da oraçaõ que he oraçaõ, assim se naõ pôde agradar da que o naõ he. Naõ sou Eu o que lhe nego este attributo, senaõ o mesmo Mestre Divino da Oraçaõ, Christo Senhor nosso, em huãs notaveis palavras: *Quæcumque orantes petitis, credite quia accipietis:* Marc. 11. 24. tudo o que pedirdes a Deos orando, crede que o recebereis. Orar, he pedir a Deos: pois como distingue Christo o pedir orando do pedir naõ orando? Porque o pedir orãdo, ou naõ orando, saõ duas cousas tam distinctas, como pedir entendendo, ou naõ entendendo o que peço. Por isso S. Joaõ Damasceno, a quem seguem todos os Theologos, definio a Oraçaõ, *Ascensio mentis in Deum:* o orar he levantar a Mente a Deos: & diz a Mente; porque esta he na D. Damascenus lib. 3 de Fide cap. 24.

Alma a parte intellectual, & com que entendemos. Se entendo o que peço, o meu pedir he orar; & se naõ entendo o que peço, nem o meu pedir he orar, nem o meu orar he pedir. Como pôde logo Deos agradarse de hũas vozes vaãs, & sem alma, que sò tem nome de oraçoẽs, & naõ saõ oraçaõ.

265. Direis, que ainda que não entendais o que dizeis, Deos, com quem fallais, o entende: que menos entendem as suas vozes as aves, & comtudo louvaõ a Deos com seu canto: que atè o som dos instrumentos mortos, & sem sentido, lhe he tam aceito, & agradavel, como bem significou David cõ aquelle seu Laudate tam inculcado, & repetido: *Laudate eum in sono tubæ: laudate eum in psalterio, & cithara. Laudate eum in tympano, & choro: laudate eum in chordis, & organo. Laudate eum in cymbalis bene sonantibus, laudate eum in cymbalis jubilationis.* Psalm. 150. 3. 4. 5. Logo injustamente se desaprovão as vozes humanas, & racionaes, por não serem entendidas de quem as pronuncía, se atè as sensitivas, & insensiveis louvão, & glorificaõ a Deos. Respondo em géral, que tam fòra estaõ todas estas replicas, ou contraditas, de provar o contrario do que vou dizendo, que antes saõ novas razoẽs, que mais o confirmaõ. E assim as irey desfazendo por huã parte, & por outra estabelecendo esta mesma proposiçaõ, em que estamos.

266 Primeiramente, dizer que Deos entẽde o que vós rezais, quando vós o naõ entendeis, he falso. Ouvi ao mesmo David, que acabastes de allegar: *Verba mea auribus percipe, Domine: intellige clamorem meum:* Psalm. 5. 2. percebey, Senhor (diz David) as minhas palavras, & entendey os meus clamores. Por certo, que se outrem fizera esta petiçaõ, naõ sò pareceria escuzada, mas muito indiscreta. Deos tudo percebe, tudo entende, & naõ pôde deixar de o entẽder, ainda que nós queiramos, & lho roguemos. Pois como pede David a Deos neste Psalmo, que entenda as suas palavras? Porque assim este Psalmo, como os demais, naõ o fez David sò para sy, senaõ

senaõ géralmente para todos os que o haviaõ de rezar: & entre elles havia de haver alguns, cujas palavras Deos naõ havia de entender, posto que fossem as mesmas. E quem saõ estes, cujas palavras Deos naõ havia de entẽder? Saõ aquelles, que as dizem sem elles entender o que significaõ. A razaõ he manifesta, & fundada na mesma excellencia do Entendimento Divino. Porque Deos naõ entende, nem pôde entender as cousas, senaõ como ellas saõ. E como as palavras saõ significativas dos conceitos, & Eu, quando pronuncío as palavras, que naõ entendo, naõ faço conceito do que ellas significaõ: como pôde Deos entender o que lhe digo, se Eu lho naõ digo? Dizey, & braday a Deos quanto quizerdes, que elle nem ha de entender as vossas palavras, nem os vossos clamores, porque quanto vós dizeis, & bradais, tambem vós o naõ entendeis. Entẽdey primeiro o que lhe quereis dizer, & entaõ entenderá elle o que vós lhe disserdes. Notay finalmente o que notou agudamẽte Asterio neste mesmo verso de David, advertindo que naõ disse, *Sermonem meum*, senaõ, *Verba mea*; porque palavras desatadas naõ fazem oraçaõ, nem tem sentido. E taes saõ todas as do Breviario, para quem as naõ entende, que neste caso naõ he sò o que réza, senaõ tambem Deos. *Asterius, ibi.*

267 E porque esta filosofia por muito delgada naõ pareça menos solida, ouvi a S. Paulo escrevendo aos Filipenses: *In omni oratione, & obsecratione cum gratiarum actione petitiones vestræ innotescant apud Deum.* Quando orais, seja de tal modo, que em toda a vossa oraçaõ, & em todos os actos della, cheguem as vossas petiçoẽs à noticia de Deos. Aa noticia de Deos? *Innotescant apud Deum?* E pôde haver oraçoẽs, que naõ cheguem à noticia de Deos, que tudo conhece, tudo entende, tudo sabe, & nada se lhe esconde? Sim: diz o maior Letrado de todos os Apostolos, ou assim o suppoem. E posto que os Interpretes declarando estas mesmas palavras, apontaõ varios modos, *Philip. 4.6.*

em que nas oraçoẽs humanas se verifica o naõ chegarem à noticia de Deos; nenhum he mais proprio, & rigoroso que o do nosso caso, quando quẽ faz oraçaõ a Deos, naõ entende o q̃ lhe diz. Logo mal fundada he a vossa replica, em dizer, que se vós naõ entendeis o que rézais, basta q̃ Deos o entenda. Accommodayvos pois a trocar o Breviario pelo Rosario, & em lugar dos tres Nocturnos, q̃ saõ muito escuros, rezay os tres Terços, que saõ muito claros, & em lugar das Sete Horas Canonicas, as Sete Petiçoẽs do Padre-nosso.

268 A outra replica era, que se as vozes das aves, que ellas naõ entendem, louvaõ a Deos, quanto mais as racionaes, & humanas? Tambẽ esta supposiçaõ he falsa; porq̃ as vozes, que o homem pronuncía, & naõ entende, rigorosamente naõ saõ humanas, posto que o pareçaõ. Porisso Caietano comparou às do Animal de Balam as dos Corinthios, que S. Paulo reprehendéo, porque oravaõ em Lingua, que naõ entendiaõ. As vozes, que a Natureza deu aos animaes, todas tem suas significaçoẽs; porque de hum modo declaraõ a fome, doutro modo a ira, doutro modo a dor, & assim das outras paixoẽs, apetites, ou instintos, ainda que irracionaes, & brutos. E se estas significaçoẽs do seu mugir, ballar, rinchar, uyvar, & bramir, se achaõ nos animaes sem razaõ; naõ he grande afronta dos que tem uso della, fallarem sem entender o que dizem? O exemplo do canto das aves, posto q̃ tenha mais harmonía, naõ he menos ignominioso. Porque me hey de contẽtar de louvar a Deos como hum Rouxinol, se o posso louvar como hum Anjo? Porque me hey de contẽtar de lhe dar a alvorada como hum Canario, ou Pintacilgo, se o posso fazer como hum Serafim? Ainda posso voar mais alto rezãdo o Rosario. Se digo, Ave Maria, fallo como S. Gabriel: se digo, Padre nosso, fallo como Christo. E porque a censura desta replica naõ seja sò minha, ouvi a de S. Boaventura: *Qui sola voce precatur si ne mẽtis applicatione, nesciens quid* D. Bonaventura.

quid dicat, quis non videt, hunc Psittaco similem esse? Aquelle q̃ ora, ou cuyda que ora, sem entender, nem saber o que diz, quem naõ vé, que he semelhante ao Papagayo? Sò quem tiver o juizo tam verde como elles, naõ verá a verdade desta semelhança, & muito mais a deformidade della.

269 Sò resta a replica dos instrumentos, a qual, para melhor vos cõfutar, vos concedo. Nem vós entendeis o que dizeis, nem elles o que soaõ: & he muito honrada consolaçaõ, que tomeis o Breviario nas maõs para louvar a Deos como as harpas, como os orgaõs, & como os sinos. Mas destes mesmos instrumentos insensiveis fórma hum valentissimo argumento o tantas vezes allegado S.
1. Cor. 14. 7. Paulo: *Quæ sine anima sunt vocem dantia, sive tibia, sive cithara: nisi distinctionem sonituum dederint, quomodo scietur id, quod canitur, aut quod citharizatur?* Os instrumentos, que naõ tem alma, & tẽ voz, se naõ distinguirem os sons, como se ha de entender o que significaõ? Desorte, q̃ atè nos instrumentos inanimados saõ necessarias tres cousas: o som, a significaçaõ do que soaõ, & a intelligencia do que significaõ; porque se faltar esta significaçaõ, & esta intelligencia, os instrumentos por sy sós de nada servem. Poem o exemplo o mesmo Apostolo na trombeta: *Etenim si incertam vocem det tuba: quis se parabit ad bellum?* Ibidem, 8. A trombeta toca a marchar, a fazer alto, a accometer, a retirar, & a todos os outros movimentos militares: mas estas distinçoẽs, & intelligencias, naõ as faz a trombeta, senaõ o Trombeta. O homem que a governa, he o que a anima; porque a voz do instrumento he voz sem alma: *Sine anima sunt vocem dantia.* E como a alma da voz he a significaçaõ, & a intelligencia, ainda nos instrumentos, com que se allegava: bem se prova dellas, & com elles, quam pouco val o som das vozes em quem ora, se lhe faltar a intelligencia do que significaõ.

270 Nem o Texto, ou Textos de David citados, persuadem o contrario, antes declaraõ, & confirmaõ mais

esta mesma verdade. Nenhũ daquelles Textos (cousa muito digna de se notar) diz, que os instrumentos louvem a Deos, senaõ, que os homẽs louvem a Deos com elles.
Psalm. 150.3. *Laudate eum in sono tubæ: laudate eum in psalterio, & cithara:* Naõ diz, que louvem a Deos as trombetas, os psalterios, & as citharas, senaõ, q̃ os homẽs o louvem com as citharas, com os psalterios, & com as trombetas.
Ibid. 4. *Laudate eum in tympano, & choro: laudate eum in chordis, & organo:* Naõ diz, que louvem a Deos os atabales, as cordas, & os orgaõs; senaõ, que os homẽs o louvem com os orgaõs, cõ as cordas, & com os atabales.
Ibid 5. *Laudate eum in cymbalis bene sonantibus: laudate eum in cymbalis jubilationis:* Naõ diz, que louvem a Deos os sinos bemsoantes, nem os repiques alegres; senaõ, que os homẽs o louvem com o som dos sinos, & dos repiques. E porque naõ diz David, que louvem os instrumentos a Deos, senaõ, que louvem a Deos os homẽs cõ os instrumentos? Porque nos instrumentos estaõ as vozes, nos homẽs está a intelligencia: & os louvores de Deos naõ se compoem sò das vozes sem intelligẽcia, que estaõ nos instrumentos; senaõ, da intelligencia junta com as vozes, que está nos homẽs.

VII.

271 DE tudo o que atèqui temos disputado, & discorrido, parece, que jà fica resoluta, & fòra de controversia a nossa questaõ dentro dos termos, em que a propuzemos: naõ entre o Breviario, & o Rosario absolutamente, & para todos; mas em respeito daquellas pessoas sòmente, a quem falta a noticia, & pratica da Lingua Latina, bastante a entender o Officio Ecclesiastico. E para que o devoto femineo sexo conheça quam recta, & desinteressada he a tençaõ, cõ que tenho avogado pela justiça desta causa: & naõ pareça, que dissimulo, & passo em silencio o argumẽto, & exemplo, que mais favorece a sua parte; quero acabar, pondo em campo por ella, vestidas de differẽtes habitos, & insignias,

nias, todas as Religiosas de todas as Naçoẽs Catholicas, as quaes tambem geralmente naõ sabẽ mais que a sua Lingua, & comtudo usaõ do Breviario Romano, & rézaõ o Officio Ecclesiastico na Lingua Latina. Logo se por preceito da Igreja universal, & pelos Estatutos particulares das suas Religioẽs saõ obrigadas às mesmas Horas Canonicas na mesma Lingua Latina, que naõ entendem (& naõ se pôde dizer que este uso naõ seja muito santo, ou cõtenha algũa imperfeiçaõ:) seguese, que o mesmo podem fazer, & tam louvavelmente, como ellas, todas as que naõ saõ Regulares. A consequẽcia parece forçosa; mas respondo, que nem se segue, nem seria tam louvavel.

272 As muitas razoẽs, que a Igreja Catholica tem, & teve desde seu principio, para no Officio Ecclesiastico, como tambem nas Escrituras Divinas, na Missa, & nas Fórmas dos Sacramẽtos naõ usar das Linguas vulgares, senaõ da Latina, se reduzem principalmente a duas. A primeira, pela magestade das cousas Sagradas, & Culto Divino, que nos ouvidos, & entendimentos dos rudes podia perder parte da reverencia, & estimaçaõ, & ficar exposto a muitas interpretaçoẽs, naõ sò indignas, mas erradas. A segũda, porque sendo a Igreja Catholica huã sò, tambem convinha, que a Lingua, de q̃ usasse em todas as partes do mundo, fosse assim mesmo huã, & essa a mais commum, & universal, qual he a Latina. E posto que no Officio Ecclesiastico tenhaõ obrigaçaõ de a saber os homẽs, a quem he mais facil, & naõ as molheres; comtudo, para que em todos os Coros publicos se guardasse a mesma uniformidade, foi mais conveniente, que tambẽ ellas rezassem na mesma Lingua. De nenhũ modo porèm se segue, que seria igualmente louvavel este uso nas que naõ saõ Regulares. Porque esta he a differença, que ha entre as cousas, que se fazem por obrigaçaõ, & preceito, em que o Legislador attende ao bem cõmum, ou por eleiçaõ propria, & livre, em que cadahum deve attender ao bem, & con-

Bel-larm. lib. 2. de verbo Dei cap. ult. Soar. de Relig. tom. 2. lib. 2. cap. 5.

veniencia particular. E desta mesma differença se conclue, que nunca as que naõ saõ Regulares rezãdo o mesmo Officio igualariaõ o merecimẽto das Regulares; porque nestas supre a obrigaçaõ, & obediencia, o que naquellas perde a propria vontade, & eleiçaõ, quando he melhor o que deixaõ, que o que escolhem.

273 He doutrina de S. Paulo, que sempre se deve escolher o melhor: *Æmulamini charismata meliora.* E naõ era necessario para isso a sua authoridade, porque assim o ensina a prudencia, & ditame natural da razaõ. Quando a escolha he entre o mal, & o bem, hase de escolher o bem, & deixarse o mal: mas quando he entre o bom, & o melhor (como a nossa) hase de escolher o melhor, & deixarse o bom. Esta verdade ditada pela Natureza, & canonizada pela Fé, he a que Eu pertendi persuadir em todo este Discurso. Rezar o Breviario, ainda que se naõ entẽda, sempre he bom, porque he acto de Religiaõ, & Culto Divino, & modo géral de honrar, venerar, & louvar a Deos. Rezar porèm o mesmo Breviario entendendoo, he melhor, & muito melhor; porq̃ alèm deste Culto géral, logra as ventagẽs do sabôr, do fruto, & dos affectos particulares, que estaõ encerrados na intelligencia das palavras, a que Santo Thomás, & todos os Theologos, assim Escolasticos, como Asceticos, chamaõ Pasto Espiritual da Alma, do qual em proprios termos dizia David: *Sicut adipe, & pinguedine repleatur anima mea: & labijs exultationis laudabit os meum.* E como entre o bom, & melhor do Breviario rezado cõ intelligencia, ou sem ella, ha tam grande differença: que fará huã molher, que o naõ entende, para conseguir o melhor? Aqui se vem os grandes privilegios da Religiaõ. Se he Religiosa, naõ pôde deixar o Breviario, nem o deve trocar: mas se naõ he Religiosa, deveo deixar, & trocallo pelo Rosario. E porque? Porq̃ na Religiosa o que por sy he sòmente bom, por virtude da obediencia sobe a ser o melhor: & na que naõ he Religiosa,

1.Cor. 12.31.

Psalm. 62.6.

giosa, que obra por propria eleiçaõ, & naõ por obediencia, o que he sòmente bom, naõ pôde passar a ser melhor, senaõ trocandose. E a troca deve ser do Breviario em Rosario, porque he trocar o que naõ entende pelo que entende, como tam largamente deixamos provado.

274 Por fim, pôde haver algũa devota tam devota, que reze, ou queira rezar huã, & outra cousa, o Breviario, & mais o Rosario. Mas tambem naõ aprovo esta cõcordata, porque seria abarcar muito, & apertar pouco. He o improperio, que o Profeta Aggéo lançava em rosto aos que de grande seára colhem pouco graõ: *Seminastis multum, & intulistis parum.* Hum sò Mysterio de Christo, & huã sò clausula do Padrenosso basta para meditar toda a vida, quanto mais o Rosario inteiro. Em nossos dias houve dous Varoẽs Santos, hum Secular, outro Religioso, nesta America: hum, que gastou tres annos em dizer a cada respiraçaõ, *Fiat voluntas tua*: & outro, que Eu conheci, & tratey, o qual desde

Aggæi 1.6.

Gregorio Lopes, Secular em Mexico.

Joaõ Adriano, Religioso

a Meya noite atè o sair do Sol, tinha seis horas de Oraçaõ de juelhos, meditando em huã sò Chaga de Christo crucificado.

da Cõpanhia na Bahia.

275 E se o meu pouco espirito naõ tem bastado para mostrar bem este melhor, & persuadir esta troca; espero por fim, que baste a authoridade da mesma Senhora do Rosario, & que naõ haverá devaçaõ algũa tam pertináz, ou juizo tam teimoso, que se atreva a resistir á força de suas divinas palavras. O segundo Prégador depois do Patriarcha S. Domingos, escolhido pela mesma Virgem Santissima para Restaurador da devaçaõ do seu Rosario, que, como todas as cousas boas, com o tempo se hia esfriando, & diminuindo; foi o Beato Alano, tam filho do mesmo Santo Patriarcha no espirito, como imitador do zelo. Appareceólhe pois a Soberana Rainha dos Anjos, & encarregãdolhe, que para remedio, & reformaçaõ do mundo tornasse de novo a prégar, & promulgar o Rosario, as razoẽs, que acrescẽtou por sua boca Sacratissima,

sima,

ſima, para que elle em ſeu nome as inculcaſſe a todos, foraõ eſtas: *Siquidem hoc genus orandi promptum, ac facile, eſt mihi gratiſſimum, ad impetrandam Divinam miſericordiam accommodatiſſimum, populis ſalutare, & contra quævis adverſa præſens auxilium.* Porque eſte genero de orar prompto, & facil, he para mim (diz a Senhora) o mais agradavel de todos, para alcançar a miſericordia Divina o mais accommodado, & para os Povos o mais util, & ſaudavel, porque nelle tem o mais efficaz remedio, & ſoccorro contra todas as adverſidades. Todas eſtas prerogativas da devaçaõ do Roſario, & pronunciadas por tam Divino Oraculo, a fazem digna de ſumma eſtimaçaõ. Mas a que no noſſo caſo ſe deve põderar, & venerar ſobre todas, he dizer a meſma Senhora do Roſario, que eſte modo de orar, por ſer prompto, & facil, lhe he, naõ ſò agradavel, mas em grâo ſuperlativo gratiſſimo: *Siquidem hoc genus orandi promptum, & facile, eſt mihi gratiſſimum.* Que quer dizer, *Promptum, & facile*, ſenaõ, ordinario, vulgar, & de grande facilidade, ſem machina de rubricas para o ordenar, & acertar, nem outra Lingua mais q́ a propria para o entender? Iſto he o que nota, & préza a Senhora das Senhoras no ſeu Roſario, para que ſe emẽdem do ſeu juizo, & da ſua eleiçaõ, as que por ordinario, & vulgar, trocaõ eſte genero de orar por outro. Naõ ſejaõ como Naaman Syro, que ſobrelevado da ſua calidade, & grandeza, deſprezou o remedio do Jordaõ, por facil, & vulgar a todos. E ſe querem agradar à Rainha do Ceo, como affectaõ às da terra, conformemſe com o modo de orar, que lhe he gratiſſimo: repetindo muitas vezes em vulgar, *Ave Maria chea de Graça*, como a Oradora do Evangelho lhe diſſe tambem em vulgar: *Beatus venter, qui te portavit.* 4.Reg.5. 11. & ſeqq.

FINIS.

SER-

SERMAM XXIII.

COM O SANTISSIMO SACRAMENTO EXPOSTO.

Booz autem genuit Obed ex Ruth. Matth. 1.

I.

276 A VIRGEM Maria, Senhora nossa, no seu Divino Cantico da Magnificat affirma de presente, & profetiza de futuro, que aos pobres enche Deos de bens, & aos ricos deixa vasios: *Esurientes implevit bonis: & divites dimisit inanes.* Luc. 1. 53. Na roda do hortellaõ, & nos vasos de barro, que com ella vaõ dando a mesma volta, naõ vedes, como os vasios descem, & os cheos sobem, & logo os vasios se enchem, & os cheos ficaõ vasios? Pois isto mesmo he o que faz (diz a Senhora) naõ a Roda, que vós chamais da Fortuna, mas a constante Disposiçaõ da Providencia Divina: *Esurientes implevit: Divites dimisit inanes.* Ibidem.

277 Em muitos exemplos dos seus Ascẽdentes nos pudéra provar a Virgem Maria a variedade, ou providencia desta mesma Roda; mas em nenhum melhor que na historia de Ruth, que tomey por Thema: *Booz autem* Matth. 1. 5.

ge-

genuit Obed ex Ruth. Era Ruth nora de Noemi (naõ cuydeis que o digo por equivoco) & aſſim como Noemi
Ruth.1.21. diſſe de ſy: *Egreſſa ſum plena, & vacuam reduxit me Dominus*: que he o *Divites dimiſit inanes*: aſſim Ruth com os termos, & á Fortuna trocada, eſtando pobre, & faminta, & verdadeiramente *Vacua*, Deos a enchéo de tantos bẽs, & de tanta abundancia, & fartura, que com maior verdade ſe pôde chamar *Plena*: *Eſurientes implevit bonis.*

278 Os bens, de que falla neſte lugar a Soberana Rainha, como Mãy de miſericordia, ſaõ os bens temporaes, & da terra, neceſſarios ao ſuſtento da vida humana. E deſtes, como remedio da pobreza, & fartura dos que padecem fomẽ, determino Eu tratar hoje: para que ſe naõ queixe, ou cuyde o corpo, q̃ ſò ſobre os eſpirituaes, & da Alma, tem virtude, & poder o Roſario.

279 Quando a Providẽcia, & Benignidade Divina lãça a bẽçaõ ſobre a terra, & he fertil, & abũdãte a novidade, chama David à fertilidade dos cãpos Coroa do anno: *Benedices Coronæ anni benignitatis tuæ: & campi tui replebũtur ubertate.* Psalm. 64.12. He a meſma figura, com que os Poetas elegantemente pintaõ a Primavera coroada de flores, & o Veraõ coroado de eſpigas. Aſſim pintou eſtas duas partes do anno o mais engenhoſo de todos os Poetas na diſcriçaõ do Palacio do Sol. O Veraõ coroado de eſpigas:

Stabat nuda Æſtas, & ſpicea ſerta gerebat: Ovidius Metam. lib. 2.

a Primavera coroada de flores:

Verque novum ſtabat cinctum florente corona.

E eſtas duas coroas, com que o anno ſe coroa em differentes mezes, temos hoje juntas em o meſmo dia. No Evangelho com Ruth coroada de eſpigas: na Feſta com o Roſario coroado de flores.

280 E naõ he iſto meſmo a Solennidade da Senhora do Roſario com o Santiſſimo Sacramento expoſto? Sim he. No dia, em q̃ Chriſto naſcéo em Belem (q̃ quer dizer Caſa de paõ) apparecéo no Ceo hum Sol coroado de Eſpigas: & no dia, em que a Virgem

Virgem Santissima o concebéo em Nazareth (que quer dizer Florida) appareceó a Aurora do mesmo Sol coroada de Rosas. Tudo isto se vio entaõ dentro naquelle mesmo anno, em que a benignidade do Ceo mais que nunca chovéo bençoẽs sobre a terra: *Benedices coronæ anni benignitatis tuæ:* & tudo (porque tudo tambẽ era profecia) se vé junto hoje nos dous Mysterios Santissimos, em que se encerraõ tantos Mysterios, o Rosario, & o Sacramento.

281 E se agora me perguntais, ou esperais ver o fim desta tam natural combinaçaõ daquelle anno com este dia; digo, que naõ he para o fim géral da correspondencia de ambos os Mysterios, que por tantos modos temos declarado, & ainda declararemos mais. Mas, como disse ao principio, para remedio da necessidade dos pobres, & para fartura dos que padecem fome. Ruth antes de ser molher de Boóz recolhendo as espigas, que cahiaõ das maõs aos seus segadores, foi a pobre, & a faminta: & a mesma Ruth depois de tam altas, & tam opulentas vodas, por beneficio das mesmas espigas, naõ sò se córoou a sy, mas deu coroas a seus descendentes: *Booz autem genuit Obed ex Ruth. Obed autem genuit Iesse. Iesse autem genuit David Regem.* Matth. 1. 5.

282 Comparando pois as Rosas do Rosario com as Espigas de Ruth: o que havemos de ver, he: que assim como Ruth em figura remedìou a sua pobreza pela devaçaõ do Sacramento; assim todos os que forem pobres, remediaráõ em realidade as suas pela devaçaõ do Rosario. E sendo certo, como nos ensinou a Mãy de Deos, que a misericordia do mesmo Deos, *Esurientes implevit bonis:* & a sua justiça, *Divites dimisit inanes:* naõ sò pertence esta virtude do Rosario aos pobres, senaõ tambem aos ricos. Aos pobres, porque saõ pobres; & aos ricos, porque o podem ser. Naõ peço attençaõ para este Discurso; porque sendo dos bens temporaes, he materia a que todos sempre estaõ muy attentos. *Ave Maria, &c.*

NO

II.

283 NO Palacio d'El-Rey Dario, emquãto elle dormia, tres Guardas móres da Pessoa Real, q̃ lhe vigiavaõ o sono, filosofando, ao que parece, sobre o sossego, com que descançava aquelle grande Monarcha, sem o desvellar o governo de Cento & dezoito Reynos, de que era Senhor, excitáraõ entre sy aquella famosa questaõ, que refere Esdras: Qual fosse a mais poderosa cousa do mũdo? Despertou o Rey, & lendo a questaõ, q̃ os mesmos Autores della lhe tinhaõ posto escrita debaixo dos travesseiros, promettéo grandes premios a quem melhor a resolvesse. Hum disse, que a mais poderosa cousa do mũdo he o Rey; porque os Reys podem quanto querem, & ainda que queiraõ o que naõ podem, ninguem ha que lhe resista, tudo executaõ, & cõseguem. Outro disse, q̃ mais poderoso he o Vinho; porq̃ à força saborosa deste licor se rendem muitas cabeças coroadas: & o pudéra provar com a de Noé, da qual fiou Deos o governo, & restauraçaõ do mundo, & naõ areando na maior tempestade, que foi a do Diluvio, o Vinho o derrubou. O terceiro finalmente, que era Zorobabel, disse, que mais poderosa he a Molher, & o provou com hum notavel exẽplo de certa molher chamada Apemen, bastando o primeiro de todos, que foi o de Eva. Mas naõ contente com esta resoluçaõ, em que manifestamẽte vencéo as dos companheiros, acrescentou, & concluio, que a mais poderosa cousa do mundo he a Verdade: *Veritas magna, & fortior præ omnibus.* 3. Esdræ 4. 35.

284 Esta ultima sentença approvou o Rey: esta foi applaudida de todos com publicas acclamaçoẽs: *Et omnes populi clamaverunt, & dixerunt: Magna est Veritas, & prævalet:* & esta segui Eu, & tive por certa muitos annos; porque com este grande conceito da verdade na cabeça me nascéraõ, & cresceéraõ nella as cans em todas as partes da Europa. Porém depois q̃ passãdo a este Mũdo Novo vejo Ibid. 41.

vejo de mais longe o Velho; tenho achado por experiẽcia, q̃ muitas vezes mais poderosa he a mentira que a verdade. Naõ se pôde isto dizer sem escandalo da razaõ, & horror da mesma natureza; mas naõ se pôde negar. E porque? Porque a mentira he crida, & acreditada, & a verdade naõ tem fé, nem credito: a mentira escusa os culpados, & a verdade naõ pôde defender os innocentes: a mentira he absolta sobre sua palavra, & a verdade condenada sem ser ouvida: a mentira profana sacrilegamente a Religiaõ, & o Sacerdocio, & à verdade naõ lhe val Sagrado: em fim, a mentira, que devéra ser pizada, traz debaixo dos pés a verdade; & a verdade, de quẽ se diz que nâda sobre tudo, se vé tam sossobrada, & afogada da violencia, que nem respirar pôde. E posto que os Juizes sejaõ rectos, ou o queiraõ parecer, he tal o enredo dos testimunhos falsos, induzidos, & sobornados, ou com o dinheiro, ou com o odio, ou com o temor, ou com a dependencia, ou com a lizonja, ou com tudo; que a mentira he a que vence, & a falsidade a que triunfa. Assim que muitas vezes a mentira hoje no mũdo he mais poderosa que a verdade: Assumpto que Eu pudéra provar com exquisitos, & formidaveis exemplos, se naõ fora outro o meu intento.

285 Supposto pois que na nossa experiencia, por abuso, seja mais poderosa a mentira que a verdade; & na sentẽça de Zorobabel, por razaõ, seja mais poderosa a verdade que todo outro poder: seguese por ventura daqui, q̃ a cousa mais poderosa do mundo, ou bem, ou mal governado, seja qualquer dellas? Naõ. Porque ainda ha no mundo outra cousa mais poderosa. E qual he? A Necessidade. A necessidade, a pobreza, a fome, a falta do necessario para o sustento da vida, he o mais forte, o mais poderoso, o mais absoluto imperio, que despoticamente domina sobre todos os que vivem. Naõ ha cousa tam difficultosa, tam ardua, tam repugnante à natureza, a que a naõ obrigue, a que a naõ renda, a que a naõ sogeite;

naõ por vontade, mas por força, & violencia, a duríssima, & inviolavel Ley da Necessidade. A necessidade he que leva o Soldado à guerra, & a escallar as muralhas, onde vendo cair huns a ferro, & voar outros a fogo, avança cõ tudo, & naõ desmaya. A necessidade he a que engolfa o Marinheiro nas ondas do Oceano: ellas com os naufragios à vista, & elle com tal ouzadia, que metido dentro em quatro taboas, se atreve a pelejar, naõ sò com os Ventos, & Tempestades, mas cõ todos os Elementos. A necessidade he a q̃ mete, ou precipita o Mineiro ao mais profundo das entranhas da terra, & sem temor, que as mesmas montanhas, que tem sobre sy, cayaõ, & o sepultem, elle lhe vay cavando as raizes, & sangrando as veas. Finalmente com mais ordinario, & géral desprezo da vida, & da saude, quem faz que o Lavrador naõ tema os regélos do Inverno, nem o Segador as calmas ardentes do Estio, nẽ o Pastor os dentes do Lobo, & do Usso, & em muitas partes as unhas do Leaõ, & do Tigre, senaõ a necessidade? E posto que huns, & outros tã tas vezes perecẽ em tam conhecidos perigos; a mesma necessidade com implicaçaõ manifesta da propria conservaçaõ, he a que para sustentar a vida os obriga a perder a mesma vida. Atè o pobre, & atrevido Ladram, q̃ desde o primeiro passo, com que salteou os caminhos, começou a caminhar para a forca, se ao pé della lhe perguntaõ, quem o trouxe a tam miseravel estado, responde com o laço na garganta, que a necessidade. E para que ninguem se admire deste grande poder da necessidade sobre todos, a razaõ he, diz o Proverbio, porque todos os outros poderes saõ sogeitos às Leys, & sò a Necessidade naõ tẽ Ley: *Necessitas caret lege.*

286 Assim como os Sabios dos Persas, & Médos deraõ o principado do poder à Verdade, assim os Gregos, & Latinos, mais sabios que elles, sobre a mesma controversia, o deraõ ao Amor. Estes disseraõ: *Omnia vincit Amor*: & naõ houve Naçaõ tam dura, & barbara, que se

naõ assinasse, ou alistasse debaixo desta sentença. Mas se no mesmo caso concorrer o amor, & a necessidade, quem vos parece, que ha de vencer? Claudiano disse:

Clau-dian. de Pauper. amante.

Paupertas me sæva premit, blandusque Cupido:
Sed toleranda fames, non tolerandus amor.

Quer dizer, que apertado hũ homem por huã parte da fome, & por outra do amor, cõ a fome ser cruel, & o amor brando, a fome he toleravel, o amor naõ. Eu creyo, que quando este Poeta isto escreveo, devia de ter bem comido, & tambem bebido. Em dizer, *Sed toleranda fames, non tolerandus amor*, naõ soube o que disse. Havia de dizer pelo contrario, *Sed tolerandus amor, non toleranda fames.* Porque quando concorrem juntos o amor, & a fome, a fome triunfa do amor, & vence o que tudo vẽce. E senaõ, ponhamos ambos em campo, & vejamos, qual leva a vitoria.

287 Padecia se grãde fome nas terras de Canaan, quando Jacob para remedio della, de onze filhos, que tinha, mandou os dez ao Egypto. Trouxeraõ paõ para alguns dias, mas com obrigaçaõ de levarem tambem o filho undecimo, que era Benjamin, quando fossem buscar mais. Era Benjamin o mimo, & amor de Jacob: & naõ se podem crer os extremos, que elle fez, para naõ apartar de sy o filho, que unicamente amava. Instavaõ os Irmaõs, & a todas as instancias respondia, & satisfazia o Pay: atè q̃ finalmente o apertáraõ com huã, a que naõ teve soluçaõ, nem reposta, & se deu por vẽcido. E qual foi esta? A da necessidade. Emquanto durou o paõ, esteve forte Jacob: mas tanto que se foi acabãdo aquelle fiador da vida, & lhes disseraõ os filhos, que elles, & seus netos morreriaõ todos à fome, se naõ levassem a Benjamin; cedéo o amor à necessidade, & vencéo a necessidade o amor. Assim o disse em proprios termos o mesmo Jacob: *Si sic necesse est, facite quod vultis*: jà que assim o pede a necessidade, fazey o que quizerdes. O que quizerdes, diz, & naõ o que eu quero; porque eu naõ qui- Genes. 43. 11.

zera apartar de mim o unico filho, que tanto amo: mas a minha vontade, & o meu amor, he força, que se deixe vẽcer da necessidade. He ponderaçaõ de S Joaõ Chrysostomo, o qual nos encomenda, que reparemos nella: *Vide nunc, quomodo necessitas patris amorem vincit*: Reparay neste caso, & vede, como a necessidade vence o amor do pay. O amor dos pays he o mais forte de todos: & nenhum pay amou mais que Jacob, nem houve filho mais amado que Benjamin. Porèm à vista da necessidade, & da fome, apartese o pay do filho, & o filho do pay, rompaõse os coraçoẽs de ambos com dor, chore a ausencia, suspirem as saudades, rendase violentado o amor, & a necessidade triunfe: *Si sic necesse est, facite quod vultis*. Mas que muito he, q̃ ao amor do pay, para dar de comer aos filhos, vencesse a necessidade, & fome de Canaan, se na fome de Samaria, & de Jerusalem, vẽcéo tanto a necessidade o amor das mãys, que chegáraõ a comer seus proprios filhos?

D. Chrysost. ibi.

4. Reg. 6. 25. & seqq. Threnor. 2. 20.

III.

288 ESTES ultimos exemplos poucas vezes vistos, saõ o que cõ mayor horror da natureza encarecem o poder, & violencia da necessidade: mas os que cada dia acontecem, naõ saõ menos feyos, menos tristes, nem menos para temer. O primeiro effeito, ou consequencia da necessidade, he o desprezo da honra, o segũdo a destruiçaõ da virtude. E ponho em segundo lugar a destruiçaõ da virtude; porq̃ o muro da virtude he a honra, & derrubado este muro, a virtude, que elle defendia, facilmente se rende. Quem se naõ envergonha dos homẽs, que vé, facilmente perde o respeito a Deos, que naõ vé. Os Romanos, para a emulaçaõ, de tal sorte edificáraõ os Templos da Honra, & da Virtude, que pelo da Virtude se entrava ao da Honra: & o Demonio, para a tẽtaçaõ, primeiro bate o da Honra, para derrubar o da Virtude. Porisso sendo todo o peccado offensa de Deos, & crime de

Lesa Magestade Divina; introduzio o mesmo Demonio no mundo, que alguns peccados naõ fossem infames, para que tirado o temor da deshonra, ficasse facilitado o precipicio da culpa. Aberta pois a primeira brecha no muro da Honra, apenas se acha virtude tam constante, q̃ sitiada da necessidade, & apertada da fome, pela triste condiçaõ sòmente de ter com que sustentar a vida, naõ renda a consciencia, & a Alma a tam infame partido. Esta he a razaõ, conhecida atè dos Gentios, porque Virgilio, quando descrevéo o Portico, & Entrada do Inferno, adornado feamente daquelles Monstros horrendos, collocou tambem entre elles a Pobreza, & a Fome:

Virg. 6. Æneid. ——— ——— *Malesuada Fames, & turpis Egestas.*

Aa Fome chamou, *Malesuada*, & à Pobreza, *Turpis*; porque naõ ha vicio, nem maldade, que a Fome naõ persuada, nem torpeza, ou infamia, que a Necessidade, & Pobreza naõ facilite.

289 Vamos à Escritura Sagrada, em que no Velho, & Novo Testamẽto, desta mesma Fome; & desta mesma Pobreza temos dous admiraveis reparos, & ambos em dous descẽdentes da nossa Ruth, David, & o Filho de David, Christo. Jejuou Christo no Deserto quarenta dias, & em todo este tempo naõ o tentou o Demonio. No fim do jejum teve o Senhor fome: *Postea esuriit:* & no mesmo ponto diz o Evangelista, Matth. 4. 2. que o Demonio se chegou a elle, & o tentou: *Et accedens tentator.* Ibid. 3. Pois se o tentador, que naõ sò era Demonio, senaõ o maior de todos os Demonios, em quarenta dias se naõ atrevéo a chegar a Christo, antes o temia, & fugia delle, & retirado, estava observando sòmente a prodigiosa abstinencia daquelle Homẽ: como agora, & logo no mesmo ponto, em que reconhecéo, que tinha fome, se atrevéo ao accometter, & tentar? Porque he tam natural effeito da fome o enfraquecer a virtude, que atè hum Santo tam forte, tam constante, & tam milagroso, que pode passar sem comer quarenta dias, entendéo o Demonio, que apertado

pertado da fome naõ poderia resistir à tentaçaõ. S. Basilio: *Sentiens Diabolus, quia ubi fames, ibi imbecillitas, aggreditur ad tentandum.* Fez o Demonio, diz S. Basilio, este discurso: Onde ha fome, ha fraqueza; pois agora he o tẽpo de tentar este Homem, posto que tam milagroso; porq̃ se a fome o tem meyo rendido, a tentaçaõ o acabará de vencer. Elle bem deve de conhecer, que sou eu o Demonio; mas hum homem com fome, & sem remedio, ainda que o comer, que se lhe offerece, seja dado pelo Demonio, ha-o de aceitar.

D. Basilius in hunc locum.

290 Assim animado o tentador, fez descubertamẽte o tiro, & o q́ disse a Christo, foi: *Si Filius Dei es, dic ut lapides isti panes fiant.* Com muita razaõ argue aqui S. Pedro Chrysologo ao Demonio, de que quiz tentar, & naõ soube: *Cupis tentare, sed nescis.* A primeira cousa, que o Demonio disse, foi a primeira que havia de callar. Vẽ cà, Demonio ignorante, queres render, & derrubar a este mesmo Homem, a quem tẽtas, & trazeslhe à memoria o ser Filho de Deos: *Si Filius Dei es?* Naõ sabes, que o maior brio, & o maior empenho de hum homem de alto nascimento, para naõ cometer indignidades, nẽ villezas, he lembrarse da nobreza de seus pays, & naõ querer pôr mancha na sua geraçaõ? Assim he (diz o Demonio) mas isso se entende, quãdo o filho de bons pays tem que comer. Porèm quando está com fome, & se vé apertado da necessidade, nem faz caso de pays, nem se lembra de geraçoẽs, nem olha para as manchas da honra, nem para o credito, & reputaçaõ da pessoa, a tudo fecha os olhos, com tanto que tenha com q́ sustentar a boca. Assim o cuidou o Demonio de Christo: & se nelle se enganou, naõ se enganou em Esaú, nem em Jonatas, nem no Prodigo, & infinitos outros. A regra géral he: *Ubi fames, ibi imbecillitas*: & assim como à fome se segue a fraqueza, assim à fome de muitos dias, muitas fraquezas.

Matth. 4. 3.

Chrysol. Serm. de Tentat. 11.

291 O outro descendẽte, & mais chegado de Ruth, foi David. E que nos dirá de

sy

sy aquelle valente de Deos, que com as maõs desarmadas espedaçava Leoẽs, & com huã pedra derrubava Gigãtes? Diz, o que ninguem pudéra imaginar, porque diz assim: *Infirmata est in paupertate virtus mea, & ossa mea conturbata sunt*: na minha pobreza enfraquecéose a minha virtude: & chegou a fraqueza a tanto, que atè os mesmos ossos me derrocou. Quẽ pudéra imaginar de David duas taes cousas, pobreza, & fraqueza? Nem a pobreza diz bem com hum Rey, nem a fraqueza com hum homem tam valente. Mas em tudo fallou David como quem bẽ se conhecia como homem, & muito melhor ainda como Rey. Sò estranhará o nome de pobreza nos Reys, quem naõ sabe, q̃ os Reys saõ mais pobres que os vassallos. Naõ he mais pobre quẽ tem menos, senaõ quem necessita de mais. E ninguem tem mais necessidade, nem maiores necessidades, que os Reys. Necessidade de fabricar Armadas, necessidade de fornecer Exercitos, necessidade de fortificar Praças, & presidiar Fortalezas, necessidade de salarear Ministros nos Reynos proprios, necessidade de manter, & authorizar Embaixadores nos estranhos, necessidade de sustentar com decencia, apparato, & magnificẽcia Real a propria Magẽstade, & mil necessidades outras publicas, & occultas, das quaes pedia o mesmo Rey a Deos o livrasse: *De necessitatibus meis erue me*: & cercada, antes opprimida de tantas, & tam forçozas necessidades a falsa potencia, & verdadeira pobreza dos Reys: Vede a quantas quebras de consciencia, & a quantas fraquezas de virtude estará exposta: *Infirmata est in paupertate virtus mea?* Fraqueza nos mesmos tributos, & subsidios necessarios, tolerando que carreguem sobre os pequenos, & miseraveis, & fiquẽ izentos os grandes: fraqueza nas doaçoẽs inofficiosas, & indivîdas, naõ se pagando no mesmo tempo, o que se deve aos legitimos acredores: fraqueza nas chamadas graças feitas prodigamente aos que a lograõ de perto, esquecidos os que servem, & trabalhaõ ao longe:

Psalm. 30.11.

Psalm. 24.17.

ge: fraqueza na obſervancia, & diſſimulaçaõ das Leys cõ os poderoſos : fraqueza na igualdade da juſtiça : fraqueza no verdadeiro, & desinteressado exame das cauſas: fraqueza na attençaõ ao luxo, & regalo, para que tudo ſobeja: fraqueza no deſcuido da cõſervaçaõ do que ſe perde, para que tudo falta : & tantas outras fraquezas de virtude, que ainda nos Reys, que parecem timoratos, mais ſe podem chorar, que dizer.

292 Iſto confeſſava David de ſy no tempo em que era Rey. Mas antes de cingir a Coroa, & depois que ſeu proprio filho lha tirou da cabeça, em que a ſua pobreza foi mais manifeſta; tambem naõ faltáraõ fraquezas à ſua virtude. No tempo em que ſervia a El Rey Achis faltando à fé da hoſpitalidade, roubava os vaſſallos do meſmo Rey, & para que ſe naõ ſoubeſſe, matava a todos; o que naõ podia fazer licitamente, porque a ſua authoridade ainda era privada. No tempo, em que andava eſcondido de Saul, porq Nabal Carmello, lavrador groſſo, o naõ quiz ſoccorrer, deliberou, & jurou, que a elle, & a todos os de ſua caſa havia de tirar a vida, & pôr o fogo a quanto poſſuia. No tempo em que fugia de Abſalaõ, por hum preſente, com que Siba criado do Princepe Isbozeth lhe ſahio ao caminho, ſem mais informaçaõ que a ſua, lhe deu todos os bens de ſeu Senhor. E o peior, & mais he, que depois de lhe conſtar da innocencia de Isbozeth, devendo mandar enforcar a Siba como ladraõ, & falſario, para naõ emendar de todo o que tinha feito, mandou, que o ladraõ, & o roubado, partiſſem entre ſy os bens. Naõ conſta das Eſcrituras a reſtituiçaõ deſta injuſtiça; mas como notaõ todos os Theologos, & Expoſitores, he certo, que depois a fez David; porq doutro modo naõ ſe ſalvaria. Tanta razaõ, & tantas razoẽs teve eſte Heroe, por tantas outras calidades grande, para dizer, & confeſſar, que na ſua pobreza enfraquecéra a ſua virtude: *Infirmata eſt in paupertate virtus mea.*

1. Reg. 27. 8. & ſeqq.

1. Reg. 25. 22.

2. Reg. 16. 1. & ſeqq. & 2. Reg. 19. 27. & ſeqq.

E Se

IIII.

293 E Se a força da necessidade, & da pobreza, como acrescenta o mesmo David, lhe quebrantou, & derrocou atè os ossos: *Et ossa mea conturbata sunt*: se os ossos, que saõ a parte mais dura, & mais forte do corpo, naõ podem resistir à força da necessidade, sem que ella os quebrante, & descomponha: que se pôde esperar da carne fraca? Se hum homem tam valente como David, & tam forte, como significa o seu proprio nome, opprimido da pobreza, & apertado da necessidade, cae em tantas, & taes fraquezas: que fará a triste molherzinha, que confessando as suas com infinitas lagrimas, & desculpando miserias com miserias, juntamẽte se accusa a sy, & a sua pobreza? Que fará (digo outra vez) a triste molher, que perdida a honra, & a consciencia, & amoestada do perigo da sua Alma, & reconhecida delle, protesta, que dezeja levantarse do lodo, em que està cahida; mas que naõ tem remedio, porque o pezo da necessidade lho naõ permitte? Isto dizem as mãys, isto as filhas, & sò lhes falta dizer cõ Cassiodôro, que a mãy de todas as culpas he a necessidade: *Mater criminũ necessitas.* *Cassiod*
Tambem ha homẽs, & naõ poucos, que indigna, & covardemente se valem da mesma desculpa. Mas esta, que homẽs, & molheres chamaõ falta de remedio, naõ he falta de remedio, senaõ de Fé. *Iustus meus ex fide vivit.* Diz *Hebr.*
o Espirito Santo: Tende Fé, 10. 38.
& naõ vos faltará com que viver. Nos mesmos Mysterios da Fé, em que a Providẽcia Divina nos deu os meyos para conseguir a vida eterna, nos deixou tambem os remedios para sustentar a tẽporal. Ouçaõ agora os pobres, & as pobres, os necessitados, & as necessitadas: & assim como viraõ os effeitos da pobreza, & da necessidade (que porisso me detive tanto em os ponderar) assim veráõ a efficacia, & facilidade dos remedios, & que naõ por falta, ou difficuldade delles, mas por falta de Fé, & por sua culpa, padecem a pobreza, a necessidade, & a

fome, com que se desculpaõ. E que remedios saõ estes? Jà disse, & prometti no principio, que eraõ o Sacramento, & o Rosario. Isto he o que agora havemos de ver, & de novo peço a Deos, & à Virgem Sãtissima, me assistaõ cõ sua Graça, naõ tanto para declarar esta verdade tam certa, & tam importante, quanto para a persuadir.

V.

294 O Primeiro remedio pois da pobreza, da necessidade, & da fome, he o Diviníssimo Sacramento, que temos presente, o qual tambem porisso se expoem aos nossos olhos debaixo de especies de paõ. Para abundantissima prova desta verdade nos deixou o mesmo Christo o primeiro exemplo em Ruth, avô de David, de quem se dignou tomar a mesma carne, & sangue, com que nos sustenta no Sacramento. Ruth quer dizer, *Satiata*, a Farta. E se lermos o principio da sua historia, antes parece, que se havia de chamar a Faminta. Era tam pobre Ruth, que naõ tendo com q sustentar a vida, & como dizemos, com que matar a fome, quando os segadores de Booz hiaõ segando a sua seára, ella os seguia detràs recolhendo as espigas, que ficavaõ; porq era Ley de Deos, que as podessem tomar para sy os pobres. E que espigas eraõ estas, ou que significavaõ? Os Expositores allegoricos dizem, que eraõ figura do Santissimo Sacramento. E para que ninguẽ duvide da exposiçaõ, o mesmo Christo quiz ser o Expositor, & a declarou milagrosamente. No anno de nossa Redempçaõ de Quinhentos & treze, durava ainda em alguãs partes o uso da Primitiva Igreja, em que os Christaõs levavaõ para casa o Santissimo Sacramento, & o tinhaõ, ou publica, ou occultamente, nos seus Oratorios, para se encommendarem a elle, & o commungarem. E como hum Catholico criado de hũ Herege deixasse assim encerradas as Sagradas Particulas; indo o Herege, ou com má tençaõ, ou sò por curiosidade, a reconhecer o que o criado adora-

va:

Baronius anno 513. va: *Invenit* (diz o Cardeal Baronio) *omnes illas ſpecies in ſpicas,& ariſtas triticeas germinaſſe*: achou,que todas aquellas eſpecies ſe tinhaõ cõvertido em eſpigas de trigo, com que tambem o Herege ſe convertéo. Elle meſmo deu conta do milagre ao Biſpo,& foraõ levadas as milagroſas eſpigas em prociſſaõ como Triunfo da Fé, com mil vivas,& applauſos dos Catholicos, aſſombro, & confuſaõ dos Hereges,que naquelle tẽpo eraõ os Severianos.

295 Taes foraõ em figura as eſpigas, que colhia a pobre Ruth. Eſpigas,que naõ tocadas da fouce, nem das maõs dos ſegadores,& tomadas nas ſuas, repreſentavaõ maravilhoſamente o myſterio,& ſegredo altiſſimo, com que Chriſto ſe deixou no Sacramento. A meſma Ruth,ſe bem ſe penetra o que diſſe, o declarou com notavel propriedade. Quando ella pedio licença a ſua ſogra Noemî, para ir recolher as eſpigas, o que diſſe com fraſe particu-
Ruth. 2. 2. lar,& eſtranha,foi: *Et colligam ſpicas,quæ fugerint manus metentium*: & colherey as eſpigas,que fugirẽ das maõs dos ſegadores. Demaneira, que ſendo a ſeára a meſma, a meſſe a meſma, & o trigo o meſmo, huãs eſpigas ficáraõ ſogeitas à fouce, & às maõs dos ſegadores, & as outras fugiraõ das ſuas maõs: *Quæ fugerint manus metentium*. Vamos agora à propriedade do Myſterio, que he admiravel. Chriſto Senhor noſſo, como notou,& ponderou S. Paulo, na meſma noite, em que ſe entregou a ſeus inimigos,inſtituio o Santiſſimo Sacramento,& debaixo das eſpecies de paõ ſe deu a ſeus Diſcipulos: *In qua nocte tradebatur, accepit panem: & gratias agens, fregit, & dixit: Accipite,& manducate: Hoc eſt corpus meum*. E com o meſmo reparo,& advertencia, quando o Senhor diſſe: *Hoc eſt corpus meum*: acreſcentou: *Quod pro vobis tradetur*: o qual ſerá entregue por vós: declarando,que o corpo, que lhe dava a comer encuberto cõ as eſpecies de paõ,era o meſmo que naquella meſma noite havia de entregar nas maõs de ſeus inimigos. E porque foi neceſſaria eſta declaraçaõ feita

1. Cor. 11. 23. 24.

feita por S. Paulo a nós, & por Christo aos Discipulos? Para que elles,& nós,soubessemos, que o mesmo corpo natural,& visivel, que o Senhor havia de entregar nas maõs de seus inimigos, esse mesmo sacramentado, & invisivel,escondendoo debaixo das especies de paõ, o livrava juntamente de suas maõs. Em summa, que o mesmo Christo na mesma noite se entregou a seus inimigos, & fugio delles. Entregouse, quando no Horto dizendo: *Ego sum:* se metéo voluntariamẽte nas suas maõs: *Et manus injecerunt in Iesum*:& fugio delles, & de suas maõs na Cea,quãdo escondẽdose debaixo das especies de paõ, se poz em estado de o naõ poderem ver, nem prender. E como o corpo de Christo sacramẽtado, & sacramentandose debaixo das especies de paõ, por este modo se escondéo, & fugio das maõs de seus inimigos; estas saõ as espigas, que Ruth colhéo da seára,dizendo,que recolheria sòmente as que fugissem das maõs dos segadores: *Quæ fugerint manus metentium:* sendo proprijssimamente os segadores aquelles q̃ no corpo natural do mesmo Christo, começando pelo abraço de Judas,lhe cortáraõ a vida.

Ioan. 18.5.

Matth. 26.50.

296 Provado pois, que estas primeiras, & poucas espigas, que recolhéo Ruth, foraõ figura tam propria, & tam expressa do Santissimo Sacramento; vejamos como a ellas se seguio naturalmente o augmento do paõ, & teve logo a pobre, & faminta Ruth, com q̃ remediar, sem outra diligencia,a sua pobreza, & satisfazer abundantemente à fome. Acudio ella à messe pela manhaã (que saõ as horas,em que se recebe o Santissimo Sacramento) & naõ eraõ chegadas as do Meyo dia, quando Booz,Senhor da seára, veyo visitar os seus segadores. E que succedéo? Vio a modestia, & cõpostura (como refere Lyrano) com que Ruth recolhia aquellas poucas espigas, & movido,naõ sò de piedade, mas de respeito, & affeiçaõ natural, disse aos segadores,q̃ de industria deixassem ficar, & cair outras das q̃ jà tinhaõ segado, & levavaõ nas maõs, para

Ruth. 2. 16. para que ella sem pejo as podesse colher: *De vestris quoque manipulis projicite de industria, ut absque rubore colligat.* Oh admiravel efficacia daquelle Divino Paõ ainda em sombras! De sorte, que para soccorrer abundantemente a pobreza, & fartar a fome dos que o buscaõ, naõ espera o nosso trabalho, nem a nossa industria, mas sendo a necessidade propria, a supre com a industria alhea: *Projicite de industria, ut absque rubore colligat.* Reparay muito tambem no *Absque rubore.* Aos outros pobres sustẽtaõ a Providencia Divina, mas com aquella dura pensaõ, q̃ traz comsigo o pejo natural de chegar a pedir. Mas aos pobres, que se valẽ das migalhas daquella Soberana Mesa, tambem desta pensaõ os livra, & lhe dá o paõ sem ella: *Ut absque rubore colligat.* Chegou em fim a tarde, naõ de outro, senaõ do mesmo dia, batéo Ruth, & alimpou das arestas o graõ, que tinha colhido; & medido, eraõ tres Ibidem 17. alqueires daquella terra: *Collegit ergo usque ad vesperam: & invenit tres medios.* Quem cuidára o que nem a mesma Ruth imaginou, que o paõ naõ semeado havia de crescer tanto em hum sò dia, que a mesma pobre, & faminta, que pela manhaã o colhia espiga a espiga, à tarde o medisse aos alqueires. Mas assim cresce, & se augmenta o paõ da terra, a quem se val do Paõ do Ceo.

VI.

297 COM muita razaõ se chamou esta molher Ruth (que, como jà dissemos, quer dizer, *Satiata*, a Farta) sendo este nome tam contrario à sua pobreza, & à sua fome; porque assim como ella achou a fartura, & a abũdancia na sombra, & figura sòmente daquelle Divino Paõ; assim profetizou Isaias trezẽtos annos depois, que a teriaõ mais certa, & mais abundante, na Ley da Graça, os que recorressem, naõ sò á realidade, mas à Realeza do liberalissimo Autor de todos os bens, que naquella mesma figura se representava. No Capitulo trinta diz duas cousas notaveis o

Profeta

Profeta Isaias, & tam differẽtes, & oppostas, que ou elle, ou ellas, parece, se contradizem. A primeira he, que na Ley da Graça nos daria Deos o paõ muito estreito, & apertado: *Dabit vobis Dominus panem arctum*: a segunda, & que logo se segue, que o paõ seria abundantissimo, & fertilissimo: *Et panis frugum terræ erit uberrimus, & pinguis.* Pois se da mesma maõ de Deos nos havia de vir este paõ duas vezes promettido: Como o primeiro, que se nos promette, he tam estreito, & apertado, & o segundo, tam largo, & abundante? Porque o primeiro paõ, he o Paõ do Ceo, que Christo nos deu para alimento das Almas; & o segundo, he o paõ da terra, q̃ o mesmo Senhor nos dá para remedio, & sustento dos corpos. Porisso este segundo se chama nomeadamẽte paõ da terra, & o primeiro naõ: *Et panis frugum terræ erit uberrimus.* Mas se o Paõ do Ceo he taõ largo, que toda a liberalidade Divina na sua maior largueza naõ tem mais q̃ dar: se a sua esfera he tam ampla, & tam capaz, que comprehende, & encerra em sy toda a immẽsidade de Deos: Como se chama paõ estreito, & apertado: *Panem arctum*? Porisso mesmo. Porque como todo Deos (que he o que se come no Sacramento) sendo infinito, & immenso, está reduzido àquelle breve Circulo de Paõ, & a qualquer parte delle; sò alli está Deos estreitado, & coarctado, & porisso: *Panem arctum. Panis arctus est Eucharistia, vel Christus in ea:* diz Cornelio. Naõ he logo contradiçaõ de huã, & outra promessa, senaõ consequencia natural, & effeito proprio da primeira, q̃ depois de Deos nos prometter a estreiteza do primeiro paõ, nos assegura logo a largueza do segũdo Naõ he maior maravilha estreitar Deos a sua immensidade, que alargar a sua liberalidade? Pois esta he a abundancia do paõ da terra, que Deos nos promette, depois que nos deu o Paõ do Ceo: para que todos os que padecem necessidade, pobreza, & fome, recorraõ a buscar a fartura, onde o Paõ está convertido em Deos, & Deos naõ mostra aos olhos mais que Paõ. Deos

Isai. 30. 20. *Ibidem 23.* *Cornelius ibi.*

298 Deos no Sacramẽto dáse igualmente a pobres, & ricos; mas aos pobres com huã grãde differença; porque aos ricos dáse debaixo dos accidentes de paõ sòmente: porèm aos pobres, naõ sò se dá debaixo dos accidentes de paõ, mas dálhe tambem a sustancia, senaõ em sy, nos effeitos. Excellentemente conhecéo, & declarou esta differença o Real Profeta no Psalmo Vinte & hum, que todo he de Christo (& naõ sò o mesmo Psalmo, senaõ tãbem esta intelligencia delle he de Fé) fallando o Profeta do mesmo Senhor emquanto sacramentado, diz, que os ricos o coméraõ, & adoráraõ: *Manducaverunt, & adoraverunt omnes pingues terræ*: & que os pobres o comeráõ, & se fartaráõ: *Edent pauperes, & saturabuntur*. A differença naõ pôde ser mais clara, nem tambem a duvida. Se os ricos, & os pobres comem o mesmo Christo sacramentado debaixo dos accidentes de paõ: porque diz, que os ricos coméraõ, & adoráraõ, & q̃ os pobres comeráõ, & se fartaráõ, o que naõ diz dos ricos? A razaõ he, porque os ricos comẽ a Christo no Sacramento com huã fome, & os pobres com duas. Os ricos levaõ sò a fome da Graça, & naõ a fome do paõ, porquẽ saõ ricos: os pobres, naõ sò levaõ a fome da Graça, senaõ tambem a fome do paõ, porque saõ pobres: & como a fome da Graça, que he espiritual, se satisfaz com a mesma Graça, & a fome do paõ, que he corporal, se naõ satisfaz sò cõ a Graça, senaõ tambem com a fartura; por isso se diz sò dos pobres, que se fartaráõ, & naõ dos ricos: *Edent pauperes, & saturabuntur*. Naõ he a explicaçaõ minha, senaõ da agudeza de Sãto Agustinho em outro lugar dos mesmos Psalmos.

Psalm. 21. 30.

Ibidem. 27.

299 Diz alli o Profeta, que Deos dá de comer a todos os que tem fome: *Qui dat escam esurientibus*. E repara muito na generalidade desta proposiçaõ Santo Agustinho; porque a Providencia Divina, posto que géral para todos, he recta, & justa, & segundo esta justiça, sendo o merecimento dos hõmẽs tam differente, tambem o deve ser

Psalm. 145. 7.

August. in eod. Psalm.

o comer, com que Deos os ſuſtenta. Aſſim he, reſponde o Santo, & ſe quereis ſaber a differença do ſuſtento, olhay para a differença da fome: *Si habent aliam famem, habent & aliam eſcam: quæramus famem ipſorum, & inveniemus eſcam ipſorum.* Aſſim como a Providẽcia Divina tem differentes remedios para differentes neceſſidades, aſſim tem differente paõ para differentes fomes: reconhecey pois a fome de cadahum, diz Auguſtinho, & conhecereis o paõ, com que Deos a farta. Se a fome he ſò do Ceo, farta-a Deos com o Paõ do Ceo, que he o Sacramẽto, por ſy meſmo: & ſe a fome he juntamente do paõ da terra, farta-a Deos tambem com o paõ da terra, que he ſegũdo effeito do meſmo Sacramento: *Si habent aliam famem, habent & aliam eſcam.*

300 Daqui ſe entenderá huã bem advertida difficuldade de S. Pedro Chryſologo, fundada ſobre dous paſſos do Evangelho, hum da Oraçaõ do Padre-noſſo, & outro do famoſo Sermaõ da Providencia. No Sermaõ da Providencia diz Chriſto, que naõ tenhamos, ou naõ nos dé cuidado o que havemos de comer: *Nolite ſolliciti eſſe in craſtinum, quid manducetis:* Matth. 6. 34. 25. & logo na Oraçaõ do Padre-noſſo enſina o meſmo Meſtre Divino, que peçamos a Deos como Pay o paõ de cada dia: *Panem noſtrum quotidianum da nobis.* Luc. 11. 3. Inſta agora elegantemente Chryſologo: *Tam bonus, tam pius, tam largus Pater, panem filijs non niſi poſtulatus indulget?* Chryſol. Serm. 67. He poſſivel, que hum Pay tam bom, tam piedoſo, tam rico, & tam liberal, para dar o paõ aos filhos, ha de eſperar que lho peçaõ? *Et ubi eſt illud, Nolite ſolliciti eſſe in craſtinum, quid manducetis?* E onde eſtá agora, ou como cõcorda com eſte Texto o outro, em que o meſmo Senhor nos manda, q̃ naõ tenhamos cuidado do que havemos de comer? Mais apertadamente ainda. *Hoc petere jubet, quod prohibet cogitare?* Baſta, que nos manda Chriſto pedir aquillo meſmo, em que nos prohibe o cuidar? Sim, & naõ: diz divinamente Chryſologo. Porq̃ o paõ, que nos manda pedir, he

o Paõ sobrenatural do Sacramento: o paõ, em q̃ nos prohibe o cuidar, he o paõ natural, necessario ao sustẽto humano: & quem alcança o primeiro, naõ tem necessidade de cuidar no segundo, porque o tem seguro: *Hoc petere jubet, quod prohibet postulare, quatenus Cœlestis Pater, Cœlestem Panem, Cœlestes filij ut postulemus, hortatur.* O Pay, a quem pedimos, he o Pay Celestial, o paõ, que pedimos, he o Paõ Celestial, os filhos, que o pedimos, tambem devemos ser Celestiaes: & quẽ pede, & alcança o Paõ espiritual, & do Ceo, naõ lhe póde faltar o corporal, & da terra.

301 Oh se naõ foramos tam da terra, & se tiveramos viva Fé, que he o que nos falta, como todo o nosso cuidado, todo o nosso dezejo, & toda a nossa fome se havia de empregar naquelle Divino Paõ, seguros, & sem receo, de que o Paõ da vida eterna, nos naõ faltaria com o da vida temporal, que tam pouco ha mister, & tam pouco dura! Que póde negar Deos, a quẽ deu seu proprio Filho, dizia S. Paulo: & que póde negar o Filho de Deos, a quem se dá a sy mesmo? Dános o Corpo, dános o Sangue, dános a Alma, dános a Divindade, & negarnos ha o paõ? Oh medo, & covardia, indigna de quem tem Fé! Ainda Deos se naõ tinha dado em mãjar, & sò tinha revelado este Mysterio ao mesmo David, que tanto tinha fraqueado nas suas pobrezas, quando elle zombando de todas, disse por nós, o que nós naõ sabemos dizer. E que disse? *Dominus pascit me, & nihil mihi deerit.* Psalm. 22.1. Assim se lé no Texto original. Deos he o meu sustento: *Dominus pascit me.* Logo nenhuã cousa me póde faltar: *Nihil mihi deerit.* Faltará aos ricos, que poem a sua confiança nos bens inconstãtes, que hoje se possuem, à manhaã se perdem: mas o pobre, que chega àquelle Senhor, que he Senhor de tudo, tudo lhe ha de sobejar, como diz o mesmo Profeta: *Divites eguerũt, & esurierũt: inquirentes autem Dominum non minuẽtur omni bono.* Psalm. 33.11. Notay a palavra, *Non minuentur*; porque os bens, que vem da maõ de Deos, naõ diminuem, mas cres-

3.Reg. 17.14. & 16. Ioann. 6.11 & seqq. creſceráõ. Aſſim creſcéo o punhado de farinha da Sareptana: aſſim creſcéraõ os ſinco Paẽs do Deſerto: & aſſim creſcéo o de Ruth, naõ ſò como vimos, mas muito mais.

VII.

302 Viſtes aquella pobre Ruth, que recolhia as eſpigas, que acaſo eſcapavaõ da fouce, & depois as que de induſtria deixavaõ cair os ſegadores? Pois eſta meſma dentro em poucos dias foi Senhora de toda a ſeára. Era o Senhor della Booz, homem muito poderoſo, & de grandes riquezas, como diz o Texto Sagrado: Ruth. 2. 1. *Homo potens, & magnarum opum, nomine Booz:* & de todas eſtas riquezas veyo a ſer Senhora, & Herdeira Ruth, recebendoa Booz por molher. Tudo o que podia difficultar a uniaõ deſte parenteſco concorria entre os dous contrahentes; porque Booz era muito rico, & Ruth extremamente pobre: Booz era Hebréo, natural de Belem, & Ruth Gentia, & Moabita: Booz era do Tribu, & Sangue Real de Juda, & Ruth de geraçaõ humilde, & deſprezada. Mas como Ruth neſta Comedia, ou Acto Sacramẽtal, fazia a figura dos que na ſua neceſſidade, na ſua pobreza, & na ſua fome, ſe ſoccorrem à Meſa franca do Sãtiſſimo Sacramento; naõ ſò na primeira jornada teve logo o remedio neceſſario, mas na ultima, & em poucos dias com tantos augmentos, que chegou a ſer opulencia.

303 Os dous effeitos, ou conſequencias, que fazem a neceſſidade mais miſeravel, & mais para temer, ſaõ como ao principio diſſemos, que a pobreza, & a fome, primeiro deſprezaõ a honra, & depois deſtruem a virtude, perdendoſe no meſmo naufragio a fama, & a conſciẽcia, que ſaõ os maiores bens deſta, & da outra vida. Mas vede a facilidade, & felicidade, com que Ruth ſalvou a ambos, conſervando a virtude, & augmẽtando a honra pelo meſmo meyo, com que remediou a fome. O meyo, cõ que Ruth remediou a fome, bem vemos, que foi recolher como po-

pobre as espigas mysteriosas, que fugiaõ às maõs dos segadores. Continuou assim em
Ruth 2. 23. todo o tempo da messe: *Donec horrea, & triticum in horreis conderentur*: & conhecidos jà seus procedimentos; ouvi as palavras, que lhe disse Booz, que naõ podem ser mais proprias do intento, que
Ruth 3. 10. seguimos: *Benedicta es à Domino, filia*: vós, filha, sois abendiçoada de Deos. E por-
Ibidem. que? *Quia non es sequuta juvenes pauperes, sive divites*: porque naõ seguistes, nẽ vos arrimastes aos moços da vossa idade, pobres, ou ricos (q̃ he o que fazem as que se vem
Ibidem 11. em pobreza:) *Scit enim omnis populus, qui habitat intra portas urbis meæ, mulierem te esse virtutis*: & porque sabe todo o Povo, & toda a Cidade, que sois molher de virtude. Eisaqui quam contrarias foraõ em Ruth as consequẽcias, & effeitos da sua pobreza, & da sua fome. As outras perdem a honra, & a virtude, porque buscaõ o remedio da pobreza, & da fome no arrimo dos homẽs, que he o que naõ fez Ruth: *Quia non es sequuta juvenes pauperes, sive divites*: & Ruth conservou a virtude, & a honra, a cõsciencia, & a fama, sendo famosa por sua virtude: *Scit enim omnis Populus, mulierem te esse virtutis*; porque pobre, & faminta, sò se valéo do paõ, que podia comer em graça, & cõ a bençaõ de Deos, & em figura recorréo mais altamente ao Paõ, em que Deos tem depositado todas as suas graças, & todas as suas bençoẽs: *Benedicta es à Domino, filia.*

VIII.

304 JA temos a Ruth coroada de Espigas, porque na sua pobreza, & na sua fome recorréo, & se acolhéo às sombras do Sacramento. Vejamos agora coroadas de Rosas, as que na mesma, ou maior necessidade, se valéraõ da devaçaõ do Rosario. A prova naõ ha de ser tirada de semelhanças, ou metaforas, q̃ podem ter differente interpretaçaõ, mas da experiencia manifesta, publica, & vista cõ os olhos. Refere o caso o Bispo Monopolitano, Escritor de grande authoridade: & foi

desta maneira. Inviuvou (diz elle) huã Molher, mais illustre que nobre, & no dia, em que enterrou a seu marido, sepultou juntamente cõ elle todo o remedio da sua casa, a qual por carecer de bens patrimoniaes, sò se sustentava na sua vida, & com sua presẽça, & industria. Deixou por sua morte duas Filhas, tam ricas dos dotes, & graças da natureza, quam pobres dos bens da fortuna: & por estes dous motivos (que juntos saõ mais perigosos) havia muitas pessoas poderosas, que trataváõ, & esperavaõ de conquistar sua honestidade. Trabalhavaõ as pobres Donzellas sobre a sua almofada todo o dia, & grande parte da noite, & o que ganhavaõ era tam pouco, que apenas bastava para o paõ da boca, & de nenhũ modo chegava a lhe dar com que se vestir. Bem se deixa ver, qual seria neste aperto a afflicçaõ, & pena de huã Mãy, & Mãy, q́ nascéra cõ obrigaçoẽs de honrada. Via a necessidade extrema, que padeciaõ suas Filhas; via o pouco, que montava o trabalho de suas maõs; via, que cada dia hiaõ crescendo em idade, & naõ tinha com que lhe dar estado; via, que os ardís do Demonio saõ muy sutis, & as violencias dos homẽs muito porfiadas; via, que a maior firmeza de huã molher nunca he segura, & que a pobreza, & necessidade, quando naõ haja outras tentaçoẽs, ella por sy he a maior tentaçaõ. Là diz a Escritura Sagrada, que a pobreza, quando acomette, he como hum salteador armado: *Veniet tibi quasi viator egestas, & paupe-ries quasi vir armatus*. E que constancia ha tam varonil, naõ digo jà de molher, que com o punhal nos peitos se atreva a resistir, & se naõ renda? Prov. 6. 11.

305 No meyo desta perplexidade, & afflicçaõ, que faria a pobre Mãy? Determinou descerse hum pouco dos brios, com que nascéra, & esquecerse do sangue, ou vaidade de seus avós (que muitas vezes he necessario este esquecimento, para que os homẽs, & molheres, naõ deixem de sy muito differentes memorias:) & resolveose a pór suas Filhas em casa de alguã Se-

Notta

Senhora, a quem serviſſem, & procuraſſem ganhar a vontade, & debaixo de cuja sombra viveſſem honeſtamente, & eſperaſſem depois de algũs annos, o eſtado de vida, que permittia ſua pouca fortuna. Naõ tinha bem conſentido neſte penſamento, quando ſubitamente, como voando, ſe ſentio arrebatar a outro mais alto, o qual lhe eſtava dizendo ao coraçaõ eſtas palavras: Se queres, que tuas Filhas ſirvaõ a huã Senhora: que Senhora ha, nem pôde haver no mundo, de cujo poder, & de cuja piedade poſſas fiar melhor o ſeu remedio, que daquella, que he Senhora do Ceo, & da terra, dos homẽs, & dos Anjos? Naõ diſſe mais eſte ſegundo penſamento. E conformandoſe com elle a prudente Mãy, pede dous mantos empreſtados para as Filhas, levaas comſigo à Igreja na tarde do meſmo dia: poemnas junto a ſy diante do Altar da Virgẽ Senhora noſſa do Roſario, & com lagrimas diſſe aſſim: Senhora, Deos me fez Mãy deſtas duas criaturas, que aqui eſtaõ a voſſos ſantiſſimos pés. E como Eu naõ tenho, com que lhe acodir conforme as obrigaçoẽs de Mãy, deſde eſta hora me deſpido deſte nome, & naõ quero, q̃ tenhaõ mais os de Filhas minhas, ſenaõ o de Criadas, & Eſcravas voſſas. De hoje pordiante, Senhora, ſerá todo o ſeu cuidado ſervirvos, venerarvos, & procurar fazer voſſa vontade em tudo: & o ſeu ſuſtento, & remedio, correrá tambem, Senhora, por cõta de voſſa providencia, & piedade. Iſto diſſe a Mãy: & as Filhas cõ grãde affecto, & humildade fizeraõ de ſy o meſmo offerecimẽto à Senhora, que daquella hora por diante tomáraõ por ſua.

306 Oh Virgem Santiſſima do Roſario, que apreſſadas ſaõ as voſſas miſericordias, & que ſeguro tem o remedio da ſua pobreza, todos os que devotamente recorrẽ aos theſouros de voſſa piedade! No meſmo lugar do Eccleſiaſtico, em q́ a Senhora ſe compara à Roſa de Jericó: *Quaſi plantatio Roſæ in Ierico*: exhorta a todos, os que quizerem ſer ſeus devotos, ſe paſſem a ſeu patrocinio: *Trã-* Eccleſ. 24.18.

Ibidem 26. *ſite ad me omnes, qui concupiſcitis me.* E que podem eſperar deſte ſoberano patrocinio, os que a elle ſe paſſarẽ? A meſma Senhora o promette, & declara, dizendo, que de tudo o que houverem miſter, ſeraõ provídos, & cheos abũdantemente: Ibidem. *Tranſite ad me: &c. & à generationibus meis implemini*. Reparay muito nas palavras, *A generationibus meis*. Parece, que havia de dizer a Senhora: Paſſayvos a meu patrocinio, & ſereis provídos dos meus theſouros. E naõ diz, dos meus theſouros, ſenaõ, das minhas geraçoẽs; como ſe fallára no noſſo caſo, & diſſera: As voſſas geraçoẽs, porque ſaõ fũdadas nas inconſtancias do mundo, & nas variedades da que lá ſe chama Fortuna, muitas vezes de illuſtres, & ricas caem em pobreza, & miſeria: porèm as minhas, cujos bens ſaõ eternos, & firmes, naõ padecem eſſes defeitos: pelo que, ſe quereis remedio, paſſayvos a mim, & achaloheis ſeguro, & maior que voſſos meſmos dezejos. Aſſim lhe ſuccedéo às duas Irmaãs. Tornáraõ para caſa cheas ſòmente entaõ de grande confiança na Mãy de Deos: continuáraõ o trabalho de ſuas maõs, tirando delle todos os dias huã hora, a qual gaſtavaõ em rezar o Roſario com grãde devaçaõ: & deſde o meſmo dia foraõ creſcendo, ou naſcẽdo os bẽs naquella caſa com tal abundancia, ſem ſaberem, as que dantes eraõ tam pobres, donde lhe vinhaõ; que naõ ſò ſe ſuſtentavaõ com muita largueza, nem ſò tiveraõ com q́ ſe veſtir, & ornar, conforme a ſua antiga calidade, mas com o luſtre, & authoridade do ſeu novo eſtado, como Criadas de tam grãde Senhora, & Damas de tam Soberana Rainha.

307 Com eſtes veſtidos começáraõ a ſair de caſa, & vir à Igreja, & quando o Povo, que conhecia ſua paſſada pobreza, viſſe eſta novidade, jà vedes o que ſe diria. Ninguem havia, que duvidaſſe ſerem aquellas galas preço da honeſtidade das duas Irmaãs, & ſò ſe punha em duvida, quem haveria na Cidade de tam grãde cabedal, & prodigalidade, que gaſtaſſe com ellas tanto. Em fim, diziaſe lá,

là, o que cà se ouve cadadia. Grande pensaõ por certo, & grande desgraça desta nossa terra, que naõ possa hum homem melhorar de capa, nem huã molher de manto, sem q̃ o pague a sua honra! Fizestes hum vestido de melhor estofa q̃ o de vosso visinho; pois havos de custar mais que o vosso dinheiro. Se sois homẽ, logo sois ladraõ; se sois molher, logo sois má molher. Onde furtaria aquillo fulano? Quem daria aquillo a fulana? E naõ lho daria Deos? Naõ o ganharia com o seu trabalho? Por força lho havia de dar o Diabo? Verdadeiramente vos está o Diabo em grande obrigaçaõ, pois à força quereis, que seja mais liberal que Deos. Oh malditas, & infernaes linguas! Vendose assim afrontadas as duas Donzellas, soccorreraõse outra vez à mesma Senhora, & representaraõlhe a afrõta, em que viviaõ. Quam largamẽte remediastes, Senhora, a nossa pobreza, bem o dizem estes vestidos; mas se elles nos haviaõ de tirar a honra, melhor nos estava o nosso antigo encerramento, & melhor nos cobriaõ os nossos remendos. Se com despir as galas, se remediára esta mancha, de boa vontade as trocaramos outra vez pelos trajos da nossa pobreza. Mas a fama huã vez perdida nas linguas dos homẽs, he mal, que naõ tem remedio, & dor, de q̃ e jà mais teremos consolaçaõ. Sò nos fica o alivio de a havermos perdido em vosso serviço, & por beneficios, & mercés vossas. Sobre estas palavras acrescẽtáraõ muitas lagrimas, & tornáraõ ao seu lavor, & ao seu Rosario, que a prosperidade, em que se viaõ, nem as fez ociosas, nem menos devotas.

308 Amanheceó nesta occasiaõ o dia oitavo de Dezembro; & como era a primeira, & mais estimada Festa da sua Rainha, naõ pudéraõ deixar de assistir as Damas, & com a gala mais luzida. Entráraõ pela Igreja diante da Mãy as duas Irmaãs, & como era maior o concurso da gente, tambem foi maior que nunca a murmuraçaõ. Naõ se olhava para outra parte, nem se fallava em outra cousa por toda a Igreja.

Ellas porèm postas de juelhos diante da Imagẽ da Senhora calavaõ, & oravaõ, bem alhea a sua innocencia, & a sua afrẽta, de que pudesse emmudecer as linguas de seus calumniadores. Mas a Mãy de Deos, que tam liberalmente as provéo do sustento, atreverame Eu a jurar da sua bõdade, que naõ havia de consentir, que fosse com perda da honra, nem descredito da virtude. Começou a se entoar o Evangelho, quando súbitamẽte apparecéraõ no ar duas fermosas Coroas de Rosas. A novidade das Rosas, por ser no maior rigor do Inverno, & o estarem as Coroas no ar suspensas por sy mesmas, provava com evidencia serẽ mandadas do Ceo. Admirados todos de tam prodigiosa maravilha, & naõ sabendo o que Deos quizesse significar com ella; começáraõ a descer as Coroas pouco a pouco, & aqui se dobrou a admiraçaõ, & o alvoroço, na duvida, & expectaçaõ do lugar onde iriaõ parar. Chegáraõ em fim aonde vinhaõ encaminhadas, & as maõs dos Anjos, de que invisivelmente eraõ movidas, as puzeraõ (Onde vos parece?) sobre as cabeças das duas Irmaãs. Oh pasmo! Oh assombro, naõ tanto do milagre publico, & manifesto, quanto da soberana, & fiel providencia da Virgem Santissima, & dos poderes do seu Rosario! Com este testimunho do Ceo tam evidente, se trocáraõ em hum momento os enganados juizos de toda aquella multidaõ errada, & temeraria. As murmuraçoẽs se convertéraõ em louvores, as calumnias em applausos, os escandalos em veneraçoẽs. Todos davaõ as graças a Deos, todos o parabem à Mãy, todos chamavaõ Santas ás Filhas. Tam honradas, & estimadas, as que pouco antes eraõ a fabula, & desprezo de toda a Cidade: que no mesmo ponto, & sem sair da Igreja, os dous mais nobres, & bem herdados mãcebos della, as pediraõ por molheres, & se tiveraõ por muy venturosos de tam honrada sorte. Assim se renovou, & dobrou neste caso a muoãça da fortuna de Ruth: ella coroada de Espigas em profecia do Sacramento, & ellas

co-

coroadas de Rosas pela devaçaõ do Rosario. E por este meyo tam extraordinario, & tam proprio da Mãy do Omnipotente, as que eraõ tam pobres, ficáraõ ricas, as que se sogeitavaõ a servir, ficáraõ Senhoras, & as que estavaõ desesperadas de conseguir hũ mediano estado, alcançáraõ o mais nobre, & o mais rico de toda a sua patria.

§ IX.

309 QUE dirá agora, ou que escusa pôde ter a Fé daquella mãy, & daquellas filhas, que debaixo do falso, & infernal pretexto de naõ terem, com que sustentar a vida, entregaõ a honestidade, infamaõ a honra, & naõ sò perdẽ a Alma, mas corrompem, & desbarataõ a mesma vida, & primeiro saõ cadaveres feos, & asquerosos da torpeza, que a terra os acabe de consumir na infame sepultura. Dize, Criatura vil, mais irracional que os brutos: Aquelle Deos (como pōdéra David) que sustenta os corvos, & os filhos dos corvos: aquelle Deos, que sustenta as serpentes, & as filhas das serpentes, naõ te sustentará tambem a ti, & às tuas filhas? Se es tam cruel mãy para ellas, & tam indigna da piedade deste nome, porque as naõ ensinas a recorrer à Mãy de Deos? Porque retiradas dos olhos do mũdo as naõ sogeitas a servir a esta poderosissima Senhora, invocãdoa todos os dias no seu Rosario? Parecete, q̃ pôde faltar o sustento à boca, que tantas vezes pronunciar o docissimo nome de Maria? Ouve o que diz, & promette a mesma Senhora a todos os devotos do seu Rosario: *Flores mei, fructus honoris, & honestatis.* Queres honestidade? Queres honra? Queres vida? Pois tudo isso te daráõ as minhas flores: *Flores mei, fructus honoris, & honestatis.* Naõ se pudéra pintar, nem fingir huã clausula, que tam adequadamente fechasse tudo o que temos ditto: *Flores mei*: as minhas flores. As flores da Virgem Santissima, naõ ha duvida, que saõ as Rosas do seu Rosario, & porisso muito differentes das outras. As outras Rosas saõ flores, que naõ

Psalm. 146. 9.

Eccles. 24. 23.

daõ fruto; porèm as Rosas do Rosario, naõ sò daõ fruto, mas saõ frutos: *Flores mei, fructus.* E que frutos? Frutos, que sustentaõ a vida, & frutos, que conservaõ a honra, & a honestidade: *Fructus honoris, & honestatis.* Vede, como responde este epilogo, & satisfaz a tudo o que a pouca Fé toma por escusa. A vossa pobreza, a vossa necessidade, a vossa fome, porque empenha a honestidade, & perde a honra? Dizeis, que para ter cõ que sustentar a vida. Pois tudo isso, diz a Senhora, que tẽdes nas flores do seu Rosario: *Flores mei, fructus honoris, & honestatis*: as flores do meu Rosario saõ frutos, porque sustentaõ a vida: & saõ frutos de honra, & de honestidade; porque naõ sustentaõ a vida à custa da honestidade, & da honra, senaõ conservãdo a honestidade, & conservando, & augmẽtando a honra, tam abundante, & tam illustremente, como acabamos de ver.

310 Seguros pois os temores da pobreza, & os apertos da necessidade, & da fome, com os refens, & penhores de huã experiẽcia tam prodigiosa, manifesta aos olhos de todos, & mais seguros ainda com a palavra, & promessa da mesma Mãy de Deos; jà supponho, que naõ haverá Fé tam apoucada, & tam incredula, que na mais rigorosa, & apertada pobreza, postrada humilmente aos pés da Virgem Santissima, & invocando cõ o Rosario nas maõs a sua piedade, se naõ fie de seus poderes. E porque he certo, & infallivel, que no tal caso, por mais perigoso, & desesperado que pareça, naõ sò vos naõ ha de faltar o soccorro, mas crescer, & sobejar o remedio com grande largueza, & abundancia: quero acabar este Discurso, que foi do remedio das faltas, com hum novo documẽto, de como haveis de empregar os sobejos. Hum Homem, que tinha sido muito rico, veyo a cair em tal miseria, que pedia esmola pelas portas. Pedio a huã vez ao Beato Aláno de Rupe, famoso Prégador do Rosario. E como lhe respondesse com S. Pedro: *Argentũ, & aurum non est mihi: quod autem habeo, hoc tibi do*: disse- Act.3.6.

lhe

lhe o Santo, que rezasse o Rosario todos os dias,& que a Virgẽ Senhora nossa o soccorreria. Fello assim:& a Senhora desempenhou a palavra do seu Prégador,com tãta largueza, que o que pouco antes pedia esmola, se vio quasi derepente com tanta abundancia de bens, que despendendo em esmolas, o que lhe sobejava, elle era o remedio de todos os pobres daquella terra. Este he o segundo conselho,com que acabo: no qual tambem nos naõ falta o exemplo da nossa Ruth. Diz o Texto Sagrado,que no mesmo dia, em que Ruth se applicou a remediar a sua fome, pelo modo que sò lhe era licito, com a confiança posta em Deos, teve de comer tam abundantemente,que do que lhe sobejou, pode sustẽtar a sua sogra Noemi, que era tam pobre como ella. Notay as palavras da Escritura, que saõ dignas de toda a ponderáçaõ : *Insuper protulit, & dedit ei de reliquijs cibi sui, quo saturata fuerat.* (Ruth.2. 18.) Aqui se começou a cumprir a profecia do nome de Ruth, que quer dizer, *Saturata.* Fartouse: digamolo assim, pois que assim o diz a Escritura: *Quo saturata fuerat:* para que naõ entendessemos,que para levar de comer a sua sogra, & remediar a sua pobreza, tirára, ou defraudára alguã parte do que lhe pedia a propria fome; mas para que saibamos, que no mesmo dia lhe fez Deos o prato com tanta largueza, que satisfeita a mais naõ querer a propria fome, pode remediar a pobreza alhea.

311 E este foi finalmente o glorioso fim, com que as duas Coroas de Espigas,& de Rosas, naõ tanto se competiraõ, & emuláraõ, quanto se enlaçáraõ, & tecéraõ no mesmo triunfo: o Sacramento em Ruth, coroado de Espigas, & o Rosario nas duas Irmaãs coroado de Rosas: pois a estas por serem devotas do Rosario, remediada primeiro a sua pobreza, & conservada a honestidade, & a honra, as dotou a Soberana Rainha sua Senhora com os dous mais nobres,& mais ricos casamentos daquella terra : assim como a Ruth figura das que recorrem à Mesa,

Meſa, que temos expoſta, do Santiſſimo Sacramento, remediada tambem a ſua pobreza, & conſervada a honra, & a virtude, a levantou o meſmo Senhor à nobreza, & opulencia das vodas, & geraçaõ de Booz: *Booz autem genuit Obed ex Ruth.*

FINIS.

SER-

SERMAM XXIV.

Ioram autem genuit Oziam. Matth. 1.

I.

312 MUITAS vezes, & por muitos modos, tenho prégado neste dia as Excellencias do Rosario, assim pela parte Mental, no que medíta, como pela Vocal, no que reza. Mas porque estas mesmas meditaçoẽs tem o seu numero diverso, & as mesmas oraçoẽs o seu, ambos certos, & determinados: assim como declarey os Mysterios das oraçoẽs, & os Mysterios das meditaçoẽs, assim hey de declarar hoje os Mysterios dos numeros. Atègora vimos o Rosario sem Contas, agora veremos propriamente as Contas do Rosario. De quam mysteriosas sejaõ estas contas, & estes numeros, & de quanta conta faça Deos dos grandes Mysterios, que nelles se encerraõ, a maior, & mais encarecida prova, que pôde haver, he, a que nos dá o Evangelho nas palavras, que propuz.

313 *Ioram autem genuit Oziam:* Joram gerou a Ozías. Matth. 1. 8.
Esta breve proposiçaõ de S. Mattheos contém huã das maiores difficuldades de toda a Escritura Sagrada. Entre Joram, & Ozías, como consta do Primeiro, & Segundo 1. Paralip. 3. 11.
Livro do Paralipoménon, houve outros tres Reys: porque Joram gerou a Ochozías: 2. Paralip. 22.
Ochozías gerou a Joáz: Joáz & seqq.
gerou

gerou a Amazías: & finalmente Amazias gerou a Ozías. Pois se entre Joram, & Ozias houve tres geraçoẽs, & tres Reys: & Joram naõ foi pay, senaõ terceiro avó de Ozías; porq́ passa S. Mattheos em silencio estes tres Reys, & estas tres geraçoẽs, & diz absolutamente, que Joram gerou a Ozías? A duvida naõ está na palavra gerou, nem em chamar o Evangelista pay de Ozías a Joram, sendo tam remoto; porque muito mais remotos eraõ de todos os filhos de Israel, Abraham, & Sára, & comtudo delles diz Isaias, que Abra-
Isai.51. 2. ham, & Sára os gerou: *Attẽdite ad Abraham patrem vestrum, & ad Saram, quæ peperit vos.* No nosso mesmo Evangelho temos outro exẽplo mais adequado. Diz o Evangelista, que David gerou a Salamaõ, & Salamaõ gerou a Roboam, & Roboam gerou a Abías, & Abías gerou a Asa. E mediando entre Asa, & David outras tres geraçoẽs, & outros tres Reys; no terceiro Livro dos mesmos Reys diz a Sagrada Escritura, que David foi pay de Asa: *Fecit Asa rectum ante* 3. Reg. 15. 11.
conspectum Domini, sicut David pater ejus. Assim, que naõ está o ponto da difficuldade em dizer S. Mattheos, que Joram gerou a Ozías. Tambem naõ está a duvida na justiça, que o mesmo Evangelista teve para riscar do seu Evangelho, & do Cathalogo da geraçaõ de Christo a estes tres Reys, mais que a outros; porque Joram se tinha cazado com Athalía irmaã d'El- 3. Reg. 21. 22. & seqq.
Rey Achab, cuja posterida-de, & da impia Jezabel, tinha Deos jurado de tirar, & apagar do mundo: & a posteridade nos Livros de Deos se estende, & cõputa atè a quarta geraçaõ, como consta do Capitulo Vinte do Exodo, & Exod. 20. 5.
do Capitulo Decimo do 4. Reg. 10. 30.
Quarto Livro dos Reys. Pois em que está, & consiste esta grande difficuldade? Está, em que sendo S. Mattheos Historiador, & Historiador Sagrado, & mais em materia genealogica, & de hũa tal geraçaõ como a de Christo, parece, que a devia continuar, & proseguir inteira, & rigorosamente segundo a successaõ de todos os Primogenitores, quaes-

quaesquer q̃ fossem,& muito mais sendo Reys, sem excluir a nenhum. Qual foi logo a razaõ, que teve S. Mattheos para diminuir este numero dos Ascendentes de Christo, & naõ na primeira, nem na terceira parte do seu Cathalogo, senaõ na segunda?

314 S. Jeronimo, Santo Hilario, Santo Thomás, os insignes Commẽtadores, Jansenio, Salmeiraõ, Abulense, & commumente os demais, tirando a razaõ literal das mesmas palavras do Texto, dizem, que excluio S. Mattheos do seu Cathalogo, & nomeadamente da segunda parte delle, estes tres Ascendentes; porque o seu intento era repartir toda a serie da geraçaõ de Christo em tres Terços. E porque o primeiro Terço desde Abraham atè David constava de quatorze Primogenitores: & o terceiro Terço desde a Transmigraçaõ de Babylonia atè Christo, de outros quatorze: & pelo contrario o segundo Terço desde David atè a Transmigraçaõ de Babylonia tinha dezasete; para que tambem este constasse de quatorze, excluio os tres Reys, que mediáraõ entre Joram, & Ozías. As palavras de S. Mattheos saõ estas: *Omnes itaque generationes, ab Abraham usque ad David, generationes quatuordecim: & à David usque ad transmigrationem Babylonis, generationes quatuordecim: & à transmigratione Babylonis usque ad Christum, generationes quatuordecim.* Matth. 1.17. Isto he o que diz expressamente o Texto de S. Mattheos, & esta a razaõ, que delle tiraõ todos os Interpretes: a qual porèm antes aperta, do que solta a difficuldade. Pergunto: E he boa razaõ dizerse, q̃ hum Historiador, & Historiador Sagrado, para repartir a geraçaõ, & ascendencia de Christo em tres Terços iguaes, porque em hum sobejaõ tres Ascendentes, os tire, & exclua della? Se a penna de S. Mattheos naõ fora governada pelo Espirito Santo, dura razaõ seria esta: mas governou-a assim o Espirito Sãto, porque attendéo mais ao mysterio dos numeros, que ao numero das geraçoẽs. Na geraçaõ de Melchisedech calleu

lou o mesmo Espirito Santo na penna de S. Paulo toda a sua genealogía, & disse, q̃ naõ tinha pay, nem mãy: *Melchisedech sine patre, sine matre, sine genealogia.* E porque? Porque Melchisedech era figura de Christo, o qual assim como no Ceo naõ teve Mãy, assim na terra naõ teve Pay. Que muito logo, que S. Mattheos na genealogía do mesmo Christo attendesse mais aos Mysterios do numero, q̃ ao numero dos Ascendentes? O numero natural dos Ascendentes constava da historia do Testamento Velho: o numero mysterioso, & o mysterio do mesmo numero, segundo a conta, & exclusaõ divina, sò podia constar do Testamento Novo. E isto he o que fez o Evangelista.

Hebr. 7. 3.

August. lib. 2. de Doctrin. Christiana.

315 Santo Agustinho, como tam grande Mestre, no Livro segundo de Doctrina Christiana, ensina, que multos mysterios, que estaõ encerrados na Sagrada Escritura, se naõ entendem por ignorancia do que significaõ os numeros: *Numerorum imperitia multa facit non intelligi translatè, & mysticè posita in Scripturis.* E depois de propor, & ponderar hum bom exemplo, acrescenta o mesmo Santo, que este, & semelhantes nôs, sò com a sciencia dos numeros se podẽ desatar: *Cujus actionis figuratus quidam nodus, nisi hujus numeri cognitione, & consideratione non solvitur.* Tanto importa saber, & especular os mysterios dos numeros nas contas de Deos. E isto he o q̃ nós faremos hoje. O nô, que propuzemos, do Evangelho, he tam apertado, como vimos; mas com o conhecimento dos mysterios dos numeros o soltaremos primeiro nas contas do mesmo Evangelho, & depois nas do Rosario. Sendo pois a materia tam mysteriosa, tam alta, & tam secreta, recorramos à Soberana Inventora do mesmo Rosario, para que assistidos de sua Graça acertemos a dar boa conta dos numeros, & mysterios destas Contas: *Ave Maria, &c.*

II.

316 NAõ he facil dar boa conta, nem ainda

aìnda contar o que naõ tem
conto. A Abraham, primei-
ro trõco desta mesma genea-
logía, disse Deos, fallando
Genes. della: *Numera stellas, si potes:*
15. 5. conta as Estrellas, se podes.
Se podes, disse; porque nem
Abraham, nem algum outro
homem as pôde contar. Os
Astrologos com Ptolomeo
chegárão a contar mil &
vinte duas Estrellas; mas as
que elles naõ contaõ, saõ em
tanto numero, que sò Deos
as conta, & conhece. Assim o
cantou David como excei-
çaõ propria da Sabedoria Di-
Psalm. vina: *Qui numerat multitu-*
146. 4. *dinem stellarum: & omnibus*
eis nomina vocat. E logo acres-
Ibidem centa: *Magnus Dominus nos-*
5. *ter, & magna virtus ejus: &*
sapientiæ ejus non est numerus:
porque sò quem tem sabedo-
ria sem numero pôde contar
o numero das Estrellas. O
mesmo digo do numero dos
mysterios, que a materia do
Rosario encerra em sy, ver-
dadeiramente innumeravel.
S. Joaõ vio a Senhora coroa-
da de Estrellas, & cõtou, que
Apoc. eraõ doze: *Et in capite ejus*
12. 1. *corona stellarum duodecim.*
Podeas contar, porque eraõ
as que sobre a cabeça da Vir-
gem se mostravaõ por fòra;
mas se vira as que a coroaõ
por dentro nas idéas do seu
Rosario, naõ lhe havia de a-
char numero. As Estrellas, q̃
daõ materia à Coroa do Ro-
sario, saõ os Mysterios de
Christo, & sua Mãy: & nin-
guem pôde duvidar serem in-
numeraveis, pois Jesu, & Ma-
ria, saõ a principal descendẽ-
cia de Abraham, da qual dis-
se Deos, quando lhe mostrou
as Estrellas: *Sic erit semen* Genes.
tuum. 15. 5.

317 Sendo pois innu-
meravel o numero das Es-
trellas, que na Coroa do Ro-
sario com hum circulo infi-
nito se comprehendem: porq̃
razaõ as reduzio a Senhora,
assim vocal, como mental-
mente, ao numero certo, &
determinado, com que as cõ-
tamos nas nossas Contas? Por
duas razoẽs. A primeira, pa-
ra que reduzidas, & determi-
nadas a certos numeros, as
podesse comprehender a cur-
ta capacidade do nosso entẽ-
dimento. A segunda, & pro-
pria do meu Assumpto, para
que conhecidos os mysterios
dos mesmos numeros, entẽ-
dessemos

deſſemos quam neceſſaria, & importante he a todos, os que fomos criados para o Ceo, a devaçaõ do Roſario. Vamos ao Evangelho, & nos myſterios dos ſeus numeros veremos, como todos em commum nos enſinaõ eſta meſma verdade.

318 O numero das geraçoẽs, que ſe contém neſte Evangelho, poriſſo chamado *Liber generationis Ieſu Chriſti*, como jà notou, & põderou S. Mattheos, foraõ tres vezes quatorze. Teve eſta deſcendencia, como todas as couſas humanas, o ſeu augmento, o ſeu eſtado, & a ſua declinaçaõ. O augmento foi, de Abraham atè David antes de o Povo de Iſrael ſer Reyno: o eſtado, ſendo jà Reyno, foi deſde David atè a Tranſmigraçaõ de Babylonia: a declinaçaõ, depois que deixou de ſer Reyno, foi, deſde a Tranſmigraçaõ de Babylonia atè Chriſto. E he couſa verdadeiramente admiravel, & myſterioſa, que no augmento foſſem quatorze as geraçoẽs, no eſtado, quatorze, & na declinaçaõ tambem quatorze. Mas com que myſterio, ou myſterios? Agora o veremos.

Matth. 1.1.

319 Eſtes quatorze, ou ſe podem conſiderar partidos, ou inteiros, ou multiplicados: & em qualquer cõſideraçaõ ſignifica o meſmo numero a noſſa Bemaventurança por meyo de Chriſto. Tres vezes quatorze partidos fazem ſeis vezes ſete. E o numero de ſeis, & de ſete, que ſignifica? O de ſeis, diz S. Jeronimo, ſignifica os trabalhos deſta vida, porque em ſeis dias fabricou Deos o mũdo: o de ſete, ſignifica o deſcanço da outra; porque ao ſeptimo dia deſcançou Deos: *Requievit die ſeptimo. Ita ab initio mundi diebus conditis* (diz o Santo) *ut omnes labores, & moleſtiæ ſeptimo numero conquieſcant.* De maneira, que Chriſto, Senhor noſſo, como Deos que era antes de ſer Homem, ordenou, que a ſua geraçaõ temporal ſe repartiſſe por eſtes intervallos, de ſeis, & de ſete, atè chegar ao meſmo Chriſto; porque elle, & a ſua Ley, he ſò aquella, em que ſe acha o deſcanço de todos os trabalhos: *Venite ad me omnes, qui laboratis, & inve-*

Geneſ. 2. 2. D. Hieron. lib. 2. in Amos.

Matth. 11. 28. 29.

invenietis requiem animabus vestris. Nem obsta, serem os dias do trabalho seis, & o do descanço, hum sò; porque os dias do trabalho saõ dias do tempo, que duraõ poucas horas, & o dia do descanço he o dia da Eternidade, que assim como naõ tem noite, naõ ha de ter fim. Este he o felicissimo sete, em que se desataõ os quatorze partidos.

320 Tomados porèm inteiros, como os tomou, ou somou o Evangelista, tambẽ descobrem por outro modo, naõ outro, senaõ o mesmo mysterio. O numero quatorzeno he critico, & nas enfermidades agudas o mais perigoso, em que para bem, ou para mal, faz termo. Assim succedéo ao corpo da Republica Hebréa nos tres estados do seu governo, primeiro governada por Juizes, depois por Reys, & ultimamente por Sacerdotes. No primeiro quatorzeno, que se terminou em David, ficou a Republica coroada, mas enferma: no segundo quatorzeno, que se terminou na Transmigraçaõ de Babylonia, ficou cativa, mas naõ de todo morta: porèm no terceiro quatorzeno, que se terminou em Jesu, que quer dizer Salvador; entaõ conseguio a mesma Republica como cativa a perfeita liberdade, & como enferma a inteira saude, que he a da salvaçaõ. *Ergo congruè ad naturam hominis, decima quarta quaque generatione una Republica ægrotante, ac deficiente, optima per Christum subrogata est, quæ triplicis præcedentis defectus, & infirmitates sanaret:* diz, depois de Maldonado, Cornelio. *Maldonat. & Cornel. ibi.*

321 E se esta foi a significaçaõ do numero quatorze, ou partido, ou inteiro, naõ he menos mysteriosa, nem cõ differẽte mysterio, a do mesmo numero multiplicado. Multiplicado tres vezes o numero de quatorze geraçoẽs, faz quarenta & duas. E que nos quer significar o Evangelho, em q̃ viesse Christo ao mundo por quarenta & duas geraçoẽs, como por outros tantos degráos? Origenes, a quem segue S. Jeronimo, declarou o mysterio cõ grande propriedade: *Intuere mysterij rationem. Constat numerus descensionis Christi per* *Origen. Homil. 27 sup. Numer.*

Hieronym. Epistol. ad Fabiolam de 42. mãsion. *quadraginta duos Patres secũdùm carnem, veluti per quadraginta duas mansiones descendentis usque ad nos: & per totidem mansiones ascensus filiorum Israel usque ad hæreditatis promissæ principium.* Quando os filhos de Israel partiraõ do Egypto, fizeraõ quarẽta & duas jornadas atè a Terra de Promissaõ. E he muito de notar, que assim a Terra de Promissaõ, como a geraçaõ de Christo, huã, & outra foraõ prometridas por Deos ao mesmo Abraham. Pois assim como os filhos de Israel chegáraõ à Terra de Promissaõ com quarenta & duas jornadas; assim Christo veyo ao mundo cerrandose nelle quarenta & duas geraçoẽs: para que entendessemos na dilaçaõ de hum, & outro caminho, & na proporçaõ de hum, & outro numero, que sò por meyo de Christo podiamos chegar à verdadeira Terra de Promissaõ, que he a Patria do Ceo.

322 Bem sey, que S. Lucas descrevendo a mesma genealogía (a qual naõ deduz de Abraham atè Christo, senaõ de Christo atè Adam, & atè Deos) variou este numero, & naõ poem quarenta & duas geraçoẽs, senaõ setẽta & sete. Mas esta variedade de numero naõ muda, nem encõtra o mysterio, antes o cõfirma, & declara mais. A razaõ he, porque o numero setenta & sete, como notáraõ S. Cypriano, & S. Gregorio, significa o perdaõ universal dos peccados, sem o qual se naõ pôde ir ao Ceo. Fundase esta significaçaõ na reposta de Christo a S. Pedro, quando lhe perguntou, se perdoaria os peccados atè sete vezes: & o Senhor lhe respondéo, que naõ sò sete, senaõ setenta vezes sete: *Non dico tibi usque septies: sed usque septuagies septies.* E pois estamos em Sermaõ de contas, & numeros, se alguem me perguntar curiosamẽte, que proporçaõ tem o numero setenta & sete com os peccados, & perdaõ universal delles; Santo Agustinho a descobrio sutilissimamente. O peccado he trãsgressaõ da Ley: a Ley consiste no numero dez, porque os preceitos saõ dez: logo a trãsgressaõ da Ley cõsiste no numero onze, porque o numero

Cyprian. Serm. de Spiritu S. Greg. lib. 32. Moral. cap. 12.

Matth. 18.22.

August. Serm. 15. de v. Domini.

onze he o que passa alèm dos dez. E porque o mesmo numero onze, sete vezes multiplicado faz setenta & sete; porisso Christo significou o perdaõ universal dos peccados com o mesmo numero: *Usque septuagies septies.* Sendo pois certo, que ninguem pòde entrar na Terra de Promissaõ do Ceo sem o perdaõ universal dos peccados, significado no numero da genealogía de S. Lucas; essa he a razaõ, porq no numero da genealogía de S. Mattheos, cõ admiravel correspondencia, se significaõ as jornadas da Terra de Promissaõ, porque sò por meyo de Christo podemos chegar à Patria Bemaventurada. Em summa, que tomado o mesmo numero de tres vezes quatorze, ou partido, ou inteiro, ou multiplicado: partido significa o descanço, inteiro significa a salvaçaõ, multiplicado significa a Patria; & sempre, & de todos os modos, a Gloria, & Bemaventurança do Ceo, para que fomos criados.

III.

323 ISTO he o que nos diz, & significa o Evangelho em commum no mysterio dos seus numeros, tam exactamente contados, & repartidos. Seguese agora ver, como o Rosario nos significa, & promette o mesmo nos Mysterios das suas Contas. E para que seja com maior distinçaõ, & clareza, discorreremos em particular por todos, & cadahum dos numeros, de que ellas se cõpoem. Os numeros das Cõtas do Rosario saõ, hum, tres, sinco, dez, quinze, sincoenta, & cento & sincoenta, em q se resume todo. Reduzindo pois todos estes numeros a tres pontos, ou questoẽs: na primeira veremos, porque he o Rosario hum, & se divide em tres partes, ou em tres Terços? Na segunda, porque saõ os Mysterios quinze, & os Padre-nossos quinze, & se repartem de sinco em sinco? Na terceira, porque saõ cento & sincoẽta as Ave-Marias, & se dividem em tres vezes sincoenta, & cada sincoenta

de dez em dez? Esta he toda a fabrica, & artificio do Rosario, que todos meditaõ, todos rézaõ, & todos trazem nas maõs, & nem todos a entendem. Mas agora com nova Graça da mesma Senhora, que assim repartio estas Contas, as entenderáõ todos.

IIII.

324 O Primeiro ponto, ou questaõ, era: Porque sendo o Rosario hũ, se divide em tres partes, ou, como vulgarmente dizemos, em tres Terços? Respondo, que consistindo a Bemaventurança do Ceo na visaõ, ou vista clara de Deos, o qual he Hum em Essencia, & Trino em Pessoas; para que o meyo fosse proporcionado ao fim, pedia a conveniencia, & a razaõ, que o Rosario, o qual nos encaminha, & leva à mesma vista de Deos, fosse tambem Hum, & Trino. Huã das cousas mais notaveis na Escritura Sagrada, como bẽ advertio S. Joaõ Chrysostomo com outros Padres, he, que em todo o Pentateucho, em que se contém a Ley Escrita, se naõ prometta o Ceo aos q̃ a guardarem. Premios temporaes, como abundancia de frutos, riquezas, larga vida, propagaçaõ, & posteridade de filhos, & netos, vitoria contra os inimigos, & outros deste genero, sim; mas todos da terra. Pois se Deos promette tantos bens temporaes, & da terra, aos observadores daquella Ley, porque lhe naõ promettéo tambẽ os do Ceo, & eternos? A primeira razaõ, & geral, foi, porque aquella Ley, ainda q̃ dada por Deos, naõ tinha virtude para levar os homẽs ao Ceo, & porisso os bons, & melhores della, hiaõ todos ao Limbo. Assim o ensina S. Paulo, & com elle todos os Theologos. Mas a segunda razaõ, & mais alta, he, porque na mesma Ley sò estava promulgada a Fé da Unidade de Deos, como cõsta do mesmo Pentateucho no Capitulo sexto do Deuteronomio: *Audi Israel: Dominus Deus noster, Dominus unus est: Diliges Dominum Deum tuũ ex toto corde tuo: &c.* Deuter. 6.4.5. E porq̃ a abertura das portas do Ceo estava reservada para a Fé da Santissima Trindade, naõ era justo,

justo, que o Ceo se promettesse, senaõ na Ley da Graça, na qual desde o Bautismo, ainda antes de poder fallar, professamos, que Deos naõ sò he Hum, mas Hum, & Trino.

325 Daqui se entenderá huã grande differença, cõ que o Ceo se mostrou antigamente a Jacob, & depois a S. Joaõ no seu Apocalypse. Jacob vio em sonhos aquella escada, que chegava da terra ao Ceo, mas ainda que vio a escada, naõ vio a porta. He verdade, que depois, acordãdo, disse: *Non est hic aliud, nisi domus Dei, & porta cæli*: (Genes. 28.17.) arguindo por discurso, que onde estava a escada, alli devia de estar a porta: porèm a porta naõ se lhe mostrou na visaõ, da qual sòmente diz o Texto: *Vidit scalam stantem super terram, & cacumen illius tangens cælum.* (Ibidem 12.) Pelo contrario à S. Joaõ mostroulhe Deos tambem o Ceo, mas todo aberto em portas: *Ab Oriente, portæ tres: & ab Aquilone, portæ tres: & ab Austro, portæ tres: & ab Occasu, portæ tres:* (Apocal. 21. 13.) para o Oriente tres portas, para o Occidente tres portas, para o Setentriaõ tres portas, para o Meyodia tres portas. Pois se à Jacob quando se lhe mostra o Ceo, naõ se lhe mostra nẽ huã sò porta: a S. Joaõ porque se lhe mostra com tãtas portas, naõ sò para huã parte do mundo, senaõ para todas? Porque Jacob era do tempo, em que geralmente sò se conhecia a Unidade de Deos; & no tempo de S. Joaõ jà se cria em todo o mundo, naõ sò a Unidade, senaõ tambem a Trindade: & porque naquelle tẽpo estava o Ceo fechado, & neste tempo está aberto a todos; porisso no tempo, em q̃ Deos sò se conhecia como Hum, nem huã sò porta do Ceo se mostrou a Jacob, & no tempo, em que se conhece como Hum, & Trino, se mostra a S. Joaõ com tantas portas. No numero das mesmas portas está declarado o mysterio. Tres portas para o Oriente, tres para o Occidente, tres para o Setentriaõ, tres para o Meyodia, & sempre tres, & sòmente tres para todas as partes, donde se descobre o Ceo: porque? Porq̃ no numero de tres estava sig-

nificado o Myſterio da Trindade, ſem o qual ſe naõ entra no Ceo. *Ideo tres portæ: nam in fide Trinitatis recipiũtur electi ad Gloriam cælestem*: diz Lyrano. O meſmo diz, & com maior expreſſaõ, S. Bernardo; mas Eu quiz citar antes a Lyrano, cujo teſtimunho, como intereſſado por naſcimẽto, & por Fé, em huã, & outra Ley, he mais ſem ſuſpeita.

Lyran. ibi. Bernard. tom. 1. Serm. 61. cap. 1.

326 Mas tornemos a Jacob, para mais apertar a ponderaçaõ. Baſta, Senhor, q̃ moſtrais a Jacob a eſcada do Ceo, & naõ lhe moſtrais a porta? Moſtraislhe a eſcada, & naõ lhe mandais que ſuba? Moſtraislhe a eſcada, & naõ lhe moſtrais nella hum homem, ſenaõ ſòmente Anjos: *Angelos aſcendentes, & deſcẽdentes*? Mais ainda. O que Deos promettéo naquella occaſiaõ a Jacob, foi, que lhe daria toda aquella terra, em que dormia, que era a terra de Canaan: *Terram, in qua dormis, tibi dabo, & ſemini tuo.* E como diz eſta promeſſa com a viſaõ? Na viſaõ moſtralhe Deos o Ceo, & na promeſſa dálhe a terra? Sim. Porque emquanto Deos era conhecido ſò como Hum, & naõ como Trino, ſò podia dar os bens da terra, & naõ os do Ceo, ainda que os homẽs foſſem tam ſantos como Jacob. Poriſſo na eſcada ſò apparecéraõ Anjos, & no Ceo naõ apparecia porta, porque ſò no Myſterio da Trindade ſe abriraõ as portas do Ceo aos homẽs. No Evangelho temos manifeſto todo o myſterio, & com todas ſuas circunſtancias. Se algum hora ſe manifeſtou a Santiſſima Trindade, naõ ſò à Fé, ſenaõ ainda aos ſentidos, foi no Bautiſmo de Chriſto, em que ſe ouvio a voz do Padre, & ſe vio o Eſpirito Santo em figura de Pomba. Deſorte, que na Voz ſe manifeſtou o Padre, em Chriſto o Filho, & na Pomba o Eſpirito Santo. E que ſuccedéo entaõ? *Aperti ſunt cæli*: Abriraõſe os Ceos. Porque ainda que ſò Deos póde abrir as portas do Ceo, naõ as abre conhecido ſò como Hum, ſenaõ como Trino.

Geneſ. 28. 12.

Ibidem 13.

Matth. 3. 16.

COM

V.

327 COM grande razaõ logo, & com grande proporçaõ o Rosario, sendo hum, se divide em tres partes, ou em tres Terços, para que na Unidade, & Trindade destes mesmos numeros, nos signifique, & declare o mysterio, com que elle meditando a Christo, ou Christo meditado nelle, naõ doutro modo, mas como Hũ, & Trino, nos abre as portas do Ceo. Christo, Senhor nosso, quando para nos levar ao Ceo descéo à terra, naõ sò nos ensinou o altissimo Mysterio da Unidade, & Trindade Divina, mas o trouxe, & representou em sy mesmo, como excellentemente notou S. Bernardo por estas palavras: *Sicut in illa singulari Divinitate Trinitas est in Personis, Unitas in substantia; sic in ista speciali commixtione Trinitas est in substantia, & in Persona Unitas.* Assim como em Deos ha Unidade na sustancia, & Trindade nas Pessoas, assim em Christo ha Unidade na Pessoa, & Trindade nas sustancias. E de que modo? *Verbum enim, anima, & caro, in unam convenére Personam.* Porque no composto ineffavel de Christo, a Divindade, a Alma, & o Corpo, que saõ as partes, de que se compoem, saõ tres sustancias diversas, & a Pessoa, em que todas subsistem, & estaõ suppositadas, que he a Pessoa do Verbo, he huã sò, & a mesma. E desta maneira o mesmo Christo sendo Hum, he Trino, & sendo Trino, he Hum: *Et hæc Tria Unum, & hoc Unum Tria.* Esta segũda Trindade pois (conclue o Santo) foi a obra mais admiravel de Deos, & a mais singular, naõ sò entre todas as suas obras, senaõ sobre todas: *Summa illa Trinitas hanc nobis exhibuit Trinitatem, opus mirabile, opus singulare inter omnia, & super omnia opera sua.*

Bernard. Serm. 3. de Vigilia Nativit.

328 Mas sendo tam admiravel esta segunda Trindade, que Deos fez na Encarnaçaõ do Verbo, ainda he mais admiravel a terceira Trindade, q̃ a Mãy do mesmo Deos fez no seu Rosario. E porque? Porque repartin-

do o mesmo Rosario em tres Terços, & ao mesmo Christo, de quem elle se cõpoem, em tres estados; hum da Vida,& Mysterios Gozosos,outro da Morte, & Mysterios Dolorosos,& o terceiro, da Resurreiçaõ, & Mysterios Gloriosos; muito melhor representa o mesmo Christo a Trindade de Deos nesta nova composiçaõ do Rosario, que nas tres sustancias diversas, de que he composto. A razaõ,& differença he manifesta. Porque a perfeiçaõ da Trindade Divina consiste,em que sendo Hum sò Deos, & tres Pessoas, todo Deos está na Pessoa do Padre, todo Deos na do Filho, & todo Deos na do Espirito Santo: o que se naõ acha nas tres sustancias, ou partes, de q̃ Christo he composto. Porque ainda que na Divindade, na Alma, & no Corpo, tomadas juntamente todas estas tres partes, está todo Christo; em cadahuã dellas naõ está todo. No Corpo naõ está todo Christo, na Alma naõ está todo Christo, nem na mesma Divindade todo Christo. Porèm nas partes, de que se compoem o Rosario, ou juntas, ou divididas, em todas,& em cadahuã dellas está todo. Todo Christo nos Mysterios Gozosos, todo Christo nos Dolorosos,& todo Christo nos Gloriosos, assim como todo Deos no Padre, todo no Filho, & todo no Espirito Santo. Finalmente, assim como Christo no Rosario he Hum, & Trino em sy mesmo, assim he Hum, & Trino no mesmo Rosario, emquanto porta, & portas, por onde entramos à Bemaventurança do Ceo.

329 Christo, Senhor nosso, diz, que elle he a porta pela qual todos os que entraõ, se salvaõ,& ninguem se póde salvar, senaõ entrando por ella: *Ego sum ostium. Per me si quis introierit, salvabitur.* Ioan. 10.9. E porque o mesmo Senhor diz, que a porta do Ceo he estreita, a Senhora a abrio,& divi- Matth. 7. 14. dio no seu Rosario em tres portas, como as que vio S. Joaõ no Ceo; huã de gosto nos primeiros Mysterios, outra de compaixaõ nos segũdos, & a terceira de gloria nos ultimos: para que todos (cõforme saõ diversos os af-

fectos

fectos dos homẽs) entrem sem horror por ellas. Por estas portas suspirava David,
Psalm. 117.19. quando dizia: *Aperite mihi portas justitiæ, ingressus in eas confitebor Domino*: Abrime as portas da justiça, para que entrando por ellas, louve eternamente a Deos. E q̃ portas saõ estas? O mesmo Profeta o declara logo:
Ibidem 20. *Hæc porta Domini, justi intrabunt in eam:* Estas portas saõ huã sò porta, pela qual entraõ os justos, que he Christo, de quẽ vay fallãdo. Pois se saõ muitas portas: *Aperite mihi portas:* como saõ huã sò porta: *Hæc porta Domini?* Porque o mesmo Christo he huã porta, & he muitas portas, as quaes se chamaõ *Portas justitiæ*, portas da justiça; porque toda a justiça, que tem os justos para entrar no Ceo, he fundada nos merecimentos de Christo: *Hæc porta Domini, justi intrabunt in eam.* Ouçamos ao Abbade Ansberto:
Ansbert. ibi. *Cùm prius plurali numero portas sibi aperiri postulat, deinde numero singulari unam portam se vidisse testatur; quia quisquis per illas ingreditur, per unam, quæ principalis, & singularis est omnium, imò quæ in omnibus una, & singularis est, ingreditur.* Notay, & pezay bem estas ultimas palavras: *In omnibus una, & singularis.* Porque ainda que as portas do Ceo para qualquer parte do mundo, como as vio S. Joaõ, sejaõ tres; em todas essas tres portas naõ ha mais que huã porta, que he Christo: *In omnibus una, & singularis.* Assim tambem no Rosario. Dividido Christo em tres partes, & em tres portas, mas em todas tres hum sò Christo: Hum, & Trino em sy mesmo, & Hum, & Trino emquanto porta do Ceo. E assim como Christo he Hũ, & Trino no Rosario, assim o Rosario he Hum, & Trino em Christo: & porisso, sendo Hum, dividido em tres partes, & em tres Terços.

VI.

330 O Segundo ponto, ou questaõ, era: Porq̃ os Mysterios, que meditamos, & os Padre-nossos, que rezamos no Rosario, saõ determinadamente quinze, & esses quinze tambem dividi-

dos

dos de ſinco em ſinco? Reſpondo, que o myſterio, & ſignificaçaõ deſte numero quinze, aſſim inteiro, como dividido, he o meſmo que promettemos, & imos ſeguindo; porque tambem neſte numero nos promette Deos, & a Soberana Autora do Roſario a Bemaventurança do Ceo. No Capitulo onze do Eccleſiaſtés diz aſſim Salamaõ profundamẽte: *Da partem ſeptem, nec non & octo: quia ignoras quid futurum ſit mali ſuper terram.* Homem, que naõ ſabes os males, que de futuro eſtaõ aparelhados a ti, & ao mundo, dá a Deos os ſete, & mais os oito. Enigma temos, & naõ facil. S. Jeronimo, Santo Aguſtinho, & os mais Padres, commumente dizem, que eſtes ſete, & oito, ſe haõ de tomar juntos, com que fazem o numero de quinze. E naõ era neceſſaria tanta ſciencia como a ſua: menos arithmetica baſtava para eſta ſoma. Mas que proporçaõ, ou que virtude tem o ſete, & o oito, ou o numero quinze compoſto deſtas duas partes, para livrar ao homẽ dos males futuros, & o levar aos bens eternos, que he o fim, que aqui ſe promette, como bem declara S. Gregorio: *Ut per hæc ad bona æterna veniamus?* As expoſiçoẽs deſte Texto ſaõ quaſi tantas, como os Autores. Mas calculada a proporçaõ do numero quinze com a Bemaventurança do Ceo, que nelle ſe promette, & naõ declarando o Texto, que quinze ha de ſer eſte, ou que couſas ſejaõ, as que havemos de dar, ou offerecer a Deos dentro no meſmo numero de quinze: Eu digo, que ſaõ os quinze Myſterios do Roſario. A razaõ, que tenho para aſſim o dizer, creyo, que he bem fũdada. Porque ſe em cadahum deſtes quinze Myſterios nos mereceó Chriſto, Senhor noſſo, naõ ſò huã, ſenaõ infinitas vezes a meſma Bemaventurança: que muito he, que a prometta huã vez aos que quinze vezes cadadia lhos agradecem com a memoria, & lhos offerecem com a oraçaõ?

Eccleſ. 11. 2. — *Hieron. Auguſt.* — *D. Greg. Homil. 6. in Ezech.*

331 David querendo agradecer, & pagar a Deos a gloria, que lhe tinha preparada no Ceo, naõ achou outro

tro preço proporcionado, & equivalente, senaõ offerecer a Deos na oraçaõ o mesmo Sangue, com que elle no la comprou: *Quid retribuam Domino, pro omnibus quæ retribuit mihi? Calicem salutaris accipiam: & nomen Domini invocabo.* Notay o *Retribuit*, & o *Quid retribuam.* Desorte, que neste caso havia duas retribuiçoẽs: huã da parte de Deos, com que Deos havia de premiar a David, & outra da parte de David, com que David havia de pagar a Deos. E naõ achou David, allumiado pelo mesmo Deos, outro preço mais proporcionado, & equivalente em paga da gloria, que certamente havia de receber (que porisso diz *Retribuit*, como se jà a tivera recebido:) naõ achou, digo, outro preço mais proporcionado, que offerecer a Deos na oraçaõ o mesmo Sangue, com que Deos tinha comprado a mesma gloria, que lhe havia de dar. *Calicem salutaris accipiam*: Eisahi o preço do mesmo Sangue. *Et nomen Domini invocabo*: Eisahi o offerecimento delle na oraçaõ. Lançay agora o discurso por quãtas cousas se podem imaginar, & vede, se ha na terra, nem no Ceo, alguã, que se possa dar, ou offerecer a Deos, mais proporcionada à Bemaventurança, que nos promette pelo que lhe dermos em numero de quinze, senaõ os quinze Mysterios do Rosario? Tudo o demais, que dermos, ou offerecermos a Deos pela Bemaventurança, he infinitamente menos q̃ o preço, porque elle o comprou. Logo os quinze, a que promette a mesma Bemavẽturança, naõ podem ser outros; senaõ os quinze Mysterios de sua Vida, de sua Morte, & de sua Resurreiçaõ, que no Rosario lhe offerecemos: *Da partem septem, nec non & octo; quia ignoras quid futurũ sit.* Todos ignoramos o que ha de ser de nós: todos ignoramos este grande, & incerto futuro, se havemos de ser Bemaventurados, ou naõ: pois para segurar esta tam importante incerteza, demos outra vez a Deos o que elle nos deu, & offereçamoslhe no Rosario os quinze Mysterios de nossa mesma Redempçaõ: *Da partem septem, nec non & octo.*

Psalm. 115. 12. 13.

VII.

332 MAS com razaõ perguntará alguem, & todos: Se nestas duas partes de sete, & oito, se cõtém o numero de quinze: porque naõ diz Salamaõ, que démos a Deos os quinze, senaõ os sete, & os oito? Aqui vereis, quam admiraveis saõ os Mysterios dos numeros, & quam grande proporçaõ tem os sete, & os oito, & sò os sete, & os oito, com a Bemavẽturáça. Salamaõ no seu tempo fallava cõ os da Ley Antiga, os quaes entaõ naõ podiaõ ir ao Ceo, senaõ depois da Redempçaõ, que pertencia à Ley da Graça. Elles dedicavaõ a Deos o dia septìmo, que era o Sabbado; nós dedicamos a Deos o dia oitavo, que he o Domingo, em q̃ Christo resuscitou glorioso: & porque naõ bastava sò aquelle sete, senaõ junto com este oito, para se conseguir a Gloria; porisso Salamaõ exhorta aos seus, & a todos, que naõ sò dem a Deos o sete, senaõ tambem o oito: *Da partem septem, nec non & octo.* Excellentemente S. Jeronimo argumentando contra os Judéos, & contra os Herejes Marcionistas, & Manichéos: *Iudæi dederunt partem septem credentes Sabbathum, sed non dederunt octo, suscipientes Evangelium, resurrectionẽ diei Dominicæ denegantes. E contrario Hæretici, Marcion, & Manichæus, dederunt partem octo suscipientes Evangelium, sed eamdem septenario numero non tribuunt, Legem Veterem respuentes.* Os Judéos daõ a Deos o sete, porq̃ observaõ o Sabbado, mas naõ daõ a Deos o oito, porq̃ negaõ o Evãgelho, & naõ crẽ a Resurreiçaõ de Christo, que foi ao dia oitavo. Os Herejes Marcionistas, & Manichéos, daõ a Deos o oito, porq crem o Evangelho, & a Resurreiçaõ de Christo, & naõ daõ a Deos o sete, porque negaõ o Testamento Velho: & assim huns, como os outros, todos se condenaõ, porque naõ ha salvaçaõ, nem nos sete sò, sem os oito, nem nos oito sò, sem os sete, senaõ nos sete, & nos oito juntos, com que se inteira o numero de quinze, como de suas partes: *Da partem* *Hieronym. in hunc locum.*

sep-

septem, nec non & octo. Assim conclue o Doutor Maximo, & Eu o provo, & demostro com o effeito. *Sabbathũ*, quer dizer descanço, & isto sò cõseguiaõ os da Ley Velha, por Santos que fossem, que porisso hiaõ descançar ao Seyo de Abraham. Porèm esses mesmos naõ conseguíraõ a Bemaventurãça, senaõ depois que ajuntandose o oito ao sete, se aperfeiçoou o numero de quinze. Esse foi o Mysterio porque Christo morréo, & remio o mundo ao decimo quinto da Lua, celebrandose a Redempçaõ do Egypto ao decimo quarto. E como naquelle dia ao sete se ajuntou o oito, & se cerrou o numero de quinze: logo aos que atè entaõ descançavaõ às escuras, lhes amanhecéo a nova luz, cõ q̃ começáraõ a ser Bemaventurados na Gloria.

333 Sendo pois tam natural a proporçaõ, que tem este sagrado numero de quinze com a Bemaventurança, ordenada a mesma proporçaõ por aquelle Supremo Autor da Natureza, & da Graça, que tudo fez em numero, pezo, & medida: naõ he muito, que junto o mesmo numero aos Mysterios de sua Vida, Morte, & Resurreiçaõ, tenha a virtude, & efficacia de nos fazer Bemaventurados, concorrendo de nossa parte as meditaçoẽs, & oraçoẽs, com que hum por hum os meditamos, & em todos, & cadahum louvamos ao mesmo Senhor. Tudo assim, como Eu o digo, estava jà pintado, & cantado muito antes de haver Rosario, sendo o Pintor Ezechiel, & o Musico David. No Templo de Jerusalem alèm do Atrio, chamado dos Gentios, havia outros dous, em que sò entravaõ os fieis, hum, que se chamava Atrio exterior, outro, Interior. Ao Atrio exterior, diz Ezechiel, que se subia por sete degrâos: *Et septem graduũ erat ascensus ejus*: porèm ao interior, que se seguia depois deste, & ficava mais dentro, & mais asima, diz q os degrâos, porque se subia, eraõ oito: *Et in octo gradibus ascensus ejus.* E porque naõ eraõ, huns, & outros degrâos, sete; ou hũs, & outros, oito? Porq esta differença dos degrâos fazia a proporçaõ do numero, & in-

Ezech. 40.22.

Ibidem 37.

inteirava o myſterio, conformando tudo com o que acabamos de dizer. Demaneira, que os que ſubiaõ pelos ſete degrâos ao Atrio exterior, ficavaõ ainda defòra: porèm os que ſubiaõ tambem pelos oito do Atrio interior, em q̃ ſe cerrava o numero de quinze degrâos, eſtes ſò entravaõ no Templo, & chegavaõ ao Sancta Sanctorum. O Templo ſignificava o Ceo, o Sancta Sanctorum, em que Deos aſſiſtia ſobre azas de Cherubins, ſignificava a Gloria, os quinze degrâos, porque ſe ſubia, ſignificavaõ os quinze Myſterios da Humanidade, & Divindade de Chriſto, & os que ſubiaõ por elles, os que meditaõ no Roſario os meſmos Myſterios. E falta ainda mais alguã propriedade? Sim. Porque os que ſubiaõ por aquelles degrâos, naõ ſubiaõ mudos, ſenaõ cantando, ou rezando em cada degrâo hũ Pſalmo. Eſtes eraõ os quinze Pſalmos, a que David chamou Graduaes; porque em cada degrâo dos quinze ſe rezava hum, aſſim como nós no Roſario a cada Myſterio rezamos hum Padre-noſſo, & huã decada de Ave-Marias. E a ſignificaçaõ de tudo o que naquella famoſa figura ſe via, & ouvia, era, diz S. Jeronimo, que por quinze degrâos, & por quinze oraçoẽs, em que ſe contém os louvores divinos, ſobem os Juſtos ao Ceo, & a Deos, para là o louvarem eternamẽte: *Quindecim ſunt carmina in Pſalterio, & quindecim gradus in Ezechiele, per quos ad canendũ Deo, & in Atrijs ejus conſiſtendum, juſtus aſcendit.* Quem tam claramente deſcrevéo o Roſario, tambem o nomearia, ſe naõ eſcrevéra mil annos antes.

Hieron. in cap. I. Epiſt. ad Galat.

VIII.

334 Finalmente, eſtes quinze Myſterios, ou degrâos, os dividio a Virgem, Senhora noſſa, de ſinco em ſinco (que he a ſegunda parte deſte pŏto:) & aqui, parece, ſe encontra a architectura do Roſario com a do Templo de Ezechiel, em que com tanta propriedade o vimos retratado atègora. Os degrâos, que là eraõ quinze, ſòmente ſe dividiaõ em duas partes:

partes: pois se os mesmos quinze degrâos eraõ figura dos quinze Mysterios do Rosario: porque os divide a Senhora, naõ em duas partes, senaõ em tres: & naõ em partes desiguaes, como là estavaõ repartidos, senaõ todas iguaes, & do mesmo numero, cadahuã de sinco em sinco? Confesso, que quando aqui cheguey, me entristecéo muito esta desproporçaõ, vẽdo, que as contas me sahiaõ tam erradas. Mas a mesma Virgem, que naõ pôde faltar a quem a serve, & mais em causa sua, em cumprimento da verdade, com que
Prov. 8. 12. diz de sy: *Ego eruditis intersum cogitationibus*: me acudio com huã erudiçaõ, naõ nova, mas muito antiga, & me ensinou a grande correspondencia desta sua repartiçaõ de sinco em sinco, a qual Eu na liçaõ de muitos livros naõ tinha alcançado. A erudiçaõ, que digo, he do insigne Commentador dos Psalmos chamado o Incognito, o qual no primeiro dos Graduaes diz assim:
Incognit. *Per quindecim gradus ascendebatur ad Templum, qui gradus erant distincti per quinque ter*: Os degrâos, por onde se subia ao Templo, eraõ quinze, mas esses quinze divididos em tres vezes sinco: *Per quinque ter*. Mais elegantemente se pudéra dizer, mas naõ com maior clareza. Vay por diante o mesmo Autor, & diz, q̃ no fim de cada sinco degrâos havia hum espaço maior; porque alli paravaõ, & se detinhaõ, os que subiaõ, rezãdo a cada sinco Psalmos alguãs outras oraçoẽs, & que isto faziaõ no quinto degrâo, no decimo, & no decimo quinto: *In capite quinque graduum erat maius spatium: & quando erant in quinto gradu, aliqualem moram ibi faciendo, post quintum Psalmum dicebant aliquas orationes, consimiliter in decimo, & in decimo quinto.* E esta erudiçaõ, ou tradiçaõ, he tam certa, & tam antiga, que porisso a Igreja divide os mesmos Psalmos Graduaes em tres partes, cõ pauza, & oraçaõ diversa a cada sinco. Assim que em dividir os quinze Mysterios do Rosario de sinco em sinco, naõ se apartou a Senhora da architectura do Templo, ou

para

para o dizer com maior certeza, naõ se apartou a architectura do Templo do dezenho da mesma Senhora.

335 E a que fim esta repartiçaõ de sinco em sinco? Ao mesmo fim de todos os outros numeros, & Cõtas do Rosario. E he com altissima providencia, para que o pezo da nossa fraqueza, & a guerra, que nos faz o Demonio pelas portas dos sinco sentidos, nos naõ impedissem a subida do Ceo. Pergunta Santo Agustinho, porque razaõ na Parabola das Virgens *Matth. 25.2.* se introduzem sinaladamente sinco prudentes, que entráraõ às vodas, & sinco nescias, que ficáraõ defòra? E responde, que o numero de sinco significa os sinco sentidos, os quaes, ou com a continencia nos levaõ à Gloria, ou com a corrupçaõ nos impedem a subida: *August. in Psal. 49. & Serm. 33. de verbis Domini.* *In quinario numero intelligitur continentia quinque sensuum carnis: ab his quinque januis corruptionis quicumque se continent, sunt quinque Virgines sapientes, &c.* Saõ os sinco sentidos os sinco Talentos, que entregou Deos a nossas Almas pa- *Matth. 25.15.* ra negociarem o Ceo: mas pelo máo uso delles, elles vẽ a ser os maiores inimigos de nossa salvaçaõ. Elles saõ os sinco Reys Amorrhéos, que *Iosue 10.5.* na cõquista da Terra de Promissaõ resistíraõ, & fizeraõ guerra a Josué. Elles saõ os sinco Satrapas dos Filistéos, *Iudic. 3.3.* com que Deos prohibio aos filhos de Israel, que naõ tivessem commercio, & porque o tiveraõ, idolatráraõ. Elles saõ os sinco Adúlteros da Samaritana, *Ioan. 4. 18.* que depois de todos a perderem, todos a desprezáraõ. Elles saõ os sinco Irmaõs do Rico Avarento, *Luc 16. 28.* que, ainda ardendo no Inferno, ou os amava, ou tinha memoria delles. E elles em fim saõ as sinco Juntas de animaes grosseiros, *Luc. 14. 19.* com que o rustico, & descortez Lavrador, se escusou de ir ao Bãquete do Rey. E cõ muita propriedade (como bem notou Salmeiraõ) se chamaõ os sentidos juntas, porque andaõ atados de dous em dous. Dous olhos para a vista, dous ouvidos para ouvir, duas maõs para o tacto, duas entradas para o olfato, & duas, que saõ a boca, & a lingua, para o gosto. *Quinque juga*

Salmer. tom. I. Prologomen. 19. *juga boum sunt quinque sensus, qui omnes geminati sunt.*

336 Repartio pois a Senhora os ~~sinco~~ Mysterios do seu Rosario de sinco em sinco: para que nos Gozosos, se os sentidos se deixassem levar do appetite do gosto, ou nos Dolorosos, se se retirassem pelo temor da pena, ou nos Gloriosos, se os movesse o dezejo da gloria vaã; em todos tivesse a Alma sinco Castellos fortes, com que podesse resistir às suggestoẽs dos mesmos sentidos: ou sinco remedios presentissimos, com que curar as fraquezas, em q̃ tivessem cahido. Se a Alma se vé tentada do Demonio, aquelles sinco Mysterios saõ
1. Reg. 17. 40. as sinco Pedras de David, cõ que derrubou o Gigante. Se se vé enferma, elles saõ os
Ioan. 5. 2. sinco Porticos da Piscina, em que se curou o Paralitico, naõ podendo dizer: *Hominẽ*
Ibid. 7. *non habeo:* porque em todos tem a Deos feito Homem. Se se vé cativa, elles saõ os sin-
Levit. 27. 6. co Siclos, com que os Primogenitos se resgatavaõ no Tẽplo. Se se vé culpada, & de-
Iosue 21. 37. Et alibi. linquente, elles saõ as sinco Cidades de refugio, aonde se acolhiaõ os criminosos, & logravaõ immunidade. Se se vé emendada, mas receosa da recaida, elles saõ as sinco Co- Exod. 26. 37.
lunas do Tabernaculo de materia incorruptivel, & bazes de bronze. Se finalmente pelos erros da vida passada se vé desconfiada de perdaõ, cõ que alcançar a eterna, elles saõ as sinco Palavras, com q̃ Christo disse ao Ladraõ: *Hodie mecum eris in Paradiso.* Luc. 23. 43.

IX.

337 O Terceiro ponto, & ultima duvida, ou questaõ, era: Porque saõ cento & sincoenta as Ave-Marias, que rezamos no Rosario, & porque estas se dividẽ em tres vezes sincoenta, & cada sincoenta de dez em dez? A reposta jà se sabe, que ha de ser a mesma. E he, que todos estes numeros, & cadahum delles, significavaõ por diverso mysterio os modos, cõ que o mesmo Rosario nos dispoem nesta vida para a Bemaventurança, & no fim nos leva a ella. O maior numero pois do Rosario, & o ultimo, em que todas as

Saudaçoẽs Angelicas, ou Ave-Marias, se resumem, he o de cento & sincoenta. E que significa este numero? O Psalterio de David tambẽ se cõpoem de cento & sincoenta Psalmos: & porque naõ ha Psalmo, que naõ esteja cheo de grandes mysterios, nem verso de cada Psalmo, ou palavra de cada verso, que naõ seja mysteriosa: do mysterio, com que o Espirito Santo, Autor dos mesmos Psalmos, ordenou, que fossem cento & sincoenta, nem em maior, nẽ em menor numero, tiraremos a significaçaõ do nosso. Cassiodôro, aquelle famoso Secretario d'ElRey Theodorico, doutissimo em todas as Letras, & depois de deixar a Corte, & se fazer Mõje, illustre Expositor das Divinas, cõbina os cento & sincoenta Psalmos com os cento & sincoenta dias, em que esteve alagado o mundo com o Diluvio, & affirmando, que o mysterio mais evidẽte de hũ, & outro numero he o mesmo, diz assim: *Est etiam ejusdem rei aliud evidentius Sacramentum, quòd centum quadraginta diebus diluvio superducto criminibus suis terra diluta est: sic & hi Psalmi tali numero producti genus humanum peccatis suis pollutum cõvenienter reddunt absolutum.* Assim como o mundo alagado cento & sincoenta dias cõ o Diluvio ficou purificado dos peccados, que merecéraõ aquelle castigo; assim ordenou o Espirito Santo (diz Cassiodôro) que o Psalterio se compuzesse de cẽto & sincoenta Psalmos, para que cõ elle como com hum segundo Diluvio da Graça se purificasse de seus peccados todo o genero humano. Já dissemos em outras occasioẽs, q̃ o Rosario desde seu principio pela semelhãça do numero se chamou Psalterio da Virgem: & se ao Psalterio de David se concedéo esta graça universal de purificar as Almas: quanto mais ao Psalterio da Mãy de Deos, cõposto por isso mesmo, & ensinado ao mundo depois do de David? As razoẽs desta ventagem, que saõ muito mais evidentes, daremos no Sermaõ seguinte. Agora sò basta dizer, que naõ podendo as Almas entrar à Bemaventurança,

Cassiodor. in Prologom.

quinquaginta

rança, senaõ absoltas, & purificadas de todo peccado: *Nihil inquinatum in eam incurrit*: esta he a ultima disposiçaõ, com que o Rosario nesta vida nos habilita para a eterna: a qual conseguem sem exceiçaõ, todos os que dignamente se valem, & aproveitaõ delle: & assim estaõ significados no mesmo numero de cento & sincoẽta.

Sapient. 7.25.

338 Depois da Resurreiçaõ de Christo foi S. Pedro pescar com outros Discipulos, & por toda a noite, como jà outra vez lhe tinha acontecido, nenhuã cousa tomáraõ. Ao amanhecer appareceo o Senhor na praya, disselhes, que lançassem a rede para a parte direita, & foi tam venturoso o lanço, que sem se romper a rede, trouxeraõ a terra cento & sincoenta & tres peixes, todos grandes: *Ascendit Simon Petrus, & traxit rete in terram, plenum magnis piscibus, centum quinquaginta tribus. Et cum tanti essent, non est scissum rete.* O mysterio dos tres, ponderaremos depois; vamos agora aos cento & sincoenta. Santo Agustinho, & S. Gregorio, & commummẽte os Padres, dizem, que neste numero foraõ sòmente significados os escolhidos, & que se salvaõ: & que essa he a razaõ, porque Christo agora mandou aos Apostolos, que lançassem a rede à maõ direita, aonde haõ de estar sò os bons no dia do Juizo: o que o mesmo Senhor lhe naõ disse noutra occasiaõ, em que os mandou pescar, & tomáraõ bons, & máos. Santo Agustinho: *Si in dexteram diceret, solos bonos significaret, si in sinistram, solos malos: ubi autem tacetur dextera, & sinistra, mixti capiuntur, boni, & mali.* E para que se conheça, que este privilegio he proprio do Rosario: saybamos, qual era a rede, & em que tempo se lançou ao mar? A rede, diz Santo Ambrosio, que he a oraçaõ: *Quæ sunt autem quæ laxari jubentur retia, nisi verborum complexiones, & quasi quidam orationis sinus.* Naõ se pudéra melhor descrever o Rosario entre todas as oraçoẽs. Na tecedura he cõposto de palavras todas iguaes, & da mesma proporçaõ: *Verborum complexiones*; & na fi-

Luc. 5. 4. 5.

Ioan. 21 11.

D. August. ibi.

D. Ambros. ibidem lib. 4. in Lucam.

gura he eſtendido, & voltado em fórma circular, com que ſe faz o ſeyo, & cerco da rede: *Et quaſi quidam orationis ſinus.*

339 E baſta iſto para a propriedade da ſemelhança? Naõ: que ainda lhe falta a maior de todas, que he o tẽpo, em que ſe aperfeiçoou, & ſe lançou ao mar a rede do Roſario. Ouçamos a S. Gregorio Papa: *Priuſquam Redemptor noſter pateretur, & reſurgeret, mitti quidem retia ad piſcandum jubet, ſed utrùm in dexteram, an ſiniſtram non jubet. Quis verò neſciat bonos dexterâ, & malos ſiniſtrâ figurari? Hæc autem piſcatio poſt Domini reſurrectionem facta, in ſolam dexteram miſſa eſt, quia ad videndam claritatis gloriam ſola Eccleſia electorum pertingit.* Antes de Chriſto morrer, & reſuſcitar, naõ mandava, que a rede ſe lançaſſe à maõ direita, ou eſquerda, & poriſſo colhia bõs, & máos; porèm depois que morréo, & reſuſcitou, entaõ mandou, que ſe lançaſſe ſò à maõ direita, porque ſò os da maõ direita ſaõ os bons, & os que pertencem ao numero dos eſcolhidos. Ainda me parece, que naõ cahis de todo no myſterio. A culpa tem, a pouca, & vicioſa Rhetorica, dos que para dizerem alguã couſa, ſempre a difficultaõ primeiro, & depois a reſolvẽ, com que ſem pergunta, & repoſta, naõ ha conceito, nem os ouvintes pelo coſtume percebem o que ſe diz. Suppoſto iſto, pergunto o que jà eſtá ditto. Se Chriſto antes de morrer, & reſuſcitar, naõ mandava lançar a rede à maõ direita, nem eſquerda, com q̃ ella tomava bons, & máos: porque razaõ depois de morto, & reſuſcitado, a manda lançar ſò à maõ direita, com que recolhe ſò os bons? Iſto he o que diſſe ſem perguntar S. Gregorio, & eſte he manifeſtamente o myſterio do tẽpo, em que a rede ſe aperfeiçoou, & lançou ao mar. Antes de Chriſto padecer, & reſuſcitar: *Priuſquam pateretur, & reſurgeret*: ainda a rede do Roſario naõ eſtava feita, porque lhe faltavaõ os Myſterios Doloroſos, & os Glorioſos; porèm depois q̃ Chriſto morréo, & reſuſcitou, entaõ ſe aperfeiçoou a rede, entaõ

Greg. in eum locum, Homil. 14. in Evang.

taõ se lançou sò à maõ direita, & entaõ sem haver que lançar fòra, recolhéo sò os escolhidos: *Hæc autem piscatio in solam dexteram missa est, quia ad videndam claritatis gloriam sola pertingit.*

X.

340 ESTE he no Rosario o mysterio do numero cento & sincoenta, aó qual se ajuntou o de tres nos peixes, que recolhéo a rede: *Centum quinquaginta tribus:* mas naõ para variar o mesmo numero, senaõ para o repartir em tres vezes sincoenta, como ensina Sãto Agustinho, & se faz no Rosario: *Numerus cẽtum quinquaginta tria ter habet quinquagenarium: & insuper ipsa tria propter Mysterium Trinitatis: quinquagenarius autem est Iubilæus.* Os tres, que se acrescentaõ ao numero cento & sincoenta, significaõ, diz Sãto Agustinho, o Mysterio da Sãtissima Trindade (que porisso mostrámos ao principio, que o Rosario he Hum, & Trino:) & juntamente denotaõ a divisaõ dos mesmos cẽto & sincoenta em tres vezes sincoenta, porque o numero de sincoenta he o numero Jubiléo. Saybamos agora o q̃ era Jubiléo. Jubiléo, como consta de todo o Capitulo vinte & sinco do Levitico, era hum anno famosissimo no Testamẽto Velho, o qual vinha, & se celebrava de sincoenta em sincoenta annos: & por outro nome se chamava o Anno da Remissaõ; porq̃ nelle naõ sò concedia Deos grandes remissoẽs, mas mandava, & obrigava, a que sem exceiçaõ de pessoa as observassem, & lograssem todos. A primeira, era, que naquelle anno naõ se arava, nem se meava, nem se cultivavaõ os campos, & cessava todo o trabalho. A segunda, que todas as herdades, ainda que se tivessem vendido, & alienado muitas vezes, tornassem a seus primeiros possuidores. A terceira, que se perdoassem todas as dividas. A quarta, q̃ todos os Escravos se libertassem. Pòde haver mais fermoso, & mais felice anno? Pois isto he o que aquelle numero de sincoenta significava entaõ nas cousas temporaes,

August. ibi.

Levit. 25. per tot.

que logo se mudavaõ, & hoje nas espirituaes, & eternas, q duraõ para sempre. As sincoenta Ave-Marias do Rosario, dividido em tres Terços, nos negoceaõ o descanço eterno do Ceo, onde se naõ âra, nẽ cava a terra, mas se come em sua propria sustancia o Mannâ, sem nenhum trabalho. Ellas nos restituem a herdade, & herança do Paraiso, perdida primeiro pela culpa de Adam, & depois tãtas vezes vendida pelas nossas. E porque para esta inteira restituiçaõ he necessario, que se ajunte, ou preceda o perdaõ das dividas, & a liberdade do cativeiro; estas saõ as duas petiçoẽs, que no Rosario fazemos a Deos nas ultimas do Padre-nosso. O perdaõ das dividas dos peccados: *Dimitte nobis debita nostra:* & a liberdade do cativeiro do Demonio: *Sed libera nos á malo.* Vede, se nos despachará Deos estas duas petiçoẽs do Padre-nosso, quando nas sincoenta Ave-Marias de cada Terço rogamos à Mãy do mesmo Deos, que rogue por nós peccadores. E para q se conheça a grande proporçaõ, & correspondencia, que tem estas sincoenta Ave-Marias com o Padre-nosso, contay as palavras do mesmo Padre-nosso, & achareis, que desde o *Pater* atè o *Amen* saõ pontualmente sincoẽta. Tam medidas, & tam contadas estaõ no Rosario as consonancias do numero, & tam sagrado, & mysterioso he o de sincoenta.

Matt. 6. 12.

Ibid. 13.

Ibid. 9. & 13.

341 O que este numero promettia na Ley Velha, cũprio na Ley da Graça a vinda do Espirito Santo, enchendo de todas as graças ao dia sincoenta, por ser este o numero determinado na Ley para a remissaõ universal. Assim o conta, & canta a Igreja: *Sacro dierum circulo, quo Lege fit remissio.* Mas esta conta parece, que naõ está certa, nem proporcionada, nem propria: & que o Espirito Santo naõ havia de descer ao dia sincoẽta, senaõ ao dia quarenta & nove. As graças, & doens do Espirito Santo saõ sete, & sete multiplicados por sete, ou sete vezes sete fazem quarenta & nove: logo no dia quarenta & nove parece, que havia de vir o Espirito Santo, &

Eccles. in Hymn.

naõ

naõ no dia sincoenta? Assim se representa à primeira vista. Mas ainda deixada a correspondencia da figura, & do Jubiléo da Ley Antiga, naõ podia, nem devia ser a vinda do Espirito Santo ao dia quarenta & nove, por hum grande mysterio dos numeros, q̃ aqui está escondido. O numero de quarẽta sempre he significativo de afflicçaõ, & de pena, diz S. Jeronimo, & o prova com muitos exemplos da Escritura, que deixo por brevidade: *Quadragenarius numerus semper afflictionis, & pœnæ est.* Daquí se segue, q́ o numero quarenta & nove, naõ sò he significativo de afflicçaõ, & pena, senaõ da ultima, & summa afflicçaõ, & da ultima, & summa pena, a q́ se pôde chegar; porque o numero quarenta sò chega, & se estende a quarenta & nove, & naõ pôde passar dahi: logo trazendo o Jubiléo do Espirito Santo a remissaõ universal dos peccados, & a indulgencia de todas as penas merecidas por elles, & sobre isso os doens, & penhores de sua graça, com que se nos assegura o descanço eterno, &

D. Hieron. in Ezechiel. cap. 29.

Bemaventurança da Gloria; naõ podia, nem devia vir, senaõ no dia, em que se fechasse o circulo de sincoenta: *Sacro dierum circulo, quo Lege fit remissio.*

342 Isto mesmo faz o circulo do Rosario, naõ huã, senaõ tres vezes em cadahuã das sincoenta Ave-Marias, q̃ nelle contamos. E saybaõ aqui os devotos, o que muitos naõ sabem, & he bem, que conste a todos, que as Indulgencias, que os Summos Põtifeces concedem aos que rézaõ o Rosario, naõ sò se entendem dos que o rézaõ inteiro com cento & sincoenta Ave-Marias, senaõ tambem dos que rézaõ sòmente o que chamamos Terço, com as sincoenta que lhe pertencem: & assim o tem declarado nas suas Bullas os mesmos Pontifeces. Vejamos agora em hum fermoso, & temeroso retrato, o que diziamos. Para que fossem lançados no fogo os Mininos de Babylonia, mandou o Rey barbaro, que a fornalha se acendesse quanto mais fosse possivel, & diz o Texto Sagrado, que a labaréda subia quarenta & no-

Daniel. 3.47. ve covados: *Et effundebatur flamma super fornacem cubitis quadraginta novem.* Bem se vé, que sò Deos, que o refere, podia tomar estas medidas ao fogo, & que o numero de quarenta & nove era mysterioso, & significava o maior fogo de todos. Lançados pois os Mininos na fornalha, cõsideremos o q̃ lhe succedéo, quantos eraõ, o que faziaõ, & quem os assistia. O que lhe succedéo, foi, que sustentandose o fogo do aereo, & do humido, como bem filosôfa Santo Agustinho, o aereo se convertéo em viraçaõ, & o humido em orvalho, que os

Ibidem 50. recreava: *Quasi ventum roris flantem.* O q̃ faziaõ, era louvar a Deos, chamandolhe

Ibid. 52. muitas vezes bemditto: *Benedictus es Domine Deus Patrũ nostrorum.* E porque eraõ tres, todos tres repetiaõ o mesmo sem mudar huã sò palavra:

Ibid. 51. *Hi tres quasi ex uno ore laudabant, & glorificabant, & benedicebant Deum.* Finalmẽte, quem os assistia, era hũ seme-

Ibidem 92. lhante ao Filho de Deos: *Et species quarti similis Filio Dei.* E naõ he isto huã excellente represẽtaçaõ dos q̃ louvaõ a Deos com o Rosario, & das mercés, q̃ Deos lhe faz por esta devaçaõ? As vozes saõ tres, porq̃ saõ repartidas em tres Terços: & o q̃ se ouve em hũ sem mudar palavra, he o q̃ se diz, & repete no outro. Elles repetiaõ em todas as clausulas: *Benedictus Deus*: & nós em todas as Ave-Marias: *Benedicta tu in mulieribus, & benedictus fructus ventris tui.* A elles assistiaos em tudo hũ semelhãte ao Filho de Deos, antes de o Filho de Deos encarnar, & se fazer visivel, & nós em todos os Mysterios do Rosario o temos presente. Finalmente o effeito da parte de Deos, que principalmẽte pertendemos mostrar, he, que assim como Deos lhe convertéo o fogo, & labarédas da fornalha em hum Paraiso de delicias, assim nos livra Deos das penas do Inferno, significadas nos quarẽta & nove covados das labarédas, como elles mesmos

disseraõ: *Quia eruit nos de inferno*: & para nos levar ao Dan. 3. 88.
descanço, & delicias da Bemaventurança, nos concede a remissaõ universal de todos os peccados, significada no numero

Levit. 25.10. numero sincoenta: *Sanctificabis annum quinquagesimum, & vocabis remissionem cunctis habitatoribus terræ tuæ.*

XI.

343 SO resta o mysterio do numero dez, repetido em todas as decadas do Rosario, o qual melhor q̃ todos cerra as contas, & aperfeiçoa quanto temos ditto. Philo, chamado o Plataõ dos Hebréos, fallando deste numero, diz assim: *Denarius inter omnia est perfectissimus: complectitur enim cunctas numerorum differentias: item proportiones arithmeticas, & geometricas: quin etiam rerũ genera, quæ prædicamenta dicuntur, denario numero comprehenduntur.* Quer dizer: q̃ o numero de dez he o mais perfeito de todos; porq̃ comprehende todas as differenças dos numeros, & todas as proporçoẽs arithmeticas, & geometricas, & atè os generos de todas as cousas, que os Filosofos reduzem ao numero de dez. Perfeito he aquillo, a que nada se pôde acrescentar, & tal he a perfeiçaõ deste numero. Pôdese repetir, mas acrescentar naõ se pôde: poiq̃ o numero de vinte, de trinta, & os demais, que se pôdem multiplicar infinitamẽte, naõ saõ, nẽ significaõ outra cousa, senaõ o mesmo dez, muitas vezes repetido. Porisso depois q̃ o lume natural se escurecéo pelo peccado, querendo Deos restituir o Homẽ à perfeiçaõ original, em que o tinha criado no Paraiso, & darlhe outro Paraiso melhor; todos os preceitos desta reformaçaõ reduzio a Divina Sabedoria ao numero de dez. Neste numero de dez se continha virtualmente a Ley da Natureza, nelle se promulgou expressamente a Escrita, & nelle se continuou, & durarà para sempre a da Graça: naõ sò tomando do mesmo numero de dez o nome de Decalogo, mas ficando tam estreitamente atada a elle a salvaçaõ dos homẽs, que nẽ os homẽs a possaõ conseguir, nem o mesmo Deos lha possa dar, senaõ dentro no mesmo numero. He caso admiravel, o q̃ agora merecia larga ponderaçaõ, se o tempo a permittira.

Philo parte 1. lib. de Decbal.

344 Mandou Deos a dous Anjos, que fossem pôr fogo à Cidade de Pentapolis, mais conhecida pela infamia de outro nome:& Abraham, q̃ tinha a Deos por seu hospede naquella occasiaõ,parte rogando, & parte perguntando,quiz saber do mesmo Senhor por quantos justos perdoaria aquelle castigo. Começou pelo numero de sincoenta: *Si fuerint quinquagintajusti in civitate* : & como Deos respondesse, que por sincoenta justos perdoaria, quatro vezes foi diminuindo Abraham o mesmo numero, achando sempre propicia a Divina Misericordia. Chegou finalmente ao numero de dez: & respondendo Deos,que tambem por dez cõcederia o perdaõ: *Non delebo propter decem:* no mesmo ponto, sem querer mais ouvir, desapparecéo: *Abijtque Dominus.* O mysterio porque Abraham começou pelo numero sincoenta, jà está dito: & he, porque elle pedia perdaõ, & misericordia para aquella Cidade, & o numero de sincoenta significa indulgencia,& remissaõ. Mas se tãbem achou propicia a Misericordia Divina em quatro numeros menores, & Deos esperou, & ouvio atè o numero de dez: porque razaõ naõ aguardou, nem quiz ouvir mais,& tanto que respondéo, que perdoaria por dez, desapparecéo? Excellentemẽte Salmeiraõ: *Usque ad decem justos descendit remissio, quia Deus paratus erat parcere Sodomitis usque ad servantes præcepta Decalogi.* Chegou Abraham atè o numero dez, quando pedia perdaõ para a Cidade condennada,porque no numero dez se entende a observancia da Ley, a qual consta de dez preceitos, & por serem dez, se chama Decalogo:& porque abaixo deste numero nem os homẽs podem conseguir o perdaõ final, com que se salvaõ, nem Deos o pôde conceder;porisso Abraham o naõ pedio, & Deos desapparecéo.

Genes. 18.24.

Ibidem 32.

Ibid 33

Salmeron tom. 1. Prolo. gom.19.

345 Bem está. Mas qual he a razaõ, porque o perdaõ final,& a salvaçaõ dos homẽs a tem Deos tam determinada ao numero dez,& tam vinculada,& atada a elle,que nẽ o mesmo Deos a pôde conceder

der abaixo deste numero? A razaõ he: porque entre o merecimento, & o premio, ha de haver proporçaõ igual, & como o merecimento, que he o Decalogo, consiste no numero dez, & nada menos; tambẽ o premio, que he a salvaçaõ, & a gloria, se naõ pôde conceder, senaõ no mesmo numero, & sem diminuiçaõ, nẽ abatimento delle. A prova he manifesta. Chamados os operarios à Vinha do Pay de familias, huns vieraõ mais cedo, outros mais tarde; huns trabalháraõ mais, outros menos; & no fim do dia o Pay de familias, que representava a Deos, mandou pagar a todos, & a todos se deu a mesma moeda. Chamavase esta moeda Denario, com o nome dirivado do numero dez, porq̃ no pezo, & no preço, continha o valor de dez moedas menores. Pois se huns vieraõ à Vinha cedo, & outros tarde, se huns trabalháraõ muito, & outros pouco, porque paga Deos a todos igualmente com a mesma moeda, & com o mesmo Denario? Porque o Denario significa a gloria essencial, que nesta Parabola se declara pela proporçaõ numerica. E posto q̃ na mesma gloria, os que trabalháraõ mais, ou menos, a teraõ maior, ou menor, quãto ao grâo, sempre he necessario, que todos a recebaõ igual, quanto ao numero. A razaõ he, como dizia: porque o premio deve ser proporcionado ao merecimento: & como o merecimẽto naõ pôde ser menor que o de todo o Decalogo, tambem o premio naõ pôde ser menor que o de todo o Denario. Mas como no mesmo Decalogo pôde ser mais, ou menos perfeita a observancia, assim no mesmo Denario pôde ser mais, ou menos perfeito o grâo da gloria. Sempre porèm he igual em todos o numero de dez no Denario, porque sempre ha de ser igual em todos o numero de dez no Decalogo: *Usque ad servantes præcepta Decalogi.*

Matth. 20. 1. & seqq.

346 Sobre este fundamento tam solido, passemos agora ao nosso intento, & veremos, como dentro no mesmo numero de dez assim como ao Decalogo dos preceitos se promette o Denario da gloria

gloria, aſſim eſtá promettido o meſmo Denario da gloria às decadas do Roſario. Em cada decada do Roſario pedimos dez vezes à Virgem, Senhora noſſa, rogue por nós peccadores, agora, & na hora da noſſa morte. E no Pſalmo trinta & hũ promette Deos o perdaõ final dos peccados, & a Gloria, & Bemaventurança, que a elle ſe ſegue: *Beati quorum remiſſæ ſunt iniquitates, & quorum tecta ſunt peccata.* Onde muito ſe deve reparar naquella palavra, *Tecta*, que ſignifica protecçaõ; porque a Bemaventurança, & remiſſaõ dos peccados, que aqui ſe promette: *Beati quorũ remiſſæ ſunt iniquitates*: quer Deos que ſe attribua, naõ ſò à ſua miſericordia, mas à protecçaõ de quem a alcança, qual he no noſſo caſo a da Mãy do meſmo Deos, que em cada dez Ave-Marias imploramos. E porque naõ pareça couſa duvidoſa, & alhea da Divina Juſtiça, que a meſma Bemaventurança, que he devída à obſervancia dos dez preceitos do Decalogo, ſe cõceda a dez oraçoẽs tam breves: foi notar Caſſiodóro, q̃ neſte meſmo Pſalmo, o qual ſe compoem, & conſta de onze verſos, nos primeiros dez fallaõ os homẽs com Deos, & contém outras tantas preces, & no ultimo, & undecimo, reſponde Deos aos homẽs, & lhes concede a todos a indulgencia dos peccados, que no principio lhe pediraõ; & com nome de juſtos a graça, de q̃ he premio a Gloria: *Lætamini in Domino, & exultate juſti, & gloriamini omnes recti corde.* E que infere deſte ſeu computo o meſmo Caſſiodóro? Infere, que as dez preces, poſto q̃ tam breves, daquella decada, tem diante de Deos a meſma virtude dos dez preceitos do Decalogo, com tanto que ſejaõ rezadas de todo coraçaõ. *Conſideremus modò* (diz elle) *virtutem Pſalmi hujus, quòd decem verſibus ſupplicando, divinum meruerit ſine aliqua dilatione reſponſum: fortè Decalogi commonens operationẽ; ut ſicut ille cuſtoditus vocat ad præmium, ita & hæc compuncto corde fuſa precatio, ad indulgentiæ nos vota perducat.*

Pſalm. 31. 1.

Ibidem 11.

Caſſiodor. ibi.

347 Jà baſtava, para boa prova do q̃ digo, a paridade

deſtes

destes dez versos, computada com as dez Ave-Marias de cada decada do Rosario. Mas naõ se contentou com isso o Profeta; & cõtinuando o mesmo Psalmo na segunda parte delle (que he o seguinte) diz desta maneira: *Exultate justi in Domino: rectos decet collaudatio. Confitemini Domino in cithara: in Psalterio decem chordarum psalite illi. Cantate ei canticum novum.* Naõ se podia declarar mais expressamente o Rosario, & muito em particular as decadas, em que se divide. Diz o Profeta, que se alegrem os justos; & louvem a Deos: & que o modo de o louvar seja com hum cantico novo ao som do Psalterio de dez cordas, & da viola, que he de sinco. Primeiramente chamase o Rosario cantico novo, isto he: *Canticum Novi Testamenti:* (como notáraõ Hugo, Carthusiano, & Caietano.) Porque o Rosario, assim mẽtal, como vocalmente, he instituto, & modo de orar proprio do Testamento Novo. Mentalmente; porque no Testamẽto Velho, como o Verbo ainda naõ tinha encarnado, nem morréra, nem resuscitára, ainda entaõ naõ havia Mysterios de Christo, nẽ Gozosos, nem Dolorosos, nem Gloriosos. E vocalmente; porque no Testamento Velho rezavaõse Psalmos, & outras oraçoẽs, mas naõ se rezavaõ Padre-nossos, nem Ave-Marias, havendo começado a Ave-Maria na embaixada do Anjo Gabriel, & o Padre-nosso dahi a trinta & dous annos, quando o ensinou o mesmo Christo. Acrescenta o Profeta, q̃ estes louvores de Deos se haviaõ de cantar ao som, ou ao descante do Psalterio de dez cordas, & da viola de sinco; porque os Mysterios se haviaõ de meditar de sinco em sinco, & as oraçoẽs se haviaõ de rezar de dez em dez: *In cithara, & Psalterio decem chordarũ.* E pára só na propriedade dos numeros, a harmonia destes dous instrumentos? Naõ. S. Jeronimo declarando qual fosse a fórma do Psalterio, diz, que era totalmente diversa da viola; porque a viola tem o oco, ou concavidade, onde se fórma o som, na parte inferior; porèm o Psalterio

Psalm. 32. 1. 2. 3.

Hieron. August. Cassiod. & alij.

na parte de sima. E tal he a harmonía do Rosario, assim na parte Mẽtal, como na Vocal. Na Mental, porque os Mysterios, q̃ o Rosario medita, obrou-os Deos descendo elle do Ceo à terra: & na Vocal, porque as oraçoẽs, q̃ o Rosario reza, ouveas Deos subindo ellas da terra ao Ceo: os Mysterios fazem a harmonía cà em baixo, & as oraçoẽs là em sima: *In cithara, & Psalterio.* Aquelles pois, que deste modo orarem, & louvarem a Deos, & ao som destes dous instrumentos lhe cantarem o cantico proprio do Testamento Novo, que saõ os que meditaõ, & rézaõ o Rosario; a estes em fim diz o Profeta, que se alegrem como justos, & a estes chama Bemaventurados pela remissaõ dos peccados, & Bemavẽturados pela protecçaõ da Graça: *Beati quorum remissæ sunt iniquitates, & quorum tecta sunt peccata.* *Ubi supra.*

XII.

348 TEnho acabado o meu Discurso, & declarado, como prometti, o que significaõ mysteriosamẽte todos, & cadahum dos numeros, de que se compoem as Contas do Rosario. E que he o que havemos de colher de todos estes numeros? Cadahum colherá o que lhe dictar a sua devaçaõ, & o seu juizo. O que amim me acõselha o meu, & o que Eu quizera persuadir a todos, he, q̃ de todos estes numeros tiremos huã firme resoluçaõ de ser do numero dos Predestinados. Mas antes de declarar o meyo, & o modo, importa, que se entenda primeiro como isto he possivel. A Predestinaçaõ de todos, & cadahũ de nós, está decretada abæterno, & conhecida na Prescienciа Divina, que he immutavel: logo parece, que, ainda que nós queiramos, nos naõ podemos fazer do numero dos Predestinados? Digo, que sim podemos. A Theologia mais certa, & mais bem fundada em todas as Escrituras Sagradas, he, que Deos nos predestinou *post prævisa merita*: quer dizer este termo proprio das Escollas, que previo Deos desde sua Eternidade os merecimentos, & obras de

de cadahum, & conforme as mesmas obras, que saõ as que agora fazemos, & fizermos atè a morte, ou as boas feitas com sua Graça, ou as más feitas sem ella por nosso livre alvedrio, decretou o mesmo Deos a salvaçaõ de huns, & a cõdennaçaõ de outros. Isto he o que definio S. Pedro, quando disse: *Satagite, ut per bona opera certam vestram vocationem faciatis*: procuray com todo o cuidado de fazer certa a vossa vocaçaõ por meyo das boas obras. E como a nossa Predestinaçaõ se funda nas obras de nossa vida: daqui se segue, que em quanto vivemos, se quizermos, nos podemos fazer do numero dos Predestinados. Nem encontra esta possibilidade a presciencia infallivel, que Deos tem dos mesmos Predestinados, & numero delles; porque as nossas obras naõ saõ boas, porque Deos sabe, que nos havemos de salvar; mas sabe Deos, que nos havemos de salvar, porq as nossas obras, cooperando com sua Graça, haõ de ser boas, & dignas de salvaçaõ. Esta Theologia, como dizia, he a mais bem fundada, & revellada nas Escrituras Divinas, as quaes reservo para outra occasiaõ, em que de proposito hey de tratar esta materia. Por agora baste saber, q̃ assim o ensinaõ, Vasquez, Molina, Valença, & outros gravissimos Theologos, cuja doutrina resume o Doutissimo Cornelio A Lapide nesta breve, & clarissima conclusaõ: *Hac ergo ratione in cujusque fidelis potestate, & arbitrio est, facere, ut sit prædestinatus, vel non sit.*

.Petr. 1.10.

Vasquez, Molina, & Valent. citati à Cornel. in locum Epist. D.Petri.

349 Mas ouçamos a toda a Igreja Catholica, Coluna da Fé, & da Verdade, a qual no principio da Quaresma, em que nos exhorta à penitencia, faz a Deos esta notavel oraçaõ: *Deus, cui soli cognitus est numerus electorũ in Superna Felicitate locãdus: tribue, quæsumus, ut omnium Fidelium nomina beatæ Prædestinationis Liber adscripta retineat.* Deos, a quem sò he conhecido o numero dos escolhidos, que haõ de gozar a Eterna Felicidade: concedeynos, como vos pedimos, que o Livro da bemaventurada Predestinaçaõ retenha, &

& conserve em sy os nomes de todos os Fieis, que nelle estaõ escritos. Atè aqui a Igreja Catholica, a qual nestas palavras suppoem huã cousa, & pede outra. Suppoẽ, que sò Deos conhece o numero dos Predestinados, que he a Presciencia Divina immutavel, & infallivel, com q̃ sò a Deos, como diziamos, he reservado o conhecimento, & numero dos que se haõ de salvar. Mas o q̃ pede, naõ obstante este conhecimento, he, que os que estaõ escritos no Livro da Predestinaçaõ, se naõ mudem, nem risquem, & sejaõ conservados nelle. Pois se jà estaõ escritos no Livro da Predestinaçaõ, como se podem mudar, ou riscar, ou tirar do mesmo Livro? Porque as letras, com q̃ os Fieis se escrevem no Livro da Predestinaçaõ, saõ as nossas boas obras. E porque os q̃ hoje obramos bẽ, à manhaã podemos obrar mal, & os q̃ hoje estamos em Graça, à manhaã podemos cair della: porisso assim como as boas obras, & a Graça, nos escrevem naquelle Livro, assim as más obras, & os peccados, nos riscaõ delle. He o que disse admiravelmente David, fallando dos que obraõ mal: *Deleantur de Libro viventiũ: & cum justis non scribantur*: sejaõ riscados do Livro da vida, & naõ sejaõ escritos com os justos. Porisso muitos Theologos doutamente distinguem o mesmo Livro da Predestinaçaõ em duas partes, huã da Predestinaçaõ inchoada, que consiste nas boas obras, & Graça presente, & outra da Predestinaçaõ perfeita, & consummada, q̃ consiste nas boas obras, & Graça perseverante atè o fim. Psalm. 68. 29.

350 E que Christaõ haverá tam sem Fé, & sem juizo, que estando na sua maõ o estar, & perseverar escrito no Livro dos Predestinados, por sua propria vontade, & por naõ querer cooperar cõ a Graça Divina, que sempre está prompta, queira ser riscado delle? Que razaõ, que motivo, que interesse, ha neste mundo, ou em mil mundos, q̃ Deos criára, pelo qual se houvesse de sogeitar, nem arriscar hum homem a ouvir de sy aquella tremenda voz: *Deleãtur de Libro viventium?*

Reys

Reys foraõ, & grandes Monarchas, aquelles tres, que reynáraõ entre Joram, & Ozías: mas que lhe aproveitou o reynar, que lhe aproveitou o Cetro, & a Coroa, que lhe aproveitou o Imperio, & adoraçaõ dos vassallos, & a reverencia, & temor dos estranhos, que lhe aproveitou a grandeza, a Magestade, a riqueza, a potencia, os exercitos, as vitorias: se no cabo todos tres foraõ riscados dos Livros de Deos, & lançados fóra como reprobos: *Ioram autem genuit Oziam?*

XIII.

351 BEm creyo, que ninguem haverá dos presentes, que naõ tema ser riscado dos mesmos Livros, & naõ dezeje sobre tudo estar, & perseverar escrito nelles, & ser do numero dos Predestinados. Sò faltava saber o modo, & meyo efficaz para sermos admittidos, & contados neste bemavẽturado numero: mas este foi o emprego de todo o nosso Discurso, & isto nos mostráraõ, & prováraõ, assim em commum, como em particular, todos os numeros, de que se compoem o Rosario; pois todos elles, sendo tantos, & tam varios, se uníraõ em hũ sò fim, q́ foi promettermos a Bemaventurança. E posto que os fundamentos foraõ tam diversos, como as significaçoẽs dos mesmos numeros; nesta peroraçaõ, ou epilogo, como quem no fim das contas tira a soma dellas, acabo com dizer, que todas as do Rosario se resumem a dous sinaes da Predestinaçaõ, os maiores, & mais calificados, que pôde haver, para quantos quizerem ser do numero dos Predestinados.

352 O primeiro sinal da Predestinaçaõ, he a primeira parte do mesmo Rosario, q́ consiste nos Mysterios da Vida, Morte, & Resurreiçaõ do Filho de Deos, que meditamos. He fundado, & tirado este sinal da mesma formalidade intrinseca da Predestinaçaõ. Como predestinou Deos a todos os homẽs? O mesmo Deos o revellou a S. Paulo, & S. Paulo à Igreja: *Quos præscivit, & prædestinavit conformes fieri imaginis* Roman. 8.29.

Filij sui. Todos os que Deos predestinou, foraõ aquelles, que antevio ab æterno, q̃ se haviaõ de conformar com a imagem de seu Filho, & fazerse semelhantes a elle como exemplar da mesma Predestinaçaõ. Porisso a Soberana Mãy do mesmo Filho, como tam allumiada em todos os arcanos divinos, & como
Prov. 8. 30. aquella, que disse de sy: *Cum eo eram cuncta componens*: a primeira cousa, que fez na composiçaõ do Rosario, foi pôrnos diante dos olhos, naõ huã, senaõ quinze imagens do mesmo Filho de Deos, sinco nos Mysterios Gozosos, sinco nos Dolorosos, & sinco nos Gloriosos: para que contemplandoo em tam diversas figuras, nos retratassemos por aquella, a que mais se inclinasse o nosso affecto, & imitandoo na Vida, & na Morte, o seguissemos na Subida ao Ceo, que he o fim glorioso de todos os Predestinados. Là dissemos, que estes quinze Mysterios se representavaõ nos quinze degrâos do Templo, onde se cantavaõ os quinze Psalmos, porisso chamados Graduaes. Agora de novo se deve advertir, que o Texto Grego lhe chama *Gradus ascensionum*; mas com hum tal nome, que significa grâos de subir, & naõ de descer. A escada de Jacob tinha degrâos, por onde se subia, & descia: *Ascendentes, & descendentes*: porèm esta he huã escada, por onde sò se sobe, & naõ se desce, felicidade sò propria dos perfeitamẽte predestinados para a Bemaventurança. *Illa enim ascendentes habuit, & descendentes; in istis verò gradibus Beatorum solus ascensus est*: diz, sobre o mesmo Texto Grego, Cassiodóro. Ubi supra. Cassiodorus ibi.

353 O segundo sinal da Predestinaçaõ he a segunda parte do mesmo Rosario, em que tantas vezes, quantas repetimos as mesmas oraçoẽs, saudamos, & louvamos a chea de Graça, & nos metemos debaixo de sua poderosissima protecçaõ. Ser esta protecçaõ da Virgem, Senhora nossa, hum dos mais certos sinaes da Predestinaçaõ, cousa seria infinita citar os Autores, que assim o affirmaõ, & os lugares da Escritura, com que o provaõ.

Entre

Entre todos saõ insignemẽte mysteriosas aquellas palavras do Ecclesiastico, em q̃ Deos fallando com sua Mãy, lhe diz, que lãce raizes nos seus
Eccles. 24.13. Predestinados: *In electis meis mitte radices*. O lançar raizes, he propriedade sòmente das plantas. E q̃ planta he, ou pôde ser aquella, por meyo da qual a Mãy de Deos lança raizes nos Predestinados,
Ibidem 18. senaõ a plãta da Rosa: *Quasi plantatio Rosæ in Iericho?* A Rosa naõ tem raizes, a Roseira, & o Rosal sim. E o Rosario naõ tomou o nome da Rosa, senaõ do Rosal, que isso quer dizer, *Rosarium*: naõ tomou o nome da flor, senaõ da planta, que he a que lança as raizes: *In electis meis mitte radices*. Tam sabido, como celebre, he o milagre daquella planta, que nascendo em huã sepultura mostrava escrito em todas as folhas com letras de ouro, *Ave gratia plena*. Caváraõ para ver donde nascia, & achāraõ, que tinha as raizes na boca de hũ defunto, o qual havia sido Soldado, tam rude, & de pouca memoria, que nunca soube dizer mais que, Ave Maria chea de graça, saudando sò com estas poucas palavras, mas muito frequentemente, a Rainha dos Anjos. E se quatro palavras da Ave-Maria lançaõ tam fortes, & maravilhosas raizes: Vede o que faraõ cento & sincoẽta Ave-Marias plantadas todos os dias, & todos os dias regadas com a graça da chea de graça. Ditosos, & Bemaventurados aquelles, que tam certas, & tam bem fundadas prendas tem de sua Predestinaçaõ, & Salvaçaõ.

354 Nunca se perdéraõ mais homẽs, nem se salváraõ menos, que no Diluvio. E esses poucos, que se salváraõ, onde tiveraõ segura a salvaçaõ? Na Arca de Noé, a que se recolhéraõ. Pois assim como Noé edificou a Arca, para que se salvassem todos, os que a ella se acolhessem: assim a Providencia, & Misericordia de Christo nos deu a Maria, figurada na mesma Arca, diz S. Bernardo, para que todos, os que se valerem de seu amparo, se salvem: *Arca Noe significavit excellentiam Mariæ; sicut enim per illam omnes evaserunt Diluviũ,* Bern.

sic per istam peccati naufragium. Nesta palavra *Naufragium* reparo muito. Para os que se embarcaõ se livrarem dos naufragios, naõ basta,q̃ a náo seja grande,forte,& poderosa. E nenhuã náo houve no mundo mais arriscada a naufragar,q̃ a Arca de Noé; porque o mar, em que navegava, era sem comparaçaõ maior que o Oceano, a tempestade naõ durou hum sò dia, ou tres, ou nove, como costumaõ, senaõ quarenta dias continuos de dia, & de noite, & os baxíos, em que podia topar, & fazerse pedaços, eraõ quantos montes,& serras havia em todo o mundo. Sendo pois tantos os perigos, que ameaçavaõ naufragio à Arca, porque se salváraõ, todos os que nella se recolhéraõ? Porque a Arca no Diluvio, naõ sò significava a Virgem, Senhora nossa, senaõ a mesma Virgem Senhora com os Mysterios, & numeros do seu Rosario. Sobre todos os montes, onde podia perigar, ou naufragar a Arca, diz o Texto Sagrado, que a agua se levantou quinze covados asima: *Quindecim cubitis altior fuit aqua super montes, quos operuerat.* Genes.7. 20. E quando à Arca, que, como vimos, he a Virgem, Senhora nossa, se ajũtaõ os Mysterios, & numeros do seu Rosario, ainda que o mundo todo perigue, & se affogue, todos os que se acolhem a ella, se salvaõ; porque todos por este meyo se fazem do numero dos Predestinados.

355 Naõ deyxarey comtudo de advertir por fim, que para que a Senhora do Rosario nos alcance,& segure esta graça, he necessario, q́ nós rezemos,& meditemos o mesmo Rosario com aquella attençaõ,& applicaçaõ, que elle, & a mesma Senhora requerem. Là deixamos ditto com Santo Ambrosio, & S. Gregorio, que aquella rede, que se lançou à maõ direita, & recolhéo sòmente os escolhidos,& predestinados, era o Rosario. Mas diz,& nota o Texto, o que entaõ naõ ponderey,& reservey para agora, que sendo tantos, & tam grãdes os peixes, a rede naõ se rompéo: *Cùm tanti essent, non est scissum rete.* Ioan.21. 11. A rede rota naõ pesca. Se o Rosario, ou no

no que ſe reza, ou no que ſe medita, ſe rompe, ou interrompe com a vagueaçaõ de outros penſamentos, & outros cuidados, & tal vez com a irreverencia de outras converſaçoẽs: que ſe pôde eſperar de tal devaçaõ, que antes offende, do que agrada ao meſmo Senhor, & à meſma Senhora, a quem pedimos,& de quem eſperamos a ſalvaçaõ? Rezemos pois o Roſario,& meditemos ſeus Soberanos Myſterios com a attençaõ, applicaçaõ, & devaçaõ, que he devida a ambas as Mageſtades, com quem fallamos. E deſte modo ſeremos ſem duvida do numero dos Predeſtinados, & ſe eſcreveráõ noſſos nomes nos Livros de Deos, ſem perigo de jà mais ſer riſcados delles, como foraõ os dos tres excluidos, que infelizmente reynáraõ entre Joram, & Ozías: *Joram autem genuit Oziam.*

FINIS.

SERMAM XXV.

Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quæ ſuxiſti. Luc. 11.

I.

356 HUM dos titulos maravilhoſos, cõ que nas Sagradas Letras ſe nomea, & celébra a Mageſtade Divina, he o de Deos das vinganças: *Deus ultionum.* E porque ſe chama Deos das vinganças, o que he Pay das miſericordias, & fonte de todos os bens? Chamaſe Deos das vinganças, porque a vingança he Regalía propria da Divindade: & quem ſe quer vingar por ſy meſmo, toma a Deos a jurdiçaõ, que he ſua: *Mea eſt ultio.* Chamaſe Deos das vinganças, porque as injurias, que os poderoſos fazem aos pequenos, de que elles ſe naõ podem defender, Deos tem tomado por ſua conta o vingallas: *Mihi vindicta: Ego retribuam.* Chamaſe finalmente Deos das vinganças, porq̃ os homẽs, quando ſe vingaõ, chegaõ, quando muito, a tirar a vida: & as vinganças de Deos duraõ por toda a Eternidade, como o meſmo Deos: *Quia fortis ultor Dominus.*

Pſalm. 93.1.

Deut. 32.35.

Rom. 12. 19.

Ierem. 51. 56.

357 Iſto he o que commummente dizem os Interpretes. Mas Eu combinando a Feſta preſente com o Evangelho, que nella nos propoẽ a Igreja, acho outro novo, & maior titulo, & mais proprio

da

da Divindade, & Mageſtade de Deos, porque elle ſe quiz chamar Deos das vinganças. E qual he? Ser Deos tam endeoſadamente vingativo, que quando as blasfemias dos homẽs levantaõ falſos teſtimunhos contra elle, elle em certo modo faz verdadeiros os meſmos falſos teſtimunhos em beneficio dos meſmos homẽs, para aſſim ſe vingar de ſeus calumniadores. Iſto ſim, que he ſer Deos das vinganças; porque taes vinganças ſò ſe podem achar em Deos. Chamáraõ os homẽs a Chriſto Samaritano: & Chriſto com que ſe vingou deſta injuria? Fazendoſe Samaritano ſeu. *Samaritanus*, quer dizer *Cuſtos*, o Guardador: & havendo nas ovelhas tal ronha, Chriſto ſe fez guardador dellas. Deſprezavaõ os homẽs a Chriſto, chamandolhe Carpinteiro, & filho de outro: & Chriſto, Filho do Supremo Artifice do Univerſo, como ſe vingou deſte deſprezo? Com lavrar em toda a ſua vida o lenho da Cruz, & ſe deixar pregar nelle para os remir. Murmuravaõ os homẽs de Chriſto comer, & beber cõ os peccadores, condennando eſte modo de os ganhar com os nomes da mais vil intemperãça: *Homo vorax, & potator vini*: & como ſe vingou Chriſto deſta afronta? Com lhes dar a comer ſeu Corpo, & a beber ſeu Sangue. Aſſim provava Chriſto ſer Deos com ſe vingar aſſim. E o meſmo temos no Evangelho, & Celebridade de hoje cõ maior, & mais admiravel exemplo. *Matth. 11.19.*

358 Vendo os Eſcribas, & Fariſéos, o famoſo milagre do Demonio mudo, chamáraõ a Chriſto Mago, & Feiticeiro: dizendo, que por Arte Magica, & pacto, que tinha com os Demonios, os lançava dos corpos: *In Beelzebub Principe Dæmoniorũ ejicit Dæmonia.* E quando os homẽs tratáraõ a Chriſto de Mago, & Feiticeiro: cõ q́ ſe vingou o Senhor deſta tam ſacrilega, & blasfema calumnia? Vingouſe, como coſtumava, cõ a fazer verdadeira. Mas de q́ modo? Fazẽdo, como Divino Encãtador, q́ acodiſſe, & refutaſſe a meſma calumnia, huã boa, & animoſa molher, q́ ſe achava naquelle *Luc. 11. 15.*

ajuntamento, & levantou a voz, dizendo: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quæ ſuxiſti*: Bemavẽturada a Mãy, que trouxe em ſeu ventre a tal Filho, & o criou a ſeus peitos. E que ſeria, ſe Eu agora diſſeſſe, que eſta molher, & neſtas meſmas palavras, foi a que deu principio ao Roſario? De quando começaſſe eſta ſoberana devaçaõ, ha duas opinioẽs entre os Hiſtoriadores Eccleſiaſticos. A primeira, & mais commum, refere ſeu principio aos tempos de S. Domingos: a ſegunda, & mais antiga, aos da Primitiva Igreja. Mas a minha, que naõ chamo terceira, por naõ ſer opiniaõ, ſenaõ evidencia, he, que começou o Roſario nas palavras deſta molher. Naquelle tẽpo, como Chriſto ainda naõ morréra, nẽ reſuſcitára, ainda naõ havia os Myſ-ſterios Doloroſos da Morte, nem os Glorioſos da Reſurreiçaõ do Senhor. Sò havia os Gozoſos da ſua Infancia: & eſtes ſaõ, os que a devota molher comprehendéo nas ſuas palavras: no *Beatus venter* o da Encarnaçaõ, & Viſitaçaõ: & no *Ubera, quæ ſuxiſti*, o do Naſcimento, & Preſentaçaõ do Templo. E ajuntou com grande propriedade a meſma Oradora os louvores da Mãy com os do Filho, & os do Filho com os da Mãy; porque eſta he a tecedura reciproca, de que ſe cõpoem o Roſario. Deſorte, que quando os calumniadores de Chriſto lhe chamaõ Mago, & Feiticeiro, & quando o Senhor ſe quer vingar deſta injuria com a fazer verdadeira, & lhe moſtrar que o era: entaõ, & no meſmo ponto, ſe deu principio ao Roſario. E porque razaõ, ou com que myſterio? Porque o meſmo Roſario havia de ſer a Arte, & Inſtrumento Magico, com que Chriſto havia de enfeitiçar, & encantar aos homẽs: & com que os meſmos homẽs depois enfeitiçados, o haviaõ de enfeitiçar tãbem a elle, & a ſua Mãy. Eſtá ditto em poucas palavras, o que hey de provar em muitas.

* *Ave Maria, &c.*

II.

359 NAõ ha mentira tam falſa, que ſe a que-

a querem fazer apparente, ou verisimil, se naõ funde em alguã supposiçaõ verdadeira. Tal foi a calumnia, com que os Escribas, & Fariséos do nosso Evangelho blasfemáraõ o milagre de Christo, dizendo, que lançára o Demonio mudo em virtude, & com poder de Beelzebub Princepe dos Demonios: *In Beelzebub Principe Dæmoniorum ejicit Dæmonia.* Suppunhaõ, q̃ huns Demonios saõ mais poderosos que outros: & esta supposiçaõ he verdadeira; porque como os Demonios, que seguíraõ a rebelliaõ de Lucifer, tinhaõ sido Anjos de todas as Gerarchias; assim como os Anjos das Gerarchías superiores saõ mais poderosos que os outros Anjos, assim os Demonios das mesmas Gerarchias saõ mais poderosos que os outros Demonios. Daqui se segue o que os mesmos Escribas, & Fariséos, igualmente quizeraõ inferir: que se ha hũs Demonios mais poderosos que outros Demonios, tambem ha huns Feiticeiros mais poderosos q̃ outros Feiticeiros. Assim se vio antigamente em muitos Theatros, principalmente da Germania, onde os Feiticeiros, & Magos (como as feras, ou Gladiadores no Anfitheatro de Roma) sahiaõ a se competir, & ostentar os poderes da sua Arte, & com invençoẽs, naõ sò estupendas, mas jocozas, huns triunfavaõ com acclamaçoẽs, & applausos, & outros ficavaõ vencidos. E a razaõ desta tam notavel differença, naõ era outra, senaõ a maior, ou menor sabedoria, & sutileza, & o maior, ou menor poder dos Demonios, com que os mesmos Feiticeiros tinhaõ pacto, & dos quaes eraõ instruidos, & governados. Mas se houvesse hum Feiticeiro, hũ Mago, & hum Encantador, o qual se governasse, & obrasse por mais alta sabedoria, & mais absoluto poder, que o de todos os Anjos, & o de todos os Demonios, naõ ha duvida, que este Feiticeiro venceria a todos os Feiticeiros, este Mago a todos os Magos, & este Encantador a todos os Encantadores.

DelRio, & alij.

360 Isto supposto, pergunto agora. E ha no mundo este tal Mago, & este tal Encantador,

cantador, cujos feitiços vençaõ os de todos os Feiticeiros, & cujos encantos os de todos os Encantadores? Sim ha, diz Santo Ambrosio. E quem he? O mesmo Christo, Deos, & Homem, a quem os Escribas, & Fariséos calumniáraõ de Feiticeiro, & Mago. As palavras do grande Doutor da Igreja saõ estas: *Multi tentant Ecclesiam, sed Magicæ Artis carmina ei nocère non possunt. Nihil Incantatores valent, ubi Christi canticum quotidie decantatur. Habet Incantatorem suum Dominum Iesum, per quem Magorum incantantium carmina, & serpẽtum venena vacuarit, & ipse sicut Serpens exaltatus devoret colubros Ægyptiorum.* Cuydais, que sò nas Synagogas do Demonio, que saõ as Escollas da Arte Magica, ha Feiticeiros, & Encantadores? Enganaisvos, diz Ambrosio, porque tambem a Igreja tem o seu Encantador, que he Christo Jesu, contra o qual nenhuã cousa valem todas as Artes Magicas, & Encantos. Bem sabeis o que fez Moysés no Egypto. Pois assim como Moysés naõ sòmente vencéo as serpentes dos Feiticeiros, & Magos de Faraó; mas encantou aos mesmos Encantadores, tirandolhe toda a arte, & toda a força: assim o nosso Divino Encantador Christo com mais poderosos, & invenciveis encantos, naõ sò desfaz todos os feitiços, mas enfeitiça, & encanta os mesmos Encantadores.

D. Ambros.

Exod. 7. 12. & 8. 18. 19.

361 Em prova destes encantos contra encantos, & destes feitiços cõtra feitiços, he tam raro, como proprijssimo caso, o que refere S. Gregorio Nazianzeno. Justina, Virgẽ consagrada a Deos, foi solicitada para as vodas por hum Mancebo rico, & nobre, ao qual como naõ aproveitassem nada todos aquelles meyos, & extremos, de que o amor ardentemente empenhado se costuma valer, comprou a hum insigne Mago, chamado Cypriano, para que com os mais poderosos, & efficazes feitiços o ajudasse a conquistar a vontade, que naõ podia rẽder. Fello assim Cypriano, tomando por instrumento, naõ alguã velha (diz o Santo) que costumaõ ser as mais destras neste

Nazianz. Orat. 18. in laudem S. Cypr.

Advertat Lector, Cyprianum istum nõ esse illũ Carthaginensem Episcopum, quamvis id ex falsa historia supponatur, sed Magum ejusdẽ nominis.

neste exercicio; mas hum Demonio dos que tem a seu cargo, & por officio, excitar nos coraçoẽs o amor profano, o mais industrioso, & astuto de todo o Inferno. Sentio a innocente Virgem o infernal incendio, & naõ bastando para o apagar, os jejuns, as penitencias, & as outras armas da Milicia Espiritual, com q̃ a rebeldia dos appetites se sojeita ao imperio da razaõ: que faria? Invóca por ultimo remedio o soccorro de seu Esposo Christo, & da Virgem Maria Defensora da Castidade: mas com que successo? Com o mais admiravel, & exquisito, que nem imaginar se podia. Desfeita subitamente por virtude de Christo a força dos feitiços, & desencantados os encantos, o Demonio, que assoprava o fogo, naõ sò fugio, & deixou livre a Justina, mas entrando no mesmo Mago Cypriano, que o chamára, & atormentandoo fortemente, se vingava nelle da empreza, em que o tinha metido. E jà temos encantado o Encantador.

362 Falta agora, que o amor do inferno, que o Mago queria acender em Justina, se transforme em amor do Ceo, que abraze a elle: & que o fogo, que havia de queimar a innocente, queime as mesmas Artes Magicas, que eraõ as culpadas. E tudo succedéo assim. Reconhecendo Cypriano, que havia outro Encantador mais poderoso, & que este era o Deos dos Christaõs, assim como Saul se valia de David, & da sua harpa contra o Demonio, q̃ o infestava: assim elle (prosegue Nazianzeno) se valéo de Christo, & de sua Santissima Mãy contra o mesmo Demonio, que tinha invocado, & agora o atormentava: o qual tambem logo fugio delle: & elle pondo o fogo a todos os livros, & instrumentos da Arte Magica, trocou o amor, para que o tinhaõ comprado, em amor do mesmo Christo, & ficou tam enfeitiçado dos seus encantos, que naõ sò recebéo a sua Fé, fazendose Christaõ, mas deu por elle a vida, sendo Martyr. Atèaqui o grande Doutor, entre todos os da Igreja por antonomasia o Theologo, em huã eloquẽtissima Oraçaõ, em que conclue

1. Reg. 16.23.

clue toda a narraçaõ do caso com esta sentença: *Divina enim Sapientia contraria per contraria procurare novit, ut maiorem sui admirationẽ mortalibus excitet*: porque Deos para maior admiraçaõ de sua sabedoria mostra, que sabe curar huns contrarios cõ outros contrarios; isto he, huns feitiços com outros feitiços, huns encantos com outros encantos, & huã arte cõ outra arte. *Ut ars arte, veneficium veneficio, & incantatio incantatione vinceretur*: commenta hum douto Expositor do mesmo Nazianzeno.

Velasquez in Maria Advocata nostra lib. 4. adnot. 8.

III.

363 EM summa, que por sentença, & authoridade dos dous grandes Doutores da Igreja, Ambrosio da Latina, & Nazianzeno da Grega, naõ sò temos a Christo no nome, & no exercicio Encantador, como lhe chamáraõ os Escribas, & Fariséos; mas tam sabio, tam poderoso, & tam excellente Encantador, que com seus feitiços desfaz todos os feitiços da Arte Magica, & com os seus encantos enfeitiça, & encanta os mesmos Encantadores. Seguese agora ver, quaes sejaõ os instrumentos, de que o mesmo Encantador Soberano se ajuda, ou mais verdadeiramẽte se serve, para assim enfeitiçar os que enfeitiça, & encantar os que encanta. E posto que os mesmos Sãtos naõ pudéraõ dizer nomeadamente que he o Rosario, porque ainda em seu tẽpo o naõ havia; das suas mesmas palavras se colhe, naõ sò sem violencia, mas com grande propriedade, & clareza.

364 Santo Ambrosio diz, que Christo foi figurado Encãtador em Moysés, quãdo vencéo, & confundio os Magos do Egypto. S. Gregorio Nazianzeno, q́ foi figurado em David, quando lançava o Demonio do corpo de Saul. E quaes foraõ os instrumentos, com que Moysés, & David, alcançáraõ estas vitorias contra a Arte Magica, & contra o Autor della? O instrumento de Moysés foi a Vara, o de David foi a Harpa: & em hum, & outro instrumento, maravilhosamente se representáraõ as duas

Ubi supra.

partes,

partes, de que he composto o Rosario. A Vara, era instrumẽto mudo; a Harpa, era instrumento com vozes: & tal he proprijssimamente o Rosario nas partes, Mental, & Vocal, de que se compoem. Na parte Mental he instrumento mudo, porque mudamente meditamos os Mysterios: na parte Vocal he instrumento com vozes, porque com vozes rezamos as oraçoẽs. Mais differaõ ambos os mesmos Doutores. Ambrosio diz: *Nihil Incantatores valent, ubi Christi canticum quotidie decantatur*: nenhuã cousa valem os feitiços de todos os Encantadores, quando todos os dias se canta o cantico de Christo. E que cantico de Christo he este, que se canta todos os dias, senaõ o Rosario? Cantico de Christo; porque todo he formado, & composto dos Mysterios de Christo: & cantico de todos os dias; porque todos os dias se reza, & se repete sem mudança, nem variedade, o mesmo. Naziãzeno diz: *Contraria per contraria procurare novit:* que os instrumentos, de que usa o Divino Encantador Christo, saõ totalmente contrarios aos encantos dos Magos: & naõ ha instrumento mais contrario, nẽ mais opposto, ou contraposto em tudo às superstiçoẽs da Arte Magica, que o mesmo Rosario, assim na sustancia, como no modo.

365 Quanto à sustancia. Os Magicos, & Feiticeiros (para o Demonio, que os governa, melhor enganar aos homẽs, & mais offender a Deos) a materia, de que costumaõ usar em seus encãtos, saõ commumente cousas sagradas, & palavras santas. Quantas vezes se tem visto, q̃ instigados do mesmo Demonio tem chegado a roubar occultamente Hostias cõsagradas, para abusarem dellas em seus encantos: permittindo Deos estes horrendos sacrilegios, naõ sò em castigo dos grandes peccados, que a Divina Justiça costuma castigar com a permissaõ de outros maiores; mas para que o mesmo Demonio ensine aos Hereges, que os commettem, que debaixo daquelles accidentes se occulta o verdadeiro Corpo de Christo, a quem

os Demonios tem tãto odio, que antes quizeraõ cair do Ceo, que adoralo. E que palavras saõ, as que se lem, ou naõ entendem nos caracteres, ou Hebraicos, ou Gregos, ou Latinos, das suas invocaçoẽs Magicas, senaõ as palavras, ou sentenças mais sagradas, & divinas, ou expressas da Escritura, ou compostas della? E como a materia, de que a Arte Magica usa em seus encantos, saõ cousas no exterior, & palavras santas; para q̃ o artificio do Rosario fosse com toda a proporçaõ contrario, & opposto, contrapõdo cousas a cousas, & palavras a palavras (mas huãs, & outras de superior, & invencivel virtude;) nem as cousas podiaõ ser mais sagradas, que os Mysterios da Vida, Morte, & Resurreiçaõ de Christo, nẽ as palavras mais santas, & as invocaçoẽs mais poderosas, que as do Padre-nosso, & Saudaçaõ Angelica. Isto quãto à sustancia.

366 Quanto ao modo. He preceito inviolavel, & superstiçaõ propria da Arte Magica, que quanto fazem, ou dizem em seus encantos, seja sem pre em numero desigual. Balaam, como lhe chama a Escritura, era Feiticeiro: *Balaam filium Beor ariolũ.* Numer. 22.5. Peitou-o El Rey Barac, para q́ com seus feitiços, & encãtos, enfraquecesse as forças do exercito de Israel, que tinha à vista: & elle ordenou primeiramente, que se levantassem sete altares, & logo que para o sacrificio se lhe tivessẽ preparados sete bezerros, & outros tantos carneiros, nomeadamente do mesmo numero: *Ædifica mihi hîc septem aras, & para totidem vitulos, ejusdemque numeri arietes.* Numer. 23. 29. Neste numero, sinalado sempre o mesmo, declarou bem o Feiticeiro, quanto importava para o effeito dos feitiços o mysterio, ou superstiçaõ do numero. Sete altares, sete bezerros, sete carneiros: & porque naõ seis, nem oito, senaõ sete? Porque a Arte Magica de nenhum modo se serve de numeros iguaes, ou pares, senaõ sempre de numero desigual, ou impar. Assim o lemos em Ovidio nos feitiços Ovidius. de Medéa, em Lucano nos feitiços de Ericho, & em Lucanus. Virgilio, nos de Maga, q́ enfeitiçou

feitiçou a Daphnis. Dá a razaõ o mesmo Princepe dos Poetas, dizendo:

Virgilius, Eclog. 8.

Terna tibi hæc primùm triplici diversa colore
Licia circundo: terque hæc altaria circum
Effigiem duco. Numero Deus impare gaudet.

Onde debaixo do nome, *Deus*, se entendia o mesmo Autor desta superstiçaõ, o Demonio, a quem os Gentios adoravaõ como Deos nos simulacros dos Idolos. E era tanta a fé, que todos tinhaõ nesta desigualdade do numero, para conseguir o que dezejavaõ, que naõ sò os Pastores nos rebanhos observavaõ, que as rezes nunca fossem pares; mas atè os Soldados, como refere Vegecio, quando abriaõ o fosso aos muros, ou trincheiras dos arrayaes, segundo o maior, ou menor numero dos inimigos, ou o faziaõ de nove pés, ou de onze, ou de treze, ou de dezasete: *Fossam aperiunt latam, aut novem, aut undecim, aut tredecim pedibus; vel, si maior adversariorum numerus metuitur, pedibus decem & septem: imparem enim numerum observare moris est.* Sendo pois a superstiçaõ do numero desigual tam propria da Arte Magica, & o Rosario o instrumento, com q̃ o Divino Encantador Christo a havia de destruir; para que tambem de numero a numero fosse proporcionada a opposiçaõ de hum feitiço a outro feitiço, & de hum encanto a outro encanto; esta he a propriedade maravilhosa, cõ que foi, naõ sò conveniente, mas necessario, que tambem o Rosario, assim nos Mysterios, como nas oraçoẽs, de q̃ he cõposto, guardasse a mesma desigualdade dos numeros. As partes, em que se divide, tres: os Mysterios, naõ quatorze, nem dezaseis, senaõ quinze: & desses Mysterios os Gozosos sinco, os Dolorosos sinco, os Gloriosos sinco: & que atè às decadas das Ave-Marias se acrescentasse hũ Padre-nosso, para que as oraçoẽs fossem onze.

Vegetius l. 3. cap. 8.

367 Nem deve parecer esta observaçaõ demaziadamente especulativa, ou nova, ou inventada livremẽte; porque antes seria defeituoso o artificio do Rosario, se a ar-

te do ſegundo Encantador ſe naõ oppuzeſſe em tudo à do primeiro. O primeiro Encantador, que houve no mundo, foi o Demonio, transformado primeiro na Serpente, para encantar a Eva, & depois transformado em Eva para encantar a Adam. E que fez o ſegundo Encantador Chriſto, para desfazer o que tinha feito, ou enfeitiçado o primeiro? Notou tudo, & decretou comſigo, naõ de o vẽcer de poder a poder (q́ fora pouca gloria) mas de o enganar, & encantar de arte a arte. Aſſim o cãta a Igreja: *Multiformis proditoris ars ut artem falleret.* Pois aſſim como Chriſto ſe figurou na Serpente do Deſerto para cõtrapor Serpẽte a Serpente: & aſſim como morréo em huã Cruz para contrapor arvore a arvore: & aſſim como foi pregado nella ao meyo dia para contrapor hora a hora (porque ao meyo dia foi vẽcido Adam, como ſe colhe do Texto: *De ambulantis in paradiſo ad auram poſt meridiem:* aſſim foi conveniente, & neceſſario, q̃ no ultimo inſtrumẽto, & encanto univerſal do Roſario, ordenado para desfazer todos os feitiços do Demonio, o numero tambem ſe contrapuzeſſe ao numero, & o deſigual ao deſigual, & por eſte modo ſe correſpondeſſem, & contrariaſſem em tudo huã arte com outra arte: *Ars ut artem falleret.*

Geneſ. 3. 1. & ſeqq. *Eccleſ.* *Geneſ. 3 8.*

IIII.

368 TEmos viſto em commum, naõ ſò a Chriſto Soberano Encantador; mas quam proprias ſaõ, ſegundo a arte, aſſim na materia, como na diſpoſiçaõ, todas as proporçoẽs, que cõcorrem no Roſario para ſer o inſtrumento dos ſeus encãtos. Agora vejamos em particular por todos os Myſterios do meſmo Roſario, quam maravilhoſo he o meſmo Encantador na pratica, & exercicio delles, & quam efficaz, & poderoſamente enfeitiça, & encanta.

369 Começando pelos Myſterios Gozoſos, que ſaõ os da Infancia de Chriſto, falando da meſma Infancia o Profeta Iſaias, diz aſſim: *Delectabitur Infans ab ubere ſuper* *Iſai. 11 8.*

per foramine aspidis. Naõ ha duvida, que falla o Profeta do Nascimento de Christo, como se vé claramente de to-
Ibid. 1. do o Texto, que começa: *Egredietur virga de radice Iesse:* & diz, que o bello Infante desde os peitos de sua Mãy meterá a maõ nas covas, & cavernas dos aspides, & os domará, & fará tam mansos, que brincará cõ elles. Quam proprio effeito seja da Arte Magica encantar, & amansar as serpentes, naõ he necessario citar Autores, pois nenhum ha, q̃ o naõ diga. Mas porque razaõ neste caso entre todas as serpentes faz mençaõ Isaias do aspid, mais que de outra: *Delectabitur Infans super foramine aspidis?* Porq̃ he o maior encarecimento, cõ que podia exagerar quam grande Encantador he Christo Minino sobre todos os Encantadores mais sabios. David lhe tinha dado o argu-
Psalm. mento, quando disse: *Sicut*
57.5.6. *aspidis surdæ, & obturantis aures suas, quæ non exaudiet vocem incantantium, & venefici incantantis sapienter.* Todos os Santos, & Expositores, seguindo a tradiçaõ cõmum, que val mais que a authoridade de Plinio, & Eliano, dizem, que alludio o Profeta nesta sentença ao instinto natural do aspid, o qual presentindo a efficacia das palavras magicas, com que os Feiticeiros encantaõ, & amansaõ as serpentes; elle achandose sem maõs com que tapar os ouvidos (como os Compa- Homer.
nheiros de Ulysses contra o Odyss.
encãto das Seréas) prega for- lib. 12.
temente hum ouvido na terra, & cerra o outro com a põta da cauda, & fazendose por este modo totalmente surdo, vence com a sua arte natural a Arte Magica do Feiticeiro, & se livra dos seus encantos. Porisso diz David, q̃ por muito sabio que seja o Encantador, naõ pôde encãtar o aspid: *Sicut aspidis surdæ, & obturantis aures suas, quæ non exaudiet vocem venefici incantantis sapienter.* Desorte, que os Encantadores muito sabios sabem, & podẽ encantar as outras serpentes: o aspid para naõ ser encantado, sabe, & pôde mais que os Encantadores: porèm o nosso Minino Encãtador, sabe, & pôde mais que os aspi-

des: *Delectabitur Infans super foramine aspidis.* O que para os outros Encantadores he impossivel, para o nosso Encantador he jogo.

370 Jà agora se naõ admirará o mũdo de ver apear ao Portal de Belem os tres Reys Magos com todas as suas tropas, adorando no Presepio, & entre as palhas, o Divino Encantador recem nascido. Santo Agustinho, S. Jeronimo, S. Chrysostomo, Santo Ambrosio, & Santo Thomás, dizem, que estes Magos, naõ sò eraõ Astrologos, senaõ verdadeiramente Feiticeiros, & Encantadores. Mas muito mais sabio, & muito mais poderoso Encãtador he que elles, o que mudo, & sem fallar palavra, por huã Estrella tambem muda, os trouxe desde o Oriente, & os poz a seus pés rẽdidos. Esta foi a razaõ, porque o Evãgelista, sendo Reys, lhe naõ chamou Reys, senaõ Magos; porque maior gloria foi para Christo Infante a vitoria da sua Arte, que a sojeiçaõ das suas Coroas.

August. Hieron. Chrysost. Ambros. Thom.

Matth. 2.1.

371 Passando aos Mysterios Dolorosos. Disse Christo em sua vida, que quando fosse levantado na Cruz attrahiria tudo a sy: *Si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum.* Esta he outra grãde maravilha dos poderes da Arte Magica, com q̃ Amphion, famoso Mago, deu tam celebrada materia ás Fabulas dos Poetas. Dizem elles, que com a consonancia, & harmonia dos versos, que cantava, levava apoz sy os penhascos, & os bosques. A verdade he, que Amphion arrancava de seu lugar as arvores, & abalava, & movia as pedras; porèm naõ era como Musico com as vozes do seu canto, senaõ como valentissimo Feiticeiro com a força dos seus encantos. Mas que tem isto que ver com os do nosso Encantador crucificado, ou exaltado na Cruz? Tudo disse, que entaõ havia de attrahir a sy: *Omnia traham ad me ipsum.* E assim foi, diz Ruperto: porque trouxe a sy o Ceo, trouxe a sy a Terra, & trouxe a sy o Inferno. O Ceo, ecclypsandose, & vestindose de luto o Sol, & cobrindo o mundo de trevas: o Inferno, saindo do Seyo de Abraham

Ioan. 12. 32.

Textor in Offic. tom. 2. verb. Venefici.

Rupert. Matth. 27.45. 51.52. 53.

braham muitos dos que là esperavaõ aquelle dia,& apparecendo resuscitados em Jerusalem: a Terra, tremẽdo toda, & quebrandose de dor as partes mais insensiveis, & duras della, q̃ saõ as pedras. Mas naõ foi isto sò o q̃ trouxe, ou attrahio a sy, como bẽ
August. *Cyrill.* ponderaõ Santo Agustinho, & S. Cyrillo. Com as quatro pontas, ou cabos da Cruz, desde o Oriente ao Poente,& desde o Setentriaõ ao Meyodia,trouxe a sy as quatro partes do mundo: & com os caractéres Hebraicos, Gregos, & Latinos do Titulo,trouxe a sy todas as Linguas, todas as Naçoẽs, & todas as Gentes do Universo.

372 Com outro intento lhe puzeraõ de hum, & outro lado na Cruz outros dous Crucificados: mas este mesmo foi hum novo mysterio,& o maior dos seus encã-
Homer. Odyss. lib. 10. tos. Circe, famosa Encantadora,transformava os homẽs em brutos: & estes effeitos, posto que apparentes, bem mostravaõ ser da arte do Demonio, que assim o tinha fei-
Psalm. 48. 13. to no primeiro Homem: *Homo cum in honore esset, comparatus est jumentis, & similis factus est illis.* Porèm o nosso Divino Encantador quiz morrer entre dous homẽs, havendo nascido entre dous brutos,para que conhecessemos, que os seus encantos, & transformaçoẽs, naõ eraõ para fazer de homẽs brutos, senaõ de brutos homẽs. Nabucodonozor, pri- *Dan.* 4. 30. & *seqq.*
meiro transformado em bruto, & depois reformado em homem, foi obra da mesma maõ,primeiro justa,& depois piedosamente Omnipotente: mas no genero humano naõ foi assim. O Homem transformado em bruto, foi obra da Magia do Demonio, & o bruto reformado em Homem, vitoria dos encantos de Christo.

373 Estes saõ os feitiços da sua Cruz, & de todos os outros instrumentos dos Mysterios Dolorosos. Lembrame a este proposito, que accusado de Feiticeiro hum Lavrador Romano,pela excessiva fertilidade com que as suas lavouras se aventejavaõ às de todos; confessou elle ingenuamente o crime em presença do Senado:

& perguntado, quaes eraõ os ſeus feitiços, pedio de eſpaço aquella noite para reſponder. A o outro dia appareceo no meſmo lugar, carregado de arados, de grades, de enſinhos, de enxadas, de podoẽs, de fouces, & de todos os outros inſtrumentos ruſticos, & lançãdoos diãte dos Senadores, diſſe: *Veneficia mea, Quirites, hæc ſunt*: Padres Conſcriptos, eſtes ſaõ os meus feitiços. Iſto meſmo faz o Roſario nos Myſterios Doloroſos. Poemnos diante dos olhos a Chriſto carregado cõ a Cruz, com a Coluna, com a Lança, com os Açoutes, cõ os Cravos, com os Eſpinhos, & com todos os outros inſtrumentos, & tormentos de ſua Paixaõ: & dizendonos o meſmo Senhor com a boca amargada de fel, & o coraçaõ aberto: *Veneficia mea hæc ſunt*: eſtes ſaõ os meus feitiços: Que coraçaõ haverá tam duro, & tam de aſpid, que ſe naõ deixe enfeitiçar, & encantar delles?

Plin. Secund. Histor. Mund. lib.18. cap.6.

374 Finalmente, os Myſterios Glorioſos, em q̃ vemos a Chriſto ſubindo ao Ceo, a quem naõ arrebataráõ, & daráõ azas. Os Feiticeiros quando querem voar, tem certos unguentos, com que ſe untaõ, & voaõ. Aſſim voou à viſta de toda Roma Simaõ o Mago Samaritano: aſſim voou, & deſappareceo em preſença do Emperador Domiciano Apolonio Tyanéo, que ſuccedéo na Arte, & na Eſcola a Simaõ: aſſim voou de Theſſalia para Athenas, & de Athenas para Aſia a antiga Medéa: & aſſim voaõ as modernas mais culpadas, & indignas de perdaõ na fé do tempo preſente, pois aprendem a Arte do Encantador do Inferno, quando puderaõ ſeguir o do Ceo. *Trahe me poſt te, curremus in odorem unguentorum tuorum*: dizia a Chriſto a Eſpoſa dos Cantares. E quando o diſſe? S. Bernardo: *Anima Sancta contemplans Chriſtum in Cælum aſcẽdentem, clamat: Trahe me poſt te: ut tecum è valle lachrymarum in montes æternitatis, & æternæ voluptatis aſcendam.* Quando Chriſto ſubio ao Ceo, contemplando a Eſpoſa Santa ſua Aſcẽçaõ glorioſa, entaõ he que lhe pedio, que a levaſſe apoz ſy, para q̃ ella

Histor. Pōtific. part.1. c.3.pag. 20.vers. Textor in Offic. tom.2. verb. Venefici, & verb. Magi.

Cant.1. 3.

Bernard. ibi.

ella tambem subisse deste valle de lagrimas aos montes eternos da Gloria. Mas porq faz mençaõ a Christo dos seus unguentos, quando lhe pede, que a leve apoz sy ao Ceo: *Trahe me post te, curremus in odorem unguentorum tuorum?* Porque Christo como Soberano Encantador tãbem na sua Divina Magia tem outros unguentos, com que ungidos os que o querẽ seguir, voaõ apoz elle, que he a Graça, & Unçaõ do Espirito Sãto, que com sua Vida, & Morte nos mereceo: diz o mesmo S. Bernardo. Assim ungido voou, & foi arrebatado S. Paulo ao terceiro Ceo: assim ungida subia a Madalena sete vezes no dia a ouvir as musicas dos Anjos: assim ungidos os Hyeroteos, os Dionysios, os Franciscos, as Brigidas, as Getrudes, as Theresas, & tantos outros Espiritos extaticos enfeitiçados das saudades, & amor do mesmo Esposo, ou no corpo, ou fòra do corpo, voavaõ frequentemente ao Ceo, onde mais viviaõ, que na terra. Na terra eraõ huns corpos encantados, & apparentes, mais verdadeiramente mortos, que vivos; porque a sua vida naõ apparecia onde eraõ vistos, mas estava escondida no Ceo em Deos, & com Christo. Tudo saõ palavras do Apostolo S. Paulo: *Mortui estis, & vita vestra est abscondita cum Christo in Deo.* Collos. 3. 3.

V.

375 ASSIM enfeitiça, & encanta Christo aos homẽs em todos os Mysterios do Rosario. Mas debaixo deste modo de enfeitiçar, que todos entendem, se occultaõ nos mesmos Mysterios outros encantos mais altos, naõ entendidos, & por vẽtura nem imaginados. Huã feitiçaría tam usada, como effectiva, he tomar o Feiticeiro a imagem da pessoa, que quer enfeitiçar, & ir executando na mesma imagem, tudo o que pertende, que a pessoa enfeitiçada faça, ou padeça. A este modo de enfeitiçar allude a Maga Virgiliana, quando diz da imagem de Daphnis, que havia de ser o enfeitiçado:

——— *Terque hæc al-* Virg. Eclog. 8.

 taria

taria circum
Effigiem duco.

Isto posto, vamos ao encãto, que com razaõ chamey naõ imaginado. Para o Demonio derrubado do Ceo se vingar de Deos (Quem tal imaginára!) intentou enfeitiçar ao mesmo Deos. E que fez? Como Adam era a imagem de Deos: *Creavit Deus hominem ad imaginem, & similitudinem suam:* arca com Adam, & apertandoo com toda a força dos seus encantos, foraõ taes os effeitos, & se naõ foraõ os effeitos, foi tal o successo, que tudo o que o Demonio executou na imagem de Deos, exprimentou, & padecéo Deos em sua propria Pessoa. Vedeo claramẽte. Assim como Adam, que no estado da innocencia era impassivel, ficou passivel: assim Deos, que era impassivel, por este mesmo successo se fez passivel. Adam, que por privilegio do seu estado era immortal, ficou mortal, & Deos, que por natureza era immortal, se fez tambẽ mortal. Adam, que tinha por Patria bemaventurada o Paraiso, foi lançado do Paraiso, & Deos, que tinha por Corte o Ceo, descéo do Ceo, & se desterrou a este mundo. Finalmente, Adam ficou sojeito a todas estas penas, por causa do peccado, & Deos por occasiaõ do mesmo peccado se sojeitou às mesmas penalidades, naõ commettẽdo (que naõ podia) o peccado, mas tomandoo sobre sy, & pagando por elle, como se o comettéra: *Eum, qui non noverat peccatum, pro nobis peccatum fecit.* Que diremos neste grande caso? Que obráraõ os feitiços do Demonio em Deos, tudo o que executou na sua imagem, & que ficou Deos verdadeiramente enfeitiçado? Digo, que enfeitiçado sim, mas naõ por força dos encantos do Demonio, senaõ pelos encantos do seu amor, pelo qual permittio, & dispensou em sy mesmo, tudo o que a Magica do Demonio havia de obrar, se pudéra, posto que naõ podia. Fallo com Santo Agustinho, & com Santo Thomás.

Genes. 1. 27.

2. Cor. 5. 21.

376 Pedio ElRey Saul a huã Feiticeira, q por Arte Magica (a qual neste caso he propriamente Nieromancia) lhe

1. Reg. 28. 11. & seqq.

lhe resuscitasse a Samuel, porque o queria consultar. E assim se fez. Apparecéo Samuel nos mesmos trajos, em que andava neste mundo, & fallou com Saul, & satisfez às suas duvidas. Mas, ou fosse Samuel verdadeiramente resuscitado em seu proprio corpo, ou fosse a Alma de Samuel sòmente em corpo fantastico, & apparente, nenhuã destas cousas podia fazer a Arte Magica: porque nem o Demonio pôde resuscitar mortos, nem pôde tirar as Almas dos lugares, onde Deos as tem, ou prezas, ou depositadas, como a Alma de Samuel estava no Seyo de Abraham. Pois se nem a Feiticeira, nem o Demonio por nenhuã arte podiaõ fazer o q́ intentáraõ, como succedéo tudo assim, & do mesmo modo, que ella, & elle o tinha procurado por meyo de seus encantos? Porque ainda que a Feiticeira, & o Demonio naõ podiaõ resuscitar a Samuel, nem tirar a sua Alma do lugar, onde estava, & trazella à presença de Saul, & cõ effeito nenhuã destas cousas fizeraõ; naõ obsta, que nò mesmo tempo, em que elles applicavaõ os seus encantos, obrasse Deos por sy mesmo, & por outros motivos, o mesmo q̃ elles naõ podiaõ, & haviaõ de fazer, se podessem. Assim o diz Santo Agostinho na Epistola a Simplicio: *Non est absurdum credere aliqua dispensatione permissũ fuisse, ut non dominante Arte Magica, vel potentia, sed dispensatione occulta, quæ Phytonissam, & Saulem latebat, se ostenderet Spiritus justi aspectibus Regis divina eum sentẽtia percussurus.* E Santo Thomás na Questaõ Cento & setenta & quatro da Secunda secundæ: *Nec obstat, quòd arte Dæmonum hoc dicitur factũ: quia & si Dæmones animam alicujus Sãcti evocare non possunt, neque cogere ad aliquid agẽdum: potest tamen hoc fieri divina virtute, ut dum Dæmon consulitur, ipse Deus per suum nuntium veritatem enũtiet.* Assim pois, como o Demonio com a mesma soberba, & ignorancia, com que quiz ser como Deos, quizesse tambem enfeitiçar a Deos, & succedesse com effeito em huã das Pessoas Divinas, o q̃ elle

August. Epist. ad Simplicium.

D.Th. q.174. 2.2.

elle executou na ſua imagẽ; naõ foraõ com tudo artes, nem poderes do Demonio, ſenaõ miſericordias, & finezas do meſmo Deos, que enfeitiçado do ſeu proprio amor, quiz pelos meſmos meyos reformar a ſua imagem, & confundir, & encantar o Encantador della.

377 Ainda eſtaõ occultos maiores myſterios, & encãtos nos meſmos Myſterios do Roſario. Jà naõ he o Demonio o que quer enfeitiçar a Deos cõ a ſua imagem humana, mas he o meſmo Deos, que quer enfeitiçar aos homẽs com ſua Imagem Divina. Agora vos peço maior attençaõ. A Imagem Divina de Deos he o Verbo Eterno: *Qui eſt imago Dei, & figura ſubſtantiæ ejus*. Encarnou o Verbo Eterno, naõ ſò ſojeito a todas as penſoẽs da natureza, ſenaõ a todos os rigores da fortuna. O naſcer, & morrer, foraõ penſoẽs da natureza; o naſcer em huã mãgedoura ſem caſa, & o morrer em huã Cruz ſem cama, foraõ rigores da fortuna. Quem o obrigou a todas eſtas ſojeiçoẽs, tam alheas de quem era, foi ſeu proprio Pay: *Qui proprio Filio ſuo non pepercit.* Mas a que fim? Aqui eſtá a profundidade do myſterio, & do encanto. A que fim, ſendo o Filho imagẽ natural do Padre, tam immortal, impaſſivel, & inviſivel como elle, a fez Deos paſſivel, mortal, & viſivel, veſtindoa da natureza humana? E a que fim, depois de viſivel, mortal, & paſſivel, a tratou tam aſpera, tam dura, & tam rigoroſamente, aſſim na Vida, como na Morte? O fim foi para Deos enfeitiçar os homẽs, por amor dos quaes o fizera Homem. O Demonio enfeitiça o homem, pondo os feitiços na imagem do homem; porèm Deos enfeitiçou o homem pondo os feitiços, naõ na imagem do homem, ſenaõ na ſua. E aſſim como nos feitiços do Demonio tudo o que o Demonio faz, & executa na imagẽ, padece o enfeitiçado em ſy: aſſim neſte modo de enfeitiçar tam differente, & que ſò podia ſer invẽtado por Deos, o fim altiſſimo de ſua ſabedoria foi, que tudo o que elle fazia, & executava na ſua imagem,

2 Cor. 4.4. Hebr. 1. 3. Rom. 8. 32.

imagem, fizesse tambem, & executasse o homem em sy mesmo, naõ por encãto violento, senaõ voluntario, conformandose a imitaçaõ humana com a Imagem Divina. Isto he o que chamou S.
Rom. 8. 29. Paulo: *Conformes fieri imaginis Filij sui*: & isto he o que fizeraõ como homẽs verdadeiramente enfeitiçados, & encantados, todos aquelles, que excedendo os limites da paciencia, & as façanhas do amor, imitáraõ tam forte, como amorosamente, a mesma imagem, & se conformáraõ com ella.

378 A imagem, que fez a Maga, de que jà fallámos, para enfeitiçar a Daphnis, naõ sò foi de huã materia, senaõ de duas, huã de barro, outra de cera, & ambas com sutilissimo engenho. Poz huã, & outra junto do fogo, & no mesmo tempo, & com o mesmo calor, a de cera derretiase, & a de barro endureciase mais. E estes dous effeitos eraõ os mesmos, que com aquelle feitiço se pertendiaõ no coraçaõ de Daphnis; a saber, que para quem naõ amava se abrandasse, & para quẽ amava se endurecesse. Assim o diz cõ tam admiravel brevidade, como propriedade, a Poesia do grande Filosofo:

Limus ut hic durescit, & hæc
ut cera liquescit, Virg. Eclog. 8.
Uno, eodemque igni: sic nostro Daphnis amore.

379 Ponde agora os olhos na mesma imagem de Deos, ou no Presepio, ou na Cruz. O fogo do amor he o mesmo, & a imagem a mesma; mas no Presepio derretida, & porisso abranda os coraçoẽs, q̃ enfeitiça: na Cruz endurecida, & porisso fortalece os que encanta. Porque cuidais, que houve tantos Sãtos Confessores, & ha ainda hoje tantos Varoẽs moços, & molheres, de heroico, & generoso Espirito, que renunciando as riquezas, & pizando as dignidades, & ainda os Cetros, & as Coroas, ou se retiráraõ aos desertos, ou se sepultáraõ vivos em huã cova? Sem duvida; porque a humildade, a pobreza, o desemparo, o rigor do tempo, & do lugar, & todas as outras penalidades, com que Deos no Presepio apertava, & affligia a sua imagem, enfeitiçandolhe

çandolhe os entendimentos, & as vontades, & derretendo-lhe os coraçoẽs, obravaõ nelles os mesmos effeitos. Para que percaõ jà o nome nas Historias, & a fama nas Fabulas, as Verbenas, os Myrtos, & os Lauros Magicos, & todas as outras hervas, flores, & succos, ou nascidas no Ponto, ou colhidas na Arcadia, ou arrancadas, & esprimidas do Ossa, do Pindo, & do Olimpo: pois hum Minino sem maõs, & sem voz, sò com huãs palhinhas seccas faz tanto maiores encantos. E passando do Presepio ao Calvario: Porque cuidais, q̃ houve, & ha ainda em nossos dias, tantos Martyres de tam estranha, & invencivel fortaleza, tam duros, como se fossem de marmore, ou de brõze, contra as feras, contra o ferro, contra o fogo, & contra a ira, & rayva dos Tyranos, mais feros que as mesmas feras: senaõ porque vendo as dores, & os tormentos, com que Deos martyrizava a sua Imagem encravada, & agonizante na Cruz, encantados da paciencia, & constancia, & enfeitiçados do coraçaõ, & amor, com que os padecia, a sua mesma dureza os abrandava para os abraçar, & a sua mesma brandura os endurecia para os naõ sentir? Pasmem pois, & emmudeçaõ tambem aqui, & fiquem jà indignas de toda a admiraçaõ, & memoria, ou as espadas encantadas dos Achilles, ou as armas fabulosas forjadas nas fornalhas do Ethna, & temperadas na Lagoa Estigia, pois hum Homem com as maõs pregadas, & morto, sò com dous lenhos atravessados pode encantar, sojeitar, & dominar o mundo: *Domuit orbem, non ferro, sed Ligno.*

380 Aas duas imagens, huã de barro, outra de cera, acrescenta Grillando a terceira, feita tambem de pedras preciosas para os mesmos feitiços amatorios. *Vel ex terra* (diz elle) *vel ex cera, vel ex gemmis.* E esta he a que sò nos faltava para complemento dos tres Mysterios do Rosario. Hum de cera nos Gozosos, brando pelas ternuras da Infancia: outro de barro nos Dolorosos, duro pelos tormentos da Cruz: & o terceiro

Grillãdus in sua Magia.

ceiro de pedras preciosas nos Gloriosos pelos resplandores da Resurreiçaõ : & tudo por virtude do mesmo fogo: *Uno, eodemque igne.* Porque o fim, para que Deos nos quiz enfeitiçar com a sua imagem, conformãdonos com ella na imitaçaõ suave da Vida, & na forte, & dura da Morte, que saõ os Mysterios Gozosos, & Dolorosos, foi para que por meyo delles o merecessemos acompanhar eternamẽte nos Gloriosos, para os quaes nos tinha predestinado: *Quos præscivit, & prædestinavit, cõformes fieri imaginis Filij sui.*

VI.

381 TEmos visto, como Christo, Soberano Encantador, nos enfeitiça, & encanta em todos os Mysterios do Rosario, naõ sò por hum, senaõ por dous modos, ambos maravilhosos; mas o segundo mais alto ainda, & mais admiravel que o primeiro. Agora se segue o que Plinio affirma de certos feitiços, que he tal a sua calidade, & efficacia, que aquelles, a quem tocaõ, naõ sò ficaõ enfeitiçados, senaõ tambẽ Feiticeiros: *Tantùm remanet virus excepto semel malo, ut venefici fiant venena passi.* Plinius lib. 28. cap. 3. Mas se Christo he o que nos enfeitiça com os Mysterios do Rosario, & nós por enfeitiçados ficamos tambem Feiticeiros, a quem enfeitiçamos? Naõ menos, nem a outrem, senaõ ao mesmo Christo. Elle a nós com os Mysterios, & nós a elle com as oraçoẽs: elle a nós na parte Mẽtal do Rosario, como Vara de Moysés muda, & nós a elle na parte Vocal, como Harpa de David com vozes.

382 Naõ he cousa nova, posto que grande, que as oraçoẽs dos homẽs tenhaõ força de encantar a Deos. Assim o differaõ os Setenta Interpretes, declarando a virtude das mesmas vozes da Harpa de David. David diz: *Præcinite Domino*: & os Setenta: *Excantate Dominum*. Psalm. 146. 7. Naõ saõ dous Oraculos, senaõ hũ sò, & o mesmo. Em David diz: Oray a Deos: & nos Setenta diz: Encantay a Deos: porque Deos he tam bom, q̃ se deixa enfeitiçar, & as nos-

ſas oraçoẽs tam poderoſas, q̃ o enfeitiçaõ. *Excantatur Dominus, quando ſanctis carminibus,& precationibus ab ira in peccatorem concepta, avellitur:* diz, commentando o meſmo verſo, Genebrardo, & concordãdo o Texto de David com a Verſaõ dos Setẽta. Eſta he a razaõ fundada na verdade do meſmo Deos; porque quando a ſua juſtiça decreta abſolutamente algũ caſtigo, antes de proceder à execuçaõ, prohibe primeiro a noſſa oraçaõ. Ao Profeta Jeremias prohibio Deos, que naõ oraſſe pelo Povo: *Noli orare pro populo iſto.* Do meſmo modo a Loth, que naõ oraſſe pelas Cidades infames: a Joſué, que naõ oraſſe por Achan: & a Samuel, que naõ oraſſe por Saul. E todas eſtas prevençoẽs anticipava Deos, porque no Tribunal de ſua Juſtiça eſtavaõ ſentenciados os caſtigos com decreto abſoluto, & irrevocavel. Mas ſe os decretos eraõ abſolutos, & naõ podiaõ deixar de ſe executar, que importa, q̃ oraſſem, ou naõ oraſſem os homẽs, ou de q̃ ſe temia Deos? Aſſim difficulta o caſo o doutiſſimo Cõmentador dos Livros dos Reys Mendoça. E perguntando: *Cur, quæſo, Deus orari ſe prohibet?* Reſponde: *Planè, quia timet excantari.* Sabeis porque prohibe Deos com tanta prevençaõ o ſer orado? He, porque teme o ſer encantado: *Planè, quia timet excantari.* E ſe as outras oraçoẽs encantaõ, & enfeitiçaõ a Deos, quanto mais as do Roſario?

Genebr. ibi. — *Ierem. 14.11.* — *Geneſ. 19.21.* — *Ioſue 7.10.* — *1.Reg. 16.1.* — *Mendoſa ibi in annotat.*

383 Definindo Iſaias as invocaçoẽs, & imprecaçoẽs Magicas, com que os Encãtadores enfeitiçaõ, chamoulhe em huã palavra equipollente a duas, eloquio myſtico. Aſſim cõſta do Capitulo terceiro do meſmo Profeta: porque onde o Original Hebréo tem, *Prudẽtem incantatorem,* lé a noſſa Vulgata, *Prudentem eloquij myſtici.* Transferindo pois eſta meſma definiçaõ das invocaçoẽs Magicas, & applicandoa às oraçoẽs Chriſtaãs, com que encantamos a Deos, a nenhuã quadra mais inteiramente, & com maior propriedade, que ao Roſario. E porque? Porq̃ toda a eſſencia do Roſario, por ſeu genero, & por ſua dif-

Iſai. 3.3.

differença, se comprehende, & declara nesta definiçaõ. Todas as outras oraçoẽs saõ eloquio, porq em todas fallamos com Deos; mas eloquio mystico, sò o Rosario propriissimamente. Eloquio; porque na parte Vocal todo consta de vozes: mystico; porque na parte Mẽtal todo consta de Mysterios. Assim que o verdadeiro devoto do Rosario, q medita os seus Mysterios, & reza as suas oraçoẽs, este he o sabio, & prudente Encantador, que encãta a Deos: *Prudentem incantatorem. Prudentem eloquij mystici.*

384 Naõ quero outro Expositor, senaõ o mesmo Profeta, & no mesmo Texto Hebréo. No Capitulo vinte & seis diz assim Isaias, fallãdo com Deos: *Effundunt incantationem, quando castigatio tua eis.* Quer dizer. Quando vós, Senhor, quereis castigar, ou ameaçais castigos aos hõmẽs, o que fazem os sabios, ou prudẽtes do eloquio mystico, he derramar contra vós os seus encantos, para que como enfeitiçado, ou encantado, vos quebrem as forças, & se defendaõ da vossa ira. Mas que encantos saõ estes taõ poderosos com Deos, ou contra elle? O nosso Portuguez Foreyro, peritissimo na Lingua Hebréa, cuja he a Versaõ, o declara: *Effundunt incantationes, hoc est, orationes arte compositas, & aptè concinnatas.* Os encantos, que derramaõ contra Deos estes sabios Encantadores, saõ huãs oraçoẽs compostas por tal arte, que saõ aptas, & tem força para o encantar. Naõ chegou a dizer expressamente, & por seu proprio nome, que saõ as oraçoẽs do Rosario. Mas que oraçoẽs ha outras, por muitas, & repetidas, às quaes convenha tam naturalmente a propriedade de derramadas? Ou que Arte ha, ou pôde haver, tam sobrehumana, & verdadeiramẽte Divina, que lhe désse energía, & forças, para encantar a Deos: senaõ a Arte, com que o mesmo Rosario foi composto, & ordenado pelo Filho, & pela Mãy do mesmo Deos? *Effundunt incantantiones, hoc est, orationes arte compositas, & aptè concinnatas.*

Text. Hebr.

Forcr.

385 Està provado o encanto.

canto. Mas o entendimento ainda dezeja saber duas cousas, que necessitaõ de declaraçaõ. Primeira: Em que cõsiste este encantamento de Deos? Segunda: Donde tem virtude o Rosario para o encantar? Quanto à primeira, respondo, que o encantamẽto de Deos consiste em ficar o mesmo Deos como ligado, & atado por força das nossas oraçoẽs, & dominado, sojeito, & obediente a ellas, sem lhe poder resistir. Tudo
Antoninus. disse Santo Antonino: *Oratio, ut ita dicam, valet contra Deũ, quasi teneat eum ligatum: est enim fortis, & efficax, ut omnia vincat, & omnibus dominetur, etiam Deo.* Estar Deos como ligado, & atado, provase da oraçaõ de Moysés, a quem disse o mesmo Deos:
Exod. 32.10. *Dimitte me, ut irascatur furor meus.* E o estar dominado, sojeito, & obediente, provase da oraçaõ de Josué, de
Iosue. 10.14. quem diz a Escritura: *Obediẽte Domino voci hominis.* E q̃ vem a ser Deos ligado, Deos dominado, Deos obediente, & sojeito, senaõ o mesmo Deos, & o mesmo Omnipotente encantado?

386 Jà deixamos provado, & resoluto cõ Santo Agustinho, & Santo Thomás, q̃ *Ubi supra.* a Pythonissa, ou Maga, de que se valéo Saul, naõ tinha poder por força das Artes Magicas, nem para resuscitar a Samuel, nem para o tirar do Seyo de Abraham, onde estava. Leaõse porèm as Historias Ecclesiasticas, & acharsehaõ mais de sincoenta resuscitados, q̃ depois de mortos, & alguns delles jà sepultados, tornáraõ a viver pela devaçaõ do Rosario. E quasi saõ outros tantos exemplos, os daquelles que estando jà condenados ao Inferno, por morrerem em peccado, lhe concedéo Deos novo espaço de penitencia, com que a fizeraõ, & se salváraõ. Desorte, que nem como Autor da Natureza, nem como Autor da Graça, resiste Deos aos poderes do Rosario, deixandose vencer, & atar da força de suas oraçoẽs, ou de seus encantos. Como Autor da Natureza, naõ; porque quebra as leys universaes de morrer o homem huã sò vez: & tambem naõ como Autor da Graça; porque tendoselhe acabado

cabado o tempo de merecer, ou desmerecer, ou como dizem os Theologos, estando jà *extra viam*, lhe concede que tornem a ella, & emendem os máos passos, com que a correrão. E esta he a reposta da primeira duvida.

387 A segunda, & não menor pergunta: Donde tẽ virtude o Rosario para obrar estes encantos, & encantar a Deos? Alguns quizerão, que a tivesse *ex opere operato*. E se este privilegio se houvesse de conceder a alguãs orações, nenhuãs ha, que mais digna, & altamente o merecessem, q̃ a Divina do Padre-nosso, & a Angelica da Ave-Maria. Mas porque isto não sò he incerto, mas improvavel: digo, q̃ toda a virtude, que tem o Rosario para encantar a Deos, não he pela efficacia das palavras, posto que tenhão muita, senão pela promessa, obrigação, & fidelidade do pacto. A força dos outros feitiços, & encantos, não está nas palavras Magicas, q̃ nenhuã tem, mas he toda, & sò do Demonio invocado, & do pacto, com que se obrigou a acodir a ellas, & cumprir o que prometteo. E se esta pōtualidade se exprimenta nos pactos, & promessas do Pay da Mentira, quanto mais nos de Deos, que he a Summa Verdade? Assim o declara Santo Athanasio com a mesma palavra de pacto sobre a promessa de Christo: *Ubi sũt duo, vel tres*: cuja oração define, que não pôde deixar de ter effeito, não por força das palavras da mesma oração, senão, *Pro ipsius Salvatoris pacto*. Este mesmo pacto allegava David a Deos, quando orava, dizendo: *Secundùm eloquium tuum eripe me*: livray-me, Senhor, não segundo as minhas palavras, com que o peço, se não segundo a vossa, com que o promettestes.

[*Valle de Incant. & Ensal-mis.*]

[*Matth. 18.20. Athanas. in Apolog. ad Imperat. Constãtinum.*]

[*Psalm. 118.170.*]

388 Mas estas promessas, ou pactos do Rosario, donde constão? Todos os pactos de Deos, tantas vezes repetidos na Sagrada Escritura, constavão da Arca do Testamento, onde estavão guardados, que porisso se chamava *Arca fœderis*. E do mesmo modo constão os pactos do Rosario da verdadeira Arca do Testamento a Virgem Senhora nossa, por cuja sacratissima

[*Num. 10.33.*]

tiſſima boca naõ menos vezes foraõ repetidos, & revellados. A S. Domingos, ao Beato Aláno, ſeu Succeſſor, & a muitos outros Prégadores, & devotos do Roſario, promettéo a meſma Mãy da Verdade Divina humanada, tudo o que delle temos ditto: ſendo os meſmos effeitos a maior, & mais ſegura prova de ſerem todos pactos expreſſos. Aſſim que ninguem pôde duvidar, que ſendo Deos invocado pelos merecimentos infinitos de ſeu Filho, & interceſſaõ de ſua Santiſſima Mãy, nas oraçoẽs de ambos, que ſaõ as do Roſario, deixará o meſmo Deos de obrar por virtude extraordinaria, tudo o que lhe pedirmos, ſendo elle, com novo modo de encanto, o invocado juntamente, & o encantado. Eſta he a obrigaçaõ de juſtiça, cõ que David em outro lugar ſuppunha, que Deos invocado por elle naõ podia faltar a ſuas petiçoẽs; porque o meſmo, que ſem pacto ſeria liberalidade, em ſuppoſiçaõ do pacto já era juſtiça: *Invocantem exaudivit me Deus juſtitiæ meæ.* (Pſalm. 4. 2.) Aſſim declara Pſello, Padre Grego, a virtude da palavra, *Cum invocarem*, argumentando das invocaçoẽs Magicas para as Divinas. *Quoniam invocatio* (diz elle) *eſt virtutis cujuſdam præſtantioris occulta quædam attractio, adductioque; ſiquidem Gẽtiles incantationibus, ac invocationibus quaſdam ad ſe pravorum Spirituum virtutes attrahebant, quin & ipſis eorũ perſonis cum ÿſdem converſando vim afferebant.* (Pſellus in Catena PP. Græcorum.)

VII.

389 Deſta maneira encãtados nós por virtude do Roſario, encantamos tambem cõ elle a Chriſto: & ſò reſta, como prometti, vermos igualmente encãtada pelo meſmo modo a Mãy do Soberano Encantador. O primeiro caſo, com q́ iſto ſe prova, tem tanto de admiravel, como de lepido. Encommendavaõſe a huã Imagem da Senhora do Roſario duas Molheres, huã caſada, & outra amiga, ou mal amigada com o marido. Eſta como culpada pedia miſericordia, & a outra como offendida

da pedia justiça. Continuáraõ ambas na sua oraçaõ hum anno inteiro: ao cabo do qual, fallou a Senhora por boca da sua Imagem, à que pedia justiça, & lhe disse estas notaveis palavras: *Quære alium, mulier, qui tibi justitiam faciat: Ego nullo modo facere possum, quæ tam grata salutatione ab illa meretrice afficior.* Molher, busca quem te faça justiça; porque Eu de nenhũ modo ta posso fazer, vendome obrigada das Saudaçoẽs tam agradaveis (isto he, das Ave-Marias) com que a mesma, que a ti te offende, a mim me affeiçoa. Que faria com este desengano huã molher, sobre zelosa, desesperada? Sahese da Igreja enfurecida, & encontrando na rua a mesma, contra quem tinha pedido justiça, começa a brádar, q̃ a prendaõ como Feiticeira, & Encantadora, porque com as suas Artes Magicas tinha enfeitiçado a Mãy de Deos. Saõ palavras do mesmo Autor da Historia: *Existimans Matrem Domini delusam incantationibus meretricis.* E nós, que diremos? Diremos, que foi imaginaçaõ, como a

Philipp. Labbe Tom.1. Bibliot.

da molher, que assim o cuidou, & o disse? Naõ por certo. Com a mesma verdade, com que as Escrituras dizẽ, que as nossas oraçoẽs encantaõ a Deos, com essa havemos de crer, que aquellas Ave-Marias da devota peccadora encantáraõ a Mãy de Deos. O effeito o mostrou; porque os encantos, & feitiços, foraõ reciprocos. Assim como a molher enfeitiçou a Senhora cõ as suas oraçoẽs, assim a Senhora enfeitiçada a enfeitiçou tambem a ella cõ as suas palavras; porque tãto que soube, que a Imagem tinha ditto, que naõ podia fazer justiça contra ella: ella no mesmo põto a fez em sy mesma, & emendando a vida, a sepultou para sẽpre em huã estreita cela, onde nunca cessou de repetir em acçaõ de graças, as gratissimas Saudaçoẽs do Rosario, a que tanto devia.

390 Deixo de ponderar, que hum dos grandes prodigios, ou prestigios da Arte Magica, he fazer fallar as Estatuas, como a Imagem da Senhora fallou no nosso caso; porque passo a outros ma-

iores, & mais frequentes, em que os encantos do Rosario, naõ sò vencem os da Magia verdadeiros, senaõ tambem os mais fabulosos. Os encantos magicos mais decantados nas Fabulas dos Poetas, he serem tam poderosos, que chegaõ a tirar a Lua do Ceo, & trazella à terra.

Virg. Eclog. 8. *Carmina vel Cælo possunt deducere Lunam:*

diz Virgilio: & o mesmo celebraõ Ovidio, Horacio, Tibullo, Catullo, Seneca, Lucano, Estacio, & todos, assim Latinos, como Gregos. Mas isto mesmo, que elles sò souberaõ fabular, & fingir, tẽ obrado muitas vezes verdadeiramente os encantos do Rosario em outra mais alta, & melhor Lua, que a do primeiro Ceo. Fallando o Profeta Habacuc da Ascençaõ de Christo, & da Assumpçaõ de sua Gloriosissima Mãy, diz, que no dia da Ascençaõ se elevou o Sol, & no dia da Assumpçaõ se poz a seu lado a Lua: *Elevatus est Sol, & Luna stetit.* (Habacuc. 3. 11. Ex Græco.) He o que tinha dito David: *Astitit Regina à dextris tuis.* (Psalm. 44. 10.) Sendo pois a Rainha dos Anjos a Lua do Ceo Empyreo, vede agora quam poderosos saõ os encantos do Rosario para a trazer do Ceo à terra: *Cælo deducere Lunam.*

391 Hum Capitaõ Catholico pelejando com poucos Soldados contra muitos Hereges, de q̃ se vio em grande aperto: porque era devoto do Rosario, o mesmo Rosario lhe trouxe a Lua do Ceo à cãpanha: & sendo soccorrido da Mãy de Deos, a mesma Senhora tomou a vãguarda, & lhe deu vitoria: Huã Senhora Espanhola, sendo cativa pelos Mouros de Granada, que a mãdáraõ servir em huã cavalheriça: porque era devota do Rosario, o mesmo Rosario lhe trouxe a Lua do Ceo àquelle humilde lugar, onde no dia do nascimento de Christo pario hum filho, a quem chamou Mariano, em memoria da Virgem Maria, que a assistio no parto, & ella, & o filho se acháraõ derepente livres na Igreja de Santiago de Galiza, donde eraõ naturaes. Hum Ecclesiastico descõfiado dos Medicos, por huã chaga na garganta, que lhe impedia a

respiraçaõ: porque era devoto do Rosario, o mesmo Rosario lhe trouxe a Lua do Ceo junto ao leito, onde jazia, & a mesma Mãy de Deos com hum rayo de leite de seus sagrados peitos, que lhe instillou na boca, o sarou em hũ instãte. Huã Molher Portugueza cõdennada à morte, & enforcada em Lisboa: porque era devota do Rosario, o mesmo Rosario lhe trouxe a Lua do Ceo áquelle sitio, que tam indigno parecia de tam soberano Planeta: & apparecendolhe a Senhora na mesma forca, lhe sustentou a respiraçaõ, & a vida por muitas horas; atè que levada à sepultura se levantou della, naõ resuscitada, mas viva. Hũ Religioso moço, tentado, & resoluto a deixar o Habito: porque era devoto do Rosario, o mesmo Rosario lhe trouxe a Lua do Ceo à cela, & mostrandoselhe a Rainha dos Anjos com hum vestido meyo bordado de Ave-Marias de ouro, lhe mandou, q̃ perseverasse atè o acabar, & que entaõ iria vestir o que tãbem se lhe preparava na Gloria. Huã Pastorinha pobre estando jà agonizante: porque era devota do Rosario, o mesmo Rosario lhe trouxe a Lua do Ceo à sua choupana: & a mesma Mãy de Deos a assistio atè espirar, & com hũ luzidissimo acompanhamento de Virgẽs, & Coros de Anjos, lhe foi dar sepultura na mesma Ermida, onde rezava. Hum Moço Francez muito dado a outros vicios, mas casto: porq̃ era devoto do Rosario, o mesmo Rosario lhe trouxe a Lua do Ceo a casa no dia das vodas; as quaes porèm lhe impedio a Soberana Virgẽ cõ hũ accidente mortal, dizẽdolhe, que por casto o queria por Esposo seu, & naõ de outrẽ. Finalmẽte, porq́ seria materia infinita, se a houvessemos de proseguir, bastẽ os Exemplos referidos em todo o genero de pessoas, estados, & perigos, para que conste quanto mais poderosos saõ os encantos verdadeiros do Rosario, que os fabulosos da Arte Magica.

392 Mas porque os Professores della para suas feitiçarías, naõ sò se costumaõ valer dos despojos dos mortos, mas muito particular-

mente dos enforcados, como
Plin. jà em ſeu tempo notou Plinio: para que atè eſta propriedade naõ falte aos feitiços do Roſario, quero acabar com hum ſucceſſo por todas ſuas circunſtancias tam maravilhoſo, como grãde. No Reyno de Valença houve hum Fidalgo rico, & moço: com que jà eſtá ditto quaes ſeriaõ os ſeus penſamentos. Deu em feſtejar com paſſeos publicos huã Senhora cazada, de igual, ou maior calidade; mas tam honeſta, como illuſtre. Chegou a noticia ao Marido: & naõ ſò para diſſimular o ſeu aggravo, mas para o vingar, com pretexto de paſſar os calores do Eſtio no campo, ſe paſſou com toda a familia a huã quinta. Andados alguns dias, entrou em hum apozẽto, onde eſtava ſò a Molher, deu volta à chave, & tirando de hum punhal, lhe mandou que eſcreveſſe o que lhe ditaſſe. Reſpondéo a Senhora, muito ſegura, que nem para a ſua obediencia eraõ neceſſarios punhaes, nem para a ſua innocẽcia havia temores. Eſcrevéo: & o que continha o papel ditado, era eſtranhar ella ao Fidalgo dos paſſeos o deſcuido de a naõ ver naquelle retiro: aviſandoo, q̃ ſe era por falta de occaſiaõ, naquella noite a tinhaõ boa, por eſtar o Marido auſente. Que foſſe ſò, como o pedia o ſegredo: que acharia a porta do jardim aberta, & huã eſcada arrimada a huã janella: que ſubiſſe por ella, & ſeria bem recebido.

293 Mandada, & entregue eſta carta, com as cautellas neceſſarias, jà ſe vé, qual ſeria o contentamento do Moço, tam facil de enganar, como cego. Deu o parabem à ſua fortuna, veſtioſe da melhor galla: & tanto que foraõ horas, montando no cavallo, de que mais ſe fiava, ſe poz a caminho. Lembrouſe nelle (que naõ foi pouco em tal occaſiaõ) que ainda naquelle dia naõ tinha rezado o Roſario, como coſtumava: & ao meſmo tempo, em que o acabava de rezar, ouvio huã voz, q̃ lhe dizia: Cavalleiro, pâra. Olhou, & como naõ viſſe peſſoa alguã, proſeguio. E a voz outra vez: Cavalleiro, pâra, chegate aqui. Era eſte lugar da eſtrada junto à

forca

força publica, donde, segundo as Leys daquelle Reyno, se naõ tiraõ os justiçados em todo hum anno. E parecendolhe, que dentro do cercado estaria quem lhe fallava; apeouse, tirou pela espada, & entrou a reconhecer quem seria. Entaõ lhe disse hum dos Enforcados, que por piedade Christaã lhe cortasse o baraço. Fello assim: cahio o Enforcado em pé: & em agradecimento do beneficio, q́ tinha recebido, lhe pedio, que o tomasse nas ancas, porque o havia de acompanhar naquella jornada. Resistio o Cavalleiro, respondendo, que naõ podia ser, por quanto lhe importava ir sò: mas foraõ tam vivas as razoẽs, que lhe deu o morto, que houve de condescender com ellas: & foraõ ambos.

394 Chegados ao jardim, acháraõ a porta aberta, & a escada arrimada: & indo o Fidalgo para subir, teve maõ nelle o Enforcado. E pedindolhe a capa, & o chapeo: Eu sou, disse, o primeiro, que hey de provar esta aventura, para que se faça com toda a segurança. Subio: & naõ tinha bem entrado pela janella, quando se ouvio o ruido das armas, com que o Marido, & os Criados, o esperavaõ de maõ posta: & foraõ tantas as estocadas, com que o passáraõ de parte a parte, q́ como morto, & mais q́ morto, o lançáraõ pela mesma janella. Cahio outra vez em pé, & tornáraõ a montar ambos no mesmo cavallo. Descéraõ os de casa a enterrar secretamente o corpo, para que se naõ soubesse o caso: & como o naõ achassem, entendéraõ, que naõ tinha vindo sò, & q́ os criados o haviaõ retirado: & sem haver homicidio, se homiziáraõ todos. Quem vio jà mais semelhantes encantos? Mas o morto, que caminhava nas ancas do vivo, lhe declarou quem era a Encantadora, & qual o instrumẽto.

395 Eu, Senhor (disse o Enforcado ao Cavalleiro) sou, & estou tam morto, como vós havieis de estar a esta hora, se a Mãy de Deos vos naõ livrára: & livrouvos, porque todos os dias rezaveis o seu Rosario. Esta, que em mim parece vida, & esta voz, que ouvis, tudo he fan-

tastico: porisso me naõ matáraõ com tantas feridas, & espadas, os inimigos, que para a vossa morte estavaõ aparelhados. Se vós subireis pela escada, vós havieis de ser o morto; & naõ sò no corpo, mas na Alma: porque a porta, que vos esperava aberta, naõ era a sò a do jardim, senaõ a do Inferno, donde vos naõ podiaõ livrar os passos, & tẽçaõ, que levaveis. Agradecey a vida, & a salvaçaõ, a quem a deveis, & a mim (porque jà tinhaõ chegado ao posto da forca) me restitui ao lugar, donde me tirastes. Com estas palavras nos ouvidos, & com esta declaraçaõ, do que sem o entender tinha visto, confuso, & assombrado, se retirou o Fidalgo moço a sua casa; mas tam outro, & com tam differente juizo, como se naquellas poucas horas se tiveraõ passado muitos annos. Deu tal volta à vida, que a todos, & a sy mesmo, mais parecia encantado, que convertido. Os que o tinhaõ conhecido escandalo da Cidade, pasmavaõ de o ver o maior exemplo della: os que imaginavaõ, que o tinhaõ morto, criaõ que resuscitára: & elle, que sò sabía o que passára, vendose com Alma por meyo de hum cadaver, vivo por meyo de hum morto, & tirado do Inferno, por meyo de hum fantasma cahido da forca, & depois pendurado nella: tudo isto, que mais pareciaõ sonhos, julgava haverem sido encantamentos. E verdadeiramente assim eraõ; porq elle por meyo do Rosario tinha encantado a Mãy de Deos, & a Senhora pelo merecimento do mesmo Rosario o tinha transformado, & encantado a elle.

396 E haverá à vista de hum tam prodigioso acontecimento, quem naõ exclame com as vozes do Evangelho: *Beatus venter, qui te portavit?* Haverá, quem se naõ sinta enfeitiçado destes encantos da Senhora do Rosario? Os Escribas, & Fariséos, que attribuiaõ o milagre a Arte Magica, diziaõ, que fora obrado *In Beelzebub Principe Dæmoniorum.* E se ha tantos, q se deixem enfeitiçar pelo Principe dos Demonios: Naõ he melhor a cadahum, ser enfeitiçado da Rainha dos Anjos? Luc. 11. 15.

jos? Desfazer huns feitiços com outros feitiços, posto que muitos Juristas o tenhaõ por licito, he erro condennado, & definido pelo Direito Canonico. Mas aquella Alma, que tam enfeitiçada andava do amor profano, os feitiços do Rosario a desenfeitiçáraõ. Porisso S. Joaõ Damasceno em nome dos que assim andaõ, naõ a outrem, senaõ à Virgem Maria, pedia desẽfeitiçasse o seu coraçaõ: *Cor meum malefico Serpentis veneno inficionatum potenti pharmaco tuo conserva.* Isto he o que devem pedir à mesma Senhora, todos os que se sentirem inficionados do mesmo veneno: esperando da poderosissima virtude dos seus encantos, que por elles seraõ livres, naõ sò dos perigos da vida, mas restituidos do peccado à Graça, & perseverando na devaçaõ do seu Rosario atè a morte, tresladados à Eternidade da Gloria. Amen.

Damasc. in | *Mæneis ode 3. & 4. de B. Virg.*

FINIS.

SER-

SERMAM XXVI.

Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quæ suxisti. Luc. 11.

I.

397 ESTE Texto, tantas vezes repetido, & por tãtos modos ponderado, nunca teve mais alto, & adequado Interprete, que na occasiaõ presente. A Oradora do Evangelho o formou antigamente com as palavras, & o mesmo Texto se commenta hoje com as obras. Ella beatificou o Ventre virginal, & os sagrados peitos de Maria: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quæ suxisti:* & o mesmo Ventre, & os mesmos peitos de Maria se canonizáraõ hoje pela virtude, & milagres do seu Rosario; porque o Ventre virginal suprio outro vẽtre, & os peitos sagrados supriraõ outros peitos.

Luc. 11. 27.

398 He caso singular, & por todas suas circunstancias admiravel, o que agora direy, referido pelo Beato Aláno de Rupe, no Livro do Nascimento do Psalterio da Virgem. Caminhavaõ por hũ deserto duas Donzellas mõtanhezas, quando lhe sahíraõ ao encontro dous lobos ferocissimos, & esfaimados, os quaes repartíraõ entre sy a preza innocente, & sem defensa. Huã dellas era devota do Rosario, que rezava todos os dias: a outra naõ. A esta se avançou hum dos lobos,

bos, & lançandolhe os dentes à garganta, a degolou, & cahio morta. O que succedéo à outra, quero referir pelas palavras do mesmo Autor, q̃ saõ estas: *Quæ Rosarium Beatissimæ Virginis recitare consueverat (mirares!) lupus ejus ubera abrumpit, ventrem discerpit, viscera voravit. Et adhuc triduò vixit, in quo syncérè confitetur, devotè communicat, fiducialiter moritur. A Maria in extremis visitatur, & ad cælorum gaudia perducitur.* Quer dizer: Aà Dõzella, que rezava o Rosario, arremetéo o outro lobo, arrancoulhe os peitos, rasgoulhe o ventre, & lhe coméo, & devorou todas as entranhas. E morréo tambem esta logo, como a companheira? Assim havia de ser naturalmente. Mas porque era devota do Rosario, a Virgem Senhora nossa, sem coraçaõ, nem entranhas, a cõservou viva tres dias: nos quaes se confessou muito devagar, & commungou devotamente: & no cabo delles a visitou a mesma Senhora: & como se o lobo fora tyranno, & ella martyr, a levou direita ao Ceo. Lembremonos agor a daquellas palavras, que saõ o mais glorioso comment o do nosso Texto: *Ejus ubera abrumpit, ventrem discerpit.* E vendo a esta Donzella sem peitos, & sem ventre, viva comtudo, quem haverá, que naõ repita muitas vezes à Soberana Obradora de tam singular, & estupendo prodigio: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quæ suxisti?* Bemaventurado o Vẽtre virginal: *Beatus venter*; porque suprio o outro ventre: *Ventrẽ discerpit*: & bemaventurados os peitos sagrados: *Beata ubera*; porque supriraõ os outros peitos: *Ubera abrumpit.*

Beat. Alan. de Rupe.

399 Este caso particular como commento tam proprio do Thema, que propuz, será o fundamento do meu Discurso: o qual porèm do particular se estẽderá ao commum, para que sirva a todos. Veremos pois com a Divina Graça, que assim como a Virgem Senhora nossa em premio da devaçaõ do Rosario suprio nesta sua devota a falta do que tam necessario lhe era para esta vida, & para a outra: assim supre, & suprirá em todos os que tiverem a

mesma devaçaõ, toda a falta do conveniente para a vida temporal, & toda a falta do importante para a eterna.

Ave Maria, &c.

II.

400 QUE havia de ser deste miseravel mundo, tam defeituoso, & necessitado, depois que pelo peccado, & corrupçaõ do primeiro Homem cahio da perfeiçaõ, & abundancia, com q̃ Deos o tinha criado, & enriquecido; se a Providencia, & Misericordia Divina o naõ provésse de hum remedio igual à mesma necessidade, que fosse o suprimento universal de todas as nossas faltas? Este suprimento, Devotos, he a Virgem poderosissima, Senhora nossa, a qual naõ sò desde seu nascimento por inclinaçaõ, & natural piedade, mas ab æterno desde sua predestinaçaõ, & por força della, foi escolhida, & destinada por Deos para este gloriosissimo fim. Perguntaõ os Theologos, no caso em que Adam naõ peccára, se havia de encarnar, ou naõ, o Filho de Deos? E a sentença mais bem fundada nos secretos do mesmo Deos, que elle nos revellou nas Sagradas Escrituras, he, que seu Filho o Verbo Eterno no tal caso naõ havia de encarnar, & q̃ por conseguinte naõ havia de ter Mãy, nem havia de haver no mundo a Virgem Maria. Mas como Adam peccou, ou havia de peccar; representada na previsaõ da Sciẽcia Divina aquella culpa, que justamente se chama felice: *O felix culpa*: esta foi a razaõ, & motivo, porque Deos predestinou a Humanidade de seu Filho, para q̃ como infinito reparador daquelle peccado désse justa, & adequada satisfaçaõ à Divindade offendida.

401 Se o mesmo Verbo porèm se podia fazer Homẽ sem ter Mãy, como Adam: porque ordenou tambẽ Deos ab æterno, que nascesse de molher com segunda predestinaçaõ, ou segunda parte della, tambẽ naõ necessaria, mas livre? A razaõ foi, dizem todos os Santos, para que assim como huã molher fora a que metéo no mundo a falta da obe-

obediencia, & da graça; assim fosse outra molher o reparo, & supprimento della: a falta por Eva, o supprimento por Maria. Desorte, que ab æterno, & por força de sua propria predestinação foi concebida, escolhida, & destinada a Virgem Senhora nossa, primeiro para reparar, & supprir as faltas da primeira Mãy no Paraiso, & depois as do genero humano em todo o mundo. Tudo nos dirá a mesma Virgem antes de seu nascimento em figura: & depois de nascida, em Pessoa.

402. Quem mais desemparado nesta vida, & mais falto de tudo o necessario para ella, que o Minino Moysés, quando seus pays, naõ o podendo já esconder à ira de Faraó, porque elle chorando se descobria, para o naõ affogarem com suas proprias maõs, o lançáraõ à corrente do Rio em huã cestinha de juncos, que sò tinha de barquinha o ser calefetada. Faltavaõlhe ao Minino no Rio o pay, & a mãy, que ficavaõ em terra: faltavaõlhe na barquinha os remos, a vella, & o piloto: faltavalhe sobre tudo o mantimento, despedido jà dos peitos, que lhe davaõ o leite: finalmente faltavase elle a sy mesmo, porque naõ tinha braços para nadar, nem juizo para conhecer o seu perigo, nem voz para pedir o remedio. Assim hia navegando dentro do seu proprio naufragio, amortalhado nas faixas, & metido na cestinha de juncos o pequeno Argonauta do Nilo, quando apparece na ribeyra, Maria sua irmaã, encaminhada pelos pays a explorar o successo. Oh venturoso infante, no meyo dessa que parece a tua maior desgraça! E Maria assiste a Moysés? Pois ainda q̃ falto de tudo, ella lhe supprirá quanto lhe falta. Ninguem queira à barquinha melhor guia, nem melhor piloto, que os olhos, que Maria leva póstos nella. Bem mostrou aqui, que jà figurava no nome, & nas acções, aquella que depois se chamou Senhora da Guia, & da Boa Viagẽ. Os olhos pois de Maria (q̃ nesta occasiaõ verdadeiramente eraõ espiras) contra a veya, & força da corrente, foraõ alando a barquinha à praya, & tomou

Exod. 2. 3. & seqq.

mou porto o Minino, naõ menos q̃ nos braços da Princesa do Egypto. Buscase ama para lhe enxugar as lagrimas, & lhe dar leite: offerecese Maria para a ir buscar. E quem vos parece q̃ traria? Sò o engenho de quẽ tinha tal nome podia dar em tal traça. A q̃ trouxe para ama, foi a mesma mãy de Moysés: à qual o entregou a Princesa com grandes recommendaçoẽs de que o criasse como filho, & com promessa Real, de que lhe seria muy bem pago aquelle cuidado. Agora pergunto: Se lhe falta jà a Moysés alguã de tantas cousas, quantas ainda agora lhe faltavaõ? Jà tem mãy, jà tem pay, jà tẽ sustento, jà tem terra, jà tem vida: & jà tem o que lhe naõ faltava, nem esperava ter, que he ser filho adoptivo do mesmo Rey do Egypto, que o tinha mãdado lançar aos Crocodillos do Nilo. Assim sabe suprir Maria as faltas dos q̃ se encommendaõ a ella, ainda que naõ sejaõ elles os que se encommendem. E que será, se forem seus irmaõs, como Maria era irmaã de Moysés, & o saõ da Virgem Maria os Irmaõs do seu Rosario? Mas ainda là naõ chegamos.

403 Passando ao Testamento Novo. Celebraraõse em Canâ de Galiléa huãs vodas, & diz o Evangelista, q̃ a Mãy de Jesu se achou alli: *Et erat Mater Iesu ibi.* Naõ faltará quẽ estranhe, ou quãdo menos se admire, de que a Virgem Maria se achasse alli, & assistisse a semelhantes convites, & festas de vodas. *Ioan. 2. 1.* Naõ como Virgem; porque o estado virginal, posto que tam sublime, naõ despréza, nem cõdenna o do Matrimonio; mas como Mãy do Salvador: *Mater Iesu.* Como Mãy do Salvador estava, & parecia muito bem a Senhora ao pé da Cruz: *Stabat juxta crucem Iesu Mater ejus*: acompanhando seus desemparos, padecendo as mesmas dores, & cooperando à mesma redempçaõ. *Ioan. 19. 25.* Alli he que parecia muito bem a Mãy de Jesu: Mas em vodas, & banquetes: *Erat Mater Iesu ibi?* Sim. Estava, & assistia ao banquete, & às vodas, para suprir o que nellas faltasse: & onde ha, ou ha de haver falta, alli he

he,que naõ pôde faltar a Mãy de Jesu, & alli he,que assiste: *Erat Mater Iesu ibi.* Christo, & seus Discipulos,tambem se acháraõ nas mesmas vodas; mas nota o Evangelista, que vieraõ convidados: *Vocatus est Iesus, & Discipuli ejus.* Porèm da Senhora naõ se diz que a convidassem; porque ella mesma, & a sua providencia,& a sua obrigaçaõ, a convidou,& trouxe alli, para que se à pobreza, ou negligẽcia dos desposados faltasse alguã cousa, ella com sua charidade, & advertencia a supriffe. O effeito o mostrou,& assim foi, suprindo milagrosamente a falta que houve: *Deficiente vino.*

Ioan. 2. 2.

Ibidem

404 Mas ouçamos a replica de Christo,em que mais resplandece esta providencia, & poderes da Soberana Mãy. Representou a Senhora a seu Filho, como Criador de todas as cousas, a falta, que havia: *Vinum non habent*: & o Senhor como estranhando a proposta,respõdéo: *Quid mihi,& tibi?* E que vos pertence a vós,nem a mim, na casa, & na mesa alhea, o que falta? *Nondum venit hora mea:* a minha hora de fazer milagres ainda naõ he chegada. Mas nem porisso desistio a Senhora de proseguir o remedio daquella falta, dizendo aos que serviaõ, que fizessem o que seu Filho lhe mandasse: como se lhe dissera a elle: Se a vossa hora de fazer milagres naõ he chegada, o meu cuidado, & obrigaçaõ de suprir o que falta, naõ tem horas: a mesma hora,em que as cousas faltaõ, como agora, essa he a minha hora. Mãdou emfim o Senhor, que as jarras, em que tinha faltado o vinho, se enchessem de agua, a qual logo se convertéo com abundancia, & melhoría, no mesmo licor, que faltava. Deste modo suprio a piadosissima remediadora naquella falta,naõ huã sò,senaõ muitas faltas,& faltas de muitos. Ao Architeclino, ou Mordomo, suprio a falta da advertencia,aos desposados a falta da prevençaõ, à mesa a falta de bebida,& atè ao mesmo Christo a falta da hora, fazendo que se anticipasse a que naõ era chegada. Finalmente, de todos os que estavaõ presentes, sò a Senhora ad-

id. 3. *idem* *idem*

advertio a falta: porque no Mordomo era para se condennar, nos desposados para a sentir, nos convidados para a estranhar, & sò na Senhora para a suprir.

III.

405 ASSIM foi escolhida desde sua predestinaçaõ a Virgem Maria, & assim he propensa, & applicada desde seu nascimẽto neste mundo tam defeituoso, a remediar, & suprir todas as faltas, q̃ nelle se padecẽ; mas muito mais depois da instituiçaõ do seu Rosario, em soccorro, & em premio dos devotos delle. Agora entra em seu proprio lugar a memoria do prodigioso caso, que representey ao principio, no qual naõ he facil ponderar, nem ainda comprehender, as muitas, & varias faltas, & sobre difficultosas, implicadas, que a Senhora alli suprio, & por modo sobre toda a admiraçaõ admiravel.

406 Suprio a vida na falta de todos os meyos, & instrumentos da mesma vida: & contra todas as disposiçoẽs, & causas da morte, fez, que por aquella grande porta (que he pequeno o nome de ferida) se naõ sahisse derepẽte a Alma, mas ficasse alli detida. Sò quem bem cõprehẽder a anatomía do corpo humano, a dependencia, & harmonia de todas as suas partes, & o artificio admiravel, com que occulta, & insensivelmente na officina das nossas entranhas estaõ continuamente trabalhando os instrumentos, que o sustẽtaõ (por onde disse David ao mesmo Artifice Divino desta fabrica: *Mirabilis facta est scientia tua ex me:*) sò quẽ tudo isto souber comprehender, & ponderar, poderá dignamente conhecer quantas maravilhas se encerraõ em se naõ separar a Alma daquelle corpo, tam desbaratado, & vasio, & se conservar nelle viva huã molher, tendolhe arrancado, & comido huã fera todo o interior das entranhas. Faltavaõlhe sem ellas o sangue, faltavaõlhe as veyas, faltavaõlhe as arterias, faltavaõlhe os espiritos animaes, & vitaes, faltavalhe sobre

Psalm. 138.6.

bre

bre tudo o coraçaõ, principio, & fonte da vida: & que neste estado vivesse, fallasse, entendesse, & exercitasse inteiramẽte todas as operaçoẽs da vida sensitiva, & racional, lembrandose, com a memoria, de seus peccados, arrepẽdendose delles com a vontade, & confessandoos com a lingua, & sò naõ batendo nos peitos, porque os naõ tinha? Oh maravilha sobre todas as maravilhas, em que a Mãy do mesmo Soberano Artifice, parece, que competio com elle, & o vencéo na mesma obra. Se vissemos, que rotas as rodas de hum Relogio, cahidos os pezos, & parado o movimento de todas as outras partes daquelle abreviado Laberinto, na campainha comtudo soassem regularmente as horas, & o braço por fòra as fosse apontando com o mesmo compasso, & ordem: naõ seria hum prodigio estupendo, & jà mais visto? Pois este he o nosso caso. E tanto mais admiravel, & portentoso, quanto vay de hum Relogio artificial, que soube invẽtar a industria dos homẽs, ao natural, & sobrehumano, de que dependem as horas, & annos de nossa vida, que sò pode traçar a Sabedoria, & fabricar a Omnipotencia de Deos.

407 E para que se veja, quam notavel maravilha foi, que naõ sò descomposta, mas perdida toda a fabrica interior daquelle corpo sem coraçaõ, nem entranhas; a Alma comtudo o naõ deixasse, & continuasse a obrar na falta dos mesmos instrumentos, o que fazia com elles: lembremonos dos ossos descon juntados, que vio Ezechiel em outro deserto. Chamou por elles o Profeta, promettendolhes, que lhes daria Alma, & viviriaõ: *Ecce, ego intromittam in vos spiritum, & vivetis*: mas essa Alma, quãdo se introduzio nelles, & quanto foi necessario, antes q̃ chegassem a viver? Primeiro que tudo diz Ezechiel, que os ossos se ajuntáraõ, & uníraõ cadahum em seu lugar, & à sua juntura: logo, que se atáraõ entre sy com os nervos: depois que se enchéraõ de carne com todas as differenças della: ultimamente, que se vestiraõ, & cobríraõ de pelles:

Ezech. 37. 5.

pelle: porèm, que com todas eſtas diſpoſiçoẽs de vida, ainda eſtavaõ morto', & naõ ſe lhe tinha introduzido a Alma: *Acceſſerunt oſſa ad oſſa, unumquodque ad juncturam ſuam. Et vidi, & ecce ſuper ea nervi, & carnes aſcenderunt: & extenta eſt in eis cutis deſuper, & ſpiritum non habebant*. Pois ſe aquelles corpos eſtavaõ jà organizados, & perfeitos, & com todas as diſpoſiçoẽs neceſſarias para a introducçaõ da Alma: porq ſe lhe naõ introduzio logo, como o Profeta tinha promettido: *Intromittam in vos ſpiritum, & vivetis*? Porque as diſpoſiçoẽs do corpo ſaõ obra das cauſas ſegundas, & a introducçaõ da Alma, como a ſua criaçaõ, pertence ſò à primeira. Poriſſo mandou Deos ſegũda vez a Ezechiel, que em ſeu nome mandaſſe ás Almas, que ſe introduziſſem naquelles corpos: *Vaticinare ad ſpiritũ, & dices: Hæc dicit Dominus Deus: A quatuor ventis veni ſpiritus: & inſufla ſuper interfectos iſtos. Et ingreſſus eſt in ea ſpiritus, & vixerunt*.

Ibidem 7.8.

Ibidem 9. 10.

408 Demaneira, que para entrarem as Almas nos corpos, naõ baſtou, que elles eſtiveſſem organizados, & com todas as diſpoſiçoẽs naturaes para ſer animados; mas foi neceſſario, que depois deſſas diſpoſiçoẽs Deos as criaſſe, & uniſſe como acçaõ, & obra propria da ſua Omnipotencia. Onde ſe vé huã notavel differença, com que as Almas entraõ, ou ſaem dos corpos. Para entrar nelles, naõ baſta terem as diſpoſiçoẽs: para ſairem, baſta, que lhe faltem. E a razaõ deſta ſegũda parte he, porque a Alma ſe define: *Actus corporis organici potentia vitam habentis*. E faltando ao corpo a organizaçaõ, & inſtrumentos, cõ que a Alma exercita todas as ſuas operaçoẽs vitaes, natural, & neceſſariamente deve deixar, & apartarſe do meſmo corpo, porque eſtando nelle ocioſa, naõ ſeria Acto. Eſta ſeparaçaõ pois naturalmẽte neceſſaria, he a que impedio no noſſo caſo a poderoſa maõ da Senhora do Roſario, detendo aquella Alma, & mandandolhe, que naõ deſemparaſſe o corpo, poſto que tam desbaratado, deſtituido,

tuido, & falto de todas as disposiçoẽs, & instrumentos necessarios às operaçoẽs da mesma Alma. E se me perguntarem curiosamente os Filosofos: Se esta Alma assim impedida, & detida, ficou violẽtada? Digo, que naõ; antes mais privilegiada, & enobrecida pela mesma Senhora, q̃ naõ sabe fazer mercés a huns com violencia de outros. E ficou mais enobrecida, & privilegiada, como digo, porque obrando sem instrumentos, onde todos faltavaõ, o que as outras Almas naõ podem sem elles, foi levantada a hũ grâo quasi divino, como Deos, que tudo o que obra juntamente com as causas segundas, pôde obrar por sy mesmo.

IIII.

409 O Modo, com que a Mãy do mesmo Deos suprio quanto faltava naquelle corpo quasi cadaver, mas verdadeiramente vivo, jà disse, que foi sobre toda a admiraçaõ admiravel; porque naõ sustituio os peitos arrancados com outros peitos, nem o coraçaõ com outro coraçaõ, nem o ventre, & entranhas, com outras; mas com a mesma privaçaõ das cousas, que lhe faltavaõ, ou com o nada dellas suprio todas. He fineza de suprimento jà mais visto, nem nas obras do mesmo Deos, desde o principio do mundo. Nos tres primeiros dias da criaçaõ, porque ainda naõ havia Sol, que foi criado ao quarto, suprio Deos a falta do Sol com a luz, & ella fez os dias: *Fiat lux, & facta est lux. Appellavitque lucẽ diem.* Genes. 1.3.5. Depois de criada Eva, faltavalhe a Adam a costa, de que fora formada, & suprio Deos a falta da mesma costa com outra tanta carne: *Replevit carnem pro ea.* Genes. 2. 21. Matou Caim a Abel, & suprio Deos à mãy a falta daquelle filho cõ outro, chamado Seth, como ella mesma disse: *Posuit mihi Deus semen aliud pro Abel.* Genes. 4.25. Era tartamudo Moysés, & impedido da lingua, & suprio lhe Deos a falta da lingua com a boca, & lingua de Aram: *Ipse loquetur pro te ad populum, & erit os tuum* Exod. 4.16. No Deserto faltou o paõ ao Povo, & suprio Exod. 16.3. 15. Deos

Numer. 20. 2. 11. Deos com o Mannâ: faltou a agua, & suprio com huã fôte, que os seguia: faltou a carne, & suprioa com bandos de aves: faltou finalmente o mesmo Moysés, & suprio Deos a sua falta com Josué. Desorte, que sempre Deos suprio a falta de huã cousa com outra: mas suprir a falta cõ a mesma falta, ou a cousa com a privaçaõ, & o nada della? Esta fineza de suprir guardou Deos para sua Mãy.

1. Ad Corinth. 10. 4.
Numer. 11. 13. 31. 32.
Iosue 1. 1. 2.

410 Na criaçaõ do Mũdo, criandoo Deos de nada, suprio o nada com o mesmo Mundo: & naquelle corpo humano (que tambẽ se chama Mundo pequeno) tam desbaratado, suprio a Senhora o Mũdo com o nada. Mas este nada foi mais maravilhoso, suprindo, que o da criaçaõ suprido. Excíta S. Joaõ Chrysostomo huã questaõ, em materia que parece a naõ tem, & pergunta: Se he Deos mais maravilhoso nas obras da criaçaõ, ou da conservaçaõ? Todos dizem, que a maravilha he igual, porque a obra, ou a acçaõ he a mesma. Porèm Chrysostomo filosofando mais alta, & sutilmente, diz, que mais maravilhoso he Deos na conservaçaõ das cousas, do que foi na criaçaõ dellas. E porq? Porque o nada, de q Deos criou o Mundo, naõ repugnava, nem resistio à criaçaõ: porèm depois das cousas criadas, como ellas saõ corruptiveis, & de sua natureza propendem, & correm para o nada, este segundo nada repugna, & resiste à conservaçaõ. As palavras de Chrysostomo, para os que as entendem, saõ estas: *Siquidem cadentia, & ad nihilum tendentia continet, non minus est continére mundum, quàm fecisse. Sed si oportet aliquid, quod admireris, dicere; adhuc amplius est: nam in faciendo quidem ex nullis extantibus rerum essentiæ productæ sunt; in continendo verò quæ facta sunt, ne ad nihilum redeant, continentur. Hæc ergo dum reguntur, & ad invicem compugnãtia coaptantur, magnum, & valdè mirabile, & plurimæ virtutis indicium declarant.* Desorte, que como o nada, de que Deos criou todas as cousas deste Mundo, naõ repugnava, nem resistio à criaçaõ dellas, & pelo con-

Genes. 1. 1.

D. Chrys. Jost. in cap. 1. ad Hebr. v. 3.

trario

trario o nada, a que ellas depois de criadas por sua natural corruptibilidade propendem, ajuda, & chama a sy a mesma corrupçaõ, & deste modo resiste a que se sustentem, & conservem: muito mais maravilhoso, & poderoso se mostra Deos hoje em fazer, que naõ tornem a ser nada, do que se mostrou no principio em as fazer, & criar de nada. E qual destes nadas foi aquelle, cõ que a Senhora do Rosario suprio na sua devota a falta de todos os instrumentos da conservaçaõ, & da vida? Naõ ha duvida, que foi este segundo nada, & tanto mais admiravel, quanto as partes principaes, & mais vitaes do mesmo corpo, naõ sò naõ estavaõ jà no estado da corruptibilidade, mas tinhaõ passado ao da corrupçaõ, para que bastavaõ poucas horas, se a mesma Senhora a naõ impedíra.

V.

411 MAS antes que concluamos este Discurso, & as maravilhas do caso, quero satisfazer a huã objecçaõ, que ha muito estou vendo tem todos no pensamento. Assim como a Senhora do Rosario por virtude do mesmo Rosario, & em premio de o rezar todos os dias, fez esta tam notavel mercé à sua devota, naõ era mais facil conservalla totalmente sem danno, & naõ cõsentir que o lobo lhe tocasse? Pois porque permittio, que tam cruelmente a ferisse, espedaçasse, & comesse? Se a q̃ naõ rezava o Rosario, a matasse, como matou, hum dos lobos, & à outra a venerassẽ ambos, & a deixassem livre, & intacta; parece, que entaõ campeava com maior lustre, & se manifestava melhor a virtude do Rosario, como a mesma Senhora tem feito outras vezes.

412 Dous Estudantes de Filosofia na Universidade de Lovaina, companheiros, & amigos, & nas inclinaçoẽs viciosas (como ordinariamente succede) muito semelhantes, tendo passado o dia em huã casa, ou covil da sensualidade, com todas as intemperanças da gula, & da torpeza, continuavaõ tambem a

Vitta

noite. Soando porèm às onze horas, hum delles, que tinha por devaçaõ rezar todos os dias o Rosario, lembrado que ainda naõ tinha satisfeito àquella obrigaçaõ, contra à vontade, & instancias do cõpanheiro (o qual ficou, & o exhortava a ficar) se despedio delle, & se recolhéo a sua casa, onde se poz a rezar, bẽ alheo do q̃ no mesmo tempo succedia. Naõ tinha bem acabado o Rosario, quando o mesmo companheiro, de q̃ se apartára, lhe apparecéo feyo, & medonho, ardendo todo em labarédas de fogo: & lhe disse, que os peccados daquelle dia tinhaõ sido os q̃ acabáraõ de encher a medida dos seus, & que por elles o cõdennára a Justiça Divina à morte repentina, & ao Inferno, onde já estava ardẽdo, & arderia por toda a Eternidade. Pois se eu (replicou attonito o amigo) se eu vos acompanhey tambem nos mesmos peccados, como me naõ condennou a mesma Justiça? Porque vós (respõdéo) tivestes valedora, & eu naõ: & esse Rosario, que tendes nas maõs, & a Senhora delle, vos livrou, instando, & allegando os Demonios, que tãbem devieis ser condennado. Em summa, que aqui se cũprio a predicçaõ de Christo Senhor nosso: *Duo erunt in agro: unus assumetur, & alter relinquetur.* E assim como dos dous Ladroẽs, que o mesmo Senhor no Calvario tinha aos lados da Cruz, sendo ambos igualmente malfeitores, hum porque orou, & se encommendou a elle, se salvou; & o outro, porque naõ fez o mesmo, se perdéo: assim sendo iguaes nos peccados estes dous companheiros, o que era devoto do Rosario, & o antepoz à continuaçaõ do depravado appetite, escapou da morte, & do Inferno, & o outro morréo improvisamente, & se condennou.

Luc. 17. 35.

Luc. 23. 42.

413 Poderá agora negar alguem, que nesta mesma differença se acreditou grandemente o Rosario à vista de dous effeitos tam encontrados, em sojeitos tam semelhantes, hum livre, & salvo, porque todos os dias offerecia este tributo à Mãy de Deos, & o outro condennado para sempre, porque a

naõ

naõ servia com elle? Pois do mesmo modo parece, que se manifestaria mais a virtude desta soberana devaçaõ, & a gloria da mesma Senhora, se hum dos lobos matasse, como matou, a montanheza, q́ naõ rezava o Rosario, & o outro se naõ atrevesse a tocar a que o rezava? Acrescento, que tambem esta abstinencia, & respeito na fereza, & voracidade do lobo, naõ seria o primeiro, nem o maior exemplo do Rosario, quando no nosso caso se exprimentasse assim. O que agora referirey, he verdadeiramente singular, & por proprio da nossa Corte, creyo, naõ será ingrato aos que o lerem. Cahio por desastre de huã janella do Paço huã Minina da Rainha, & cahio para maior desgraça em hum pateo, onde se guardava encerrado hum Leaõ, em cujas garras a lamentáraõ todos por morta, quando escapasse da quéda. Levava a Minina o seu Rosario por gala (que eraõ os collares das Senhoras naquelle tempo) & tambem o rezava, porque assim se ensinavaõ as filhas, & o faziaõ as Damas. Acodio logo o Mestre da Leoneira, & gente, & o que viraõ, & ouviraõ, foi, que tendo o Leaõ arremetido à Minina, ella lhe tinha lançado o seu Rosario ao pescoço, & corrẽdolhe as maõszinhas pela gadelha, o estava afagãdo, como se fora huã cachorinha de estrado: & lhe dizia com muita graça: Leaõ, naõ me comas, porque hey de ir ser Freira a Castella. O segũdo Autor desta Historia he o Padre Joaõ Antonio Velasquez, Castelhano, & o primeiro o Padre Joaõ de Rho, Milanez, ambos da Companhia de Jesu, & bem conhecidos por seus doutissimos Escritos. Naõ apontaõ o tẽpo, em que succedéo; mas dizem, que a Minina de sangue illustrissima se chamava Dona Anna de Almeyda; & que em cumprimento do que tinha allegado ao Leaõ, fora Religiosa em Castella: correspodnendo bem na santidade da vida ao milagre, com q́ Deos lha tinha guardado. E se a virtude do Rosario pode amansar a fereza, & mitigar a voracidade de hũ Leaõ: claro está, que mais facilmẽte,

Velasquez de Maria Advocata nostra lib. 2. adnot. 20. Rho lib. var. Hist. de Virtut.

te, & com menor força, & violencia, faria o mesmo em hum lobo. Pois porque razaõ a mesma Senhora do Rosario, que naõ faz excelçaõ de idades, nem calidades, permittio, que o lobo executasse tal carniceria nesta sua devota, & lhe comesse os peitos, & o coraçaõ, & lhe devorasse as entranhas.

VI.

414 ESTE mesmo argumento fizeraõ na morte de Lazaro, os que conhecéraõ quanto Christo o amava, vendoo chorar sobre
Ioan. 11. 37. a sua sepultura: *Non poterat hic, qui aperuit oculos cæci nati, facere, ut hic non moreretur?* Este, que deu vista ao cego de seu nascimento, naõ podia fazer, que Lazaro, a quem tãto amava, naõ morresse? Elles diziaõ assim, porque duvidavaõ do poder de Christo; & nós, que conhecemos a sua Omnipotencia sem limite de caso, nem tempo, ainda podemos apertar mais a duvida, ou a admiraçaõ. Elles diziaõ, porque lhe naõ impedio a morte; & Eu dando hum passo mais atràs, dissera: porque lhe naõ impedio a enfermidade? E já que permittio a enfermidade, porque o naõ sarou, antes que morresse? De tudo deu a razaõ o mesmo Christo, dizendo, que o fim desta permissaõ naõ fora a morte de Lazaro, senaõ a gloria do Filho de Deos: *Infirmitas hæc non est ad mortem, sed ut glorificetur Filius Dei per eam.* Ibidem 4. E em que consistio esta gloria do Filho de Deos? Consistio, em que maior, & mais estupendo milagre foi resuscitar a Lazaro morto, do que fora sarallo enfermo. *Distulit sanare, ut posset resuscitare*: diz Santo Agustinho: naõ o quiz sarar, para o poder resuscitar. Desorte, que podendolhe impedir a morte com a vida, & a enfermidade cõ a saude, naõ quiz fazer o que podia, para mostrar quanto mais podia. E esta mesma razaõ, que teve a gloria do Filho de Deos no caso de Lazaro, he a que teve a gloria da Mãy de Deos no nosso. Naõ quiz fazer o que podia, impedindo que a fera tocasse a devota do seu Rosario, para mostrar quanto

to mais podia, conservandoa viva sem coraçaõ, nem entranhas: *Ut glorificetur Mater Dei per eam.*

415 Mas onde acharey Eu hũ parallelo, que me declare esta gloria, & acabe de ponderar a estranheza de tam estupenda maravilha? Daqui por diante he necessario subir ao Ceo, porque naõ ha semelhanças na terra. Resuscitou, & subio ao Ceo Christo, Redemptor nosso, & là está cõ as Chagas das maõs, & pés, & com a do Lado, abertas, & naõ sò vivo, mas immortal. A Chaga do Lado, era, & he tam larga, que coube por ella a maõ de Thomé: *Affer manum tuam, & mitte in latus meum*: & he tam profunda, & penetrante, como dada para acabar de segurar a morte, em caso que no corpo verdadeiramente morto se escondessem ainda alguãs reliquias da vida. Tẽdo pois bastado para lha tirar as quatro Chagas dos pés, & maõs: que agora com ellas, & com a do Lado, tanto maior, & em partes mais vitaes, viva, & se conserve immortal a sagrada Humanidade, & assim ferida, & aberta haja de viver sempre? Milagre he natural sòmente do Ceo para admiraçaõ gloriosa, & contemplaçaõ eterna dos remidos com o Sãgue das mesmas Chagas. Mas como este Sangue no mesmo instante divino, foi recebido do Ventre virginal de Maria, & nutrido, & augmentado com o leite de seus sagrados peitos: cousa he, se por huã parte estupenda, por outra de nenhũ modo admiravel: que ao mesmo Ventre virginal, & aos mesmos peitos sagrados communicasse o mesmo Sangue tal virtude, que na terra, que he a patria da corrupçaõ, a hũ corpo aberto cõ tantas Chagas, & tam mortaes, lhe pudessem conservar, & suprir a vida, & naõ com outro suprimento (como se vé nas Chagas de Christo) senaõ a mesma Senhora por sy mesma.

Ioan. 20.27.

416 Este modo de suprir por sy mesmo, & comsigo mesmo (para que subamos mais alto) naõ o faz, ainda no Ceo, a Humanidade sacratissima, senaõ a Divindade do mesmo Deos. Quando nos

pintaõ as felicidades do Ceo, ainda os Autores Canonicos, defcrevem Palacios, Jardins, Banquetes, Galas, & todas as outras coufas preciofas, & agradaveis, com que fe deleitaõ os noffos fentidos, & fe ornaõ os noffos corpos na terra. E pofto que muitos creaõ, que tudo ifto ha no Ceo, o mais certo he, que faõ fòmente metaforas, & femelhanças, accomodadas à medida da noffa curta capacidade, & que no Ceo naõ ha, nem fazem falta coufas tam baixas, & rafteiras, & tam inferiores à alteza daquelle fublimiffimo, & incomparavel eftado. Que ha logo no Ceo, & cõ que fupre Deos, ou cõ que ha de fuprir aos noffos corpos tudo ifto? Sò S. Paulo, que o vio, o foube dizer:
1. Cor. 15.28. *Ut fit Deus omnia in omnibus:* tudo ifto fupre Deos em todos fò por fy mefmo, & fò comfigo mefmo. No Ceo naõ ha faltas, que fuprir: mas para que haja o que ha na terra, & no Ceo naõ faz falta, tudo iffo fupre, & fuftitue o mefmo Deos por fy mefmo, & comfigo mefmo: *Deus omnia in omnibus.* Tal foi em cõclufaõ o modo fobre todo o encarecimento admiravel, cõ que a Mãy do mefmo Deos fuprio no corpo da devota do feu Rofario, tudo o que lhe tinha roubado, & comido a voracidade da fera. Lẽbremonos das palavras do Beato Aláno. Rompéolhe o lobo o ventre: *Ventrem difcerpit:* & por fy mefma, & comfigo mefma lhe fuprio a Senhora efta falta; porq̃ o Ventre virginal lhe fuprio o ventre: *Beatus Venter, qui te portavit.* Arrancoulhe o lobo os peitos: *Ubera abrumpit:* & por fy mefma, & cõfigo mefma lhe fuprio tambem efta falta; porque os peitos fagrados lhe fupriraõ os peitos: *Beata ubera, quæ fuxifti.*

417 E para que ninguẽ duvide, que eftas maravilhas faõ fingularmente proprias da Virgem Maria, emquanto Senhora do Rofario, & pelos merecimentos do mefmo Rofario; o mefmo Filho, que trouxe no mefmo Ventre, & criou aos mefmos peitos, o celebrou, & cantou affim na fua lingua, que he a do Texto Hebréo. Fallando Chrifto do Sagrado Ventre de

Cant. 7. 2. 3. Ex Text. Hebr. de sua Mãy, diz: *Venter tuus sicut acervus tritici, vallatus rosis:* & fallando dos sagrados peitos, diz do mesmo modo: *Ubera tua, sicut duo hinnuli gemelli capreæ, qui pascuntur in rosis.* Logo iremos às rosas. Ponderemos primeiro as duas extraordinarias comparaçoẽs do Ventre, & dos peitos, que como saõ bucolicas, & pastorís, ambas saõ rusticas, & do campo: O Ventre, diz que he como na eyra o monte de trigo: *Venter tuus sicut acervus tritici.* A proporçaõ, que tem o trigo com o Ventre, he, que aquelle se ordena ao sustento deste: logo se o Ventre louvado he como o trigo: *Sicut acervus tritici:* he hum Ventre, que sustẽta outro ventre. E este foi o milagre do Ventre virginal, que sustentou depois de ser comido o ventre da devota Pastora. Os peitos, diz que saõ como dous cabritinhos mõtezes gemeos, que estaõ mamando: *Sicut duo hinnuli gemelli, qui pascuntur.* Os peitos naõ saõ os que se sustentaõ do leite, senaõ os que sustentaõ com elle: logo se os peitos saõ como os que os mamaõ: *Sicut hinnuli:* saõ peitos, que sustẽtaõ outros peitos. E estes foraõ os peitos sagrados, que sustentáraõ os da mesma Pastora depois de serem pasto do lobo. Isto posto, agora entraõ as rosas. E porque diz o mesmo Texto, que as rosas saõ as que defendem o vẽtre: *Vallatus rosis:* & as rosas, as que sustentaõ os peitos: *Qui pascuntur in rosis?* Porque o milagre do ventre, & peitos da Pastora (naõ elles sustentados nella, senaõ ella sustentada sem elles) tudo foi por milagre das rosas, que tambem em metafora do campo, no nome, & na virtude representavaõ o Rosario.

VII.

418 DEste caso particular, tam prodigioso, como de tronco se seguẽ os frutos universaes, que Eu prometti colher delle: sendo certo, como agora veremos, que assim como a Virgem, Senhora nossa, em premio da devaçaõ do Rosario suprio nesta sua devota a falta de quãto lhe era necessario para esta

eſta vida, & para a outra: aſſim ſuprirá em todos, os que tiverem a meſma devaçaõ, toda a falta do conveniente para a vida temporal, & importante para a eterna. Vaõ agora todos, & cadahum, repreſentando o que lhe falta, ou pôde faltar em hum, & outro genero: & Eu lhe moſtrarey, como tudo ſupre a Senhora por meyo do ſeu Roſario.

419 Começando pelo temporal. Que vos falta? Faltame, o que ſupre todas as faltas, que he o dinheiro. Iſto diz hum pobre, & o podem dizer todos. Mas Eu lhe digo, que ſe rezarem o Roſario todos os dias, a Māy de Deos lhe ſuprirá eſta falta, tam abundantemente, que naõ ſò lhe naõ falte o que pedem no meſmo Roſario, que he o ſuſtento de cadadia, mas tenhaõ com que ſuſtentar, & remediar a muitos. Houve em differentes tempos em Frãça hũ Homem nobre, & em Alemanha huã Molher de igual calidade, os quaes tendo naſcido muito bem herdados, vieraõ a cair em tam extrema pobreza, que viviaõ do que pediaõ de eſmola. E como a miſeria depois da felicidade he maior miſeria, & ha miſter maior paciencia, prégando por aquellas Provincias o Beato Aláno, a ambos receitou o ſeu remedio univerſal, q̃ era a devaçaõ do Roſario. O Homẽ, & a Molher, o fizeraõ aſſim: & foi couſa maravilhoſa, que dentro em pouco tempo, ſem ſaber como, nem por onde, ſe acháraõ cõ tanto cabedal de fazenda, que os que dantes pediaõ eſmola, ſuſtentavaõ com as ſuas a todos os pobres da terra, em q́ viviaõ. E eſta foi (notay) eſta foi a ſegunda, & maior mercé da Rainha dos Anjos; porque naõ ſò lhe deu as riquezas, ſenaõ o bom uſo dellas, ſem o qual os maiores theſouros, antes ſaõ caſtigo, que favor do Ceo.

420 Ha mais, a quem falte alguã couſa? Sim: & quem menos ſe cuida: os Ricos. Eu, diz algũ delles muito triſte, tenho Morgados, tenho Herdades, tenho Juros, tenhos Rendas, tenho Commendas: mas que importaõ todos eſtes chamados bens da fortuna, ſe me falta a ſucceſſaõ, & naõ tenho a quem os deixar?

deixar? Acabarſeha a minha caſa em mim, & ficará ſepultada comigo. Bem parece, que ou naõ ſois devoto da Virgẽ Maria, ou naõ rezais o ſeu Roſario. Os primeiros aſcendentes deſta Senhora, que foraõ, Abraham, Iſaac, & Jacob, tambem naõ tinhaõ filhos, & os alcãçáraõ por oraçoẽs. Rezay o Roſario, & Deos volos dará, tam proprios da ſua maõ, que vos naõ arrependais, como muitos, de os haver tido. Eſte meſmo conſelho deu S. Domingos à Rainha de França, eſtando aquella Coroa ſem Herdeiro, & a Senhora do Roſario lhe deu hum tal filho, qual foi, & he, S. Luis. Pela meſma devaçaõ alcançou outro filho huã Senhora illuſtre dos Paizes de Hollanda, o qual a liberaliſſima Rainha do Ceo lhe deu duas vezes: porque ſuccedendo morrer em menor idade; aſſim como lho tinha dado naſcido pelo Roſario, aſſim pelo meſmo Roſario lho tornou a dar reſuſcitado.

421 Quem mais ſe queixa de lhe faltar o que ha miſter? Hum Soldado. E porque ſe queixa? Naõ por falta do Soccorro, Farda, ou Paõ de Muniçaõ, que muitas vezes tarda, ou naõ chega; mas pelos riſcos da vida (diz elle) de que os Soldados naõ temos hum momẽto ſeguro, & ſem perigo. Alguns trazem comſigo certas Oraçoẽs falſamẽte acreditadas, as quaes nem lhe valem cõtra os inimigos, nem com os meſmos Cabos, a quem obedecemos: & ſe houvera outras, com que ſeguramente ſe ſupriſſe eſta falta, ſò entaõ ſe pudéra ſer Soldado. Ora tende bom animo, que Eu vos inculcarey quem ſò a pôde ſuprir, & como. Rezay todos os dias o Roſario, & a Virgem, Senhora noſſa, vos livrará por meyo delle de ambos eſſes perigos. Em Flandes, que na noſſa Era foi o Theatro de Marte mais ſanguinolẽto, apertados muitas vezes poucos Soldados Catholicos de hum grande Exercito de Hereges, o remedio, de que ſe valéraõ, foi rezarem todos o Roſario, o qual traziaõ a tiracolo por banda, como tambem a Imagem da meſma Senhora pintada nas Bandeiras: & com

eſte eſtratagema do Ceo,naõ ſò ſe defendéraõ ſempre vivos, mas nunca deixáraõ de ſair vencedores. Iſto quanto ao primeiro perigo: em que tambem ſe exprimẽtou muitas vezes,que dando as balas nos peitos dos devotos do Roſario, ſe amaſſavaõ,como ſe foſſem de cera. Mas ſe a hũ Soldado naõ baſta ſò eſcapar dos inimigos,& tal vez naõ periga menos nas ſeveriſſimas Leys da propria Milicia: tambem para eſtes caſos, em que naõ aproveitaõ valias, a melhor appellaçaõ he para a do Roſario. Condennados à morte dous Soldados, por quebrarem hum bando do Duque de Alva:o Confeſſor, por ſer tam inexoravel o General, os deſenganou,que haviaõ de morrer ſem duvida; mas que ſe encommendaſſem à Senhora do Roſario. Hum de bizarro, ou obſtinado,naõ quiz: o outro porèm ſe poz ao rezar com a devaçaõ, & affectos, que o aperto pedia. Sahiraõ emfim ambos ao ſupplicio, cadahum em ſeu jumento, como ſe uſa naquellas partes de Heſpanha (porq̃ o Exercito marchava contra Navarra;) & o ſucceſſo foi,q̃ paſſando os dous jumentos cercados de Juſtiças,& Guardas por defrõte de huã Igreja, o que levava o Soldado, q̃ tinha rezado, rompéo pelo meyo de todos com tal furia, que o naõ puderaõ deter: & entrando pela Igreja, foi parar em huã Capella da Senhora do Roſario, debaixo de cuja immunidade, naõ ſò ficou ſeguro, mas livre.

422 Ao Soldado ſe ſegue bem o Pleiteante (que tambem os pleitos ſaõ guerras:) E que lhe falta? Ando (diz) arraſtado com demandas, & naõ ſò me falta o favor, mas temo, que tambem me falte a juſtiça; porq̃ ambas eſtas couſas ſe vendem,& naõ tenho com que as comprar. Perigoſo eſtado he eſſe: mas a Virgem, Senhora noſſa, coſtuma tomar a ſeu cargo os negocios de ſeus devotos. Rezay o ſeu Roſario, & ſe tendes razaõ, naõ vos faltará juſtiça; porque o ſeu favor he taõ ſuperior a tudo, q̃ nenhuã cubiça o póde perverter, nem alguã dependencia eſtorvar. Neſſe meſmo perigo ſe vio huã Viuva, a

quem

quem por demanda pertendiaõ tirar o remedio. As partes eraõ ricas,& poderosas,& ella vendose sò, & desemparada, recorréo ao patrocinio da Mãy de Misericordia, a quem rezava o Rosario todos os dias. Fezse o feito cõcluso,& vistos os Autos com os olhos postos no poder, & authoridade dos pleiteantes, & naõ no merecimento da causa, o Juiz escrevéo à sentença contra a Viuva: & subindo ao Tribunal, tambem a pronunciou contra ella. Mas, oh maravilhas da soberana maõ, que tudo pôde, & nunca desempara a quem se val do seu patrocinio! As palavras, cõ que o Juiz pronunciou a sentença, se lhe trocáraõ na boca de tal sorte, que imaginando, que condennava a Viuva, todos ouviraõ, que condennou as partes contrarias: & indose reconhecer os Autos, na sentẽça, que elle escrevéra com a mesma formalidade, em que a quiz pronunciar, se acháraõ tambem as letras trocadas, & a causa julgada a favor da devota do Rosario. Assim mudou a Mãy de Deos a lingua, & a penna do injusto Juiz; o qual, posto que tam semelhãte a Pilatos, nem pode dizer: *Quod scripsi, scripsi:* Ioan. 19. 22. nem: *Quod dixi, dixi:* porque disse o contrario do que quiz dizer, & se vio escrito o cõtrario do que escrevéra.

423 Ha alguã outra Molher, queixosa da sua fortuna? Sim: & naõ Viuva, mas Casada. Queixase como honrada, naõ do seu estado, mas de lhe faltar o agrado de seu Marido, o qual divertido em outra parte, lhe naõ guarda a fé, & lealdade devida. Grande dor, & verdadeiramente desesperada, pois o vinculo, que havia de ser de uniaõ, se trocou em garrote da Alma, & naõ o podendo desatar senaõ a morte, he o maior tormento da vida! Mas se para abrãdar essa dureza de vosso Marido lhe applicares o remedio do Rosario, vereis como Deos lhe muda o coraçaõ. Assim o aconselhou S. Domingos a huã Senhora Francesa, que com ser do Sangue Real, padecia esses mesmos desprezos. Sò quinze dias havia (numero sagrado nos Mysterios do Rosario) que ella o

rezava por eſta tençaõ; quando o Marido dormindo foi levado em viſaõ ao Inferno, & là lhe foraõ moſtradas as penas, que lhe eſtavaõ aparelhadas, & padecẽ os Adulteros. Eraõ huns leitos abrazados em fogo, & labarédas eſcuras, que exhalavaõ de ſy huns vapores intoleraveis ao cheiro: & aqui jaziaõ os miſeraveis, acompanhados de ſerpentes feyas, aſqueroſas, & medonhas; huãs, que lhe robiaõ os olhos, outras a lingua, outras o coraçaõ: & todas enroſcadas nelles os cingiaõ, & apertavaõ com tal exceſſo de dores, que lançando horrendas maldiçoẽs ſobre ſy, & ſobre ſeus paſſados deleites, com gritos, & alarídos deſeſperados atroavaõ todo o Inferno. Iſto vio o Marido aſſombrado, attonito, & tremendo. E a Molher, que vio? Vio derepẽte o meſmo Marido poſtrado a ſeus pés, pedindolhe perdaõ com infinitas lagrimas, & tam mudado, & verdadeiramente arrependido, que ella enternecida ſe compadecia jà mais das ſuas contriçoẽs, do que tinha ſentido os ſeus peccados.

VIII.

424 VOU repetindo tãtos Exemplos, porque a variedade delles em todos os Eſtados, & a maravilha, com que a Virgem do Roſario acode a ſeus devotos, & lhe ſupre tudo aquillo, de que ſe vẽ faltos, creyo que vos naõ cauſará faſtio; & mais ſendo tam neceſſario ao Aſſumpto, que ſeguimos, que ſem elles naõ ſe pôde provar, nem perſuadir. Quem mais temos queixoſo, & deſconſolado de ſua vida? Elle o dirá. Sou hum Homem do mar, que agora vim de Argel, onde dey por meu reſgate, & perdi em huã viagem, quanto tinha ganhado em muitas: q̃ como ſe diz entre nós, A agua o dá, & a agua o leva. Nem poſſo deixar o officio, porque naõ tenho outro, nem eſte ſe pôde aturar por falta de remedio a dous males, que o naõ tem. E quaes ſaõ? Tempeſtades, & Mouros: porque os outros Coſſarios, ſe roubaõ, naõ cativaõ. Ora ſabey, que naõ ha mal ſem remedio, & Eu vos darey hũ para

eſſes

esses dous males, que he o Rosario, se fores devoto delle. Quanto aos Mouros, jà tereis ouvido, que passando da Africa à Contracosta de Hespanha, se emboscaõ alli para cativar os caminhantes. Fazia pois o mesmo caminho hũ Religioso Leigo Portuguez, quando se vio cercado de huã tropa delles. E q̃ faria? Tirou o seu Rosario, que todos os dias rezava, mostroulho, & como se de cada Conta sahisse hum rayo, subitamente ficáraõ todos cegos. Deu graças à Senhora, & rindose delles, continuou seu caminho. Contra as Tempestades vos posso provar a mesma efficacia do Rosario com a propria experiencia. Navegando Eu do Maranhaõ para Portugal, se virou o navio de tal sorte, que a quilha ficou fòra da agua, & o resto dentro do mar atè às escotilhas. Eramos quarenta & hum os que nelle vinhamos, & passados todos ao costado, emquanto totalmẽte se naõ hia apique, fizemos voto em voz alta de rezar todos os dias da vida o Terço do Rosario (como tinhamos feito em toda a viagem) se à Senhora nos livrava das gargantas da morte, em que todos nos imaginavamos dentro de poucos instantes. Mas nem poucos se puderaõ contar: porque no mesmo pōto se tornou a voltar, & endireitar o navio: & nós como resuscitados tornámos a entrar nelle. E porq̃ naõ estava capaz de fazer viagem por falta de mastos, & vellas, apparecéo logo outro, que nos tomou, & lançou em terra. Nesta mesma carreira do Brasil cahio hum Marinheiro ao mar, a quem naõ puderaõ recolher os do navio. Era devoto do Rosario, encommendouse à Senhora, & no cabo de quatro dias hũ grande peixe o trouxe a bordo sobre o espinhaço: & elle subindo ao convez com assombro de toda a Cōpanha, tornou a encher o numero, & lugar, em que tinha faltado. Maior maravilha ainda. O Capitaõ Aláno famoso nas Historias do Rosario, de que era devotissimo, indose ao fũdo no meyo do mar hum navio, em que navegava, & affogandose todos, sò elle no mesmo lugar se achou em

huã

huã praya:& caminhãdo por terra, a qual era desigual em pequenos oiteyros,& alguns montes, no fim delles advertio (porque os hia contando) que os montes eraõ quinze, & os oiteiros cento & sincoenta; porq̃ do mesmo Rosario, que rezava, lhe tinha feito a Senhora sobre as ondas do mar huã ponte de terra firme.

425 E porque entre tãta variedade de estados, & exercicios, se naõ queixem os Professores das Letras, de os naõ metermos neste numero, diganos hum Estudãte o que lhe falta, que naõ he facil confessar em gente desta profissaõ. Faltame, pôde dizer algum, a memoria, & a habilidade, & por mais que estudo, & queimo as pestanas, naõ posso suprir estes dous defeitos. Tal era hum sojeito, chamado Alberto, q̃ depois foi tam insigne nas letras, que merecéo o nome de Magno; porque lhe suprio huã, & outra falta, a Virgem Senhora nossa. Rezaylhe vós o seu Rosario, & logo exprimentareis o mesmo favor, como se vio com prodigioso exemplo em hum Minino sem estudo. Naõ tinha outra livraria mais que hum Livrinho do Rosario, o qual lia, & meditava com grande applicaçaõ todos os dias: & cõ esta sò liçaõ aprẽdéo, & soube tanto, que em todas as faculdades era consultado, & ouvido com admiraçaõ de todos os homẽs mais doutos. *Quomodo hic* (diziaõ) *litteras scit, cùm non didicerit?* Ioan. 7. 15. Mas se Deos ensinou quanto sabía em huã sò palavra, que he o Verbo: que muito he, q̃ a Mãy de Deos ensinasse tanto nos quinze Mysterios do mesmo Verbo, que saõ outros tantos Capitulos daquelle Livro? Outro Estudante, a quem naõ faltava memoria, nem habilidade, era tam rude para a Poesia, que naõ sabia ajuntar tres sylabas, que corressem em verso: mas ensinado, naõ de seu Mestre, senaõ de sua Mãy, que rezasse o Rosario, elle lhe abrio a veya com tal fecundidade, que naõ sò excedéo logo a todos os condiscipulos com grandes ventagẽs, mas igualou os Poetas de maior fama.

426 Ha ainda quem padeça

deça alguã falta, que haja de suprir a Soberana Mãy de Misericordia ? Ainda; mas porque se naõ acha, nem pôde achar neste auditorio, fallará por interposta pessoa. Que vos falta? Faltame a liberdade; porque estou prezo. Naõ vos pergunto, se estais innocente, ou culpado, porq̃ ainda naõ está averiguado na Escola das dores, se he maior a dor na culpa, ou na innocencia. De qualquer sorte porèm que seja, sede devoto da Virgem Senhora nossa, & tẽde confiança, que o seu Rosario vos desatará as prizoẽs, & vos porá em liberdade. Atado estava a huã forte corrẽte com os pés metidos em grilhoẽs, & as maõs em algemas, esperando pela sentença, que o mesmo rigor da prizaõ promettia ser de morte, hum Homem verdadeiramente delinquente, o qual melhor aconselhado para aquelle trance, do que o tinha sido nos passos, que a tal estado o trouxeraõ, fez voto à Virgem Maria, se o livrava, de rezar o seu Rosario todos os dias, que lhe restassem de vida. Fulminouse finalmente a sentença, & na noite da manhaã, em que havia de sair a ser justiçado, rotos milagrosamente todos os ferros, que o prendiaõ, se achou fòra do carcere, & tam longe, que sò deixou às Justiças a admiraçaõ, de quanto mais poderosas saõ as misericordias da Senhora do Rosario. Mas naõ pararaõ aqui. Com este exemplo se começou a rezar o Rosario publicamente em todo o carcere: & naõ se passáraõ muitos dias, que todo elle (como o Limbo dos Padres no dia da Resurreiçaõ) amanhecéo vasio, & despovoado; porque abertas sem violencia, nem outra industria, as portas, todos se puzéraõ em salvo.

427 Em fim, pois fallamos dos ausentes, infinitos saõ aquelles, a quem falta a saude, que he o fundamento de todos os bens, & gostos da vida. E se as enfermidades, q̃ ou molestaõ a mesma saude, ou a tiraõ totalmente, naõ tem numero; tambem o naõ tem os milagres de cadadia, com que a Virgem Senhora nossa por meyo do seu Rosario supre, & restitue esta fal-

ta inteiramẽte. Se estais doẽte de febres, ou sejaõ chronicas, ou agudas, ou sejaõ ethicas, ou tizicas; de todas sâra a devaçaõ do Rosario. Se padeceis nos olhos, nos ouvidos, na lingua: muitos Cegos, muitos Surdos, muitos Mudos recuperáraõ o uso destes sentidos pela mesma davaçaõ. Ella he o mais presente remedio contra a Pedra, contra a Gotta, contra a Hydropesia, & contra a mesma Peste géral, de que tem livrado Cidades, & Reynos inteiros. Que direy de chagas encanceradas, de feridas penetrantes nas partes mais vitaes, & de accidentes subitos, & apopleticos? Que direy de Mancos, Alejados, & Tolhidos, sem movimento, nem sentido, & totalmente baldados? Que direy dos Energumenos, aos quaes naõ valéraõ medicamentos, nem Exorcismos, livres pela virtude deste soberano remedio, universal sem exceiçaõ? Até de doudice confirmada, de q̃ os milagres de Christo nos naõ deixáraõ exemplo, saõ muitos, os que pela mesma virtude se tem restituido a perfeito juizo. Assim, que naõ ha falta alguã de quanto pertence a esta vida, ou sejaõ bẽs da natureza, ou da fortuna, em qualquer estado, que a Senhora do Rosario por meyo delle naõ supra, & remedee tam liberal, & misericordiosamente, como temos visto.

IX.

428 DEpois do que he conveniente, & necessario à vida temporal, seguese o que importa à eterna, q́ he a q́ sò importa. Quatro cousas podem faltar a quem a dezeja conseguir. Resistencia contra as tentaçoẽs, Contriçaõ para os peccados, Graça, & Perseverança nella. E todas estas faltas, como da maior, ou unica importancia, supre a Mãy da mesma Graça pela devaçaõ do seu Rosario.

429 Quanto à resistencia das tentaçoẽs, huã Molher, tam bem parecida, como mal intencionada, tentou em Mexico a hum Moço, o qual se rendéo facilmente a consentir na tentaçaõ. E saindose ambos, por conselho della, a hum

hum lugar fóra da Cidade, accommodado à execuçaõ do que tinhaõ concertado, a Molher lhe disse, que primeiro havia de apartar de sy hum Rosario, que trazia ao pescoço debaixo do vestido. Admirado o Moço, de que ella visse o que trazia tam occulto, começou a suspeitar mal, tanto da vista, como da condiçaõ, que lhe punha: & respondéo, que por nenhum acontecimento, nem por todos os interesses do mundo apartaria de sy o Rosario, q́ todos os dias rezava à Mãy de Deos. Tam fortemente tinha arraigada na Alma a devaçaõ, o mesmo que tam facilmente se tinha rendido a consentir no peccado. E que fez a Molher, ouvida esta resistencia? Subitamente deixou de parecer o que parecia, & se manifestou o que era; porque debaixo daquelle disfarce era o Demonio, o qual transformado em hum monstro de figura feissima, & horrenda, lhe disse: Esse Rosario te valha, & as muitas vezes, q́ o tens rezado; porque se o apartáras de ti, eu te havia de levar logo ao Inferno. Ficou o Moço tam penetrado do q́ vira, & ouvira, & tam desenganado, & arrepẽdido da fraqueza, em que tinha cahido; que por mais diligencias, que depois fez o Demonio, representandoselhe em outras figuras, com que o importunava a peccar, invocãdo sempre o patrocinio da Senhora do Rosario, a nenhuã tentaçaõ se rendéo jà mais.

430 Outro Moço em Pariz tendo sollicitado huã Molher casada, & naõ a podendo reduzir, se valéo para isso de huns Nigromantes, os quaes, & os Demonios com elles, o ajudassem. A tãto chega a temeridade furiosa do amor cego. Mas aqui se mostrou o Rosario em dous differentes casos singularmente maravilhoso. O primeiro foi, que naõ podendo os Demonios vencer a Molher em todos os dias, em que rezava o Rosario, fizeraõ taes perturbaçoẽs na casa, que hum dia o naõ pode rezar, & logo se rendéo à tentaçaõ. O segundo, que rendida jà, & saindo de noite a buscar o Moço, q̃ a pertẽdia, a Senhora do Rosario tocou, & trocou o co-

Notta

raçaõ do mesmo Moço com huã inspiraçaõ tam efficaz: que chegando a Molher à sua presença, o que lhe disse, foi, q́ fizesse o sinal da Cruz contra os Demonios, que a traziaõ enganada: & a acompanhou outra vez para sua casa, tam honrada como della sahira, convertidos igualmente o tentador, & a tentada.

431 Passando à segunda falta de contriçaõ, & arrepẽdimẽto no peccado, naõ pôde haver maior obstinaçaõ nelle, que a que agora direy. Andava muito triste hum pobre Homem, naõ por outra causa, senaõ por se ver pobre, & sem remedio: quando o Demonio, que o vio tam disposto, se lhe offerecéo para o remediar muito abundantemente, debaixo porèm de tres condiçoẽs: primeira, que renunciasse o Bautismo: segunda, que arrenegasse de Deos: terceira, que lhe désse hum escrito firmado com seu sangue de ser perpetuamente seu Escravo. A todas estas condiçoẽs tam horrendas se sojeitou o miseravel: que tanto póde a força da necessidade, em quem naõ poem a confiança em Deos. Assim passou muitos dias cõ a sua pobreza remediada, mas naõ por isso menos triste: porque os bens, que dá o Diabo, mal podem alegrar, a quem se vé cativo delles, & delle. Succedéo pois, que andando neste estado, entrou a outro fim em huã Igreja, a tempo que se estava prégando do Rosario, por ser o dia da sua Festa. Naõ era o Sermaõ, como os que ordinariamente se costumaõ ouvir naquelle dia, empregada toda a Rhetorica na descripçaõ da Rainha das flores, & excellencias da Rosa, sem mais sustancia, que a apparencia da metafora, & o som do nome; mas era o discurso solido, & util (como verdadeiramente devem ser) fundado na virtude, & poderes da mesma devaçaõ, & seus Mysterios, & tudo confirmado com Exemplos autenticos, & exprimẽtados, que saõ os que sò provaõ, & persuadẽ. E como o Prégador provasse com evidencia, que por meyo do Rosario se convertem a Deos, & Deos recebe em sua Graça os peccadores,

por

por mais preversos, & obstinados que sejaõ; ficou persuadido o Escravo do Demonio, que sem embargo de o seu escrito estar firmado cõ o proprio sangue, o Sãgue de Christo, que remio o genero humano do cativeiro do mesmo Demonio, o livraria tambem a elle. No mesmo dia se resolvéo a rezar o Rosario, tomando por Avogada, & Intercessora a Virgem, Senhora nossa, & assim o fazia todos os dias com a maior devaçaõ, que lhe era possivel. O Demonio porèm naõ se descuidava em procurar dissuadillo, zombando da sua nova esperança: & quando estava rezando lhe apparecia, & lhe mostrava o escrito, & a firma, dizẽdo, que debalde se cançava; porque era seu, & o havia de ser sempre. Mas como podem prevalecer as astucias da Serpente infernal contra aquella Senhora, que a tem debaixo do pé, & lhe quebrou sempre a cabeça? E que importa a fraqueza, ou pertinacia dos peccados passados, se a verdadeira contriçaõ, & arrependimento, os detesta, & pede a Deos perdaõ delles? Assim se desfazia em lagrimas o Escravo, naõ já do Demonio, senaõ da Rainha dos Anjos: até que hum dia postrado diante de huã Imagem da Senhora do Rosario, lhe vio cair da maõ hum papel. Levãtou-o, & pela letra, & pela firma reconhecéo que era o mesmo, com que se tinha entregue, ou vendido ao Demonio. Mas naõ parou aqui a maravilha. Tornou a olhar, & naõ vio sinal de letra, ou escritura, porque tudo estava apagado. E isto he o que pôde, & faz a virtude do Rosario, communicando primeiro a verdadeira contriçaõ, & por meyo da contriçaõ apagando, & aniquilando os peccados, como se nunca foraõ commetidos.

432 Naõ ha perdaõ de peccados sem Graça, cuja falta he a terceira, como diziamos, & a principal, & total, que sò pôde impedir a Vida Eterna. E posto que para prova de quam pontualmente a supre a devaçaõ do Rosario, bastava o successo referido; quero, que ouçais outro, ainda por suas circũs-

tancias mais prodigioſo. Havia em Italia hum famoſo Salteador de caminhos, o qual naõ ſò deſpojava aos caminhantes, mas era tam barbaro, & cruel, que tambem lhe tirava a vida. Encõtrouſe com eſte Ladraõ S. Domingos, & tendo empenhado com elle todo o ſeu zelo, eſpirito, & eloquencia, para o converter, naõ foi poſſivel. Por fim lhe diſſe: Ao menos vos peço me concedais, & promettais huã ſò couſa muito facil, que he rezar todos os dias o Roſario da Virgem Senhora noſſa. Aceitou elle, & rezava; mas ſem nenhuã emenda na vida, continuando como dantes os meſmos roubos, & inſultos. Neſte eſtado adoecéo mortalmente ſem acto algum de Chriſtaõ, & os companheiros da ſua quadrilha o enterráraõ junto a huã daquellas eſtradas, tam impia, & brutalmente, como tinha vivido. Dous annos havia, que eſtava alli ſepultado, quando tornando a paſſar pelo meſmo caminho S. Domingos, ſe ouviraõ huãs vozes confuſas, & laſtimoſas, ſem ſe ver donde ſahiaõ, ou cujas eraõ; atè que chegando ao meſmo lugar da ſepultura, ſe conhecéo diſtintamente, que de dentro della ſahiaõ. E o que diziaõ, era: Padre Frey Domingos, Servo de Deos, cõpadeceyvos de mim. Aberta a ſepultura ſahio de dentro, com aſſombro de todos os que acompanhavaõ o Santo, hum Homem vivo. Perguntado quem era: Eu ſou (diſſe) Padre, aquelle grande Ladraõ, a quem procuraſtes perſuadir, que ſe converteſſe, & naõ quiz: & ſò aceitou de voſſos conſelhos o rezar o Roſario. Aqui me ſepultáraõ vivo meus companheiros, tendome por morto por occaſiaõ de hum largo paraciſmo. Sepultado, & cuberto de terra, naturalmente havia de morrer logo, & ir padecer no Inferno as penas, a que eſtava condennado por minha vida; porèm a Soberana Virgem me alcãçou de ſeu Bemdito Filho, que naõ morreſſe, & que eſtes dous annos, em que padeci terribiliſſimas penas, me ſerviſſem de Purgatorio. Iſto diſſe em publico. E confeſſandoſe logo ao

meſmo

mesmo Santo de todos seus peccados, no ponto em que recebéo a Absolviçaõ, o corpo cahio morto, & a Alma com a Graça do Sacramento, que sò lhe faltava, subio a gozar da Gloria. Assim acabou Santo, o que tinha vivido Ladraõ. E tanto importa para conseguir a Graça final a devaçaõ do Rosario.

433 Sò resta para os que vivem bem a perseverança, cuja falta supre a Mãy da mesma Graça tam conaturalmente, que naõ saõ necessarios exemplos, onde naõ ha milagre. Com ser regra géral, que à boa vida respóde a boa morte, & a má morte à má vida; he tal a inconstancia, & fraqueza humana, & tam superior o poder da Graça Divina, que tambem a generalidade desta regra padece as suas exceiçoẽs. Dimas vivéo mal, & morréo bem: Judas vivéo bem, & morréo mal: Dimas vivéo como Ladraõ, & morréo como Apostolo: Judas vivèo como Apostolo, & morréo como Ladraõ. Mas de quatro Ladroẽs, que concorréraõ na morte de Christo, hum se salvou, & tres se perdéraõ: & de doze Apostolos, que seguiraõ ao mesmo Christo, hum sò se perdéo, & onze se salváraõ. Com tal differença porèm, q̃ se esse mesmo, que se perdéo, recorresse à piedade da Soberana Mãy do mesmo Filho, que tinha vendido, naõ sò recuperaria a Graça perdida, mas depois de recuperada, perseveraria nella atè o fim, como os demais. Isto pois, que elle naõ soube fazer, he o meyo, que devem tomar todos, os que reconhecidos da sua fraqueza, & inconstancia, temem, que depois de alcançada a Graça lhe falte a perseverança nella. Maravilhosa cousa foi, que caminhando os filhos de Israel quarenta annos por hum Deserto seco, esteril, & falto de agua, huã pedra do mesmo Deserto lhe supriſſe esta falta atè entrarem na Terra de Promissaõ. E que Agua, & que Pedra do Deserto he esta? A Agua disse Christo à Samaritana, que era a Graça: a Pedra do Deserto diz o Profeta Isaias, que he a Virgem Maria: *Emitte agnum, Domine, dominatorem terræ, de Pe-* Isai. 16. 1.

tra deſerti. Se queremos pois chegar á Terra de Promiſſaõ da Gloria, & tememos, que a Agua da Graça perſeverante nos falte, recorramos à fecũdiſſima Pedra, de que naſcéo a Fõte da meſma Graça, & recorramos com firme, & certa confiãça, que aſſim como na Paſtora devota do Roſario ſuprio a meſma Senhora tudo o que lhe faltava para eſta vida, & para a outra; aſſim ſuprirá em nós por meyo do meſmo Roſario, tudo o que nos for conveniente para a vida temporal, & neceſſario para a eterna. Onde com perpetuos louvores da Mãy, & do Filho, lhe cantemos ſem fim, o que a voz do Evangelho entoou no principio: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quæ ſuxiſti.*

FINIS.

SER-

SERMAM XXVII.

COM O SANTISSIMO SACRAMENTO EXPOSTO.

Iosias autem genuit Iechoniam, & fratres ejus in transmigratione Babylonis. Et post transmigrationem Babylonis, Iechonias genuit Salathiel. Matth. 1.

I.

434 HUMA das grandes cousas, que se vẽ hoje no mundo, & nós pelo costume de cada dia naõ admiramos, he a transmigraçaõ immensa de Gentes, & Naçoẽs Ethiopes, que da Africa continuamente estaõ passando a esta America. A Armada de Eneas, disse o Princepe dos Poetas, que levava Troya a Italia: *Ilium in Italiam portans*: *Æneid.* & das naos, que dos Portos do Mar Atlantico estaõ successivamente entrando nestes nossos, com maior razaõ podemos dizer, que trazem a Ethiopia ao Brasil. Entra por esta Barra hũ cardume monstruoso de Baléas, salvando com tiros, & fumos de agua as nossas Fortalezas, & cadahuã pare hum Baléato: entra huã nao de Angôla, & desóva no mesmo dia quinhentos, seiscentos, & tal vez, mil Escravos.

cravos. Os Iſraelitas atraveſſáraõ o Mar Vermelho, & paſſáraõ da Africa à Aſia, fugindo do cativeiro: eſtes atraveſſaõ o Mar Oceano na ſua maior largura, & paſſaõ da meſma Africa à America para viver, & morrer cativos. *Infelix genus hominum* (diſſe bem delles Mafféo) *& ad ſervitutem natum*. Os outros naſcem para viver, eſtes para ſervir. Nas outras terras, do que araõ os homẽs, & do q̃ fiaõ, & tecem as molheres, ſe fazem os commercios: naquella o que geraõ os pays, & o que criaõ a ſeus peitos as mãys, he o que ſe vende, & ſe compra. Oh trato deshumano, em que a mercancia ſaõ homẽs! Oh mercancia diabolica, em que os intereſſes ſe tiraõ das Almas alheas, & os riſcos ſaõ das proprias!

Maffæus.

435 Já ſe depois de chegados olharmos para eſtes miſeraveis, & para os que ſe chamaõ ſeus Senhores: o que ſe vio nos dous eſtados de Job, he o que aqui repreſenta a fortuna, pondo juntas a felicidade, & a miſeria no meſmo theatro. Os Senhores poucos, os Eſcravos muitos: os Senhores rompendo galas, os Eſcravos deſpidos, & nús: os Senhores banqueteando, os Eſcravos perecendo à fome: os Senhores nadando em ouro, & prata, os Eſcravos carregados de ferros: os Senhores tratãdoos como brutos, os Eſcravos adorandoos, & temendoos, como Deoſes: os Senhores em pé apontando para o açoute, como Eſtatuas da ſoberba, & da tyrannia, os Eſcravos poſtrados com as maõs atadas atràs como Imagens viliſſimas da ſervidaõ, & Eſpectaculos da extrema miſeria. Oh Deos! Quantas graças devemos à Fé, que nos déſtes, porque ella ſò nos cativa o entendimento, para que à viſta deſtas deſigualdades, reconheçamos com tudo voſſa juſtiça, & providencia. Eſtes homẽs naõ ſaõ filhos do meſmo Adam, & da meſma Eva? Eſtas Almas naõ foraõ reſgatadas com o Sangue do meſmo Chriſto? Eſtes corpos naõ naſcem, & morrem, como os noſſos? Naõ reſpiraõ com o meſmo ar? Naõ os cobre o meſmo Ceo? Naõ os aquenta o meſmo Sol? Que eſtrella

he

he logo aquella, que os domina, tam triste, tam inimiga, tam cruel?

436 E se as influencias da sua estrella saõ tam contrarias, & nocivas, como se naõ communicaõ ao menos aos trabalhos de suas maõs, & como maldiçaõ de Adam, às terras que cultivaõ? Quem pudéra cuidar, que as plantas regadas com tanto sangue innocente houvessem de medrar, nem crescer, & naõ produzir, senaõ espinhos, & abrôlhos? Mas saõ tam copiosas as bençoẽs de doçura, que sobre ellas derrama o Ceo; que as mesmas plantas saõ o fruto, & o fruto tam precioso, abundante, & suave, q̃ elle sò carrega grandes Frotas, elle enriquece de thesouros o Brasil, & enche de delicias o mundo. Algum grande mysterio se encerra logo nesta transmigraçaõ: & mais se notarmos ser tam singularmente favorecida, & assistida de Deos, que naõ havendo em todo o Oceano navegaçaõ sem perigo, & contrariedade de ventos, sò a q̃ tira de suas patrias a estas Gentes, & as traz ao exercicio do cativeiro, he sempre com vento à popa, & sem mudar vella.

437 Estas saõ as consideraçoẽs, que Eu faço, & era bem, que fizessem todos, sobre os juizos occultos desta tam notavel transmigraçaõ, & seus effeitos. Naõ ha Escravo no Brasil, & mais quãdo vejo os mais miseraveis, que naõ seja materia para mim de huã profunda meditaçaõ. Comparo o presente com o futuro, o tempo com a eternidade, o que vejo, com o que creyo, & naõ posso entender, que Deos, que criou estes homẽs tanto à sua imagem, & semelhança, como os demais, os predestinasse para dous Infernos, hum nesta vida, outro na outra. Mas quãdo hoje os vejo tam devotos, & festivaes diante dos Altares da Senhora do Rosario, todos Irmaõs entre sy, como Filhos da mesma Senhora; jà me persuado sem duvida, que o cativeiro da primeira transmigraçaõ he ordenado por sua misericordia para a liberdade da segunda.

438 De duas transmigraçoẽs faz mençaõ o nosso Evangelho: huã, em que fo-

raõ levados os filhos de Israel da sua patria para o cativeiro de Babylonia: *In trãsmigratione Babylonis*: & outra, em que foraõ trazidos do cativeiro de Babylonia para a sua patria: *Et post transmigrationem Babylonis*. A primeira transmigraçaõ, & do cativeiro, durou setenta annos: a segunda, & da liberdade, naõ teve fim, porque chegou atè Christo. E como ordenou Deos a primeira transmigraçaõ para a segunda? Assim como ordenou, que de Josias nascesse Jeconias: *Josias autem genuit Jechoniam, & fratres ejus.* Em todo este Evangelho, quando elle historialmente diz, que hum Patriarcha gerou outro Patriarcha, quer dizer no sentido mystico, que da significaçaõ do nome do pay nascéo a significaçaõ do nome do filho. Baste por exemplo o primeiro, que se nomea no mesmo Evangelho, q̃ he David. David diz a serie das mesmas geraçoẽs, q̃ gerou a Salamaõ: *David autem Rex genuit Salomonem.* E que quer dizer, q̃ David gerou a Salamaõ? David significa o Guerreiro, Salamaõ significa o Pacifico: & nascer Salamaõ de David, quer dizer, que da guerra havia de nascer a paz: & assim foi. Do mesmo modo diz o Evangelho, que Josias gerou a Jeconias no cativeiro de Babylonia: *Iosias autem genuit Iechoniam in transmigratione Babylonis.* Saybamos agora, qual he a significaçaõ destes dous nomes, Josias do pay, & Jeconias do filho. Josias significa, *Ignis Domini*, o fogo de Deos: Jeconias significa, *Præparatio Domini*, a preparaçaõ de Deos. Diz pois o Texto, ou quer dizer, que na transmigraçaõ de Babylonia o fogo de Deos gerou a preparaçaõ de Deos. Porque? Porque o fogo queima, & allumia: & no cativeiro de Babylonia, naõ sò queimou Deos, & castigou os Israelitas, mas tambẽ os allumiou: & porque os castigou, & allumiou no cativeiro da primeira transmigraçaõ: *In trãsmigratione Babylonis*: por isso, & com isso, os dispoz, & preparou para a liberdade da segunda: *Et post transmigrationem Babylonis.*

Matth. 1. 11. *Ibidem 12.* *Matth. 1. 11.* *Ibidem 6.*

439 Eisaqui, Irmaõs do Ro-

Rosario Pretos (que sò em vós se verificaõ estas significaçoẽs) eisaqui o vosso presente estado, & a esperança, q́ elle vos dá do futuro: *Iosias autem genuit Iechoniam, & fratres ejus.* Vós sois os Irmaõs da preparaçaõ de Deos, & os Filhos do fogo de Deos. Filhos do fogo de Deos na transmigraçaõ presente do cativeiro, porque o fogo de Deos neste estado vos imprimio a marca de Cativos: & posto que esta seja de oppressaõ; tambem como fogo vos allumiou juntaméte, porque vos trouxe à luz da Fé, & conhecimento dos Mysterios de Christo, que saõ os que professais no Rosario. Mas neste mesmo estado da primeira transmigraçaõ, que he a do cativeiro temporal, vos estaõ Deos, & sua Santissima Mãy, dispondo, & preparando para a segũda transmigraçaõ, que he a da liberdade eterna. Isto he o q́ vos hey de prégar hoje para vossa consolaçaõ. E reduzido a poucas palavras, será este o meu Assumpto: Que a vossa Irmandade da Senhora do Rosario vos promette a todos huã Carta de Alforria: com que naõ sò gozeis a liberdade eterna na segũda transmigraçaõ da outra vida; mas tambem vos livreis nesta do maior cativeiro da primeira. Em lugar das alviçaras, que vos devera pedir por esta boa nova, vos peço me ajudeis a alcançar a Graça, com que vos possa persuadir a verdade della. *Ave Maria: &c.*

II.

440 EM quanto desterrados filhos de Eva, todos temos, ou nos espera, huá universal transmigraçaõ, que he de Babylonia para Jerusalem, & do Desterro deste mundo para a Patria do Ceo. Vós porèm, que viestes, ou fostes trazidos das vossas patrias para estes desterros; alèm da segunda, & universal transmigraçaõ, tendes outra, que he a da Babylonia, em q́ mais, ou menos moderada, continuais o vosso cativeiro. E para que saybais como vos deveis portar nelle, & naõ sejais vós mesmos, os que o acrescenteis; vos quero, primeiro q́ tudo, explicar, qual

elle

elle he, & em que consiste. Procurarey, que seja com tal clareza, que todos me entendais. Mas quando assim naõ succeda (porque a materia pede maior capacidade da q́ podeis ter todos) ao menos, como dizia Santo Agustinho na vossa Africa, contentarmehey, que me entēdaõ vossos Senhores, & Senhoras: para que elles mais devagar vos ensinem, o que a vós, & tambem a elles, muito importa saber.

441 Sabey pois, todos os que sois chamados Escravos, que naõ he escravo tudo o q́ sois. Todo o homē he composto de corpo, & Alma; mas o que he, & se chama Escravo, naõ he todo o homem, senaõ sò ametade delle. Atè os Gentios, que tinhaõ pouco conhecimēto das Almas, conhecéraõ esta verdade, & fizeraõ esta distinçaõ. Homéro referido por Clemente Alexandrino, diz assim: *Altitonans Iupiter viro, quem alij servire necesse est, aufert dimidium.* Quer dizer, que aquelles homēs, a quem Jupiter fez Escravos, os partio pelo meyo, & naõ lhe deixou

Homerus. Clemens Alex. Strom. lib. 4.

mais que huã ametade, que fosse sua; porque a outra ametade he do Senhor, a quem servem. E qual he esta ametade escrava, & que tem Senhor, ao qual he obrigada a servir? Naõ ha duvida, que he a ametade mais vil, o corpo. Excellentemente Seneca: *Errat, si quis existimat servitutem in totum hominem descendere: pars melior ejus excepta est.* Quem cuida, que o que se chama Escravo, he o homem todo, erra, & naõ sabe o que diz: a melhor parte do homem, que he a Alma, he izenta de todo o dominio alheo, & naõ pôde ser cativa. O corpo, & sòmente o corpo, sim: *Corpus itaque est, quod domino fortuna tradidit. Hoc emit, hoc vendit: interior illa pars mancipio dari non potest.* Sò o corpo do Escravo (diz o grande Filosofo) he o que deu a fortuna ao Senhor: este comprou, & este he o que pôde vender. E nota sapientissimamente, que o dominio, que tem sobre o corpo, naõ lho deu a natureza, senaõ a fortuna: *Quod domino fortuna tradidit*; porque a natureza, como Mãy, desde

Seneca. lib. 3 de Benef. cap. 20.

Ibid.

o Rey

o Rey ao Escravo, a todos fez iguaes, a todos livres. Fallando S. Paulo dos Escravos, & com os Escravos, diz, que obedeçaõ aos Senhores carnaes: *Obedite dominis carnalibus.* E que Senhores carnaes saõ estes? Todos os Interpretes declaraõ, q̃ saõ os Senhores temporaes, como os vossos, aos quaes servis por todo o tempo da vida: & chamalhe o Apostolo Senhores carnaes; porque o Escravo, como qualquer outro homẽ, he composto de carne, & espirito, & o dominio do Senhor sobre o Escravo sò tem jurdiçaõ sobre a carne, q̃ he o corpo, & naõ se estende ao espirito, que he a Alma.

Ephes. 6.5.

442 Esta he a razaõ, porq os Escravos entre os Gregos se chamavaõ corpos. Assim o refere Santo Epiphanio, & que o uso commum de fallar entre elles era; naõ, que tal, ou tal Senhor, tinha tantos Escravos, senaõ, que tinha tãtos corpos. O mesmo diz Seneca, que se usava entre os Romanos. E he erudiçaõ, que elle ensina a seu discipulo Lucilio: porque ainda que a noticia dos vocabulos he de todos, saber a origem delles he sò dos que sabem as cousas, & mais as causas: *Quandoquidem dominium corporibus dominatur, & non animis, propterea servos corpora vocaverunt, ut usum corporum ostenderent.* Sabes, Lucilio, porq os nossos Maiores chamàraõ aos Escravos corpos; porque o dominio de hum homem sobre outro homem sò pôde ser no corpo, & naõ na Alma. Mas naõ he necessario ir tam longe como a Roma, & a Grecia. Pergunto: Neste vosso mesmo Brasil quando quereis dizer, que fulano tem muitos, ou poucos Escravos, porque dizeis, q̃ tem tantas, ou tãtas Pessas? Porque os primeiros, que lhe puzeraõ este nome, quizeraõ significar sàbia, & christaãmẽte, que a sojeiçaõ, que o Escravo tem ao Senhor, & o dominio, que o Senhor tem sobre o Escravo, sò consiste no corpo. Os homẽs naõ saõ feitos de huã sò pessa, como os Anjos, & os brutos. Os Anjos, & os brutos (para que nos expliquemos assim) saõ inteiriços; o Anjo, porque todo he espirito; o bruto, porque todo

Epiphanius.

Seneca Epist. 47

todo he corpo. O homem naõ. He feito de duas peſſas, Alma, & corpo. E porque o Senhor do Eſcravo ſò he Senhor de huã deſtas peſſas, & a capaz de dominio, que he o corpo; poriſſo chamais aos voſſos Eſcravos, Peſſas. E ſe eſta dirivaçaõ vos naõ contenta: digamos, que chamais Peſſas aos voſſos Eſcravos, aſſim como dizemos, huã peſſa de ouro, huã peſſa de prata, huã peſſa de ſeda, ou de qualquer outra couſa das que naõ tem Alma. E por eſte modo ainda fica mais claramente provado, que o nome de Peſſa naõ comprehende a Alma do Eſcravo, & ſòmente ſe entende, & ſe eſtende a ſignificar o corpo. Eſte he o que ſò ſe cativa, eſte o que ſò ſe cõpra, & vende, eſte o que ſò tẽ debaixo de ſua jurdiçaõ a fortuna, & eſte em fim o que levou de Jeruſalem a Babylonia a tranſmigraçaõ dos filhos de Iſrael, & eſte o que traz da Ethiopia ao Braſil a tranſmigraçaõ dos que aqui ſe chamaõ Eſcravos, & aqui continuaõ ſeu cativeiro.

III.

443 DEmaneira, Irmaõs Pretos, que o cativeiro, que padeceis, por mais duro, & aſpero que ſeja, ou vos pareça; naõ he cativeiro total, ou de tudo o que ſois, ſenaõ meyo cativeiro. Sois Cativos naquella ametade exterior, & mais vil de vós meſmos, que he o corpo; porèm na outra ametade interior, & nobiliſſima, que he a Alma, principalmente no que a ella pertence, naõ ſois Cativos, mas livres. E ſuppoſto eſte primeiro ponto, ſegueſe agora, que ſaybais o ſegundo, & muito mais importante, & q́ Eu vos declare, ſe eſſa parte, ou ametade livre, que he a Alma, pôde tambem por algum modo ſer cativa, & quẽ a pôde cativar. Digo pois, que tambem a voſſa Alma, como as dos mais, pôde ſer cativa: & quem a pôde cativar, naõ ſaõ voſſos Senhores, nem o meſmo Rey, nem outro algũ poder humano, ſenaõ vós meſmos, & por voſſa livre vontade. Ditoſos de vós, aquelles que de tal modo ſe com-

compuzerem com a sorte do seu meyo cativeiro, que se sirvaõ da sua propria servidaõ, & se saybaõ aproveitar do que nella, & com ella podem merecer! Mas o mal, & a miseria, que totalmente vos fará miseraveis, he, que fazẽdovos a vossa fortuna Cativos sò no corpo, vós muito por vossa vontade cativeis tambem a Alma. Dous casos notaveis se viraõ na transmigraçaõ de Babylonia. Houve huns daquelles Cativos, & desterrados, que tendo licença, & liberdade para tornar para a patria, quizeraõ antes ficar no seu cativeiro: & houve outros, & quasi todos, q́ sendo aquelle cativeiro sò do corpo, elles se naõ contentáraõ com ser meyos cativos, mas para o ser inteira, & totalmente, cativáraõ tambem as Almas. Com grande fundamẽto se pôde pór em questaõ: Se para a natureza humana se sojeitar, & precipitar aos vicios, he maior tentaçaõ a liberdade, ou o cativeiro? O certo he, que nesta mesma occasiaõ mostrou por experiencia o cativeiro, naõ sò ter maiores forças para tentar, senaõ tambem para vencer. Porque entre todos os Cativos, que foraõ muitos mil, sò hũ Tobias se achou, que naõ cativasse a sua Alma. Assim o diz, & celébra delle por grande maravilha a Escritura Sagrada: *In captivitate tamen positus, viam veritatis non deseruit.* Tam ordinaria, & universal miseria he, que os Meyo cativos naõ sejaõ sò Cativos de meyas, senaõ totalmente, & em huã, & outra ametade Cativos: Cativos no corpo, & Cativos juntamente na Alma. Tob. 1. 2.

444 E se me perguntardes, como deveis perguntar, de que modo se cativaõ as Almas: quem saõ os q́ as vẽdem, & a quem as vendem, & porque preço? Respõdo, que os que as vendem, he cada hum a sua: a quem as vendẽ, he ao Demonio: o preço porque as vendem, he o peccado. E porque a Alma he invisivel, & o Demonio tambem invisivel, & estas vendas naõ se vem: para que naõ cuideis, que saõ encarecimẽtos, & modos de fallar, senaõ verdades de Fé, sabey, que assim está definido por Deos,

& repetido muitas vezes em todas as Eſcrituras Sagradas. S. Paulo, aquelle grande Apoſtolo, que foi levado em vida ao Ceo, & depois tornou do Ceo à terra, para enſinar aos homẽs o que lá vira, & aprendéra, fallando deſta venda da Alma, diz aſſim: *Lex ſpiritualis eſt: Ego autem carnalis ſum, venundatus ſub peccato.* Sabeis, diz S. Paulo, como os homẽs vendem a ſua Alma? Ouvime com attençaõ, Eu volo direy: *Lex ſpiritualis eſt*: a Ley he eſpiritual: *Ego autem carnalis ſum:* & o homem he carnal. A Ley he eſpiritual; porque ordena o que convem ao eſpirito, & à Alma: o homem he carnal; porque naturalmente appetece o q̃ pede a carne, & o corpo. Da parte da Ley eſta Deos mandando que ſeja obedecido, & promettendo que aos que a guardarem dará depois o Ceo: da parte da carne eſtá o Demonio aconſelhando, q̃ ſe naõ guarde a Ley, & promettendo ao homem, que logo, & de contado, lhe dará o goſto, ou intereſſe, que pede o ſeu appetite. Poſta pois a Alma, como em leilaõ, entre Deos, & o Demonio, entre a Ley, & o peccado: que faz a vontade, & o livre alvedrio, que he o Senhor de todas noſſas acçoẽs, & reſoluçoẽs? Em vez de receber o lanço de Deos, aceita o do Demonio, & tanto que cõſentio no peccado, ficou a Alma cativa, & rematada a venda: *Venundatus ſub peccato.* He o que diz Santo Aguſtinho na expoſiçaõ deſte meſmo Texto: *Unuſquiſque peccando, animam ſuam Diabolo vendit, accepta, tanquam pretio, dulcedine temporalis voluptatis.* A primeira venda, & o primeiro leilaõ de Almas, q̃ ſe fez neſte mundo, foi no Paraiſo terreal. De huã parte eſtava Deos, mandando que ſe naõ comeſſe da fruta vedada: da outra parte eſtava a Serpente inſtigando que ſe comeſſe: E que ſuccedeo? Eva, que repreſentava a carne, inclinou à parte do Demonio; & porque Adam, que fazia as partes do alvedrio, em vez de obedecer o preceito de Deos, ſeguio o appetite da carne; alli ficáraõ vẽdidas ao Demonio as duas primeiras Almas, & dalli trouxe ſua origem a vẽda das demais. Di-

Rom. 7. 14.

August. ibi.

Genes. 2. 16.

Genes. 3. 1.

445 Dizeyme, Brancos, & Pretos, naõ condennamos todos a Adam, & Eva? Naõ conhecemos, que foraõ ignorantes, & mais que ignorantes; loucos, & mais que loucos; cegos, & mais que cegos? Naõ somos nós os mesmos, que lhe lançamos pragas, & maldiçoẽs, pelo que fizeraõ? Pois porque fazemos o mesmo, & vendemos as nossas Almas, como elles as vendéraõ? Ouçaõ primeiro os Brancos hum exemplo, em que vejaõ a sua deformidade, & logo mostraremos outro aos Pretos, em que vejaõ a sua. De El Rey Achab affirma a Historia Sagrada, que foi o mais mao Rey que houve entre todos os de Israel; porque peccando, & para peccar, se vendéo: *Non fuit alter talis sicut Achab, qui venundatus est, ut faceret malũ.* (3.Reg. 21.25.) O mesmo lhe disse o Profeta Elias na cara. Perguntoulhe o Rey: *Num invenisti me inimicum tibi?* (Ibidem 20.) Por ventura, Elias, achaste em mim alguã cousa, pela qual tenhas para ti, que sou teu inimigo? Sim achey, respondéo o Profeta: porque achey, que es tal, que re vendes para offender a Deos: *Inveni, eò quòd venũdatus sis, ut faceres malum in cõspectu Domini.* (Ibidem.) Naõ se queixou Elias das offensas, que lhe tinha feito Achab, mas das que fazia contra Deos: nem se queixou de naõ ser o Rey amigo do seu Profeta, senaõ de que sendo Rey, se vendia, & fazia Escravo: *Eò quòd venundatus sis, ut faceres malum.*

446 E que males, & peccados eraõ aquelles, em que Achab se vendia? Dous principalmente refere a Escritura: hum géral, com que obrigava os subditos a que adorassem os Idolos de ouro (Ibid. 26) de Jeroboaõ, prohibindo, que naõ fossem ao Templo do verdadeiro Deos: & outro particular, em que naquella occasiaõ tinha consentido, q̃ falsamente fosse condennado à morte Naboth, para lhe confiscar, & tomar a sua vinha. (Ibid. 19) Vede, se he bom exemplo este para os Regulos do nosso Recôcavo. He possivel, que por acrescentar mais huã braça de terra ao Canaveal, & meya tarefa mais ao Engenho em cada somana; haveis

de vender a voſſa Alma ao Diabo? Mas a voſſa, jà que o he, vendeylha, ou revendeylha embora. Porèm as dos voſſos Eſcravos, porque lhas haveis de vender tambem, antepõdo a ſua ſalvaçaõ aos Idolos de ouro, que ſaõ os voſſos malditos, & ſempre mal logrados intereſſes? Poriſſo os voſſos Eſcravos naõ tem doutrina: poriſſo vivem, & morrem ſem Sacramentos: & poriſſo, ſe lhe naõ prohibis a Igreja, com ſutileza de cubiça, que ſò podia invẽtar o Diabo (para que o diga na fraſe do vulgo) naõ quereis, que vaõ à porta da Igreja. Conſentis, que os Eſcravos, & Eſcravas, andem em peccado, & naõ lhe permittis, que ſe caſem, porque dizeis, que caſados ſervem menos bem. Oh razaõ (quando aſſim fora) tam digna do voſſo entendimento, como da voſſa Chriſtandade! Prevaleça o meu ſerviço ao ſerviço de Deos, & com tanto, que os meus Eſcravos me ſirvaõ melhor, vivaõ, & morraõ em ſerviço do Diabo. Eſpero Eu no meſmo Deos, que terá miſericordia da ſua miſeria, & das ſuas Almas: mas das voſſas Almas, & deſta voſſa, que tambem he miſeria, naõ tenho em que fundar tam boas eſperanças.

447 Paſſemos ao exemplo mais proprio dos Eſcravos, os quaes por nenhum reſpeito devem vender a ſua Alma, ainda que lhe houveſſe de cuſtar a vida. Depois q̃ ElRey Antiocho, por ſobrenome o Illuſtre, ſaindo da Grecia com poderoſo exercito, dominou a Jeruſalem, & com ella a todas as reliquias, que tinhaõ eſcapado da trãſmigraçaõ de Babylonia (que nem ſempre os homẽs levaõ comſigo o cativeiro aos deſterros, mas tal vez o meſmo cativeiro os vem buſcar a ſua caſa) mandou o barbaro, & inſolente Rey, que em toda Judéa ſe naõ guardaſſe a Ley de Deos, ſenaõ ſòmente as ſuas, & que os Deoſes, a que ſe offereceſſem os ſacrificios, foſſem os da Gentilidade, que elle adorava. Quo vos parece, que fariaõ em hum tam apertado caſo os miſeraveis Cativos? Mal fiz em lhe chamar miſeraveis indiſtintamẽte. Huns foraõ miſeraveis, fracos,

1.Machab. 1. 11.

fracos, & vis, outros fortes, constantes, & gloriosos. Os miseraveis, fracos, & vis, diz o Texto, que por ganhar a graça dos Senhores, obedecé-raõ, & fazendose Gentios, vẽ-
1.Machab. 1. 16. déraõ as suas Almas: *Et jũ-cti sunt Nationibus, & venundati sunt, ut facerent malum*: pelo contrario os fortes, constantes, & gloriosos, por naõ venderem as Almas, perdé-raõ animosamente as vidas, q̃ da graça dos Senhores nenhum caso fizeraõ. Bem se vio aqui, que os corpos sò-mente saõ os cativos, as Almas naõ. Eraõ os Senhores tam tyrannos, que lhe cortavaõ os dedos das maõs, & dos pés: que lhe arrancavaõ os olhos, & as linguas: que os frigiaõ, & torravaõ vivos em certaãs ardentes: & com outros exquisitos tormentos lhe tiravaõ as innocentes vidas: mas elles, antes queriaõ padecer, & morrer, que vender as Almas. Julgay agora vós, q̃ vos achais na mesma fortuna de Escravos, quaes destes o-bráraõ melhor: Se os que vẽ-déraõ as Almas para agradar aos Senhores, ou os que quizeraõ antes perder a vida, que cativar a Alma? Naõ estais dizendo todos, que o valor, & constancia destes, he digna de eternos louvores? Sim. Pois a estes vos digo, que imiteis. Por graça, & mercé grãde de Deos, ainda q̃ Escravos, & Cativos, naõ estais em terra, onde vossos Senhores vos hajaõ de obrigar a deixar a Fé. Mas he certo, que sem se perder, nem arriscar a Fé, se pôde perder, & vender a Alma. E no tal caso (que pòde acõtecer muitas vezes) tende bẽ na memoria o exemplo, que acabastes de ouvir, para que naõ falteis à vossa obrigaçaõ. Se o Senhor mandasse ao Escravo, ou quizesse da Escrava, cousa que offenda gravemente a Alma, & a consciencia; assim como elle o naõ pôde querer, nem mandar, assim o Escravo he obrigado a naõ obedecer. Dizey constantemente, que naõ haveis de offender a Deos: & se por isso vos ameaçarem, & castigarem, sofrey animosa, & christaãmente, ainda que seja por toda a vida, que esses castigos saõ martyrios.

IIII.

448 TEmos visto, que assim como o homem se compoem de duas partes, ou de duas ametades, que saõ corpo, & Alma, assim o cativeiro se divide em dous cativeiros: hum cativeiro do corpo, em que os corpos involuntariamente saõ cativos, & escravos dos homẽs: outro cativeiro da Alma, em que as Almas por propria vontade se vendem, & se fazem cativas, & escravas do Demonio. E porque Eu vos prometti, que a Virgem, Senhora nossa do Rosario, vos ha de libertar, ou forrar, como dizeis, do maior cativeiro; para que conheçais bem quanto deveis estimar esta alforria, importa, que saybais, & entẽdais primeiro, qual destes dous cativeiros he o maior. A Alma he melhor que o corpo, o Demonio he peior Senhor que o homem, por mais tyranno que seja; o cativeiro dos homẽs he temporal, o do Demonio eterno: logo nenhum entendimẽto pôde haver, tam rude, & tam cego, que naõ conheça, que o maior, & peior cativeiro he o da Alma. Mas como a Alma, o Demonio, & este mesmo cativeiro, como jà disse, saõ cousas, que se naõ vem com os olhos: Onde acharey Eu hum meyo proporcionado à vossa capacidade, com que vos faça visivel esta demostraçaõ? Fundemola no mesmo vosso cativeiro, que he a cousa para vós mais sensivel. Pergunto. Se Deos nesta mesma hora vos libertára a todos do cativeiro, em que estais, & derepente vos visseis todos livres, & forros: naõ seria huã estranha, & admiravel mercé, que Deos vos faria? Pois muito maior he, & de muito maior, & mais subido valor, a mercé, que a Senhora do Rosario vos fará, em livrar vossas Almas do cativeiro do Demonio, & do peccado. No nosso Evangelho o temos.

449 Faz repetida mençaõ o Evangelho do cativeiro de Babylonia, & do cativeiro do Egypto nenhuã memoria faz. O cativeiro de Babylonia succedéo no tempo de Jeconias, o do Egypto

no tempo de Judas: pois assim como diz o Evangelista: *Iechoniam, & fratres ejus in trãsmigratione Babylonis:* porque naõ diz tambem: *Iudam, & fratres ejus in captivitate Ægypti?* O reparo, & a reposta, he de S. Chrysostomo, por estas palavras: *Cur sicut captivitatis Babylonicæ meminit, non autem descensus in Ægyptum? Quia illùc non propter peccata abducti fuerant; hùc verò ob scelera translati sunt.* No tempo dos mesmos Patriarchas, que se referem na genealogía de Christo, succedéo o cativeiro do Egypto, & tambem o de Babylonia: & se quereis saber, porque o Evãgelista na mesma genealogía faz mençaõ do cativeiro de Babylonia, & passa em silencio o cativeiro do Egypto. A razaõ he, diz Chrysostomo, porque os do cativeiro de Babylonia foraõ là levados por peccados, em castigo das grandes maldades, que tinhaõ commettido na sua Patria; porèm os do cativeiro do Egypto naõ foraõ ao Egypto por peccados, senaõ chamados por seu Irmaõ Joseph, & depois cativos pela tyrannia de Faraô. E como o cativeiro do Egypto foi sò temporal, & dos corpos; Cativos, naõ por peccados proprios, senaõ pela tyrannia alhea: & o cativeiro de Babylonia pelo contrario foi cativeiro espiritual, & das Almas, cujos peccados as tinhaõ feito escravas do mesmo peccado, & do Demonio; porisso este sò cativeiro se refere na genealogía de Christo, o qual naõ veyo libertar os homẽs do cativeiro temporal, & do corpo, senaõ do espiritual, & da Alma. Excellentemente por certo assim ponderado, como respondido.

Chrysost. Homil 4 in Matthæum.

450 E se buscarmos o principio fundamental, porque Christo sendo Redemptor do genero humano, sò veyo remir, & libertar os homẽs do cativeiro das Almas, & naõ da servidaõ dos corpos, o fundamento claro, & manifesto, he; porque para libertar do cativeiro dos homẽs, bastavaõ homẽs: para libertar do cativeiro do Demonio, & do peccado, he necessario todo o poder de Deos. Estes mesmos filhos de

Iſrael, de que fallamos,foraõ muitas outras vezes Cativos de diverſas Naçoẽs: Cativos logo em ſeu naſcimento dos Egypcios: Cativos depois dos Meſopotamios: Cativos dos Amonitas: Cativos dos Cananéos: Cativos dos Madianitas: Cativos dos Filiſtéos. E de todos eſtes cativeiros os livrou ſempre Deos por meyo de homẽs. Do cativeiro dos Egypcios por Moyſés: do cativeiro dos Meſopotamios por Othoniel: do cativeiro dos Amonitas por Aod: do cativeiro dos Cananéos por Barac: do cativeiro dos Madianitas por Gedeaõ: do cativeiro dos Filiſtéos por Jephte. Aſſim, que para libertar do cativeiro de homẽs, baſtaõ homẽs. E ſe me inſtardes, que os Cativos da tranſmigraçaõ de Babylonia naõ ſò eraõ Cativos dos Babylonios, ſenaõ tambem Cativos do Demonio, & do peccado, como acabamos de ver, & que comtudo os libertou hum homem, que foi ElRey Cyro; agora entendereis o myſterio, por ventura atègora naõ entendido, das palavras de Iſaias, fallando deſte meſmo cativeiro, & deſta meſma liberdade.

Exod. 1. 10. *Iudic.* 3. 8. *Iudic.* 3. 14 *Iudic.* 4. 2. *Iudic.* 6. 1. *Iudic.* 10. 7. *Pſalm.* 76. 21. *Iudic.* 3. 9. *Iudic.* 3. 15. *Iudic.* 4. 6. & *ſeqq.* *Iudic.* 7. 20. & *ſeqq.* *Iudic.* 11. 32. & *ſeqq.*

451 *Verè tu es Deus abſconditus, Deus Iſrael Salvator:* Verdadeiramente, ò Rey Cyro, em ti eſtá eſcondido Deos, & naõ ſò eſcondido como Deos, ſenaõ como Salvador, & Libertador de Iſrael. Pois ſe Iſaias falla da liberdade do cativeiro de Babylonia, & Cyro, como Rey da meſma Babylonia, foi o que libertou aos filhos de Iſrael daquelle cativeiro: porque diz, que Deos como Libertador de Iſrael eſtava eſcondido no meſmo Cyro? Porque no cativeiro de Babylonia havia juntamente dous cativeiros, pelos quaes os meſmos filhos de Iſrael eraõ dobradamente Eſcravos: hum cativeiro temporal, & dos corpos, pelo qual eraõ Cativos d'ElRey Cyro, & outro eſpiritual, & das Almas, pelo qual eraõ Cativos do Demonio, & do peccado: do cativeiro dos corpos libertouos o Rey homẽ, que como homem baſtava para os libertar, & como Rey podia: do cativeiro do Demonio, & do peccado, como os naõ podia libertar *Iſai.* 45. 15.

bertar

bertar nenhum homem, foi necessario, que concorresse tambem Deos como Libertador: *Deus Israel Salvator*: porque sò Deos os podia libertar daquelle cativeiro. E porque acrescenta o Profeta, que Deos estava escondido em Cyro: *Verè tu es Deus absconditus*? Porque assim como hum cativeiro era occulto, & o outro publico, assim foraõ os dous Libertadores, hũ publico, outro escondido. O cativeiro dos corpos era publico, & como publico libertou Cyro os Cativos publicamente: porèm o cativeiro das Almas, & do Demonio, era occulto, & invisivel; & como occulto, & invisivel, os libertou tambem Deos occulta, & invisivelmente, & porisso escondido: *Verè tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator.*

452 Em summa, que he tal, & tam immensamẽte maior que toda a infelicidade o cativeiro das Almas escravas do Demonio, & do peccado, que sò Deos por sy mesmo as pôde resgatar, & libertar de tal cativeiro. E isto he, como dizem Santo Agustinho, S. Jeronimo, Santo Hilario, & os mais Padres, o que Isaias quiz es sinar historialmente no cativeiro de Babylonia, & profeticamẽte no de todo o genero humano; resgatado, & libertado, naõ por outrem, senaõ pelo mesmo Filho de Deos em Pessoa, quãdo cõ o preço infinito de seu Sangue nos remio na Cruz. Os Discipulos de Emaús, & os outros mais rudes da Escola de Christo, cuidavaõ, q̃ a sua vinda ao mundo fora para libertar os filhos de Israel da sojeiçaõ, & cativeiro dos Romanos: *Nos autem sperabamus, quia ipse esset redempturus Israel*: mas porisso merecèraõ o nome de homẽs nescios, & de tardo, & baixo coraçaõ: *O stulti, & tardi corde*. Por ventura para libertar os filhos de Israel do jugo dos Romanos, faltavalhe a Deos huã vara de Moysés, huã queixada de Samsam, huã fũda de David, huã espada do Machabéo? Mas estas armas, & estes braços, sò bastaõ para libertar do cativeiro dos corpos; porèm para o cativeiro das Almas, & para as libertar do jugo do Demonio, & do peccado,

August. Hieron. Hilar.

Luc. 24. 21.

Ibidem 25.

cado,

cado, sò tem forças, & poder, o mesmo Deos, & esse com ambos os braços estendidos em huã Cruz. Vede, vede bẽ, quãto vay de cativeiro a cativeiro, de resgate a resgate, & de preço a preço. Cõ admiravel energía o ponderou S. Pedro, como se fallára comvosco, vendidos, & comprados por dinheiro.

453 *Scientes, quòd non corruptibilibus, auro, vel argẽto redempti estis: sed pretioso Sãguine quasi agni immaculati Christi.* Exhorta o Apostolo a todos a que tratem da salvaçaõ de suas Almas, & de as conservar em graça: & para isso diz, que consideremos, q̃ naõ fomos resgatados com ouro, nem com prata, senaõ com o preço infinito do Sãgue do Filho de Deos. Nas quaes palavras he muito digno de ponderar, que naõ sò nos manda S. Pedro considerar o preço, porque fomos resgatados, senaõ tambem o preço, porque naõ fomos resgatados. O preço porque naõ fomos resgatados, que he o ouro, & a prata: *Non corruptibilibus, auro, vel argẽto*: & o preço porque fomos resgatados, que he o Sangue do Filho de Deos: *Sed pretioso Sãguine quasi agni immaculati Christi.* Pois se para tratarmos com todo o cuidado, & vigilancia, da Salvaçaõ de nossas Almas, o unico, & maior motivo he a cõsideraçaõ, de que Deos as resgatou cõ o Sangue de seu proprio Filho: porque ajunta o Apostolo na mesma consideraçaõ o preço, cõ que naõ foraõ resgatadas, que he o ouro, & a prata? Porque o seu principal intento nestes dous preços, que nos manda considerar, foi, para que da differença dos resgates conhecessemos a differença dos cativeiros. Para resgatar do cativeiro do corpo, basta dar outro tanto ouro, ou prata, quanto custou o Escravo vendido. Mas para resgatar do cativeiro da Alma, quanto ouro, ou prata será bastante? Bastará hum Milhaõ? Bastaráõ dous Milhoẽs? Bastará todo o ouro de Sofálla, & toda a prata do Potosì? Oh vileza, & ignorancia das apprehensoẽs humanas! Se todo o mar se convertéra em prata, & toda a terra em ouro: Se Deos

I. Petr. 1. 18. 19

criára outro mundo, & mil mundos, de mais preciosa materia que o ouro, & mais subidos quilates que os diamantes; todo este preço naõ seria bastante para libertar do cativeiro do Demonio,& do peccado,huã sò Alma por hũ sò momento. Porisso foi necessario,que o Filho de Deos se fizesse Homem,& morresse em huã Cruz, para que cõ o preço infinito de seu Sangue podesse resgatar,& resgatasse as Almas do cativeiro do Demonio,& do peccado. E deste cativeiro tam difficultoso,& tam temeroso, & tam immenso, he, que Eu vos prometto a Carta de alforria pela devaçaõ do Rosario da Mãy do mesmo Deos.

V.

454 PARA prova desta Carta de alforria me perguntareis vós com razaõ,& tambem os que tem mais letras que vós,como pôde isto ser? Respondo, que pelo mesmo modo,com que o Filho da mesma Senhora, Christo, libertou do mesmo cativeiro do Demonio,& do peccado,a todo o genero humano. E se me instardes ainda, q̃ vos diga mais declaradamente qual he este modo? Digo, que naõ he dando a Senhora aos Escravos a Escritura da liberdade,senaõ tirando das maõs do Demonio a Escritura do cativeiro. Ouvi hum Texto,tam grãde como o mesmo Assumpto: *Delens quod adversùs nos erat chirographum decreti, quod erat cõtrarium nobis,& ipsum tulit de medio, affigens illud Cruci: & expolians principatus,& potestates.* Coloss.2. 14.15. Saõ palavras de S. Paulo: nas quaes diz,q̃ quando Christo morréo na Cruz, despojou os Demonios, tirãdolhe das maõs a Escritura,q̃ tinhaõ contra nós, & que depois de apagar quãto nella estava escrito,a fixou na mesma Cruz. Agora resta saber,que Escritura era esta? E posto que os Santos Padres, & Interpretes declaraõ variamente o literal della,todos uniformemente vem à dizer, que era a Escritura de venda, pela qual o homem pelo peccado entrega a sua Alma ao Demonio, & fica

obrigado

obrigado por ella às penas eternas, que a Justiça Divina lhe tem decretadas. E assim como paga a divida, nenhuã força, nem vigor tem jà a Escritura, que o acredor tinha em sua maõ: assim Christo morrendo na Cruz, com o mesmo Sangue, com que pagou a divida do peccado, apagou juntamente a Escritura, pela qual o homem tinha vendido a sua Alma ao Demonio, & se tinha feito seu Escravo: *Delens quod adversùs nos erat chirographum.* Demaneira, que para Christo libertar o homem do cativeiro do Demonio, naõ deu ao homem nova Escritura de liberdade, mas tirou ao Demonio a Escritura de cativeiro, pela qual o mesmo homẽ se lhe tinha vendido. E isto he o que a Virgem Senhora nossa faz, como agora veremos.

455 Os peccados, pelos quaes os homẽs se vendem ao Demonio, como notou S. Joaõ, saõ tres, em que se cõprehendem todos: Soberba, Cubiça, Sensualidade. E em todos tres temos a prova das Escrituras de cativeiro, que a Māy de Deos, como seu Filho, tira das maõs do Demonio, para pôr em liberdade os que lhe vendéraõ as Almas. He famoso, & celebrado de todos os Padres Antigos, o caso de hum chamado Theofilo, o qual vendose afrontado por hum falso testimunho, & naõ achando meyo licito, com que se restituir à opiniaõ, & honra perdida, por intervençaõ de hũ Feiticeiro se valéo do Demonio, & depois de renegar de Deos, & da Virgem Maria, lhe passou hum escrito de sua letra, & final, em que se lhe entregava por perpetuo Escravo. Tanto póde com os soberbos a vaã estimaçaõ da propria honra. Outro, que refere o Beato Aláno, vendose em grande miseria de pobreza, & naõ lhe aproveitando nenhuã industria para ser rico, como insanamente dezejava, recorréo tambem ao Demonio, & depois da mesma ceremonia heretica, & blasfema, com que renunciou a Deos, & a sua Māy, lhe passou na mesma fórma escrito de perpetua servidaõ. A que sacrilegios naõ precipita

1. Ioann. 2.16.

Patr. Antiq.

Beat. Alan.

pita os animos mortaes a execrada fome da cubiça? Finalmente, outro referido por Torselino, depois de empregar, & empenhar sem effeito na conquista de huã molher honesta, & constante, todos aquelles extremos, de que se costuma servir em semelhante dezatino a cegueira, & locura do amor profano, acodio por ultimo remedio, ou por ultimo precipicio, aos poderes do Demonio, ao qual com as mesmas clausulas do seu Formulario infernal, se vendéo, & cativou para sempre. Ainda fizera mais, se mais lhe pudéra pedir hũ Escravo da sensualidade.

Torse-lin.

456 Todos estes Escravos do Demonio em confirmaçaõ do pacto, com que se tinhaõ vendido, conseguiraõ o que o mesmo Demonio lhe promettéra: o Soberbo o credito perdido: o Cubiçoso a riqueza dezejada: o Sensual a torpeza resistida. Mas depois que o ardor do appetite esteve em todos satisfeito, & porisso jà menos cego: que fariaõ as tristes Almas vendose vendidas? Maior era agora a força do arrependimento, do que tinha sido a furia do mesmo appetite. E naõ se descuidando o Demonio em mostrar a cadahum a sua firma, & o seu escrito, pouco faltou, que daquelle infelicissimo estado naõ cahissem todos no ultimo da desesperaçaõ. Recorrendo porèm todos por extraordinaria luz, & mercé do Ceo, ao unico patrocinio da Mãy de misericordia, com gemidos, lagrimas, penitẽcias, & continuas oraçoẽs: ainda assim era justo, que achassem fechadas as portas da misericordia em Deos, & na Mãy de Deos, os que tinhaõ negado a ambos. Mas qual vos parece, que seria o fim, naõ de hum, senaõ de tres casos, tam difficultosos, & horrendos? De dous Ladroẽs na Cruz, hum se salvou para exemplo da Misericordia, & outro se condenou para exemplo da Justiça. Porèm onde entra vossa soberana maõ, ò Virgem piadosissima, naõ ha essas exceiçoẽs, nem piedade de meyas. A todos tres restituio a poderosissima Senhora as suas Escrituras, tirandoas por força das maõs do Demonio, &

entregandoas outra vez aos mesmos, que as tinhaõ escrito, para que metessem, & apagassem no fogo as letras, com que elles se tinhaõ cõdennado ao fogo, que se naõ apaga. He o que fez Christo na Cruz: *Delens quod adversùs nos erat chirographum:* & he a proporçaõ, que achou entre Christo, & sua Mãy, o antigo Geometra, quando elegantemente chamou à mesma Senhora, *Spongiam nequitiæ nostræ adversùs Diaboli Scripturam.*

Geometra.

457 Este foi o modo, cõ que a Virgem Senhora nossa à imitaçaõ de seu Filho, naõ fazendo, senaõ desfazendo Escrituras, deu Carta de liberdade a estes tres Escravos do Demonio. E elles, que fizeraõ? Todo o resto da vida empregáraõ em louvar, & dar graças por tam singular, & extraordinario beneficio à Soberana Autora delle. O Escravo da Cubiça, que foi em tempo de S. Domingos, rezava o Rosario: o Escravo da Soberba, que foi muito antes de haver Rosario, sem essa ordem, mas com perpetuas repetiçoẽs saudava a Senhora com a Ave-Maria: o Escravo da Sensualidade, que recebéo o seu escrito na mesma casa sagrada (hoje chamada do Loreto) onde o Anjo começou a sua embaixada, dizendo: *Ave gratia plena:* repetia o mesmo infinitas vezes. Desorte, que todos tres rézavaõ o Rosario, sò com huã differença: que no primeiro era o Rosario enfiado, nos outros desenfiado. E este exemplo devem tomar os Pretos, para quando a força da occupaçaõ, ou do trabalho, lhe naõ permittir enfiarem as suas Ave-Marias pela ordem dos Mysterios: invocando porèm sempre a mesma Senhora, para que os ajude no seu trabalho. E tẽ mais alguã cousa que imitar? Sim, & a maior. Pela Carta de liberdade, que recebéraõ os tres Escravos do Demonio, naõ se tratáraõ como Forros, senaõ como Cativos de quem os libertou. Assim fizeraõ, & assim o deviaõ fazer: porque este he, naõ sò o primor, senaõ a obrigaçaõ de todos àquelles, a quem Deos livra do cativeiro do Demonio, & do peccado.

Quando

458 Quando Christo morréo na Cruz, jà vimos como nella apagou as Escrituras de todos os que em Adam, & depois delle, se tinhaõ vendido ao Demonio. Agora notay, que depois de resuscitado, quando subio triunfante ao Ceo, ao modo dos Triunfadores Romanos, levou diante de sy todos os que atè entaõ tinha tirado das masmorras do mesmo cativeiro. Assim o canta David, mas por termos, em que, parece, nega o que celébra, & desdiz o que quer dizer. No Texto da Vulgata diz, que quando Christo subio ao Ceo, cativou o cativeiro: *Ascendisti in altum, cepisti captivitatem:* na Versaõ de S. Paulo diz, que levou os Cativos cativos: *Ascẽdens in altum, captivam duxit captivitatem*. Pois se o Senhor naõ levou no seu triunfo, senaõ os que tinha libertado: & porque os tinha libertado, elles foraõ todo o despojo das suas vitorias, & elles a maior pompa, ostentaçaõ, & magestade do mesmo triunfo: como diz David, que entaõ cativou o cativeiro, & levou diante de sy os Cativos, naõ livres, senaõ cativos? Porque a mesma liberdade, com que Christo os libertou, foi novo cativeiro, com que os tornou a cativar: & porque os levava libertados, & livres, os levou novamente cativos. A liberdade he hum estado de izençaõ, que huã vez perdido, nunca mais se recupéra: quẽ foi Cativo huã vez, sempre ficou Cativo: porque, ou o libertaõ do cativeiro, ou naõ: se o naõ libertaõ, continúa a ser Cativo do Tyranno: se o libertaõ, passa a ser Cativo do libertador. E isto he o que succedéo a todos os q̃ Christo libertou na Cruz apagadas as Escrituras do seu cativeiro. Antes da liberdade de Cativos, & depois da liberdade tambẽ Cativos: antes da liberdade Cativos do Demonio, a quem se vendéraõ, depois da liberdade Cativos de Christo, que os resgatou: antes da liberdade Cativos do peccado, depois da liberdade Cativos de Deos, como diz o Apostolo: *Liberati à peccato, servi autem facti Deo.*

Psalm. 67.19. Ephes. 4.8. Rom. 6. 22.

459 Desta maneira se mostráraõ agradecidos à sua

Carta

Carta de alforria, aquelles tres Cativos, cativandose de novo, & fazendose Escravos da mesma Senhora, que os libertára. E o mesmo devem fazer todos, os que se achaõ ainda no cativeiro de Babylonia, & querem sair delle. Cativemse, para se libertarẽ; & façaõse Escravos da Senhora do Rosario, para naõ serem Escravos do Demonio, se ainda o saõ; ou para se conservarem livres, se já estaõ fòra do cativeiro. Apaguem a marca do Demonio, que he marca de Cativos, & ponhaõ em seu lugar a marca do Rosario, que he marca de livres. E se quereis saber, qual he a figura desta marca: digo, que huã Rosa. Contase no Segundo Livro dos Machabéos, que aos Cativos de Jerusalem mandou o Tyranno marcar com huã folha de Hera, para se professarem Escravos do Deos Bacho, a quẽ era dedicada aquella planta. E q̃ marca mais propria dos Escravos do Rosario, que huã Rosa, naõ sò como ferrete glorioso do seu novo cativeiro, mas como publico final, & sello, da sua Carta de alforria? Os que sois, ou fostes marcados, trazeis huã marca no peito, outra no braço. Assim quer que tragais a sua marca a Senhora do Rosario: *Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum.* As voltas de Contas, que trazeis nos pulsos, & ao pescoço (fallo com as Pretas) sejaõ todas das Contas do Rosario. As do pescoço cahidas sobre os peitos, seraõ a marca do peito: *Pone me ut signaculum super cor tuum:* & as dos pulsos como bracelletes, seraõ a marca do braço: *Ut signaculum super brachium tuum:* & huã, & outra marca, assim no coraçaõ, como nas obras, seraõ hũ testimunho, & desengano publico para todos, de que já estaõ livres vossas Almas do cativeiro do Demonio, & do peccado, para nunca mais o servir: *Et post transmigrationem Babylonis.*

2. Machab 6. 7.

Cant. 8. 6.

VI.

460 Livres por este modo do maior, & mais pezado cativeiro, que he o das Almas, ainda ficais Es-

Escravos do segundo, que he o dos corpos. Mas nem porisso deveis imaginar, que he menos inteira a mercé, que a Senhora do Rosario vos faz. Que seja poderosa a Senhora do Rosario para livrar do cativeiro do corpo, se tem visto em innumeraveis exemplos dos que estando Cativos em terra de Infieis por meyo da devaçaõ do Rosario se acháraõ livres, & depois de offerecerem aos Altares da mesma Senhora os grilhoẽs, & cadeas do seu cativeiro quebradas, como trofeos do seu poder, & misericordia, as pendurára õ nos Templos. Quando Deos descéo a libertar o seu Povo do cativeiro do Egypto, porque cuidais q̃ apparecéo a Moysés na Carça? Porque a Carça, como dizem todos os Sãtos, era figura da Virgem Senhora nossa: & quiz Deos jà entaõ fazer manifesto ao mũdo, que a mesma Virgem Sãtissima, naõ sò era o instrumẽto mais proporcionado, & efficaz, da Divina Omnipotencia, para libertar os homẽs do cativeiro das Almas (que porisso a escolhéo por Mãy, quando veyo remir o genero humano) senaõ tambem para os libertar do cativeiro dos corpos, qual era aquelle, que padecia o Povo no Egypto debaixo do jugo de Faraô. Assim que poderosa era a Mãy do Redemptor para vos livrar tambem deste segundo, & menor cativeiro. Mas he particular providencia de Deos, & sua, que vivais de presente Escravos, & Cativos, para que por meyo do mesmo cativeiro temporal consigais muito facilmente a liberdade eterna.

Exod. 3. 2.

461 Somos chegados à segunda parte da Alforria, que vos prometti, & a hum ponto, no qual sò vos falta o conhecimento, & bom uso do vosso estado, para serdes nelle os mais venturosos homẽs do mundo. Sobre esta materia sò vos hey de allegar com os dous Principes dos Apostolos, S. Pedro, & S. Paulo, os quaes a tratáraõ muito de proposito em varios lugares, fallando com os Escravos tam seriamente, como se falláraõ com os Emperadores de Roma, & tam alta, & profundamente, como se fal-

láraõ com os Sabios da Grecia. Para que naõ cuidem os que desprezaõ os Escravos, q́ este Assumpto (& mais em terra onde ha tantos)seja menos digno de se empregarem nelle com todas as forças da Eloquencia , & com toda a efficacia do Espirito, os maiores Prégadores do Evangelho. Falla pois o Apostolo S. Paulo com os Escravos, & diz assim em dous lugares: *Servi, obedite per omnia Dominis carnalibus , non ad oculum servientes, quasi hominibus placentes, sed in simplicitate cordis timentes Deum. Quodcumque facitis, ex animo operamini. sicut Domino,& non hominibus : scientes quòd à Domino accipietis retributionem hæreditatis. Domino Christo servite.* Escravos (diz S. Paulo) obedecey em tudo a vossos Senhores, naõ os servindo sòmente aos olhos , & quando elles vos vem, como quem serve a homẽs ; mas muito de coraçaõ, & quando naõ sois vistos, como quem serve a Deos. Tudo o que fizerdes, naõ seja por força, senaõ por vontade : advertindo outra vez, que servis a Deos, o qual vos ha de pagar o vosso trabalho, fazendovos seus herdeiros. Em fim, servi a Christo: *Domino Christo servite.*

Coloss 3. 22. 23. 24. Ephes. 6. 5. seqq.

462 Deixando esta ultima palavra para depois; sò pondéro agora aquellas: *Sciẽtes quòd à Domino accipietis retributionẽ hæreditatis.* Duas cousas promette Deos aos Escravos pelo serviço, que fazem a seus Senhores, ambas naõ sò desusadas, mas inauditas : que saõ paga , & herança: *Retributionem hæreditatis*. Notay muito isto. Quando servis a vossos Senhores, nem vós sois seus herdeiros, nem elles vos pagaõ o vosso trabalho. Naõ sois seus herdeiros, porque a herança he dos filhos, & naõ dos Escravos: & naõ vos pagaõ o vosso trabalho, porque o Escravo serve por obrigaçaõ, & naõ por estipendio. Triste, & miseravel estado, servir sem esperança de premio em toda a vida, & trabalhar sem esperança de descãço, senaõ na sepultura! Mas bom remedio, diz o Apostolo (& isto naõ saõ encarecimentos, senaõ Fé Catholica.)

O remedio he, que quando servis a vossos Senhores, naõ os sirvais, como quem serve a homẽs, senaõ como quem serve a Deos: *Sicut Domino, & non hominibus:* porque entaõ naõ servis como Cativos, senaõ como livres, nem obedeceis como Escravos, senaõ como filhos. Naõ servis como Cativos, senaõ como livres; porque Deos vos ha de pagar o vosso trabalho: *Scientes quòd accipietis retributionem:* & naõ obedeceis como Escravos, senaõ como filhos; porque Deos, com quẽ vos conformais nessa fortuna, que elle vos deu, vos ha de fazer seus herdeiros: *Retributionem hæreditatis.* Dizeyme: Se servisseis a vossos Senhores por jornal, & se houvesseis de ser herdeiros da sua fazenda, naõ os servireis com grande vontade? Pois servi a esse mesmo, que chamais Senhor, servi a esse mesmo homem, como se servisseis a Deos: & nesse mesmo trabalho, que he forçoso, bastará a voluntaria applicaçaõ deste como: *Sicut Domino:* como a Deos: para que Deos vos pague como a livres, & vos faça herdeiros como a filhos: *Scientes quòd accipietis retributionem hæreditatis.*

463 Isto diz S. Paulo. E S. Pedro, que diz? Ainda levanta, & aperta mais o ponto. E depois de fallar com os Christaõs de todos os estados em géral, se dilata mais com os Escravos, & os aníma a soportarem o da sua fortuna com toda esta magestade de razoẽs: *Servi, subditi stote in omni timore Dominis, non tantùm bonis, & modestis, sed etiam dyscolis.* 1. Petr. 2, 18. Escravos, estay sojeitos, & obedientes em tudo a vossos Senhores, naõ sò aos bons, & modestos, senaõ tambem aos máos, & injustos. Esta he a summa do preceito, & conselho, que lhes dá o Principe dos Apostolos, & logo ajunta as razoẽs, dignas de se darem aos mais nobres, & generosos Espiritos. Primeira: porque a gloria da paciencia he padecer sem culpa: *Quæ enim est gloria: si peccantes, & colaphizati suffertis?* Ibidem 20. Segunda: porque essa he a graça, cõ que os homẽs se fazem mais aceitos a Deos: *Sed si benè* Ibidem.

facientes patienter sustinetis: hac est gratia apud Deum. Terceira, & verdadeiramente estupenda: porque nesse estado, em que Deos vos poz, he a vossa vocaçaõ semelhante à de seu Filho, o qual padecéo por nós, deixandovos o exẽplo, que haveis de imitar: *In hoc enim vocati estis: quia & Christus passus est pro nobis, vobis relinquens exẽplũ, ut sequamini vestigia ejus.* Justissimamente chamey a esta razaõ estupenda; porque quem haverá, que naõ pasme à vista da baixeza dos sojeitos, com quem falla S. Pedro, & da alteza da cõparaçaõ altissima, a que os levanta? Naõ compara a vocaçaõ dos Escravos a outro grâo, ou estado da Igreja, senaõ ao mesmo Christo: *In hoc enim vocati estis, quia & Christus passus est.* Mais ainda. Naõ pâra aqui o Apostolo; mas acrescenta outra nova, & maior prerogativa dos Escravos, declarando por quem padecéo Christo, & para que: *Quia & Christus passus est pro nobis, vobis relinquens exemplum.* Sempre reparey muito na differença daquelle *Nobis*, & daquelle *Vobis.* A Paixaõ de Christo teve dous fins: o remedio, & o exemplo. O remedio foi universal para todos nós: *Passus est pro nobis*: mas o exemplo naõ duvida S. Pedro affirmar, que foi particularmẽte para os Escravos, com quẽ fallava: *Vobis relinquẽs exemplum.* E porque? Porque nenhum estado ha entre todos mais aparelhado no que naturalmente padece, para imitar a paciencia de Christo, & para seguir as pizadas do seu exemplo: *Vobis relinquens exemplum, ut sequamini vestigia ejus.*

Ibidem 21.

464 Oh ditozos vós, outra, & mil vezes, como dizia, se assim como Deos vos deu a graça do Estado, vos der tãbem o conhecimẽto, & bom uso delle! Sabeis, qual he o estado do vosso cativeiro, se usardes bem dos meyos, que elle traz comsigo, sem acrescentardes nenhum outro? He hum estado, naõ sò de Religiaõ, mas huã das Religioẽs mais austéras de toda a Igreja. He Religiaõ segundo o Instituto Apostolico, & Divino, porque se fazeis o que sois obrigados, naõ servis a ho-

homẽs, senaõ a Deos,& com titulo nomeadamẽte de Servos de Christo: *Ut servi Christi, facientes voluntatem Dei ex animo, cum bona voluntate servientes, sicut Domino, & non hominibus.* Notay muito aquella palavra, *Cum bona voluntate servientes.* Se servis por força, & de má vontade, sois apostatas da vossa Religiaõ: mas se servis com boa vontade, cõformando a vossa com a divina, sois verdadeiros Servos de Christo: *Domino Christo servite.* Assim como na Igreja ha duas Religioẽs da Redempçaõ de Cativos, assim a vossa he de Cativos sem Redempçaõ. Para que tambem lhe naõ faltasse a perpetuidade, que he a perfeiçaõ do estado. Huãs Religioẽs saõ de Descalços, outras de Calçados: a vossa he de Descalços,& Despidos. O vosso Habito he da vossa mesma cor; porque naõ vos vestem as pelles das ovelhas, & camelos, como a Elias; mas aquellas, com que vos cobrio, ou descobrio, a natureza, expostos aos calores do Sol, & frios das chuvas. A vossa pobreza he mais pobre

Ephes.6. 6.7.

que a dos Menores,& a vossa obediencia mais sojeita que a dos q̃ nós chamamos Minimos. As vossas abstinẽcias mais merecem nome de fome, que de jejum,& as vossas vigilias naõ saõ de huã hora à meya noite, mas de toda a noite sem meyo. A vossa Regra he huã, ou muitas, porq̃ he a vontade,& vontades, de vossos Senhores. Vós estais obrigados a elles, porque naõ podeis deixar o seu cativeiro, & elles naõ estaõ obrigados a vós; porque vos podem vẽder a outro, quando quizerem. Em huã sò Religiaõ se acha este contrato, para que tambem a vossa seja nisto singular. Nos nomes do vosso tratamento naõ fallo, porque naõ saõ de Reverencia, nem de Caridade; mas de Desprezo, & Afronta. Em fim, toda a Religiaõ tem fim, & vocaçaõ, & graça particular. A graça da vossa, saõ Açoutes,& Castigos: *Hæc est gratia apud Deum.* A Vocaçaõ he a imitaçaõ da paciencia de Christo: *In hoc vocati estis, quia & Christus passus est:* & o fim he a herança eterna por premio: *Scientes quòd accipietis retri-*

butionem hæreditatis. Domino Christo servite. E como o Estado, ou Religiaõ do vosso cativeiro, sem outras asperezas, ou penitencias, mais que as que elle traz comsigo, tẽ seguro, por promessa do mesmo Deos, naõ sò o premio de Bemaventurados, senaõ tambem a herança de Filhos: favor, & providencia muito particular he da Virgem Maria, que vos conserveis no mesmo estado, & grandes merecimentos delle: para que por meyo do cativeiro temporal consigais, como vos prometti, a Liberdade, ou Alforria Eterna.

VII.

465 CRede, crede tudo o que vos tenho dito, que tudo, como jà vos adverti, he de Fé, & sobre esta Fé levantay vossas esperãças, naõ sò ao Ceo, senaõ ao que agora ouvireis, que là vos está aparelhado. Oh que mudança de fortuna será entaõ a vossa, & que pasmo, & confusaõ para os que hoje tem tam pouca humanidade, que a desprezaõ, & tam pouco entendimento, que a naõ envejaõ! Dizeyme: Se assim como vós nesta vida servis a vossos Senhores, elles na outra vida vos houveraõ de servir a vós, naõ seria huã mudança muito notavel, & huã gloria para vós nũca imaginada? Pois sabey, que naõ ha de ser assim, porq̃ seria muito pouco. Naõ vos diz Deos, que quando servis a vossos Senhores, naõ sirvais como quem serve a homẽs, senaõ como quem serve a Deos: *Sicut Domino, & non hominibus?* Pois esta grande mudãça de fortuna, que digo, naõ ha de ser entre vós, & elles, senaõ entre vós, & Deos. Os q̃ vos haõ de servir no Ceo, naõ haõ de ser vossos Senhores: que muitos pòde ser que naõ vaõ là: mas quem vos ha de servir, he o mesmo Deos em Pessoa. Deos he o que vos ha de servir no Ceo, porque vós o servistes na terra. Ouvi agora com attençaõ.

466 Antigamente entre os Deoses dos Gentios havia hum, que se chamava Saturno, o qual era Deos dos Escravos, & quando vinhaõ as Festas de Saturno, que porisso se

Macrobrius Saturnal. lib. 1.

se chamavaõ Saturnaes, huã das Solennidades era, que os Escravos naquelles dias eraõ os Senhores, que estavaõ assentados, & os Senhores os Escravos, que os serviaõ em pé. Mas acabada a Festa, tãbem se acabava a representaçaõ daquella Comedia, & cadahum ficava como dantes era. No Ceo naõ he assim; porque tudo là he eterno, & as Festas naõ tem fim. E quaes seraõ no Ceo as Festas dos Escravos? Muito melhores q̃ as Saturnaes. Porque todos aquelles Escravos, que neste mundo servirem a seus Senhores como a Deos, naõ saõ os Senhores da terra, os que os haõ de servir no Ceo, senaõ o mesmo Deos em Pessoa, o que os ha de servir. Quem se atrevéra a dizer, nẽ imaginar, tal cousa, se o mesmo Christo o naõ dissera?

Luc.12. 37. *Beati servi illi, quos, cùm venerit Dominus, invenerit vigilantes:* Bemaventurados aquelles Escravos, a quem o Senhor no fim da vida achar que foraõ vigilantes em fazer sua obrigaçaõ. E como lhe pagará o mesmo Senhor? Elle mesmo o diz, & affirma com juramento: *Amen dico vobis, quòd præcinget se, & faciet illos discumbere, & transiens ministrabit illis.* Ibidem. Mandará assentar os Escravos à mesa, & elle como Escravo cingirá o avental, & os servirá a ella. Por este excesso de honra declara Christo, quanto Deos ha de honrar aos Escravos no Ceo, se elles servirẽ a seus Senhores, como se servissem a Deos. Servistes a vossos Senhores na terra, como amim? Pois Eu, que sou o Senhor de vossos Senhores, vos servirey no Ceo, como vós a elles. S. Pedro Chrysologo: *En pavenda conversio servitutis: quia parumper Servus astitit in Domini sui expectatione succinctus: &c. cui ut Talionem redderet, dissimulat se in ipsa Divinitate Divinitas!* Petr. Chrys. Serm. 24. de Serv. vigil. Oh mudança de servidaõ (diz Chrysologo) naõ sò admiravel, & estupenda, mas tremenda! Que porq̃ o Escravo servio, & esperou a Deos hum pouco de tempo, se dissimule a Divindade dẽtro em sy mesma, & o mesmo Deos no Ceo sirva ao Escravo! E isto faz Deos (diz elegante, & discretamente o Sãto)

to) porque assim como na terra ha Ley de Taliaõ para os delitos, assim no Ceo tem Deos Ley de Taliaõ para os premios: *Ut Talionem redderet.*

467 Mas porque naõ pareça, que excede os termos da rigorosa Theologia, dizer que servirá Deos como Escravo no Ceo aos Escravos, que serviraõ a Deos na terra; ouvi ao Princepe dos Theologos, Santo Thomás, sobre este mesmo Texto do Evangelho: *Deus Omnipotens Sanctis omnibus in tantum se subjicit, quasi sit Servus emptitius singulorum, quilibet verò ipsorum sit Deus suus.* O Deos Omnipotente de tal maneira se sojeita a todos os que santamente o serviraõ, como se Deos fora Escravo comprado de cadahum, & cadahum dos que assim o serviraõ fora Deos do mesmo Deos. Vede, vede, se vos está melhor servir a vossos Senhores, como a Deos, ou servilos, como a homẽs. Depois de os servires toda a vida como a homẽs, o mais que podeis esperar delles na terra, he huã esteira de Tabûa por mortalha: & se os servires como a Deos, o que haveis de alcançar delle no Ceo, he, que vos servirá, & honrará por toda a Eternidade, como se vós, aqui miseravel Escravo, fosseis seu Deos, & elle vosso Escravo comprado: *Quasi sit Servus emptitius singulorum, quilibet verò ipsorum sit Deus suus.*

D.Thomas opusculo 63. §.3.

468 E para que do mesmo, que exprimentais, & gozais na terra, julgueis o que será no Ceo, ponde os olhos naquelle Altar. O mesmo benignissimo Senhor, que no desterro, & no cativeiro, vos poem comsigo à mesa, que muito he que no Ceo vos sirva a ella? Foi questaõ entre os Filosofos antigos: Se era justo, & decente, que os Senhores admittissem comsigo à mesa, & puzessem a ella os seus Escravos? Os Estoicos, q̃ era a Seita mais racional, & entre os Gẽtios a mais Christaã, ensinava, que os Senhores deviaõ admittir os Escravos à sua mesa, & louvavaõ a humanidade dos que isto faziaõ, & se riaõ da soberba dos que se desprezavaõ de o fazer. *Servi sunt* (dizia o maior Mestre da mesma Seita)

Servi

Seneca lib.6. Epist. 17.

Servi sunt? Imò homines. Servi sunt? Imò contubernales. Servi sunt? Imò humiles amici. Servi sunt? Imò conservi. Ideoque rideo istos, qui turpe existimant cum Servo suo cænare. Todas estas razoẽs de Seneca se reduzem a huã, que he, serem tambem homẽs os que saõ Escravos. Se a fortuna os fez Escravos, a natureza felos homẽs: & porque ha de poder mais a desigualdade da fortuna para o desprezo, q̃ a igualdade da natureza para a estimaçaõ? Quando os desprêzo a elles, mais me desprêzo a mim; porque nelles desprêzo o que he por desgraça, & em mim o que sou por natureza. A esta razaõ forçosa em toda a parte se acrescenta outra no Brasil, q̃ convence a injustiça, & exagéra a ingratidaõ. Quem vos sustenta no Brasil, senaõ os vossos Escravos? Pois se elles saõ, os que vos daõ de comer, porque lhe haveis de negar a mesa, que mais he sua, q̃ vossa? Com tudo a magestade, ou deshumanidade da opiniaõ contraria, he a que prevalece, & naõ sò naõ saõ admittidos os Escravos à mesa, mas nem ainda às migalhas della, sendo melhor a fortuna dos caẽs, que a sua, posto que sejaõ tratados cõ o mesmo nome. Que importa porèm, que os Senhores os naõ admittaõ à sua mesa, se Deos os convída, & regâla com a sua? *O res mirabilis* (exclama Santo Thomás, & com elle toda a Igreja) *O res mirabilis, manducat Dominum pauper, servus, & humilis!* O Escravo pobre, & humilde, naõ sò come à mesa cõ seu Senhor, mas come ao mesmo Senhor. Comparay agora mesa com mesa, & Senhor com Senhor, & ridevos com Seneca dos q̃ ainda neste ponto se naõ descem da authoridade de Senhores: *Rideo istos, qui turpe existimant cum Servo suo cænare.*

469 E se Deos, sendo Escravos, vos poem à sua mesa na terra: que muito he, que tendoo promettido, & estando vós jà livres do cativeiro, vos haja de servir à mesa no Ceo, sendo a mesa, naõ outra, senaõ a mesma? Todos os reparos, que podia ter esta admiraçaõ, jà Christo os deixou desfeitos na Instituiçaõ do

do mesmo Sacramento. Antes de Christo instituir o Soberano Mysterio do Santissimo Sacramento, preparouse a sy, & preparou os Discipulos. E quaes foraõ as preparaçoẽs? Duas em huã sò acçaõ, que foi o Lavatorio dos pés. A sua, servindoos como Escravo; & a dos Discipulos, obrigandoos a que se deixassem servir como Senhores. E se Christo servio aos homẽs como Escravo, porque os havia de pôr à sua mesa na terra, que muito haja de servir aos Escravos jà livres, quando os tiver à sua mesa no Ceo: *Faciet illos discumbere, & transiens ministrabit illis?* Esta he a mudança sobre toda a admiraçaõ estupenda, com que entaõ vereis trocada a vossa fortuna, cà servindo aos homẽs, & là sendo servidos do mesmo Deos. Mas o que agora importa, he, que de nenhum modo falteis à obrigaçaõ, com que sò se promette a felicidade desta mudança à presente miseria de vossa fortuna. E qual he, senaõ estais bem lembrados? He, que vós tambem mudeis a intençaõ, & troqueis os fins do vosso mesmo trabalho, fazendoo de forçoso voluntario, & servindo a vossos Senhores como a Christo, & debaixo dos homẽs a Deos: *Sicut Domino, & non hominibus. Domino Christo servite.* Desta maneira ficareis duas vezes forros, & livres: livres do cativeiro do Demonio pela liberdade das Almas, & livres do cativeiro temporal pela liberdade eterna: que saõ os dous cativeiros da primeira transmigraçaõ de Babylonia, & as duas liberdades da segunda: *In transmigratione Babylonis. Et post transmigrationem Babylonis.*

VIII.

470 TEnho acabado o meu Discurso, & pareceme, que naõ faltado ao que vos prometti. E porque esta he a ultima vez, que hey de fallar comvosco, quero acabar com hum documento, tirado das mesmas palavras, se muito necessario para vós, muito mais para vossos Senhores. *Iechoniam, & fratres ejus in transmigratione Babylonis.* Este Jeconias, & estes seus

seus irmaõs,quem foraõ? Todos foraõ Reys, & filhos de Reys, & Reys do Reyno de Juda, fundado pelo mesmo Deos, & o mais famoso do mundo: & nada disto bastou, para que naõ fossem levados cativos a Babylonia,& là tratados como vilissimos Escravos; hum carregado de cadeas, outro com grilhoẽs nos pés, outro com os olhos arrancados, depois de ver cõ elles matar em sua presença os proprios filhos. Em significaçaõ deste cativeiro andava o Profeta Jeremias pelas ruas, & praças de Jerusalem com huã grossa cadea ao pescoço. E a esta acrescentou depois outras sinco, as quaes mandou aos Reynos,& Reys confinantes, pelos seus Embaixadores, que residiaõ naquella Corte. Huã ao Rey de Edom, outra ao Rey de Moab,outra ao Rey de Ammon, outra ao Rey de Tyro, outra ao Rey de Sidonia; porque todos no mesmo tẽpo haviaõ de ser cativos, como foraõ, pelos Exercitos dos Chaldéos. Pois se os Cetros, & Coroas, naõ livráraõ do cativeiro a tantos Reys, & depois de adorados dos seus vassallos, se viraõ Escravos dos estranhos; estas voltas tam notaveis da roda da fortuna vos devem consolar tambem na vossa. Se isto succede aos Leoẽs, & aos Elefãtes, que razaõ podem ter de se queixar as Formigas? Se estes nascidos em Palacios dourados, & emballados em berços de prata, se viraõ Cativos, & carregados de ferros: vós nascidos, & criados nas brenhas da Ethiopia, cõsideray as grandes razoẽs, que tendes, para vos compor com a vossa fortuna, tanto mais leve, & levar com bom coraçaõ os descontos della. O que haveis de fazer, he consolarvos muito com estes exemplos: sofrer com muita paciencia os trabalhos do vosso estado: dar muitas graças a Deos pela moderaçaõ do cativeiro, a que vos trouxe: & sobre tudo aproveitarvos delle para o trocar pela liberdade, & felicidade da outra vida, que naõ passa, como esta, mas ha de durar para sempre.

Ierem. 27.2.3.

471 Este foi o documẽto dos Escravos. E os Senho-

res

res teraõ tambem alguã cousa, que tirar, deste cativeiro de Babylonia? Parece q̃ naõ. Eu (está dizendo cadahum comsigo) eu por graça de Deos sou Branco, & naõ Preto: sou livre, & naõ Cativo: sou Senhor, & naõ Escravo: antes tenho muitos. E aquelles, que se viraõ Cativos em Babylonia, eraõ Pretos, ou Brancos? Eraõ Cativos, ou livres? Eraõ Escravos, ou Senhores? Nem na cor, nem na liberdade, nem no senhorio, vos eraõ inferiores. Pois se elles se viraõ abatidos ao cativeiro, sendo necessario para isso descer tãtos degrâos, vós, que com a mudança de hum pé vos podeis ver no mesmo estado, porque naõ temeis o vosso perigo? Se sois moço, muitos annos tendes para poder exprimentar esta mudãça; & se velho, poucos bastaõ. Introduz Macrobrio em hũ dialogo dous interlocutores, hum chamado Pretextato, grande desprezador dos Escravos, & outro, que os defẽdia, chamado Evangelo. Este pois, que sò huã letra lhe faltava para Evangelho, disse assim a Pretextato: *Si cogitaveris tantumdem in utrosque licére fortunæ; tam tu illum vidére liberum potes, quàm ille te servum.* Se considerares, ò Pretextato, que tanto poder tem a fortuna sobre os Escravos, como sobre os livres; acharás, que este, que tu hoje vés Escravo, à manhaã o podes ver livre: & que elle, que hoje te vé livre, à manhaã te pôde ver Escravo. E senaõ dizeme, de que idade era Hecuba, Cresso, & a Mãy de Dario, & Diogenes, & Prataõ, quãdo se viraõ Cativos? *Nescis qua ætate Hecuba servire cæpit, qua Crassus, qua Darÿ Mater, qua Diogenes, qua Plato ipse?*

Macrobr. eodem lib. 1.

472 Senhores, que hoje vos chamais assim, considera, que para passar da liberdade ao cativeiro, naõ he necessaria a transmigraçaõ de Babylonia, & que na vossa mesma terra pôde succeder esta mudança, & que nenhuã ha no mundo, que mais a mereça, & esteja clamando por ella à Divina Justiça. Ouvi hum pregaõ da mesma Justiça Divina por boca do Evãgelista S. Joaõ: *Si quis habet aurem, audiat:* quem tem ouvidos, Apocal. 13. 9.

vidos, & naõ he ſurdo aos avisos de Deos, ouça. E que ha de ouvir? Poucas palavras, mas tremendas: *Qui in captivitatem duxerit, in captivitatem vadet*: todo aquelle que cativar, será Cativo. Olhay para os dous pólos do Brasil, o do Norte, & o do Sul, & vede, se houve jà mais Babylonia, nẽ Egypto no mundo, em que tantos milhares de Cativeiros se fizessem, cativandose os que fez livres a Natureza, sem mais Direito, que a violencia, nem mais causa, que a cubiça, & vendẽdose por Escravos. Hum sò homem livre cativáraõ os Irmãos de Joseph, quando o vẽdéraõ aos Ismaelitas para o Egypto: & em pena deste sò cativeiro, cativou Deos no mesmo Egypto a toda a geraçaõ, & descendentes dos que o cativáraõ, em numero de Seis centos mil, & por espaço de quatro centos annos. Mas para que he ir buscar os exemplos fòra de casa, & tam longe, se os temos em todas as nossas Conquistas. Pelos cativeiros da Africa cativou Deos a Mina, Sãto Thomé, Angóla, & Benguella: pelos cativeiros da Asia cativou Deos Malàca, Ceilam, Ormuz, Mascate, & Cochim: pelos cativeiros da America cativou a Bahia, o Maranhaõ, & debaixo do nome de Pernambuco quatro centas legoas de Costa por vinte & quatro annos. E porque os nossos cativeiros começáraõ, onde começa a Africa, allí permittio Deos a perda d' ElRey Dom Sebastiaõ, a q̃ se seguio o cativeiro de Sessenta annos no mesmo Reyno.

Ibidem 10.

473 Bem sey, que algũs destes cativeiros saõ justos, os quaes sò permittem as Leys, & que taes se suppoem, os q̃ no Brasil se compraõ, & vendem, naõ dos naturaes, senaõ dos trazidos de outras partes: mas que Theologia ha, ou pôde haver, que justifique a deshumanidade, & sevicia dos exorbitantes castigos, cõ que os mesmos Escravos saõ maltratados? Maltratados disse, mas he muito curta esta palavra para a significaçaõ do que encerra, ou encobre. Tyrannizados devera dizer, ou martyrizados; porque serem os miseraveis, pingados,

la-

lacrados, retalhados, ſalmourados, & os outros exceſſos maiores, que callo, mais merecem nome de martyrios, q̃ de caſtigos. Pois eſtay certos, que vos naõ deveis temer menos da injuſtiça deſtas oppreſſoẽs, q̃ dos meſmos cativeiros, quando ſaõ injuſtos: antes vos digo, que muito mais vos deveis temer dellas, porque he muito mais o que Deos as ſente. Emquanto os Egypcios ſòmente cativavaõ os filhos de Iſrael, diſſimulou Deos com o cativeiro; mas finalmente naõ pode a Divina Juſtiça ſofrer a ſua meſma diſſimulaçaõ, & depois das dez pragas, com que foraõ açoutados os meſmos Egypcios, acabou de huã vez com elles, & os deſtruio, & aſſolou totalmẽte. E porque? O meſmo Deos o diſſe.

Exod. 3. 7. 474 *Vidi afflictionem populi mei in Ægypto, & clamorem ejus audivi propter duritiam eorum, qui præſunt operibus.* Vi, diz Deos, a afflicçaõ do meu Povo, & ouvi os ſeus clamores pela dureza das oppreſſoẽs, com que os carregaõ, & rigores, com que os caſtigaõ, os que preſidem às obras, em que trabalhaõ. Notay duas couſas: a primeira, que ſe naõ queixa Deos de Faraô, ſenaõ dos ſeus Feitores: *Propter duritiam eorum, qui præſunt operibus:* porque os Feitores muitas vezes ſaõ, os que mais cruelmente opprimem os Eſcravos. A ſegunda, que naõ dá por motivo da ſua juſtiça o cativeiro, ſenaõ as oppreſſoẽs, & rigores, com que ſobre Cativos o affligiaõ: *Vidi afflictionem populi mei.* E acreſcenta o Senhor, que ouvio os ſeus clamores: *Et clamorem ejus audivi*: que he para mim hum reparo de grande laſtima, & para Deos deve ſer huã circũſtancia, que grãdemente provoque a ſua ira. Eſtaõ açoutando cruelmente o miſeravel Eſcravo, & elle gritando a cada açoute, Jeſu, Maria, Jeſu, Maria; ſem baſtar a reverencia deſtes dous nomes, para moverem a piedade hum homem, que ſe chama Chriſtaõ. E como queres, que te ouçaõ na hora da morte eſtes dous nomes, quando chamares por elles? Mas eſtes clamores, que vós naõ ouvis, ſabey, q̃ Deos os

os ouve: & jà que naõ tem valia para com o vosso coraçaõ, a teráõ sem duvida sem remedio para vosso castigo.

475 Oh como temo, q̃ o Oceano seja para vós Mar Vermelho, as vossas casas como a de Faraó, & todo o Brasil como o Egypto! Ao ultimo castigo dos Egypcios precedéraõ as pragas, & as pragas jà as vemos, tam repetidas huãs sobre outras, & alguãs tam novas, & desusadas, quaes nunca se viraõ na clemencia deste Clima. Se ellas bastarem para nos abrandar os coraçoẽs, razaõ teremos para esperar misericordia na emenda: mas se os coraçoẽs, como o de Faraó, se endurecerẽ mais, ainda mal, porque sobre ellas naõ pôde faltar o ultimo castigo. Queira Deos, que Eu me engane neste triste pensamẽto, que sempre aqui, & na nossa Corte, os mais alegres saõ os mais cridos. Sabey porèm, que he certo (& fiquevos isto na memoria) que se Jeconias, & seus Irmaõs, créraõ a Jeremias, naõ seriaõ Cativos: mas porque deraõ mais credito aos Profetas falsos, que os adulavaõ, assim elle, como seus Irmaõs, todos acabáraõ no cativeiro de Babylonia: *Jechoniam, & fratres ejus in trãsmigratione Babylonis.* *Ierem. 37.2.18*

FINIS.

SER-

SERMAM XXVIII.

Beatus Venter, qui te portavit. Luc. 11

I.

476 HAVENDO pôderado por tãtos modos, & tam varios, as poucas clausulas deste brevissimo Evãgelho, ainda naõ fizemos particular advertẽcia sobre a palavra *Portavit.* Bem pudéra a eloquente Oradora, como inspirada do Ceo, usar de outra, naõ sò mais propria, mas ainda mais decente, & decorósa. Porque a palavra *Portavit* significa naturalmente levar com pezo; & assim o exprimentaõ todas as outras mãys: porèm à Mãy Virgem, como diz Santo Agustinho: *Nulla poterat fieri gravedo parturienti*: de nenhum modo lhe podia ser pezado dentro em suas entranhas o Filho, que sendo seu, era tambem de Deos. Assim o ensina a razaõ, & o tinha jà mostrado a experiẽcia. A experiencia, nos Levítas, que levavaõ a Arca do Testamento, os quaes nenhũ pezo sentiaõ nella, porque era figura de Christo. A razaõ, porque os corpos em seu elemento naõ pezaõ, como se vé na agua do mar: & o Elemento de Deos he Maria. Tirado pois o pezo à palavra *Portavit*, sò lhe fica à Mãy a significaçaõ de levar, & ao Filho, a de ser levado. Era levado o Filho, & a Mãy a que o levava: *Qui te portavit*: & este movimento sò activo

August. Sermon. 1. de Nativit. Domini.

Mendoça tom. 2. Reg. lib. 1. cap. 4. num. 4.

tivo na Mãy, & sò passivo no Filho, he hum grande, & naõ advertido mysterio, em que Eu faço todo o meu reparo, & que sò tem lugar no Sagrado Ventre, & sò no tẽpo, em que Christo esteve encerrado nelle.

477 Pergũta Hugo Cardeal: porque naõ disse a Molher do Evangelho, Bemavẽturada a Mãy, senaõ, Bemaventurado o Ventre? *Quare non dixit mulier illa: Beata Mater, quæ te portavit, potius quàm, Beatus Venter?* A razaõ, & o mysterio foi; porq̃ no nome da Mãy era muito menor o louvor, & muito menor o sentido da palavra *Portavit*, que no nome do Ventre. A Virgem Senhora nossa tendo a Christo dentro do Sagrado Ventre, ou fòra delle, sempre era Mãy: mas levandoo dentro, ou fòra, como o levou em seus braços ao Egypto, & pela maõ ao Templo, era com grande differença de levar a levar. Porque sendo o Filho levado dentro do Ventre, naõ tinha outro movimento mais que o da Mãy; & sendo levado fòra, ou mais, ou menos crescido, sempre tinha o seu proprio movimento. Muito mais diz logo a palavra *Portavit* junta com o *Beatus Vẽter*, que com o *Beata Mater*; porque neste segundo caso naõ lhe estavaõ sojeitos todos os movimentos do Filho de Deos, & no primeiro sim. De Deos diz o Apostolo S. Paulo por grande excellencia, que nelle somos, nelle vivemos, & nelle nos movemos: *In ipso enim vivimus, & movemur, & sumus.* E tal foi a excellencia do Ventre Virginal em respeito do mesmo Deos emquanto o concebéo, & teve dentro em sy; porque nelle, *In ipso*, deu a Senhora ao mesmo Deos o ser, *Sumus*; deu ao mesmo Deos a vida, *Vivimus*; & deu ao mesmo Deos o movimẽto, *Movemur*.

Hugo.

Act. 17. 28.

478 Tres jornadas maiores fez a Virgem Santissima levando dentro em sy a seu Filho: de Nazareth às Montanhas, das Montanhas a Nazareth, & de Nazareth a Belem. Mas assim nas jornadas de mais tempo, & de maior caminho, como nos passos domesticos, & de cada dia;

grande prerogativa he da Virgem, que fosse tam Senhora de todos os movimẽtos do Filho Deos, que ella o levasse, & elle se deixasse levar sempre, para onde a mesma Senhora queria: *Qui te portavit*. Arias Montáno em lugar de *Te portavit*, treslada do original, *Te portans*: reduzindo o tempo passado ao presente, ou indefinito. E com este fundamento (ou tambem sem elle) questaõ he digna de se examinar, & saber: Se este privilegio de levar a Senhora a seu Filho, & elle se deixar levar para onde a Mãy queria, acabou com os nove mezes, que vivéo encerrado no Sagrado Ventre, ou se continuou, & continúa ainda hoje no Ceo, onde o Filho está à dextra do Padre, & a Mãy à dextra do Filho? O que determino ver se posso provar, he, que a palavra *Te portavit*, que escolhi do Evangelho, naõ sò se verificou daquelle tempo, & na terra, senaõ que tambem hoje tem a mesma significaçaõ no Ceo. O argumento pois do meu Discurso será este: Que assim como entaõ a Senhora levava a Deos, & Deos se deixava levar da Senhora para onde ella queria: assim hoje estando ambos no Ceo, ella o leva, & elle se deixa levar para onde a mesma Senhora quer. E porque jà se entende, que isto ha de ser em beneficio, & gloria do seu Rosario, peçamos a Graça. *Ave Maria: &c.*

Arias Mõtan.

II.

Beatus Venter, qui te portavit.

479 Entre as famosas fabricas de Salamaõ, he celebre hum Trono portatil, chamado Ferculo, no qual o grande Monarcha costumava sair em publico, quando se queria mostrar aos vassallos com toda a ostentaçaõ de pompa, & magestade. A materia desta fabrica era dos Cedros do Libano: tinha colunas, que eraõ de prata; sobre as colunas docel, que era de purpura; & no espaldar cadeira, que era de ouro: *Ferculum fecit sibi Rex Salomon de lignis Libani. Columnas ejus fecit argenteas; reclinatorium aureum, ascensum*

Cant 3. 9 10. Syrus, & Arabicus

sum (hoc est, velamen) purpureum. Assim lemos no terceiro Capitulo dos Canticos. E porque naquelle Livro enigmatico, todo o material he metaforico, & todo o literal mystico: para intelligencia do mysterio, que encerraõ as palavras referidas; he necessario saber duas cousas: primeira, qual era a significaçaõ daquella fabrica: segunda, porque se chamava Ferculo.

vertunt in tegumẽtum, seu velamẽ purpuræ. Ita Genebrardus, Sãchez, & alij.

480 Quanto à significaçaõ da fabrica, assim como Salamaõ significava a Christo, assim a fabrica significava a Virgẽ Senhora nossa, Mãy do mesmo Christo, a qual elle fez, & criou, dotada de todas as perfeiçoẽs, como quẽ a fazia para sy, & para Mãy sua. Este he o sentido commum de todos os Interpretes, o qual elles explicaõ, & applicaõ por differentes allegorias: mas Eu o provo das partes da mesma fabrica, & argumento assim. A materia de toda ella, era o Cedro do Libano, que he o melhor de todos os lenhos: a do docel, era a purpura, que he a melhor de todas as lans, & de todas as cores: a das colunas, & da cadeira, era a prata, & o ouro, que saõ os melhores de todos os metaes: logo o todo composto destas partes naõ significava, nem podia significar a outrem, senaõ a Virgem Maria; porque nella unicamente ajũtou o Supremo Artifice, naõ sò o melhor de todas as criaturas, senaõ o melhor do melhor. A mesma Senhora o disse assim, naõ por sy mesma, como tam humilde, mas por outra boca inspirada pelo Espirito Santo com authoridade de Fé.

Albertus Magnus, Hugo, Cornelius, & alij.

481 *Quasi Cedrus exaltata sum in Libano: & quasi Cypressus in monte Sion: quasi Palma exaltata sum in Cades, & quasi plantatio Rosæ in Iericho. Quasi Oliva speciosa in campis, & quasi Platanus exaltata sum juxta aquam in plateis.* Comparase aqui a Senhora às arvores, & plantas mais insignes, & mais bem dotadas da natureza: ao Cedro, ao Cipreste, à Palma, à Rosa, à Oliveira, ao Platano: mas he muito de notar, q̃ a todos estes nomes commũs acrescenta, como por sobrenomes, as terras, ou sitios, de

Ecclesi. 24. 17. 18. 19.

que era, ou havia de ſer cadahuã. Ao Cedro, ſim; mas naõ a qualquer Cedro, ſenaõ ao do monte Libano: ao Cipreſte, ſim; mas naõ a qualquer Cipreſte, ſenaõ ao do Monte Sion: & por eſte modo às demais arvores. Pois ſe eſtas arvores, & plantas, como diziamos, eraõ as mais inſignes, & eſtimadas, & as melhores, q̃ criou a natureza: porque razaõ lhe acreſcenta a Senhora dentro na propria eſpecie aquella differença, ou preferencia, com que as diſtingue, & ſingulariza das outras? Porque ainda que pela primeira differença eraõ as melhores entre todas as arvores, pela ſegunda eraõ as melhores entre todas as melhores. O Cedro pelo incorruptivel, & odorifero, era o melhor entre todos os lenhos cheiroſos, & q̃ preſervaõ da corrupçaõ; mas o Cedro do Libano melhor que todos os Cedros: *Quaſi Cedrus exaltata ſum in Libano.* O Cipreſte, por ſer huã piramide verde, que ſobe direita ao Ceo, era melhor que todas as arvores conſagradas ao Culto Divino; mas o Cipreſte do Monte Sion melhor que todos os Cipreſtes: *Et quaſi Cypreſſus in monte Sion.* A Palma pela prerogativa triunfal de ſeus ramos, era melhor q̃ todas as outras, de que ſe tecem Coroas aos vencedores; mas a Palma de Cadez melhor que todas as Palmas: *Quaſi Palma exaltata ſum in Cades.* A Roſa como Rainha, ſem controverſia era a melhor de todas as flores; mas a Roſa de Jerichó melhor que todas as Roſas: *Quaſi plantatio Roſæ in Iericho.* A Oliveira pingue, & doce, era melhor que todas as que ſe deſtilaõ em oleos; mas a Oliveira, naõ do monte, ſenaõ dos campos, melhor que todas as Oliveiras: *Quaſi Oliva ſpecioſa in campis.* Finalmente, o Platano copado, & freſco, era melhor que todas as que fazem ſombra, & defendem do calor do Sol; mas o Platano plantado nas eſtradas, & junto à corrente das aguas, era melhor que todos os Platanos: *Quaſi Platanus exaltata ſum juxta aquam in plateis.* E como as perfeiçoẽs da Virgem Maria, naõ ſò ſaõ comparadas ao melhor de

todas

todas as criaturas, senaõ ao melhor do melhor: porisso no cedro, na purpura, na prata, & no ouro, que eraõ as partes, de que se compunha o Ferculo de Salamaõ, naõ podia ser significada outra, senaõ a Mãy do verdadeiro Salamaõ, a mesma Virgem Maria.

482 Declarada a significaçaõ daquella famosa, & fermosa fabrica do Rey mais poderoso, & mais sabio: saybamos agora, porque razaõ elle lhe chamou Ferculo; nome, que sò esta vez, & sò neste lugar se lé em toda a Escritura Sagrada. Todos os Autores, Latinos, Gregos, & Hebraicos, dirivaõ a palavra *Ferculum* do verbo *Fero*, que significa levar. E naõ lhe chamou Salamaõ, ou carroça, ou liteira, ou andor, senaõ Ferculo; para que naõ sò o effeito, senaõ o mesmo nome mostrasse, que o intento, com q̃ fora fabricado, era para o Ferculo o levar, & elle ser levado, que naõ tem outra differẽça a singularidade do nome. Ajuntando pois a propriedade desta significaçaõ com a significaçaõ da mesma fabrica: que outra cousa vem a ser a palavra *Ferculum* dos Canticos, & a palavra *Portavit* do Evãgelho, senaõ dous admiraveis synonymos, com que Salamaõ profetizou no *Ferculum* o sentido do *Portavit*, & o Evangelho declarou no *Portavit* o mysterio, & sentido do *Ferculum*? O sentido do *Portavit*, emquãto Christo esteve encerrado no sagrado Ventre: *Beatus Venter, qui te portavit*: era (como vimos) para que o movimẽto activo, & o levar, pertẽcesse sò à Mãy; & o movimento passivo, & o ser levado, ao Filho: & o mesmo sentido, & mysterio, como diz Alberto Magno, he o do Ferculo: *Per Ferculum significatur Uterus Virginalis, quia Ferculum dicitur quasi vehiculum à Fero fers. Salomon ergo, scilicet Christus, fecit, idest, præparavit sibi, idest, ad honorem suum, Ferculũ, idest, Beatæ Virginis Uterum.* (*Albert. lib. 10. d. Laudibus Virginis.*) E para que naõ pareça cousa nova, ou menos decente em Christo o ser levado, sendo Deos; tam antigo he no mesmo Deos o ser levado, como o haver de ter Mãy, q̃ se chamasse Maria.

No

483 No principio da Criaçaõ do mundo diz o Texto Sagrado, que o Espirito de Deos era levado sobre as aguas: *Spiritus Dei ferebatur super aquas:* & logo diz mais, que à congregaçaõ das aguas deu o mesmo Deos por nome Maria: *Congregationes aquarũ appellavit Maria.* E com que mysterio este nome? Com mysterio, & significaçaõ, diz Santo Antonino, que aquella purissima, & immensa criatura, em q̃ Deos congregasse, & ajuntasse todas as graças, se havia de chamar Maria: *Congregationes aquarum appellavit Maria: Cõgregationes gratiarum appellavit Maria.* Mas nas mesmas palavras do Texto *Spiritus Dei ferebatur super aquas*, da palavra *Spiritus*, & da palavra *Ferebatur*, & da palavra *Aquas*, parece, q̃ resulta huã implicaçaõ manifesta contra a ordem da mesma natureza, que entaõ nascia. Porque *Spiritus* na significaçaõ natural, quer dizer vento, & as aguas naturalmente saõ levadas do vento, & naõ o vento levado das aguas: como diz logo o Texto, que o Espirito de Deos era o levado das aguas: *Ferebatur super aquas?* Porque as aguas, como acabamos de dizer, significavaõ o Mar das graças Maria, & naõ em outro estado, ou tempo (como notou Santo Ambrosio) senaõ no Mysterio da Encarnaçaõ, do qual disse o Anjo: *Spiritus Sanctus superveniet in te.* E como entaõ he que Deos entrou no Ventre Virginal da Senhora, desde entaõ no mesmo Sagrado Ventre começou a ser proprio da mesma Senhora, o levar a Deos, & proprio do mesmo Filho Deos, o ser levado: *Qui te portavit.*

Genes. 1. 2. — Ibidem 10. — D. Antonin. — Luc. 1. 35.

III.

484 ISTO he o que passou na terra em todo aquelle tempo, em que o Filho de Deos esteve encerrado no claustro virginal do Ventre Sacratissimo, sendo a Soberana Mãy a que o levava, & elle o que era levado a qualquer parte, onde ambos hiaõ. E posto que o mesmo Senhor desde o instante de sua conceiçaõ naõ teve as potencias da Alma impedidas,

como os outros recem gerados, ſenaõ perfeitiſſimamente livres; nunca porèm quiz uſar da propria vontade, ſojeito em tudo à da Mäy, ſendo elle o que era levado, & a Senhora a que o levava para onde queria. Mas porque o argumento, que Eu propuz, & dezejo provar, he, que eſtes meſmos poderes, ou privilegios, tem, & goza, a Virgem Maria no Ceo: & que aſſim como nos nove mezes, que teve a Deos dentro em ſy, o levava cà na terra para onde queria; aſſim o leva hoje no Ceo para onde quer. Eſta he a grande difficuldade deſta nova, & inaudita propoſiçaõ.

485 Deixando pois a terra, & pondonos no Ceo, diganos S. Joaõ o que là vio em huã das revelaçoẽs do ſeu Apocalypſe. Chama elle ao Ceo Mõte de Sion (cõforme a fraſe de David: *Videbitur Deus Deorum in Sion:* porq ſò no Ceo ſe vé a Deos) & diz, que vio no Ceo hum grande numero de Bemaventurados, os quaes tinhaõ eſcrito na teſta o nome do Cordeiro, que he Chriſto, & todos lhe cantavaõ huã letra, q̃ nenhum outro podia cantar. E declarando quem foſſem eſtes, & que privilegio particular tinhaõ entre os demais; diz, que eraõ os Virgẽs, & que ſò elles ſeguiaõ o Cordeiro para qualquer parte q̃ hia: *Virgines enim ſunt. Hi ſequuntur Agnum quocumque ierit.* Entra agora S. Bernardo, & comparando as outras Virgẽs com a Virgem das Virgẽs, dános occaſiaõ para duvidar com grande fundamento: Se a Virgem das Virgẽs no Ceo tem eſte meſmo privilegio das outras Virgẽs, ou outro maior? Ter o meſmo ſòmente, he pouco: ter outro maior, he muito devído: mas qual he, ou pôde ſer? O meſmo Santo o reſolve por eſtas excellentes palavras: *In laudibus Virginum ſingulariter canitur, quòd ſequuntur Agnum quocumque ierit: quibus verò laudibus dignam judicas, quæ etiam præit?* Se he grande louvor das Virgẽs, dizerſe dellas, q̃ no Ceo ſeguem o Cordeiro para qualquer parte que vay: qual ſerá o louvor da Virgẽ das Virgẽs, a qual no Ceo naõ ſò ſegue o Cordeiro, mas o Cor-

Pſalm. 83.8.

Apoc. 14.4.

D. Bernard. Serm. 1 ſuper Miſſus eſt.

o Cordeiro a segue a ella? Naõ se podia dizer mais, nem melhor. Desorte, que as outras Virgẽs no Ceo seguem o Cordeiro para onde vay o Cordeiro: mas a Virgem das Virgẽs no mesmo Ceo, naõ sò segue o Cordeiro para onde vay o Cordeiro; mas o Cordeiro he o que segue a Virgem para onde vay a Virgem: *Quæ etiam præit.* Ella he a que vay diante, & o Cordeiro o que a segue.

486 Mas porque naõ basta, que hum privilegio tam singular se funde sò na authoridade de S. Bernardo, ouçamolo da boca do mesmo Cordeiro no Ceo. Falla com elle a mesma Māy em figura de Pastora na parabola dos Canticos, & diz assim:

Cãt. 1. 7. *Indica mihi quem diligit anima mea, ubi pascas, ubi cubes in meridie.* Dizeyme, Amado meu, onde apascẽtais as vossas ovelhas, & descançais ao Meyo dia. O Meyo dia, como diz Santo Agustinho, & todos os Padres, significa o tẽpo sem tempo da Eternidade da Gloria, onde Deos, naõ jà em sombras, como nesta vida, mas claramente, & com todos os resplandores da Divindade, se mostra aos Bemaventurados, deixandose ver como he em sy mesmo, & cõ esta mesma vista apascenta todos aquelles, que como ovelhas da maõ direita predestinou para o descanço do Ceo. Deste tempo, & deste lugar, falla a pergunta da Māy: à qual respondéo o Filho, & a reposta, tam notavel como sua, foi esta: *Si ignoras te, abi post vestigia gregum tuorum:* Ibid. 8.

D. Augustin.

Se ignorais, ou naõ sabeis de vós, segui as pizadas do vosso Rebanho. Cõ razaõ chamei notavel a esta reposta. Mas examinemos primeiro a pergunta, que tambem tem difficuldade naquelle *Ubi* duas vezes repetido. Deos naõ tem *Ubi*, ao menos duvidoso; porque por sua immẽsidade, nem muda, nem pôde mudar lugar. Pois se naõ muda, nem pôde mudar lugar, nem ha *Ubi*, ou Onde, onde naõ esteja: Como lhe pergũta a Senhora: *Ubi pascas, ubi cubes*? Daqui se vé claramente, que naõ falla com Deos, emquanto Deos, senaõ cõ Christo, enquanto Homem. Porque Christo no Ceo sem dei-

xar a dextra do Padre, pôde mudar, & muda lugares: que porisso se diz do Cordeiro: *Quocumque ierit:* para qualquer parte que vá. Pois se o Cordeiro no Ceo muda lugares, & a Mãy lhe pergunta aonde está: porque lhe responde elle: *Si ignoras te*: quãdo parece, q̃ havia de dizer, *Si ignoras me?* Mas respondéo assim discretissimamente, como se dissera: Se Eu no Ceo, Mãy minha, vos sigo sempre, & naõ vou senaõ para onde vós me levais, perguntaresme agora aonde estou, mais he naõ saber de vós, que naõ saber de mim: *Si ignoras te.* E se quereis saber por outra via o que me perguntais: *Abi post vestigia gregum tuorum:* Segui as pizadas do vosso Rebanho, & logo o sabereis. Mas pelas pizadas do seu Rebanho, de que modo? Porq̃ assim como o Rebanho segue a Pastora, assim o Cordeiro segue a Mãy: & como vós souberes onde está a Mãy, logo sabereis onde está o Cordeiro. Tam certo he, que naõ dá passo o Cordeiro, senaõ para onde he levado de sua Mãy: & isto naõ na terra, senaõ no Ceo: *In Meridie.* Vede, como se correspondẽ bem o Meyo dia da Gloria com a manhaã da Encarnaçaõ. No primeiro Orizonte da vida, quando Deos se vestio de Encarnado na Guardaroupa do Vẽtre purissimo, a Aurora naõ seguia ao Sol, senaõ o Sol a Aurora? Pois assim como cà o Sol seguia a Aurora, assim là o Cordeiro segue a Mãy: *Quæ etiam præit.*

487 E para que se veja, que nesta confirmaçaõ das palavras de S. Bernardo me naõ aparto do seu pensamento; tornemos a ouvir ao mesmo S. Bernardo sobre o mesmo S. Joaõ no mesmo Apocalypse. *Signum magnum apparuit in cælo: Mulier amicta Sole.* Bem conhecido he o Texto: Appareceo no Ceo hum sinal maravilhoso, & nunca visto: huã Molher vestida do Sol. O Sol he Christo, a Molher he a Virgẽ Maria Senhora nossa: & porisso mesmo parece, que naõ havia de estar a Molher vestida do Sol, senaõ o Sol vestido da Molher. He instãcia bem arguida do grande Commentador Apoc. 12. 1.

tador do Apocalypſe Anſberto: *Fortaſſe magis conſequens fuiſſet dicere, non quòd Mulier fuiſſet circumdata Sole; ſed quòd circumdediſſet potius Solem in Utero incluſum.* Quando a Senhora trouxe a Deos no Sagrado Ventre, entaõ o veſtio da tela de ſuas proprias entranhas, dandolhe a Humanidade: logo o Sol he o que havia de eſtar veſtido da Molher, & naõ a Molher veſtida do Sol. Antes por iſſo meſmo, replíca S. Bernardo; porque agora o Sol, & a Molher, eſtavaõ no Ceo: *Signum magnum apparuit in cælo.* E eſta foi a juſta, & condigna remuneraçaõ, com que o Filho quiz pagar à Mãy no Ceo, o que della tinha recebido na terra: *Et veſtis eum, & veſtiris ab eo: veſtis eum ſubſtantiâ carnis, & veſtit ille te gloriâ ſuæ maieſtatis.* Porque a Molher veſtio ao Sol na terra, por iſſo o Sol veſte a Molher no Ceo: ella na terra veſtioo com a ſuſtancia da Humanidade, & elle no Ceo veſtea cõ a gloria da ſua propria Mageſtade. E iſto he confirmar S. Bernardo o ſeu penſamento, de que o Cordeiro ſeguia

Anſbert. ibi.

D. Bernard.

a ſua Mãy para qualquer parte que foſſe: *Quocumque ierit?* Sim. Porque aſſim como a Virgem na terra levava a Deos para onde queria, porque o tinha dentro do ſagrado Ventre; aſſim agora, que Deos eſtá fòra delle no Ceo, quer o Senhor, que o leve tãbem para onde quizer; & para iſſo a veſtio de ſy meſmo. O veſtido naõ tem outro movimento, ſenaõ o da peſſoa a quem veſte: & como Deos veſte no Ceo a Mãy, que o veſtio na terra; aſſim como na terra ſeguia os ſeus movimentos, porque o tinha dentro em ſy, aſſim naõ póde deixar de os ſeguir tambem no Ceo, porq eſtá veſtida delle: *Amicta Sole.* E a razaõ deſta juſta, & reciproca recompẽſa, he, porq naõ fora a paga igual á divida, ſe o privilegio, que a Senhora tinha na terra, levãdo a Deos para onde queria, o naõ tiveſſe igualmente no Ceo, deixandoſe Deos tambẽ levar para onde a Senhora quizeſſe. Na terra, onde ella o veſtio, levado pela natureza da Maternidade; & no Ceo, onde elle a veſte, tambẽ levado pela gloria da Mageſtade:

tade:

tade: *Vestis eum substantiâ carnis, & vestit ille te gloriâ suæ maiestatis*. E se queremos exemplo mais claro, & mais breve: Deos naõ só era levado na Arca, & da Arca, na peregrinaçaõ do Deserto, senaõ tambem na terra de Promissaõ. E porque? Porque o Deserto significava este mundo, a Terra de Promissaõ o Ceo, & a Arca a Virgem Maria: & Maria naõ só neste mundo levou a Deos, senaõ tambem no Ceo o leva, & elle he levado: *Qui te portavit*.

IIII.

488 TEmos provado em géral o nosso Assumpto. E para q̃ se entẽda o modo, cõ que Deos no mesmo Ceo, que he o Trono da sua Grandeza, & Magestade, se sojeita a ser levado de hũa criatura sua, posto que a maior de todas, para onde ella quer, ou quizer: desçamos em particular às razoẽs desta voluntaria sojeiçaõ, que naõ podem deixar de ser grãdes. Digo pois, que leva a Virgem Maria a Deos, & Deos se deixa levar da mesma Senhora para onde ella quer, por tres razoẽs, ou tres modos: por amor, por obediencia, & por força. Por amor, como Esposa: por obediencia, como Mãy: por força, como (ao parecer) mais poderosa. Sẽpre porèm por võtade do mesmo Deos, & naõ sò por vontade, quando elle quer, senaõ tambem por võtade, quando parecesse que naõ quer: que este he sò o sentido, em que prégo este Discurso. Tanta he a significaçaõ daquella grande palavra, & tanto o respeito, que deve Deos àquelle, *Te portavit*, em que tudo se funda.

489 Primeiramente sojeitase Deos a ser levado da Senhora para onde ella quer, por amor, como Esposa: & o mesmo Senhor o confessa assim com este mesmo nome: *Vulnerasti cor meum, Soror mea Sponsa, vulnerasti cor meum*. Cant. 4. 9. Depois veremos quãdo se celebrárão estes desposorios, & onde: agora vejamos o q̃ diz o Esposo Deos. Diz, que a Virgem Maria sua Esposa lhe ferio duas vezes o coraçaõ: *Vulnerasti cor meũ, vulnerasti cor meum*. E para

que

que duas feridas? O Original Hebréo o declara profunda, & admiravelmente. O primeiro *Vulneraſti* quer dizer, *Abſtuliſti mihi cor*: déſteſme a primeira ferida para me tirar o meu coraçaõ: & o ſegundo *Vulneraſti*, quer dizer, *Indidiſti mihi cor*: déſteſme a ſegunda ferida para me dar o voſſo coraçaõ. Demaneira, q́ para eſta troca foi neceſſario, que as feridas foſſem duas, & ambas no meſmo tempo, porque naõ ficaſſe o Eſpoſo ſem coraçaõ: hũa ferida por onde ſahiſſe o ſeu, & outra, por onde entraſſe o da Eſpoſa em ſeu lugar. E que ſe ſeguio deſta amoroſa troca? Seguioſe, que dalli por diante jà o Eſpoſo naõ queria, o que queria pelo ſeu coraçaõ, ſenaõ pelo coraçaõ da Eſpoſa: & como queria pelo coraçaõ da Eſpoſa, naõ podia querer ſenaõ o que ella quizeſſe. Aſſim declara literalmente os effeitos deſta troca de coraçoẽs, o Doutiſſimo A Lapide: *Quaſi diceret: Cor tuum mihi inſeruiſti, ut illud in me operetur: & Ego omne id faciam, quod cor tuum deſiderat.* Tiraſteme do peito o meu coraçaõ, & introduziſteme em ſeu lugar o voſſo, para q́ Eu daqui por diante naõ poſſa querer, nem fazer, ſenaõ o q́ vós quizerdes. Iſto diſſe, naõ outrẽ, ſenaõ o meſmo Deos, nem a outrem, ſenaõ a ſua Mãy, emquanto Eſpoſa: *Soror mea Sponſa.* E naõ ſe podia, nem melhor explicar, nẽ mais encarecer, quanto a Võtade Divina, naõ em parte, ſenaõ em tudo, ſe confórma cõ a vontade da Virgem, naõ querendo, nem tendo coraçaõ para querer, ſenaõ o que ella quer.

Cornelius ibi.

490 Mas ſe acaſo com o coraçaõ, que a Eſpoſa tirou a Deos: *Abſtuliſti mihi cor*: tiveſſe Deos querido alguã couſa contraria à vontade da Eſpoſa: que haviamos de dizer neſte caſo? O que haviamos dizer, he, que ſempre ſe ha de fazer o que a Eſpoſa quizer, ainda que pareceſſe que o Eſpoſo o naõ tiveſſe querido, ou naõ quizeſſe. O caſo he jà ſuccedido em proprios termos, & com o meſmo effeito, que digo. Quiz Iſaac dar a bençaõ, & o morgado, a ſeu filho Eſaú, que era o Primogenito: & Rebecca,

Espoſa de Iſaac, queria pelo contrario, que a bençaõ, & o morgado, foſſe de Jacob, que era o filho ſegundo, a quem ella mais amava. Fez as diligencias tam extraordinarias, que todos ſabemos: & tambẽ ſabemos, que Jacob por meyo dellas effectivamente cõſeguio a bençaõ. Mas naõ eſtá aqui o reparo. O que muito ſe deve reparar, & admirar, he, que ſendo aquella doaçaõ, naõ ſó involuntaria, & ſubrepticia, ſenaõ expreſſamente contra a tençaõ de Iſaac, & nomeadamente dada debaixo do nome de Eſaú: nẽ Iſaac a revogaſſe, nem a tiraſſe a Jacob, nem a reſtituiſſe a Eſaú, nem eſtranhaſſe a Rebecca as diligencias, que tinha feito, & que em tudo ſe conformaſſe com a ſua vontade, & ſe conſeguiſſe o que ella quiz contra o que elle queria. Santo Aguſtinho diz, q́ em toda eſta hiſtoria naõ houve engano, ſenaõ myſterio: *Non fuit mendacium, ſed myſterium.* E ſuppoſto que foi myſterio: que myſterio foi? Excellentemente S. Pedro Damiaõ: *Et illic ergo carnalis uxor (Rebecca) & hîc ſpiritualis Sponſa (Maria) viris ſuis in ſententiæ diverſitate prævaluit.* O myſterio foi, q̃ aſſim como a vontade de Rebecca, molher de Iſaac, prevalecéo contra a vontade de ſeu marido; & naõ ſe conſeguio o que queria Iſaac, ſenaõ o que quiz Rebecca: aſſim no caſo, em que a Eſpoſa de Deos, Maria, & o meſmo Deos, quizeſſem couſas contrarias, a vontade da Eſpoſa (no ſentido que jà diſſe) havia de prevalecer contra a vontade do Eſpoſo: & naõ ſe havia de cõſeguir o que quizeſſe, ou tiveſſe querido Deos, ſenaõ o que quizeſſe Maria. Quem podia imaginar, que prevaleceſſe Jacob contra Eſaú, tendo Eſaú da ſua parte a vontade do Pay? Mas como a vontade da Eſpoſa eſtava da parte de Jacob, eſta he a que prevalecéo, & conſeguio quanto queria: repreſentandoſe entaõ na terra entre Iſaac, & Rebecca, o que hoje paſſa no Ceo entre Deos, & Maria. Deos como Eſpoſo, & Maria como Eſpoſa: *Soror mea Sponſa.*

Petr. Damian. Sermon. 27.

491 E agora he, que havemos

vemos de saber, como deixey prometido, quando se celebrárão estes desposorios, & onde. O tempo foi o dia da Encarnaçaõ, o lugar o talamo virginal do Sagrado Vẽtre, que he o fundamento de quanto temos ditto, & havemos de dizer. Chama Deos à Virgem Irmãa, & Esposa: *Soror mea Sponsa.* Irmãa; porq̃ entaõ tomou Deos a Natureza Humana: Esposa; porq̃ na uniaõ da Natureza Humana com a Divina consistiraõ os desposorios: & aqui he que fez aquella troca dos coraçoẽs, & uniaõ, ou sojeiçaõ das vontades. Qual vos parece que foi a razaõ, porque tendo Deos decretado de unir a sy a Natureza Humana, & podendoa tomar doutro modo, & doutra parte, a tomou das entranhas da Virgem Maria? A razaõ foi, diz altissimamente S. Bernardo, porque pedia a conveniencia, & proporçaõ natural, q̃ onde se achava a maior uniaõ das vontades, se fizesse tambẽ a maior uniaõ das naturezas: *Cum Deus sit in omnibus Sãctis propter concordiam voluntatis, specialiter tamen cum*

Bernard Hom. 3. super Missus est.

Maria, cum qua utique tanta ei consensio fuit, ut illius non solùm voluntatem, sed etiam carnem sibi conjungeret, ac sic de sua, Virginisque substantia Christum efficeret, vel potius unus Christus fieret. Deos està em todos os Santos por concordia da vontade; mas foi tam superior sobre todos a uniaõ, que a vontade de Deos tinha com a vontade da Virgem, que o fim, porque o mesmo Deos encarnou nella, & della, foi, para que assim como da vontade de Deos, & da vontade da Virgem, se cõpunha hũa sò vontade, assim da sustancia do mesmo Deos, & da sustãcia da mesma Virgem, se compuzesse huã sò Pessoa, que foi a de seu Filho. Oh maravilha sobre todas as maravilhas, que as consequẽcias da natureza, & vontade, que sò se achavaõ na Divindade de Deos, com huã troca naõ menos admiravel se achem tambem na natureza, & vontade da Virgem! Entre o Padre, & o Filho, porque he huã sò a sustancia, he huã sò a vontade: & entre Deos, & a Virgem, porque era huã sò a vontade, fez elle, que

se

se unissem em huã sò subsistencia. Là dous suppostos unidos em huã sò vontade, cà duas vontades unidas em hũ sò supposto. E como a uniaõ da vontade de Deos com a da Virgem he tam grande, q̃ della resultou a do mesmo Verbo, Encarnado no beatissimo Ventre: que muito he, q́ a vontade da Virgem leve apoz sy a võtade de Deos no Ceo, assim como levava ao mesmo Deos na terra, quando o tinha em sy: *Qui te portavit?*

V.

492 AO titulo de Esposa, & por amor, se segue o de Mãy, & por obediencia, naõ menos poderoso para se deixar levar delle no Ceo, aquelle Senhor, a quẽ no mesmo Ceo, & com nome de Deos, & de obediente, a voz de Josué fez parar ao Sol. Bem sey o que neste ponto disputaõ os Theologos, & a distinçaõ que fazem de jure, ou de facto: mas nós deixadas as argucias da especulaçaõ, ouçamos o que conformemente, & sem escrupulo escreveraõ, & prégáraõ todos os Santos Padres.

493 Santo Illefonso sobre as palavras da mesma Virgem, *Fecit mihi magna qui potens est*, diz assim: *Hoc magnum fecit in Virgine, ut per hãc Deus fieret Homo, Verbum fieret caro, & Filius Dei factor omnium fieret Filius Matris, quam ipse formaverat, essetque Dominator nascendo subditus Ancillæ, quam ipse condiderat.* E mais brevemente noutro lugar: *Habuit Ancilla Dominum in subdito, Ancillam Dominus in prælato.* Nas quaes palavras sem clausula algũa de moderaçaõ no imperio, ou exceiçaõ na obediencia, pela activa da parte da Mãy, & pela passiva da parte do Filho, nella apregoa Illefonso com expresso nome de Superiora a jurdiçaõ de mandar: & nelle reconhece com nome tambem expresso de subdito a sojeiçaõ de obedecer: *Ancilla Dominum in subdito, Ancillam Dominus in prælato.*

Luc. 1. 49.
Ildefons. lib. de Virginit. Mariæ cap. 8.

494 Toda esta jurdiçaõ, todo este poder, & todo este imperio, logra hoje no Ceo a Se-

a Senhora a titulo de Mãy, assim como o teve na terra, onde seu Filho naõ era menos Deos do que he no Ceo. E esta he a energía, com que estando hoje, como está, no Ceo, lhe canta toda a Igreja: *Monstra te esse Matrem* Cuydamos commummente, quãdo repetimos este verso, que pedimos à Senhora rogue por nós, assim como dizemos na Ave-Maria: *Mater Dei, ora pro nobis.* Mas como bem notou Ricardo Laurentino, naõ he isso o que queremos dizer, senaõ muito mais. *Monstra te esse Matrem,* he dizer à Senhora, que exercite a authoridade da sua jurdiçaõ, & que mostre, que he Mãy, naõ rogando, senaõ mandãdo a seu Filho: *Non solùm potest Filio supplicare, sed etiam potest authoritate materna eidem imperare: unde sic oramus eam, Monstra te esse Matrem.* (Richard. à Sanct. Laurent.) Nos dous versos, que se seguem, *Qui pro nobis natus, tulit esse tuus,* a dureza da palavra *Tulit,* com que o ser Filho da Senhora se chama sofrimento, confirma com nova enfasi o mesmo sentido. Como se disseramos: Jà que sofréo, & se sojeitou a ser Filho, sofra tambem, & sojeitese a ser mandado.

495 Mas ouçamos a S. Bernardo, que nos louvores da Mãy, que a elle lhe deu o leite, sempre he singular. Cõsidera a Deos obedecendo a huã Molher, & a huã Molher mandando a Deos: & suspẽso na comparaçaõ infinita de hum, & outro prodigio, rompe eloquentissimamente nesta apostrofe: *Mirare utrumlibet, & elige, quod amplius mireris: sive Filij Dei benignissimam dignationem, sive Matris excellentissimam dignitatem. Utrinque stupor: id, quòd Deus Faeminae obtemperet, humilitas sine exemplo: & quòd Deo Faemina principetur, sublimitas sine socio.* (Bernard. Serm. 1. super Missus est.) Admiray destes dous prodigios qual quizerdes, & escolhey de ambos qual mais deveis admirar: ou do Filho de Deos a profundissima benignidade, ou da Mãy de Deos a altissima dignidade. *Utrinque stupor:* de huã, & outra parte naõ ha senaõ pasmar: porque obedecer Deos a huã Molher, he humildade sem exemplo: & mãdar huã Molher a Deos,

he

he sublimidade sem companhia.

496 Se alguã mãy pudéra fazer companhia à Senhora, era Bethsabé; & se algum filho pudéra imitar o exemplo de Deos, era Salamaõ. Mas nem elle, sendo tam sabio, soube ser filho: nem ella, tendoo tam obrigado, chegou à ventura de ser obedecida de tal Rey como mãy. Vindo Bethsabé a Palacio, mandoulhe pôr Salamaõ huã cadeira à sua maõ direita, em que se assentasse. Entaõ lhe disse Bethsabé, que trazia huã petiçaõ que lhe fazer: & Salamaõ respondéo, q̃ sendo sua mãy, lhe naõ podia negar quanto pedisse: *Pete, mater mea: neque enim fas est, ut avertam faciem tuam.* 3.Reg. 2.20. Atèqui disse bem: mas ainda pudéra dizer melhor. Havia de responder: que ella como mãy o podia mandar, & elle como filho a devia obedecer. Mas a verdade daquelles cũprimẽtos, posto que tam curtos, qual foi? Disse Salamaõ menos do que havia de dizer, mas naõ chegou a fazer o que disse: chamoulhe mãy, mas naõ lhe obedecéo como filho: deulhe a cadeira, mas negoulhe a petiçaõ. Este recebimento de Salamaõ a Bethsabé em Palacio, dizem as Allegorias, q́ foi figura do q̃ Deos fez a sua Mãy no Ceo. Mas se foi figura, foi mal representada. A ceremonia no Ceo, como terra da verdade, foi menor: mas a realidade, & a realeza, foi a que havia de ser. Foi menor a ceremonia; porque diz David, que a Senhora esteve em pé à maõ direita do Filho: *Astitit Regina à dextris tuis*: Psalm. 44.10. mas a realidade foi, a que devia ser, ou mais do que devia. Porque se a Mãy está em pé reconhecẽdo a Divindade do Filho: o Filho faz tudo o que a Senhora quer, reverenceandoa como Mãy. Ella naõ tomou a cadeira, mas elle deulhe a vontade: ella mandao, & elle obedece.

497 Expressa, & animosamente o grande Cardeal S. Pedro Damiaõ, fallando cõ a mesma Senhora no Ceo: *Accedis ad aureum illud Divinæ Severitatis Tribunal, non rogans, sed imperans, Domina, non Ancilla.* Petr. Damian. Vós, Soberana Rainha do Ceo, quando là re-

reprefentais a Deos, voffo Filho, que faça o que vós quereis, chegais ao Trono de curo, & ao Tribunal tremendo, naõ fò de fua Divina Mageftade, mas de fua Severidade, & alli naõ como Subdita, fenaõ como Senhora, naõ rogais, ou pedis por favor, mas mãdais, & ordenais com imperio, o que quereis que fe faça: & affim fe executa. E dando a razaõ o mefmo Santo, & Doutiffimo Padre, porq́ ifto he no Ceo, & naõ pôde deixar de fer; conclue com eftas invenciveis palavras: *Quomodo enim poteftati tuæ obviare poteft poteftas illa, quæ de tuis vifceribus traxit originem:* porque naõ pôde fer, que encontre os voffos poderes, aquelle poder, que de voffas mefmas entranhas tomou o fer. Grande, & forte razaõ! Tudo pôde o poder de Deos, mas fò huã coufa, parece, naõ pôde, q́ he deixar de feguir a võtade de fua Mãy, lẽbrado q́ della recebéo o fer naquellas entranhas, nas quaes o levava entaõ para onde queria: *Qui te portavit.*

VI.

498 SOmos chegados ao ultimo titulo, & modo, com que a Senhora obriga a vontade de Deos, a que naõ poffa refiftir à fua, q́ he por força, como mais poderofa, no modo que jà diffemos. A propofiçaõ parece arrojada, mas tam certa, como grande. Huã noite inteira lutou Jacob com Deos a braço partido, & o fim da batalha foi, que Deos fe confeffou por vencido, & que Jacob pudéra mais, & prevalecéra contra elle: *Contra Deũ fortis fuifti.* Genef. 32.28. Pois Deos todo poderofo pòde fer vencido por força, & haver quem poffa mais que elle? Naquelle eftado, fim. Deos abraçado com Jacob, & Jacob abraçado com Deos, fignificavaõ o myfterio, q́ depois fe obrou no Sagrado Ventre da Virgẽ puriffima, quando a Natureza Divina fe abraçou com a Humana, & a Humana com a Divina. E nefte abraço foraõ taes as forças, que os braços de Deos communicáraõ aos de Jacob, naõ na fua peffoa, fe-

ſenaõ na ſua deſcendencia; q̃ della naſcéo finalmente huã Filha, a qual porque trouxe a Deos nos braços, lhos apertou com tanta força, que pode mais que elles. Com razaõ ſe comparaõ as forças de Deos feito Homẽ às do Rhinocerote: *Cornua Rhinocerotis cornua illius.* Emquanto o Rhinocerote andava Senhor do campo, livre, & ſolto, era tam formidavel, como forte: mas depois que aquella animoſa, & fermoſiſſima Donzella, a Virgem, lhe apertou os laços, aſſim como lhe dominou as forças, lhe atou tambem a liberdade.

Deut. 33.17.

499 Começa David o Pſalmo Noventa & três, bradando, & repetindo a grandes vozes: *Deus ultionum Dominus: Deus ultionũ liberè egit.* Homẽs, que naõ temeis a Deos, adverti huã, & outra vez, que Deos he o Senhor dos caſtigos: *Deus ultionum Dominus: Deus ultionum:* & ſabey, que o meſmo Deos obra livremente, ſem haver quem o poſſa impedir, quando quer caſtigar: *Deus ultionum liberè egit.* E de que dúvida nos tira David, em dizer que Deos obra livremente? Houve por ventura alguem, que ataſſe a Liberdade Divina, ou podeſſe mais q̃ ſua Omnipotencia? Naõ houve, mas havia de haver. David como Profeta, & o maior dos Profetas, eſtava vendo todos os tempos, preſentes, paſſados, futuros: & que via? Via o Paraiſo terreal perdido por hum peccado: via o mundo todo alagado, & todo o genero humano afogado no Diluvio: via a ſua Naçaõ deſterrada, & cativa no Egypto; deſterrada, & cativa em Babilonia; deſterrada, & cativa nos Aſſirios: via a ſua meſma Corte de Jeruſalem tantas vezes ſitiada, deſtruida, & abrazada; & infinitas outras aſſolaçoẽs de Cidades, Reynos, Provincias, cõ que Deos vingava as ſuas injurias, & juſtamente ſe chamava Deos das vinganças. Iſto he o que via David por muitos annos, & ſeculos, antes de chegar o tempo da Encarnaçaõ do Verbo. Mas depois que o meſmo Deos ſe fez Homem, & teve Mãy, via pelo contrario, que todos aquelles caſtigos extraordinarios tinhaõ ceſſado, & que jà

Pſalm. 93.1.

naõ era Deos das vinganças, ſenaõ Pay das miſericordias. Combinando pois o Profeta tempos com tempos, & ao meſmo Deos comſigo meſmo, que conceito, ou juizo faria, de huã tam notavel mudança? O conceito, & juizo, que fez, foi, q̃ antes de Deos ter Mãy, obrava livremente: *Deus ultionum liberè egit:* porèm depois que teve Mãy, teve tambem quem lhe ataſſe as maõs, & poriſſo obrava jà como ſem liberdade, porque a tinha ſojeita a outro querer. E iſto he o que pôde hoje no Ceo a Mãy do todo poderoſo. Tanto aſſim, que naõ duvidou dizer S. Bernardino, que a meſma Senhora por nós faz de Deos o que quer: *Cum de Deo pro nobis facias quidquid tuæ placuerit charitati.* *Bernard. tom. I. Sermon. 52. cap. 2.*

500 Parece, que ſe naõ podia dizer mais, nem tanto. Mas Eu acreſcento, ou declaro, que aquelle fazer de Deos quanto quer, naõ ſò ſe entende de quãdo Deos quer, ſenaõ tambem, de quando, a noſſo parecer, repugnaſſe, ou naõ quizeſſe. Caſo foi notavel na Bretanha, que dizẽdo Miſſa S. Domingos, a Imagem da Senhora, que tinha a ſeu Filho nos braços, lhe diſſe em voz, que todos ouvíraõ, que foſſe elle o que lançaſſe a bençaõ ao Povo. Viraõ tambem todos, que o Minino Jeſu retirava o braço, como quem naõ queria; porèm a Senhora lançandolhe a maõ à ſua, o obrigou a que com ella lançaſſe a bençaõ. *Eadem Domina pietatis, manu Filij accepta, etiam renitentis, populum ſigno Crucis conſignavit.* *Beat. Alan.* Saõ palavras do Beato Aláno, referindo o caſo. Onde ſe devẽ notar muito aquellas, *Etiam renitentis.* O Filho repugnava, & naõ queria, mas a Senhora o obrigou, como por força, a que quizeſſe, dobrandolhe a maõ com a ſua. Conſiderayme agora a maõ da Senhora pegada na maõ do Filho: a do Filho reſiſtindo, & a da Senhora prevalecendo: & ſe vos admirais da força de huã maõ, & do rendimento da outra, ouvi a razaõ. Fez David a Deos huã petiçaõ notavel, & foi eſta: *Fiat manus tua, ut ſalvet me:* *Pſalm. 118. 173.* Façaſe, Senhor, a voſſa maõ, para que me ajude, & me

me salve. E que mysterio, ou sentido, pôde ter, dizer a Deos que a sua maõ se faça? A maõ de Deos, que foi a que fez o mundo, necessitava de ser feita, ou podiase fazer? Sim podia, diz S. Gregorio; & assim foi: Greg. Homil. 2. in Ezechiel. *Manus quippe Dei, quæ per Divinitatem non est facta, genita per Humanitatem facta est.* A maõ de Deos quanto à Divindade naõ podia ser feita, porque he maõ increada; porèm a maõ do mesmo Deos quanto à Humanidade podia ser feita, & foi feita, & quem a fez, & formou em suas entranhas, foi a Virgem Maria. E como ella foi a que fez aquella maõ, porisso tinha tanta maõ com ella, & tanta força sobre ella. Tanta maõ com ella, que naõ duvidou de a querer dobrar, & tãta força sobre ella, que repugnando a trouxe ao que queria.

501 E para que se veja, que render o Filho de Deos o seu braço a esta força naõ era forçada, senaõ voluntariamente; saybamos por fim de todo o Discurso, que entaõ tem o mesmo Filho por mais gloriosas, & mais suas as acçoẽs do seu braço, quando elle naõ sò as governa pelos proprios movimentos, senaõ levado tambem pelos impulsos de sua Mãy. Estando para nascer de Thamar dous filhos gemeos, hũ, que se chamou Zaran, outro Faréz: Zaran lançou primeiro fòra hũ braço, o qual a parteira lhe atou com hum fio de escarlata. E que fez o minino vendose com o braço atado? Desistio do movimento natural, com que hia nascẽdo, & tornou a recolher o braço para o ventre da mãy: *Illo verò* Genes. *retrahente manum.* Esta foi a 38.29. breve, mas prodigiosa historia, em que a profecia escrevéo, ou rubricou, o grande mysterio, que digo. Zaran, cujo nome significa *Oriens*, foi figura do Filho de Deos, & da Virgẽ, de quem disse Zacharias: *Vir oriens nomen ejus.* Zachar. 6.12. A escarlata atada no braço, como diz S. Bernardo, denotava a obra da Redempçaõ, da qual cantou a mesma Virgem: *Fecit potentiam in brachio suo.* Luc. 1. 51. E como o Filho de Deos vio empenhado o seu braço na maior empreza, que nunca houve, nem haverá no

mundo: tornou a recolher o braço para o meſmo Ventre, donde ſahira; porque entendia,& queria, que entendeſſem todos, que a maior honra,& gloria das acçoẽs do ſeu braço, naõ era ſerem ſò governadas pelos proprios movimentos, ſenaõ tambem pelos impulſos de ſua Mãy. Que muito logo, que ainda quando nos primeiros movimentos,& como naturaes, moſtra Deos querer o contrario, ſeja tam poderoſa a vontade da Soberana Virgem, que ou voluntariamente forçado,ou forçoſamente voluntario, ſe deixe levar para onde a meſma Senhora quer, como ſe denovo ſe tiveſſe recolhido ao meſmo Vẽtre Santiſſimo, de que era levado: *Qui te portavit.*

VII.

502 POſto que atègora naõ tenho nomeado o Roſario, ſempre falley nelle: porque aſſim como a Senhora levava a Deos,quando o tinha dentro do Sacratiſſimo Ventre, & o leva hoje para onde quer; aſſim nós por meyo do Roſario levaremos a Mãy,& o Filho,para onde quizermos, fazendo noſſa a ſua vontade. Naquelle Texto tam repetido, *Venter tuus ſicut acervus tritici, vallatus liliјs*, ſaõ certas duas couſas. A primeira,que falla literalmente do Ventre Virginal, como dizem todos os Interpretes. A ſegunda, que debaixo da palavra *Liliјs* ſe entendem Roſas,como ſe lé no Original do meſmo Texto, *Vallatus Roſis.* Deſorte, q́ temos aqui dous circulos, & dous cercos: o circulo do Sagrado Vẽtre,cõ que a Senhora cercava ao Filho Deos, q́ tinha dentro em ſy: & por fòra deſte circulo outro circulo de Roſas, com que as Roſas cercavaõ o meſmo Ventre: *Venter tuus vallatus Roſis.* Que o circulo das Roſas ſignifique o Roſario,& o circulo,de que o meſmo Roſario he formado, ſeria negarlhe o nome, & a figura, ſe alguem ſe atreveſſe ao negar. Sendo pois eſte circulo o do Roſario,qual he a razaõ,porque eſtá cercado com elle o circulo do Ventre Sacratiſſimo? A razaõ he, porque faz hum

Cant. 7. 2.

hum circulo o que fazia o outro. Assim como com o circulo do Sacratissimo Vẽtre porque cercava a Deos, q́ tinha dentro em sy, levava a Senhora a Deos para onde queria; assim nós cõ o circulo do Rosario, de que está cercado o mesmo Ventre, levaremos a Mãy, & o Filho, para onde quizermos. Digao a mesma Mãy, que he a que melhor conhece a vontade do Filho.

503 Falla a Senhora de cadahum dos seus devotos, & diz, que estes tem cuidado de assistir cadadia fòra de suas
Prov. 8. 34. portas: *Qui vigilat ad fores meas quotidie, & observat ad postes ostij mei.* O naõ entrar, mas estar fòra das portas, he proprio de quem cerca: & o ser esta assistencia cuidado de cadadia, *Quotidie*, tambem he proprio da devaçaõ do Rosario. E que alcançaráõ aquelles, de quem a Senhora se achar assim cercada, & assistida? He maravilhosa a reposta do Texto Original, o qual affirma, & promette, que certamente alcançaráõ de Deos quanto delle quizerem. Assim o dizem confor-memẽte as Versoẽs de todos. Text. Hebræus.
Vatáblo: *Assequetur quidquid volet à Domino.* Pagnino: *Educet quod voluerit à Domino.* Vatablus. Pagninus.
Caietano: *Quidquid voluerit, à Deo facile obtinebit.* Apenas se achará em toda a Escritura Sagrada promessa tam universal, & tam estabelecida como esta! Mas assim cõquista a võtade do Filho, quẽ primeiro ganha a da Mãy. E porque dissemos dos poderes da mesma Mãy, que naõ sò alcançava de Deos quanto queria, quãdo o mesmo Deos queria, senaõ ainda no caso, em que elle naõ quizesse; vejamos o mesmo, com assombro, nos poderes do Rosario. Caietanus.

504 Pelo peccado da Idolatria do Bezerro determinou Deos acabar de huã vez com aquelle Povo taõ ingrato, & rebelde, & assim o manifestou a Moysés, promettẽdolhe que o faria Governador de outro, naõ sò melhor, mas maior. Porèm Moysés, que amava tanto os subditos, como devem fazer, & naõ fazem, todos os que tem o mãdo, & governo supremo, naõ sò rogou a Deos instantemẽte, que lhe perdoasse, mas to-

mou por terceiros, & valedores, a Abraham, Isaac, & Jacob, dizendo: *Recordare Abraham, Isaac, & Iacob: &c.* Exod. 32.13.
Admirase muito neste passo Theodoréto, naõ da oraçaõ de Moysés, senaõ da intercessaõ, de que se valéo nella, a qual naõ sò parecia desnecessaria, sendo tam particular, & tam intimo o seu valimento com Deos, mas ainda muito alhea da cõfiança, que o mesmo Deos lhe tinha dado na comminaçaõ daquelle castigo. As palavras, que Deos lhe disse, foraõ: *Dimitte me, ut irascatur furor meus cõtra eos, & deleam eos.* Ibidem 10. Deixame, Moysés, para que execute nelles a minha ira, & Eu os acabe. A palavra, Deixame, bem mostrava, que era bastante Moysés para ir à maõ a Deos, & ter maõ na sua ira, com que naõ executasse o que queria. Pois porque naõ cõfia Moysés tanto da sua oraçaõ, & se val das intercessoẽs de Abraham, Isaac, & Jacob? Porque entendéo, que para conseguir huã cousa tam grande contra o que Deos queria, & tinha determinado, naõ bastaria qualquer outra oraçaõ, ainda que fosse a sua, senaõ fosse acompanhada cõ a força dos Mysterios do Rosario. Ora notay.

505 Naquelles tres grãdes Patriarchas estavaõ representados os Mysterios do Rosario, segundo as tres distinçoẽs, de que saõ compostos. Abraham, a quem Deos mandou deixar a patria, & os parentes: *Egredere de terra tua, & de cognatione tua:* Genes. 12.1. represẽtava os primeiros Mysterios, em que o Filho de Deos deixou o Ceo, & a seu Eterno Padre, & veyo peregrino ao mũdo para o remir. Isaac, a quem Deos mandou sacrificar em hũ monte: *Tolle filium tuum Isaac, & offeres eũ in holocaustũ super unum montium:* Genes. 22.2. representava os segundos Mysterios, em q̃ o mesmo Filho de Deos levando a Cruz às costas, foi pregado, & sacrificado nella no Monte Calvario. Jacob, a quem Deos mostrou a escada, que chegava da terra ao Ceo: *Vidit scalam stantem super terram, & cacumen illius tangens cælum:* Genes. 28.12. representava os terceiros Mysterios, em que o mesmo Filho de Deos depois de

resuscitado subio Glorioso ao Ceo, & se assentou à dextra do Padre. Pâra aqui toda a representaçaõ? Naõ. Ainda he mais expressa, & mais distinta. Porque os primeiros, segũdos, & terceiros Mysterios do Rosario, em cadahuã das suas distinçoẽs se repartem de sinco em sinco. Abraham, quando representou os primeiros, saindo peregrino da sua patria, naõ se chamava Abraham, senaõ Abram: *Egressus est itaque Abram, sicut præceperat ei Dominus.* Gene 12.4. E como o nome de Abram he composto de sinco letras, & o nome de Isaac de sinco, & o de Jacob tambẽ de sinco, naõ sò representáraõ os tres Patriarchas as tres differenças dos Mysterios do Rosario, senaõ os numeros de cada differença. Os sinco primeiros, & Gozosos, no nome de Abram: os sinco segũdos, & Dolorosos, no nome de Isaac: & os sinco ultimos, & Gloriosos, no nome de Jacob. Junta pois a oraçaõ de Moysés com a representaçaõ dos Mysterios do Rosario, tam distinta emquanto tres nos tres Patriarchas, & tam repartida emquanto sinco, nas letras de cada nome, & tam inteira emquanto quinze, na uniaõ de todos juntos; sò entaõ teve cõfiança Moysés para esperar, & suppor, q̃ a vontade de Deos se renderia à sua, & que naõ levaria por diante o que tinha determinado: & assim foi. *Placatusque est Dominus, ne faceret malum, quod locutus fuerat adversus populum suum.* Exod. 32.14. Rezay, rezay o Rosario, & tende firme cõfiança nos poderes seus, & da Soberana Autora delle: que assim como a Senhora, quando tinha a Deos em suas entranhas, o levava para onde queria, vós tambem levareis a Mãy, & o Filho, para onde quizerdes: & naõ sò para lhe atares as maõs com o mesmo Rosario na occasiaõ dos castigos, mas tambẽ para vos encher de todas as Graças.

VIII.

506 Já dissemos no principio, que com o Filho Deos em suas entranhas fez a Senhora tres jornadas maiores; a primeira, de

de Nazareth às Montanhas: a segunda, das Montanhas a Nazareth: & a terceira, de Nazareth a Belem. Estes foraõ os tres lugares santificados com os tres primeiros Mysterios do Rosario, naõ em figura, ou representaçaõ, mas realmente. Em Nazareth se obrou o Mysterio da Encarnaçaõ: nas Montanhas o da Visitaçaõ: em Belem o do Nascimento. E posto que estes Mysterios naõ foraõ, nẽ podiaõ entaõ ser mais q̃ tres, nestes tres se representáraõ as differenças de todos. Em Na-
Luc. 1. 47. zareth os Gozosos: *Exultavit Spiritus meus in Deo salutari meo*: nas Montanhas os
Ibidem 39. asperos, & Dolorosos: *Abijt in montana cum festinatione*: em Belem os Celestiaes, &
Luc. 2. 14. Gloriosos: *Gloria in altissimis Deo: & in terra pax hominibus.* Agora vede, como levando a Senhora a Deos em suas entranhas, a todos estes lugares, todos enriquecéo de extraordinarias graças. Indo de Nazareth às Montanhas, santificou nellas ao Bautista, enchéo de espirito de profecia a Isabel, restituio a falla a Zacharias mudo, & sobre todos os coraçoẽs dos Montanhezes derramou jubilos de verdadeira alegria, & os deixou cheos de altas esperãças. Tornando das Montanhas a Nazareth, como S. Joseph dos sinaes de Mãy, que via na Senhora, julgasse, que tinha cõcebido, alli se lhe tirou a cõfusaõ, & tristeza daquella perplexidade, alli teve a revelaçaõ do Anjo, alli conhecéo o altissimo Mysterio da Encarnaçaõ, & alli soube, o que nem imaginar podia, que era Esposo da Mãy de Deos, & q̃ o mesmo Deos lhe havia de chamar Pay. Indo finalmente de Nazareth a Belem, naquella clarissima noite, em q̃ os Ceos feitos de mel chovéraõ as maiores doçuras sobre a terra, mandando Anjos aos Pastores, & Estrellas aos Reys, aos grandes, & aos pequenos, aos naturaes, & aos estranhos, aos de perto, & aos de longe, a todos enchéo de luz, de consolaçaõ, de verdade, & de Espiritos de nova vida. Isto obrou maravilhosamente a Senhora do Rosario, quando lhe deu principio nos primeiros tres Mysterios, & nelles significaçaõ a todos, le-

levando sempre a Deos, & deixandose Deos levar para onde a mesma Senhora queria; para que nós tambem entendamos, que por meyo do mesmo Rosario teremos a vontade do mesmo Deos, naõ sò propicia, senaõ em certo modo, ou por modo certo, sojeita a quanto quizermos, & dezejarmos.

507 E que faremos, para que assim seja sem falta? Rezemos o Rosario, & digamos em cada Ave-Maria à Mãy de Deos, naõ jà que rogue, senaõ que dezeje por nós. Começamos a Ave-Maria por esta palavra *Ave*: & que quer dizer *Ave*? Disseo com natural, & facil explicaçaõ, mas com altissimo pensamento, o Doutissimo Salmeiraõ: *De prima voce Ave adverte dici á verbo Aveo, quod est desiderare: & ita idem est dicere, Ave, ac dicere, desidera. Ave ergo, Beata Virgo, seu desidera, quia quodcumque avebas, & supra quam avebas, obtinebis*. Dezejava a Virgem Senhora nossa ardentissimamẽte o Mysterio da Encarnaçaõ do Filho de Deos, & que chegasse jà o tempo, em que se cumprisse a promessa de Isaias: *Ecce, Virgo concipiet*: naõ presumindo, nem vindo ao pensamento de sua humildade, que ella era, ou podia ser, o felicissimo objecto daquella profecia. Alludindo pois a este dezejo, começou o Anjo a sua embaixada, dizendo, *Ave*, que quer dizer, dezejay. Dezejay, ò chea de graça, dezejay: que naõ sò tem Deos satisfeito vossos dezejos, mas tudo o que quizerdes, & muito mais do que quizerdes, alcançareis sempre delle. Isto disse o Anjo, dizendo, *Ave*: & porisso digo Eu, que peçamos à Mãy de Deos, naõ jà que rogue, senaõ que dezeje por nós. Esta petiçaõ he a primeira, com que começamos a Ave-Maria, esta a que repetimos Cento & sincoenta vezes no Rosario: & podemos estar certos, que nem a Senhora deixará de dezejar por nós, nem o Filho, q̃ quer pelo coraçaõ da mesma Mãy, deixará de querer quanto a mesma Senhora dezejar: & assim como encheo de tantas Graças a todos aquelles, a onde levou a Deos, quando

Salmeir. tom. 3. tract. 3.

Isai. 7. 14.

quando o trazia em ſeu Sacratiſſimo Ventre; aſſim nos alcançará aquella ultima, que ſò abre as portas do Ceo, & leva, os que della ſaõ levados, ao porto do Eterno Deſcanço : *Qui te portavit.*

FINIS.

SER-

SERMAM XXIX.

Et ubera, quæ suxisti. Luc. 11.

I.

508 RICARDO à Sãcto Laurentio (hum dos Autores mais devotos, & mais benemeritos da Virgem Maria Senhora nossa, que com igual estudo, & engenho, applicou a seus louvores quasi toda a Escritura Sagrada) combinando dous lugares dos Cãticos, diz assim: *Christus dicit, Bibi vinum meum cũ lacte meo virginali, quod totum fuit meum, & de quo nullus alius bibit. Item cum dicatur Beatæ Virgini, Oleum effusum nomen tuum, non tamen dicitur, quòd ejus ubera sint effusa.* Quer dizer: q̃ ao leite virginal da Senhora chama Christo propria, & singularmente seu, *Cum lacte meo*; porque de tal sorte foi sòmente seu, que nenhuã outra pessoa o gostou, nem participou delle. E que sendo comparado o nome da mesma Virgem ao oleo derramado, pela largueza com que se communica; dos Sacratissimos peitos da Senhora naõ se diz tal communicaçaõ, ou effusaõ: *Non tamen dicitur, quòd ejus ubera sint effusa*: porque tambem naõ foraõ cõmunicados mais q̃ ao proprio Filho de Deos, & seu: *Et ubera, quæ suxisti.* Luc. 11. 27.

Richard. à S. Laurent. ibi.

509 Assim o diz este grave Autor, commummente applaudido, & allegado de todos. Porèm a mim (que nos

peitos

peitos da Virgem Maria cõsidero duas fontes de misericordia,& a mesma misericordia estillada no seu leite) nẽ a razaõ, nem a Escritura, nem a experiencia, me consente aprovar estas limitaçoẽs. A razaõ naõ; porq́ sendo propriedade do summo bem ser summamẽte communicavel: como podiaõ ser incommunicaveis os peitos, que criáraõ o mesmo summo bem, o qual quando criou todas as cousas,a todas deu virtude de se communicarem? He certo, que com o leite se bebem jũtamente as inclinaçoẽs,& affectos. Donde se segue, que naõ sò foi conveniente,& decente, mas necessario, que a segunda geraçaõ do Verbo se parecesse com a primeira,& que o mesmo Verbo criado trouxesse dos peitos da Mãy a propensaõ natural de se cõmunicar, que tinha recebido incriado do seyo do Pay. A mesma Virgem naõ sò foi Mãy de Christo, Cabeça da Igreja, senaõ tambem Mãy de todos os mẽbros do mesmo Christo, que saõ os Fieis: & se a Senhora nos negasse a nutriçaõ docissima de seus peitos, naõ seria Mãy inteira nossa, senaõ meya Mãy, como o saõ, diz S. Chrysostomo, as que geraõ os filhos,& os daõ a criar a outrem. *Chrysost.* Finalmente,o leite virginal dos mesmos peitos, foi aquelle, que se convertéo no mesmo Sangue, o qual se derramou atè a ultima gota pela salvaçaõ do genero humano: & se foi nosso, & se derramou por nós emquanto Sangue do Filho: como havia de ser sò seu, & naõ tambẽ nosso, emquãto leite da Mãy?

510 Passando da razaõ à Escritura: a Esposa,ou Pastora principal do mesmo Livro dos Canticos allegado, he a Virgem Senhora nossa. E fallãdo o Divino Esposo dos peitos virginaes, que o criáraõ,& alimentáraõ Minino, diz, que saõ semelhantes a dous cabritinhos mõtezes,filhos gemeos da mesma mãy: *Duo ubera tua, sicut duo hinnuli capreæ gemelli.* *Cant. 4. 5.* He comparaçaõ pastoril propria daquelle genero de Poesia. E com ser o Autor della Salamaõ, parece, naõ sò pouco accommodada, senaõ contraria ao que quer dizer. Os

fi-

filhinhos saõ os que tomaõ os peitos, & os peitos como duas fontes, ou esponjas de neve, saõ os que docemente esprimidos se destillaõ no licor vital, com que os alimẽtaõ. Da parte dos peitos está o leite, & da parte dos filhos a fome, ou sede impaciente, com que tiraõ por elles. Pois se os affectos, & os effeitos, assim nos peitos da mãy, como nos filhos, que delles se sustentaõ, saõ tam diversos, & verdadeiramente contrarios: como diz Salamaõ, que os peitos da Senhora saõ semelhantes, naõ aos que daõ, & communicaõ o leite, senaõ aos que o recebem, & se alimentaõ com elle? Naõ se pudéra encarecer com maior elegancia, & energía, a liberalidade maternal, com que os peitos da Senhora se nos communicaõ, & o dezejo, & gosto, que tem de se cõmunicar. Se os filhos sedentos, & famintos, correndo, & saltando (como he proprio daquelles animalinhos, mais q̃ de nenhuns outros) buscaõ os peitos da mãy com fome, & sede ardente, muito maior he a fome, & muito mais ardente a sede, com que os peitos da Mãy de Deos, & nossa, se communicavaõ ao Filho natural, que he Christo, & se dezejaõ communicar aos adoptivos, q̃ somos nós. Por isso nos mesmos Canticos se compára a mesma Senhora a huã fonte cerrada: *Fons signatus*: porque assim como a agua na fõte fechada está rebentando por sair, & padece violencia, emquanto se naõ desafoga no manãcial da corrente: assim o leite da Virgẽ reprezado nos sagrados peitos está violento: & quando este se communica, entaõ elles se aliviaõ, & como de hũ pezo amorosamente impetuoso se descarregaõ, & descançaõ. Cant. 4. 12.

511 Atè qui a razaõ, & a Escritura; & sò resta a experiencia: a qual porèm se tem visto em muitos casos, & apariçoẽs milagrosas, em que a Soberana Virgem se dignou regalar visivelmente a seus devotos cõ o nectar celestial de seus sagrados peitos. Quando S. Bernardo na Igreja de Espira postrado por terra entoou: *Monstra te esse Matrem*: passando a Imagem

da

da Senhora o Minino Jesu de hum braço para o outro, com hum rayo de leite estilado na boca melliflua de Bernardo, bem claramente lhe mostrou, que tambem era Mãy sua. Do Santo Abbade Fulberto refere Baronio, que ainda gozou de mais perto este soberano favor: porque naõ sò lhe concedéo a Virgem, que gostasse a suavidade do leite, cõ que tinha criado a Deos, como orvalho da Aurora cahido do Ceo; mas apartando a roupa de sobre os peitos, lhe permittio, que o bebesse nas proprias fontes. Quasi espirando estava hum Sacerdote, muito devoto da mesma Rainha dos Anjos, com acerbissimas dores: & conta S. Pedro Damiaõ, que a Senhora lhe apparecéo visivelmente, & fazendolhe o linitivo de seu proprio leite, no mesmo instante naõ sò se abrandáraõ, mas cessáraõ totalmente as dores: & restituido à vida, de que jà tinha perdido as esperanças, conservou sempre nos beiços a cor do medicamento, com que fora curado. O mesmo refere Vincencio Belvacense de outro tambem Sacerdote, & tambem agonizante, naõ permittindo a Mãy de misericordia, que a boca, & lingua, com q̃ era louvada, a acabasse de comer o cancer, de que jà estava emmudecida, & corrupta: & pagãdo com o leite vital de seus virginaes peitos a devaçaõ, com que o mesmo Sacerdote, todas as vezes que via alguã Imagem da Senhora, a saudava, dizendo: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera quæ suxisti.* Em summa, que naõ sò a razaõ, & a Escritura, senaõ tambem a experiencia nos ensina, que o leite, com que a Virgem Maria sustẽtou ao Filho de Deos, naõ he sòmente seu, senaõ tãbem nosso: & tambem nossas as duas fontes suavissimas de seus peitos, as quaes, quãdo a mesma Senhora he servida, se desfechaõ liberalmẽte, & manaõ para nosso remedio.

Baron. — *Petr. Damian.* — *V. Belvacens.*

512 Mas porque este soberano favor, como mostraõ as mesmas experiencias referidas, he particular, & de poucos: o meu intento hoje será provar, que tambem pôde ser universal, & de todos,

se nós quizermos. E naõ quero, que me pergunteis o como; porque jà se entende, q̃ ha de ser por meyo do Rosario. Digo pois (ou direy) que a todos os devotos do Rosario communica a Virgẽ Senhora nossa o leite celestial de seus piadosissimos peitos, naõ para a vida, ou saude temporal, que he pouco, mas para a eterna. E porque ? Agora vay o Assumpto em proprios termos. Porque o Rosario he huã nova Via Lactea, a qual abrio, & regou a Senhora cõ seu proprio leite na terra, para que por ella subamos facilmente ao Ceo. A novidade, & difficuldade da proposta necessita de muita Graça. *Ave Maria, &c.*

II.

513 DA Via Lactea, famosa entre Filosofos, & Poetas, parte a Filosofia em verso, & parte a Poesia em fabula, dizem elegantemente assim:

Est via sublimis cælo manifesta sereno, (Ovid. Metamorphos. 1.)
Lactea nomen habet, candore notabilis ipso:
Hàc iter est Superis ad magni tecta Tonantis.

Vem a dizer na nossa proza: que no Ceo ha hũ Caminho claro, & manifesto, ao qual pela brancura, tomando o nome do leite, chamáraõ Via Lactea: & que esta he a Estrada, por onde os habitadores do Ceo sobem aos altos Palacios do grande Tonante: isto he, gentilicamente, de Jupiter; & christaãmente, de Deos. Vamos agora dividindo este pequeno, ou grandissimo Mappa, & veremos, como tudo o que delle disseraõ, Filosofos, Mathematicos, & Poetas, se verifica com admiravel propriedade no Rosario.

514 Primeiramente deixando o nome de Via para seu lugar; assim como os Gregos pela cor lhe chamáraõ Galaxia, assim todos pela figura lhe chamaõ Circulo: & com particular razaõ. Porq̃ sendo onze os Circulos, em que os Mathematicos por varias partes, & com differentes consideraçoẽs cortaõ, & dividem o Ceo, os dez, todos saõ imaginarios, & sò o Circulo Lacteo, real, & visivel. E tal he (Vide Aristotel. Conimbricens. Riccem. & reliquos in Met.)

he o Rosario formado em figura circular, o qual trazemos nas maõs, naõ sò visivel, mas palpavel. *Tolomeus.* Toloméo observou, que a Via Lactea naõ he simples, senaõ cõposta de duas como ametades sẽsivelmente divididas, mas sempre continuadas, & uniformes. E estas saõ as duas partes, de q̃ tantas vezes temos ditto se compoem o Rosario, huã Vocal, outra Mental: de tal modo porèm diversas, & distintas, que sempre se acompanhaõ; porque nem a voz sem a meditaçaõ, nem a meditaçaõ sem a voz, fazem perfeito Rosario. *Theophrastus.* Theophrasto cõ opiniaõ singular teve para sy, que a Via, ou Circulo Lacteo, he a uniaõ, com que na Esfera Celeste se ajuntaõ os dous Emisferios, superior, & inferior: dos quaes assim juntos, & unidos, resulta, & se faz hũ sò globo. E quem naõ vé nesta semelhança, que tal he a materia Mental do Rosario, disposta toda, & ordenada pelos Mysterios da Vida, Morte, & Résurreiçaõ de Christo, em quem o Emisferio superior, que he a Natureza Divina, & o inferior, q̃ he a Humana, se ajuntaõ inessavelmente em hum sò supposto. *Aristoteles.* Aristoteles filosofando diversamente sobre a mesma materia, diz, que naõ he outra cousa senaõ as exhalaçoẽs da terra, que subidas, & elevadas ao alto, concebendo fogo, se acendem, & deste incendio natural, & cõtinuo, se diffunde, ou reverbéra a claridade, que vemos. E que outra cousa he com a mesma propriedade a parte Vocal do Rosario, cujas oraçoẽs, se as rezamos com aquelle fervor, a que as suas mesmas palavras nos excitaõ, sobem ao Ceo acezas, & ardentes, qual he o estado do coraçaõ, donde devem sair? Porque se o coraçaõ está frio, se convertem em regélo; se distrahido, em fumo; & se fervoroso, em fogo. Finalmente S. Joaõ Damasceno cõ *Damascenus.* a sentença mais recebida nas Escollas, diz, que a Via Lactea he no oitavo Ceo, hum agregado, ou multidaõ de Estrellas, huãs grandes, que se distinguem, & vem; & outras pequenas, que por sua menoridade, numero, & distancia, se naõ podem ver, nem contar.

tar. Nós porèm no Circulo do Rosario, que vemos de mais perto, as distinguimos, & contamos; porque as grandes, & as pequenas, se reduzem nelle a certo numero, sendo as pequenas as Ave-Marias, a que vulgarmente chamamos Contas, & as grãdes os Padre-nossos, a q̃ chamamos Estremos. Desorte, q̃ quanto os Sabios differaõ, ou affirmando com certeza, ou opinando com probabilidade, ou imaginando, & fantaziando sem ella, ou na materia, ou na fórma, ou na figura da Via Lactea, tudo cõ as mesmas propriedades se verifica no Rosario.

III.

515 PAssando agora às causas porque he Via, & porque he Lactea, em ambas veremos o mesmo Rosario, mais naturalmente ainda, & mais illustremente retratado. Alguns Filosofos da Escolla de Pitagoras, como refere Aristoteles, dizem, que por aquella parte, onde hoje se mostra o Circulo Lacteo, passou antigamente hum Astro, cujos vestigios ficáraõ impressos, & sinalados no Ceo, & delles, sem nũca mais se apagarẽ, se formou a Via, ou Estrada, que por sua brancura se chama Lactea. Naõ convem porèm entre sy estes mesmos Filosofos na declaraçaõ de que Astro fosse este: porque huns dizem, que foi o Sol, outros que foi nascido do mesmo Sol: & porisso deu occasiaõ à fabula de Faetonte. As palavras de Aristoteles no seu melhor, & mais claro Parafraste, saõ estas: *Sententia est quorundam Pythagoraeorum, qui dixerunt, Galaxiam esse Viam, per quam aliquando suum cursum peregit aliquod Astrum, quod suo transitu hanc cæli partem exurens, vel alio modo alterans, lacteo candore signatam reliquit. Verùm isti Authores non conveniunt in explicando quodnam Astrum per hanc Viam transierit. Aliqui enim dicunt aliquod novum Astrum ortum ex Sole, quod occasionem dederit fabulæ Phaethontis: alij è contrario asserunt Solem ipsum aliquando per talem Circulum transiisse.* *Aristoteles apud P. Manilii.*

516 Demaneira, que na

ſentença dos Pithagoricos a cauſa, & origem da Via Lactea, ou foi o Sol, ou o Filho do Sol, o qual paſſando circularmente por aquella parte, & deixando nella impreſſos os veſtigios de ſeus paſſos, eſtes ſaõ os que ſinaláraõ, & propriamente fizeraõ, o meſmo Caminho, ou Via. E quẽ he o Sol, & o Filho do Sol, ſenaõ Chriſto? Elle o Sol, porque he Deos, & elle o Filho do Sol, porque he Filho do meſmo Deos. Pois aſſim como a Filoſofia Pithagorica, dividida em duas opinioẽs, diz, que o Sol, ou o Filho do Sol com ſeus paſſos fez a Via Lactea: aſſim a Fé Catholica unida em huã verdade nos enſina, que os paſſos de Chriſto Deos, & do meſmo Chriſto Filho de Deos, ſaõ os que formando outra nova Via ſemelhmante àquella, fizeraõ o Roſario. O Circulo da Via Lactea, como diz Manilio, começa na Caſſiopéa, & acaba na Caſſiopéa: *Orbemque ex illa cæptum, concludit in illa.* E Chriſto diz, fallando de ſy, que o circulo do ſeu caminho começou no Padre, & acabou no Padre: *Exivi à Patre, & veni in mũdum: iterum relinquo mundũ, & vado ad Patrem.* Aſſim pois como o Sol fez aquella Via, deixando nella impreſſos os veſtigios dos ſeus paſſos: aſſim Chriſto fez a Via do Roſario, edixando nelle expreſſos os meſmos paſſos, & os meſmos veſtigios: *Vobis relinquens exemplum, ut ſequamini veſtigia ejus.*

Manilius. *Ioan. 16. 28.* *1. Petr. 2. 21.*

517 Tudo diſſe admiravelmente David debaixo da meſma metafora do Sol: *In Sole poſuit tabernaculum ſuũ: & ipſe tanquam Spõſus procedens de thalamo ſuo.* Aſſim como o Sol ſaindo do Oriente começa o ſeu caminho circular; aſſim Chriſto encarnando começou o ſeu: & começouo como Eſpoſo: *Tanquam Sponſus*: porque o primeiro paſſo, com que deu principio ao Circulo do Roſario, foi o Myſterio da Encarnaçaõ, em que ſe deſpozou com a Natureza Humana. Depois deſte primeiro paſſo foi continuando a ſua carreira: & de que modo, & a que fim? O fim foi com notavel propriedade, atè no nome, para fazer outra Via, como

Pſalm. 18. 6.

Ibid. aquella do Sol: *Ad currendã viam.* E o modo foi tambem como o do mesmo Sol com igual correspõdencia: *A summo cœlo egressio ejus, & occursus ejus usque ad summum ejus.* Assim como o Sol fez a Via Lactea caminhando circularmente atè tornar ao mesmo lugar, donde sahira: assim Christo fez a Via do Rosario, começandoa quando sahio do seyo do Padre, & acabandoa quãdo se assentou à dextra do mesmo Padre. O Sol passou por differẽtes Cõstellaçoẽs, que saõ as que se mostraõ na Via Lactea: huãs benignas, & humanas, como Geminis, & Perseo; outras monstruosas, & feras, como o Escorpiaõ, & o Centauro; outras canóras, & sublimes, como o Cisne, & a Aguia: E nos passos, com que Christo fez a Via do Rosario, tambẽ se vem, & distinguem as mesmas differenças: huãs humanas, & benignas, que saõ os Mysterios Gozosos; outras monstruosas, & feras, que saõ os da Paixaõ, & Dolorosos; outras canóras, & sublimes, que saõ os da Ascençaõ, & Gloriosos. Mas porque podia causar duvida, & estraneza, que sendo os passos, & Mysterios do Rosario sò quinze, bastassem tam poucos passos para fazer huã Via tam comprida. A esta objecçaõ acodio o mesmo David, advertindo, que os passos, cõ que Christo fez este grande Circulo, & corréo esta grande Via, eraõ passos de Gigante: *Exultavit ut Gigas ad currendam viam.* Ibid. 6.

Ibid. 7.

518 He Gigante Christo, porque naõ sò he Homẽ, senaõ, Homem, & Deos juntamente. Mas posto que os seus passos, por serem de tam estranha, & agigantada medida, podessem igualar a grandeza do Circulo; comtudo para o sinalarem, & mostrarẽ aos que haviaõ de caminhar por elle, ainda lhe faltava o serem impressos, & estampados, como estaõ no Rosario: porque na mesma Via Lactea assim como foi necessaria a cor para ser Lactea, assim foraõ necessarios os vestigios para ser Via: *Viam, per quam aliquando suum cursum peregit, signatam reliquit.* Diz Salamaõ, que tres cousas, ou tres vias, lhe saõ muito difficulto- Aristoteles supra.

ſas de entender: a via da Serpente na pedra, a via da Náo no mar, a via da Aguia no ar: *Tria ſunt difficilia mihi. Viam Aquilæ in cælo, viam Colubri ſuper petram, viam Navis in medio mari.* E que difficuldade tem eſtas tres vias, para q̃ a ſabedoria do meſmo Salamaõ as naõ entenda? A difficuldade he huã ſò, & a meſma em todas tres; porque todas ſaõ via ſem raſto, nem veſtigio. A via da Serpente na pedra, he via ſem raſto, nem veſtigio; porque a pedra o naõ admitte, por ſer dura, & ſolida: a via da Náo no mar, he via ſem raſto, nem veſtigio; porque o mar o naõ cõſerva, por ſer inquieto, & confuſo: & a via da Aguia no ar, he via ſem raſto, nem veſtigio; porque o ar o naõ demoſtra, por ſer diafano, & inviſivel. E tudo iſto, que aſſim havia de ſucceder naturalmente, ſe vencéo, & trocou na Via do Roſario.

Prov. 30.18. 19.

519 Neſte meſmo Texto, como commenta Santo Ambroſio em differentes lugares, Chriſto he a Serpente, Chriſto a Náo, & Chriſto a Aguia. A Serpente: *Sicut Moyſes exaltavit Serpentem in deſerto*: a Náo: *Navis inſtitoris de longè portans panem ſuum*: a Aguia: *Aquila grandis magnarum alarum.* Serpente nos Myſterios da Encarnaçaõ, em que Deos ſe fez viſivel para nos dar vida: *Qui percuſſus aſpexerit Serpẽtem, vivet.* Náo nos Myſterios da Paixaõ, em que a tempeſtade dos tormentos o meteo no fundo do mar: *Veni in altitudinem maris: & tempeſtas demerſit me.* Aguia nos Myſterios da Reſurreiçaõ, & Aſcẽçaõ, em que ſubindo nos abrio o caminho do Ceo, & nolo moſtrou voando: *Sicut Aquila provocans ad volandũ pullos ſuos, & ſuper eos volitans, expandit alas.* E porque ha muitos coraçoẽs, nem Chriſtaõs, nem ainda humanos, huns duros, & rebeldes, como as pedras, outros inquietos, & perturbados, como o mar, outros leves, & inconſtantes, como o ar: nos quaes os paſſos da Vida, Morte, & Reſurreiçaõ do Filho de Deos naõ imprimẽ os veſtigios, que na paſſagem, que fez por eſte mundo, deixou ſeu exemplo nelle; para aco-

Ioan. 3. 14. Prov. 31. 14. Ezech. 17. 3. Numer. 21. 8. Pſalm. 68. 3. Deuter. 32. 11.

acodir a este descuido, a este esquecimento, & a esta grãde ingratidaõ, a Soberana Mãy do mesmo Senhor, os tornou a estampar pela mesma ordem no seu Rosario: abrindo nelle denovo o Caminho do Ceo, & fazendo daquellas tres Vias cerradas huã Via patente, & manifesta:

Ovid. *Est via sublimis Cœlo manifesta sereno.*

Viam Aquilæ in cœlo, viam Colubri super petram, viam Navis in medio mari.

IIII.

520 MAS porque o Apostolo S. Pedro fazendo mençaõ destes mesmos vestigios, insiste mais nos da paciencia, que saõ os Mysterios Dolorosos, & da Paixaõ: *Passus est pro nobis, vobis relinquens exemplum, ut sequamini vestigia ejus* : ainda que no Rosario temos bẽ sinalada, & expressa a Via, parece, que esta naõ pôde ser Lactea. Via sim, mas Lactea naõ, senaõ sanguinea; porque os vestigios, que a sinaláraõ, foraõ estampados em sangue. Se Christo remìra o mundo morrendo a maõs de Herodes, quando pendente dos braços, & peitos da Virgem Mãy, se alimentava de seu leite; no tal caso a Via, que juntamente começava, & acabava com a vida, bem se podia chamar Lactea. Mas isto, nem foi, nem havia de ser; porque jà estava vedado na Ley, em que Deos mandava, que o Cordeiro se naõ cozesse no leite de sua mãy: *Non coques agnum in lacte matris suæ.* No qual preceito, como notáraõ S. Chrysostomo, & Santo Agustinho, se declarou o decreto divino, de q̃ Christo naõ morresse na Infancia, senaõ na idade de Varaõ perfeito. Logo os vestigios, que o mesmo Senhor nos deixou de sua Paixaõ, ainda que nesta parte sinalaõ, & demostraõ bem a Via, como estampados em sangue, com a cor porèm do mesmo sangue, parece, que lhe tiraõ o nome de Lactea.

1. Petr. 2.21.

Exod. 23. 19. LXX. legunt Agnum. August. q.90. Chrysost. Homil. de Innocentib.

521 Assim parece, mas naõ he assim. Ainda na parte, em que o Rosario se compoem dos Mysterios Dolorosos, & da Paixaõ, & Sangue de Christo, digo, que proprijssimamente he Via Lactea: & porque?

porque? Porque assim como todo o leite he sangue branco, por ser sangue convertido em leite: assim o Sangue da Paixaõ de Christo, por ser Sangue tambem convertido em leite, he propriissimamẽte sangue branco. Vio S. Joaõ no seu Apocalypse huã grãde multidaõ de todas as Naçoẽs, & Gentes do mundo, todos vestidos de estolas, ou roupas brancas: *Amicti stolis albis*: & a razaõ desta brãcura dos vestidos lhe disse hũ dos Vinte & quatro Anciaõs, que era, porque todos tinhaõ lavado as suas estolas no Sãgue do Cordeiro, & as tinhaõ branqueado nelle: *Qui laverunt stolas suas, & dealbaverunt eas in Sanguine Agni.* A duvida, que traz comsigo a palavra *Dealbaverunt*, atè os olhos a estaõ vendo. Os vestidos de branco, que S. Joaõ vio, saõ todos os Bemaventurados, dos quaes se diz com grande propriedade, que lavàraõ as suas estolas no Sangue do Cordeiro: porque o Sangue de Christo nos lavou, & lava das manchas do peccado, com as quaes naõ pôde haver Graça, nem Gloria: mas que se diga, que o mesmo Sangue, sendo vermelho, as branqueou: *Dealbaverunt eas in Sanguine Agni?* Sim. Porque o Sangue, cõ que Christo nos remio na Cruz, he Sangue convertido em leite. Assim responde Alberto Magno commentando o mesmo Texto: & dá a razaõ desta sua filosofia: *Quia sanguis per multam decoctionẽ fit lac, ut patet in naturali generatione lactis, quando generatur ex sanguine in mamillis: & quia Sanguis Christi maximè fuit decoctus in Passione, ideo dicitur habere naturam lactis*. O sangue (diz o Grande Alberto) convertese em leite pela muita decocçaõ, como se vé na geraçaõ natural do mesmo leite: & porque o Sangue de Christo teve esta muita, & ultima decocçaõ na Cruz; porisso nella acquirio a natureza, & cor de leite, com que se pode fazer branco. O mesmo pensamento tinha jà declarado S. Bernardo (que foi o primeiro Autor desta sutileza) dizendo em mais breves palavras, que aquellas estolas se fizeraõ brancas no Sangue do Cor-

Apocal. 7. 9.

Ibidem 14.

Albert. Magn. ibi.

Cordeiro; porque he Sangue lacteo: *Candidas in sanguine Agni novelli, sanguine lacteo.* E se o Sangue de Christo por virtude do leite, que recebéo dos peitos de sua Mãy, quando recem nascido (que a isso allude o aditamento de *Agni novelli*) foi sangue cõvertido em leite, & sangue lacteo: os vestigios, que nelle imprimiraõ os Mysterios da Paixaõ, de nenhũ modo impedem a cor, nem o nome de Lactea à Via do Rosario; antes tambem nesta parte a fazem Lactea.

Bernard. Serm. 1. de Die Paschæ.

V.

522 REmovido pois este impedimento, & vindo à occasiaõ, & origẽ, porque a Antiguidade deu à Via Lactea hum tal sobrenome, dirivado mais do leite, que da neve, ou açucena, ou de alguã outra especie igualmente branca; mais parece o caso inventado, & fingido por Mim, que referido pelos Autores da mesma Antiguidade, entre os quaes o jà allegado Manilio o conta desta sorte:

Nec mihi celanda est fama vulgata vetustas
Mollior, & niveo lactis fluxisse licore
Pectore Reginæ Divum, Cælumque colore
Infecisse suo: quapropter Lacteus Orbis
Dicitur, & nomen causa descendit ab ista.

Manil. lib. 1. cap. 9. Astronomic.

Torno a repetir, que mais parece a propriedade do caso, & as mesmas palavras, cõ que se refere, fingidas, & inventadas para o presente Assumpto, que escritas, como foraõ, Mil & quinhentos annos antes. Querem dizer: q̃ a origem da Via Lactea, & occasiaõ de se chamar assim o Circulo Celeste, de que fallamos, foi, porque a Rainha do Ceo, & dos Santos, a fez, & sinalou com o leite dos seus peitos:

—— *Lactis fluxisse licore*
Pectore Reginæ Divum:

& que este mesmo leite lhe deu o nome de Lactea:

—— *Quapropter Lacteus*

Eteus Orbis
Dicitur, & nomen causa des-
cendit ab ista.

Quem he pois a Rainha do Ceo, & dos Santos, senaõ a Virgem Maria Senhora nossa? E qual he o Circulo da Via Lactea, senaõ o do seu Rosario? E qual he, ou foi o leite, com que deu principio a esta Via, senaõ o que manando de seus bemditissimos peitos sustentou o Filho de Deos nos gozosos rudimentos de sua Infancia, que foraõ os primeiros Mysterios do mesmo Rosario? Porisso disse judiciosamente Tertulliano, que na crença dos acontecimentos fabulosos dispoz Deos a Gentilidade para a Fé dos Mysterios verdadeiros. *Tertull.*

523 E para que se veja, quam propriamẽte se correspondem no mesmo Rosario a falsa crença com a Fé, o fingimento com a verdade, & a pintura fabulosa com a realidade do caso: ouçamos o que fez a mesma Senhora do Rosario para o tornar a introduzir no mundo, quando o vio quasi esquecido, & apagado da memoria dos mesmos homẽs, que com tãta devaçaõ, & applauso, o tinhaõ abraçado em seus principios. Elegéo por Restaurador delle ao Beato Aláno, Religioso da Sagrada Familia dos Prégadores, natural da Baixa Alemanha: & constituindoo por sua propria Pessoa naquella grande dignidade, cuja soberania sò conhecia quem a dava: quaes vos parece, que seriaõ as ceremonias de hum acto tam solenne? Primeiramente tirando a Senhora hum colar, de que vinha adornada, em que as joyas preciosissimas, & o numero dellas, formavaõ hum Rosario de inestimavel valor, o lãçou ao pescoço de Aláno, o qual mais postrado, que de juelhos, o recebéo com profundissima humildade. Entaõ abrindo a Rainha dos Anjos, como sahe o Sol de entre as nuvẽs, hum, & outro peito sacratissimo, com o mesmo leite, cõ que tinha criado o Criador, copiosamẽte estilado de ambos, melhor que o Serafim de Isaias, lhe purificou a boca, & lingua, com que havia de prégar o Rosario. Por fim *Isai.6.7*

com

com breves palavras, & de grande mageſtade, lhe declarou, como aquelle era o Caminho do Ceo, & lhe encarregou, que aſſim o enſinaſſe a todo mundo. Com iſto deſappareceó a viſaõ, & ſe acabou o acto. Demaneira, que quando a Virgem, Senhora noſſa, manda prégar, & apregoar o Roſario em todo mũdo, como Via, & Caminho certo do Ceo: naõ ſò dá ao Prégador de ſua maõ o meſmo Roſario, ſenaõ tambem o leite de ſeus peitos: para q́ elle, & todos, entendamos, que aquella Via, naõ ſò tem da meſma Senhora o ſer Via ſua, ſenaõ tambem o ſer Via Lactea.

524 E quanto a ſer Caminho do Ceo, tambem eſta obſervaçaõ naõ faltou à Antiguidade, tam fabuloſa, como credula. Criaõ os Antigos, que aquella Deidade entre todas as femininas ſuprema, a quem elles chamavaõ Rainha dos Deoſes, tinha feito a Via Lactea, para que por ella ſubiſſem os que foſſem dignos do Ceo. Aſſim o diz o meſmo Manilio, acreſcentados, aos Verſos que recitey, eſtes:

Manil. ubi ſupr. *Hàc fortes animæ, dignataque nomina Cælo*
Corporibus reſoluta ſuis, terraque remiſſa
Hùc migrant ex Orbe.

He o que diſſe com a meſma crença Ovidio:

Ovid. ſupr. *Hàc iter eſt Superis ad magni tecta Tonantis.*

Mas antes delles o tinha jà ditto, & profetizado David cõ o proprio ſentido, & quaſi com as proprias palavras: *Et illic iter, quo oſtendam illi ſalutare Dei.* (Pſalm. 49.23.) Elles fallàraõ do Caminho, & Via fabuloſa, & David, da verdadeira, & certa: pela qual ſem duvida ſe ſóbe ao Ceo, ſe conſegue a ſalvaçaõ, & ſe vay ver a Deos. Mas qual he eſte Caminho, & Via certa? Ouçamos todo o Texto, & elle nos dirá, que he o Roſario: *Intelligite hæc qui obliviſcimini Deum: nequando rapiat, & non ſit qui eripiat. Sacrificium laudis honorificabit me: & illic iter, quo oſtendam illi ſalutare Dei.* Ibid. 22

En-

Entendey (diz) efte grande fegredo, vós, que tam efquecidos andais de Deos: para que vos naõ aconteça ir ao Inferno, donde naõ haverá quem vos livre. Honray a Deos cõ o Sacrificio de feus louvores; porque efte he o Caminho, que vos levará ao Ceo. Jà no mefmo Pfalmo tinha Deos renũciado os Sacrificios de fangue, que eraõ bezerros, & cordeiros mortos, os quaes naõ tinhaõ virtude de levar ao Ceo. Porèm agora que enfina o verdadeiro Caminho do mefmo Ceo: *Et illic iter, quo oftendam illi falutare Dei*: cõmuta o mefmo Deos todos aquelles Sacrificios em hum fò Sacrificio, que chama Sacrificio de louvor: *Sacrificium laudis honorificabit me*: o qual Sacrificio confiftia: em que? Confiftia na memoria de Deos, & dos beneficios divinos (que porifſo fe queixa do efquecimento: *Qui obliviſcimini Deum*:) & no louvor, & acçaõ de graças, com que reconhecemos, veneramos, & louvamos a Deos, como Autor dos mefmos beneficios: que faõ os dous actos de Religiaõ, em que fe contém o proprio, & total inftituto, affim Vocal, como Mental, do Rofario.

525 Depois de perdido o genero humano, os beneficios inefaveis, com q̃ Deos o reftaurou, & reftituio ao fim altiffimo para que o tinha criado, foraõ tres: Fazerfe Homem como nós, morrer por nós, & franquearnos por efte meyo o Caminho, & portas do Ceo, onde o gozaffemos. E na confideraçaõ, & agradecimento deftes tres beneficios, fe empregaõ, & dividem as tres partes de todo o Rofario. A primeira nos Myfterios Gozofos, que faõ os da Encarnaçaõ: a fegunda nos Dolorofos, que faõ os da Paixaõ: a terceira nos Gloriofos, que faõ os da Refurreiçaõ, & Afcençaõ. A cadahum deftes beneficios divinos levantou o Rofario finco Altares, em que fe vem hiftoriados os finco principaes Myfterios, & paffos delles. E em cadahum offerece o mefmo Rofario o Sacrificio, que Deos antepoz, & eftima fobre todos: mentalmente na memoria, & confideraçaõ

deraçaõ de cada Mysterio:& vocalmente no louvor,& acçaõ de graças por cadahum em particular. E porque naõ pareça, que ao menos na parte Vocal,& exterior das palavras,& vozes, com que em huã,& outra oraçaõ do Rosario louvamos a Deos, se naõ verifica com propriedade o nome de Sacrificio: a estas mesmas palavras chamou o Profeta Oseas com singular energía, & maior do que cabe na nossa lingua: *Vitulos labiorum*: Victimas da boca. Levay comvosco aos Altares (diz o Profeta) naõ bezerros, ou cordeiros, senaõ palavras sòmente: *Tollite vobiscum verba*: & estas palavras, nas quaes vos offereceis a vós mesmos (que porisso diz, *Tollite vobiscum*) seraõ as Victimas,& Sacrificios, cõ que melhor pagareis a Deos todo o bem, que receberdes de sua divina maõ: *Accipe bonum: & reddemus vitulos labiorum nostrorum*. A razaõ desta differença,& ventagem, he manifesta. Porque nos outros Sacrificios derramase o sangue de animaes sem alma; & nestes (segundo o Texto,

Osee 14. 3. *Ibidem.* *Ibid.*

Effundite coram illo corda vestra) derramaõse os coraçoẽs, & as Almas, em affectos de gosto, de dor, de jubilo, de louvor, & acçaõ de graças, que saõ os que mais honraõ a Deos,& de que Deos mais se honra: *Sacrificium laudis honorificabit me*. Assim declara a preferencia deste Sacrificio o Doutor Maximo S. Jeronimo: mas Eu ainda tenho outro Doutor maior que o Maximo, que he S. Paulo, o qual cõ o mesmo Texto de Oseas declarou o nosso de David: *Per ipsum ergo offeramus hostiam laudis semper Deo, idest, fructum labiorum*. O *Hostiam laudis* he o *Sacrificium laudis* de David: o *Fructum labiorũ* he o *Vitulos labiorum* de Oseas: & hum,& outro, juntos com S. Paulo, nos asseguraõ na Via Lactea do Rosario o Caminho certo do Ceo: *Et illic iter, quo ostendam illi salutare Dei*.

Psalm. 61. 9. *Hebr. 13. 15.*

VI.

526 TEmos mostrado como o Rosario trazendo sua origem dos peitos,& leite purissimo da sempre

pre Virgem, he a verdadeira Via Lactea, em que a Rainha dos Anjos nos abrio hum novo Caminho, ou Estrada real, por onde todos, os que quizerem, podem ir ao Ceo. Mas porque o mesmo Ceo, em q̃ S. Joaõ vio muitas portas, póde ter outros Caminhos: agora entra aqui o preceito, ou conselho de Jeremias, em que a todos os que fazem conta de ir ao Ceo, exhorta desta

Jerem. 6. 16. maneira: *State super vias, & videte, & interrogate de semitis antiquis, quæ sit Via bona, & ambulate in ea: & invenietis refrigerium animabus vestris.* Homẽs Christãos, que tendes Fé, & Esperança, que sabeis, que haveis de morrer, & que depois da morte podeis ir, ou naõ ir, ao Ceo: vede o Caminho, que levais, & antes que façais eleiçaõ do q́ deveis seguir: *State super Vias, & videte*: paray à vista dos Caminhos, que se vos offerecem, & vede bem quaes saõ. *Interrogate de semitis antiquis*: perguntay quaes foraõ os Caminhos, que seguiraõ os antigos, que vivéraõ antes de vós, & qual foi tambẽ a sua vida, & a sua morte. Perguntay (diz) *Interrogate*: & póde ser, que naõ seja necessario perguntar, porque as nossas experiencias, & os nossos olhos nos podem bem informar dos que vimos, se acaso naõ formos tam cegos como elles. Finalmente examinay bem, *Quæ sit Via bona*; qual he a boa, & melhor Via: *Et ambulate in ea*: & caminhay por ella: & ella vos levará ao bom fim, & descanço de vossas Almas: *Et invenietis refrigerium animabus vestris.*

527 Isto he o que Jeremias acõselha a todos os que tem Fé, se tem juizo: & este he o ponto, em que estamos à vista da Via Lactea do Rosario da Virgẽ, Senhora nossa, Caminho muito menos antigo, & muito diverso dos que nos mostrou o proprio Filho de Deos, & seu, Mil & duzentos annos antes. Christo, Redemptor, & Mestre do Mundo, distinguindo os varios Caminhos, por onde todo elle vay, ou he levado, reduzioos a duas Estradas geraes, ou Vias. *Lata porta, &* Matth. 7. 13. 14.
spatiosa Via est, quæ ducit ad perditionem: & multi sunt, qui intrant per eam. Quàm angusta

ta porta, & arcta Via est, quæ ducit ad vitam: & pauci sunt, qui inveniunt eam! Neste mũdo, diz o Senhor, ha duas portas, & duas Vias: huã Via muito larga, & espaçosa, que leva à perdiçaõ: & saõ muitos os que entraõ por ella: outra Via muito estreita, & muito apertada, que guia à Vida Eterna: & saõ poucos, os que a achaõ! Notay, que da Via larga, & da perdiçaõ, que he a de muitos, diz o Senhor, q̃ entraõ por ella: *Et multi sunt, qui intrant per eam:* & da Via estreita, & da salvaçaõ, que he a de poucos, diz, que a achaõ: *Et pauci sunt, qui inveniunt eam*; porque o achar he ventura: & estes saõ os vẽturosos; os outros desventurados. Sendo pois tam grande, & tam clara a differença destes dous Caminhos, & sẽdo forçoso fazer eleiçaõ de hum delles; nenhum homem ha, nem pôde haver, se tem uso de razaõ, que naõ haja de escolher o da Via estreita. Se he Christaõ; porque assim o resolvéo Christo neste mesmo lugar, dizendo: *Contendite intrare per angustam portam.* Se he Gentio; porque assim o entendéraõ, & ensinàraõ os Filosofos, em que he famoso o Bivio de Pitagoras: & se se ama, & naõ se tẽ odio a sy mesmo; porque a Via estreita tẽ por fim a salvaçaõ, & a larga a perdiçaõ. Pois se os motivos, & razoẽs desta eleiçaõ, saõ tam evidentes, & manifestos; como ha tantos, que caminhem pela Via larga, & tam poucos pela estreita? Porque tanto pôde, & tanta he a força, que tem contra a fraqueza humana o presente, & o deleitavel. A Fé olha para o futuro, os sentidos para o presente: o deleitavel da Fé representase ao longe, o dos sentidos gozase de perto: & como estes na Via larga se gozaõ, & na estreita se mortificaõ (posto que na Via larga naõ faltem pesares, como na estreita consolaçoẽs) saõ poucos aquelles, em que cõ prudencia, & valor prevaleça o Espirito contra a Carne, & a sojeite aos rigores da Via estreita: & muitos pelo contrario, os fracos, & cegos, em que a Carne prevalece contra o Espirito, & naõ jà cativo, & violento, mas voluntario, & contente, o leva aos falsos

Luc.13. 24.

gostos

gostos da Via larga.

528 Tudo isto significa aquella grande palavra de Christo, *Contẽdite intrare per angustam portam.* Naõ diz, Entray pela Via estreita; mas, Contendey a entrar por ella. E onde se faz esta contenda, & entre quem? Dentro em nós mesmos, & entre a Carne, & o Espirito. Como os Caminhos saõ sòmente dous, sobre a eleiçaõ de qual se ha de seguir, he que se arma esta contenda, estando o Espirito com o Anjo da Guarda por parte da Via estreita, & a Carne com o Demonio por parte da larga. Mas aqui entrou a Virgem Senhora nossa a partir a contẽda com o seu Rosario. Compadecida a Virgem Maria como Mãy de piedade, & misericordia, dos poucos que caminhaõ à salvaçaõ pela Via estreita, & dos muitos, que se precipitaõ à perdiçaõ pela Via larga; fez outra terceira Via, que he a Lactea do seu Rosario, da qual se pôde fazer nova eleiçaõ sem os receyos de huã, & outra. Como se dissera a Senhora: *Adhuc excellentiorem Viam vobis demonstro.* He o Rosario huã Via meya entre a larga, & a estreita, a qual abraçando as conveniencias de ambas, naõ padece os inconvenientes de cada huã. Na Via larga recease o perigo, na estreita receasse o trabalho: & a Via do Rosario tem o util da estreita sem o trabalho, & o facil da larga sem o perigo. O util da estreita, que he a salvaçaõ, sem o trabalho; porque he muito facil: & o facil da larga sem o perigo, que he a perdiçaõ; porque naõ he trabalhosa, senaõ suave, & porisso mesmo Lactea.

1. Corinth. 12.31.

529 Para aceitar esta terceira Via, & entrar por ella, naõ saõ necessarias cõtendas, nem disputas, entre a Carne, & o Espirito; porque cessaõ as razoẽs da Via estreita, & as da larga: & sem discurso, nem ainda uso da razaõ, a podem abraçar atè os mais fracos, & mais mimosos. Notaveis saõ os termos, com que o Principe dos Apostolos S. Pedro exhorta aos novos Christaõs, do Ponto, Galacia, & Capadocia, a abraçar o jugo suave da Ley de Christo, & crescer na perfeiçaõ della: *Sicut modò* 1. Petr. 2. 2. 3.

ge-

geniti infantes, rationabile sine dolo lac concupiscite; ut in eo crescatis in salutem: si tamen gustastis quoniam dulcis est Dominus. Como infantes recem nascidos appetecey o leite racional da Ley, & Doutrina de Christo, para que cõ ella cresçais, se he que tendes gosto para perceber quam suave he o Senhor. Em duas cousas reparo aqui: a primeira, em chamar ao leite racional, *Rationabile lac*: a segunda, em dizer que o appeteçaõ sendo homẽs adultos, como mininos recem nascidos: *Sicut modò geniti infantes.* Os mininos recem nascidos naõ tem uso de razaõ: pois se quer que elles appeteçaõ o leite sem uso de razaõ, porq̃ chama ao leite racional? Porque he tam racional o mesmo leite em sy mesmo, que naõ he necessario uso de razaõ para o appetecer. O mesmo digo da Via Lactea do Rosario. As outras duas Vias, larga, & estreita, cadahuã tẽ suas razoẽs para serem, ou naõ serem appetecidas; porèm o Rosario he tam racional em sy mesmo, por abraçar as utilidades, & conveniencias de ambas, que naõ he necessario discurso, nem uso de razaõ, para se appetecer, & para se antepor na eleiçaõ a cadahuã das outras. Naõ he necessario o discurso, basta o gosto: *Si tamen gustastis.* S. Pedro diz: *Quoniam dulcis est Dominus*: & nós digamos: *Quoniam dulcis est Domina.*

530 E para que isto se julgue com a experiẽcia dos olhos, sendo a Via, q̃ Christo antepoem à estreita, comparemos a Via estreita de Christo com a Lactea de sua Mãy, & vejamos, qual se deve mais seguramente seguir. O Beato Leaõ, que foi hum dos Companheiros de S. Frãcisco, teve huã visaõ, a que assistio o mesmo Patriarcha Serafico, desta maneira. Representouselhe o grãde Theatro do dia do Juizo, & que de huã, & outra parte, estavaõ arrimadas desde a terra ao Ceo duas escadas, huã vermelha, no alto da qual se via inclinado Christo, & outra branca, & nella do mesmo modo a Virgem Maria: *Alteram purpuream, cui Christus incumbebat, alteram candido colore, cui Maria Virgo Chris-*

Vvandingus in Annal ib. ad an. 1232. *Plati* de Statu Religioso *lib.* 1. *cap.* 14.

Vista

ti Mater innitebatur. Vendo pois S. Francifco eftas duas efcadas, como elle fempre fora o mais exacto feguidor da afpereza, & da Cruz, exhortou a todos feus Religiofos, que fubiffem pela efcada vermelha: o que elles tambẽ fizeraõ com grande refoluçaõ. Mas com que fucceffo? *Alius ex tertio, alius è quarto gradu, alius ex alto miferè decidebant.* Turbados com o afpecto terrivel do Supremo Juiz, que no fim da efcada os efperava: huns cahiaõ logo ao terceiro degrao, outros ao quarto, outros tendo fubido mais alto tambem cahiaõ, todos miferavelmente. E que fez entaõ a charidade, & prudencia de Francifco à vifta defta ruina de feus filhos? Mudou com a experiẽcia de parecer, diffelhes, que todos fe paffaffem à efcada branca: & foi com tanta felicidade, que recebendoos por ella com grande benignidade a Virgem Santiffima; todos, fem nenhum cair, fubiraõ ao Ceo: *Qua clade commotus Francifcus eos ad candidam revocat: ubi blandiffimè à Virgine fufcepti ad unũm omnes in cœlum evaferũt.* Aqui naõ temos neceffidade de entrepor o noffo juizo, pois temos, & tam declarado, o do maior Serafim da terra. A efcada vermelha he a Via eftreita de Chrifto, a branca he a Via Lactea de fua Mãy: & na comparaçaõ de huã, & outra, depois de S. Francifco efcolher a eftreita, convencido da experiencia, o mefmo S. Francifco efcolhéo a Lactea.

531 O tempo, em que fuccedéo efta vifaõ, foi o mefmo, em que S. Domingos, Irmaõ, & Companheiro de S. Francifco, começava a publicar o Rofario. E que efte foffe a Via Lactea da Senhora, fe prova por dous argumentos. O primeiro a cor branca da efcada: *Alteram candido colore*: que he a que deu o nome de Lactea à mefma Via:

Lactea nomen habet, candóre notabilis ipfo. Ovid.

A fegunda, & mais propria, & fem metafora, o modo, cõ que a mefma Senhora encaminhou para o Ceo por outra femelhante efcada a Beata Paula Florentina. Era muito

to devota esta Santa do Minino Jesu aos peitos de sua Sãtissima Mãy: & pagoulhe a Virgem esta devaçaõ com dous notaveis favores. Naõ sò lhe deu a gostar a suavidade do leite de seus peitos, senaõ, q̃ da boca do mesmo Minino o passasse à sua: & logo lhe disse, que Saluctóro Camaldulense lhe mostraria o Caminho do Ceo: o qual Caminho foi huã escada, pela qual subiaõ vestidos de branco os Discipulos de S. Romualdo, de que ella tambem se fez Discipula, & subio pela mesma escada. Desorte, q́ o leite da Senhora foi a disposiçaõ do Caminho do Ceo, & o Caminho do Ceo a consequencia do leite da Senhora: para que ninguem duvide ser esta a verdadeira Via Lactea, & a mais facil, & segura de todas as Vias. Da Via larga nota Santo Ambrosio, q̃ nella, como no mar largo, saõ grandes as tempestades: na Via estreita, como nos estreitos do mar, se levantaõ tambem muitas ondas, & andaõ os mares cruzados: sò pela Via Lactea da Senhora, que he o seu Rosario, se navega sempre por mar leite, & com maré de rosas.

VII.

532 MAS porque estes dous Exemplos, o do Beato Leaõ entre os homẽs, & o da Beata Paula entre as molheres, por serem ambos de Almas justas, & santas, naõ façaõ algum escrupulo, ou causem alguã desconfiança aos peccadores: saybaõ, que se o estado da Graça, & do peccado, saõ dous, & tam differentes, os peitos da Mãy de misericordia tambẽ saõ dous, mas sem differença alguã. *Beata Virgo habet duo ubera geminæ charitatis lac fundentia, quia Reis impetrat veniam, & Iustis Gratiam*: diz Ricardo Victorino. Os dous peitos da Virgem purissima saõ duas fontes de piedade, & amor, q́ igualmente communicaõ o leite a Justos, & Peccadores: aos Peccadores alcançandolhe o perdaõ, & aos Justos a Graça. E se alguem me perguntar: Donde tem o leite da Senhora esta grande virtude sobre os peccados, os quaes

Richard. Vict. ad illa verba Cantic. Duo ubera tua, in 4. sensu.

ſò pôde perdoar ſeu Filho? Reſpondo, que he calidade natural, & propria do meſmo leite, o qual quando Chriſto tomava os peitos de ſua Mãy, juntamente bebia com elle o eſquecimento de noſſos peccados. Grande ditto he eſte, ſe ſe provára; mas a prova naõ he de outra boca, ſenaõ da meſma, que goſtou o leite, & do meſmo Filho, que ſe nutrio com elle.

533 No Capitulo quinto dos Canticos, em que ſe manifeſtaõ os affectos, & os effeitos mais interiores do amor de Chriſto, & ſua Mãy (que ſaõ o Eſpoſo, & a Eſpoſa daquelle Epitalamio) diz Chriſto, que no tempo, em que ſe alimẽtava dos peitos virginaes, com o ſeu leite bebia juntamente vinho: *Bibi vinum cum lacte meo.* Cãt. 5. 1. Eſtas palavras tam notaveis podem ter dous ſentidos: ou q̃ o vinho, & o leite foſsẽ dous licores diſtintos; ou que o leite por ſy ſò tiveſſe o ſabôr, & effeito de ambos. Eſta ſegunda intelligencia he a mais propria, & natural, & ſe prova de outros dous Textos dos meſmos Canticos: *Pulchriora ſunt ubera tua vino. Memores uberum tuorum ſuper vinum.* Cant. 4. 10. Cant. 1. 4. E melhor ainda do terceiro: *Ubera tua ſicut botri.* Cant. 7. 8. Onde os peitos da Senhora com outra ſemelhança tambem camponeza, ſe compáraõ a dous racimos de uvas: para ſignificar, que o leite, & o vinho, ſe eſpremiaõ, & bebiaõ juntamente das meſmas fontes. Iſto poſto, que he o certo, & literal, ſaybamos agora, qual he o myſterio, & porque diz Chriſto, que os effeitos, que cauſava nelle o leite de ſua Mãy, naõ ſò eraõ de leite, ſenaõ tambem de vinho: *Bibi vinũ cum lacte meo?* Cãt. 5. 1. Porque o leite tem ſò por effeito alimentar, & nutrir, & o vinho tem de mais, ſubir a alterar o juizo, & fazer perder a memoria do que dá deſgoſto, & pena. Aſſim o diz, & receita o melhor Interprete das calidades naturaes, Salamaõ: *Date vinum his, qui amaro ſunt animo: bibant, & obliviſcantur egeſtatis ſuæ, & doloris ſui non recordẽtur amplius.* Prov. 31. 6. 7. Aos que tem deſgoſto, & pena, daylhe vinho, para q̃ bebendo, ſe eſqueçaõ, & naõ ſe lembrem mais da ſua dor.

E como nenhuã cousa pôde causar dor, & desgostar, & dar pena a Deos, senaõ aquella, que sò o offende, que saõ os peccados: porisso diz o mesmo Senhor, que quando tomava os peitos de sua Mãy, o leite, que bebia, tinha para com elle os effeitos da doçura do vinho: *Bibi vinum cum lacte meo:* porque he calidade, & virtude natural daquelle nectar purissimo, causar em Deos hum como esquecimento total dos peccados dos homẽs, & trocarlhe de tal modo o juizo, que os naõ haja de castigar, como se nunca foraõ. Naõ he o commento, & declaraçaõ minha, senaõ do Cardeal Hailgrino por estas excellentes palavras: *Potentioris, & uberioris efficatiæ sunt ubera Mariæ Virginis, quàm vinum. Nam vinum inebriare potest hominem, ut præteritarum immemor sit injuriarum, & sit facilis ad condonandum, largus ad dandũ. Ubera verò Virginis, Deum quasi inebriare potuerunt; nam postquam de Matris uberibus lac suxit, ac si cum lactis dulcedine dulcedinem bibisset misericordiæ; projecit ab oculis suis peccata nostra post tergum, & factus est largus ad dandam peccatorum veniam, largus ad dandam gratiam, & operum justitiam.* He o que dos dous peitos da Senhora tinha dito Ricardo em duas palavras: *Peccatoribus veniam, justis gratiam.*

Ibid.

Hailgrinus ibi.

534 Assim que naõ sò os Justos, senaõ igualmente os Peccadores, subindo pela Via Lactea, que com seu leite começou, & com seu leite aperfeiçoou a verdadeira Rainha do Ceo; seguros podem estar de que por graça, & merecimento do mesmo leite, & purificados nelle, chegaráõ a ver, & gozar no mesmo Ceo, a clara, & bemaventurada vista, que sò se concede aos olhos puros. Destes olhos (fallando do corpo mystico de Christo, que saõ todos os Fieis) diz assim o Espirito Santo: *Oculi ejus sicut columbæ super rivulos aquarum, quæ lacte sunt lotæ.* Os seus olhos saõ como as pombas, que sobre as correntes das aguas se laváraõ em leite. Desorte, q̃ estes olhos, semelhantes na brancura, & pureza, às pombas, naõ sò se laváraõ huã

Cant. 5. 12.

vez, senaõ duas: huã vez nas correntes das aguas, & outra vez sobre esta, em leite. E que dous lavatorios saõ estes, hum depois do outro? O primeiro, & de agua, he o do Bautismo, o qual basta para os olhos verem a Deos, mas sòmente os dos Justos, que depois de bautizados conservàraõ a Graça: o segundo, & de leite, he o dos peitos, & piedade da Virgem Santissima: o qual, como segundo Bautismo, he necessario aos olhos dos Peccadores, para q̃ outra vez purificados, & perdoados, possaõ tambem gozar da mesma vista. Mas ainda resta saber, porque meyo se consegue esta segunda purificaçaõ, ou segundo Bautismo do leite da Senhora? Digo, que caminhando pela Via Lactea do seu Rosario. Assim o disse, sem querer, ou sem saber o que dizia, commentando este lugar, o Doutissimo Cornelio. Diz, q̃ o Texto se entende de qualquer Alma: *Quæ Uni Deo, orando, & meditando, intendit*. E que Almas saõ estas, que attendem, & se occupaõ em meditar, & orar a Deos, senaõ as dos devotos do Rosario: cujo exercicio propria, & totalmente consiste em orar a Deos, & meditar seus Mysterios? Estes olhos pois, que orando se levantaõ, & meditando se fixaõ em Deos, posto que tenhaõ sido Peccadores, saõ os que purificados no leite da Senhora, & caminhãdo pela sua Via Lactea, sobem ao ver no Ceo.

Cornelius ibi.

VIII.

535 EU bem sey, que os primeiros Interpretes da Via Lactea sò cõcedèraõ o privilegio desta Estrada aos Heroes, & Varoẽs famosos, que por ella subiaõ a ser Semideoses, como Hercules, os dous Atridas, algũs dos Cesares por lizonja, & os Scipioẽs por façanhas. Mas a allegoria desta fabula (da qual fallou mais sizudamente Marco Tullio) muito melhor se vé cumprida, nos que por virtude do Rosario obràraõ heroicamente maiores maravilhas. He admiravel a este proposito a vitoria de Barac contra Sisara por todas suas circunstancias. O nome de

de Barac, Capitaõ do Exercito Israelitico, quer dizer Rayo, no sentido em que disse o Poeta:

Virg. 6. Æneid. ——— Duo fulmina belli, Scipiadas.

Mas naõ lhe bastaria ser Rayo na guerra para alcançar huã tam prodigiosa vitoria, se naõ fosse soccorrido, & ajudado do Ceo, & mais da terra, como conta, & canta a Escritura no Epinicio do seu triunfo. Do Ceo diz que pelejáraõ contra os inimigos, as Estrellas postas todas por sua

Iudic. 5.20. ordem: *De cælo dimicatum est contra eos: Stellæ manentes in ordine suo.* Da terra diz que fugindo da batalha Sisara vivo, Jael com o leite, que lhe deu a beber, o matou a seu

Ibidem. 25. 26. salvo: *Aquam petenti lac dedit. Percussitque Sisaram.* Agora saybamos, que Estrellas foraõ aquellas, & quem he esta Jael? Jael, que por meyo do leite acabou de consummar a vitoria, he a Virgem, Senhora nossa, diz S. Bernardo. E antes delle, & com mayor elegancia o tinha jà ditto o mesmo Texto, o qual chama a Jael Bemditta entre to-

Ibidem. 24. das as molheres: *Benedicta inter mulieres Jael.* Donde o Anjo tomou as palavras, cõ que saudou a Senhora no primeiro Mysterio do Rosario: & nós a saudamos em todos. E as Estrellas, que pelejáraõ postas em sua ordem, *Stellæ manentes in ordine suo*, saõ as Contas, & oraçoẽs maiores, & menores, enfiadas, & ordenadas no Circulo do mesmo Rosario, com que elle admiravelmente representa a Via Lactea, & se vé na mais certa, & recebida sentença de

S. Joaõ Damasceno: *Lacteus Circulus magnarum, & splendidarum copia abundat, atque idcirco tum ob situm, tum ob Stellarum earum, quæ in ipso sunt, multitudinem, & magnitudinem, lac in ipso effici dictitarunt.* Damasc. Physic. 15. cap. 4.

536 Esta he pois a verdadeira Via Lactea, por onde os mais insignes Heroes da Igreja Catholica, tam famosos pelos exemplos de suas virtudes, como admiraveis pelos prodigios de seus milagres, carregados de gloriosos despojos, naõ sò subíraõ ao Ceo, mas nos ensináraõ o facil, & mais seguro Caminho. Quando na morte de al-

Sueton. in Iulio Cæsar. cap. 88. guã notavel perſonagem, como ſe vio na de Julio Ceſar, apparecia no Ceo algum novo Metheôro, daquelles ſinaes inferia a Gentilidade, que eſtava elle tresladado às Eſtrellas, & collocado entre os Deoſes. E q̃ diremos nós, ſe advertirmos, como notou o doutiſſimo Ricciôlo, que todas as Eſtrellas novas, que neſte Seculo, & no paſſado, apparecéraõ no Ceo, foraõ viſtas, & nolas moſtrou Deos dentro do Circulo da Via Lactea? *Perinde* (diz elle) *ac ſi Galaxia promptuarium eſſet, unde lucida hæc protenta Deus in inferiora hujus mundi, cum voluerit, deſtinet.* *Ricciolus in Metheoris.* Como ſe a meſma Via Lactea foſſe o promptuario, ou theſouro, onde Deos tem depoſitados eſtes protentos de luz, para os moſtrar ao mũdo, quando he ſervido. Iſto diz eſte grande Mathematico, felice Reformador do antigo Almageſto. Mas nós digamos, allegorizando com grande fundaméto eſtas meſmas novidades, que nellas, & com ellas nos quiz ſignificar o Autor da Natureza, & da Graça, que o Roſario de ſua Santiſſima Mãy he a verdadeira Via Lactea; pois todos os Santos, que a Igreja pelos infalliveis decretos da Canonizaçaõ collocou no Ceo, & nos mandou venerar, neſte meſmo Seculo, & no paſſado, todos, ſem exceptuar nenhũ, foraõ particulares devotos do Roſario. Meu Santo Patriarcha Ignacio, tendo ſete horas de Oraçaõ cadadia, o Roſario era a primeira, por onde começava. S. Franciſco Xavier, quando mandava a ſaude aos enfermos auſentes, com o ſeu Roſario lha mandava. S. Frãciſco de Borja com tres novos actos de confuſaõ, de admiraçaõ, & de acçaõ de graças, o meditava, & offerecia. Em S. Luis Beltraõ, & Santa Roſa, naõ ſô era devaçaõ o Roſario, mas profiſſaõ. A Santa Madre Thereſa, como Meſtra do mais elevado Eſpirito, o illuſtrou com ſeus Commentarios. S. Felippe Neri, que todo era Oraçaõ, & vivia della, Santo Thomás de Villa Nova, S. Caietano, S. Franciſco de Sales, S. Felippe Beniſi, devotiſſimos todos da Santiſſima Virgem, & ſeus Myſterios,

rios, todos prégavaõ o Roſario com a voz, todos o enſinavaõ com a penna, todos o perſuadiaõ com o exemplo. Mas aſſim como na Via Lactea huãs Eſtrellas ſaõ grandes, & notaveis, que ſe vem, outras pequenas, & innumeraveis, que ſe naõ podem ver, nem contar: aſſim no Ceo, alèm deſtes grandes Aſtros Canonizados, que conhecemos, & veneramos, ha infinitas outras Almas Bemaventuradas, que là ſubiraõ pela Via Lactea do Roſario: as quaes poſtradas diante do Throno da Soberana Rainha dos Anjos, & naõ eſquecidas dos que ainda militamos neſte Valle de lagrimas, a nós nos dizem: *Hæc eſt Via, ambulate in ea:* & à meſma Senhora, & a ſeu Bemdito Filho, cantaõ, & cantaráõ eternamente: *Beata ubera, quæ ſuxiſti.* *Iſai. 30. 21.*

FINIS.

SER-

SERMAM XXX.

COM O SANTISSIMO SACRAMENTO EXPOSTO.

Iacob autem genuit Ioseph virum Mariæ: de qua natus est Iesus. Matth. 1.

I.

537 NO principio deste fermoso mez, em que a terra ostentando suas galas, nos montes se mostra vestida, & nos valles calçada de flores, com razaõ se dedica tambem a Deos a Rainha de todas, a Rosa. De Rosas vemos alcatifados os Templos, de Rosas adornados os Altares, de Rosas coroadas as Imagẽs dos Santos; & atè entre a fragrancia das Rosas subir ao Ceo o cheiro dos Sacrificios. E quem deu tanto lugar nos lugares sagrados à que sò tinha seu imperio, & dignidade nos campos? Tudo isto merecéo a Rosa natural, por servir à Rosa Mystica. A Rosa natural, que he a que deu o nome ao Rosario, por servir à Rosa Mystica, que he a Virgem Senhora nossa, que do mesmo Rosario tomou o sobrenome. Assim vem a servir huã Rainha a outra Rainha, & huã Rosa a outra Rosa:

sa: & naõ sò a servir, senaõ a receber mercés. Vése hoje a Rosa natural levantada sobre sua propria natureza; porque se a natureza a tinha dotado de muitas virtudes naturaes, a liberalidade, & poder soberano da Rosa Mystica lhas communica, naõ sò novas, mas sobrenaturaes, & milagrosas. Vede, que bom pagador he o Rosario. Porq̃ se a Rosa deu ao Rosario o seu nome, communica o Rosario à Rosa os seus poderes. Antes de benta, ou abendiçoada a Rosa natural, era fermosa para a vista, cheirosa para o olfato, & sabórosa para o gosto: mas hoje depois de recebir a Bençaõ, com que a santifica o Rosario, levantandose sobre a esfera de todos os sentidos, para as enfermidades he a mesma Rosa saude, para os venenos antidoto, para as dores refrigerio, para os coraçoẽs tristes alivio, & atè para os Espiritos Infernaes terror, & assombro. Estas, & outras grandes maravilhas, de cujos exemplos estaõ cheas as Historias Ecclesiasticas, saõ as q̃ obra a Rosa, depois que neste fermoso dia, a que tambem deu o nome, se benze. Mas porq̃ o Assumpto deste ultimo Sermaõ (em que he bem declaremos por fim o Titulo de todos) pertence principalmẽte à Rosa Mystica, & o mystico se funda no natural: o que sò posso prometter nesta breve Proposta, he, que de tal maneira fallarey de ambas as Rosas, comparandoas entre sy, que tudo o que disser da Rosa Mystica, será o que nos ditarem as palavras do Thema. *Ave Maria, &c.*

II.

Ioseph virum Mariæ: de qua natus est Iesus. Matth. 1.16.

538 ASSIM como a fórma suppoem a materia, assim como o retrato imita o original, assim como o edificio se levãta sobre os fundamentos: assim tudo aquillo, que se chama mystico, suppoem, imita, & se fũda sobre o natural. Christo neste mundo foi o David mystico; porque a vitoria, com que sem armas triunfou do mesmo mundo, foi represen-

1. Reg. 17. 50. sentada no desafio,& vitoria, com que David triunfou do Gigante. Christo na Cruz he
Ioan. 3. 14. a Serpente de Moysés mystica; porque assim como os mordidos das Serpentes, olhando para a de Moysés sáravaõ: assim sáraõ do veneno da Serpente Infernal, os q com Fé, & contriçaõ,poem os olhos em Christo crucificado. Christo no Sacramẽto he o Manná mystico; porque assim como com o Manná descido do Ceo se sustentáraõ no Deserto, os que caminhavaõ para a Terra de
Ioann. 6. 59. Promissaõ: assim com o verdadeiro Paõ do Ceo,Christo Sacramentado, se sustentaõ na peregrinaçaõ desta vida,os que caminhaõ para a Gloria, de que o mesmo Sacramento he penhor. Daqui se segue, que sendo a Virgem Maria, Senhora nossa,a Rosa Mystica, como lhe chama a Escri-
Eccles. 24. 18. tura,& canta a Igreja: pela correspondencia, que tem a Rosa Mystica com a Rosa natural, se deviaõ conhecer as excellencias da mesma Senhora,emquanto Senhora do Rosario. Assim o fizeraõ atègora todos os que tratáraõ esta grande materia, considerando na fermosura, na fragancia, nas virtudes medicinaes,& na mesma Magestade natural,com que a Rosa merecéo o Imperio & Coroa de todas as flores, naõ sò a eminencia suprema, com que a Mãy do Criador se levanta inaccessivelmente sobre todas as criaturas; mas os beneficios, & graças, em todo o genero singulares, com que por meyo do seu Rosario soccorre,favorece, empara,& livra, assim nos trabalhos, & enfermidades do corpo, como principalmente nas espirituaes, & da Alma, a todos seus devotos. A este fim se trazem hoje em louvor da Rosa, os versos de Anacreonte, as Descripçoẽs de Plinio, os Exemplos de Cleopatra, os Aforismos de Galeno, as Elegancias Gregas, & Latinas, de S. Basilio, & Sãto Ambrosio; & atè as Fabulas de Venus, & Adonis feridos, que sobre a Coroa Real lhe deraõ à Rosa a Purpura.

539 Eu comtudo debaixo desta superficie géral, & commum, examinando mais interiormente qual seja o mystico,

o mystico, ou mysterioso da nossa Rosa Mystica; acho, q̃ naõ consiste tanto na proporçaõ, & semelhança, com que he parecida à Rosa natural, quanto na dessemelhança, & differença, com que se distingue della, & a excede. Naquella serie juntamente panegirica, & oratoria, com que a Igreja invoca a intercessaõ da Virgem Maria allegando diversos titulos de suas excellencias, & louvores, & pedindo por cadahum delles à mesma Senhora se digne de rogar por nós: he advertencia digna de todo repáro, que sendo todos aquelles titulos verdadeiramente mysticos; só à Rosa unicamente se dé o nome de Mystica. Chamase alli a Senhora, Estrella da Alva: *Stella matutina*: chamase Arca do Testamento: *Arca fæderis*: chamase Torre de David: *Turris Davidica*: chamase Porta do Ceo: *Ianua Cæli*: chamase finalmente, & he invocada com tantos outros titulos: & sendo a Virgem mysticamente Estrella da Alva; porque ella nascẽdo como Precursora do Sol nos annunciou o Nascimento de Christo: sendo mysticamente Arca do Testamento; porque ella sò como Arca do Testamento encerrou a Deos em sy, & o trouxe em suas entranhas: sendo mysticamẽte Torre de David; porque nella como de Torre de David estaõ pendentes todos os escudos, & armas de nossa defensa: sendo mysticamente Porta do Ceo; porque por ella entraõ a gozar a Bemaventurança, todos os Predestinados: & sendo finalmente mysticos todos os outros titulos, que naquella larga Ladainha se allegaõ; porque razaõ nenhum delles se chama mystico, senaõ sò, & unicamente a Rosa, dizendo a Igreja: *Rosa Mystica: Ora pro nobis?* A razaõ sem duvida he, porque nos outros titulos considerase sòmente a semelhança, que tem o mystico com o natural: na Rosa Mystica ha se de considerar, naõ sò a semelhãça, que tem com a Rosa natural, senaõ tambem a differença, & ventagẽs, com que a excede. Ha mystico commum, & mystico por excellencia. O mystico commum consiste por modo géral nas

Ecclef. in Litan. B. V.

pro-

propriedades da ſemelhança: o myſtico por excellencia ſobre as propriedades da ſemelhança acreſcenta por modo particular, & mais ſublime, as ventagẽs da differença. E como entre todos os outros titulos da Senhora ſò o da Roſa he myſtico por excellencia; poriſſo ſò nelle ſingular, & unicamente ſe lhe dà o nome de Myſtica: *Roſa Myſtica.* Myſtica, porque imita a Roſa natural, no que he; & myſtica, ou ſobremyſtica, porque a excede, no que naõ he.

540 No Diviniſſimo Sacramento (que ſò a eſte fim era bem que honraſſe a Feſta da Roſa com ſua preſença) no Diviniſſimo Sacramento, digo, temos maravilhoſamẽte expreſſa eſta diſtinçaõ, ou excellencia de myſtico a myſtico. Pouco ha diſſemos, que Chriſto no Sacramento he o Manná myſtico: & declarãdo o meſmo Senhor eſta famoſa figura do Sacramento, diz aſſim: *Hic eſt Panis, qui de cælo deſcendit. Non ſicut manducaverũt Patres veſtri Manna: & mortui ſunt. Qui manducat hunc Panem, vivet in æternum.* Naõ ſey, ſe reparais, & dividis bem eſtas palavras. Nas primeiras diz, que o Sacramento he como o Manná: nas ſegundas, ſem deſdizer o que tinha ditto, diz que naõ he como o Manná. Nas primeiras diz, que o Sacramento he como o Manná; porque diz, que o Sacramento he o Paõ, que deſcéo do Ceo, aſſim como o Manná deſcia do Ceo: *Hic eſt Panis, qui de cælo deſcendit.* Nas ſegundas diz, que o meſmo Sacramento naõ he como o Manná: *Non ſicut manducaverunt Patres veſtri Manna;* porque os q̃ comiaõ o Manná, morriaõ: *Et mortui ſunt:* & os que comem o Paõ do Sacramento, vivem eternamente: *Qui manducat hunc Panem, vivet in æternum.* Pois ſe Chriſto quer declarar a virtude do Sacramento como Manná myſtico, pelo meſmo Manná natural: porque diz o que era o Manná, & o que naõ era? Porque o Sacramento naõ he Manná myſtico pelo modo commũ, ſenaõ Manná myſtico por excellencia. E o myſtico por excellẽcia, naõ ſò conſiſte na ſe-

Ioan. 6. 59.

semelhança, que tem com o natural, senaõ nas ventagẽs, com que o excede. A primeira propriedade, & ordinaria, he ser como elle; a segunda, & excellente, he naõ ser como elle: *Non sicut.*

541 No mesmo Sacramento, & neste mesmo lugar distinguio maravilhosamente o mesmo Senhor este como, & naõ como: o como da semelhança, & o naõ como da differença. E para que hũ, & outro se distinguissem, & entendessem melhor divididos em duas comparaçoẽs, à comparaçaõ do Manná acrescẽtou outra muito mais excellente, & mais alta. E qual he? *Sicut misit me vivens Pater, & ego vivo propter Patrem: & qui manducat me, & ipse vivet propter me.* Assim como Eu recebi a vida do Padre, & vivo por elle: assim quem me come no Sacramẽto, recebe a vida de mim, & vive por mim. Combinemos agora estas duas cõparaçoẽs, & na primeira veremos claramente o como, & na segũda o naõ como: na primeira o como: *Sicut misit me vivens Pater:* & na segunda o naõ como: *Non sicut Patres vestri mortui sunt.* Desorte, que toda a semelhança, & differença do Sacramento com o Manná se reduz a hum *Sicut*, & a hum *Non sicut:* a hũ Assim como, & a hum Naõ assim como. E isto mesmo, que Christo declarou no Sacramento com duas comparaçoẽs, temos nós em huã sò, comparando a Rosa Mystica com a Rosa natural. Porque a Rosa Mystica em muitas propriedades he como a Rosa natural: *Sicut:* mas em outras mais altas, & sublimes, excede muito a Rosa natural, & naõ he como ella: *Non sicut.*

Ibidem 58.

III.

542 SUpposta pois esta semelhança, & esta differença da mesma Rosa duas vezes, & por dous modos Mystica, naõ determino tratar hoje do mystico commum, que consiste nas propriedades da semelhança; senaõ do mystico por excellẽcia, que consiste nas ventagẽs da differença. O *Sicut*, & a semelhança, que tem a Rosa

Mystica

Myſtica com a Roſa natural, como materia muitas vezes tratada, deixoa, porque a ſupponho ſabida: o *Non ſicut*, & a differença, com que a meſma Roſa natural he excedida da Roſa Myſtica, eſſe ſerá o emprego do Diſcurſo preſente, & a razaõ mais alta, & mais ſublime, porque a Virgem Senhora noſſa ſe chama Roſa Myſtica. Digo pois, q̃ excede muito a Roſa Myſtica à Roſa natural: Em que? Em dous defeitos, que tem a Roſa natural, & em duas perfeiçoẽs, que ſò ſe achaõ na Roſa Myſtica: em dous defeitos da Rainha das flores, & em duas perfeiçoẽs da Rainha dos Anjos. E quaes ſaõ? Saõ tam viſtas pelos olhos, q́ quaſi naõ era neceſſario que ſe diſſeſſem. A Roſa natural he huã flor, que naõ dá fruto, & produz eſpinhas: a Roſa Myſtica he Roſa ſem eſpinhas, & Roſa cõ fruto. Naõ he o Aſſumpto meu, ſenaõ do meſmo Thema, que propuz.

Matth. 1.16. 543 *Iacob autem genuit Ioſeph virum Mariæ: de qua natus eſt Ieſus.* Neſta clauſula do Evãgelho tantas vezes, & por tantos modos batida, & debatida, o que ſempre ſe notou, & ſempre ſe deve notar, he, o que diz o Evangeliſta, & o que naõ diz. Diz, que de Maria naſcéo Jeſu; mas naõ diz de quem naſcéo Maria: diz de quem he Mãy, mas naõ diz de quem he filha. E naõ ſò o titulo do meſmo Evangelho, mas todas as grandes perſonagẽs, que nelle ſe nomeaõ com quarẽta & duas vozes, eſtaõ brádando contra eſte ſilencio. O titulo do Evangelho he, *Liber generationis Ieſu Chriſti*: & ſe he Livro da geraçaõ de Chriſto, & tudo quanto neſte Livro ſe contém, & deve contér, naõ he mais que huã continuada deſcendẽcia de pays a filhos; porque no fim, onde era mais neceſſaria eſta clareza, o que ſò ſe refere, he a geraçaõ do Filho, & ſe calla a geraçaõ da Mãy? Deſde o primeiro aſcendente, que he Abraham, atè o ultimo, que he Joſeph, todas eſtas geraçoẽs vaõ encadeadas com aquelle *Genuit*: *Abraham genuit Iſaac: Iſaac autem genuit Iacob: Iacob autem genuit Iudam*: atè q́ chegando a outro Jacob, diz do meſmo modo o Evangeliſta: Matth. 1.2.

Ibi su-pra. lista: *Iacob autem genuit Ioseph virum Mariæ*. Pois se desde Abraham atè Joseph chega o continuado, & repetido *Genuit*; porque razaõ em chegando, & antes de chegar a Maria, se calla totalmẽte esse *Genuit*, & sò se diz, *De qua natus est*? Porque no *Genuit* estavaõ as espinhas, & no *Natus est* está o fruto: & como a Rosa Mystica Maria he Rosa com fruto, & Rosa sem espinhas; porisso em se nomeando Maria se calla o *Genuit*, & sò se diz, & apregoa, o *Natus est*.

544 A origem das espinhas he quasi tam antiga como o Homem, & tem a mesma antiguidade, que o Peccado Original. Assim o pronunciou Deos na sentença, q̃

Genes.3.17.18. fulminou contra Adam: *Maledicta terra in opere tuo. Spinas, & tribulos germinabit tibi* Eva colhéo o fruto, & Adam as espinhas. E como passáraõ estas espinhas do Peccado Original desde o primeiro Homẽ a todos os outros, & se continuaõ nelles? Por meyo da geraçaõ. Este he aquelle *Autem*, ou aquelle Mas, que em toda a serie das gerações do nosso Evangelho anda sempre, como espinha, pegado ao *Genuit*. Naõ ha *Genuit* nos filhos de Adam, que naõ traga comsigo o seu Mas, & a sua espinha. *Isaac autem genuit Iacob*: Isaac gerou a Jacob; mas ainda q̃ Isaac foi Santo, de seu pay Abraham trouxe a espinha do Peccado Original: *Isaac autem. Iacob autem genuit Iudam*: Jacob gerou a Judas; mas ainda que Jacob foi Santo, de seu pay Isaac trouxe a espinha do Peccado Original: *Iacob autem. Iesse autem genuit David*: Jessé gerou a David; mas ainda que Jessé foi Santo, de Obed seu pay trouxe a espinha do Peccado Original: *Iesse autem. David autem genuit Salomonem*: David gerou a Salamaõ; mas ainda que David foi Santo, de seu pay Jessé trouxe a espinha do Peccado Original: *David autem*. Assim o confessou em nome de todos o mesmo David: *Ecce enim in iniquitatibus conceptus sum: & in peccatis concepit me mater mea*. *Psalm. 50.7.* E como entre todos os filhos de Adam sò a Virgem Maria por graça, & privile-

gio singular, foi izenta do Peccado Original; porisso o Evangelista tendo continuado com o mesmo *Genuit*, cõ o mesmo Mas, & com a mesma espinha, atè Jacob, q̃ gerou a Joseph, Esposo da Virgem: *Iacob autem genuit Ioseph virum Mariæ:* em chegando, ou antes de chegar a nomear Maria, callou totalmente o *Genuit*, & o *Autem*; porque sò Maria, como Rosa por excellencia Mystica, foi Rosa sem espinha.

IIII.

545 ESTA foi a primeira differeça, & singularmente sua, com que a Soberana Rosa Mystica excedéo gloriosamente a Rosa natural. Fallando da mesma Rosa natural S. Basilio, & reconhecendo nella todos os dotes, com que sobre as outras flores a enriquecéo a Natureza; diz, que todas as vezes que a via, lhe causava tristeza, & dor: *Florida quidem est Rosa, sed mihi tristitiam infligit: quoties florem hunc video, peccati mei admoneor, propter quod terra, ut spinas, ac tribulos proferret, condemnata est.* A Rosa (diz Basilio) que com a sua fermosura para todos he alegre, para mim he triste. E porque? Porque todas as vezes que vejo esta flor, me está trazendo á memoria o peccado, pelo qual a terra foi condennada a produzir espinhas. E como as espinhas foraõ pena, & effeito do primeiro peccado; sò aquella Soberana Senhora, que unicamente foi izenta delle, he Rosa sem espinhas. Nas sentenças da cõdennaçaõ do mesmo peccado temos a prova. Para o primeiro peccado do mundo, q̃ foi o do Paraiso, concorréraõ tres complices, a Serpente, Eva, Adam. Pela mesma ordem os condennou Déos a todos tres: & nesta ordẽ tem grande mysterio a primeira sentença, & a ultima. Na primeira sentença foi condennada a Serpente, a que a molher lhe quebrasse a cabeça: *Inimicitias ponam inter te, & mulierem: ipsa conteret caput tuum.* Na ultima foi condennado Adam, a que a terra lhe produzisse espinhas: *Maledicta terra in opere tuo. Spinas,* &

D. Basilius in Exameron.

Genes. 3. 15.

Ibidem 17. 18.

& tribulos germinabit tibi A molher, que quebrou a cabeça à Serpente, todos sabemos, que foi a Virgem Maria no instante de sua Conceiçaõ, que he o ponto preciso, em que a Serpente morde a todos os filhos de Adam, cõcebidos por geraçaõ natural. Porisso o Texto com os termos admiravelmente trocados, primeiro diz, que a molher quebraria a cabeça à Serpẽte, & depois que ella a queIbidem 15. reria morder: *Ipsa conteret caput tuum, & tu insidiaberis calcaneo ejus.* Vindo pois à ordem das sentenças, qual foi a razaõ, & mysterio, porque na primeira quebrou a Molher a cabeça à Serpente, & na ultima produzio a terra as espinhas a Adam? O Peccado Original naõ foi o da Serpente, senaõ o de Adam: pois porque naõ foi o primeiro condennado Adam, senaõ a Serpente? Porque na condennaçaõ, & sentença da Serpente venceo a Molher o peccado: na cõdennaçaõ, & sentença de Adam produzio a terra as espinhas: & como a Molher, que venceo a Serpẽte, foi a Rosa Mystica, Rosa sem espinhas; porisso as espinhas vieraõ tanto depois da Molher, que quãdo a terra produzio as espinhas, jà a Molher tinha quebrado a cabeça à Serpente. Antes da ultima sentença, ainda na terra naõ havia espinhas: *Spinas, & tribulos germinabit tibi:* & quando o peccado produzio as espinhas na ultima sentença, jà a Rosa Mystica na primeira tinha quebrado a cabeça ao mesmo peccado: *Ipsa conteret caput tuum:* & porisso Rosa sem espinhas.

546 Desta anticipada vitoria, com que a Molher venceo o peccado, & a Serpẽte, naõ depois de mordida, senaõ antes de a poder morder, se entẽderá o altissimo, & occulto mysterio, com q̃ Christo no dia da Redempçaõ se coroou de espinhas. A Virgem, Senhora nossa, ainda q̃ izenta de todo peccado, tambem foi remida por meyo da Paixaõ de seu Filho. Naõ remida, como curada depois de ferida; nem remida, como levantada depois de cahida; nem remida, como resgatada depois de cativa; mas remida, como preservada da

ferida, como preservada da queda, & como preservada do cativeiro, que he o mais nobre, & o mais excellente modo de remir, & livrar. No principio deste Evãgelho, q̃ he o Livro da geraçaõ de Christo, emquanto Redẽptor (q̃ isso quer dizer, *Liber generationis Iesu*) chamase o mesmo Senhor, Filho de David, & Filho de Abraham, os quaes tambẽ foraõ Redẽptores. Porque David livrou a Saul do Gigãte, & dos Exercitos dos Filisteos: & Abraham livrou a Loth dos quatro Reys Babylonios, q̃ fizeraõ guerra ao da sua Cidade, & outros. Mas se Abraham, & esta sua vitoria, foi muito primeiro q̃ a de David porq̃ se dá neste Livro do Redẽptor o primeiro lugar a David, & o segũdo a Abraham: *Filij David, filij Abraham?* Porque Abrahã livrou a Loth do cativeiro, David livrou a Saul do perigo: Abraham livrou a Loth depois de estar vencido, & cativo dos Babylonios, David livrou a Saul de que o vencessem, nem cativassem os Filisteos. Ambos remiraõ, & ambos foraõ Redemptores; mas sò David anticipadamente, & preservando. *Metu Regem liberavit, & antequam servitium contribules experirentur, depulit*: diz S. Basilio de Seleucia. E porque este modo de redempçaõ anticipada he muito mais nobre, & glorioso, porisso no Livro do Redemptor, sendo Abraham primeiro que David, se dá o primeiro lugar a David, & o segundo a Abraham. Na mesma terra, que produzio as espinhas, temos a primeira parte desta differença com alluzaõ à segunda. A terra, que produzio as espinhas, foi a terra maldita pelo peccado: *Maledicta terra in opere tuo. Spinas, & tribulos germinabit tibi*: & a terra, que sem espinhas produzio o fruto, foi a terra benditta, & sem peccado, na qual, & da qual nasceo o mesmo Deos: *Benedixisti, Domine, terram tuam.* Assim o cantou o Real Profeta: & logo acrescenta a differẽça das duas redempçoẽs, ou dos dous modos de remir, hum por resgate depois do cativeiro, & outro por preservaçaõ antes delle: *Benedixisti, Domine, terram tuam:* avertisti

Marginal notes: 1. Reg. 17. 50. Genes. 14. 15. & seqq. — Matth. 1. 1. — Basil. Seleuc. orat. 16 — Vbi supr. — Psalm. 84. 2. — Ibidem 3.

avertisti captivitatem Iacob. Remisisti iniquitatem plebis tuæ. Notay a diversidade dos termos. No primeiro diz: Desviastes o cativeiro: *Avertisti captivitatem*: no segundo diz: Remitistes, & perdoastes o peccado: *Remisisti iniquitatem.* O desviar, he por preservaçaõ do perigo: o remittir, he por remedio, & perdaõ do peccado. Mas o desviar o perigo, & o remir por preservaçaõ, foi privilegio singular concedido a huã sò Pessoa: *Avertisti captivitatem Iacob*. E o perdaõ do peccado, depois de encorrido, foi indulgencia universal, que se estendéo a todos: *Remisisti iniquitatem plebis tuæ.*

547 E como o modo de remir por preservaçaõ he muito mais nobre, & glorioso, & a maior gloria de Christo Redemptor foi preservar a sua Mãy, de que naõ fosse tocada das espinhas do peccado; porisso no dia da Redempçaõ formou dellas a sua Coroa, & se coroou das mesmas espinhas, de que a tinha preservado. Clemente Alexandrino dando a razaõ, porque Christo no dia da Redempçaõ se coroou de espinhas, diz, que assim como tinha apparecido entre espinhas, quando remio o Povo de Israel do cativeiro do Egypto; assim se quiz tambem coroar de espinhas, quando remio o genero humano: para mostrar, que huã, & outra Redempçaõ fora obra do mesmo poder: *Quòd primùm per rubum visum fuerat Verbum, per spinam rursus assumptam ostendit se ejusdem potentiæ.* Naõ me atrevo a censurar hum tam grande, & antiquissimo Mestre da Igreja, de que naõ disse bem: mas digo, que disse pouco, & menos do que devera, em affirmar, que huã, & outra Redempçaõ fora obra do mesmo poder. Porque na Redempçaõ do Egypto remio Deos os que estavaõ cativos, & feridos das espinhas, que porisso appareceo na Carça; porèm na Redempçaõ do genero humano, naõ sò remio os feridos das espinhas, que eraõ todos os filhos de Adam; mas preservou a sua Mãy, de que ellas a naõ ferissem: & esta obra naõ foi do

Exod. 3. 2.

Clemẽs. Alex. 2. Pedag. cap. 8.

Ibid.

mesmo poder, senaõ de muito maior. Curar as feridas, he remedio da arte, & obrar como Medico: preservar dellas, he privilegio do poder, & obrar como Senhor. Porisso quando remio o Povo naõ apparecéo coroado das espinhas, & agora, que preservou dellas a sua Māy, sim. Ha quē o diga? Naõ menos que Salamaõ, figura do mesmo Christo: *Egredimini, & videte, filiæ Sion, Regem Salomonem in Diademate, quo coronavit illū mater sua.* Sahi, sahi, filhas de Jerusalem, & vede a Coroa, com que Maria, Māy de Jesu, coroou a seu Filho, assim como Bersabé, māy de Salamaõ, coroou o seu. Da Coroa de espinhas entendem o passo Sāto Athanasio, Sāto Isidóro Pelusióta, & outros. Pois Maria Māy de Jesu, Maria Māy do Redemptor, he a que coroou a seu Filho cō a Coroa de espinhas? Sim. Porque quando elle preservou, & livrou a sua Māy das espinhas, entaõ he que merecéo esta gloriosa Coroa. Quādo o Soldado na guerra preservava da morte, & livrava algum Cidadaõ Romano, de que o naõ matassem, recebia huā Coroa, que porisso se chamava Civica. Assim Christo, porque livrou, & preservou do peccado a sua Māy, merecéo a Coroa, que porisso se deve chamar Materna: *Coronavit illum mater sua.* E naõ tem menor alluzaõ, nem menor energía, o nome do Diadema: *In diadamate.* Vēdo Alexandre Magno ferido a Lysimacho, valente Soldado, tirou da cabeça a Diadema, que naquelle tempo era huā faxa, para que cō ella lhe atassem a ferida. E nunca a Coroa de Alexandre esteve mais gloriosa, que nesta famosa acçaõ, tirada da cabeça do Rey para atar as feridas do Soldado. Se Christo tirára a Diadema para atar as feridas de sua Māy, nē obrára como Rey, nem como Filho; mas porque obrou como Filho, naõ atandolhe as feridas, senaõ preservandoa dellas: porisso com as mesmas espinhas, de que foi preservada, lhe tecéo a Māy a Diadema, com que o coroou como Rey: *In Diademate, quo coronavit illum mater sua.*

Cantic. 3.11. — *D. Athanas. tract. de Passion. & Cruce. Isidor. Pelusiota lib. 1. Epist. 95.* — *Textor in Offic. tom. 1. verb. Coronæ Diversæ* — *Iustin. lib. 15. cap. 3. in fin.*

548 Finalmente, para q̄ se

se veja sem replica, que esta Coroa de espinhas lhe foi devída a Christo, & Christo se coroou com ella, porque remio, & preservou a sua Mãy das espinhas do peccado de Adam: ponhamonos no mõte Moria, onde a primeira vez se representou este mesmo acto com as figuras mais vivas, & todas as acçoẽs mais proprias. Foi Abraham por mandado de Deos sacrificar seu filho naquelle monte, & quãdo levantada jà a espada, naõ faltava mais que a execuçaõ do golpe, tevelhe maõ no braço hum Anjo: & para que ficasse o sacrificio perfeito, foi substituido em lugar de Isaac hum grande Cordeiro, o qual alli apparecéo atado, & coroado de espinhas. Digo coroado, porque para o atarem as espinhas, bastava, que lhe enlaçassem os pés, & ellas naõ o prendéraõ senaõ pela cabeça, rodeãdoa como coroa. Assim o diz expressamente Sãto Agustinho: acrescentando, que o mesmo Cordeiro foi figura de Christo coroado de espinhas na sua Paixaõ: *Illo ariete, qui cornibus ex frutice tenebatur, Iesus*

August. lib. 16. de Civitat.

Christus significabatur, antequam immolaretur, spinis Iudaicis coronatus. Mas vamos ao Texto, & acharemos nelle todas as circunstancias, & propriedades do caso: na idade, na coroa, na redempçaõ, & no modo de remir. *Levavit Abraham oculos suos, viditque post tergum arietem inter vepres hærentem cornibus, quem assumens obtulit holocaustum pro filio.* Foi o Cordeiro semelhante a Christo na idade: *Arietem*; porque Christo padecéo em idade de varaõ perfeito: foi semelhante na coroa: *Inter vepres hærentem cornibus*; porque Christo foi coroado de espinhas: foi semelhãte na redẽpçaõ: *Quem assumens obtulit holocaustum pro filio*; porque o Cordeiro remio o filho, como Christo a Mãy: sobre tudo foi semelhante no modo de remir; porque Isaac foi remido por preservaçaõ. O pay, como diz S. Paulo, imaginou, que Deos o havia de resuscitar: *Arbitrans quia & à mortuis suscitare potens est Deus.* Mas elle naõ foi resuscitado depois de morto, senaõ preservado da morte, para que naõ

Genes. 22. 13.

Hebr. 11. 19.

 morresse.

morresse. Agora pergunto: E a quem remio Christo por modo de preservaçaõ entre todos os nascidos? Naõ ha duvida, que sò, & unicamẽte, a sua Mãy; porque sò ella foi preservada do peccado de Adam, & da maldiçaõ das espinhas, a que por elle foi cõdennada a terra. Logo na preservaçaõ de Isaac foi representada a preservaçaõ de Maria. No sacrificio do Cordeiro, o de Christo: & nas espinhas da Coroa, as espinhas, com que o Filho se quiz coroar por ter preservado dellas a sua Mãy. E porque a Virgem, Senhora nossa, por este privilegio singular, & sò a ella concedido, foi preservada das espinhas do peccado: porisso sò a Rosa Mystica he Rosa sem espinhas: nem teve lugar nella o *Genuit* espinhado, & espinhoso de todos os filhos de Adam: *Iacob autem genuit Ioseph virum Mariæ.*

V.

549 A Segunda excellencia, naõ sò igual, mas ainda maior, com que a Rosa Mystica excede gloriosamente a natural; he ser Rosa com fruto. A Rosa natural he fermosa, mas esteril, como Rachel: a Rosa Mystica he fermosa, como Rachel, & fecũda, como Lia. A Rosa natural he Rainha das flores, mas sòmente flor: a Rosa Mystica, sobre ser a Rainha das Rainhas, he flor com fruto, Mãy com Filho, & Maria com Jesu nos braços: *Mariæ: de qua natus est Iesus.*

550 Nesta differença de dar fruto, ou naõ dar fruto, vay tanto de flor a flor, como de ser a naõ ser. Quãdo Deos lançou a bençaõ de fecũdidade à terra, dandolhe virtude de produzir, & criar, as palavras da bençaõ foraõ estas: *Germinet terra herbam virentem, & lignum pomiferum faciens fructum:* Gen. 1. 11. Bróte a terra as hervas verdes, & as arvores, que produzem fruto. Desorte, que na bençaõ de Deos entráraõ nomeadamente as hervas, as arvores, & os frutos: & sò das flores, parece, q̃ se naõ fez mençaõ; mas sim fez. As flores, que produzem fruto, foraõ comprendidas nos mesmos frutos, que produzem:

duzem: as que naõ produzẽ fruto, ficáraõ contadas entre as hervas. O Cravo, o Lirio, o Jasmim, a Rosa, & todas as outras flores, que naõ daõ fruto, por mais pintadas, por mais fermosas, por mais mimosas, & afidalgadas que sejaõ, todas pertencem ao predicamento das hervas. Este he o lugar, que lhe sinalou David sem outra maior dignidade: *Manè sicut herba transeat, manè floreat, & transeat: vespere decidat, induret, & arescat.* Pelo contrario as flores, que daõ fruto, estas saõ as de que faz todo caso o Soberano Agricultor da natureza. Assim o entendéo a Lavradora das Eglogas de Salamaõ, tam entendida como elle. Exhortava naõ a outrẽ, senaõ ao mesmo Agricultor Divino, a que madrugassem: *Manè surgamus*: & a que sahissem ao campo: *Egrediamur in agrum.* E para que cõ tanto cuidado, & desvelo? Naõ para ver se os prados se vestiaõ de flores, senaõ para saber, se as flores produziaõ frutos: *Videamus, si flores fructus parturiunt.* Os frutos saõ os partos das flores, & as flores, que naõ chegaõ a este parto, saõ abortos. Saõ geradas, como diz Plinio, *in diem*: porque no mesmo dia, em que a vida lhe dá a cor, a fragrancia lhe exhala a vida. Pela manhaã nascẽ, ao Meyo dia adoecem, à tarde morrem: & nem permanecem em sy, nem no fruto, porque o naõ produzem. Logo naõ bastava só à Rosa Mystica para exceder cabalmente a Rosa natural a primeira excellencia de ser Rosa sem espinhas, se naõ tivesse tambem a segunda de ser Rosa com fruto. Jà muito antes de isto ser, estava pintado assim nas idéas do Testamento Velho.

Psalm. 89. 6.
Cant. 7. 12.
Ibid. 11.
Ibid 12.
Plin.

551 Querendo Moysés nomear o Tribu, & a Pessoa, a que havia de pertẽcer o Estado Ecclesiastico, & a Theára do Sũmo Sacerdocio; para evitar os ciumes da emulaçaõ, tam perigosa entre iguaes, ordenou, que todos os Principes, & Cabeças de cada Tribu, trouxessem a sua vara ao Tabernaculo, para q̃ postas no Sancta Sanctorum, & na preseça da Arca, aquella, que milagrosamente florecesse; declarasse, qual era a elei-

eleiçaõ de Deos, & a confirmasse. Fezse assim: & na manhaã seguinte vindo Moysés, & os demais, a reconhecer as suas varas, acháraõ, que a de Aram reverdecida, naõ sò tinha produzido flores, mas flores, & frutos: *Invenit germinasse virgam Aaron: & turgẽtibus gemmis eruperãt flores, qui, folijs dilatatis, in amygdalas deformati sunt.* Este milagre teve duas partes, a primeira necessaria, & a segunda parece que naõ. Que a vara florecesse, era necessario, porque este era o sinal da eleiçaõ divina, em q̃ todos se tinhaõ cõprometido: que alèm das flores désse tambem frutos, naõ era necessario; porque nẽ Moysés tinha proposto esta condiçaõ, nem os demais a esperavaõ. Pois se Deos naõ faz, nem multiplica milagres sem necessidade, porq̃ acrescentou o segundo milagre ao primeiro; & naõ sò fez, que a vara de Aram florecesse, mas que juntamente com as flores produzisse tambem frutos? S. Bernardo, & Ruperto, seguindo a Santo Agũstinho, respõdem, q̃ aquella vara era huã, & representava outra: era a vara de Aram, & representava a vara de Jessé, a Virgem Maria Senhora nossa. E para significar Deos, que escolhia a Aram entre todos os homẽs para o Summo Sacerdocio, bastava, que a vara, emquanto vara de Aram, florecesse: porèm para significar, que o mesmo Deos havia de escolher a Virgem Maria entre todas as molheres para Mãy de seu Filho, era necessario, que a mesma vara, emquanto representava a vara de Jessé, naõ sò produzisse flores, senaõ flores, & frutos juntamente. He o que a Igreja canta da mesma Virgem, & da mesma vara: *Virga Jesse floruit: Virgo Deum, & Hominẽ genuit*: A vara de Jessé floreceo: & a Virgem gerou a Deos Homem. *Virga Jesse floruit*: Eis ahi a flor: *Virgo Deũ, & Hominem genuit*: Eis ahi o fruto.

Numer. 17. 8.

Bernard. Rupertus. August. Serm. 3. de Tempore.

Eccles.

552 No mesmo mysterio temos tudo, & naõ cõ huã sò, senaõ com dobrada confirmaçaõ. O Anjo, que trouxe ao mundo a embaixada, de que Deos se queria fazer Homem, naõ só veyo dirigido à Mãy, senaõ tambem à

Pa-

Patria, de que havia de nascer. Veyo dirigido (diz o Texto) á Patria, que era Na-
Luc. 1. 26. zareth: *Missus est Angelus Gabriel à Deo in Civitatē Galilææ, cui nomen Nazareth*: & veyo dirigido à Māy, que era
Ibid. 27. Maria: *Ad Virginem desponsatam viro, &c. & nomen Virginis Maria.* E porque razaõ, ou com que mysterio, naõ sò se encaminhou o Embaixador, & a embaixada nomeadamēte à Māy, senaõ tambem nomeadamente à Patria? Porq o Filho, que havia de nascer, sendo hum, havia de ser fruto de duas flores: huā flor, q̃ era a Patria, & outra flor, que era a Māy. Ora vede. Nazareth quer dizer flor: & assim a Cidade de Nazareth, como a Virgem de Nazareth, ambas eraõ flores sem esperança de fruto. A Virgem de Nazareth era flor sem esperança de fruto, pelo voto com que se tinha consagrado a Deos de Virgindade perpetua, no qual renunciou voluntariamente toda a esperança de haver de ter filho: sacrificio em que a Senhora foi a primeira entre todas as molheres, & a unica entre todas as daquelle tempo, as quaes anciosamente pelo fruto de sua fecundidade esperavaõ ter parte na geraçaõ do Messias. A Cidade de Nazareth tambem era flor sem esperāça de fruto, & com nota bem particular, ou particularidade bē notavel; porque era proverbio antiquissimo em toda Galiléa, que de Nazareth se naõ podia esperar cousa boa. Esta he a razaõ, porque dizēdo o Apostolo S. Felippe a Nathanael, que tinha achado o Messias, & que era Jesu de Nazareth; Nathanael, como Letrado tam douto em todas as tradiçoēs Hebréas, lhe respondéo: *A Nazareth potest aliquid boni esse?* Por ventura, Ioan. 1. 46.
de Nazareth pôde sair alguā cousa boa? Tal era o estado, em que se achavaõ, a Cidade de Nazareth, & a Virgem de Nazareth, cadahuā dellas flor, & ambas sem esperança de fruto: quando à Cidade, & à Virgem chegou a embaixada celestial, de que na mesma Cidade, & da mesma Virgem havia de nascer o Filho de Deos. E q̃ se seguio daqui? Que a Virgem, como Māy, deu a Christo o nome de Jesu:

Luc. 1. 31. ſu: *Vocabis nomen ejus Ieſum*: & a Cidade, como Patria, deu ao meſmo Christo o ſobrenome de Nazareno: *Quoniam Nazaræus vocabitur.* Matth. 2. 23. E por eſte modo, ſendo Jeſu Nazareno hum ſò fruto, foi fruto juntamente de huã, & outra flor: fruto da flor Nazareth, emquanto Nazareno; & fruto da flor Maria, emquanto Jeſu: *De qua natus eſt Ieſus.*

553 Mas ſe bem a Virgem de Nazareth (como a meſma Nazareth) foi flor cõ fruto; neſta grande prerogativa teve a Roſa Myſtica, huã tam ſingular excellencia, que naõ ſò excedéo a Roſa natural, eſteril, & infructifera; mas a todas as flores, que daõ fruto, fez perder a cor de corridas. As flores, que produzem fruto, todas morrem de parto. Cuſtalhes o parto a vida, & o chegar a dar fruto o deixar de ſer flor. He o que diſſe elegantemente em duas palavras Plinio: *Pereunt, ut pariãt.* Plin. Saõ as flores, como Rachel, que morréo de parto de Benjamim. Vivéo o filho, & morréo a mãy; naſcéo o fruto, & perecéo a flor. O principio do frutificar foi o fim do florecer: & eſta he a triſte penſaõ, com que todos os filhos das flores naſcẽ Poſthumos; porque nem o fruto vio a flor, de que naſcêo, nem a flor o fruto, que produzio. Na vara florecente de Aram he notavel a palavra, com que o Texto Sagrado declara, que as flores deraõ fruto: *Flores in amygdalas deformati ſunt.* Vbi ſupra. Naõ diz, que as flores produziraõ, ou ſe transformáraõ, ſenaõ que ſe deformáraõ em frutos: *Deformati ſunt.* O deformarſe he deformidade, porq̃ he perder a propria fórma. Havemos pois de dizer, que he deformidade das flores o produzir frutos? Sim. Porque quando o fruto recebe a fórma, perde a flor a ſua. Por mais fermoſas que foſſem as flores, em chegando a produzir fruto, jà o que era fermoſura, fica deformidade, perdida a gala, perdida a cor, perdida a fórma, & cahido, & perdido tudo o que lhe dava o nome, & ſer de flor.

554 Naõ aſſim a flor de Nazareth Maria, como fallando com a meſma Senhora argue diſcretamente S. Pedro

Chrysol. Serm. 142. Chrysologo: *In tuo conceptu, in tuo partu crevit pudor, aucta est castitas, integritas roborata est, est solidata virginitas. Virgo si tibi salva sunt omnia, quid dedisti?* Na vossa conceiçaõ, & no vosso parto, Senhora, cresceo a pureza, augmentouse a castidade, fortificouse a inteireza, & confirmouse a virgindade. Pois, Virgem, se nada perdestes, q̃ he o que déstes: *Si tibi salva sunt omnia, quid dedisti?* Bem perguntado, & bem arguido, se a obra fora da natureza. A natureza naõ sabe dar sem tirar: tira, & destrue huã fórma, para dar, & introduzir outra. Mas naõ assim na Chea de graça, em que as Leys da Natureza naõ tiveraõ parte. Deu a graça, & recebéo o Filho a fórma de fruto, sem tirar, nem perder a Mãy a fórma de flor. Se a Rosa natural tivera entendimento, & lhe pergũtassem, porque era flor sem fruto: responderia sem duvida com magestade de Rainha, que antes naõ queria ter fruto, que perder a honestidade, & a honra. O mesmo respondéo a Rosa Mystica, naõ em outro, senaõ no mesmo caso. Quando o Anjo disse à Senhora: *Ecce concipies, & paries Filium*: respõdéo a Virgem conforme o voto, & pressupposto, em que estava firme: Luc. 1. 31. *Quomodo fiet istud, quoniam virum non cognosco?* Ibidem 34. E porque antepoz a hõra, & a honestidade ao fruto; porisso foi flor com fruto, sem perder a honra, & honestidade de flor. Assim o diz a mesma Virgem, & pelas mesmas palavras: *Flores mei fructus honoris, & honestatis*: Eccles. 24. 23. as minhas flores saõ frutos de honra, & de honestidade. *Etenim in arboribus* (commenta Cornelio) *flores simul cũ fructibus existere non possunt, sed erumpente fructu, decidit flos: at verò in sola Deipara super omnem naturæ cursum hæc duo conjuncta reperiuntur.* Cornelius ibi. Diz pois a Virgem, que as suas flores saõ frutos da honra, & da honestidade; porque se os frutos naõ fossem da honra, & da honestidade, quãdo nacessem os frutos, cahiriaõ as flores. E como sò o fruto bemditto da bemditta entre todas as molheres foi fruto da honra, & da honestidade: sò, & unicamẽte nella se acha

o fruto

o fruto junto com a flor, & a flor junta com o fruto: o fruto Jesu, & a flor Maria: *Mariæ: de qua natus est Jesus.*

VI.

555 TEmos visto como a Soberana Rosa Mystica he Rosa sem espinhas, & Rosa com fruto. De hum fruto parece que se naõ podem colher outros frutos: & muito menos das espinhas,
Matth. 7. 16. das quaes disse Christo: *Nunquid colligunt de spinis uvas, aut de tribulis ficus?* Comtudo assim das espinhas, de que careceo a mesma Rosa Mystica, como do fruto, q̃ produzio, havemos nós de colher, naõ sò copiosos, mas
Cant 5 1. preciosos frutos. *Veniat dilectus meus in hortum suum, & comedat fructũ pomorum suorum.* Venha o meu Amado (diz a Virgem Senhora nossa) ao seu Jardim, & colha os frutos de seus frutos, que saõ os mesmos, de que tinha
Cant. 4. 13. ditto: *Cum pomorum fructibus.* E jà temos frutos de frutos, que era a primeira cousa, que parecia nova, difficultosa, ou impropria. O Amado todos sabemos que he por antonomasia Christo: o seu Jardim tambem temos ditto muitas vezes, que he o Rosario. E quaes saõ os frutos, de que se haõ de colher, ou de q̃ se colhem outros frutos? Saõ os Mysterios do mesmo Rosario, nos quaes está repartido o bemditto fruto do Ventre Sacratissimo; & porisso, sendo hum sò fruto, se chama frutos. Para colher pois agora, ou para recolher estes frutos, & para saber, & comprehender, quaes, quantos, quam grandes, quam uteis, & maravilhosos sejaõ; basta sò a memoria do que temos tam largamente historiado, & discorrido nestes trinta Sermoẽs, nos quaes reduzidos ao epilogo de huã sò palavra, mostramos, que no Rosario da Virgem, Senhora nossa, tem seguros seus devotos todos os bens. Todos os bens, ou saõ da Natureza, ou da Fortuna, ou da Graça, ou da Gloria. Os da Natureza saõ a vida, & a saude: os da Fortuna, a riqueza, & a honra: os da Graça, o perdaõ dos peccados, & augmento das virtudes: os da Gloria, a Vista de

de Deos, & Bemaventurança Eterna. E quantos vimos, q̃ desconfiados de todo o remedio humano por virtude do Rosario recuperárão a saude: & estando para morrer, ou condennados à morte, & ainda depois de mortos, tornárão à vida? Quantos, q̃ perdida a fazenda, ou não tendo que perder, da miseria da extrema pobreza surgirão subitamente à opulencia de ricos: & abatida na opinião dos homẽs a honra, se virão mais honrados do que dantes erão? Quantos, que pela continuação, & enormidade dos peccados, quasi desesperados do perdão, se restituirão à Graça? Ou tibios, & imperfeitos nas virtudes, subirão ao grâo mais alto da perfeição? E quantos finalmente, que morrendo impenitentes, & segundo a presente justiça, ou dignos de condennação, ou já condennados, aos quaes arrãcados das unhas do Demonio, & das gargantas do Inferno, se lhe cõcedéo nova vida, com que merecérão a eterna? Estes são os frutos, que se colhem do fruto da Rosa Mystica, emquanto Rosa com fruto.

556 E emquanto Rosa sem espinhas, livranos tambem dellas? Sim. E pelo mesmo modo, & privilegio singular, com que seu Filho a livrou, que he o da preservação. Todos os males, trabalhos, desgraças, & miserias desta vida, são feridas, mais, ou menos penetrantes, com que nos picão, ou trespassão as espinhas de Adam. Assim o confessou David: *Conversus sum in ærumna mea, dum configitur spina*: Convertime nos meus trabalhos, quando nelles, & com elles, se pregavão em mim as espinhas, que nascérão do primeiro peccado. Para evitar estas espinhas, nenhũa prudencia, nenhũa cautella basta; porque os casos subitos, & as desgraças, se levantão debaixo dos pés, & não estão na mão do homem. Que Lavrador ha de imaginar, que semeando trigo, & plantando vides, da seara, & da vinha lhe hão de nascer espinhas? Pois isto he o q̃ succede aos homẽs, que donde tinhão razão de esperar a conveniencia, lhe nasce a desgraça, & em vez de colher fru-

Psalm. 31. 4.

frutos, colhem eſpinhas. Jeremias fallando da ſementeira do trigo: *Seminaverunt triticum, & ſpinas meſſuerunt*: Semeáraõ trigo, & colhéraõ eſpinhas: & Iſaias fallando da planta das vides: *Expectata eſt ut faceret uvas, fecit autem ſpinas*: Eſperava, que da minha vinha houveſſe de colher uvas, & colhi eſpinhas. Deſtas eſpinhas pois naſcidas donde menos ſe podiaõ eſperar, ou temer, & deſtes caſos inopinados, que nenhuã providencia pôde prevenir, & de q̃ nenhuã cautella nos pôde livrar, nos livra a Mãy de Deos por meyo do ſeu Roſario, preſervandonos das meſmas deſgraças, & dos meſmos trabalhos, ſem nós o ſabermos, nem advertirmos.

Ierem. 12.13.

Iſai. 5. 2 ſecundùm LXX.

557 Muitos annos havia, que hum devoto bem intencionado rezava o Roſario; quando o Demonio o tentou com pretexto de maior ſerviço de Deos, naõ a que deixaſſe a devaçaõ, mas a que trocaſſe eſta por outra. Ha tantos annos (dizia comſigo) que rezo o Roſario, ſem que por eſte ſerviço receba nenhuã mercé, ou favor da Virgem Maria; ſinal certo, q̃ lhe naõ agrada: & aſſim parece, que ſerá mais conveniente, que eu ſirva a meſma Senhora, & lhe offereça outro tributo, que lhe ſeja mais agradavel, cõ que mereça algũa remuneraçaõ, que em tãto tempo naõ tenho merecido. Aſſim eſtava eſte homẽ, naõ deliberado, mas inclinado, & vacilante; quando ouvio huã voz, que o chamou por ſeu nome. Quem me chama? diſſe eſpantado. Chamate (continuou a voz) quem quer ſaber de ti, porque te queixas da Senhora do Roſario. Naõ me queixo, reſpõdéo, mas deſcontentame eſta devaçaõ; porque havẽdo tantos annos, que a continúo, nenhum favor tenho alcançado por ella. Oh ingrato, & deſconhecido (replicou entaõ a meſma voz, & com maior aſpereza:) Jà que dizes, q́ nenhum favor alcançaſte pela tua devaçaõ: reſpondeme ao que te quero perguntar. Dizeme: Onde eſtaõ teus irmaõs? Naõ morréraõ todos, & tu eſtás vivo, & ſaõ? Tal, & tal caſa de teus viſinhos, naõ

ardérão, & a tua está em pé? Tantos outros não padecérão tantas desgraças, & infortunios, na fazenda, na honra, na vida, na molher, nos filhos? Pois se a Virgem Maria, como Senhora do Rosario, pelo que tu lhe rezavas, te preservou de tantos trabalhos, desastres, & perigos: como dizes, que te não tem aproveitado esta devação, nem a Senhora por ella te tem feito mercés, sendo estas tam grandes? Ouvindo isto, ficou corrido, & confuso o bem intencionado, mas mal entendido devoto do Rosario. Conhecéo, que querer trocar esta devação por outra, era tentação do Demonio: & vio claramente, que as mercés, q́ sem reparar, nem advertir, tinha recebido, erão mais, & maiores, & muito mais singulares, que quantas elle podia dezejar, nem pedir. Desorte, que os bens, que nos faz, & os males, de que nos livra a Virgem Santissima do Rosario, respondem às duas propriedades da Rosa Mystica, Rosa sem espinhas, & Rosa com fruto. Rosa sem espinhas, de que foi preservada, preservandonos dos males: & Rosa com fruto, de que foi fecundissima, communicandonos os bens: & em huã, & outra excellencia como Mãy do Autor de todos os bens, & Redemptor de todos os males, que he Jesu: *Mariæ: de quâ natus est Iesus.*

VII.

558 TEnho provado o que prometti, & mostrado em huã, & outra Rosa, não tanto a semelhança da natural, quanto a differença, & ventagẽs da Mystica. E pois este ultimo Sermaõ he o fim dos demais, justo será, que tambem nelle, & com elle demos o fim a todos. Mas que direy Eu aos devotos, & não devotos do Rosario, por conclusão, & remate de quanto lhes tenho ditto? Sejão por despedida dous desenganos: hum, com que nos amoesta a Rosa natural a brevidade desta vida, & outro, com que nos lembra a Rosa Mystica os riscos, & Eternidade da outra.

559 Estava callado o mais Eloquente de todos os

Profetas, Iſaias, quando ouvio huã voz do Ceo, aqual lhe mandava que brâdaſſe: *Vox dicentis, Clama.* E como o Profeta perguntaſſe o que havia de brâdar: *Et dixi, Quid clamabo?* reſpondéo a voz: *Omnis caro fænum, & omnis gloria ejus quaſi flos agri. Exſiccatum eſt fænum, & cecidit flos.* O que has de brâdar com taes vozes, que todos te ouçaõ, he, que a vida do homem he, como o feno verde, & toda a ſua gloria; como a flor do campo: ſeccouſe a verdura, cahio a flor. Tal he a brevidade da noſſa vida: & naõ ha flor, que naõ eſteja brâdando: Homẽs, aprendey de mim. Poriſſo dizia o mais deſenganado de todos: *Homo natus de muliere, brevi vivens tempore; &c. Qui quaſi flos egreditur, & conteritur.* E ſe qualquer flor he eſpelho para a vida humana, & deſengano para a brevidade della, quanto mais a que mais florece, & menos dura que todas, & a que he a flor das flores, a Roſa?

Iſai. 40. 6. 7.

Iob. 14. 1. 2.

Quàm longa una dies, ætas tam longa Roſarum:
Una dies aperit, conficit una dies. Auſonius.

Toda a idade, ou idades da Roſa, naõ tem mais duraçaõ que de hum ſò dia, em que naſce, vive, & morre. O meſmo Sol, que a vio de manhaã freſca, & fermoſa, de tarde a deixou murcha, & ſecca. Cõ tam apreſſado voo paſſa a Roſa a carreira da vida, ſendo nova prégadora cadadia da brevidade da noſſa. Tal he o documento, & deſengano, que nella cõſideraõ, Poetas, Oradores, & Santos: moralidade que algum dia me parecéo demaziadamẽte encarecida, & eſtreita; mas hoje vejo, que ainda he larga. Neſte meſmo Mayo de Mil ſeiſcentos, & oitenta & ſeis, em que eſcrevo eſta regra, & naõ ſey ſe chegarey a acaballa, mais larga vida he a da Roſa na Europa, que a dos homẽs na America. Là toda a Roſa tem de vida hum dia inteiro, cà muitos homẽs (que tal he a força do mal preſente) naõ chegaõ a ter ametade do dia, nem duas horas, nem huã, arrebatados

rebatados da saude à morte, sem passar pela enfermidade. Este he o Clima mais benigno, estes os Ares mais puros, esta a Terra mais sadía, esta he hoje a Bahia. Mas que importa, que a Terra, o Ar, & as Influencias dos Astros se mudem, ou naõ mudem, se todos trazemos dentro em nós o veneno da propria mortalidade. As treguas da vida sempre duvidosa, & incerta, poderáõ durar mais, ou menos; mas finalmente se ha de morrer. Finalmẽte (torno a dizer) se ha de morrer. E se a disposiçaõ mais robusta, & a idade mais florente, naõ tem hum dia, nem huã hora, nem hum momento seguro: que deve fazer cadahum neste universal desengano da vida, senaõ tratar da eterna.

560 Este he o fruto, & de summa importancia, que da Rosa natural, que naõ dá fruto, devem colher os que tem Fé, & Juizo. E porque dos riscos da Eternidade sò nos pôde livrar a Rosa Mystica, seja a segunda conclusaõ, & ultimo desengano, que sò debaixo do patrocinio da Virgem Maria, Senhora nossa, se pôde esperar, & conseguir a Vida Eterna com firme, & segura confiança. Nella, & por ella se salvaõ, todos os que se salvaõ: & sem ella, & porque sem ella, porisso se perdem, quantos se perdẽ. Ouvi concordes na mesma, & admiravel sentença, a dous insignes Interpretes dos Arcanos Divinos, Santo Anselmo, & S. Boaventura: *Sicut, ò Beatissima, omnis à te aversus, & à te despectus, necesse est ut intereat: ita omnis ad te conversus, & ad te respectus, impossibile est ut pereat.* Assim como, ò Virgem Beatissima, todo aquelle, que se aparta de vós, & vós apartais delle vossos misericordiosos olhos, necessariamẽte se perde: assim aquelle, que se cõverte a vós, & vós pondes nelle os olhos de vossa misericordia, & piedade, impossivel he, que se naõ salve. As palavras, *Necesse est*, & *Impossibile est*, saõ as mais apertadas, que se podem dizer, nem imaginar. E estes saõ os termos, porque fallaõ, com approvaçaõ géral dos Theologos, aquelles grandes Doutores, & tam alumiados do

D. Anselm. de laudib. Virg. *D. Bonavent. in Pharetr. cap. 5.*

Ceo. Quanto à primeira parte, he notavel a consequencia da terceira, & quarta palavra de Christo na Cruz: a
Ioan.19 26. terceira foi: *Mulier, ecce Filius tuus*: na qual Christo deixou a S. Joaõ sua Mãy: a
Matth. 27.:46. quarta foi: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* na qual se queixou de se ver deixado de Deos. Pois quando Christo deixa sua Mãy, entaõ se vé deixado de Deos? Sim. Porq̃ Christo na Cruz, como tinha tomado sobre sy nossos peccados, fazia figura de peccador: & segũdo a propriedade desta figura, que representava (nesta representaçaõ digo, & segundo a propriedade desta figura, que representava) foi consequencia natural, que se visse deixado de Deos, quando acabava de deixar a sua Mãy: porque todo o peccador, que deixar a Mãy de Deos, necessariamente se verá tambem deixado de Deos: *Necesse est ut pereat.* Pelo cõtrario (quãto à segunda parte) S. Joaõ no mesmo Theatro do Calvario fazia figura dos Predestinados, que porisso nomeadamente se chama alli o Amado: *Discipulum, quem diligebat*: & aquelle, a quẽ Deos dá a Virgem Maria por Mãy: Ioan.19 26.
Ecce Mater tua: & elle a aceita, & serve como tal: *Et ex illa hora accepit eam Discipulus in sua*: assim como os Predestinados naõ podem deixar de se salvar; assim he impossivel, que elle se perca: *Impossibile est ut pereat.* Ibidem 27.

561 Suppostos estes dous desenganos, hum do fim desta vida, que naõ pôde tardar muito: & outro da vida sem fim, que sò se pôde assegurar, ou perder, no patrocinio da Mãy de Deos, ou falta delle: o que resta, he, que todos servindo com verdadeira devaçaõ à mesma Senhora, procuremos merecer, & alcançar o patrocinio, & amparo de sua poderosissima Graça. Oh quẽ me dera nesta ultima despedida poder persuadir, & meter na Alma de todos esta resoluçaõ! Mas porque naõ fio tanto da fraqueza do meu Espirito: ouvi ao devotissimo, & espiritualissimo Thomás de Kempis, exhortãdo a seus ouvintes em semelhante caso: *Eligite hanc benignissimã Matrem Iesu in Matrem specialem,* Thomas à Kempis 3. p. Serm. 2.

cialẽ, & advocatam ante mortem: & salutate eam Angelica Salutatione frequenter, quia hanc vocem audit valdè libenter. Elegey a benigniſſima Mãy de Jeſu por eſpecial Mãy voſſa, & avogada antes da morte, & ſaudaya frequentemente cõ a Oraçaõ da Ave-Maria, & Saudaçaõ do Anjo, cuja voz ſempre ouve com grande vontade, & lhe agrada muito, por mais que ſe repita muitas vezes, como fazemos no Roſario. *Mariam ſalutate*: Sauday a Maria: *Mariam invocate*: Invocay a Maria: *Mariam cogitate*: Meditay em Maria: *Mariam nominate*: Nomeay a Maria: *Mariam honorate*: Honray a Maria: *Mariam ſemper glorificate*: Glorificay ſempre a Maria. E porque naõ baſtaõ ſò as vozes, & louvores da boca; acompanhay a Maria em todos os Paſſos de ſua vida, & de ſeu Filho: *Cum Maria ambulate*: que he a ſegunda, & mais interior parte do meſmo Roſario. *Cum Maria Ieſum quærite*: Com Maria buſcay a Jeſu: *Cum Maria Ieſum in ulnis portate*: Cõ Maria trazey a Jeſu nos braços: *Cum Maria, & Ieſu in Nazareth habitate*: E cõ Maria, & Jeſu moray em Nazareth: que ſaõ os Myſterios Gozoſos. *Cum Maria in Ieruſalem ite*: Com Maria ide a Jeruſalem: *Cum Maria juxta Crucem Ieſu ſtate*: Com Maria eſtay junto da Cruz de Jeſu: *Cum Maria Ieſum plorate*: Com Maria lamentay a morte de Jeſu: *Cum Maria Ieſum ſepelite*: E com Maria o ſepultay: que ſaõ os Myſterios Doloroſos. *Cum Maria, & Ieſu reſurgite*: Cõ Maria, & Jeſu reſuſcitay: *Cum Maria, & Ieſu Cœlos aſcendite*: Com Maria, & Jeſu ſubi ao Ceo: *Cum Maria, & Ieſu vivere, & mori deſiderate*: E cõ Maria, & Jeſu dezejay viver, & morrer neſta vida, para os gozar na outra: que ſaõ os Myſterios Glorioſos.

561 Aſſim deu fim à ſua exhortaçaõ o Eſpirito extatico de Thomás, ſem nomear o Roſario, nem cuidar nelle; porque o Eſpirito, & Alma deſta devaçaõ, naõ conſiſte no nome, que lhe deu a Roſa natural, ſenaõ no myſtico dos Myſterios, de que he

composto. E esta foi, & he a razaõ, porque no principio offereci, & agora torno a offerecer à Soberana sempre Virgem, minha Libertadora, & Senhora, estes dous pequenos, & mudos tributos da jà cançada penna, debaixo do nome sem voz de Rosa Mystica.

VIII.

563 TRes defeitos grãdes reconheço, & confesso nelles, os quaes, posto que tarde, como contriçaõ na hora da morte, me ha de ensinar a emendar a mesma Senhora, & Mestra do Rosario. O primeiro defeito he a Largueza dos Sermoẽs: o segundo a Eleiçaõ dos Assumptos: o terceiro a Indignidade do Prégador. A Largueza dos Sermoẽs, que sendo no numero trinta, na extençaõ saõ mais de sessenta; & porisso molestos a quem os ler. A Eleiçaõ dos Assumptos, que para os doutos poderiaõ ser mais levantados, para o vulgo mais claros, & para todos mais uteis. A Indignidade do Prégador, que tanto diminue o credito na doutrina, como a Fé em quẽ a ouve. Mas todos estes defeitos supprirá hum sò Sermaõ summamente breve, summamente util, & de summa authoridade, & dignidade. Assim como Deos tendo fallado primeiro pelos Profetas, depois, como notou S. Paulo, fallou por seu proprio Filho: *Olim Deus loquens in Prophetis: novissimè locutus est nobis in Filio:* Hebr. 1. 1. 2. assim tambẽ tendo muitas vezes prégado o Rosario por S. Domingos, & seus Filhos, ultimamente o prégou, & ensinou a prégar por sua propria Mãy: *Novissimè locutus est nobis in Matre.* Quando S. Domingos na Festa de S. Joaõ Evangelista, tendo estudado hum doutissimo Sermaõ para prégar na Cathedral de Nostra Dama a toda a Corte, & Universidade de Paríz, lhe mandou a Soberana Virgem, que prégasse do Rosario, como jà referi: metéolhe na maõ a Senhora hum Livro, dizendo, que alli estava escrito hũ Sermaõ do Rosario, & q̃ assim lhe mandava, que o prégasse, & se devia prégar. Este Ser-

maõ

maõ pois brevíssimo, utilissimo, & dignissimo, reservey, & poupey para este ultimo lugar, naõ como coroa, mas como retractacçaõ, & emenda dos meus, dezejando, quãdo menos, acabar bem.

564 O modo de prégar de Christo, Sabedoria infinita, todo era por parabolas, & este Sermaõ da Mãy da mesma Sabedoria todo he por supposiçoẽs, & perguntas, para que nós tiremos as consequencias. Fortissimo modo de persuadir, & evidẽtissimo. Diz pois, ou pergũta assim a Soberana Prégadora do Rosario. Dizeyme: Se hum Reyno estivesse falto de successaõ, por ser a Rainha esteril, & lhe offerecessem huã Pedra preciosa, por virtude da qual ficasse fecunda, naõ a aceitaria com muito gosto? Nesta pergunta alludia a Senhora à Rainha Dona Brãca de França, q̃ por virtude do Rosario, naõ tendo Successor o Reyno, alcançou hum filho, & tal filho, como S. Luis. Agora falla em géral cõ todos, fazendo pelo mesmo modo differentes perguntas.

565 Dizeyme: Quem ha de passar por terra de inimigos, naõ procura levar hũ Salvo conduto, com que lhe dem a passagem livre? E se o caminho he escuro, & denoite, naõ estima muito huã Luz, que vá diante, & o guie? E se he deserto, & despovoado, naõ deve prevenir, & levar comsigo o Viatico? E se cançado de caminhar acha huã Arvore sombria, & huã Fonte fresca, naõ tem este por hum grande alivio, & regalo?

566 Mais: Se na terra, em que viveis, fossem todos tam pobres, ou tam avarentos, que pedindo vós esmola de porta em porta, ninguem vola désse, & tivesseis noticia de hum Princepe muito rico, & muito misericordioso, naõ vos chegarieis a elle? E se a mesma terra se abrazasse em peste, & vos inculcassem hum Antidoto, contra o qual naõ tivesse forças o contagio, naõ o comprarieis logo, & trarieis junto ao coraçaõ? E se as Sentinellas dêssem rebate, & chegassem a bater a Cidade Exercitos inimigos, naõ vos acolherieis ao Castello mais forte?

Fi-

567 Finalmente: Se eſtiveſſeis metido, & afferrolhado em hum carcere ſem eſperãça de liberdade, & vos offereceſſem huã Chave,cõ que abrir as portas, & ſair delle, naõ bejarieis a maõ de quem vola déſſe, & vos porieis em ſalvo? Ou ſe tiveſſeis offendido o Rey com graves crimes de Leſa Mageſtade,eſtando jà para ouvir a ſentença de morte com confiſcaçaõ de todos os bens, & perpetua infamia: naõ ſolicitarieis por todas as vias,& a todo o preço,a graça, & patrocinio da Rainha, para que vos valeſſe naquelle perigo, & vos alcançaſſe perdaõ?

568 Iſto he o que préga, & eſtas ſaõ as perguntas,que faz a Virgẽ do Roſario,ſuppondo, que o meſmo Roſario he o Salvo conduto para os inimigos, a Luz para as trevas, o Viatico para o deſerto, a Arvore ſombria para o Calor, a Fonte freſca para a ſede, o Rico miſericordioſo para a eſmola, o Antidoto para a peſte, o Caſtello forte para a guerra,a Chave para o carcere: & ſobre tudo a meſma Senhora,a Rainha ſò poderoſa,para aplacar,& alcançar perdaõ do Rey offendido, & irado. O que agora reſta, he, que cadahum reſpõda a eſtas perguntas, & ſobre eſtas ſuppoſiçoẽs tire as conſequencias. Haverá algum, tam mal entendido, & tam inimigo de ſy meſmo, & da ſua ſalvaçaõ, que naõ infira daqui,& ſe perſuada,& reſolva, a procurar o patrocinio, & amparo da Senhora do Roſario, & por meyo do meſmo Roſario a ſe introduzir na ſua Graça? Ouçaõ todos,& conſiderem, & meditem devagar, as forças deſte fortiſſimo Sermaõ, & as evidencias deſte invencivel Diſcurſo. E os que reſponderem, como devem, às perguntas, bem podem ajuntar às ſuppoſiçoẽs, que ſem duvida ſaõ do numero dos Predeſtinados para a Gloria: *Quam mihi,& vobis:&c.*

FINIS. LAUS DEO.

INDEX

INDEX

Dos Lugares da Sagrada Escritura.

Os Numeros, significaõ as Paginas, & as Colunas.

Ex Lib. Genes.

Cap. 1. v. 1. *IN principio creavit Deus Cælum, & terram.* Pag. 368. col. 1.

v. 2. Spiritus Dei ferebatur super aquas. pag. 436. col. 1.

v. 3. Fiat lux. Et facta est lux. pag. 367. col. 2.

v. 5. Appellavitque lucem diem. pag. 367. col. 2.

Ibid. *Factum est vespere, & manè, dies unus.* pag. 151. col. 2. in fin.

v. 10. Congregationes aquarum appellavit mária. pag. 436. col. 1.

v. 11. Germinet terra herbam virentem, & lignum pomiferũ faciens fructum. pag. 502. col. 2.

v. 25. Vidit Deus quòd esset bonum. pag. 202 col. 1. in fin. & seqq.

v. 27. Creavit Deus hominem ad imaginem, & similitudinem suam. pag. 340. col. 1.

v. 31. Vidit Deus cuncta, quæ fecerat: & erant valde bona. pag. 202. col. 2. in med. & seqq.

Cap. 2. v. 2. *Requievit die septimo.* pag. 286. col. 2. in med.

v. 8. Plantaverat autem Dominus Deus Paradisum voluptatis :::: in quo posuit hominem. pag. 121. col. 1. in princip.

v. 10. Et fluvius egrediebatur de loco voluptatis ad irrigandum Paradisum. pag. 121. col. 1. in med. & seqq.

Ibid. *Inde dividitur in quatuor capita.* pag. 123. col. 1. in princip.

v. 16. Præcepitque eis, dicens: Ex omni ligno Paradisi comede: &c. pag. 400. col. 2.

v. 21. Replevit carnem pro ea. pag.

pag.367.col.2.
v. 22. *Ædificavit Dominus Deus costam, quam tulerat de Adam, in mulierem: & adduxit eam ad Adam* pag 63. col. 1.in princip. & in fin.
Cap.3.v.1. & seqq. *Sed & serpens erat callidior: &c.* pag.334.col. 1.& pag.400.col.2.
v.8. *Deambulantis in Paradiso ad auram post meridiem.* pag. 334.col.1. in fin.
v.15 *Inimicitias ponam inter te, & mulierem.* pag.24. col. 1. in med.& pag.496.col.2.in fin.& seqq.
Ibid. *Ipsa conteret caput tuum, & tu insidiaberis calcaneo ejus.* pag. 24 col. 2. in med. & pag. 496 col.2. in fin. & seqq.
v.17. *Maledicta terra in opere tuo.* pag.495.col.1. & seqq.
v.18. *Spinas, & tribulos germinabit tibi.* pag. 495. col. 1. & seqq.
Cap.4 v.25. *Posuit mihi Deus semen aliud pro Abel.* pag. 367. col.2.
Cap.6.v.6 *Tactus dolore cordis intrinsecus.* pag. 195. col. 1. in princip.
Cap.7.v.18. *Porrò Arca ferebatur super aquas.* pag. 28. col. 2. in princ.
v.20 *Quindecim cubitis altior fuit aqua: &c.* pag. 28. col. 1. in fin.& pag 322.col.1 in fin.
v.22. *Cuncta, in quibus spiraculum vitæ est in terra, mortua sunt.* pag.28 col.2.in med.
v.23. *Remansit autem solus Noe, & qui cum eo erant in Arca.* pag.28.col.2.in med.
v.24. *Obtinuerunt aquæ terram centum quinquaginta diebus.* pag.28. col 1.in fin.
Cap 12.v.1. *Egredere de terra tua, & de cognatione tua.* pag. 454. col.2.
v.4. *Egressus est itaque Abram, sicut præceperat ei Dominus.* pag.455.col.1.
Cap.14.v.1.& cap.15.& seqq. *Factum est in illo tempore: &c.* pag.498.col. 1. in med.
Cap.16.v.1. *Ancillam Ægyptiam nomine Agar.* pag 154. col. 1.
v.15 *Peperitque Agar Abræ filium.* pag.154.col.1.in fin.
Cap.18.v.24. *Si fuerint quinquaginta justi in Civitate.* pag 312. col.1.
v.32. *Non delebo propter decem.* pag.312.col.1.
v 33. *Abiitque Dominus.* pag. 312. col. 1.
Cap.19.v.21. *Ecce etiam in hoc suscepi preces tuas: &c.* pag. 346. col. 1.
Cap.21.v.10. *Ejice ancillam hanc,*

& filium ejus.pag. 154. col. 2. in med.

Cap. 22. v. 2 *Tolle filium tuum Isaac, & offeres eum in holocaustum super unum montium.pag. 454. col. 2.*

v. 13. *Levavit Abraham oculos suos, viditque post tergum arietem inter vepres hærentem cornibus: &c. pag. 501. col. 2.*

Cap. 27. v. 1. & *seqq. Senuit autem Isaac, &c. pag. 442. col. 2. in fin. & seqq.*

Cap. 28. v. 12. *Vidit scalam stantem super terram, & cacumen illius tangens cælum. pag. 291. col. 1. & pag. 454. col. 2.*

Ibid. *Angelos ascendentes, & descendentes. pag. 292. col. 1. & pag. 320. col. 2.*

v. 13. *Terram, in qua dormis, tibi dabo, & semini tuo. pag. 292. col. 1.*

v. 17 *Non est hic aliud, nisi domus Dei, & porta cæli. pag. 291 col. 1. in med.*

Cap. 29. v. 32. *Vocavit nomen ejus Ruben, dicens: Vidit Dominus humilitatem meam. pag. 224. col. 1. in princip.*

v. 33. *Quoniam audivit me Dominus, vocavitque nomen ejus Simeon. pag. 224. col. 1. in med.*

Cap. 30. v. 6. *Et appellavit nomen ejus Dan. pag. 175 col. 2. in princip.*

v. 8. *Comparavit me Dominus cũ sorore mea, & invalui. pag. 163. col. 1. in fin.*

v. 11. *Dixit: Feliciter. pag. 175. col. 2. in princip.*

v. 13. *Dixit: Hoc pro beatitudine mea: Beatam quippe me dicent mulieres. Propterea appellavit eum Aser pag. 175. col. 2. & seqq.*

v. 35. *Separavit varios, atque maculosos: cũctum autem gregem unicolorem; &c. pag. 152. col. 2. in med.*

Cap. 32. v. 10. *Cum duabus turmis. pag. 54. col. 2. in fin.*

v. 23. *Traductis omnibus, quæ ad se pertinebant, mansit solus. pag. 54. col. 2. in fin. & pag. 55. & pag. 56. col. 1. in med.*

v. 24. *Et ecce vir luctabatur cũ eo pag. 55. col. 1. in med. & col. 2.*

Ibid. *Usque manè pag. 55. col. 2. in med.*

v. 26. *Dimitte me. pag. 55. col. 2. in fin.*

Ibid. *Non dimittam te, nisi benedixeris mihi. pag. 55. col. 2. in fin.*

v. 28. *Si contra Deum fortis fuisti, quantò magis contra homines prævalebis? pag 56. col. 1. & pag. 448. col. 2. in med.*

v. 29 *Et benedixit ei in eodem loco. pag. 56. col. 1. in princip.*

Cap.34.v.1. *Egressa est autẽ Dina, &c pag.*65.*col.*1.*in med. & col.*2
Cap.38.v.29. *Illo verò retrahente manum.pag* 451.*col.*1.
Cap.41.v.25. *Somnium Regis unũ est.pag.*129.*col.*2.*in med.*
Cap.43.v.11. *Si sic necesse est, facite quod vultis.pag.* 255.*col.*2. *in fin.*
v.34. *Maior pars venit Benjamin, ita ut quinque partibus excederet pag.*117.*col.* 2. *in fin.*
Cap.49.v. 16. *Dan judicabit. pag.* 181.*col.*2.*in fin.*
v.19. *Gad accinctus præliabitur. pag.*182 *col.*1.*in princip.*
v.20. *Aser pinguis panis ejus. pag.*182. *col.*1 *in princip.*
v.21. *Nephthali cervus emissus, & dans eloquia pulchritudinis. pag.*181.*col.*2.*in fin.*

Ex Libr. Exodi.

Cap.1.v.10. *Venite, sapienter opprimamus eum: &c.pag* 406.*col.*1.
Cap.2.v.3. *& seqq. Cumque jam celare non posset: &c. pag.* 361. *col.* 1.
Cap.3.v.2. *Apparuitq. ei Dominus in flamma ignis de medio rubi: &c.pag.*415.*col.*1.*& pag.*499. *col.*2.
v.7. *Vidi afflictionem populi mei in Ægypto, & clamorem ejus audivi propter duritiam eorũ, qui præsunt operibus.pag.* 428. *col.*1.*&* 2.
Cap.4.v.16. *Ipse loquetur pro se ad populum, & erit os tuum. pag.* 367.*col.*2.
Cap.7.v.12. *Sed devoravit virga Aaron virgas eorũ: &c.pag.*328 *col.*1.*in fin. & pag.*330.*col.* 2.
Cap.8.v.18. *&* 19. *Feceruntque similiter malefici incantationibus suis: &c.pag.*328. *col.* 1. *in fin. & pag.*330.*col.*2.
Cap.9.v.29. *Cum egressus fuero de urbe, extẽdam palmas meas ad Dominum; &c pag.* 61. *col.* 1.
Cap.16.v.3. *Cur induxistis nos in desertum istud, ut occideretis omnem multitudinẽ fame? pag.* 367.*col.*2. *in fin.*
v.15. *Manhu? Quid est hoc? pag.* 234.*col.*1. *& pag.*367.*col.* 2.*in fin.*
Cap.19.v.6. *Vos eritis mihi in Regnum Sacerdotale.pag.* 88.*col.*1. *in princip.*
Cap.20.v.5. *Visitans iniquitatẽ patrũ in filios, in tertiã, & quartã generationẽ: &c.pag.*282.*col.*2.
Cap.23.v. 19. secundùm Septuaginta. *Non coques agnum in lacte matris suæ.pag.*469.*col.*2.
Cap.26.v.37. *Quinque columnas deaurabis; &c.pag.*303. *col.*2.
Cap.32.v.10. *Dimitte me, ut irascatur furor meus contra eos, & deleam eos.pag.* 348. *col.* 1. *& pag.*454.*col.*1.

v.13.

v.13. Recordare Abraham, Isaac, & Iacob &c. pag. 454. col. 1.
v.14. Placatusq. est Dominus, ne faceret malū: &c. pag. 455. col. 2.
Cap. 34. v. 23. *Tribus temporibus anni apparebit omne masculinum tuum in conspectu Omnipotētis Domini Dei Israel. pag. 66. col. 2. in med.*

Ex Libr. Levitici.

Cap. 11. v. 18. *Et cygnum: &c. pag. 174. col. 1. in med.*
Cap. 25. v. 1. & *seqq. Locutusque est Dominus ad Moysen: &c. pag. 307. col. 2.*
v. 10. Sanctificabis annum quinquagesimum: &c. pag. 311. col. 1.
Cap. 27. v. 6. *Pro masculo dabuntur quinque sicli. pag. 303. col. 1.*

Ex Libr. Numeri. (*col. 2.*

Cap. 10. v. 33. *Arca fœderis. pag. 349*
Cap. 11. v. 13. *Unde mihi carnes, ut dem tantæ multitudini? &c. pag. 368. col. 1. in princip.*
v. 31. & 32. Ventus autem egrediens á Domino arreptas trans mare coturnices detulit: &c. pag. 368. col. 1. in princip.
Cap. 12. v. 10. *Et ecce Maria apparuit candens leprâ, quasi nix. pag. 167. col. 2. in med.*
Cap. 16. v. 30. *Sin autem novam rem fecerit Dominus, ut aperiens terra os suum, deglutiat eos: &c. pag. 14. col. 2. in med.*
Cap. 17. v. 8. *Invenit germinasse Virgam Aaron: & turgentibus gemmis eruperant flores, qui, foliis dilatatis, in amygdalas deformati sunt pag. 504. col. 1. & pag. 506. col. 2.*
Cap. 20. v. 1. *Veneruntque filij Israel; &c. pag. 77. col. 1. in fin.*
v. 2. Cumque indigeret aquâ populus: &c. pag. 368. col. 1. in princ.
v. 11. Cūq. elevasset Moyses manū, &c. pag. 368. col. 1. in princ.
v. 12. Dixitq. Dominus ad Moysen, & Aaron; &c. pag. 77. col. 2 in princip.
Cap. 21. v. 8. *Qui percussus aspexerit serpētē, vivet. pag. 468. col. 2*
Cap. 22. v. 5. *Balaam filium Beor ariolum pag. 332. col. 2.*
Cap. 23. v. 29. *Ædifica mihi hîc septem aras, & para totidem vitulos, ejusdemque numeri arietes. pag. 332. col. 2.*
Cap. 28. v. 3. *Hæc sunt sacrificia, quæ offerre debetis, Agnos anniculos immaculatos: &c. pag. 167. col. 1.*

Ex Libr. Deuteronomii.

Cap. 6. v. 4. & 5. *Audi Israel: Dominus Deus noster, Dominus unus est. Diliges Dominum Deū tuum ex toto corde tuo: &c. pag. 290. col. 2. in fin.*
Cap. 32. v. 11. *Sicut Aquila provocans ad volādum pullos suos, & su-*

super eos volitans, expandit alas.pag.468.col.2.
v.23. Sagittas meas complebo in eis pag.208.col.2.in med.
v.35. Mea est ultio.pag.324.col.1.
Cap.33.*v.17. Cornua Rhinocerotis, cornua illius.pag 449. col.1.*

Ex Libr. Josue.

Cap.1.*v.1.& 2. Et factum est post mortem Moysi: &c. pag.368. col.1.in princip.*
Cap.3.*v.17. Populus autem incedebat contra Iericho: & Sacerdotes, qui portabant Arcam, :::: stabant super siccam humum in medio Iordanis pag.87.col.1. in princip.*
Cap.10.*v.5. Quinque Reges Amorrhæorum.pag.302.col.2.*
v.14. Obediente Domino voci hominis.pag.348.col. 1.
Cap.21.*v 37. Civitates refugij, Bosor in solitudine; &c.pag. 303. col.1. in fin.*

Ex Libr. Judicum.

Cap.3.*v.3. Quinque Satrapas Philistinorum.pag.302.col.2.*
v.8. Iratusque contra Israel Dominus; &c.pag.406. col 1.
v.9. Qui suscitavit eis Salvatorem; &c.pag 406. col.1.
v.14. Servieruntque fi'ij Israel, &c.pag.406.col.1.
v.15. Qui suscitavit eis Salvatorem, vocabulo Aod. pag. 406. col.1.
Cap.4.*v.2. Tradidit illos Dominus in manus Iabin Regis Chanáan. pag.406.col.1.*
v.6. & seqq. Quæ misit, & vocavit Barac: &c.pag. 406. col.1.
Cap.5.*v.20. De Cælo dimicatum est contra eos: Stellæ manentes in ordine suo.pag.485. col.1.*
v.24. Benedicta inter mulieres Iael.pag.485.col.1.in fin.
v.25.& 26. Aquam petenti lac dedit. &c. Percussitque Sisaram.pag.485.col.1.
Cap.6.*v.1. Qui tradidit illos in manu Madian.pag.406.col.1.*
Cap.7.*v.20.& seqq. Cumque per gyrum castrorum; &c.pag. 406. col.1.*
Cap.10.*v.7. Tradidit eos in manus Philisthijm.pag.406. col. 1.*
Cap.11.*v.32.& seqq. Transivitque Iephte ad filios Ammon: &c. pag.406.col.1.*

Ex Libro Ruth.

Cap.1.*v.21. Egressa sum plena, & vacuam reduxit me Dominus. pag.250.col.1.in princip.*
Cap.2.*v.1. Homo potens, & magnarum opum, nomine Booz. pag. 270.col.1.*
v.2. Et colligam spicas, quæ fugerint manus metētium.pag.263 .col.1.in fin.

v.16.

v.16. *De vestris quoque manipulis projicite de industria, ut absque rubore colligat. pag. 265. col. 1. in princip.*
v.17. *Collegit ergo usque ad vesperam: & invenit tres modios. pag. 265. col. 1. in fin.*
v.18. *Insuper protulit, & dedit ei de reliquijs cibi sui, quo saturata fuerat. pag. 279. col. 1. in fin.*
v.23. *Donec hordea, & triticum in horreis cōderentur. pag. 271. col. 1.*
Cap. 3. v. 10. *Benedicta es á Domino, filia. pag. 271. col. 1.*
Ibid. *Quia non es secuta juvenes pauperes, sive divites. pag. 271. col. 1.*
v.11. *Scit enim omnis populus, qui habitat intra portas urbis meæ, mulierem te esse virtutis. pag. 271. col. 1.*

Ex Libr. 1. Reg.

Cap. 1. v. 5. *Annæ autem dedit partē unam tristis, quia Annam diligebat. pag. 117. col. 2.*
Cap. 16. v. 1. *& seqq. Usquequo tu luges Saul? & c. pag. 346. col. 1.*
v.7. *Homo videt ea, quæ parent, Dominus autem intuetur cor. pag. 174. col. 2. in fin.*
v.23. *Igitur quandocunque spiritus Domini: & c. pag. 329. col. 2.*
Cap. 17. v. 40. *Elegit sibi quinque limpidissimos lapides. pag. 303. col. 1.*
v.50. *Prævaluitque David adversus Philisthæum: & c. pag. 490. col. 1. & pag. 498. col. 1.*
Cap. 25. v. 22. *Hæc faciat Deus: & c pag. 260. col. 1. in fin.*
Cap. 27. v. 8. *& seqq. Et ascendit David, & viri ejus, & agebant prædas: & c. pag. 260. col. 1.*
Cap. 28. v. 11. *& seqq. Samuelem mihi suscita; & c. pag. 340. col. 2. in fin. & seqq. & pag. 348. col. 2.*

Ex Libr. 2. Reg.

Cap. 6. v. 14. *Et David saltabat totis viribus ante Dominum. pag. 218. col. 1. in med.*
v.16. *Despexit eum in corde suo. pag. 218. col. 1. in fin.*
v.20. *Quam gloriosus fuit hodie Rex Israel, discooperiens se, quasi unus de scurris. pag. 218. col. 2. in princip.*
v.23. *Igitur Michol non est natus filius usque in diem mortis suæ. pag. 221. col. 1. in fin.*
Cap. 16. v. 1. *& seqq. Cumque David transisset: & c. pag. 260. col. 2.*
Cap. 19. v. 27. *& seqq. Insuper & accusavit me: & c. pag. 260. col. 2.*

Ex Libr. 3. Reg.

Cap. 2. v. 19. *Surrexit Rex in occursum*

sum ejus, adoravitque eam: &c.pag.25.col.1.in med.

v.20.*Pete, mater mea: &c. pag.* 25.*col.*1.*in fin.& pag* 447. *col.* 1.*in med.*

Cap.15.*v.*11.*Fecit Asa rectum ante conspectum Domini, sicut David pater ejus.pag.* 282. *col.*2. *in princip.*

Cap.17.*v.* 14. *Hydria farinæ non deficiet: &c.pag.*270. *col.*1. *in princip.*

*v.*16.*Et ex illa die hydria farinæ non defecit: &c.pag.*270.*col.* 1.*in princip.*

Cap.21.*v.*19 *Occidisti, insuper & possedisti: &c.pag.*401.*col.*2.

*v.*20. *Num invenisti me inimicum tibi? pag.* 401.*col.*1.

Ibid.*Inveni, eò quòd venundatus sis, ut faceres malum in cōspectu Domini.pag.*401.*col.*2.

*v.*22. *& seqq. Et dabo domum tuam: &c. pag.* 282. *col.* 2. *in med.*

v. 25. *Non fuit alter talis sicut Achab, qui venundatus est, ut faceret malum. pag.* 401.*col.* 1.

v. 26. *Abominabilis factus est, in tātum ut sequeretur idôla: &c. pag* 401.*col.*2

Ex Lib. 4.Reg.

Cap 1.*v.*10. *Si Homo Dei sum, descendat ignis de Cælo, & devoret te, & quinquaginta tuos. pag.*214.*col.*2.*in princip.*

Cap.5.*v.* 11. *& seqq. Iratus Naaman recedebat: &c.pag.* 248. *col.*2. *in med.*

Cap 6.*v.* 25. *& seqq. Factaque est fames magna in Samaria: &c. pag.*256.*col.*1.*in fin.*

Cap. 10. v. 30. *Filij tui usque ad quartam generationem sedebunt: &c.pag.*282. *col.*2.

Cap.19 *v.*35.*Factum est igitur in nocte illa: &c.pag.* 12. *col.* 1. *in med.*

Ex Libr. 1.Paralipom.

Cap. 3. *v.* 11. *& seqq. Qui Ioram genuit Ochoziam: &c.pag.*281. *col.*2.*in fin.*

Ex Libr.2.Paralipom.

Cap. 22.*v.*1.*& seqq.Constituerunt autem: &c. pag.* 281. *col.* 2. *in fin.*

Ex Libr.3.Esdræ.

Cap.4.*v.*35.*Veritas magna, & fortior præ omnibus.pag.* 252.*col.* 2. *in med.*

*v.*41.*Et omnes populi clamaverunt, & dixerunt: Magna est Veritas, & prævalet.pag.* 252. *col.*2.*in med.*

Ex Libro Tobiæ.

Cap.1.*v.*2.*In captivitate tamen positus, viam veritatis non deseruit pag.* 399.*col.*2.

Ex Libr. Judith.

Cap.8.*v.*5. *In superioribus domus suæ*

suæ fecit sibi secretum cubiculum.pag.67.col.2.circa fin.

Cap.9. v.16. *Nec superbi ab initio placuerunt tibi: sed humiliũ, & mansuetorum semper tibi placuit deprecatio.pag.223.col.2.in med.*

Ex Libr. Job.

Cap.14. v.1. & 2. *Homo natus de muliere, brevi vivens tempore; &c. Qui quasi flos egreditur, & conteritur.pag.512.col.2.*

Cap.41. v.3 *Non parcam ei, & verbis potentibus, & ad deprecandum compositis.pag.47.col.2.in med.*

v.24 *Non est super terram potestas, quæ comparetur ei.pag.12.col.1.in fin.*

Ex Libr. Psalmorum.

Psalm 2. v.7. *Filius meus es tu: ego hodie genui te.pag.193.col.1.in fin.*

Psalm.4. v.2. secundùm Psellum. *Invocantẽ exaudivit me Deus justitiæ meæ.pag.350.col.1. in fin.*

Psalm.5. v.2. *Verba mea auribus percipe, Domine: intellige clamorem meum.pag.240.col.2.in med.*

Psalm.11. v.6. *Propter miseriam inopum, & gemitum pauperum, nunc exurgam, dicit Dominus. pag.179.col.1. in princip.*

Psalm.18. v.3. *Dies diei eructat verbum. pag.153. col.1.in fin.*

Ibid. *Et nox nocti indicat scientiam.pag.153.col.1.in fin.*

v.6. *In Sole posuit tabernaculum suum.pag.198.col.2. & pag.466.col.2. & seqq.*

Ibid. *Et ipse tanquam sponsus procedens de thalamo suo. pag.466.col.2. & seqq.*

Ibid. *Exultavit ut Gigas ad currendam viam.pag.467.col.1 & 2.*

Ibid. *A summo cælo egressio ejus. pag.198.col.1.in fin. & pag.467 col.1.*

v.7. *Et occursus ejus usque ad summum ejus.pag.198.col.2.in princip. & pag.467.col.1.*

Ibid. *Nec est, qui se abscondat à calore ejus. pag.102.col.1. in med.*

v.11. *Et dulciora super mel, & favum. pag.232.col.2. in med.*

Psalm.21. v.10. *Tu es, qui extraxisti me de ventre matris meæ. pag.122.col.1.in fin.*

v.27. *Edent pauperes, & saturabuntur pag.267.col.1.*

v.30 *Manducaverunt, & adoraverunt omnes pingues terræ. pag.267.col.1.*

Psalm.22.v.1. *Dominus pascit me, & nihil mihi deerit.pag. 269. col. 2.*

Psalm.24.v.17. *De necessitatibus meis erue me.pag.259 col.2.*

Psalm.30.v.11. *Infirmata est in paupertate virtus mea, & ossa mea conturbata sunt.pag. 259.col.1. & seqq.*

Psalm.31.v.1. *Beati quorum remissæ sunt iniquitates, & quorum tecta sunt peccata. pag. 314. col.1. & pag. 316.col.1.*

v.4. *Conversus sum in ærumna mea, dum configitur spina. pag. 509.col.2.*

v.11. *Lætamini in Domino, & exultate justi, & gloriamini omnes recti corde. Pag. 314. col.2.*

Psalm 32 v.1 2.& 3. *Exultate justi in Domino: rectos decet collaudatio &c.pag.315. col.1. & seqq.*

Psalm.33 v.11. *Divites eguerunt, & esurierunt: inquirentes autem Dominum non minuentur omni bono.pag 269.col.2.*

Psalm.35 v.7.& 8 *Homines, & jumenta salvabis, Domine. Quemadmodum multiplicasti: &c.pag. 27.col 2.*

Psalm.38.v.4. & 5. *Concaluit cor meum intra me: & in meditatione mea exardescet ignis. Locutus sum in lingua mea. pag. 236.col.2. in med.*

Psalm.43.v.5. *Tu es ipse Rex meus, & Deus meus.pag.80. col. 1. in princip.& pag.229.col.2.*

Ibid. *Qui mandas salutes Iacob. pag.229.col.2.circa med.*

Psalm. 44. v. 8. *Unxit te Deus, Deus tuus oleo lætitiæ præ consortibus tuis. pag. 70. col. 1. in med.*

v.10. *Astitit Regina à dextris tuis.pag.25.col.1. & pag. 352. col.1 in fin.& pag.447. col.2. in med.*

Psalm.46 v.6. *Ascendit Deus in jubilo, Dominus in voce tubæ. pag 229.col.1.in fin.*

v.7. & 8. *Psallite Deo nostro, psalite: psallite Regi nostro, psallite. Quoniam Rex: &c. pag. 229. col. 1. in princip. & seqq.*

v.9. *Deus sedet super sedem sanctam suam. pag. 229. col. 2. in med.*

Psalm.48.v.13. *Homo cum in honore esset; &c.pag.337. col.1.in fin.*

Psalm.49.v.22. *Intelligite hæc qui obliviscimini Deum: &c. pag. 473.col.2. & seqq.*

v.23. *Sacrificium laudis honorificabit me: & illic iter, quo ostendam illi salutare Dei. pag. 473.col.1. & 2.& seqq.*

Psalm.

Psalm. 50. v. 3. *Secundùm magnam misericordiam tuam: & secundùm multitudinem miserationum tuarum.* pag. 51. col. 2.
v. 7. *Ecce enim in iniquitatibus conceptus sum: & in peccatis cõcepit me mater mea.* pag. 495. col. 2. in fin.
Psalm. 54. v. 1. *In carminibus intellectus David.* pag. 230. col. 1. in med.
v. 18. *Vesperè, manè, & meridie narrabo, & annuntiabo, & exaudiet vocem meam.* pag. 37. col. 1. in med.
Psalm. 55. v. 10. *In quacumque die invocavero te: ecce cognovi quoniam Deus meus es.* pag. 132. col. 2. in fin.
v. 11. *In Deo laudabo verbum, in Domino laudabo sermonem.* pag. 132. col. 2. in fin. & seqq.
Psalm. 57. v. 5. & 6. *Sicut aspidis surdæ, & obturãtis aures suas, quæ non exaudiet vocem incãtantium, & venefici incantantis sapienter.* pag. 335. col. 1. in fin. & seqq.
Psalm. 61. v. 9. *Effundite coram illo corda vestra.* pag. 475. col. 2.
Psalm. 62. v. 6. *Sicut adipe, & pinguedine repleatur anima mea: & labijs exultationis laudabit os meũ.* pag. 246. col. 2. in med.
Psalm. 64. v. 12. *Benedices Coronæ anni benignitatis tuæ: & campi tui replebuntur ubertate.* pag. 250. col. 2. in princip. & seqq.
Psalm. 67. v. 19. *Ascendisti in altũ, cepisti captivitatem.* pag. 413. col. 1.
v. 32. *Æthiopia præveniet manus ejus Deo.* pag. 170. col. 1. in med.
Psalm. 68. v. 3. *Veni in altitudinem maris: & tempestas demersit me.* pag. 468. col. 2.
v. 29. *Deleantur de Libro viventium: & cum justis non scribãtur.* pag. 318. col. 2.
Psalm. 76. v. 21. *Deduxisti sicut oves populũ tuũ in manu Moysi, & Aaron.* pag. 406 col. 1.
Psalm. 83. v. 8. *Videbitur Deus Deorum in Sion.* pag. 437. col. 1.
Psalm 84. v. 2. *Benedixisti, Domine, terram tuam: avertisti captivitatem Iacob.* pag. 498. col. 2. & seqq.
v. 3. *Remisisti iniquitatem plebis tuæ.* pag. 499. col. 1. in princip.
Psalm. 87. v. 3. *Intret in consp ctu tuo oratio mea.* pag. 50. col. 1. in princ.
Psalm. 88. v. 52. *Quod exprobraverunt inimici tui, Domine, quod exprobraverunt, commutationem Christi tui.* pag. 37. col. 2.
Psalm. 89. v. 6. *Manè sicut herba transeat, manè floreat, & transeat:*

seat: vespere decidat, induret, & arescat. pag. 503. *col.* 1. *in med.*

Psalm.90.*v.*10. *Non accedet ad te malum.pag.*134. *col.* 1.*in med.*

Psalm.93.*v.*1. *Deus ultionum Dominus: Deus ultionum liberè egit.pag.*324. *col.*1.*& pag.* 449. *col.*1.

Psalm. 108.*v.*7.*Oratio ejus fiat in peccatū.pag.*222.*col.* 1. *in med. & pag.* 223.*col.* 1. *in fin.*

Psalm. 115.*v.*12. *&* 13. *Quid retribuam Domino pro omnibus, quæ retribuit mihi? Calicem salutaris accipiā: &c.pag.* 297. *col* 1.

Psalm. 117.*v.*19.*Aperite mihi portas justitiæ, ingressus in eas cōfitebor Domino.pag.* 295.*col.*1.

*v.*20.*Hæc porta Domini, justi intrabunt in eam.pag.*295.*col.*1.

Psalm. 118.*v.* 103. *Quam dulcia faucibus meis eloquia tua, super mel ori meo! pag* 232.*col.*2. *in med.*

*v.*164. *Septies in die laudem dixi tibi.pag.*228.*col.*2.

*v.*170. *Intret postulatio mea in conspectu tuo. pag.* 50. *col.* 1. *in princip.*

Ibid. *Secundùm eloquium tuum eripe me pag.*349. *col.*2.

v. 173. *Fiat manus tua, ut salvet me.pag.* 450. *col.* 2. *in fin. & seqq.*

Psalm. 135.*v.*8. *Solem in potestatē diei.pag.*101.*col.*2.*in fin.*

Psalm. 138.*v.*6. *Mirabilis facta est scientia tua ex me.pag.*364.*col.* 2.

Psalm. 145.*v.* 7. *Qui dat escam esurientibus.pag.*267.*col.*2.

Psalm. 146.*v.*7. *Præcinite Domino. pag.*345.*col.*2.*& seqq.*

*v.*9. *Qui dat jumentis escam ipsorum: & pullis corvorum invocantibus eum.pag.* 277.*col.* 1. *in fin.*

Psalm. 150.*v.*3.4. *&* 5.*Laudate eū in sono tubæ: &c.pag.* 240.*col.*1. *in med. & pag.* 244. *col.* 1. *in princip.*

Ex Libr. Proverbiorum.

Cap.6.*v.*11.*Veniet tibi quasi viator egestas, & pauperies quasi vir armatus.pag.*272. *col.*2.

Cap.7.*v.* 11. *Quietis impatiens, nec valens in domo consistere pedibus suis.pag.*65. *vers.col.* 2. *in princip.*

*v.*14.*&* 15. *Victimas pro salutē devovi, hodie reddidi vota mea. &c.pag.*65.*vers. col.* 2. *in med. & pag.seqq.*

Cap.8.*v.*12. *Ego eruditis intersum cogitationibus.pag.*301. *col.*1.

*v.*30.*Cum eo eram cuncta componens.pag.*320.*col.*1.

*v.*34. *Qui vigilat ad fores meas quotidie, & observat ad postes*

ostij mei. pag. 453. col. 1. in med.

Cap.30.v.18.& 19.*Tria sunt difficilia mihi: &c. Viam Aquilæ in Calo:&c.pag 468.col.1.*

Cap.31.v.6 & 7.*Date vinum his, qui amaro sunt animo: bibant, & obliviscantur egestatis suæ, & doloris sui non recordentur amplius pag 482.col.2.*

v.14.*Navis institoris de longè portans panem suum.pag. 468. col. 2.*

Ex Libr. Ecclesiastes.

Cap.1.v.5.& 6. *Oritur Sol, & occidit, & ad locum suum revertitur : ibique renascens gyrat per Meridiem.pag.126. col. 1. circa fin. & col. 2. in med. & seqq.*

Cap.11.v.2.*Da partem septem, nec non & octo:&c.pag. 296. col.1. & seqq.*

Ex Libr.Cantic. Canticor.

Cap.1.v.3. *Oleum effusum nomen tuum.pag.459.col.1.*

Ibid. *Trahe me : post te curremus in odorem unguentorum tuorum.pag.338.col. 2. & seqq.*

v.4. *Memores uberum tuorum super vinum.pag.482.col. 2.in princ.*

v.5.*Nigra sum, sed formosa, Filiæ Ierusalem, sicut tabernacula Cedar, sicut pelles Salomonis. pag.172.col.2.in princ.& seqq.*

v.6.*Nolite me considerare, quòd fusca sim, quia decoloravit me Sol.pag. 173.col. 1.*

v.7. *Indica mihi, quem diligit anima mea, ubi pascas, ubi cubes in meridie, ne vagari incipiam post greges sodalium. pag. 199.col.2.in princ.& pag.438. col.1.& seqq.*

v.8. *Si ignoras te, abi post vestigia gregum tuorum pag. 438. col.2.& seqq.*

v.13. *Fasciculus myrrhæ Dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur.pag. 207. col.1. in fin.& seqq.*

Cap.2.v.1.*Ego flos campi, & lilium convallium. pag. 205. col. 2. in princip.*

v.9. *En ipse stat post parietem nostrum respiciens per fenestras.pag.144. col. 1. in med. & seqq.*

Cap.3.v. 2. *Per vicos, & plateas quæram illum. pag. 31.col. 2. in med.*

v. 6. *Quæ est ista, quæ ascendit per desertum, sicut virgula fumi;&c. pag.60.col.2.in med.*

v.9 & 10. *Ferculum fecit sibi Rex Salomon de lignis Libani;&c pag 432.col.2.in fin. & seqq.*

v. 11. *Egredimini, & videte,*

filiæ

filiæ Sion, Regem Salomonem in Diademate, quo coronavit illum mater sua. pag. 500. col. 1. in med. & seqq.

Cap. 4. *v.* 4. *Mille clypei pendent ex ea. pag. 32. col. 1. in med.*

v. 5. *Duo ubera tua, sicut duo hinnuli capreæ gemelli. pag. 460. col. 2. & pag. 481. col. 2.*

v. 6. *Donec aspiret dies, & inclinentur umbræ pag. 36. col. 1. in med.*

v. 8. *Veni de Libano, Sponsa mea, veni de Libano, veni: coronaberis. pag. 90. col. 2. in fin. & seqq.*

Ibid. *De capite Amana, de vertice Sanir, & Hermon. pag. 91. col. 2. in princ.*

v. 9. *Vulnerasti cor meum, Soror mea Spõsa, vulnerasti cor meũ. pag. 441. col. 2. & seqq.*

v. 10. *Pulchriora sunt ubera tua vino. pag. 482. col. 1. in fin.*

v. 11. *Favus distillans labia tua, Sponsa: mel, & lac sub lingua tua. pag. 233. col. 1. in princip.*

v. 12. *Fons signatus. pag. 461. col. 2.*

v. 13. *Cum pomorum fructibus. pag. 508. col. 1.*

v. 16. *Surge Aquilo, & veni Auster, perfla hortum meum, & fluant aromata. pag. 183. col. 1. in princip.*

Cap. 5. *v.* 1. *Veniat dilectus meus in hortum suum, & comedat fructum pomorum suorum. pag. 508 col. 1.*

Ibid. *Bibi vinum meũ cum lacte meo. pag. 459. col. 1. & pag. 482. col. 1. & seqq.*

v. 12. *Oculi ejus sicut columbæ super rivulos aquarum, quæ lacte sunt lotæ. pag. 483. col. 2.*

Cap. 6. *v.* 1. *Dilectus meus descendit in hortum suum ad areolam aromatum, ut pascatur in hortis, & lilia colligat. pag. 211. col. 1. in med.*

v. 3. *Decora sicut Ierusalem. pag. 212. col. 1. in med.*

Ibid. *Terribilis ut castrorum acies ordinata. pag. 212. col. 1. in med.*

v. 8. *Una, &c. Electa. pag. 72. col. 2. in med. & seqq.*

Ibid. *Viderunt eam filiæ, & Beatissimam prædicaverunt eam. pag 73. col. 2. in princ.*

v. 9. *Quæ est ista, quæ progreditur quasi Aurora consurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol? pag. 73. col. 1. in med. & pag. 151. col. 1. in fin. & pag. 213. col. 1. in med. & seqq.*

Ibid. *Terribilis ut castrorum acies ordinata? pag. 213. col. 1. in med.*

Cap. 7. v. 2. ex Text. Hebr. *Venter tuus sicut acervus tritici, vallatus*

latus rosis.pag. 375. *col.* 1. *&*
*seqq.& pag.*452.*col.*2.
Ibid.*Vallatus lilijs.pag.*452.*col.* 2.
v.3. ex Text. Hebr.\ *Ubera tua sicut duo hinnuli gemelli capreæ, qui pascuntur in rosis.pag.* 375.*col.*1.*& seqq.*
v.8. *Ubera cua sicut botri. pag.* 482.*col.*2. *in princ.*
v.11.*Egrediamur in agrũ. pag.* 503.*col.* 1.
v.12.*Manè surgamus.pag.* 503. *col.*1.
Ibid.*Videamus, si flores fructus parturiunt.pag.* 503.*col.* 1.
Cap.8.*v*.6.*Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum.pag.* 414. *col.*2.

Ex Libr. Sapientiæ.

Cap.7.*v*.25.*Nihil inquinatum in eam incurrit.pag.*305.*col.*1.
Cap.18.*v*.14.*&* 15. *Cum quietum silentium contineret omnia, & nox in suo cursu medium iter haberet: &c. pag.* 60. *col.* 2. *in fin.*

Ex Libr. Ecclesiastici.

Cap.24.*v*.8. *Gyrum Cæli circuivi sola.pag.*198.*col.*2. *in fin.*
v.13.*In electis meis mitte radices.pag.*321.*col.*1.
v. 17. *Quasi Cedrus exaltata sum in Libano:&c.pag.*433.*col.* 2.*in med.& seqq.*
v.18.*Et quasi Cypressus in monte Sion: quasi Palma exaltata sum in Cades.pag.*433.*col.*2.*& seqq.*
Ibid *Et quasi plantatio Rosæ in Iericho.pag.*87.*col.*1.*in med.& pag.*273.*col.* 2.*in fin. & pag.* 321.*col.*1.*& pag.*433.*col.* 2. *& seqq.& pag.*490.*col.*1.
v.19.*Quasi Oliva speciosa in cãpis.pag.*433.*col.*2. *& seqq.*
Ibid.*Et quasi Platanus exaltata sum juxta aquam in plateis. pag.*31.*col.* 2. *in princ. & pag.* 433.*col.*2.*& seqq.*
v.23.*Flores mei, fructus honoris, & honestatis.pag.*277.*col.*2 *& seqq.& pag.* 507. *col.* 2.*in med.*
v.26 *Transite ad me omnes, qui concupiscitis me.pag.*273.*col.*2. *in fin.& seqq.*
Ibid. *Et à generationibus meis implemini. pag.* 274.*col.*1.
Cap 31.*v*.9.*&* 10. *Quis est hic, & laudabimus eum? Fecit enim mirabilia in vita sua. Qui potuit transgredi:&c.pag.* 19.*col.* 2.*in fin.*
Cap.39.*v*.17.*& seqq. O baudite me Divini fructus: & quasi Rosa plantata super rivos aquarum fructificate &c.pag.*204. *col.*2. *in fin.& seqq.*

Ex

Ex Prophet. Isaiæ.

Cap. 3. v. 3. *Prudentem eloquij mystici. pag. 346 col. 2. & seqq.*

Cap. 5. v. 2. secūdū n Septuaginta. *Expectata est ut faceret uvas, fecit autem spinas. pag. 510. col. 1.*

Cap. 6. v. 5. *Væ mihi, quia tacui, quia vir pollutus labijs ego sum. pag. 17. col. 1. in fin.*

v. 7. *Et tetigit os meum: &c. pag. 472. col. 2. in fin.*

Cap. 7. v. 14. *Propter hoc dabit Dominus ipse vobis signum. pag. 196 col. 1. in med.*

Ibid. *Ecce, Virgo concipiet, & pariet filium. pag. 109. col. 1. in med. & pag. 196. col. 1. in princ. & pag. 197. col. 2. in med. & seqq. & pag. 457. col. 2.*

Ibid. *Et vocabitur nomen ejus Emmanuel. pag. 196. col. 1. in princip.*

v. 16. *Antequam sciat puer reprobare malum, & eligere bonum pag. 197. col. 1.*

Cap. 9. v. 6. *Parvulus natus est nobis, & Filius datus est nobis. pag. 197. col. 1. in med.*

Cap. 11. v. 1. *Egredietur virga de radice Iesse. pag. 335 col. 1.*

v. 8. *Delectabitur Infans ab ubere super foramine aspidis. pag. 334. col. 2. in fin. & seqq.*

Cap. 16. v. 1. *Emitte agnum, Domine, dominatorem terræ, de Petra deserti. pag. 389. col. 2. in fin.*

Cap. 29. v. 11. & 12. *Et erit vobis visio omnium sicut verba libri signati. &c. pag. 239. col. 1. in med.*

Cap. 30. v. 20. *Dabit vobis Dominus panem arctum. pag. 266. col. 1.*

v. 21. *Hæc est via, ambulate in ea. pag. 487. col. 2.*

v. 23. *Et panis frugum terræ erit uberrimus, & pinguis. pag. 266. col. 1.*

Cap. 40. v. 6. & 7. *Vox dicentis, Clama. Et dixi, Quid clamabo? Omnis caro fœnum, & omnis gloria ejus quasi flos agri. Exsiccatum est fœnum, & cecidit flos. pag. 512. col. 1.*

Cap. 45. v. 15. *Verè tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator. pag 406. col. 2.*

Cap. 49. v. 2. *Posuit me sicut sagittam electam: in pharetra sua abscondit me. pag. 208. col. 1. in fin.*

Cap. 51. v. 2. *Attendite ad Abraham patrem vestrum, & ad Saram, quæ peperit vos. pag. 282. col. 1. in med.*

Cap. 55. v. 7. *Quoniam multus est ad ignoscendum. pag. 51. col. 2. in med.*

Cap. 60.

Cap.60.v.4. *Filij tui de longè venient, & filiæ tuæ de latere surgent.* pag. 154. col. 2. in princip.

Cap.61.v.1. *Spiritus Domini super me; eò quòd unxerit Dominus me.* pag. 179. col. 1. circa med.

Ibid. *Ut mederer contritis corde, & prædicarem captivis indulgentiã.* pag.179.col.1.in med.

v.3. *Ut consolarer omnes lugentes.* pag.179.col.1.in med.

Ex Prophet. Jeremiæ.

Cap.6.v.16. *State super vias, & videte, & interrogate de semitis antiquis: &c.* pag. 476. col. 1.& 2.

Cap.12.v.13. *Seminaverunt triticum, & spinas messuerunt.* pag. 510. col.1.in princip.

Cap.14.v.11. *Noli orare pro populo isto.* pag 346. col 1.

Cap.27.v.2.& 3. *Hæc dicit Dominus ad me: Fac tibi vincula, & catenas: &c.* pag. 425.col. 1.in med.

Cap.31.v.22. *Usquequò delicijs dissolveris, filia vaga?* pag.199. col.1.in fin.& seqq.

Ibid. *Quia creavit Dominus novum super terram: Fæmina circundabit virum.* pag. 197. col. 1. in med. & seqq. & pag. 199.col.1. in med. & seqq.

Cap.37.v.2. *Et non obedivit ipse: &c.* pag.429. col.2.

v.18. *Ubi sunt Prophetæ vestri? &c.* pag.429.col.2.

Cap.51.v.56. *Quia fortis ultor Dominus.* pag.524.col.2

Threnor.Cap. 2. v. 20. *Ergone comedent mulieres fructum suũ? &c.* pag. 256. col.1. in fin.

Threnor.Cap.3.v.28. *Sedebit solitarius, & tacebit: quia levavit se super se.* pag. 61. col. 1. in princip.

v.65. *Scutum cordis.* pag. 146. col.1.in med.

Ex Prophet. Ezechielis.

Cap.3.v.1. *Comede volumen istud.* pag.233.col.2.in med.

v.3. *Comedi: & factum est in ore meo sicut mel dulce.* pag. 233. col. 2. in med.

v.5. *Non enim ad populum ignotæ linguæ tu mitteris.* pag. 233.col.2. in fin.

Cap.17.v.3. *Aquila grandis magnarum alarum* pag 468. col. 2.

Cap.37.v.5. *Ecce, ego intromittam in vos spiritum, & vivetis.* pag.365.col. 2.

v.7.& 8. *Accesserunt ossa ad ossa, unũquodque ad juncturam suam.&c.* pag.366.col.1.

v.9. & 10. *Vaticinare ad spiritum, & dices: Hæc dicit Dominus Deus: A quatuor ventis;*

tis; &c. pag. 366. *col.* 1.

Cap. 40. *v.* 22. *Et septem graduum erat ascensus ejus. pag.* 299. *col.* 2.

v. 37. *Et in octo gradibus ascensus ejus. pag.* 299. *col.* 2.

Ex Prophet. Daniel.

Cap. 3. *v.* 47. *Et effundebatur flamma super fornacem cubitis quadraginta novem. pag.* 310. *col.* 1.

v. 50. *Quasi ventum roris flantem. pag.* 310. *col.* 1.

v. 51 *Hi tres quasi ex uno ore laudabant, & glorificabant, & benedicebant Deum. pag.* 310. *col.* 1.

Ibid. *Benedictus es, Domine Deus Patrum nostrorum. pag.* 310. *col.* 1.

v. 71. *Benedicite noctes, & dies Domino. pag.* 153. *col* 1. *in princ.*

v. 88. *Quia eruit nos de inferno. pag.* 310. *col.* 2.

v. 92. *Et species quarti similis Filio Dei. pag.* 310. *col.* 1.

Cap. 4. *v.* 30. *& seqq. Eâdem hora sermo completus est; &c. pag.* 337. *col.* 2.

Cap. 10. *v.* 8. *Ego autem relictus solus vidi visionem grãdem hanc. pag.* 57 *col.* 1. *in med.*

Ex Prophet. Osee.

Cap. 2. *v.* 14. *Ecce ego lactabo eam, & ducam eam in solitudinem: & loquar ad cor ejus. pag.* 61. *col.* 1. *in med.*

Cap. 14. *v.* 3. *Tollite vobiscum verba. pag.* 475. *col.* 1. *&* 2.

Ibid. *Accipe bonum: & reddemus vitulos labiorum nostrorũ. pag.* 475. *col.* 1. *&* 2.

Ex Prophet. Michææ.

Cap. 6. *v.* 4. *Quia eduxi te de Terra Ægypti :::: & misi ante faciem tuam Moysen, & Aaron, & Mariam. pag.* 77. *col.* 1. *prope fin. & pag.* 78. *col.* 1. *in fin.*

Ex Prophetia Habacuc.

Cap. 3. *v.* 11. ex Text. Græc. *Elevatus est Sol, & Luna stetit. pag.* 352. *col.* 1. *in fin.*

Ex Prophetia Aggæi.

Cap. 1. *v.* 6. *Seminastis multum, & intulistis parum. pag.* 247. *col.* 1. *in med.*

Ex Prophetia Zachariæ.

Cap. 6. *v.* 12. *Vir oriens nomen ejus. pag.* 451. *col.* 2.

Cap. 11. *v.* 8. *Succidi tres Pastores in mense uno. pag.* 77. *col.* 1. *in princ. & seqq.*

Ex Libr. 1. Machabæorum.

Cap. 1. *v.* 11. *Et exijt ex eis radix peccatrix, Antiochus Illustris, &c. pag.* 402. *col.* 2.

v. 16. *Et juncti sunt Nationibus, & venundati sunt, ut facerent malum. pag.* 403. *col.* 1.

Ex Libr. 2. Machabæorum.

Cap. 6. *v.* 7. *Cogebantur Hederâ coronati*

ronati Libero circuire . pag. 414.*col.* 1.

Ex D. Matthæo.

Cap. 1. *v.* 1. *Liber generationis Iesu Christi. pag.* 150. *col.* 1. *& pag.* 169. *col.* 2. *in med. & pag.* 286 *col.* 1. *& pag.* 494. *col.* 2. *& pag* 498. *col.* 1.

Ibid. *Filij David, filij Abraham. pag.* 169. *col.* 2. *in med. & pag* 498. *col.* 1.

v. 2. *Abraham genuit Isaac. Isaac autem genuit Iacob: &c. pag.* 494. *col.* 2. *in fin. & seqq.*

Ibid. *Iacob autem genuit Iudam, & fratres ejus. pag.* 149. *& seqq. & pag.* 494. *col.* 2. *in fin. & seqq.*

v. 5. *Booz autem genuit Obed ex Ruth. pag.* 249. *& seqq.*

Ibid. *Obed autem genuit Iesse. Iesse autem genuit David Regem. pag* 251. *col.* 2. *& seqq. & pag* 495. *col.* 2.

v. 6. *David autem Rex genuit Salomonem. pag.* 394. *col.* 1. *& pag* 495. *col* 2.

v. 8. *Ioram autem genuit Oziam. pag.* 281. *& seqq.*

v. 11. *&* 12. *Iosias autem genuit Iechoniam, & fratres ejus in transmigratione Babylonis. Et post transmigrationem : &c. pag.* 391. *& seqq.*

v. 16. *Iacob autem genuit Ioseph virum Mariæ: de qua natus est Iesus, qui vocatur Christus. pag.* 69. *in princip. & seqq. & pag.* 488. *& seqq.*

v. 17. *Omnes itaque generationes, ab Abraham usque ad David, generationes quatuordecim: &c. pag.* 283. *col.* 2.

v. 20. *Quod enim in ea natum est, de Spiritu Sancto est. pag.* 108. *col.* 1. *in princ.*

Cap. 2. *v.* 1. *Ecce Magi, &c. pag.* 366. *col.* 1.

v. 11. *Invenerunt puerum cum Maria Matre ejus. pag.* 171. *col.* 2. *in princ.*

v. 23. *Quoniam Nazaræus vocabitur. pag.* 506. *col.* 1. *in princ.*

Cap. 3. *v.* 16. *Aperti sunt cæli. pag.* 292. *col.* 2. *in fin.*

v. 17. *Hic est Filius meus dilectus. pag.* 34. *col.* 1.

Cap. 4. *v.* 1. *Ductus est Iesus in desertum: &c. pag.* 32. *col.* 2. *in fin. & pag.* 33 *col.* 2 *in fin.*

v. 2. *Postea esurijt. pag.* 257. *col.* 2.

v. 3. *Et accedens tentator. pag.* 257. *col.* 2.

Ibid. *Si Filius Dei es. pag.* 34. *col.* 1. *in princip. & pag.* 258. *col.* 1. *in med.*

Ibid. *Dic, ut lapides isti panes fiant. pag.* 258. *col.* 1. *in med.*

Cap. 6. *v.* 6. *Tu autem cùm oraveris, intra in cubiculum tuum,*

& clauso ostio, ora Patrem tuũ in abscondito. pag 52. col. 2. in princ. & pag. 56. col. 2. in fin.
v. 9. *Pater. pag. 308. col. 2.*
Ibid *Sanctificetur nomen tuum. pag. 133. col. 2. in med. & pag. 134. col. 2. in princ.*
v. 10 *Adveniat Regnum tuum. pag. 133. col. 2. in fin.*
v. 12. *Dimitte nobis debita nostra. pag. 308. col. 1.*
v. 13. *Sed libera nos à malo. pag. 308. col. 1.*
Ibid. *Amen. pag. 308. col. 2.*
v. 25. *Ne solliciti sitis quid manducetis pag 268. col 2.*
v. 34. *Nolite ergo solliciti esse in crastinum. pag. 268. col. 2.*
Cap. 7. v. 13 *Lata porta, & spatiosa via est, quæ ducit ad perditionem: &c. pag 31. col. 2. in med. & pag. 476. col. 2. in fin. & seqq*
v. 14. *Arcta via est, quæ ducit ad vitam: &c. pag. 31. col. 2. in med. & pag. 294. col. 2. & pag. 476. col. 2. in fin. & seqq.*
v. 16. *Nunquid colligunt de spinis uvas, aut de tribulis ficus? pag. 508. col. 1.*
v. 21. *Qui facit voluntatem Patris mei, qui in Cælis est. pag. 134. col. 1. in princ.*
Cap. 8. v. 8. *Domine, non sum dignus, ut intres sub tectum meũ: sed tantùm dic verbo, & sanabitur puer meus. pag. 131. col. 2. in med.*
Cap. 9. v. 12. *Non est opus valentibus Medicus, sed malè habentibus. pag. 141. col. 1. propè fin.*
Cap. 11. v. 19. *Homo vorax, & potator vini pag. 325. col. 2.*
v. 28. *Venite ad me omnes, qui laboratis. pag. 286. col. 2. in fin.*
v. 29 *Et invenietis requiem animabus vestris. pag. 286. col. 2. in fin.*
Cap. 12. v. 42. *Regina Austri. pag. 183. col. 1. circa fin.*
Cap. 13. v. 55. *Fabri filius. pag. 21. col. 1. in fin.*
Cap. 14. v. 23. *Dimissâ turbâ ascendit in montem solus orare. pag. 53. col. 1. in med.*
Cap. 16. v. 19. *Tibi dabo claves Regni Cælorum. Et quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum & in Cælis: &c. pag. 92. col. 2. in fin. & seqq. & pag. 101. col. 2. in med.*
Cap. 17. v. 5. *Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi bene complacui. pag. 204. col. 2. in princ.*
Cap. 18. v. 10. *Semper vident faciẽ Patris. pag. 54. col. 1. in princ.*
v. 20. *Ubi sunt duo, vel tres. pag. 349. col. 2.*
Ibid. *Ibi sum in medio eorum. pag. 59. col. 1. in med.*
v. 22. *Non dico tibi usque septies: sed*

sed usque septuagies septies. pag.288.col.2. in med.

Cap. 20. v. 1. & *seqq. Simile est Regnũ Cælorum homini patrifamilias: &c.pag.313.col.1.*

v.22.*Nescitis quid petatis.pag.132.col.1.in med.*

Cap.23. v.27.*Væ vobis, Scribæ, & Pharisæi hypocritæ: quia similes estis sepulchris dealbatis. pag.174.col.2. in princ.*

Ibid. *Quæ à foris parent hominibus speciosa, intus verò plena sunt ossibus mortuorum, & omni spurcitiâ.pag. 174. col. 2. in med.*

Cap.24.v.15.*Qui legit, intelligat. pag.227.col.1.in princ.*

Cap.25.v.2. *Quinque autem ex eis erant fatuæ, & quinque prudẽtes.pag.302.col.1.*

v.15. *Quinque talenta.pag.302. col.1.in fin.*

Cap.26.v.15.*Constituerunt ei triginta argenteos.pag.158.col.2. in med.*

v.26.*Accipite, & comedite: Hoc est Corpus meum.pag.114.col.2. in med.*

v.38. *Sustinete hîc, & vigilate mecum pag.45.col.2.in fin.*

v.39.*Pater mi, si possibile est, transeat à me calix iste. pag. 46.col.1. in med.*

v.40.*Sic non potuistis unâ horâ vigilare mecum? pag.46. col.2. in fin.*

v.41.*Vigilate, & orate. pag. 47. col.1. in princ.*

v.43. *Invenit eos dormientes. pag.46.col.2.circa fin.*

Ibid. *Erant enim oculi eorũ gravati.pag 47.col.1. in med.*

v.45.*Ecce appropinquavit hora, & Filius hominis tradetur in manus peccatorum.pag.123.col. 2. in fin.*

v.49.*Ave Rabbí.pag.222. col.1. in med.*

v.50. *Et manus injecerunt in Iesum.pag.264.col.1.in med.*

v.53.*An putas, quia non possum rogare Patrem meum? &c.pag. 13.col.2.in princ.*

Cap.27.v.45.*A sexta autem hora: &c.pag.336.col 2.*

v.46.*Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me? pag. 514. col. 1.*

v.51. 52. & 53. *Et ecce velum Templi: &c.pag 336. col. 2.*

Cap.28.v.9.*Illæ autem accesserũt, & tenuerunt pedes ejus. pag. 45.col.1.*

v.18.*Data est mihi omnis potestas in Cælo, & in terra.pag 93. col.1.in med.*

v.20.*Ecce ego vobiscũ sum, :::: usque ad consummationem sæculi pag.119.col.2.in fin.*

Ex

Ex D. Marco.

Cap.1.v.35. *Egressus abiit in desertum locum, ibique orabat.* pag.53.col.1.in med.

Cap.5.v.9. *Legio mihi nomen est, quia multi sumus.* pag.48.col.1.in med.& col.2.

v.10. *Et deprecabatur eum.* pag.48.col.2. in med.

Cap.11.v.24. *Quæcumque orantes petitis, credite quia accipietis.* pag.239.col.2 in med.

Cap.14.v.48. *Tanquam ad latronem existis,&c. comprehendere me? quotidie eram apud vos: &c.* pag.158 col.2.

Cap.15.v.15. *Flagellis cæsum.* pag.158.col.2.in med.

Cap.16.v.15. *Euntes in mundum universum, prædicate omni creaturæ.* pag.229.col.2.in med.

Ex D.Luca.

Cap.1.v.26. *Missus est Angelus Gabriel à Deo in Civitatem Galilææ, cui nomen Nazareth.* pag.505.col.1.

v.27. *Ad Virginem desponsatam viro: &c. & nomen Virginis Maria.* pag.505.col.1.

v.28. *Ave gratia plena, Dominus tecum.* pag.2.col.1.in med. & pag.11.col.1. & pag.321.col.1.

Ibid. *Benedicta tu in mulieribus.* pag.10.col.2.in fin.& pag.189.col.2.prope fin.& seqq.

v.31. *Ecce concipies in utero, & paries Filium: & vocabis nomen ejus Iesum.* pag.109.col.1.in med.& pag.189.col.2.in med.& pag.190 col.1.& pag.506.col.1.in princ.& pag.507.col.2.in princ.

v.32. *Et regnabit in domo Iacob.* pag.157.col.1.in princ.

v.34. *Quomodo fiet istud?* pag.190.col.2.in fin.& pag.507.col.2.

Ibid. *Quoniam virum non cognosco?* pag.507.col.2.

v.35. *Spiritus Sanctus superveniet in te.* pag.436.col.2.

Ibid. *Virtus Altissimi obumbrabit tibi.* pag.193.col.2.

v.38. *Ecce ancilla Domini.* pag.155.col.2.inprinc.& seqq.

Ibid. *Fiat mihi secundùm verbũ tuum.* pag.156 col.1.in med.& pag.191.col.1.in med.

v.39. *Abiit in montana cum festinatione.* pag.456.col.1.

v.44. *Exultavit in gaudio infans in utero meo.* pag.221.col.1.in med.

v.45. *Beata quæ credidisti.* pag.110.col.1.in princ.

v.46.& 47. *Magnificat anima mea Dominum: & exultavit spiritus meus in Deo salutari meo.* pag.235.col.1.in princ. &

pag. 456. col. 1.
v. 48. Quia respexit humilitatem ancillæ suæ: ecce enim ex hoc Beatam me dicent omnes generationes. pag. 73. col. 2. in princ. & pag. 110. col. 1. in princ. & pag. 160. col. 2. in med. & seqq.
v. 49. Fecit mihi magna qui potens est. pag. 445. col. 2.
v. 51. Fecit potentiam in brachio suo. pag. 451. col. 2.
v. 51. 52. & 53. Dispersit superbos mente cordis sui. Deposuit potentes de sede, & exaltavit humiles. &c. pag. 178. col. 1. in fin. & pag. 249. col. 1. & seqq.
Cap. 2. v. 14. *Gloria in altissimis Deo: & in terra pax hominibus. pag. 456. col. 1.*
Cap. 3. *v. 5. Omnis vallis implebitur: & omnis mons, & collis humiliabitur. pag. 22. col. 1. & 2.*
Cap. 5. *v. 4. & 5. Ut cessavit autem loqui: &c. pag. 305. col. 1.*
Cap. 6. *v. 12. Erat pernoctans in oratione Dei. pag. 59. col. 2. in med.*
v. 37. Dimittite, & dimittemini. pag. 134. col. 1. post princip.
Cap. 7. *v. 4. & 5. At illi cum venissent ad Iesum, rogabant eum sollicitè, dicentes ei: Quia dignus est, ut hoc illi præstes: &c. pag. 131. col. 2. ante fin.*
Cap. 8. *v. 30. Intraverant Dæmonia multa in eum. pag. 48. col. 2. in med.*
v. 31. Rogabant illum, ne imperaret illis, ut in abyssum irent. pag. 47. col. 2. in fin. & pag. 48. col. 2. in med.
v. 32. Et rogabant eum, ut permitteret eis in illos ingredi. pag. 48. col. 1. in princip.
Ibid. *Et permisit illis. Ibidem.*
Cap. 9. *v. 18. Et factum est, cum solus esset orans. pag. 53. col. 1.*
v. 28. Ascendit in montem, ut oraret. pag. 53. col. 1. in fin.
Cap. 11. v. 1. *Domine, doce nos orare. pag. 2. col. 1. in princip.*
v. 2. Et ait illis: Cum oratis, dicite: Pater, sanctificetur nomen tuum: Adveniat Regnum tuum. &c. pag 2. col. 1.
v. 3. Panem nostrum quotidianum da nobis. pag. 268. col. 2.
v. 14. Erat Iesus ejiciens Dæmonium, & illud erat mutum. pag. 2. col. 2 in med. & pag. 4. col. 1. in fin. & pag. 30. col. 1. in princ.
Ibid. *Locutus est mutus, & admiratæ sunt turbæ pag. 4. col. 2. in med. & pag. 8. col. 2. in princ. & pag. 21. col. 2.*
v. 15 In Beelzebub Principe Dæmoniorum ejicit Dæmonia. pag. 225. col. 2. & pag 327. col. 1. & pag. 356. col. 2.
v. 23. Qui non est mecum, contra

me

me est. pag. 16. *col.* 1. *in fin.*
*v.*27. *Extollens vocem quædam mulier de turba, dixit illi. pag.* 8. *col.* 2. *& pag.* 21. *col.* 2. *& pag.* 40. *& seqq. & pag.* 106. *& seqq. & pag.* 217. *& seqq.*
Ibid. *Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quæ suxisti. pag.* 1. *in princip. & seqq. & pag.* 40. *& seqq. & pag.* 185. *& seqq. & pag.* 217. *& seqq. & pag.* 324. *& seqq. & pag.* 358. *& seqq & pag.* 430. *& seqq. & pag.* 459. *& seqq.*
*v.*28. *Quinimo Beati, qui audiũt verbũ Dei, & custodiunt illud. pag.* 187. *col.* 2. *in fin. & pag.* 188 *col.* 1. *in fin.*
Cap. 12. v. 37. *Beati servi illi, quos, cùm venerit Dominus, invenerit vigilantes. pag.* 421. *col.* 1. *& seqq.*
Ibid. *Amen dico vobis, quòd præcinget se, & faciet illos discumbere, & transiens ministrabit illis. pag.* 421. *col.* 2. *in princip. & seqq.*
Cap. 13. *v.* 24. *Contendite intrare per angustam portam. pag.* 477. *col.* 1. *in fin.*
Cap. 14. *v.* 19. *Iuga boum emi quinque. pag.* 302. *col.* 2.
Cap. 16. *v.* 24. *Ut intingat extremũ digiti sui in aquam. pag.* 139. *col.* 1. *in fin.*
*v.*25. *Fili, recordare, quia recepisti bona in vita tua, & Lazarus similiter mala: &c. pag.* 177. *col.* 1. *in med.*
*v.*28. *Habeo enim quinque fratres. pag.* 302. *col.* 2.
Cap. 17. *v.* 21. *Regnum Dei intra vos est. pag.* 133. *col.* 2. *in fin.*
*v.*35. *Duo erunt in agro: unus assumetur, & alter relinquetur. pag.* 370 *col* 2.
v.37. *Ubicumque fuerit corpus. pag.* 120. *col.* 1. *in princip.*
Cap. 18. v. 11. *Deus, gratias ago tibi, quia non sum sicut cæteri hominum. pag.* 222. *col.* 2. *in med.*
Cap. 22. *v.* 17. *Accipite, & dividite inter vos. pag.* 118. *col.* 1. *in med.*
Cap. 23. v. 34. *Pater, dimitte illis. pag* 142. *col.* 1 *in med.*
*v.*42. *Domine, memento mei, cũ veneris in Regnum tuum. pag.* 370. *col.* 2.
*v.*43. *Hodie mecum eris in Paradiso. pag.* 303. *col.* 2.
Cap. 24. *v.* 21. *Nos autem sperabamus, quia ipse esset redempturus Israel. pag.* 407. *col.* 2.
*v.*25. *O stulti, & tardi corde. pag.* 407. *col.* 2.

Ex D. Joanne.

Cap. 1. *v.* 1. *In principio erat Verbũ; pag.*

*pag.*133.*col.* 1. *post princip.* & *pag* 185.*col.* 2. *in fin.*
Ibid. *Et Verbum erat apud eum, & Deus erat Verbum. pag.* 185. *col.* 2. *in fin.*
vers. 2. *Hoc erat in principio apud Deum. pag.* 186.*col.*1.*in princ.*
vers. 9. *Quæ illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum. pag.* 126. *col.*1. *in fin.*
vers. 14. *Verbum caro factum est. pag.* 186. *col.* 1. *in med.*
Ibid. *Et vidimus gloriam ejus quasi Unigeniti à Patre. pag.* 186. *col.* 1. *in med.*
vers. 46. *A Nazareth potest aliquid boni esse? pag.* 505.*col.* 2. *in med.*
Cap. 2. *vers.* 1. *Et erat Mater Iesu ibi. pag.* 302. *col.*2.
vers. 2. *Vocatus est Iesus, & Discipuli ejus. pag.* 363. *col.* 1.
vers. 3. *Deficiente vino. pag.* 363. *col.* 1.
Ibid. *Vinum non habent. pag.* 363. *col.* 1.
vers. 4. *Quid mihi, & tibi? pag.* 363. *col.* 1.
Ibid. *Nondum venit hora mea. pag.* 363. *col.* 1.
Cap. 3. *vers.* 14. *Sicut Moyses exaltavit Serpentem in deserto. pag.* 468. *col.* 1. *in fin.* & *pag.* 490.*col.* 1.*in princip.*
Cap. 4. *vers.* 18. *Quinque viros habuisti. pag.* 302. *col.* 2.
Cap. 5. *vers.* 2. *Quinque porticus habens. pag.* 303. *col.*1.
vers. 7. *Hominem non habeo. pag.*303. *col.* 1.
Cap. 6. *vers.* 15. *Fugit iterum in montem ipse solus. pag.* 54. *col.* 1.*in fin.*
vers. 57. *Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem. pag.* 120. *col.* 1. *in fin.*
Ibid. *In me manet, & ego in illo. pag.* 120.*col.* 1. *in med.* & *pag.*140. *col.* 1.*in med.*
vers. 58. *Sicut misit me vivens Pater, & ego vivo propter Patrem: &c. pag.* 493. *col.* 1.
vers. 59. *Hic est panis, qui de Cælo descendit. pag.* 120. *col.* 2. *in princip.* & *pag.* 490. *col.*1.
Ibid. *Non sicut manducaverunt Patres vestri Manna: &c. pag.* 492.*col.*1.
Ibid. *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum. pag.* 120. *col.* 2. *post princip.* & *pag.* 492. *col.* 1.
Cap. 7. *vers* 15. *Quomodo hic litteras scit, cùm non didicerit?*

cerit? pag. 227. *col.* 2. *in med. & pag.* 382. *col.* 2.
vers. 46. *Quare non adduxistis illum? pag.* 20. *col.* 1.
Ibid. *Responderunt ministri: Nunquam sic locutus est homo. pag.* 20. *col.* 1.
vers. 47. & 48 *Nunquid & vos seducti estis? Nunquid ex Principibus? &c. pag.* 20. *col.* 2. *in princip.*
Cap. 8. *vers.* 9. *Remansit solus Iesus, & mulier in medio stans. pag.* 67. *col.* 1. *in med.*
vers. 11. *Vade, & jam amplius noli peccare. pag.* 67. *col.* 1. *in med.*
Cap. 10. *vers.* 9. *Ego sum ostium. Per me siquis introierit, salvabitur. pag.* 294. *col.* 2.
Cap. 11. *vers.* 4. *Infirmitas hæc non est ad mortem, sed ut glorificetur Filius Dei per eam. pag.* 372. *col.* 2.
vers. 37. *Non poterat hic, qui aperuit oculos cæci nati, facere, ut hic non moreretur? pag.* 372. *col.* I.
Cap. 12. *vers.* 32. *Si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum. pag.* 336. *col.* 2.
Cap. 13. *vers.* 5. *Misit aquam in pelvim, & cæpit lavare pedes. pag.* 158. *col.* 2 *in princip.*
Cap. 14. *vers.* 12. *Opera quæ ego facio, & ipse faciet: & maiora horum faciet. pag.* 5. *col.* 1. *ante fin. & pag.* 29. *col.* 2. *in fin.*
Ibid. *Quia ego ad Patrem vado. pag.* 5. *col.* 2. *in med. & pag.* 6. *col.* 1. & 2. & *pag.* 7. *col.* 1. & 2.
vers. 13. *Et quodcunque petieritis Patrem: &c. pag.* 7. *col.* 1. & 2.
Cap. 15. *vers.* 7. *Si manseritis in me, & verba mea in vobis manserint. pag.* 140. *col.* 1. *in med.*
Ibid. *Quodcunque volueritis, petetis, & fiet vobis. pag.* 140. *col.* 1. *in med.*
Cap. 16. *vers.* 28. *Exivi à Patre, & veni in mundum: iterum relinquo mundum, & vado ad Patrem. pag.* 466. *col.* 2. *in princip.*
Cap. 18. *vers.* 5. *Ego sum. pag.* 264. *col.* 1. *in med.*
vers. 24. *Misit eum ligatum ad Caipham. pag.* 158. *col.* 2. *in med.*
Cap. 19. *vers.* 17. *Bajulans sibi Crucem. pag.* 158. *col.* 2. *in fin.*
vers. 20. *Erat scriptum Hebraicè, Græcè, & Latinè. pag.* 227. *col.* 1.
vers. 22. *Quod scripsi, scripsi pag.* 379. *col.* 2.

Vers.23. Acceperunt vestimenta ejus.pag. 158. col. 2.in fin.

vers.25. Stabat juxta Crucem Iesu Mater ejus. pag. 362. col. 2.

vers. 26. Discipulum, quem diligebat. pag. 514. col. 2. in princip.

Ibid. *Mulier, ecce filius tuus. pag.76. col. 2.circa fin. & pag. 514.col.1.*

vers. 27. Ecce Mater tua. pag. 514.col.2.in princip.

Ibid. *Et ex illa hora accepit eam Discipulus in sua. pag. 514. col. 2. in princip.*

Cap. 20. *vers.17. Noli me tangere, nondum enim ascendi ad Patrem meum. pag. 44. col.2. in fin. & pag. 45. col.1.*

vers 27. Affer manum tuam,& mitte in latus meum pag. 373. col.1.

Cap. 21. *vers. 11. Ascendit Simon Petrus, & traxit rete in terram:&c. pag. 305.col.1. & seqq.& pag. 322. col. 2. in fin.*

vers.15. Diligis me plus his? pag. 94.col.1.in med. & seqq.

Ex Libro Actuum Apostolor.

Cap. 3. *vers 6. Argentum, & aurum non est mihi: quod autem habeo, hoc tibi do. pag. 278. col. 2. in fin.*

Cap. 8. *vers. 27. Et ecce, vir Æthiops, &c. pag. 170. col. 1. in med.*

Cap.13. *v.48. Et crediderunt, quotquot erant præordinati ad vitam æternam. pag. 20. col.2.*

Cap.17. *vers.28. In ipso enim vivimus, & movemur, & sumus. pag.431.col.2.*

Cap.22. *vers.9 Et qui mecũ erant, lumen quidem viderunt, vocem autem non audierunt ejus, qui loquebatur mecum. pag. 57. col. 1.circa fin.*

Ex Epistol. D. Pauli ad Romanos.

Cap.6. *vers.22. Liberati à peccato, servi autem facti Deo.pag. 413. col.2.*

Cap.7. *vers.14. Lex spiritualis est: ego autem carnalis sum, venũdatus sub peccato.pag. 400. col. 1. & seqq.*

Cap.8. *vers.29. Quos præscivit, & prædestinavit conformes fieri imaginis Filij sui pag. 21. col. 1.& pag. 319. col. 2. & pag. 343.col.1.& pag 345. col.1.*

vers. 32. Qui proprio Filio suo non pepercit.pag.342. col. 2.

Cap.10. *vers. 19 Ego ad æmulationem vos adducam in non gentem.pag.184. col. 1. in med.*

Cap.12. *vers.15. Gaudere cum gaudentibus*

dentibus , flere cum flentibus. pag.125.col.2.in fin.

verſ.19.Mihi vindicta: Ego retribuam. pag.324. col.2.

Cap. 13. *verſ 9. Nam: Non adulterabis: Non occides: Non furaberis: &c. pag. 134. col. 2. in med.*

Cap. 15. *verſ. 30. Obſecro vos, fratres, per Dominum noſtrum Jeſum Chriſtum, & per charitatem Sancti Spiritus: &c. pag.45.col.1.in med.*

Ex Epiſt. 1. ad Corinth.

Cap. 1. *verſ. 26. Videte vocationem veſtram, fratres, quia non multi ſapientes ſecundùm carnem: &c. pag.18.col.2.in princ. & ſeqq.*

Cap. 5. *verſ. 3. & ſeqq. Iudicavi, congregatis vobis, & meo ſpiritu, cum virtute Domini noſtri Jeſu, tradere hujuſmodi Satanæ. pag.15.col.1.in fin.*

Cap. 10. *verſ. 4. Conſequente eos Petra. pag. 368. col. 1. in princip.*

verſ. 13. Sed faciet etiam cum tentatione proventum. pag. 134. col. 1. in med.

Cap. 11. *verſ 23. & 24. In qua nocte tradebatur, accepit panem: & gratias agens, fregit, & dixit: Accipite, & manducate: Hoc eſt Corpus meum. pag.263.col. 2.in med.*

Ibid. *Quod pro vobis tradetur. pag.263. col.2.*

verſ.25.& 26. Hoc facite :::: in meam commemorationẽ. Quotieſcunque enim manducabitis panem hunc: &c. pag. 142. col. 2. in fin. & pag. 143. col. 1. in fin.

verſ.29. Iudicium ſibi manducat, & bibit. pag.141.col.2.poſt princip.

Cap. 12. *verſ. 31. Æmulamini chariſmata meliora. pag. 246. col.1. in med.*

Ibid. *Adhuc excellentiorẽ viam vobis demonſtro. pag.478.col.1. in fin.*

Cap. 14. *verſ.6. Nunc autem, fratres, ſi venero ad vos linguis loquens: Quid vobis prodero? pag.235.col.2.in med.*

verſ. 7. Quæ ſine anima ſunt vocem dantia; &c. pag. 243. col.1.

verſ.8. Etenim ſi incertam vocem det tuba: quis parabit ſe ad bellum? pag.243.col.2.

verſ.14. Si orem lingua, ſpiritus meus orat, mens autem mea ſine fructu eſt. pag.234.col.2.in princ. & ſeqq.

verſ.19. In Eccleſia volo quinque

que verba sensu meo loqui: quàm decem millia verborum in lingua. pag. 231.*col.*1.

Cap.15.*vers.*6.*Visus est plus quàm quingentis fratribus. pag.* 19. *col.* 1.

*vers.*28.*Ut sit Deus omnia in omnibus pag.*374.*col.*1.

Ex Epistol.2. ad Corinth.

Cap.1.*vers*10.*&* 11. *Qui de tantis periculis nos eripuit, & eruit: in quem speramus: &c. pag.*43.*col.*1.

Ibid. *Ut ex multorum personis, ejus quæ in nobis est donationis, per multos gratiæ agantur pro nobis.pag.*44.*col.*2.

Cap.4.*v.*4. *Qui est imago Dei.pag.* 342.*col.*1.

Cap.5.*v.*21. *Eum, qui non noverat peccatum, pro nobis peccatum fecit.pag.*340. *col.*2.

Cap.12. *vers.* 8. *Propter quod ter Dominum rogavi.pag.*43.*col.*2. *in fin.*

Ex Epistol. ad Galat.

Cap.4.*vers.*30.*Ejice ancillam, & filium ejus.pag.* 3. *col.* 2.*prope fin.*

Ex Epistol. ad Ephesios.

Cap.4.*vers.*8.*Ascendens in altum, captivam duxit captivitatem. pag.*413.*col.*1.

vers. 13. *In mensuram ætatis plenitudinis Christi.pag.* 120. *col.*1.*in med.*

vers. 14. *Ut non circunferamur omni vento doctrinæ pag.* 199.*col.*2.*in fin.*

Cap. 5. *vers.* 19. *Loquentes vobis metipsis in Psalmis, & Hymnis: &c. pag.* 236. *col.* 1. *in med.*

Cap.6.*vers.* 5. *& seqq. Servi obedite Dominis carnalibus: &c. pag.* 397. *col.* 1. *& pag.* 416. *col.* 1. *& seqq. & pag.*419.*col.* 1. *& seqq.*

*vers.*12. *Quoniam non est nobis colluctatio adversùs carnem, & sanguinem: &c. pag.* 30. *col.* 2.

Ex Epistol. ad Philippens.

Cap. 1. *vers.* 19. *Scio quia hoc mihi proveniet ad salutem, per vestram orationem.pag.* 42.*col.* 2. *in fin.*

Cap. 2. *vers.* 6. *&* 7. *Qui cum in forma Dei esset, non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo: &c. pag.* 158. *col.* 1.*in princip. & pag.* 159. *col.*1.*&* 2.

Cap. 4. *vers.* 6. *In omni oratione, & obsecratione cum gratiarum*

tiarum actione petitiones vestra innotescant apud Deum. pag. 241. col. 2. in med.

Ex Epistol. ad Colossenses.

Cap. 2. *vers. 9. In ipso inhabitat omnis plenitudo Divinitatis corporaliter. pag. 113. col. 1. & 2.*

vers. 14. & 15. Delens quod adversus nos erat, chirographum decreti: &c. pag. 409. col. 2. & seqq.

Cap. 3. *vers. 3. Mortui estis, & vita vestra est abscondita cum Christo in Deo. pag. 339 col. 2.*

vers. 9. 10. & 11. Expoliantes vos veterem hominem cum actibus suis, & induentes novum; &c. pagin. 150. col. 1. in fin.

vers. 22. & seqq. Servi, obedite per omnia Dominis carnalibus: &c. pag. 416. col. 1. & seqq.

Ex Epistol. 1. ad Timoth.

Cap. 2. *vers. 12. Docére autem mulieri non permitto. pag. 228. col. 1. in med.*

Ex Epistola ad Hebræos:

Cap. 1. *vers. 1 & 2. Olim Deus loquens in Prophetis: novissimè locutus est nobis in Filio. pag. 516. col. 2. in med.*

vers. 3. Figura substantiæ ejus. pag. 342. col. 1.

Ibid. *Purgationem peccatorum faciens, sedet ad dexteram maiestatis in excelsis. pag. 141. col. 2. in fin.*

Cap. 2. *vers. 14. & seqq. Quia ergo pueri communicaverūt carni, & sanguini, & ipse similiter participavit iisdem: &c. pag. 79. col. 1. in fin. & seqq.*

Cap. 5. *vers. 1. Omnis namque Pōtifex ex hominibus assumptus, pro hominibus cōstituitur: &c. pag. 72. col. 1. in med. & seqq. & pag. 75. col. 2 in princ.*

vers. 4. Nec quisquam sumit sibi honorem, sed qui vocatur à Deo, tanquam Aaron. pag. 74. col. 2. in princ.

vers. 5. Christus non semetipsum clarificavit, ut Pontifex fieret: &c. pag. 74. col. 2. post princ.

vers. 7. Qui in diebus carnis suæ, preces, supplicationesq. ad eum :::: offerens; &c. pag. 74. col. 2. in med.

Cap. 6. *v. 6. Rursum crucifigentes sibi metipsis Filium Dei, & ostētui habentes. pag. 123. col. 1. in med. & col. 2.*

Cap. 7. *v. 3. Melchisedech sine patre,*

tre, sine matre, sine genealogia. pag. 284. col. 1. in princ.
vers. 26. Talis enim decebat, ut nobis esset Pontifex, sanctus, innocens, &c. pag. 76. col. 1. in princ.
vers. 27. Qui nõ habet necessitatem :::: quemadmodũ Sacerdotes, prius pro suis delictis hostias offerre, deinde pro populi. pag. 75. col. 2. in med.
Cap. 10. v. 38. *Iustus meus ex Fide vivit.* pag. 161. col. 2. in med.
Cap. 11. v. 19. *Arbitrans quia & à mortuis suscitare potens est Deus.* pag. 501. col. 2. in fin.
Cap. 13. v. 15. *Per ipsum ergo offeramus hostiã laudis semper Deo, id est, fructum labiorum.* pag. 475. col. 2.

Ex Epistol. 1. D. Petri.
Cap. 1. v. 18. & 19. *Scientes quòd non corruptibilibus, auro, vel argento redempti estis: &c.* pag. 408. col. 1.
Cap. 2. v. 2. & 3. *Sicut modò geniti infantes, rationabile sine dolo lac concupiscite: &c.* pag. 478. col. 2. in fin. & seqq.
vers. 9. Vos autem genus electum, Regale Sacerdotium. pag. 88. col. 1.
vers. 18. Servi, subditi stote in omni timore Dominis, non tantùm bonis, & modestis, sed etiã dyscolis. pag. 417. col. 2.
vers. 20. Quæ enim est gloria: si peccantes, & colaphizati suffertis? pag. 417. col. 2. & seqq.
Ibid. *Sed si benè facientes patiẽter sustinetis: hæc gratia apud Deum.* pag. 417. col. 2. in fin. & seqq.
vers. 21. In hoc enim vocati estis: quia & Christus passus est pro nobis, vobis relinquens exemplũ, ut sequamini vestigia ejus. pag. 418. col. 1. & seqq. & pag. 446. col. 2. & pag. 469. col. 1.

Ex Epistol. 2. D. Petri.
Cap. 1. v. 10. *Satagite, ut per bona opera certam vestram vocationem faciatis.* pag. 317. col. 1.

Ex Epistol. 1. D. Joannis.
Cap. 2. v. 16. *Quoniam omne, quod est in mundo, &c.* pag. 410. col. 1.

Ex Libr. Apocalypsis.
Cap. 1. v. 18. & 19. *Ego sum primus, & novissimus, & vivus, & fui mortuus: &c.* pag. 93. col. 2. ante med. & pag. 96. col. 1. & 2.
Cap. 7. v. 2. *Quibus datum est nocére terræ, & mari.* pag. 12. col. 2.
vers. 9. Amicti stolis albis. pag. 470. col. 1.

vers. 14. *Qui laverunt stolas suas, & dealbaverunt eas in sanguine. Agni.pag.* 470. *col.* 1.

Cap. 12. v. 1. *Signum magnum apparuit in Cælo: Mulier amicta Sole.pag.* 194. *col.* 1. *in princ. & seqq. & pag.* 439. *col.* 2. *& seqq.*

Ibid. *Et in capite ejus corona stellarum duodecim. pag.* 285. *col.* 1. *in fin.*

vers. 2. *Et in utero habens, clamabat parturiens, & cruciabatur ut pariat.pag.* 194. *col.* 1. *in med & seqq.*

vers. 5. *Et peperit filium masculum, qui recturus erat omnes Gentes.pag.* 194. *col.* 1. *in med. & seqq.*

Cap. 13. v. 9. *Siquis habet aurem, audiat.pag* 426. *col.* 2. *in fin.*

vers. 10. *Qui in captivitatē duxerit, in captivitatem vadet. pag.* 427. *col.* 1.

Cap. 14. *v.* 4. *Virgines enim sunt. Hi sequuntur Agnum quocunque ierit.pag* 437. *col.* 2. *& seqq.*

Cap. 20. *v.* 1. *&* 2. *Et vidi Angelū descendentem de cælo, habentem :::: catenam magnam: &c. pag.* 9. *col.* 2.

Cap. 21. *v.* 13. *Ab Oriente, portæ tres: & ab Aquilone, portæ tres: &c. pag.* 291. *col.* 1. *in fin.*

FINIS.

INDEX

INDEX
DAS COVSAS NOTAVEIS.
OS NVMEROS, SIGNIFICAM as Paginas.

A

Abraham. ABRAHAM na morte, q̃ queria dar a Isaac, elle mesmo era o Sacrificio, & o Sacerdote, a Victima, & o Pontifice. pag.76.

Adam. Adam quer dizer vermelho, *Rubet*. E porque razaõ poz Deos a Adam este nome. pag. 165. Se havia de encarnar, ou naõ, o Filho de Deos, no caso que Adam naõ peccára. pag. 360. Assim como Adam, & Eva vendéraõ as suas Almas, nós vẽdemos as nossas. pag. 401.

Alma. De seu sacratissimo Corpo fez Christo hum espelho para a Alma. pag. 97. Naõ he adequada a semelhança, que se considera entre os modos de estar a Alma no corpo, & Christo no Sacramento. pag. 116. Como fica a Alma sem fruto, quando se ora na lingua, que se naõ entende. pag. 234. O fruto da Oraçaõ consiste nos affectos da Alma: & se se naõ entendem as palavras, cõ que se ora, naõ podem excitar estes affectos. pag. 236. De que modo se cativaõ as Almas. pag. 399. 400. Porque razaõ veyo Christo sò remir aos homẽs do cativeiro das Almas, & naõ do cativeiro dos corpos. pag. 405.

Amor. Que mal correspondem os homẽs aos grandes beneficios do Amor de Deos. pag. 37. 38. E como provaõ isto os mesmos Demonios. *Ibid.* Exame do Amor de Maria cõ o de todos os Santos, & Anjos. pag. 94.

94.95. A maior inclinaçaõ do Amor he darse todo: & a sua maior mortificaçaõ he dar sòmente parte. pag. 117 118. Mais toleraveis saõ os apertos do Amor, que os da fome. pag. 255 Sojeitase Deos por Amor a ser levado da Senhora, para onde ella quer. Pag. 441. 442.

Anjos. Saõ Domingos he o Anjo do Apocalypse, que com o Rosario prendéo ao Demonio. pag 9. Demonios, & naõ Anjos quiz Deos em hũa occasiaõ, que fossem em defensa do Rosario: & porque. pag. 14 Porque razaõ o Filho de Deos se fez Homem, & naõ Anjo. pag. 79. E porque razaõ remio os homẽs, & os Anjos naõ. pag. 178. Admiraçoẽs dos Anjos sobre o Rosario. pag 213 *usque ad* 215.

Appetite. O maior appetite da molher, he andar, & sair. pag 63.

Arca. Propria representaçaõ da Virgem Maria na Arca de Noè. pag. 27. O Rosario propriamente representado na Arca de Noè, & no diluvio. pag 28. Nenhum pezo sentiaõ os Levitas, que levavaõ a Arca do Testamento. pag. 430.

Arte. Qual he a materia, assim em sustancia, como no modo, de que se val a Arte Magica, para os encantos, & feitiços: & quaes saõ os meyos contrarios a essa Arte & a esses encantos. pag 331. 332. Quam proprio effeito seja da Arte Magica encantar, & amansar serpentes. pag. 335.

Aram. Notavel differença entre o Põtificado de Christo, & o de Aram. pag. 87.

Atterçõ. Quantas, & quaes saõ as Attençoẽs da Oraçaõ perfeita. pag. 58. Se faltar qualquer dellas na Oraçaõ, he injuria, que fazemos a Deos pag. 58. 59.

Audiencia. Saõ mais bem ouvidos de Deos, os que em Oraçaõ retirada trataõ só por sò com elle. pag. 56. *usque ad* 61.

Ave-Maria. Ainda que o Padre-nosso, & a Ave-Maria sejaõ duas Oraçoẽs differentes, saõ hũa só, & a mesma, pelo que significaõ. pag. 130. Assim a Oraçaõ do Padre-nosso, como a da Ave-Maria, està toda em toda, & toda em qualquer parte. pag. 132. *usque ad* 140. Que ardentissimos affectos excita a Oraçaõ da Ave-Maria. pag. 237. Porq saõ cento & sincoenta as Ave-Marias do Rosario da Senhora. pag. 303. *usque ad* 310. Quando rezamos a Ave Maria, dizemos à Senhora, que dezeja por nós. pag. 457.

B

Bemaventurança. QUAES saõ os que mais haõ de ir gozar a Bemaventurança. pag. 18. 19. Porque naõ disse a Molher do Evangelho, quando quiz louvar a Senhora: Bemaventurada a Mãy; senaõ, Bemaventurado o Ventre. pag. 109. Tres vezes foi chamada neste mundo Bemaventurada a Virgem Maria: & em qual dellas se fallou com maior encarecimento. pag. 110. Conçeber a Virgem Maria

ria a Deos na Mente, foi maior Bẽaventurança, que concebello no Ventre. pag. 188. No numero dos quinze Mysterios do Rosario se nos promette a Bemaventurança. pag. 296.

Beneficios. Saõ tres os Beneficios inefaveis, com que Deos restaurou ao mundo, depois deperdido o genero humano. pag. 474.

Bens. Naõ quiz o Autor da natureza, que a Molher se contasse entre os bens moveis: & porque. pag. 63.

Blasfemias. Com quinze mil Demonios castigou Deos as blasfemias ditas contra o Rosario. pag. 11. *& ulterius.* E porque. *Ibid.*

Bondade. Naõ ha commumidade taõ boa, em que se naõ ache hũ máo: nẽ taõ má; em q̃ se naõ ache algũ bõ. pag. 40. Quando a escolha he entre o mal, & o bem; ha se de escolher o bem, & deixar o mal. Mas quando he entre o bom, & o melhor; ha se de escolher o melhor, & deixar o bom. pag. 246.

Breviario. As molheres devem preferir a reza do Rosario à do Breviario. pag. 221. Qual deve ser preferido, se o Rosario, ou o Breviario. pag. 226. *& ulterius.* Tambem he reza sem sabôr a do Breviario para os homẽs ignorãtes da Lingua Latina. pag. 233.

Braço. O Filho de Deos tem por mais gloriosas as acçoẽs de seu Braço, quando tambem he levado pelos impulsos de sua Mãy. pag. 451.

C

Cadea. O ROSARIO he Cadea para se prender ao Demonio. pag. 10.

Castigo. Com quinze mil Demonios castigou Deos a hum Blasfemo do Rosario: & porque. pag. 11. *& ulterius.* Notavel castigo de Deos na Irmãa de Moyses, porque murmurou de elle se ter casado com hũa molher preta. pag. 107. Como castigou Deos a altiveza de Michol desprezadora dos obsequios de David ao mesmo Deos, por serem vulgares. pag. 221. Quando a justiça de Deos decreta absolutamente algum castigo, antes de proceder á execuçaõ prohibe primeiro a nossa Oraçaõ. pag. 346.

Cativos. Como se cativão os corpos, & as Almas. pag. 404. Porque razaõ na genealogia de Christo se faz mençaõ do Cativeiro de Babylonia, & naõ do Cativeiro do Egypto. pag. 405. Quantas vezes foraõ cativos os filhos de Israel. pag. 406. O primor de todos os que Deos libertou do cativeiro do peccado, deve ser fazeremse cativos de quẽ os libertou. pag. 412. *& ulterius.* O estado dos Cativos he como o da Religiaõ: & esta a mais apertada. pag. 418. *usque ad* 420. Para passar da liberdade ao cativeiro, naõ he necessaria a Transmigraçaõ de Babylonia. pag. 427.

Chaves. Qual he a Potestade das Cha-

ves da Senhora do Rosario. pag. 93. *& ulterius*. Esta Potestade das Chaves de Maria, medida pelo amor, he maior que a de Pedro. pag. 94. 95.

Ceo. As ruas estreitas, & apertadas, saõ as por onde andaõ os que vaõ pelo caminho do Ceo. pag. 31. Se a Oraçaõ vai acõpanhada de muitos, tem francas as portas do Ceo. pag. 49. Ainda que somos peregrinos na terra; nem por isso as nossas causas saõ desemparadas no Ceo. pag. 74. Christo naõ sô deu a sua Mãy as chaves do Ceo, como a S. Pedro, senaõ tambem as da morte, & as do Inferno, que elle sô reservou para sy. pag. 96. *usque ad* 102. A Virgem Senhora Nossa ainda no Ceo gera a seu Filho. pag. 192. O Paõ do Ceo he estreito, & apertado; & o Paõ da terra largo, & abũdante: & porque. pag. 266. Porque naõ prometéo Deos o Ceo aos observadores da Ley Escrita. pag. 290. 291. Os quinze Mysterios do Rosario saõ as cousas, que havemos de offerecer a Deos, calculados os numeros de sete, & oito, com a Bemaventurança do Ceo. pag. 296. Hoje no Ceo se deixa levar Deos da Senhora, para onde ella quer. pag. 432. Naõ faltou á Antiguidade ser a Via Lactea caminho do Ceo. pag. 473. Consideraçaõ importante dos caminhos do Ceo. pag. 476.

Christo. A maior promessa de Christo foi, que os que o seguiaõ, haviaõ fazer maiores maravilhas do que elle. pag. 5. E com que condiçoẽs, pag. 6. 7. Naõ tentou o Demonio a Christo, senaõ depois que o vio separado da presença de sua Santissima Mãy: & porque. pag. 32. 33. 34. Christo ensinou a orar sô, & isso fazia sẽpre. pag. 52. 53. E para que. *Ibid.* O que faz Christo, quãdo quer converter molheres. pag. 67. Que differença ha de Christo Pontifice aos outros Pontifices. pag. 74. Se Christo naõ fosse Filho da Virgem Maria, naõ seria Pontifice. pag. 80. Como comprehende o Sacramento do Altar o Corpo de Christo. pag. 114. *& ulterius*. Christo Sacramentado, ainda que glorioso, & impassivel, tambem padece: & como. pag. 123. Assim na parte Mental, como na Vocal do Rosario, está todo Christo. pag. 128. 129. Assim como Christo nos deixou seu Corpo no Sacramento: assim a Senhora se deixou como sacramentada comnosco na Ave-Maria. pag. 139. Muito mais damos a Christo no Rosario, do que elle nos pedio no Sacramento. pag. 142. Quanto estima Christo aos Pretos. pag. 168. *& ulterius*. Christo na mesma noite se entregou a seus inimigos, & fugio delles. pag. 264. Como diz Christo, sendo Pay, que lhe peçaõ os filhos o paõ, dizendo em outra parte, que naõ tenhaõ elles cuidado do que haõ de comer? pag. 268. Como he Christo Encantador. pag. 328. *& ulterius*. Com que Mysterios Christo no dia da Redempçaõ se coroou de espinhas. pag. 397. *& deinceps*.

Christaõs. A Virgem Maria he Ponte segura

segura dos Christaõs.pag.82.

Circulo. Toda a vida de Christo foi hum circulo, pag. 198. Os que rézaõ o Rosario fazem circulos, pag. 200.

Congregaçaõ. Concorrem os Christaõs a orar juntos em congregaçaõ, porque assim poem a Deos de cerco, para lhes naõ negar o que lhe pedem. pag. 50.

Condennados. Quaes saõ os q̃ mais, ou menos se condennaõ. pag. 16. 17. Nenhum devoto da Virgem, se persevera na sua devaçaõ, se condenna. pag. 26.

Contas. Quanto importa saber os mysterios dos numeros nas contas de Deos. pag. 284. A que fim se dividem nas Contas do Rosario os Mysterios de sinco em sinco. pag. 302. E porque saõ cento, & sincoenta as Ave-Marias. pag. 303. As sincoenta Ave-Marias do Rosario dividido em tres Terços nos negoceaõ o descanço do Ceo. pag. 308. O numero de dez he o mais perfeito de todos. pag. 311. Todas as Cõtas do Rosario se resumem aos maiores dous sinaes da Predestinaçaõ, pag. 319.

Coroa. A Tiara, que he insignia dos Summos Pontifices, compoemse de tres Coroas: & porque. pag. 87. 88. Os Emperadores coroaõse tres vezes, & com tres Coroas: & quaes saõ estas Coroas. pag. 88. De outras tantas Coroas se compoem a Tiara Pontificia, que compete à Virgem Senhora Nossa por Senhora do Rosario. pag. 88. *usque ad* 91. Porque chama David à fertilidade dos cãpos, Coroa do Anno. pag. 250. A Coroa de espinhas, com que Christo se coroou, foilhe a elle devída, porque preservou a sua Mãy das espinhas do peccado de Adam. pag. 501.

Coraçaõ. Tanto nos olhos de Deos, como nos de sua Mãy, cada hum he filho de seu coraçaõ. pag. 174. Se com o coraçaõ, que a Esposa tirou a Deos, tivesse Deos querido algũa cousa contra a vontade da Esposa, sempre se ha de fazer o que a Esposa quizer, ainda que parecesse, q̃ o Esposo o naõ quizesse. pag. 442.

Cores. A Senhora do Rosario igualmente abraça as tres cores, Branco, Preto, & Pardo. pag. 151. Tanto os Pretos, como os Brancos, deviaõ igualmente unirse na mesma Irmãdade do Rosario. pag. 152. Excellẽcias da cor preta preferida à branca. pag. 164. *& ulterius.*

Cruz. Mais padece Christo no Sacramento, quando o recebem em peccado, do que padecéo na Cruz. pag. 123. Como Christo foi na Cruz verdadeiro Encantador. pag. 336. 337. Como enfeitiça a Imagem de Deos, ou no Presepio, ou na Cruz. 343. 344.

Culto. Nas materias do Culto Divino, o mais authorizado, he o mais vulgar, & humilde. pag. 218.

D

Demonio. NENHUMA Oraçaõ persegue tanto o Demonio

monio,como o Rosario. pag.3. O pacto, cõ que o Demonio serve aos que delle se valem, he odio contra o Rosario.pag.3.Empenhase o Demonio em emmudecer os homẽs na Oraçaõ do Rosario . pag.4. Prégaçaõ do Demonio feita pela boca de hum endemoninhado.pag 5.& *ulterius*.O Rosario he cadea, com que se prende ao Demonio . pag. 10. Confessáraõ os Demonios , que nenhum devoto do Rosario se condennaria. pag. 23. Comfirmase esta confissaõ dos Demonios:& como se ha de entender.pag. 26.27. Os Demonios,por serem inimigos invisiveis , saõ os que mais devemos temer. pag.30.Quanto fogem os Demonios da preséça da Virgem Maria,pag.32.33.34.Quaes saõ as tres Gerarchias , em que se repartem os Demonios. pag.35. Atè os mesmos Demonios , quando pedem muitos juntamente,alcançaõ mais , do que quando pedẽ hum sò . pag.47.48. Na tentaçaõ do Deserto,a primeira cousa,que o Demonio disse a Christo , foi a primeira,q̃ havia de callar. pag.258.Para o Demonio se vingar de Deos,intentou enfeitiçalo . pag. 340.

Deos. Chegou Deos a fazer em defensa da hóra do Rosario,o q̃ naõ fez, nẽ faria para defender a sua.pag.13. Porque razaõ quiz Deos, que Demonios , & naõ Anjos fossem em huã occasiaõ defensores do Rosario?pag.14.Naõ fora Deos Filho da Virgem Maria,se naõ fizesse prõtamente quanto ella quer . pag.25. Como calũmniaõ os Demonios a Deos pelos beneficios , que fez aos homẽs . pag . 37.38. A Oraçaõ de muitos juntamente he a que mais agrada a Deos.pag . 42 *usque ad* 52. Mostrase o contrario com diversas, & singulares razoẽs.pag.52.*usque ad* 61 . Tudo o que no Escravo pôde causar desprezo , coube em Deos. pag.157.158. Porque motivos escolhéo Deos Padre a Virgem Maria para Mãy de seu Filho.pag.159.De que maneira acodio Deos à differença,que podia causar nos homẽs a differẽça das cores.pag.166. Quiz Deos que a Mãy de seu Filho fosse semelhante a seu proprio Pay.pag. 191. Deos no Sacramento dáse aos ricos debaixo dos accidentes de paõ sòmẽte: & aos pobres tambem lhe dá a sustancia : & como. pag. 267. Excellente representaçaõ dos que louvaõ a Deos com o Rosario.pag. 310. Permetio Deos em sy mesmo tudo o que a Magia do Demonio havia de obrar,se pudera.pag. 340. 341. O mesmo Deos quer enfeitiçar aos homẽs com a sua Imagem Divina.pag. 342.Como com o Rosario se encanta a Deos . pag.346. 347. Em que consiste o encantamento de Deos.pag.348. Donde tẽ o Rosario virtude , para encantar a Deos.pag.349. Como supre Deos a falta de huãs cousas com outras. pag.367.Mais maravilhoso heDeos na conservaçaõ das cousas, do que foi na criaçaõ dellas.pag. 368. Para libertar do cativeiro dos homẽs, bastaõ homẽs ; mas para libertar

do

do cativeiro do peccado he necessario Deos. pag.406.407. Deos ha de servir como Escravo no Ceo aos Escravos, que o servirão na terra. pag. 422. *usque ad* 424.

Devaçaõ. Muitas vezes as que se chamaõ devaçoẽs, saõ devassidoẽs. pag.65.66.

Deserto. Quanto saõ agradaveis a Deos as Orações do Deserto. pag. 53 *usque ad* 61.

Dezejo. Quando rezamos a Ave-Maria, dizemos à Senhora, que dezeje por nós. pag.457.

Dias. Porque razaõ ao espaço, que se compoem da noite, & do dia, se chama dia, & naõ noite. pag. 152.

Differença. Admiraveis differenças entre os modos de estar o Corpo de Christo no Sacramento do Altar, & no Vẽtre Sacratissimo da Virgẽ. pag. 115. *& ulterius.* Qual he a maior destas differenças. pag.120. Como castigou Deos o desprezo da differença das cores dos homẽs. pag. 167.

Dignidade. A dignidade Pontifical da Senhora do Rosario naõ he como a de Saõ Pedro, senaõ como a de Christo. pag.96.

Discurso. Discorrese sobre qual seja a a mais poderosa cousa do mundo. 252.253.

E

Eleiçaõ. A EXCELLENCIA da Eleiçaõ da Mãy de Deos, naõ está em ser escolhida, senaõ em ser escolhida como huã. pag.73.

Encarnaçaõ. O parto do Verbo na Encarnaçaõ foi parto de Maria chea de graça: & o parto do mesmo Verbo no Rosario foi parto de Maria chea de gloria. pag. 192. O Mysterio da Encarnaçaõ, sendo hum sò, naõ podia ter a divisaõ, & ordem, que no Rosario tem os Mysterios de Christo multiplicados. pag.211.

Encantos. Como encanta Christo aos homẽs com o Rosario. pag. 326. *& ulterius.* E quaes saõ os instrumentos, com que encanta pag. 330.331. E isto tanto em sustancia, como no modo. pag 332. Tambem o Rosario com o numero desigual de suas Contas, & Orações desfaz os Encantos da Arte Magica. pag. 333. Como foi Christo na Cruz verdadeiro Encantador. pag. 336. 337. Christo, como Encantador, tambẽ tem unguentos na sua Magia, pag. 339. Naõ he cousa nova, posto que grande, que as Orações dos homẽs tenhaõ força de encantar a Deos. pag. 345. Como com o Rosario se encanta a Deos. pag. 346. 347. Em que consiste o encantamento de Deos. pag. 348. Donde tem o Rosario virtude, para encantar a Deos. pag. 449. Como se vè encantada pelo mesmo modo a Mãy de Deos. pag. 350. *& ulterius.*

Entendimento. Hum sò entendimento ha, que comprehenda o que comprehendéo o Ventre de Maria: & qual he. pag. 112. 113. Qual foi a perfeiçaõ da Virgem Maria, que mais enchéo o Entẽdimento Divi-

no, para Deos Padre a escolher por Mãy de seu Filho. pag. 160. He mais grata a Deos a reza do Rosario na Lingua Portugueſa, que todos entẽdem, do que a do Breviario na Latina, rezado pelas molheres, que naõ sabem o que dizem. pag. 228. Como exhorta David a rezar com entendimento, & intelligencia do q̃ se reza. pag. 229. *usque ad* 231. Se se entende o que se pede, o pedir he orar: & se se naõ entende, nem o pedir he orar, nem o orar he pedir. pag. 240. He falso dizerse, q̃ Deos entende o que rezamos, quãdo nós o naõ entendemos. *Ibid.*

Espelho. Em cada hum dos Mysterios do Rosario nos deixou Christo hũ espelho. pag. 97.

Esposo. Por andar, & sair deixaõ as molheres a Deos, & aos Esposos peior que deixados. pag. 63.

Escravos. Quanto a Virgem Maria ama, & estima os Escravos. pag. 155. *& ulterius.* Porque naõ quiz o Filho de Deos fazerse do predicamento dos Senhores, senaõ dos Escravos. pag. 159. A baixeza, & vileza propria da condiçaõ dos Escravos, he a que levou apoz sy os olhos de Deos. pag. 162. Que lugar tem na estimaçaõ da Senhora os Escravos. pag. 163. Porque razaõ quiz Lia tendo já quatro filhos legitimos, ter tambem filhos de sua Escrava Rapha. pag. 175. Maior fortuna he a vil, & desprezada dos Escravos, do que a nobre, & honrada dos Senhores. pag. 176. *& ulterius.* Nos Escravos naõ he cativo tudo o que saõ. pag. 396. *usque ad* 398. Tambem a Alma dos Escravos póde ser cativa: & como. *Ibi, & ulterius.* Duas cousas inauditas promete Deos aos Escravos pelo serviço, que fazem a seus Senhores. pag. 416. *usque ad* 418. O que está aparelhado aos Escravos na outra vida. pag. 420. *& ulterius.* Entre os Gentios havia hum Deos dos Escravos: & qual era. pag. 420.

Estradas. Porque se compara a Virgẽ Maria ao Platano plantado nas ruas largas, ou estradas. pag. 31. 32.

Espiritos. Os espiritos infernaes, por serem inimigos invisiveis, saõ os que mais devemos temer. pag. 30.

Evangelho. Porque he comparado o Evangelho ao Thesouro no campo. pag. 1. Em que Evangelho está toda a historia do Rosario literalmente escrita. pag. 1. 2. Porque razaõ a primeira pagina de todos os Evangelhos se compoem dos Varoẽs mais illustres da Prosapia de Christo. pag. 70. No Evangelho de Saõ Mattheos se contém hũa das maiores difficuldades de toda a Escritura Sagrada. pag. 281.

Eva. Mostrou Eva na sua criaçaõ, que o maior appetite da molher, he andar, & sair. pag. 63. Como foi possivel a Eva fallar com a Serpente. pag. 64.

Exercito. Que semelhança tem com o exercito o Rosario. pag. 212. Dizem isto mesmo, & o provaõ os Anjos. pag. 213. *usque ad* 215.

Falta.

F

Falta. SEMPRE Deos suprio a falta de huã cousa com outra.pag.367.368 Supre a Senhora do Rosario tudo o que nos póde faltar nesta vida, & para a outra. pag.376.*& ulterius.*

Fé. Naõ he a falta do remedio, senaõ da Fé, a desculpa, que homẽs, & molheres daõ de suas fraquezas. pag. 261. Na crença dos acontecimentos fabulosos dispoz Deos a Gentilidade para a Fé dos Mysterios verdadeiros.pag.472.

Feiticeiro. Ha Feiticeiro, ou Encantador com mais poder, que todos os Anjos, & que todos os Demonios: & qual he? pag.327.*& ulterius.* Este Encantador he Christo.pag.328. *usque ad.*330. E quaes saõ os instrumentos deste soberano Encantador. pag.330.331. Os feiticeiros, quando querem voar, untaõse com unguentos pag 338. Para o Demonio se vingar de Deos, intentou enfeitiçar ao mesmo Deos.pag.340. Como Deos enfeitiça aos homẽs.pag.342.*usque ad.*344. Ha feitiços, que aquelles a quem tocaõ, naõ só ficaõ enfeitiçados, mas tambem feiticeiros.pag. 345. Até a propriedade de se valerem os feiticeiros dos despojos dos enforcados, naõ falta aos feitiços do Rosario.pag.354.*& ulterius.*

Filho. Naõ fora Deos Filho da Virgem Maria, se naõ fizera prontamente, quanto ella quer.pag 25. Mais se atrevéo o Demonio a tentar a Christo, emquanto Filho de Deos, do que emquanto Filho de Maria: & porque.pag. 34. Christo emquanto Summo Pontifice, por ser Filho da Virgem Maria, lhe communicou tambem a dignidade Pontifical: & porque.pag.79.*& ulterius.* O Filho de Deos naõ podia ser Pontifice sendo Anjo: & porque. pag. 79. Christo veyo ao mundo, para reformar os erros de Adam, & seus filhos, restituindo-os à igualdade, em que os tinha criado. pag. 150. O Filho de Deos, mil annos antes de tomar o nosso sangue, deu aos Pretos o seu. pag. 168. Porque razaõ quiz Lia ter filhos de sua escrava Respha, tendo jà quatro filhos legitimos.pag. 175. Descrevendo o Evangelista a geraçaõ do Filho de Deos, tres vezes lhe chamou Verbo, & nunca Filho: & ao Padre tres vezes lhe chamou Deos, & nunca Padre: & porque. pag. 185. A Virgem Senhora Nossa ainda no Ceo gera a seu Filho. pag. 192.

Fogo. As Oraçoẽs dos Christaõs saõ para o Demonio maior fogo que o do Inferno: & porque. pag. 10.

Fome. He mais insofrivel o aperto da fome, que o do amor. pag. 255. Naõ ha maldade, que a fome naõ persuada. pag. 257. Porque tentou o Demonio a Christo, depois que o vio ter fome? pag. 258. O primeiro remedio contra a fome, he o Sacramento, pag. 262. Para este Divi-

no Paõ nos matara fome, naõ espera o nosso trabalho. pag 265. Os ricos comem a Christo no Sacramẽto com huã fome: & os pobres com duas. pag. 267.

Força. Atè por força, como mais poderosa, parece q̃ obriga a Senhora a vontade de Deos a fazer o que ella quer. pag. 448. *& ulterius*. As forças comparadas às do Rhinoceronte. pag. 149.

Fortuna. Qual fortuna haja de ter mais da sua parte o favor da Virgem Senhora Nossa: se a dos Escravos, se a dos Senhores. pag. 178. *& ulterius*.

Fraqueza. A quantos enfraquece a necessidade. pag. 254. Atè aos mesmos Reys enfraquece: & como pag. 255.

Fruto. Quam grande defeito he orar sem fruto. pag. 2 4. *& ulterius*.

G

Gerarchias. QUAES, & quãtas saõ as Gerarchias dos Demonios. pag. 35.

Gloria. Assim como ao Decalogo dos preceitos se promete o Denario da Gloria; assim està prometido o mesmo Denario da Gloria às Decadas do Rosario. pag. 314.

Gosto. Quem reza com intelligencia, reza com maior gosto. pag. 231. *usque ad* 234.

Grandes. Quem em tudo quer parecer maior, naõ he grande. pag. 5. Os grandes vaõ ao Inferno, porque podem: & os pequenos vaõ ao Ceo, a mais naõ poder. pag 19. Fazemse os pequenos grandes, quando se ajuntaõ muitos a orar a Deos. pag. 50.

Graça. Poder fazer mal, & naõ o fazer, he milagre da Graça. pag. 19. O que o numero sincoenta prometia na Ley Velha, cũprio na Ley da Graça a Vinda do Espirito Santo. pag. 308.

H

Hercules. O GRANDE Patriarcha Saõ Domingos parecéo verdadeiro Hercules em hum admiravel milagre, que fez com o Rosario pag. 29.

Homẽs. Como se ha de entender a promessa de Christo, de haverem os homẽs de fazer maiores obras do que elle. pag. 5. 6. 7. Enganouse Saõ Joaõ Baptista com o que cuidou dos homẽs. pag. 21 Naõ sô os homẽs justos, mas tambem os maiores peccadores se salvaõ pela protecçaõ da Mãy de Deos. pag. 27. E mais certamente os devotos do Rosario. pag. 28 A Christo Senhor Nosso, cõsiderado como Homem, naõ se atrevéo a tentar o Demonio, senaõ vendoo separado de sua Mãy: & porque. pag. 32. 33. 34. Como calumniaõ os Demonios a Deos pelos beneficios, que fez aos homẽs. pag. 37. 38. A Oraçaõ de muitos juntamente he a que mais convem aos homẽs pag. 42. *usque ad* 52. A fineza, com que Christo no Sacramento se sojeita a estar no peito dos homẽs, consiste no entrar. pag 121.

Depois

Depois que o Verbo se fez Homẽ, entaõ Deos se chamou Pay, & o Verbo Filho.pag 186.Naõ costuma Deos communicar infusoẽs de letras a molheres, senaõ aos homẽs. pag.227.Tambem he reza sem sabôr a do Breviario para os homẽs ignorantes da Lingua Latina. pag. 233.Como faz Deos verdadeiros os testimunhos, que os homẽs levantáraõ contra elle.pag.325.Como enfeitiça Deos aos homẽs.pag. 342. *usque ad*.344. Para libertar do cativeiro dos homẽs, bastaõ homẽs: mas para libertar do cativeiro do Demonio, he necessario Deos.pag.406. 407. Os peccados, pelos quaes os homẽs se vendem ao Demonio, saõ tres.pag.410.

Horto. Singularissima razaõ, porque ordenou Christo no Horto a seus Discipulos, que o acompanhassem na Oraçaõ, & vigiassem com elle. pag.45.46.47.

Humildade. Os que estimaõ menos o Rosario, por ser reza vulgar, fazem hum erro taõ contrario â virtude da Oraçaõ, como o he a Soberba á Humildade.pag.223.

I

Imagem. TUDO o que o Demonio executou na Imagẽ de Deos, experimẽtou Deos em sua Pessoa.pag. 340. O mesmo Deos quer enfeitiçar aos homẽs com a sua Imagem Divina. pag. 342. Que imagem fez a Maga para enfeitiçar a Daphnis.pag. 343.

Inferno. De que sorte de gente vaõ mais, ou menos, ao Inferno. pag. 16.17.Os grandes vaõ ao Inferno, porque podem: & os pequenos vaõ ao Ceo, a mais naõ poder. pag.19. As ruas largas, saõ as que levaõ ao Inferno. pag. 31. A Virgem Nossa Senhora foraõ tambem dadas as Chaves da Morte, & do Inferno, como a Senhora do Rosario. pag. 96.*usque ad* 102.

Inimigos. Como castiga Deos os inimigos do Rosario. pag. 11. *& ulterius.* Naõ sò he inimigo do Rosario, quem o blasfema, senaõ tambẽ quem o naõ reza.pag.16.

Injurias. Faz huã grave injuria a Deos quem ora sem attẽçaõ devida.pag. 59.

Instrumentos. Atè nos instrumentos inanimados he necessaria a significaçaõ do que saõ, & a intelligencia do que significaõ.pag.243.

Intelligencia. Como exhorta David a rezar, & salmear com intelligẽcia. pag. 229. Sinco palavras do Rosario rezadas com intelligencia bastaõ para serem preferidas a todo o Officio Ecclesiastico sem ella. pag. 230. Quanto importa a intelligencia da Lingua propria em quem reza.pag.231.*& ulterius.*

Irmandade. A Irmãdade dos Escravos he mais grata, & mais favorecida da Mãy de Deos, que a dos Senhores. pag. 53.*& ulterius.* Quanto se deve temer, q̃ a Virgẽ Senhora Nossa em castigo do aggravo da separaçaõ das Irmandades dos Brãcos, & Pretos;

tos, approvando a mesma separaçaõ, fiquem de peior condiçaõ os Brancos. pag. 182.

Justiça. Quaes saõ as portas da justiça de Deos. pag. 295.

Jubilêo. Que cousa era Jubiléo no Testamento Velho. pag. 307.

L

Leys. NEM as maiores Magestades estaõ izentas da Ley Natural. pag. 25. Sò com os homẽs, & naõ com as molheres fallava a Ley, em que Deos mandava, que todos fossem ao Templo tres vezes no anno: & porque. pag. 66. No numero de dez se entende a observancia da Ley. pag. 312. E porque razaõ pag. 313.

Leyte. O leyte, com que a Virgem Maria sustentou ao Filho de Deos, naõ sòmente he seu, mas tambem nosso: por razaõ, por Escritura, por experiencia. pag. 459. *usque ad* 462. Qual he a origem, porque a Antiguidade deu o nome á Via Lactea dirivado mais do leyte, que da neve, ou açucena. pag. 471. Os dous peitos da Virgem purissima saõ duas fontes de piedade, & amor, que igualmẽte communicaõ o leyte a justos, & peccadores. pag. 481. *usque ad* 484.

Liberdade. A quantos leva ao Inferno a liberdade dos vicios. pag. 19. De que modo a Virgem Maria parece, que tira a liberdade a Deos. pag. 440.

Linguas. Porque razaõ a Igreja Catholica naõ usa das linguas vulgares, senaõ da Latina, no Officio Ecclesiastico, Escrituras Divinas, Missa, & Fórmas dos Sacramentos. pag. 243.

Louvores. Se os louvores saõ das turbas ficaõ desautorizados, & suspeitosos. pag. 40. He o Rosario modo, & cantico novo de louvar a Deos. pag. 315.

Lugar. Nos casos de necessidade orasse em qualquer lugar, & tempo. pag. 61.

Lutas. Por tres grandes razoẽs he perigosissima a luta com os Demonios. pag. 30. Que se ha de fazer para destas lutas sairmos vẽcedores. pag. 31. Na Luta de Jacob com Deos no deserto se vè quanto o apertaõ as oraçoẽs de hum sò. pag. 55.

M

Mãy. PORQUE razaõ he admiravel o titulo de Mãy na Virgem Maria. pag. 185. 186. A Mãy de Deos, se foi admiravel, porque concebéo o Verbo, naõ foi menos admiravel, ou ainda foi mais admiravel, porq̃ cõcebéo o Rosario. pag. 177. *& ulterius.* Que Mãy no mundo se pudera parecer com a Mãy de Deos. pag. 147.

Maria. Confessáraõ os Demonios, q̃ a mais poderosa inimiga, que tinhaõ no Ceo, era Maria a Mãy de Deos, pag. 23. 24. 25. Quanto póde o

seu nome sò pronunciado. pag. 29. 30. Porque se compára a Virgem Maria ao Platano plantado nas ruas. pag. 31. 32. Quão fogem os Demonios da presença de Maria. pag. 32. 33. Mais se atreveo o Demonio a tentar a Christo, emquanto Filho de Deos, do que emquanto Filho de Maria: & porque. pag. 34. Por ser Christo Filho da Virgem Maria emquanto Summo Pontifice, lhe communicou a dignidade Pontifical: & como pag. 72. *& ulterius.* A excellencia da Eleição da Virgem Maria, não está em ser escolhida, senão em ser escolhida como huã. pag. 73. Não se oppoem na Virgem Maria o nome de molher, q̃ Christo lhe deu na Cruz, á dignidade Pontifical, que lhe communica, por ser seu Filho. pag. 76. 77. 78. A sentença, que Maria der em nosso favor, não pòde ser revogada. pag. 81. A Virgem Maria he Ponte segura dos Christaõs. pag. 82. Exame do Amor de Maria com o de todos os Santos, & Anjos. pag. 94. 95. Sò o Entendimento do Eterno Padre comprehende o que comprehendéo o Ventre de Maria. pag. 112. 113. Por quantas differenças excede o Sacramento do Altar ao Sacramento do Ventre Virginal de Maria. pag. 115. *& ulterius.* Qual destas differenças he a maior. pag. 120. O mesmo, que se pede no Padre-nosso, he o que se pede na Ave-Maria. pag. 130. Assim a Oração do Padre-nosso, como a da Ave-Maria está toda em toda, & toda em qualquer parte. pag. 137. *usque* 140. Quanto a Virgem Maria ama, & estima aos Escravos. pag. 155. *& ulterius.* Que estimação faz da cor preta a Virgẽ Maria. pag. 172. *& ulterius.* O Rosario he o segundo parto da Virgem Maria. pag. 187. *& ulterius.* As flores da Virgem Maria saõ juntamente flores, & fruto. pag. 277. Sò a Virgem Maria he Rosa sem espinhas. pag. 496. *usque ad* 502. Em ser a Virgem Maria Rosa cõ fruto, excede a Rosa natural, por não dar fruto. pag. 502. *& deinceps.* Naõ sò a Rosa, mas tambem as mais flores, excede a Rosa Mystica, a Virgem Maria. pag. 506. 507. Assim como todo aquelle, que se aparta da Virgẽ Maria, & ella aparta delle seus olhos, necessariamente se perde: assim aquelle, que se converte à Virgem Maria, & ella poem nelle seus olhos de misericordia, impossivel he que se naõ salve. pag. 513.

Materia. Nas Materias do Culto Divino, o exercicio mais authorizado, he mais vulgar, & humilde. pag. 218. Com que providencia ordenou Christo, que a materia dos Sacramentos fosse certa, & determinada. pag. 219.

Memoria. Maior memoria damos a Christo no Rosario, do que elle nos pedio no Sacramento. pag. 143.

Metaes. As tres Coroas dos Emperadores, huã he de ferro, outra de prata, outra de ouro. E as da Senhora do Rosario tambem puderaõ ser formadas dos mesmos metaes. pag. 88.

Milagres. Maior foi o milagre de Saõ Domingos, que o de Christo, em hum Demonio mudo: & porque. pag. 8. Neste milagre mostrou Deos, como deve ser reverenciado o Rosario. pag. 11. *& ulterius.* Em hũ grande milagre do Rosario se vé como a Virgem Maria he a Ponte segura dos Christaõs: & isso com todas as circunstancias, & propriedades do Rosario. pag. 82. *usque ad* 87. Protentoso milagre do Rosario. pag. 96. Em que consiste o milagre, q̃ profetizou Jeremias, quãdo disse: *Creavit Dominus novũ super terrã.* pag. 197. Milagres da Senhora do Rosario, que mostraõ como nos supre tudo, o que nos póde faltar. pag. 258. *& ulterius.*

Mysterios. Em cada hum dos Mysterios do Rosario nos deixou Christo hum espelho. pag. 97. Qual he o maior Mysterio da natureza. pag. 118. No circulo, que faz o Sol, se descobrem os Mysterios do circulo do Rosario. pag. 126. Succede aos Mysterios do Rosario unidos, o q̃ às partes do fogo tambem unidas. pag. 207. A Esposa Santa ajuntou todos os Mysterios da Vida de Christo no Rosario. pag. 209. Como saõ os Mysterios do Rosario Exercito bem ordenado. pag. 212. *& ulterius.* Quam admiraveis saõ os Mysterios dos numeros. pag. 298. 299. 300. Porque repartio a Senhora os Mysterios do seu Rosario de sinco em sinco. pag. 303. Os Mysterios do Rosario representados em Abraham, Isaac, & Jacob. pag. 454. Tambem se representaõ as primeiras tres jornadas, q̃ fez a Senhora cõ o Filho de Deos em suas entranhas. pag. 455. Em tres beneficios inefaveis, com que Deos restaurou o mũdo, estaõ representados os Mysterios do Rosario. pag. 474. Os Mysterios do Rosario saõ frutos, de que se colhem outros frutos. pag. 508. *& ulterius.*

Misericordia. A figura mais propria da Misericordia da Virgem Maria, he a do Templo, que os Athenienses dedicáraõ à mesma Misericordia. pag. 179. Os Escravos, por miseraveis, tem sempre abertas as portas da Misericordia da Máy de Deos. pag. 180.

Morte. O Sacramẽto do Altar he morte para os máos, & vida para os bõs: immortaliza os saõs, & mata os enfermos. pag. 140. 141.

Molher. A molher deve rezar o Rosario em casa, & naõ fòra della: & porque. pag. 61. *& ulterius.* Se a molher naõ periga no ver, periga no ser vista. pag. 65. O que faz Christo quando quer converter molheres. pag. 67. O Rosario de sy mesmo, & por sy mesmo obriga as molheres ao retiro. pag. 68. He mais proprio das molheres, atè nas materias da Religiaõ, naõ se quererem parecer com o vulgo. pag. 217. *usque ad* 219. As molheres sempre devem preferir a reza do Rosario á do Breviario. pag. 221. *& ulterius.* Porque ordenou Deos ab æterno, q̃ seu Filho nascesse de molher com predestinaçaõ livre. pag. 360. *& ulterius.*

Multidaõ.

Multidaõ. Para a multidaõ das misericordias de Deos se render às nossas Oraçoẽs, he necessario, que tambẽ as nossas Oraçoẽs sejaõ da multidaõ. pag. 51.

Mundo. Este mundo he hum rio: & como. pag. 104. Qual foi a occasiaõ, & modo, com que sahio a Senhora com o seu Rosario ao mundo. pag. 194. A mentira he a mais poderosa cousa do mundo. pag. 253. Huã das grandes cousas, que vemos no mundo, & nos naõ admiramos dellas. pag. 391. Saõ duas as estradas geraes, por onde todo o mundo he levado. pag. 476.

N

Natural. TUDO aquillo, que se chama mystico, suppoem, imita, & se funda sobre o natural pag. 48.

Necessidade. A mais poderosa cousa do mundo he a necessidade. pag. 253. *& ulterius.* O primeiro effeito da necessidade he o desprezo da honra: o segundo, a destruiçaõ da virtude. pag. 256. Naõ ha torpeza, ou infamia, que a necessidade naõ facilite. pag. 257. Naõ he mais pobre quem tem menos, senaõ, quem necessita de mais. pag. 259. O Sacramento he o primero remedio da necessidade. pag. 262.

Noé. Propria representaçaõ da Virgem Maria na Arca de Noé. pag. 27. O Rosario propriamente representado na Arca de Noé, & no diluvio. pag. 28.

Nome. Porque se declara a dignidade do Filho de Deos, & da Virgem, com o nome de Ungido. pag. 69. Ethimologia do nome Pontifice. Pag. 81. Entre duas partes iguaes o nome, & a preferencia deve ser da mais nobre. pag. 151. Porque se compara a Senhora ás Arvores, & Plantas mais insignes com as circunstancias dos nomes das terras das mesmas Arvores, & Plantas. pag. 433. 434.

Nobreza. Os Nobres saõ os que menos se salvaõ, pag. 19. Maior fortuna he a vil, & desprezada dos Escravos, do que a nobre, & honrada dos Senhores. pag. 176. *& ulterius.*

Noticia. Ha Oraçoẽs que naõ chegaõ à noticia de Deos: & quaes saõ. pag. 241.

Numeros. Quanto importa saber os mysterios dos numeros nas contas de Deos. pag. 284. Porque razaõ reduzio a Senhora a numero certo as innumeraveis Estrellas do seu Rosario. pag. 285. Que significaõ os numeros de seis, & de sete. pag. 286. Na Republica Hebréa, assim como nas enfermidades agudas, foi critico o numero Quatorzeno. pag. 287. O numero setenta & sete significa o perdaõ universal dos peccados. pag. 288. Porque sendo o Rosario hum, se divide em tres Terços. pag. 290. *usque ad* 295. Porque saõ os Mysterios do Rosario quinze, & divididos de sinco em sinco. pag. 295. *usque ad* 303. E porque saõ cento & sincoenta as Ave Marias do Rosario. pag. 303. *usque ad* 310. Quam perfeito seja

ja o numero de dez.pag.331.& ulterius. He preceito da Arte Magica, que quanto fazem, ou dizem em seus Encantos, seja sempre em numero desigual.pag.332. Isto mesmo observavaõ antigamente os Pastores, & os Soldados.pag.333.

O

Obras. COM que condiçoẽs se entende, que os que seguiaõ a Christo, haviaõ de fazer maiores obras, do que elle.pag.6.7. No Patriarcha Saõ Domingos se praticou esta prerogativa.pag.9. Porque chamou Deos às obras da Criaçaõ do mundo *Valde bona*-depois de acabada: havendolhe parecido dantes sòmente-*bonum*- cada huã de persy. pag. 202. *usque ad* 206. O remir por resgate, depois do cativeiro, & o remir por preservaçaõ antes delle, naõ saõ obras do mesmo poder. pag.499.500.

Obediencia. Deixase Deos levar no Ceo da Senhora para onde ella quer, por obediencia de Mãy. pag. 445.446.

Olhos. Quando a Mãy de Deos poem os olhos, olha pelos olhos de seu Filho. pag. 161. A baixeza propria da condiçaõ dos Escravos, he a que levou apoz sy os olhos de Deos.pag. 161. Tanto nos olhos de Deos, como nos de sua Mãy, cada hum he filho de seu coraçaõ.pag. 174. Para nossas Oraçoẽs chegarem aos ouvidos de Deos, primeiro haõ de ser registadas no Tribunal de seus olhos.pag. 224.

Oraçoẽs. As Oraçoẽs dos Christaõs saõ para o Demonio maior fogo que o do Inferno. pag. 10. A Oraçaõ de muitos juntamente he a que mais agrada a Deos. pag. 42. *usque ad* 52. Mostrase com razoẽs contrarias, que mais lhe agrada a Oraçaõ de hum sò.pag.52.*usque ad* 61. Nos casos de necessidade orase em qualquer tempo, & em qualquer lugar. pag.62. Ainda que o Padre-nosso, & a Ave-Maria sejaõ duas Oraçoẽs differentes pelo que soaõ: saõ cõtudo huã só, & a mesma, pelo que significaõ. pag. 130. Quando o que se pede he o mesmo, ainda q̃ as palavras sejaõ diversas, a Oraçaõ he a mesma. *Ibi*, & pag. 131. Assim a Oraçaõ do Padre-nosso, como a da Ave-Maria, está toda em toda, & toda em qualquer parte. pag. 132. *usque ad* 140. Oraçaõ feita com presunçaõ, & authoridade propria, naõ póde ser sem peccado. pag.222. Naõ ha Oraçoẽs mais sublimes, assim nas palavras, como no sentido, que as do Rosario. pag. 224. O sabôr da Oraçaõ naõ está no que se pronuncía, senaõ no sentido, & significaçaõ do que se pronuncía.pag. 233. Os defeitos da Oraçaõ sem fruto.pag.234. & *ulterius*. Como se distingue o pedir orando, do pedir naõ orando.pag.239. Naõ he cousa nova, que as Oraçoẽs dos homẽs tenhaõ força para encantar a Deos. pag.345.

Paõ.

P

Paõ. O PAÕ do Ceo he estreito, & apertado; & o da terra, largo, & abundante: & porque. pag. 266. Deos no Sacramento dáse aos ricos debaixo dos accidentes de paõ sómente, & aos pobres dá tambem a sustancia: & como. pag. 267. A Providencia Divina tem differente paõ para differentes fomes. pag. 268.

Padre nosso. Ainda que o Padre-nosso, & Ave Maria sejaõ duas Orações differentes, saõ huã só, & a mesma, pelo que significaõ. pag. 130. Assim a Oraçaõ do Padre-nosso, como a da Ave-Maria, está toda em toda, & toda em qualquer parte. pag. 132. *usque ad* 140. He a Oraçaõ do Padre-nosso como seu Autor, que atè os mininos o conhecem, mas nem os Serafins o comprehendem. pag. 225. Que ardentissimos affectos excita a Oraçaõ do Padre-nosso. pag. 236.

Pay. Quiz Deos, que a Mãy de seu Filho fosse semelhante a seu proprio Pay. pag. 191.

Paraiso. A Serpente naõ fallou, nem tentou a Eva dentro no Paraiso, senaõ fóra. pag 64. O lugar das delicias do Paraiso da terra he o Ventre purissimo da Virgem Maria. pag. 121. No Paraiso do Ceo sahio o Filho de Deos do Ventre do Pay: & como: & no Paraiso da terra sahio do Ventre da Mãy. pag. 122.

Palavras. Bastaõ só sinco palavras das Orações do Rosario rezadas com intelligencia do que significaõ, para serem preferidas a todo o Officio Ecclesiastico sem ella. pag. 230. A Oraçaõ naõ tem o labôr na boca, em que se pronunciaõ as palavras, senaõ no entendimento, com que se diz a Deos o que ellas dizem. pag. 232. Quam pouco valem as palavras, quando quem as pronuncia, naõ entende o sentido dellas. pag. 235. Porque pede David a Deos, que lhe entenda as suas palavras. pag. 240.

Parto. Quanto excede no Ventre da Virgem Maria o parto do Rosario ao parto do Verbo. pag. 189. Dous partos reconhece a Fè em Deos: & os mesmos partos podemos considerar na Virgem Maria. pag. 191. Como foi mais admiravel o parto do Rosario, que o do Verbo. pag. 194. *usque ad* 200. Mais tres admiraveis razoés, que provaõ o mesmo, considerado o Rosario fóra de sy. pag. 201. Outras razoés diversas para o mesmo assumpto. *Ibi, & ulterius.*

Pés. Porq razaõ naõ consentio Christo, que a Madalena lhe tocasse os pés na manhãa da Resurreiçaõ, quando se quiz lançar a elles: & dahi a poucas horas lhe concedéo, q com as outras Marias lhos abraçasse. pag. 44.

Petiçaõ. Quando Deos despacha as petiçoés dos Santos, he graça: quãdo despacha as de sua Mãy, he justiça. pag. 25. Naõ se atreve Deos a negar cousa alguã, quando saõ

muitos os que lha pedem. pag. 49. Desfaz no que pede, quem sem a devida attençaõ pede a Deos. pag. 59. Quando o q̃ se pede he o mesmo, ainda que as palavras sejaõ diversas, a Oraçaõ he a mesma. pag. 130. Todas as sete petiçoẽs do Padre-nosso se contém em cadahuã: & cadahuã contém todas sete. pag. 133. Muito mais damos a Christo no Rosario, do que elle nos pedio no Sacramento. pag. 142. Como espera Christo, que lhe peçamos o paõ de cada dia dizendo em outra parte, que naõ tenhamos cuidado do que havemos de comer. pag. 268.

Peccados. Os que recebem a Christo no Sacramento em peccado, crucificaõno em sy mesmos: & nelles padece mais, do que padeceo na Cruz. pag. 123. Que proporçaõ tẽ o numero setẽta & sete com o perdaõ universal dos peccados. pag. 288. A origem das espinhas tem a mesma antiguidade que o Peccado Original. pag. 495. Para o primeiro peccado do mundo concorrêraõ tres compleces. pag. 496.

Platano. Quaes saõ as virtudes, & propriedades do Platano: & como he representaçaõ da Virgem Maria. pag. 31.

Ponte. A Virgem Maria he Ponte segura dos Christaõs: he Ponte, que alcança de polo a polo: he Ponte, pela qual Deos descéo aos homẽs. pag. 82.

Pontifice. Que propriedades, ou excellencias constituem o verdadeiro Pontifice. pag. 72. *usque ad* 75. Por ser Christo Filho da Virgem Maria, emquanto Summo Pontifice, lhe communicou a dignidade Pontifical. pag. 72. *& ulterius.* O Filho de Deos naõ podia ser Pontifice, sendo Anjo: & porque. pag. 79. Ethimologia do nome Pontifice. pag. 81. E porque se chamaõ os Papas Pontifices. *Ibi.* Notavel differẽça entre o Pontificado de Christo, & o de Aram. pag. 87.

Pobreza. Todos os pobres podem remediar a sua pobreza pela devaçaõ do Rosario. pag. 251. *& ulterius.*

Pretos. Dominarem os Homẽs Brancos aos Pretos, he força, & naõ razaõ. pag. 164. Que distinçaõ faz a Virgem Maria entre Brancos, & Pretos. pag. 165. Como castigou Deos a Irmaã de Moyses, por se ter elle casado com huã molher preta. pag. 167. Quanto estima Christo aos Pretos. pag. 168. *& ulterius.* Nunca a Virgem Senhora Nossa se chamou fermosa, senaõ depois de se chamar preta. pag. 173. He confusaõ para os Brancos, que o saõ por fóra, & forem pretos por dentro. pag. 174. Os Pretos saõ os Irmaõs da Preparaçaõ de Deos. pag. 395. Tem os Pretos Carta de Alforria pela devaçaõ do Rosario: & como. pag. 409. *usque ad* 412.

Predestinaçaõ. A impotencia dos pequenos, he effeito de sua Predestinaçaõ. pag. 20. 21. Como he possivel a resoluçaõ de sermos do numero dos Predestinados. pag. 316. *& ulterius.* Quaes saõ os maiores, & mais

calificados sinaes da Predestinação. pag.319.320. A Virgem Maria desde a sua Predestinação foi escolhida para suprimento universal, & remedio de todas as nossas faltas. pag. 360.

Pregador. Prégação do Demonio feita pela boca de hum endemoninhado. pag.5. *& ulterius.*

Prizaõ. Mais fortemente apertaõ a Deos as Orações de hum sò. pag. 54.55.

Profeta. Isais encontrado com São João Evangelista Profeta da Ley da Graça, & com Jeremias Profeta da Ley Escrita: & explicados os seus lugares. pag. 197. *usque ad* 199.

Q

Questões. QUAES foraõ as questoẽs, que São Domingos poz ao Demonio em huã occasiaõ: & quaes as repostas do Demonio. pag.11. *& ulterius.* Questaõ do Rosario rezado por huã sò pessoa, ou por muitas juntamente. pag. 42. *& ulterius usque ad* 61. Resolvese esta questaõ. pag.62. *& ulterius.* Perguntase, & resolvese em huã questaõ antiga: Se por Christo Filho da Virgem Maria ser Rey, pertencéo tambem à Senhora o mesmo titulo, & dignidade Real? pag.70. Perguntase, & resolvese em outra questaõ nova: Se podemos dizer, que Christo, por ser tambem Summo Pontifice, communicou à mesma Mãy a dignidade Pontifical? pag.71. Questaõ de qual das duas Irmandades da Senhora do Rosario, a dos Brancos, ou a dos Pretos, he mais sua favorecida. pag 152. *& ulterius.* Provase a questaõ, de poder haver outro parto mais admiravel que o do Verbo. pag.187. *& ulterius.* Questaõ de qual deve ser preferido, se o Rosario, se o Breviario. pag.226. *& ulterius.* Questaõ, que excitáraõ os Vassallos de Dario, sobre qual fosse a mais poderosa cousa do mundo. pag.252.

Quarenta. O numero Quarenta, & Quarenta & nove, saõ significativos de afflicçaõ. pag.309.

Quaresma. No principio da Quaresma nos exhorta a Igreja à penitencia com huã Oraçaõ, que nos mostra, como nos podemos fazer do numero dos Predestinados. pag.317.

R

Rede. PORQUE razaõ mandou Christo, depois de resuscitado, aos Apostolos, que lançassem a rede á maõ direita. pag.305. Quando se lançou ao mar a rede do Rosario. pag.306.

Redençaõ. O mais excellente modo de remir, he preservando. pag.198. *& ulterius.*

Rey. A dignidade Real naõ a teve Christo sò de sua Mãy: a Pontifical sim. pag.80. De que terra era o Rey Preto, que do Oriente veyo a Belẽ com os outros dous Reys a adorar ao Filho de Deos. pag.171. Mais

pobres saõ os Reys, que os Vassallos.pag.259. Porque razaõ o Evangelista naõ chamou Reys, senaõ Magos, aos tres Reys do Oriente. pag.336. Os Cetros, & os Reys tãbem estaõ sojeitos à cativeiros. pag.425.

Recolhimento. O que mais agrada à Senhora do Rosario, he o recolhimẽto.pag.66.67.

Remedio. Pela devaçaõ do Rosario podem todos os pobres remediar a sua pobreza.pag. 251. *& ulterius.* E ainda sobejaremlhe bens.pag.278.

Rio. Qual he o rio, que no Paraiso sahia do lugar das delicias. pag. 121. Dividese esse rio como em cruz. pag.123.

Riquezas. Quanto devem temer os ricos os bẽs de suas riquezas.pag.176. *& ulterius.*

Rosa. Porque se compara a Virgem Maria à Rosa.pag. 87. Coroa a Senhora com Rosas, a quem com grãde necessidade se valéo da devaçaõ do Rosario.pag.271. A Rosa he a figura da marca do Rosario.pag.414. O mysterioso da Rosa Mystica, a Virgem Maria, naõ consiste tanto na proporçaõ, com que he parecida à Rosa natural, quanto na dessemelhança, com que se distingue della, & a excede. pag.491. *usque ad* 493. A Rosa Mystica excede a Rosa natural em dous defeitos, que tẽ a Rosa natural, & em duas perfeiçoẽs, que sò se achaõ na Rosa Mystica. pag. 494. *& ulterius.* Sò a Virgem Maria foi Rosa sem espinhas.pag. 496. *usque ad* 502. Em ser a Virgem Maria Rosa com fruto excede a Rosa natural, por naõ dar fruto. pag. 502. *& deinceps.* Naõ sò à Rosa, mas tambem às mais flores excede a Rosa Mystica, a Virgem Maria.pag 506. 507.

Rosario. Em que Evangelho està toda a Historia do Rosario literalmente escrita.pag. 1. 2. Nenhuã Oraçaõ persegue tanto o Demonio, como o Rosario. pag. 3. Nella se empenha em emmudecer aos homẽs.pag. 4. A prerogativa de haverem de fazer os homẽs maiores obras do q̃ Christo, conforme sua promessa, foi concedida em virtude do Rosario.pag. 5.6.7. O Rosario he para os Demonios fogo mais penetrãte que o do Inferno.pag.10. Chegou Deos a fazer em defensa da honra do Rosario, o que naõ fez, nem faria para defender a sua.pag.13. Confessáraõ os Demonios, que nenhum devoto do Rosario se condennaria. pag.23. Entre todos os devotos da Senhora, os q̃ o saõ do Rosario, esses mais certamente se salvaõ.pag.28. Propria representaçaõ do Rosario na Arca de Noé, & no diluvio. *Ibi.* Como se contrapoem os tres Terços do Rosario às tres Gerarchias dos Demonios.pag.35.36. Como se ha de entender, ser melhor rezar o Rosario huã pessoa sò, ou muitas juntamente.pag.62. *& ulterius.* Depois de a Mãy de Deos ser Senhora do Rosario, se pôde provar, que Christo lhe communicou a dignidade Pontifical. E como: ou porque.pag. 71. *& ulterius.* A Virgem Maria, quãdo

do

do instituio o seu Rosario, fez nelle huã Ponte.pag. 82. *usque ad* 87. Representaçaõ dos Mysterios do Rosario nas tres Coroas, de que se cõpoem a Tiara Pontificia, q̃ compete à Virgem, Senhora Nossa, por Senhora do Rosario.pag. 88. *usque ad* 92. Qual he a Potestade das Chaves da Senhora do Rosario.pag.83. *& ulterius.* Em cada hũ dos Mysterios do Rosario nos deixou Christo hũ Espelho.pag. 97. O Rosario he Sacramento parecido, & semelhante, ao Sacramento do Altar. pag. 124. *& ulterius.* A Virgẽ Maria naõ foi menos Mãy admiravel, ou ainda foi mais admiravel em conceber o Rosario, que em cõceber ao Verbo.pag. 187. *& ulterius.* O Rosario rezado pelas molheres na lingua vulgar serà mais bẽ ouvido de Deos, q̃ o Officio Ecclesiastico rezado por ellas na Latina. pag.220. Os Mysterios das Contas do Rosario.pag.281. *& ulter.* Quãdo começou a devaçaõ do Rosario. pag.326. He o Rosario Via Lactea. pag.463. *& ulterius.*

Ruas. Porq̃ se cõpara a Virgẽ Maria ao Platano plãtado nas ruas. pag. 31.32.

S

Sacramento. O Rosario da Senhora he hum Sacramento.pag.106 Tambem he Sacramento, o Ventre virginal da mesma Senhora. pag.107. O Sacramento do Rosario encerra em sy tudo o que encerra o Sacramento do Altar: & encerra tudo o que encerrou o Sacramento do Ventre virginal da Senhora: & ainda mais.pag.108. Como encerra o Sacramento do Altar o Corpo de Christo.pag.114. *& ulterius.* Quantas, & quaes saõ as admiraveis differenças, com que o Sacramento do Altar se aventaja ao Sacramento do Ventre virginal da Senhora.pag.115. *usque ad.* 124. O Sacramento do Rosario he semelhante ao Sacramento do Altar. *ibi, & ulterius.* Qual he a razaõ, porque a Hostia, & o Calix compoem hum sò Sacramento. pag.129. *& ulterius.* Essa mesma he a razaõ, porque a Oraçaõ do Padre-nosso, & a da Ave-Maria compoem o Sacramento do Rosario.pag.130. E tanto no Sacramento do Altar, como no do Rosario, succede isto ex vi verborum. *ibi.* Assim como Christo nos deixou seu Corpo no Sacramento: assim a Senhora se deixou, como sacramẽtada, comnosco na Ave-Maria.pag.139. Que ventagẽs faz o Sacramento do Rosario ao Sacramento do Altar. pag.140. *& ulterius.* Descobre o Rosario o que no Sacramento he invisivel.pag.144. O Sacramento, & o Rosario saõ os remedios contra a pobreza, & necessidade.pag.262. *& ulterius.* Como o Sacramento he paõ apertado. pag. 266. E como dá Christo nelle a sustancia de paõ aos pobres.pag.267.

Santos. Saõ Domingos obrigou ao Demonio a responder a tres questoẽs de summa importancia. pag. 11.16.22. Quando Deos despacha as petiçoẽs dos Santos, he graça

quando despacha as de sua Mãy, he justiça.pag. 25. Os Sãtos depois da morte, tanta virtude tem em seus corpos todos, & inteiros, como em qualquer parte delles.pag. 139.

Salamaõ. As tres difficuldades de Salamaõ representadas, & vẽcidas no Rosario.pag. 468.

Salvaçaõ. Grandes, & poderosos, saõ os que menos se salvaõ.pag. 18.19. Confessáraõ os Demonios, que todos os devotos do Rosario se salvariaõ.pag. 23. Confirmase esta confissaõ dos Demonios.pag. 26. Assim como o merecimento consiste no numero dez; assim o premio, que he a salvaçaõ, se concede no mesmo numero.pag. 313. Para tratarmos cõ vigilãcia da salvaçaõ de nossas Almas, o maior motivo he a consideraçaõ do preço, com que Deos as resgatou.pag. 408.

Semelhança. Que semelhança tem cõ o exercito o Rosario.pag. 212.

Sentença. A sentença, que a Virgem Maria der em nosso favor, naõ póde ser revogada.pag. 81.

Sentidos. Os Sinco Sentidos Corporaes, ou nos levaõ à Gloria, ou nos impedẽ a subida para ella, pag. 302.

Serpente. Como foi possivel a Eva fallar com a Serpente.pag. 64.

Sermaõ. Pela boca de hum endemoninhado faz o Demonio hũ Sermaõ: & como.pag. 5. *& ulterius.* Sermaõ, que a Virgem Nossa Senhora mãdou prégar, para persuadir a devaçaõ do seu Rosario. pag. 516. 517.

Sol. O Zodiaco do Sol natural compoemse de doze Signos: & o do Sol Divino no Rosario se reparte em quinze.pag. 127.

Soledade. Saõ mais bẽ ouvidos de Deos, os que em Oraçaõ secreta trataõ só por só com elle.pag. 56. *usque ad* 61.

T

Templo. SO com os homẽs, & naõ com as molheres, fallava a Ley, em que Deos mandava, que todos fossem ao Templo tres vezes no anno: & porque.pag. 66. Primeiro levantáraõ Templo à Virgem Maria os Pretos, do que os Apostolos.pag. 171. A figura mais propria da Misericordia da Virgem Maria, he a do Templo, que os Athenienses dedicáraõ á mesma Misericordia. pag. 179. Como saõ proporcionadas, a architectura do Rosario, & a do Templo de Ezechiel.pag. 300.

Tençaõ. Tentou a Serpẽte a Eva, porq̃ ella teve appetite de ver qual era o mũdo cà por fòra, sem se cõtẽtar de estar dentro do Paraiso. pag. 64. Muitas vezes começa com boa tẽçaõ, o q̃ acaba em tentaçaõ.pag. 65. Porq̃ tẽtou o Demonio a Christo, depois q̃ o vio ter fome? pag. 258.

Terços. Como se contrapoem os tres Terços do Rosario às tres Gerarchias dos Demonios.pag. 35. 36. E como os seus tres Terços do Rosario se oppoem aos tres Inimigos da Alma.pag. 214. As Indulgencias, q̃ se concedem aos que rézaõ o Rosario, tambem as lucraõ, os que rézaõ só o Terço.pag. 309.

Thesouro. Porque he o Evangelho cõparado

parado ao Thesouro escondido no campo.pag.1.

Tiara. A Tiara, q̃ he insignia dos Sũmos Pontifices, compoemse de tres Coroas:& porque.pag.87.88. De outras tantas se compoem a Tiara Pontificia.q̃ compete à Virgem Senhora Nossa, por Senhora do Rosario:& quaes saõ.pag.87.*usque ad* 92.

Titulo. O titulo,de que mais se gloria a Virgem Maria, he o de Mãy admiravel:& porq̃.pag. 185. Porq̃ foi escrito o Titulo da Cruz de Christo em tres Linguas.pag.227.

Trindade. De que maneira he o Rosario Hum,& Trino:& porque.pag. 290.A abertura das Portas do Ceo estava reservada para a Fé da Santissima Trindade.pag.291.Emquãto Deos era sò conhecido, como Hũ,& naõ como Trino, sò podia dar os bẽs da terra, & naõ os do Ceo.pag.292.Assim como em Deos ha Unidade na sustancia, & Trindade nas Pessoas: assim em Christo ha Unidade na Pessoa, & Trindade nas sustancias.pag. 293.A Trindade, q̃ a Mãy de Deos fez no seu Rosario,ainda he mais admiravel,q̃ a que Deos fez na Encarnaçaõ do Verbo.*Ibi*,& pag.294.

Trono. O Trono portatil de Salamaõ, chamado Ferculo, era figura da Virgẽ Maria.pag.432. *usque ad* 434. E porque razaõ se chamou aquelle Trono,Ferculo.pag.435.

V

Ventre. O VENTRE virginal da Senhora he Sacramento; & como.pag.107.O Ventre purissimo da Senhora comprehende a Deos incomprehensivel.pag.111. Sò o Entendimento do Padre Eterno he o que comprehende o que comprehendèo o Ventre de Maria. pag.112.113. Quantas,& quaes saõ as admiraveis differenças, com que o Sacramento do Altar se aventaja ao Sacramento do Ventre virginal da Senhora.pag.115.*usque ad* 124. O Ventre da Virgem Maria canonizado pela virtude, & Milagres do Rosario. pag.358.*usque ad* 360.Excellencias do Ventre da Virgem emquanto trouxe em sy ao Filho de Deos.pag. 431.

Verbo. Na Encarnaçaõ concebéo a Virgem o Verbo na terra: no Rosario concebéoo no Ceo.pag.192.

Ventagẽs. O Sacramento do Rosario faz ventagẽs ao Sacramento do Altar:& quaes saõ.pag.140.*& ulterius.*

Verdade. Verdades confessadas publicamente pelos Demonios.pag.23.*& ulterius*. Naõ ha mentira taõ falsa, que se a querem fazer apparente, se naõ funde em alguã supposiçaõ verdadeira.pag.327.

Via. O que dizem da Via Lactea,Poetas,& Filosofos.pag.463.Via Lactea he o Rosario. *Ibi*, *&* pag.464.E porque causas he Via,& he Lactea. pag.465.E como em ambas se vé retratado o Rosario. *Ibi, & ulterius.* Ainda na parte, em q̃ o Rosario se cõpoem dos Mysterios Dolorosos, he proprijssimamẽte Via Lactea:& porque.pag.469.*usque ad* 471. Porq̃ razaõ deu a Antiguidade à Via Lac-

68-342
R. B. Rosenthal
3-25-68

tea o nome dirivado mais do leyte, que da neve, ou da açucena. *Ibi usque ad* pag. 473. He o Rosario terceira Via, & segura para a salvaçaõ. pag. 478. *usque ad* 481. Pela Via Lactea do Rosario subiraõ ao Ceo os mais insignes Varoẽs da Igreja Catholica. pag. 484. *& ulterius.*

Vicios. A quantos leva ao Inferno a liberdade dos vicios. pag. 19.

Vingânças. O titulo de Deos das Vingãças he o cõ que nas Sagradas Letras se celebra a Magestade Divina. pag. 324. E qual he a razaõ, & outro novo titulo, porq̃ Deos se quiz assim chamar. pag. 325.

Virgem. A protecçaõ da Virgẽ Maria he hum dos mais certos finaes da Predestinaçaõ. pag. 320. 321. No Ceo naõ sò segue a Virgẽ Maria a Deos, para onde elle vay: mas do mesmo modo Deos segue a Virgem Maria. pag. 437. *usque ad* 440. E isto por tres razoẽs, ou tres modos. pag. 441. *& ulterius.* A Virgem Maria por nôs faz de Deos o que quer: & ainda, quãdo, a nosso parecer, Deos naõ quizesse. pag. 450. 451.

Virtude. A virtude da Ave Maria toda, està toda em qualquer parte da Ave-Maria. pag. 135. *& ulterius.* Os Santos depois da morte, tanta virtude tẽ os seus corpos todos, & enteiros, como em qualqũer parte delles. pag. 139. Nenhuã virtude ha, que se naõ possa achar nos Mysterios da Vida de Christo, naõ divididos, mas juntos. pag. 209.

Voz. Ainda naturalmente ouve Deos mais as vozes, & Oraçoẽs de muitos, que a voz de hum sò. pag. 49. As vozes, que o homem pronuncia, & naõ entende, rigorosamente naõ saõ humanas. pag. 242.

Vontade. Quanto pôde para com Deos qualquer significaçaõ da vontade de sua Santissima Mãy. pag. 25. Naõ sò por vontade de Deos, quando elle quer, senaõ tambem, quando parecesse q̃ naõ quer, leva no Ceo a Virgem Maria a Deos, & Deos se deixa levar da mesma Senhora para onde ella quer: & isso por tres razoẽs. pag. 441. *& ulterius.* Ainda q̃ Deos està em todos os Santos por cõcordia da võtade, he superior sobre todos a uniaõ da vontade de Deos com a vontade da Virgẽ. pag. 444. Pelo Rosario levamos a Mãy de Deos, & a seu Filho, para onde queremos, fazendo nossa vontade. pag. 452. E ainda, no caso que Deos naõ quizesse. pag. 453. *usque ad* 455.

Uniaõ. He tal a virtude da uniaõ, que as mesmas cousas, que divididas saõ boas, se se ajuntaõ, & unem entre sy para compor algum todo, fica muito melhor esse todo unido, qũe cada huã dellas. pag. 203. *usque ad* 210.

Z

Zombarias. NAM sò zomba de Deos, mas ainda o despreza, quem o busca na Oraçaõ se ter as attençoẽs devidas. pag. 59.

Zodiaco. Christo, como Sol Divino, tẽ no Rosario hũ Zodiaco de quinze Signos. pag. 127.

FINIS.

Comprei
Falcão

CA679
V657A
10